O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DISPONÍVEL NA **NETFLIX**



O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

EVA GARCÍA SÁENZ DE URTURI

VOLUME 1 DA TRILOGIA DA CIDADE BRANCA

O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

EVA GARCÍA SÁENZ DE URTURI

VOLUME 1 DA TRILOGIA DA CIDADE BRANCA

Tradução de Cristina Cavalcanti

intrínseca

Copyright © Eva García Sáenz de Urturi, 2016

TÍTULO ORIGINAL
El silencio de la ciudad blanca

PREPARAÇÃO
Gabriel Demasi

REVISÃO
Eduardo Carneiro e Luiz Felipe Fonseca

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Camila Sardenberg
Laura Zuñiga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-005-6

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA .

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Prólogo

1 - A Catedral Velha
2 - Los Arquillos
3 - Zaballa
4 - O palácio de Villa Suso
5 - A Casa del Cordón
6 - Rua Dato, 2
7 - Villaverde
8 - O Matxete
9 - Armentia
10 - A Senda
11 - San Antonio
12 - O anel verde
13 - A Clínica Vitoria
14 - San Vicentejo
15 - A alameda dos pinheiros
16 - O anjo de Santa Isabel
17 - O Monte de la Tortilla
18 - A estátua da rua Dato
19 - Txagorritxu
20 - O mural do Campillo

21 - General Álava, 2
22 - O Parque Natural do Gorbea
23 - A procissão das Lanternas
24 - O rosário da aurora
25 - As marquises de San Miguel
26 - O passeio de Miraconcha
27 - As torres de Honduras
28 - Zugarramurdi
29 - O palácio dos Unzueta
30 - A Casa de las Jaquecas
31 - A Torre de doña Otxanda
32 - Izarra
33 - El caminante
34 - O parque do Prado
35 - A cruz do Gorbea
36 - Salburua
37 - O Paso del Duende
38 - O Camino de las Tres Cruces
39 - O teixo de dona Lola
40 - Rua Dato, 1
41 - O porto de Aiurdin
42 - Murguía
43 - O monumento à Batalha de Vitoria
44 - Academia Hemingway
45 - O parque de Arriaga
46 - O centro histórico
47 - Treviño
48 - Ochate
49 - Santiago
50 - Laguardia
51 - San Tirso
52 - A cidade de Kraken

Agradecimentos
Notas
Sobre a autora
Leia também

Ao meu avô. Tenho motivos de sobra

O mundo precisa de homens maus.
Somos os que mantêm os outros homens maus a distância.
RUST COHLE , *True Detective*

PRÓLOGO

Vitoria, agosto de 2016

As câmeras dos canais de televisão perseguiam meu grupo de modo obsessivo. Precisavam de uma manchete e estavam convencidos de que meus amigos lhes dariam uma. Eles começaram a ser seguidos por toda Vitoria assim que saiu a notícia de que o assassino havia atirado em mim: a partir daquele momento, ninguém mais teve sossego.

Logo pela manhã, a postos em frente aos portões de suas casas. À tarde, quando se reuniam no Saburdi da rua Dato para comer uns petiscos em silêncio. Porém, naqueles dias ninguém tinha vontade de conversar, e a presença obstinada dos repórteres não ajudava.

— Lamentamos o que aconteceu com o inspetor Ayala. Vocês vão à manifestação hoje à tarde? — perguntou um jornalista, agitando diante deles um jornal com a matéria de capa em que a minha foto era quase maior que a manchete.

O cara moreno grandão que tentava sem sucesso esconder o rosto das câmeras era eu, dias antes do disparo.

Minhas amigas baixaram a cabeça, meus amigos deram as costas para a câmera.

— Estamos em choque — disse por fim Jota, acabando uma taça de vinho tinto. — A vida não é justa, não é justa.

Talvez ele tenha achado que aquilo bastaria e os deixariam em paz, mas então os repórteres viram Germán, o meu irmão, impossível de ignorar com o metro e vinte de estatura com que o nanismo o castigava. Ele tentou fugir para o banheiro. O repórter, com o olho treinado por mil entrevistas exclusivas, alertou os operadores de câmera ao avistá-lo.

— É o irmão, vão atrás dele!

Germán se virou antes de fechar a porta do banheiro na cara dele, gesto que foi exibido em todos os canais do país naquela mesma noite.

— Vão à merda — limitou-se a dizer, nem irritado nem ofendido. Apenas exausto.

Sei que todos os vitorianos estavam consternados porque eu tinha levado um tiro na cabeça, e, se eu pudesse pensar naquele momento, o que era fisiologicamente impossível, a emoção teria me provocado um aperto no peito.

Um policial nunca espera encerrar um caso sendo a última vítima do assassino em série que aterroriza a cidade, mas a vida tem formas muito criativas de pregar peças.

* * *

E... é: não me dei bem. Como disse, acabei com uma bala no cérebro. Mas talvez devesse esmiuçar os detalhes do que, no início, foi denominado "O crime duplo do dólmen" e terminou numa matança programada em detalhes durante anos por uma mente criminosa com um QI muito superior ao de qualquer um que tentou detê-la a tempo.

Quando quem sai matando em série é um baita de um gênio, só o que resta é rezar para que não sorteiem seu número na loteria da morte.

1

A CATEDRAL VELHA

24 de julho, domingo

Estava saboreando o melhor petisco de tortilha de batatas do mundo, o ovo meio mole e as batatas cozidas, mas crocantes, quando recebi uma ligação que mudou a minha vida. Para pior, que fique claro.

Era véspera do dia de São Tiago, e em Vitoria nos preparávamos para celebrar o Dia do *Blusa* ,* uma homenagem aos jovens que alegravam as festas de início de agosto. A taberna onde eu tentava terminar aquela delícia estava tão abarrotada e barulhenta que tive de ir à rua do Prado atender ao celular, que vibrava no bolso da camisa, na altura do coração.

— O que houve, Estíbaliz?

A minha parceira não costumava me incomodar nos dias de folga, e claro que o Dia do *Blusa* e a véspera eram sagrados demais para pensar em comparecer ao trabalho com a cidade inteira de cabeça para baixo.

Com o estrondo das charangas e da multidão que as acompanhava pulando e cantando, não conseguia ouvir direito o que Estíbaliz tentava me dizer.

— Unai, você precisa vir à Catedral Velha — exigiu.

Aquele tom de voz, a nuance entre desconcertado e insistente, não era comum naquela mulher mais corajosa que eu, o que não era pouca coisa.

Percebi imediatamente que tinha acontecido algo grave.

Tentei me afastar do barulho onipresente que envolvia a cidade naquele dia e inconscientemente me dirigi ao parque da Florida, tentando deixar para trás os decibéis que me impediam de ter uma conversa minimamente produtiva.

— O que houve? — indaguei, tomando o último gole do Rioja que não devia ter bebido.

— Você não vai acreditar, está tudo como há vinte anos.

— Do que você está falando, Esti? Hoje estou meio lerdo.

— Uns arqueólogos da empresa de restauração da catedral encontraram dois corpos nus na cripta. Um rapaz e uma moça, um com a mão na bochecha do outro. Lembra algo, não é? Venha logo, Unai. Isso é sério, muito sério. — E desligou.

"Não pode ser", pensei. "Não pode ser."

Nem me despedi do pessoal. Deviam estar todos no restaurante Sagartoki, no meio daquela maré humana, e era pouco provável que alguém prestasse atenção no celular se eu ligasse para avisar que o meu Dia do *Blusa* tinha terminado.

Com as últimas palavras da minha parceira ecoando na cabeça, fui à praça da Virgen Blanca, passei diante do meu prédio e caminhei até a esquina da Correría, uma das ruas mais antigas da cidade medieval.

Foi uma escolha ruim. Estava abarrotada, como o resto do centro naquele dia. A Malquerida e outros bares do centro histórico transbordavam de vitorianos, e levei mais de quinze minutos para alcançar a praça da Burullería, o pátio atrás da catedral onde estava Estíbaliz.

A praça tinha esse nome porque no século XV havia sido o mercado dos *burulleros* , tecelões que transformaram a cidade numa das artérias comerciais obrigatórias no norte da península. Andei no chão de paralelepípedos, e a estátua de bronze de um Ken Follett preocupado me fitou ao passar, como se o escritor antecipasse as tramas sombrias que estavam sendo tecidas à nossa volta.

* * *

Estíbaliz Ruiz de Gauna, inspetora, assim como eu, da Divisão de Investigações Criminais, me esperava nervosa entre mil ligações, andando de um lado ao outro da praça como uma lagartixa. De cabelo ruivo até o queixo, com o seu escasso metro e sessenta, esteve a ponto de não preencher os requisitos de admissão à corporação, e Vitoria quase perdeu uma de suas melhores e mais obstinadas investigadoras.

Ambos éramos muito bons solucionando casos, mas não tão bons em seguir as regras. Tínhamos mais de uma advertência por desobediência, então aprendemos a acobertar um ao outro. Quanto a seguir as normas... nem tanto.

Nem tanto.

Eu fazia vista grossa para certos vícios que perduravam na vida de Esti. Ela olhava para o outro lado quando eu não obedecia aos meus superiores e investigava por conta própria.

Eu era especialista em perfis criminais, então costumavam me requisitar quando surgiam crimes em série: assassinos, estupradores... Qualquer escroto reincidente. Quando uma sequência de mais de três ataques era seguida por um período de esfriamento, o caso vinha para as minhas mãos.

Estíbaliz se dedicara à Vitimologia, aos grandes esquecidos. Por que essa pessoa especificamente, e não outra? Dominava melhor do que ninguém as bases de dados do Sicar, que reunia todos os rastros de veículos e vestígios de pegadas possíveis, e o da SoleMate, um compêndio de todas as marcas e modelos de sapatos e tênis fabricados no mundo.

Assim que me viu, ela guardou o celular e me fitou com cara de pêsames.

— O que há lá dentro? — perguntei.

— É melhor você ver — murmurou, como se o céu pudesse nos ouvir, ou o inferno, quem sabe. — O próprio delegado Medina me ligou. Querem um especialista em perfis criminais como você e também me requisitaram para estudar a vitimologia do caso. Você já vai entender. Quero que me dê a sua primeira impressão. Os técnicos da Perícia Criminal já chegaram, além da legista e do juiz. Vamos entrar pela porta da rua Cuchi.

A Cuchillería era outra rua antiga onde as guildas se agruparam na Idade Média. Em Vitoria, as ruas sempre evocavam os ofícios dos nossos tataravós: Herrería, Zapatería, Correría, Pintorería... O primeiro traçado da Amêndoa Medieval, a região original de Vitoria, permanecia intacto, apesar da passagem dos séculos.

Era curioso que fosse possível ter acesso a uma catedral cruzando o que, à primeira vista, parecia a entrada de uma casa qualquer.

Havia dois agentes de guarda diante da porta maciça de madeira na entrada do número 95, que nos cumprimentaram e nos deixaram passar.

— Já interroguei os dois arqueólogos que os encontraram — informou a minha parceira. — Tinham vindo hoje adiantar um pouco o trabalho, aparentemente estão sendo pressionados pela Fundação da Catedral de Santa María para terminar a área das criptas e do fosso ainda este ano.

Eles nos emprestaram as chaves. A fechadura está intacta, como pode ver. Não foi forçada.

— Você disse que vieram trabalhar à tarde, na véspera do dia de São Tiago? Não é um tanto... estranho para um vitoriano?

— Não percebi nada estranho nas reações deles, Unai — negou ela. — Estavam alucinados, ou melhor, pasmos. Um horror assim não se finge.

"De acordo", pensei. Confiava nas impressões de Estíbaliz como a roda traseira de uma bicicleta confia na dianteira. Assim funcionávamos, assim pedalávamos.

Cruzamos o pórtico restaurado, e ela fechou a porta atrás de nós. O barulho da festa finalmente emudeceu.

Até ali, a notícia da descoberta dos dois cadáveres dava voltas na minha mente sem parar, era discrepante demais com a algazarra alegre e despreocupada ao redor. Uma vez fechada a porta, naquele silêncio de claustro, com as lâmpadas da obra de restauração iluminando suavemente a escada de madeira que dava acesso às criptas, tudo parecia mais factível. Mas não desejável.

— Coloca logo o capacete. — Ela me entregou um capacete branco com o logo azul da Fundação, que os turistas que visitavam a catedral eram obrigados a usar. — Alto desse jeito, você certamente vai bater a cabeça.

— Dispenso — ignorei-a, tratando de observar o lugar.

— É obrigatório — insistiu, oferecendo-me novamente aquela coisa branca e roçando o canto da minha mão com os dedos.

Era um jogo nosso, com uma única regra muito clara: "Parou." Na verdade, havia outra, complementar: "Não pergunte. Chega." Para mim, dois anos sem nenhum flerte era o *status quo* , o modo como nos relacionávamos, e o cumpríamos à risca. Também pesava o fato de ela estar ocupada com os preparativos do seu casamento e de eu ter ficado viúvo há... bem, não importa.

— Tudo bem — murmurei, e peguei o capacete de plástico.

Subimos a escada curva, deixando para trás as maquetes da aldeia de Gasteiz, o primeiro assentamento sobre o qual, mais tarde, a cidade seria erguida. Estíbaliz se deteve outra vez até achar a chave certa para o interior da Catedral Velha, um dos nossos símbolos, mais restaurada e remendada que a minha bicicleta de infância. À direita, uma placa de ABERTO PARA OBRAS nos dava as boas-vindas.

Conhecia todos os emblemas da minha terra; estavam gravados no meu lóbulo temporal desde que o crime duplo do dólmen convulsionou toda uma geração de vitorianos, há vinte anos e quatro meses.

O dólmen da Chabola de la Hechicera, o sítio arqueológico celta de La Hoya, as salinas romanas de Añana, a Muralha Medieval... esses foram os cenários que o assassino em série escolheu para inserir Vitoria e a província de Álava no mapa mundial das crônicas de delitos dos noticiários televisivos. À época surgiram até rotas turísticas, em virtude da curiosidade gerada por aquela encenação particularmente macabra.

Eu já estava na casa dos vinte anos quando tudo aconteceu, e minha obsessão foi tão intensa que me fez entrar para a corporação. Acompanhava a investigação diariamente com uma ansiedade que só dá para entender quando se é um pós-adolescente monotemático; analisava os poucos dados que vazavam no *Diario Alavés* e pensava: "Posso fazer melhor que isso. São uns tapados, não enxergam o mais importante: a motivação, o porquê."

Depois, a verdade foi como um soco na cara, mais forte que o de um boxeador, e me deixou pasmo, como o resto do país. Ninguém esperava que Tasio Ortiz de Zárate fosse o culpado. Para mim, podia ser qualquer um: o meu vizinho, uma monja clarissa, o padeiro, o próprio prefeito... Dava no mesmo.

Mas não ele, o herói local, mais que um ídolo, um modelo. Relíquia midiática, campeão num programa de televisão com recorde de audiência a cada transmissão, autor de livros de história e mistério cujas tiragens esgotavam em semanas, Tasio era o cara mais carismático e encantador que Vitoria tinha concebido nas últimas décadas. Inteligente, muito atraente — segundo a opinião unânime das mulheres — e, além disso, duplicado.

Sim, duplicado.

Havia dois para escolher. Ele tinha um gêmeo univitelino, idêntico até na forma de cortar as unhas. Otimista como ele, de boa família, alegre, brincalhão, educado, correto... Com apenas vinte e quatro anos, eles tinham Vitoria aos pés e um futuro que se supunha mais do que brilhante: estelar, estratosférico.

Ignacio, o gêmeo, tomou o caminho da lei: tornou-se policial nos anos duros, o cara mais íntegro que tivemos na corporação. Ninguém esperava

que a história deles acabaria daquele jeito. Tudo, e digo “tudo”, foi sórdido e cruel demais.

Que um irmão encontre provas irrefutáveis de que o seu gêmeo é o assassino em série mais procurado e estudado do período democrático, que ele próprio tivesse de lhe dar a ordem de prisão quando, até então, eram inseparáveis, como siameses... Ignacio se tornou o homem do ano, um herói respeitado que teve o brio de dar a cara a tapa e fazer o que poucos faríamos: confinar o próprio sangue à vida atrás das grades.

O que me levava a uma situação inquietante: tanto *El Diario Alavés* quanto *El Correo Vitoriano* , os jornais locais e rivais encarniçados, assinalaram que em algumas semanas Tasio Ortiz de Zárate teria a primeira licença para deixar provisoriamente a prisão após vinte anos. E agora, precisamente agora, a cidade com o índice de criminalidade mais baixo da zona norte acrescentava dois cadáveres ao índice macabro das estatísticas?

Sacudia a cabeça, como se com isso pudesse afastar os meus fantasmas. Me obriguei a deixar as conclusões para depois e me concentrar no que havia diante de nós.

Entramos na cripta recém-restaurada e, realmente, precisei baixar a cabeça devido à pouca altura dos tetos. O espaço ainda cheirava a madeira recém-cortada. Pisei apreensivo nas tesselas cinzentas polidas, retangulares, perfeitas, que só podiam ser obra de uma máquina do século XXI. Pareciam novas e dava pena sujá-las. Diante de nós, duas grossas colunas sustentavam como podiam o pesado passar dos séculos, o verdadeiro alicerce daquela velha catedral que se curvava.

Ao ver os dois corpos inertes, senti uma golfada subir. Consegui resistir.

Resisti.

Os técnicos, já protegidos com aventais brancos e galochas, examinavam a cena há algum tempo. Tinham instalado várias lâmpadas sobre a cripta escura e, aparentemente, já tinham tirado as fotografias, pois vi vários testemunhos métricos dispostos no chão. Estíbaliz pediu um croqui da cena, que me passou depois de estudá-lo atentamente.

— Diga que não têm vinte anos, Estíbaliz — roguei em voz alta.

“Qualquer outra idade, menos vinte.”

A conta do assassino em série anterior não passava de quinze anos: quatro casais nus, mulheres e homens, cada qual apoiando carinhosamente a palma da mão na face do outro, um gesto bizarro carregado de ternura

que ninguém tinha conseguido explicar até ali, pois fora comprovado que em nenhum caso as vítimas se conheciam. Todas tinham sobrenomes alaveses compostos: López de Armentia, Fernández de Retana, Ruiz de Arcaute, García de Vicuña, Martínez de Guereñu...

No dólmen da Chabola de la Hechicera, perto do povoado alavês de Elvillar, apareceram os corpos sem vida de dois recém-nascidos. Pouco depois, no sítio do vilarejo celtibérico de La Hoya de Laguardia, um menininho e uma menininha de cinco anos, com as mãos consolando um ao outro, os olhos perdidos no céu.

No Valle Salado de Añana, uma salina próspera explorada desde os romanos, encontraram os cadáveres de um menino e de uma menina de dez anos. Quando os crimes chegaram a Vitoria e foram encontrados um garoto e uma garota de quinze anos junto ao portão da Muralha Medieval, a paranoia foi tamanha que nós jovens de vinte anos ficávamos em casa jogando *mus* com os nossos avós. Ninguém se atrevia a passear por Vitoria, a não ser em grupo. Era como se a idade das vítimas avançasse com a cronologia da história da nossa terra. Tudo muito arqueológico, muito Tasio.

Até que o pegaram. O inspetor Ignacio Ortiz de Zárate mandou deter Tasio Ortiz de Zárate, o arqueólogo mais famoso e querido do país. Ele foi julgado, condenado por oito assassinatos consumados e encarcerado.

A ceifa de crianças vitorianas estancou.

A voz da minha parceira me trouxe de volta ao presente.

A legista, a doutora Guevara, uma mulher magra de cinquenta anos, de bochechas avermelhadas, falava em voz baixa com o juiz Olano, um homem de idade, costas largas, tronco grosso e pernas curtas que a escutava com um pé apontado na direção da porta, como se quisesse sair correndo dali. Preferimos não ir até eles, pois parecia que não queriam ser interrompidos.

— Ainda não os identificamos — disse-me Estíbaliz abaixando a voz. — Estamos cruzando os dados com denúncias de desaparecidos. Mas o rapaz e a moça aparentam ter vinte anos. Você está pensando o mesmo que eu, não é, Kraken?

Às vezes ela me chamava pelo meu apelido de adolescente, uma dessas intimidades que tinham surgido com o tempo.

— É impossível que seja o que estou pensando — sussurrei, trincando a mandíbula.

— Mas é.

— Ainda não sabemos — cortei-a, alterado.

Ela se calou.

— Ainda não sabemos — repeti, talvez para me convencer. — Vamos focar no que há diante de nós. Mais tarde no escritório, com a cabeça fria, a gente discute as conclusões se você quiser.

— Tudo bem. O que você vê?

Aproximei-me dos corpos das vítimas, ajoelhei-me e pronunciei em voz baixa a minha oração:

"Aqui acaba a sua caça, aqui começa a minha."

— Três *eguzkilores* , as flores do sol — falei por fim. — Dispostas entre as cabeças e ao lado dos pés. Não entendo o sentido delas na cena.

O *eguzkilore* era um antigo símbolo de proteção da cultura basca que costumava ser colocado nas portas das casas para impedir a entrada de bruxas e outros demônios. Neste caso, porém, obviamente não os tinha protegido.

— Eu também não entendo o que fazem aqui — concordou Estíbaliz, agachando-se ao meu lado. — Vamos às vítimas: mulher e homem de raça branca, ambos de vinte e poucos anos. Nus, deitados em decúbito dorsal no piso da catedral. Não há sinais de cortes, equimoses ou violência. Porém, repare... ambos apresentam um pequeno orifício na lateral do pescoço. Um furo. Algo foi injetado ali.

— Vamos ter de esperar os exames de toxicologia — concluí. — Terão de enviar amostras ao Serviço de Laboratório Forense de Bilbao para saber se consumiram drogas ou psicofármacos. Algo mais?

— Cada indivíduo tem uma das mãos pousada na face do outro. A legista determinará a data da morte, mas ainda não apresentam *rigor mortis* , então presumo que morreram há poucas horas — acrescentou. — Vou pedir aos técnicos que conservem as mãos em sacos de papel, não parece que tenham se defendido, mas nunca se sabe.

— Venha cá — chamei-a. — Acho que eles estão com cheiro de... gasolina? É muito sutil, mas diria que exalam gasolina ou algum combustível.

— Você tem um bom olfato. Eu não tinha reparado — concordou, depois de sentir o cheiro perto do rosto dos defuntos.

— Ainda falta averiguar a causa da morte. Você acha que foram envenenados, como nos crimes anteriores? Talvez tenham sido obrigados a

ingerir gasolina?

Ia responder depois de me aproximar do rosto da moça. O seu ricto de dor estava congelado. Morrera sofrendo, assim como o rapaz. Reparei no cabelo dele. Estava recém-cortado nas laterais e o topete se mantinha graças a algum produto caro. Aparentava ter sido alguém que se cuidava. A moça também era bonita, atraente. Tinha as sobrancelhas feitas, poucas imperfeições no rosto, não apresentava marcas de acne, fazia parte das gerações que cresceram usando condicionador e tratamentos de beleza.

"Riquinhos", pensei. Como da outra vez. Então me dei conta do nosso erro.

— Estíbaliz — interpelei —, precisamos esquecer tudo e começar do zero. Não estamos examinando o cenário atual, mas comparando ele com o anterior. Vamos deixar isso para depois, tratar este caso como se fosse único, e mais tarde faremos as comparações.

— Mas acho que isso é justamente o que quer o assassino, ou os assassinos. A disposição é idêntica à dos crimes anteriores. Se me perguntar sobre as vítimas, Kraken, diria que têm relação com a sequência de vinte anos atrás.

— Sim, mas há diferenças. Não creio que a morte tenha sido por envenenamento, ainda que a imprensa nunca tenha divulgado o tipo de veneno usado. Também não acho que tenha sido por ingestão de gasolina. O odor seria muito mais forte, a quantidade usada teria sido maior, sem falar das queimaduras químicas, das quais não há sinais. É como se só tivessem tido contato com uma ou duas gotas.

Aproximei-me do rosto do rapaz. Tinha um semblante estranho, a boca fechada e os lábios levemente comprimidos para dentro, como se os mordesse.

Então notei algo e cheguei perto da moça.

— Ambas as bocas foram tapadas com uma fita adesiva, que logo foi arrancada num puxão só. Veja.

De fato, a marca retangular da fita adesiva que havia coberto os lábios dos dois deixara a pele um pouco mais pigmentada devido à abrasão.

Foi quando, rodeados pelo silêncio das pedras da igreja que nos acolhiam horrorizadas, me pareceu que escutava algo.

Um zumbido, um som leve, mas incômodo.

— Você tem uma caneta?

Ela tirou uma do bolso de trás da calça e a ofereceu com uma interrogação desenhada no rosto.

Com a ponta da caneta, abri a comissura dos lábios, de onde saiu uma abelha furiosa, e caí de costas no chão.

— Caraca, uma abelha! — deixei escapar, estatelado no chão.

Todos os presentes se viraram na nossa direção, e os técnicos me recriminaram com o olhar por ter caído tão perto do centro da cena do crime.

Estíbaliz reagiu de imediato e tentou capturá-la, mas a abelha voou por cima da nossa cabeça e em segundos estava fora do nosso alcance, indo na direção das ruínas cobertas da antiga aldeia de Gasteiz.

— Devíamos pegá-la — disse ela procurando-a com o olhar. — Pode ser determinante para a investigação se for a arma do crime.

— Pegá-la numa igreja de noventa e seis metros de altura? Não faça essa cara — justifiquei-me ao ver como me fitava. — Sempre que um amigo de fora vem me visitar eu faço visitas guiadas pela catedral.

Ela suspirou e voltou a se debruçar sobre os corpos.

— Certo, vamos esquecer a abelha por ora. Diga-me, você enxerga uma motivação sexual?

— Não. — Fui até ela. — À primeira vista a vagina não exibe marcas de agressão. Vamos perguntar à legista, acho que a conversa dela com o juiz terminou.

— Meritíssimo… — começou Estíbaliz, arrumando o rabo de cavalo que sobressaía por debaixo do capacete.

— Boa tarde, se é que se pode dizer isso — respondeu o juiz Olano. — O meu secretário vai deixar a ata de inspeção ocular para os senhores assinarem. Quanto a mim, já basta para um dia festivo como hoje.

— Nem precisa dizer — murmurei.

O juiz saiu às pressas da cripta, deixando-nos com a legista.

— Encontraram restos biológicos, doutora? — indaguei.

— Examinamos os corpos e a cena com o CrimeScope — respondeu, assinalando a lâmpada forense. — Não há rastros de sangue. Procuramos sêmen com a lâmpada de Wood e deu negativo. De qualquer modo, vamos esperar os resultados da necropsia, que serão mais precisos. Temo que isso vá ser complicado. Precisam de algo mais, inspetores?

— Não, doutora. Por enquanto, não. — Estíbaliz despediu-se com um sorriso. Assim que a legista foi embora, ela virou-se para mim. — Então,

Unai, o que me diz da encenação?

— Digo que estão nus, é verdade, e há um forte aspecto sexual aqui, ao apresentá-los como um casal com as mãos nesse gesto tão estranho. Porém, acho que isso foi *post-mortem* , quando o assassino os trouxe para cá e dispôs os corpos...

Peguei o celular no bolso e abri o aplicativo da bússola. Agachei-me e levei um tempo até ter certeza.

— Estão orientados para o nascer do sol no solstício de inverno — informei.

— Traduza, não sou uma alma selvagem como você, que se funde com a Mãe Terra nos fins de semana.

— Eu não me fundo com nenhuma força telúrica nos fins de semana, simplesmente vou ao povoado ajudar meu avô no campo. Você certamente faria o mesmo se tivesse um avô de noventa e quatro anos empenhado em não se aposentar. Respondendo à sua pergunta, os corpos estão orientados no eixo noroeste.

"Como no primeiro crime do dólmen", pensei, preocupado. Isso, sim, me ocorreu.

Mas permaneci calado.

Não queria me contradizer, nem tampouco que Estíbaliz percebesse que, embora tentasse isolar o caso na minha cabeça, continuava comparando-o com os nossos terrores da adolescência. Ela provavelmente estava fazendo o mesmo.

A verdade é que algo me abalou. Não conseguia parar de pensar que estava respirando o mesmo oxigênio que o assassino. Que poucas horas antes um calhorda com um transtorno psicopático sem acompanhamento tinha ocupado o mesmo lugar no espaço que eu, e fitei o ar parado da catedral como se ele tivesse deixado rastros visíveis no nada. Conhecia os seus movimentos e via-os acelerados na minha mente. Como transportou os corpos, como os pôs na cripta sem deixar pistas. Eu sabia que era meticuloso e tinha feito isso antes.

Aquela não era a primeira vez.

Só me faltava visualizar o seu rosto, pois me negava a crer que a solução fosse tão simples e tão impossível a ponto de tê-la diante de mim: a charada resolvida antes mesmo de conhecer o enunciado.

Estíbaliz me observava, esperando que voltasse das espirais mentais em que às vezes me perdia. Ela me conhecia bem e respeitava meus silêncios

e meus rituais.

Por fim me levantei, entreolhamo-nos e notei que estávamos dez anos mais velhos do que a dupla de investigadores que, meia hora antes, tinha entrado naquele templo.

— Então, Unai, o que diz o seu cérebro de especialista?

— Quem fez isso tem o perfil de um assassino organizado. Não é uma agressão espontânea, aposto que não conhecia as vítimas, ele as coisificou. Além disso, há um controle total e absoluto da cena. Porém, o que mais me inquieta, Estíbaliz, é a ausência desconcertante de pistas e outros rastros. Bate com o perfil, o assassino tem um conhecimento forense quase profissional, o que é muito preocupante.

— O que mais? — pressionou-me; sabia que eu não tinha terminado, que estava pensando em voz alta. Costumávamos fazer isso, assim os pensamentos fluíam melhor.

— As vítimas estão de olhos abertos, então não há arrependimento nem pena por parte do assassino. É um traço muito psicopático — prossegui.

— Você não enxerga nenhum traço misto?

— Não, não há traços de um assassino desorganizado. Sabia que isso é pouco comum? Os desorganizados costumam deixar na cena marcas de uma violência brutal e explosiva. Costuma haver ataques ao rosto, caras desfiguradas e golpes com armas de última hora, como paus e pedras. Isso aqui é diferente, o cara não é um psicótico, parece mais um psicopata ou um sociopata: minucioso e planejador, sem problemas mentais, então, por sorte, ele é plenamente imputável. O que me intriga é o tipo de arma que usou, se é que foi esta: abelhas? São uma arma fetiche.

— Objetos que normalmente não seriam armas e que têm um significado especial para ele — pensou Esti em voz alta.

— É o que temo — confirmei. — É preciso investigar qual veneno o assassino usou há vinte anos, precisamos pedir os relatórios antigos assim que chegarmos à delegacia. De qualquer maneira, se aceitarmos que esse assassinato é uma continuação da série de quatro crimes de 1996, então houve um período de esfriamento de duas décadas. Nos casos de assassinos em série organizados, quanto mais longo o hiato, mais tranquila é a personalidade do psicopata, só que, estatisticamente, isso costuma durar semanas ou meses. Você tem ideia do que enfrentaremos se estivermos diante de um sujeito com um período de esfriamento de vinte anos?

— Então você vai contar, Unai. Falar em voz alta. Porque toda Vitoria vai querer saber quando isso virar o *trending topic* nacional dentro de algumas horas, e precisamos estar preparados para responder quando a mídia cair em cima de nós.

Suspirei.

— Está bem. Farei as perguntas adequadas, vamos ver se consigo.

— Vá em frente.

Foi quando uma ideia pousou no meu ombro esquerdo, como uma mariposa preta. Era uma certeza, eu sabia: se tivesse uma bola de cristal, um aparelho para ver o futuro, se soubesse que seria o encarregado daquele caso, nunca teria me tornado investigador de homicídios.

Simples assim, categórico assim.

Teria ficado em Villaverde, semeando trigo com meu avô.

Porque não queria enfrentar aquilo. Aquilo, não. Qualquer outro caso... Estava focado, tinha me preparado durante anos, até ali tinha me saído bem. Boas estatísticas, casos resolvidos em prazos razoáveis, meus chefes dando-me parabéns e tapinhas no ombro. Mas aquilo, não, não com Tasio Ortiz de Zárate no meio da história.

Precisava verbalizá-lo, torná-lo real, para que não fosse um zumbido incômodo acima da nossa cabeça.

"Tudo bem", cedi, "vou falar."

— Como diabos Tasio continuou com os assassinatos, vinte anos depois e de modo idêntico, se agora está trancado na penitenciária de Zaballa? Por mais demoníaco que seja, como pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?

2

LOS ARQUILLOS

Dia de São Tiago, 25 de julho, segunda-feira

Estava fascinado com a estranha simetria dos acontecimentos. Vítimas pares, com idades terminando em zero ou cinco... Um assassino e um policial idênticos... Os crimes terminaram quando Tasio foi para a prisão e haviam recomeçado quando ele estava prestes a sair...

Eu estava fascinado e insone, devo confessar.

Pulei da cama às seis da manhã, incapaz de dormir. Em parte porque o povo continuava comemorando o Dia do *Blusa* debaixo da minha sacada de madeira, na praça da Virgen Blanca, como se não houvesse amanhã. Em parte porque o dia ia ser complicado: lidar com a imprensa, ouvir as diretrizes do delegado Medina... Seria um longo dia de comunicados, precisava de fôlego para o que estava por vir.

Calcei os tênis de corrida, desci a escada e trotei até o portal que me separava do coração de Vitoria. Há uns anos tinha conseguido um apartamento bem no centro, por um aluguel barato. Uma amiga que trabalhava na Perales, a principal imobiliária da cidade, me devia um favor porque apressei o trâmite de uma ordem urgente para manter a distância um ex-namorado dela. Um cafajeste de marca maior.

Begoña ficou mais do que agradecida e, como sabia que eu estava procurando apartamento depois do que ocorreu com Paula e os meus filhos, me ofereceu aquele achado antes de pendurar o cartaz na vitrine da imobiliária. Um apartamento de um quarto, recém-reformado. Vizinhos muito velhos, adoráveis, mas surdos como portas. Uma boa vista, mas sem elevador. Só para mim, sem espaço para compartilhar com ninguém, ou seja: perfeito.

Comecei a trotar na calçada, cruzando com hordas de pessoas que voltavam para casa, quase em procissão. As conversas se extinguiam, os passos se arrastavam, alguém com a chave na mão cambaleava diante de uma porta na Zapatería.

Evitei a multidão e procurei ruas menos movimentadas. Fui pela praça até a rua da Diputación, continuei por Siervas de Jesús e rodeei toda a Amêndoa Medieval até voltar pela Cuesta de San Francisco, meia hora depois, mais tranquilo e aliviado, e entrar pelo monumento de Los Arquillos... e lá estava ela, a corredora misteriosa com que vinha cruzando todas as manhãs da última semana. A única pessoa suficientemente louca ou motivada para correr às seis da manhã como eu.

Ela nunca entrava nas ruelas estreitas, se afastava das sombras, corria sempre no centro da calçada, parecia estar ligando pontos entre os postes e levava um apito bem visível pendurado no pescoço. Uma pessoa precavida. Mais do que isso, bem consciente dos perigos. Ou tinha sido atacada ou temia um ataque. Ainda assim, saía para correr, procurando a aurora quase todos os dias da semana.

Diminuí a marcha ao chegar ao trecho final dos pórticos cobertos pelos arcos, não queria que ela pensasse que eu a estava seguindo. Não queria assustá-la, não era um *stalker* , embora aquela moça, que estava sempre com o cabelo escuro em uma longa trança e um boné estranho, me intrigasse mais do que eu queria admitir. Disfarcei olhando para um cartaz gigantesco dependurado no muro que anunciava um musical de *Moby Dick* no Teatro Principal.

“Chamem-me de Ismael”, pensei, recordando as primeiras linhas do romance. “Há alguns anos, não importa exatamente quantos, com pouco ou nenhum dinheiro no bolso e nada em particular que me interessasse em terra, decidi velejar um pouco por aí, ver a parte aquosa do mundo. É um modo que tenho de afugentar a melancolia e regular a circulação.”

Foi ela quem, para minha surpresa, quebrou o gelo e me tirou dos meus pensamentos. Quando chegou à esplanada diante do pórtico da igreja de San Miguel, deteve-se junto à estátua de bronze do Celedón e apoiou a perna na grade para se alongar.

Passei por ela fingindo ignorar sua presença só por educação, mas ela ergueu a cabeça.

— Não vai desfilar hoje? — disse ela, rindo com uma energia pura que me tocou e me fez parar. — Ou não é um *blusa* ou gosta demais de correr.

“Se você soubesse”, calei-me.

— Nem uma coisa nem outra — respondi, sem me expor muito. — Ou talvez as duas.

Nunca a tinha visto de frente com atenção. Tinha o rosto fino, uma expressão amistosa, a cor dos olhos impossível de definir com a pouca luz do poste. Bem alta, a pele muito branca. Agradável, desejável. Tudo isso ao mesmo tempo e, ainda assim, distante.

— E você? — perguntei sem me aproximar. — Gosta de funcionar ao contrário do mundo?

— Esta talvez seja a única hora do dia que posso dedicar a mim mesma.

“Ou tem tarefas familiares ou um trabalho estressante. Provavelmente de manhã e à tarde. Muitas horas extras, um cargo de responsabilidade”, deduzi, guardando para mim as conclusões.

— Fico contente por não ser uma espécie em extinção — respondi.

Ela sorriu e se aproximou para se apresentar.

— Eu me chamo... Blanca.

Houve uma dúvida de dois segundos e uma olhada fugaz para a imagem da Virgen Blanca diante de nós. Tempo demais para decidir qual é o seu próprio nome.

“Por que está mentindo?”

— E você? — perguntou.

Chamem-me de Ismael.

— Ismael.

— Ismael… ok. É um prazer conhecê-lo, Ismael. Se for maluco o suficiente para continuar se levantando a essa hora, acho que nos veremos por aqui — disse ela, antes de retomar o trote e desaparecer escada abaixo.

Permaneci junto ao Celedón e a vi passar diante da minha porta e seguir rumo ao parque da Florida.

Duas horas depois pedalei até o meu escritório no bairro de Lakua, onde ficava a nova delegacia, num prédio imponente de concreto. Passei o cadeado da bicicleta nas grades do estacionamento e suspirei fundo antes de entrar.

O que me traria o dia, com que pensamentos iria dormir naquela noite?

“Concentre-se no que vai encontrar hoje, vai dar tudo certo”, tentei me animar, sem acreditar nas palavras.

Subi as escadas até o segundo andar. Diante do computador comecei a reunir os dados e organizar as ideias. O delegado Medina, um homem de

sobrancelhas pretas espessas e barba branca cerrada — às vezes duro, às vezes compreensivo —, bateu na porta com dois golpes secos e entrou com uma expressão séria.

— Bom dia, inspetor Ayala. Leu os jornais hoje?

— Não tive tempo, senhor. A guerra já começou?

— Temo que sim — suspirou, atirando na minha mesa um exemplar do *Diario Alavés* . — Alguém deu com a língua nos dentes sobre os cadáveres da Catedral Velha, e ontem à noite eles produziram uma edição especial.

— Uma edição impressa durante a noite? — repeti, estranhando aquilo. — Não há mais edições extras em papel. Pelo que sei, hoje em dia o que não sai na edição matutina é atualizado na versão digital do jornal.

— Justamente, o que dá uma ideia da cobertura que o *Diario Alavés* vai fazer desse caso. Ao mesmo tempo, não é de estranhar. Não se fala de outra coisa nas ruas de Vitoria desde a meia-noite. Uma dezena de emissoras de rádio já me ligou, além de diversos canais de televisão nacional. Todos querem saber, todos querem mais detalhes. Venha ao meu escritório, a inspetora Gauna espera por nós. Hoje a subdelegada Díaz de Salvatierra assume, vocês prestarão contas da investigação a ela. Claro que esperávamos que o seu primeiro dia fosse mais tranquilo, mas o tempo urge, como dizem os jornalistas. Acompanhe-me, por favor.

Assenti, enquanto lia de rabo de olho a manchete do jornal: "Dois jovens encontrados mortos na Catedral Velha."

Suspirei aliviado; o título era descritivo e o tom surpreendentemente neutro, distante da guerra de manchetes travada no passado com o seu eterno rival, *El Correo Vitoriano* .

Reconheço que estava um pouco inquieto quando entrei no escritório de paredes revestidas de lambri. As nomeações eram sempre um segredo de Estado — era inútil tentar se inteirar antes da hora. Os chefes mantinham silêncio e ninguém sabia que cargos seriam preenchidos; o habitual era que viessem transferidos de outras delegacias. Uniformizada, Estíbaliz esperava sentada à gigantesca mesa de reuniões. Fitei a nova subdelegada e por um segundo fiquei sem reação.

— Subdelegada Alba Díaz de Salvatierra, este é o inspetor Unai López de Ayala.

Diante de mim, estendendo-me a mão, a mulher elegante de tailleur sorriu, fingindo que era a primeira vez que me via, embora ambos

soubéssemos que não era verdade. Porque era a mesma que tinha conhecido naquela manhã com o nome de Blanca.

* * *

— Subdelegada… — empreguei o tom mais neutro que consegui. — Bem-vinda a Vitoria. Espero que nosso trabalho esteja à altura.

Ela sustentou o olhar meio décimo de segundo a mais que o esperado, abriu um sorriso formal e apertou a minha mão pela segunda vez em menos de cinco horas.

— É um prazer conhecê-lo, inspetor Ayala. Receio que teremos de improvisar a nossa primeira reunião agora mesmo.

— Inspetora Gauna — interveio o delegado Medina —, já tem o relatório dos técnicos que examinaram a cena?

— Sim — respondeu Estíbaliz, levantando-se e distribuindo cópias a nós três. — Em resumo: o assassino, ou os assassinos, não deixou nenhuma pista, nem digital nem palmar, apesar de os técnicos terem buscado rastros lofoscópicos com todos os reveladores de que dispunham, dada a superfície escura e porosa das pedras da cripta, da cerusita à ninhidrina. Tampouco há marcas de sapatos. Os corpos estavam sem vida há cerca de duas horas quando foram depositados na cripta da catedral. Não há sinais de abuso sexual nem de resistência por parte das vítimas. O que já podemos adiantar, antes das necropsias que serão feitas hoje, é que a causa provável da morte foi asfixia, provocada por várias picadas de abelhas na garganta das vítimas.

— Abelhas? — repetiu a subdelegada. — E como foram parar lá?

— O inspetor Ayala e eu encontramos indícios de que os lábios de ambos foram tapados com fita adesiva. Acho que o assassino introduziu várias abelhas à força na boca de ambos e depois tapou com a fita. Ao redor dos rostos das vítimas havia um odor semelhante a combustível. Esse tipo de odor as enfurece, então o assassino quis que as abelhas picassem a garganta deles e o inchaço das membranas mucosas fechasse suas vias respiratórias, levando-os à morte, embora para isso tenha tido que tapar também seus narizes. Temo que tenha sido uma morte muito dolorosa.

Observei a subdelegada: travou a mandíbula e depois disfarçou o gesto.

— O que se sabe da identidade deles? — perguntou, afastando do rosto uma mecha preta.

— Queria falar sobre isso. Estamos cruzando as descrições com as denúncias de desaparecimentos em Vitoria e na província nos últimos dias. Até ontem à tarde não havia denúncias de desaparecimentos recentes, mas a manchete do jornal da noite passada está causando um efeito que, devo antecipar, aumentará ao longo da manhã e diminuirá à tarde.

— Não entendi.

— Em resumo, subdelegada — respondeu Estíbaliz. — Os pais leram ontem à noite no jornal que um rapaz e uma moça apareceram mortos na Catedral Velha. A noite passada foi a véspera do Dia do *Blusa* . Muitos jovens de vinte e poucos anos ainda não voltaram da farra. São onze da manhã. Os pais ficam histéricos, ligam para os celulares dos filhos e não há resposta. É comum que eles desliguem os celulares à noite, ou que não atendam e depois digam que não havia sinal ou que ficaram sem bateria. Nesse momento, a delegacia da rua Olaguíbel está repleta de pais aflitos que não conseguem encontrar os filhos. Infelizmente, isso ocorre com frequência nesses casos. Quando houve a tragédia do Madri Arena foi a mesma coisa. As linhas do 112 estão quase em colapso. Cinco minutos atrás somamos quase trezentas ligações de pais denunciando o desaparecimento dos filhos. Mas só podemos processar as denúncias oficialmente após vinte e quatro horas de desaparecimento. A imensa maioria liga nervosa porque acordou com a notícia e os filhos ainda não voltaram. Durante a manhã começam a voltar, e muitos pais ficam tão aliviados que esquecem o assunto imediatamente.

— O que dá uma margem valiosa ao assassino ou aos assassinos — pensei em voz alta. — Não foi por coincidência que ele os matou na véspera do Dia do *Blusa* . Acho que é precisamente o que queria: estar um passo à nossa frente e também provocar um efeito de paranoia coletiva pós-festa.

— As primeiras impressões? — sondou a subdelegada.

— São muito baixos — adiantei-me.

— Como assim?

— As duas vítimas. As duas são muito baixinhas. E nada corpulentas — esclareci.

— E aonde isso nos leva? — Quis saber, interessada, a subdelegada Díaz de Salvatierra. — Por que diz isso, Ayala?

— Porque sempre dizemos “assassino”, presumindo que é um homem. Porém, neste momento eu não descartaria uma mulher. Se fosse alta ou tivesse certa força, acho possível que os tenha matado um por um. Até agora as vítimas foram bebês ou crianças de cinco, dez e quinze anos, e desta vez, se as nossas suspeitas se confirmarem, dois jovens de vinte. Não muito altos, não muito fortes. Tanto um homem quanto uma mulher poderiam ter feito isso. Se os assassinatos continuarem, será interessante constatar a altura e a compleição das próximas vítimas.

— Próximas vítimas… — repetiu a subdelegada. — Está assim tão certo de que ocorrerá novamente?

— Ora, precisamos deixar de fingir que esse crime é único — respondi, erguendo-me da cadeira. — Estamos dando vantagem ao responsável. Temos de aceitar que estes assassinatos são uma referência direta aos de vinte anos atrás. Não faz sentido começar do zero. Eles foram retomados. Vão se repetir. A minha recomendação é alertar desde já a população de vinte e cinco anos com sobrenome alavês composto. Não podemos montar um dispositivo para proteger cinco mil jovens, mas podemos dar indicações de segurança. Que não andem sozinhos na rua, não voltem sozinhos para casa caminhando à noite, que andem sempre acompanhados. Que não vaguem por conta própria pelas montanhas neste fim de semana. Não temos a menor ideia do local onde os rapta ou sequestra antes de matá-los. Simplesmente precisamos tentar tornar isso mais difícil.

Alba se postou diante de mim de braços cruzados.

— Não vamos fazer isso — limitou-se a dizer.

— O quê? — respondi, sem acreditar.

— Não vamos alarmar ainda mais a população. — Meneou a cabeça com uma lentidão que me irritou. — Se publicarmos esses alertas de autoproteção, o pânico se alastrará pela cidade e vai ser muito complicado trabalhar. Não quero semear o caos.

— O caos já se instalou e foi semeado por ele, o assassino. A senhora está dizendo, subdelegada, que neste momento o seu objetivo não é tentar evitar o próximo assassinato, mais do que provável, de um rapaz e uma moça de vinte e cinco anos?

É disso que se trata, de caçá-lo antes do próximo.

É disso que se trata.

Fitei os três e percebi uma expressão estranha em seus olhares, como se eu tivesse gritado. Talvez o tenha feito, não reparei.

Foi quando entrou Pancorbo, um dos nossos inspetores mais antigos, coçando o emaranhado de fios grisalhos na sua careca redonda e lustrosa.

Ele sussurrou algo no ouvido do delegado e nos lançou um olhar preocupado antes de fechar a porta, desaparecendo tão silenciosamente quanto tinha entrado.

O delegado Medina apoiou os dedos naquelas sobrancelhas poderosas e pressionou as pálpebras por um instante.

— Os seus computadores estão ligados? — perguntou.

Estíbaliz e eu demos de ombros, sem entender.

— Sim, claro — disse ela.

— Vão imediatamente aos seus escritórios, saiam da intranet e desliguem-nos. Façam o mesmo com as conexões de internet dos celulares. Houve um ataque cibernético à delegacia.

Corri para o escritório, fechei todos os documentos onde havia registrado as minhas primeiras impressões sobre o caso da Catedral Velha e, quando ia fechar o correio eletrônico, vi uma mensagem nova com um remetente que gelou meu sangue: Fromjail, ou, traduzido do inglês, “Da prisão”.

Sei que a ordem do chefe era não abrir nenhuma mensagem nova, sei que era muito arriscado. Sei que...

Abri. A mensagem era curta e me deixou pasmo:

Kraken:

Você e eu podemos formar uma equipe para caçar o assassino. Venha me ver hoje mesmo. É urgente, você sabe. Ele vai seguir matando.

Com todo o respeito pelos seus métodos de investigação,

Tasio

3

ZABALLA

25 de julho, segunda-feira

Kraken? Como Tasio Ortiz de Zárate podia saber do meu apelido da adolescência? Como um cara que estava atrás das grades há vinte anos podia me enviar um e-mail se na prisão não tinha acesso à internet? Era ele ou era uma armadilha?

Corri ao escritório de Estíbaliz e fechei a porta.

— Você vai ter de me acobertar e mentir por mim — falei à queima-roupa.

— Outra vez — respondeu, arrumando o rabo de cavalo ruivo. — Sou toda ouvidos.

Ela não falhava nunca. Era confiável e segura como o motor de um velho Cadillac cubano.

— Vou à penitenciária de Zaballa falar com a diretora da prisão. Acho que Tasio Ortiz de Zárate entrou em contato comigo, mas pode ser um farsante. De qualquer modo, preciso descartar a possibilidade pessoalmente, não há outro jeito. Quero começar a elaborar o perfil do assassino; se ele for o mentor, não vai conseguir dissimular certos traços. Como estou vendo que os de cima não têm tanta pressa quanto nós, não vamos informá-los por ora. Oficialmente estarei com você a manhã toda, tomando as declarações de gente ligada à Catedral Velha: o pessoal religioso, bedéis, limpeza, arqueólogos e guias de visitantes. Fiz uma pesquisa hoje de manhã, e a empresa de manutenção é a Alfredo Ruiz, S. L. Fale com o gerente, peça os dados de todos os que têm as chaves da catedral. Às três em ponto nos vemos no bar Toloño para almoçar e pôr os assuntos em dia.

Peguei uma viatura da unidade, um Patrol branco, e arranquei pela N-1 até o Centro Penitenciário de Álava, um imenso complexo para onde tinham transferido Tasio e todos os presos quando fecharam a antiga prisão de Nanclares de la Oca.

Tasio tivera vinte anos para refazer a vida e se reinventar na prisão. Não era mais arqueólogo, não pensava em voltar a exercer a profissão; agora era criminologista e roteirista de séries *noir* . A notícia de que havia vendido, por um valor na casa dos milhões, o roteiro de uma série policial para a HXO, a cadeia norte-americana famosa pelas séries cult, levou-o de volta às manchetes. Certamente era mais lucrativo do que trabalhar para a Autoridade Provincial de Álava.

Pouco depois de recuperar o protagonismo midiático que tanto lhe agradava, apareceu uma conta misteriosa no Twitter com um estranho nome de usuário: @scripttipsfromjail.

Aquilo chamou a atenção porque a foto do perfil era uma imagem de Tasio em sua melhor época, pouco antes de ser detido: o cabelo louro-escuro, o rosto retangular, sorriso branco e amplo, confiante. Um cara atraente, um vencedor.

O cabeçalho da conta era o *skyline* de Vitoria, com as quatro torres das igrejas mais altas: a Catedral Velha, San Vicente, San Miguel e San Pedro. Uma imagem icônica que se repetia pela cidade até em adesivos de carros.

A biografia da conta era inquietante: “Sou apenas um roteirista no lado errado da realidade. *True serial addict, fake serial killer* . Tasio Ortiz de Zárate.”

Algo como “@dicas do cárcere para roteiros”. Além de um jogo de palavras que se podia traduzir como“Verdadeiro viciado em séries, falso assassino em série”.

Costumava postar conselhos do tipo: “O espectador tem que adorar odiar o protagonista”; “O melhor modo de gerar ironia dramática é deixar que no primeiro ato o espectador saiba mais que o protagonista”; “Na hora de construir o protagonista, considere que os vilões não sabem que são vilões. São personagens que à noite vão se deitar com a consciência tranquila, seguros de que estão fazendo a coisa certa”.

A conta tinha mais de meio milhão de seguidores e, obviamente, quem enviava os cento e quarenta caracteres brincava de ser Tasio, e ninguém entendia como conseguia mandar tuítes da prisão.

Os sentimentos que ele despertava dividiam o mundo: em geral, Vitoria inteira o odiava, mas o resto do planeta e as novas gerações, que não tinham vivido o horror dos quatro crimes duplos, o idolatravam por cada gota de sabedoria que postava na rede, fascinadas com a lenda do assassino em série que vendia roteiros milionários.

Quando me aproximei do imenso estacionamento da penitenciária, percebi que estava nervoso, tamborilando os dedos no volante.

"Para com essa frescura, você é um adulto agora."

Repassei a lista de recomendações que nos deram na academia de Arkaute para neutralizar aquele tipo de personalidade manipuladora e egomaníaca.

Mostrei o distintivo ao funcionário da entrada, um sujeito de rosto redondo e olhos muito juntos, com a intenção de pedir uma reunião com a diretora da penitenciária e informá-la sobre o acontecido. Porém, ao ver meu nome, ele verificou sua lista e disse:

— Dirija-se ao módulo de comunicação. O recluso Tasio Ortiz de Zárate o espera na sala três.

Dissimulei a surpresa e segui as instruções. Deixei o prédio da entrada e fui até onde ele havia indicado.

* * *

Avancei por um corredor verde e entrei na sala três, mas em seguida vi que tinha me confundido. Do outro lado do vidro blindado, além de um funcionário entediado postado junto à entrada, só havia um detento com cara de politoxicômano sentado numa cadeira preta de plástico. Um esqueleto de olhar ausente, ensimesmado, esperando a visita de algum parente.

Dei meia-volta e peguei na maçaneta para abrir a porta. Então escutei a sua mão ossuda batendo no vidro. Virei-me, distraído. O preso fez sinal com o dedo para eu pegar o telefone na bancada de aço inoxidável e sentar na cadeira vazia diante da sua.

— O que você quer, um papelote? — perguntei, sabendo que a minha voz não seria ouvida do outro lado do vidro.

Peguei o aparelho e o pus no ouvido, ainda de pé, com um sapato apontando para a porta, pronto para ir embora.

— Kraken... — sussurrou uma voz grave e lenta que perfurou meu cérebro e, como uma bala, atingiu a área da memória.

A estátua em que me converti se esqueceu de respirar por uns segundos, tempo que Tasio levou para alçar seus olhos de louco e cravá-los nos meus.

Custei a conjugar a imagem que conservava do cara bonito e vitorioso com aquele trapo humano. Embora Tasio tivesse completado quarenta e cinco anos, o homem diante de mim aparentava muitos mais. Dizer que tinha envelhecido mal seria sutil demais, porque aquele Tasio era a mera imitação tosca de um detento de penitenciária americana. Um drogado ossudo com o cabelo amarrado num rabo de cavalo mal-ajambrado na nuca. Um bigode em forma de U invertido, bem anos setenta, que de tão disparatado era tétrico e cômico ao mesmo tempo.

Não, mentira: o resultado era perturbador.

Aquele sujeito não estava bem. Estava pirado. Parecia que tinha passado vinte anos injetando heroína ou coisa pior.

"O que a vida fez contigo, cara?"

Foi a primeira coisa que pensei.

Por algum motivo que não consigo compreender, disparei isso, tal qual, à queima-roupa. Como um bêbado ou uma criança, desses que nunca mentem.

— O que a vida fez contigo, cara? — ouvi-me dizer, hipnotizado.

Semicerrei os olhos quando saquei que era tarde. Que jeito de começar.

— Isso é o que vamos tentar consertar, Kraken. O que a vida fez de mim... — falava deliberadamente devagar, com uma voz de além-túmulo que perfurava e raspava o meu tímpano.

Supus que a fala arrastada fosse efeito da heroína e também que aquela voz, vários tons mais grave do que eu recordava, devia ser o resultado de duas décadas de tabagismo.

Tasio tragou a fumaça do cigarro, expeliu-a com calma e brincou um instante com um dos maços de tabaco escuro que estavam ao seu lado na bancada. Havia outro maço, fechado. E dois cinzeiros. Dois.

Ele me convidou a sentar com um gesto, e nossos reflexos se sobrepuseram no vidro blindado como um holograma duplo.

— Está bem — suspirei. — Vamos direto ao ponto. Por que me chamou?

— Estou muito preocupado — disse, e isso levou uma eternidade. — Em um par de semanas serei autorizado a sair. Se os crimes continuarem, o assassino encontrará um meio de me incriminar outra vez.

— Incriminar? Mas você está preso. Como alguém poderia incriminá-lo?

— Não finja, você já pensou nisso e, a essa altura, Vitoria inteira também. Acham que sou o mentor, por isso o chamei. Se eu o ajudar a caçá-lo, Vitoria me aceitará novamente.

— Aceitá-lo? — repeti, incrédulo. — Depois de matar oito crianças vitorianas? Você tem ideia do que está dizendo?

Tasio pousou em mim um olhar perdido. Tomou seu tempo, como se não valesse a pena responder.

— Vou desistir de tentar convencê-lo de que não sou culpado dos primeiros oito assassinatos. Sei que, para você, já fui condenado. Assim como para o resto da humanidade. Nos primeiros anos tentei com todas as minhas forças. Durante o julgamento contratei a melhor defesa que pude pagar, e não foi suficiente. Depois, quando a condenação foi firme e me trancafiaram em Nanclares, com os outros reclusos, com os funcionários... Todos vocês tinham me condenado. Custei a entender que não havia nada que pudesse fazer, que ninguém se importava com a verdade. Só com os fatos: havia um culpado na prisão, e os assassinatos pararam. Mas fiquei obcecado, precisava entender o que tinha acontecido para que, em umas poucas horas, as pessoas deixassem de me pedir autógrafos e passassem a me odiar. Me matriculei em Criminologia, estudei perfis, procedimentos, todos os casos que consegui de assassinos em série. Passei a apreciar filmes policiais, os poucos a que pude assistir na prisão. Depois fiquei viciado em séries *noir* . Comecei a entender que realidade e ficção são irmãs gêmeas, uma se retroalimenta da outra. Em todas as histórias há um argumento, um nó e o desfecho. Um protagonista, uma força antagônica, os aliados, os inimigos, as provas... e um mentor. Do que estou falando, hein, Kraken? Da ficção ou da realidade?

— Por isso virou roteirista...

— Descobri que era bom em desvendar as estruturas das histórias. São como o andaime. Depois só é preciso embelezar o edifício, não é? A questão é que tenho uma autorização de saída temporária em menos de quinze dias, mas a coisa não está muito boa. E quero que nos ajudemos mutuamente.

— E como vai me ajudar? Vai resolver o novo crime de dentro da prisão?

— Você logo vai ver que tenho uma vantagem em que agora você não acredita. Sei que não sou o mentor do assassino e sei que não fui o assassino há vinte anos, então vou me concentrar em investigar quem pode ter sido. Você, pelo contrário, me considera culpado da primeira leva de assassinatos e agora vai ter de investigar o meu círculo para me descartar, ou não, como o mentor dos que virão. Isso vai consumir um tempo precioso que, não tenha dúvidas, vai ser aproveitado pelo assassino.

"Tudo bem, Tasio. Vamos jogar. Vamos ver aonde isso nos leva."

— Suponhamos que, contra todos os prognósticos, eu acredite em você — disse eu, com o fone queimando meu ouvido. — Não foi você, foi uma armação, segundo as suas primeiras declarações...

— Aham — assentiu, e, com o cigarro na mão, fez um gesto circular para que eu prosseguisse.

— Diga-me, acredita que os assassinatos de ontem são obra da mesma pessoa?

— Não vi as imagens, você poderia trazê-las para mim.

— Não se faça de besta, Tasio.

— Ok. — Recuou, inclinando-se para trás na cadeira de plástico preta. — Vamos ver, vou tirar o arqueólogo da mala. Os primeiros assassinatos foram uma representação da cronologia de Álava. O dólmen da Chabola de la Hechicera: Idade do Cobre, há cinco mil anos. Os bebês eram recém-nascidos. Como se fossem as primeiras idades do homem, percebe o paralelismo?

Estaria se gabando da sua obra? Teria a mente assim tão perturbada?

— Sim, Tasio. Tive vinte anos para percebê-lo. Eu e o resto do país.

— Então já sabe o que vem por aí. O povoado celtibérico de La Hoya, 1200 a.C. Crianças de cinco anos. O Valle Salado, século I a.C. Crianças de dez anos. A Muralha Medieval, século XI. Um menino de quinze anos e uma jovem da mesma idade.

Percebi um gesto mínimo de dor, pois contraiu a comissura do lábio para baixo e, em seguida, levou o cigarro à boca para dissimular. Reparei também que trocou o genérico "meninos de" por "uma jovem de quinze". Haveria algo pessoal naquele último crime? Precisava estudar com atenção os relatórios dos primeiros assassinatos.

— E o que nos espera, Tasio? Você sabe? Você me chamou para me iluminar?

Ignorou minha última frase e se aproximou com o telefone até tocar o vidro com a testa.

— As coordenadas temporais de ontem, se os encontraram na Catedral Velha, marcam o século XII. Daí para diante. O que se pode esperar agora é que os cenários dos próximos crimes passem pelos emblemas da nossa história a partir da Idade Média. A Casa de los Anda, as ruas sindicais: a Pinto, a Cuchi e a antiga judiaria. Talvez a Casa del Cordón. As vítimas terão vinte e cinco. Depois iremos à Vitoria renascentista. Cuidado com os palácios: Bendaña, Montehermoso, Villa Suso… Ui, são muitos. Como vão fazer? Montar um esquema de vigilância?

Tive que rir ante aquela pergunta descarada.

— Você acha mesmo que vou lhe dar essa informação? Seria como lhe entregar uma lista de desejos. Bufê livre para assassinar à vontade em cenários desocupados.

— Você ainda não conseguiu entender que estou oferecendo ajuda, que posso ser valioso, que sou uma das pessoas que conhecem mais detalhes dos crimes anteriores, porque foram esmiuçados diante de mim durante o julgamento. E ainda não sabe que, de todas as pessoas que encontrará na investigação, talvez eu seja a mais disposta a falar. Você ainda não sabe, mas vai voltar aqui para pedir o que estou lhe oferecendo agora.

— Está bem — calei-o com um gesto —, repito a premissa: digamos que acredito em você. Dê-me algo que eu não saiba, em sinal de boa vontade.

— Algo que não saiba... Não sei o que você sabe, Kraken. Tenha colhões de ir adiante e perguntar.

— Você pediu: qual foi a causa da morte nos primeiros crimes?

— Teixo.

— Teixo? — repeti sem compreender.

— Sim, veneno de teixo — ele deu de ombros. — Os povos pré-romanos o usavam para se suicidar. Há registros de que os celtas o utilizavam como veneno desde o terceiro milênio antes de Cristo. Nestas terras é um segredo que não se conta em voz alta, mas que todos os velhos nas aldeias conhecem. A casca, as folhas... tudo é venenoso no teixo, exceto o arilo das sementes. Para os celtas, era uma árvore sagrada, lhe atribuíam a imortalidade devido à sua extrema longevidade — e, quando o

cristianismo chegou a estas terras, os teixos continuaram sendo plantados junto a igrejas e cemitérios. As antigas crenças persistiram. Até hoje.

Por um instante tive um vislumbre do Tasio que conhecera, o divulgador que amava seu trabalho, conhecia tudo da nossa história e a apresentava em pacotinhos didáticos.

— Soa muito arqueológico.

— Foi o que disse o juiz — respondeu, e apagou o cigarro com um gesto de frustração num dos cinzeiros. — Durante o julgamento nos fizeram assistir a um dos primeiros programas que gravei para a televisão independente, quando a audiência ainda não tinha explodido. Nele eu falava precisamente do teixo. Expliquei com uma profusão de detalhes que cinquenta gramas de folhas de teixo fervidas em água podiam matar uma criança ou uma pessoa não muito grande. Entende por que insisto que o assassino me investigou antes de iniciar os crimes e os cometeu daquele modo para me incriminar? Foi a mesma coisa com o *eguzkilore* . Naquela época, eu o adotei como símbolo de proteção pessoal e o incorporava sempre que podia. Costumava usar pulseiras e cordões com *eguzkilores* de prata. Havia um dependurado no meu escritório, que milhões de espectadores viram em vários programas... Quer que eu prossiga?

Entreolhamo-nos, e não respondi. Vinte anos atrás a mídia não tinha mencionado os *eguzkilores* ; Tasio parecia disposto a não poupar nenhum detalhe... mas o suplemento extra da noite anterior tampouco mencionava que tínhamos encontrado três desses cardos junto aos cadáveres.

— Você não crê em mim — murmurou, como quem recita uma antiga ladainha. — Por que acreditaria? Seria o único a fazê-lo em duas décadas.

Depois acendeu outro cigarro, observou-o como se fosse de ouro e, passado um momento, lembrou-se de que eu estava ali.

— Então... se você pergunta a causa da morte e não sabia que era o teixo, é porque o assassino trocou a arma do crime?

“Cuidado, Unai.”

— Não vou lhe dar essa informação.

Ele entendeu aquilo como um sim.

— Isso muda muitas coisas... Que diabos você procura agora? — perguntou, falando consigo mesmo. — Seria fácil repetir os crimes, executá-los exatamente como da outra vez. Por que variar agora?

Tasio ruminava em voz alta, seguindo com o olhar as figuras de fumaça, sem pressa, como se eu não estivesse ali. O que era um pouco

inquietante, pois equivalia a espreitar um louco desvariando através de um furo na parede.

— Então, temos um trato? — perguntou, virando-se para mim.

— Que trato, Tasio? Que trato?

— Eu o ajudo quando você empacar, proporcionando todos os detalhes do caso antigo. Em troca, você me mantém informado dos novos. Quero ajudá-lo a resolver isso antes que o assassino volte a agir.

"Pelo menos nisso estamos de acordo", tive de reconhecer.

— Pois comece explicando como soube que me chamam de Kraken, como entrou no meu correio eletrônico, como consegue ter uma conta no Twitter e como hackeou a delegacia hoje de manhã. Diga-me quem está lá fora fazendo essas tarefas.

— Você acha que eu sou idiota? — ele sorriu com dentes cinzentos e desgastados.

— Deve ser um pouco idiota, sim, para estar há vinte anos na gaiola sendo inocente, ou não?

Ele ficou vermelho de raiva, ergueu-se de um salto e apagou o cigarro no vidro blindado na altura do meu olho. Não estava acostumado a ser insultado.

— Fora daqui! — bradou, com as veias do pescoço saltadas. — Fora daqui ou vai sair dessa prisão em caixas numeradas.

Por um instante fiquei lívido, surpreso com o ataque de ira do meu ex-herói. Depois me levantei devagar, vi um funcionário que, alertado pelo barulho, abriu a porta do detento, e me dispus a deixar a sala. Antes de desligar, ele me encarou com o queixo tremendo.

Anotei mentalmente os seus pontos fracos: soberba, ataques de ira e, acima de tudo, um desejo doentio e pouco realista de limpar seu nome em Vitoria. Era útil saber disso para quando precisasse pressioná-lo.

Porém, o mais importante para especialistas em perfis criminais, como eu, e o motivo pelo qual quis ficar cara a cara com ele, era comprovar se o seu perfil batia com o crime da Catedral Velha. E um acesso de raiva por algo tão pequeno não encaixava de jeito nenhum no perfil de um assassino extremamente organizado e psicopata como o que tínhamos em vista. Aquela resposta violenta era típica de um desorganizado, de um psicótico.

— Não, cara, não se engane comigo. Não pense, nem por um instante, que pode me ameaçar. Cuidado, Tasio — alertei-o, e saí da sala.

No entanto, ao encará-lo por um segundo fugaz, tive a impressão de que ele estava desesperado. De que debaixo do personagem do detento adaptado à vida no cárcere havia um mauricinho que usara aquela máscara por vinte anos para sobreviver.

4

O PALÁCIO DE VILLA SUSO

Vitoria, novembro de 1969

Seguiu-a por várias ruas do Centro Histórico em ruínas ao vislumbrar surpreso a sua figura quando voltava para casa depois de atender a uma emergência. O que fazia uma mulher tão distinta caminhando sozinha ao amanhecer com aquela nevasca que tinha paralisado toda a cidade?

Blanca Díaz de Antoñana, a prometida do poderoso empresário Javier Ortiz de Zárate, dono das Siderúrgicas Alavesas, avançava com dificuldade pela estreita passagem que os varredores da prefeitura tinham aberto na neve.

O seu olho profissional percebeu que algo não ia bem. Observou preocupado o leve manquejar da jovem. Por que Blanca não tinha ido à clínica para que um colega a atendesse?

Um vento gélido atingiu seu rosto na altura do Cantón de Santa Ana, e ele levantou a lapela do sobretudo novo de lã. Fazia pouco que tinha sido contratado pela Clínica Vitoria, e gastara boa parte do salário em trajes de médico bem-sucedido. Emilia, sua mulher, queixou-se. Queria que economizassem para matricular os dois filhos no Colégio do Sagrado Coração. Ela não entendia bem seu trabalho nem as suas novas relações na capital. Não compreendia que, para deixar de ser um médico de aldeia, precisava tratar os homens influentes da cidade de igual para igual, com os mesmos modos, a mesma roupa, as mesmas namoradas e esposas elitistas.

Como Blanca.

Ocultava a todo custo o nervosismo que ela despertava nele quando ia ao consultório. Afinal, era médico, e isso estava acima da sua condição de homem. Mas quando Blanca ia embora, tão educada, tão bonita, tão elegante, ele levava uns cinco minutos para atender a próxima paciente. A

sua enfermeira, uma mulher madura que se antecipava às suas ordens com apenas uma troca de olhares, de pé à porta do novo consultório, percebeu tudo desde o início. Era uma cúmplice silenciosa e discreta.

Quem dera tivesse chegado antes, quem dera tivessem se conhecido antes de formarem laços, nos bailes do Elefante Blanco, ou no salão do hotel Canciller Ayala, onde domingo à tarde se suspendia o decoro e manadas de jovens sem anel de compromisso faziam tentativas mal-ajambradas de abordar as moças empetecadas que, do outro lado da sala, se protegiam entre si, tentando não abandonar o decoro.

Blanca avançou pela rua de Santa María como se tivesse uma meta clara, como se o tornozelo não doesse e ela não temesse escorregar na fina camada de gelo que se formara sob a neve dura.

Ele apertou o passo, temendo perdê-la de vista. Manteve os olhos fixos nos cabelos louros daquela mulher esbelta.

Até que ela fez algo inusitado.

Parou no alto da escada do palácio de Villa Suso. Uns cinquenta degraus e três níveis a separavam da praça do Machete.

Ele veio por trás, em silêncio, sem atinar com as intenções dela. As escadarias de San Bartolomé estavam livres de neve no centro. Alguém tinha varrido, e nas laterais a neve se acumulava em montinhos que chegavam à altura do antigo corrimão de ferro.

Ela se virou lentamente, de olhos fechados. Alçou os braços em cruz, mas já não lembrava um anjo. O rosto deformado a golpes, um olho inchado, o lábio partido, sangue seco no pescoço.

Ele correu para segurá-la quando ela se atirou de costas na escada, como um peso morto. Não conseguiu, mas agarrou-a com força pelo punho e acabou caindo com ela. Rolaram abraçados vários degraus, ele deteve a queda com o corpo, e pararam poucos metros depois.

Blanca não entendeu nada: a morte não deveria ser mais violenta? Não deveria doer mais?

Depois se atreveu a abrir o olho ileso e se espantou ao ver tão de perto aquele rosto vagamente familiar. Reconheceu-o pelo cabelo ruivo e o rosto afável. Um homem educadíssimo e tímido.

— Doutor Urbina? — gemeu desconcertada. — O que está fazendo?

— Impedindo que despenque. O que pretendia fazer, mulher? O que queria? — gritou descontrolado.

“Calma, Álvaro. Ela não pode notar o seu nervosismo. Calma”, recriminou-se.

Ambos se levantaram, constrangidos com aquele contato tão inadequado entre médico e paciente. Instintivamente olharam ao redor, mas acabava de amanhecer e não havia ninguém acordado na parte alta da cidade.

— Foi assaltada, vítima de um roubo ou apanhou? Foi... foi violentada? Vou levá-la à clínica agora mesmo — disse ele, preocupado.

— Nem pensar! — respondeu Blanca, e, com um gesto impensado, agarrou-o pelo antebraço.

Álvaro Urbina levou uns segundos para entender. Depois fitou-a horrorizado.

— Não foi assalto, não é mesmo? Isso foi obra de alguém conhecido.

Blanca desviou o olhar, quis calar-se, como sempre. Mas ainda estava alterada pela tentativa frustrada de dar cabo de tudo. Talvez por isso tenha dito mais do que devia.

— Conhece o meu noivo, para que fingir? Dizem que eu o ganhei, o que é em parte verdade, pois ele não conhecia a minha reputação.

Ela começou a subir as escadarias, atenta à hora. Falava mais para si que para o médico, mas estava nervosa demais para se conter.

Álvaro seguiu-a de perto, observando o seu manquejar.

— A que se refere, Blanca?

— Não sabe? Então prefiro que se inteire por mim e não por outros — respondeu, e se deteve.

“Por que não?”, pensou, ainda alterada. Parecia um bom homem e já devia ter escutado todo tipo de coisas no consultório de ginecologia.

— Cometi um erro na juventude. Flertei com um rapaz, um rapaz do povoado, no baile das festas de Salvatierra, que me pediu que o acompanhasse à casa dele para buscar um casaco, pois a neblina do norte tinha chegado trazendo o frio. Fui ingênua e fui com ele até uma casa dos arredores. Não aconteceu nada impróprio entre nós, e esperei por ele do lado de fora, mas alguém nos viu voltar sozinhos e espalhou que tinha nos visto sair juntos do palhal. O falatório correu solto, e a minha família, meu pai, todos souberam. Ninguém acreditou quando aleguei que tinha sido só um passeio. No fundo, ninguém se importava se era ou não verdade. Dava no mesmo. De fato, acho que acreditavam em mim, mas estavam mais preocupados com as fofocas, que a família e eu ficássemos marcados.

Porque ir com um rapaz ao palhal era o pior erro que uma moça solteira podia cometer na vida. Meu pai ficou furioso e foi muito severo comigo. Fui castigada, nunca mais fui ao baile nem às festas da Virgen Blanca. Inventaram piadas, me chamavam de "a virgem Blanca", pelo duplo sentido, aqui inventam apelidos por qualquer motivo. Desde então carrego na minha reputação a dúvida de se sou virgem ou não. Javier não sabia da história quando começou a mostrar interesse por mim, e eu não lhe contei. Supus que soubesse, que gostasse realmente de mim e não se importasse com o falatório, mas há um mês ele descobriu. Compareceu ao nosso encontro e me perguntou sobre a história da "virgem Blanca"... Disse que era tarde demais para se retratar, pois os convites já tinham sido enviados aos sócios, e que o escândalo seria ainda pior para a empresa e para sua família se rompesse comigo. Já estávamos comprometidos e... ele ficou furioso, e aí começaram as surras. Até então ele tinha sido encantador. Jamais carinhoso, porém atencioso, educado. Pensei que não ia mais querer se casar comigo; intimamente preferiria isso, embora saiba que nunca poderei me casar se ele romper o compromisso. Mas...

— Está apavorada — interrompeu-a Álvaro Urbina, que já havia escutado o suficiente.

— Estou machucada, a única coisa que sinto é medo de que ele chegue, se irrite com qualquer coisa e me espanque novamente.

— Não se case — disse ele sem pensar.

Ruborizou-se até as orelhas; não costumava ser tão direto, mas a bílis lhe subiu à garganta ao escutar a história da "virgem Blanca".

— Não sou ninguém sem o sobrenome da minha família, seria uma tia solteirona. Não tenho profissão, apesar de ter desejado estudar. Era boa com os livros, mas as freiras insistiram que seria mais útil bordar o enxoval. Não é a vida que eu esperava — continuou, em plena confissão.

Talvez estivesse há muito tempo sem amigas com quem desabafar. Todas as que algum dia já tivera desapareceram depois do último baile em Salvatierra.

— E quem tem a vida que esperava? — retrucou Álvaro com um gesto sombrio.

— O senhor também não, doutor Urbina?

Ele levantou a lapela do sobretudo, estava gelado, mas por nada no mundo deixaria aquela rua deserta enquanto Blanca Díaz de Antoñana estivesse tão perto dele e tão atenta às suas palavras.

— Fui mais longe do que os meus pais chegaram a imaginar, se é que o fizeram. Escapei da pobreza e da ignorância, de uma vida dedicada ao gado e aos afazeres do campo. Porém, como todos, sou escravo das escolhas que fiz, talvez jovem demais. Conhecia a minha senhora desde o berço e tínhamos quase a mesma idade. Éramos companheiros de brincadeiras, não havia muitas crianças na aldeia. Supus que aquele era o meu destino natural. Quando vim para o seminário em Vitoria, aos catorze anos, todos nos consideravam noivos — disse, erguendo a cabeça e fitando o robusto edifício onde tinha vivido tantos anos. — Trocávamos cartas, mas quando decidi acompanhar o padre Luis Mari às missões, o pai de Emilia começou a ficar impaciente. Eu ainda não tinha visto o mundo, achei que voltaria a Vitoria como um operário, com uma formação profissional. Foi quando surgiu a vocação para a medicina; precisei ajudar em alguns partos urgentes, em condições muito precárias de salubridade, e o padre Luis Mari percebeu que eu era muito hábil e não devia desperdiçar esse talento numa fábrica. Os padres pagaram os meus estudos, a minha família ficou orgulhosa de mim, e o pai de Emilia também. Um genro com estudos que levasse a filha a Vitoria era o máximo a que podia aspirar.

— Por que se casou com Emilia? Por responsabilidade?

Álvaro travou a mandíbula e desviou o olhar. Ao voltar do Equador era mais homem e mais adulto, e ela continuava sendo quase analfabeta. Alegre, carente, de bons modos, um pouco gritalhona, espontânea demais... Mas ela era assim, não havia mudado. Se tivesse rompido, ela não conseguiria se casar.

— Para as pessoas de lá — disse, por fim —, ela era a minha noiva de toda a vida, nenhum rapaz ia querer ser o suplente. Receio que os nossos costumes marquem as mulheres de modo muito duro. Não quis ser irresponsável e abandoná-la. Emilia não tinha culpa de que eu tivesse visto mais do mundo e tivesse ficado mais refinado.

— O senhor é um homem íntegro.

"Se você soubesse", pensou Álvaro.

— Não me canonize, Blanca. Tenho muitos pecados por pensamento e omissão.

— Mas não por obra — retrucou ela.

— Mas não por obra.

— Para mim é o que vale.

— Não, creio que nessa terra o que vale é ser bom e, além disso, parecer bom. Foi o que disse Júlio César sobre sua esposa, Pompeia Sila, sabia? "A esposa de César não deve apenas ser honesta, mas parecer honesta" — retrucou o médico.

Aquela frase foi como um golpe de realidade para Blanca. Ela se deu conta de onde estava e do que acabara de confessar ao doutor Urbina. Talvez demais. Sim, como pôde ser tão ingênua outra vez?

— Doutor, não quero que repita o que acaba de ver e escutar, não pode contar nada disso. Estou amparada pelo sigilo profissional que o senhor deve respeitar — disse de um modo quase duro, quase brava, talvez mais consigo mesma do que com ele.

Álvaro deu um passo para trás, contrariado.

— Não precisa se preocupar, não direi nada nem complicarei as coisas. Já tem o bastante. Mas permita-me ajudá-la.

— Me ajudar? Não poderia, é assunto meu. Peço-lhe que não se intrometa, esqueça esse incidente e não toque no assunto quando eu voltar ao seu consultório.

— Permita-me acompanhá-la — atreveu-se finalmente. — Gostaria de ser seu amigo, um confidente, um alívio. Alguém que a ajude a esse respeito. Pode vir ao meu consultório para que eu a trate, embora não seja a minha especialidade. Prometo ser discreto.

— Casados e amigos? O senhor ainda não conhece a cidade, o falatório acabaria comigo e também com a sua carreira. Não, doutor. Não posso permitir isso. — Ela meneou a cabeça. — Não conte o que viu, por favor.

E desapareceu rua abaixo até o Cantón de las Pulmonías, mancando cabisbaixa, enquanto o médico a observava, tremendo de frio e raiva.

* * *

Álvaro Urbina levou a esposa e os filhos para visitar o presépio em tamanho natural no parque da Florida. Ultimamente andava nervoso, Blanca não tinha voltado ao consultório e já fazia um mês do incidente nas escadarias do palácio de Villa Suso. Temia por ela; o noivo a teria agredido outra vez?

Forçou-se a passear com Emilia e as crianças, comprou um cone de castanhas assadas em uma barraca de rua em forma de vagão de trem e, depois de comer uns petiscos no Dólar, foram à rua Dato, na hora em que

os sócios do Círculo Vitoriano, o clube mais seleto da cidade, saíam depois de passar a tarde tomando café e se exibindo nas vitrines do local luxuoso.

Emilia, uma mulher gordinha e morena de faces rubras, não parava de falar sobre as compras de Natal. Leitão assado ou cordeiro? Não conseguia resolver. Distraído, Álvaro concordava, atento aos casais que cruzavam aquele mundo de cortinas grenás e douradas, um universo ainda vedado, mas que esperava conquistar em breve.

Empertigou-se um pouco ao reconhecer o empresário, moreno, grande e de ombros largos. Sua noiva, Blanca Díaz de Antoñana, saía do clube de braço dado com ele, trocando sorrisos discretos com outros casais. Ela trazia o cabelo louro à altura do queixo, duro de laquê e trabalhado em grandes cachos.

Álvaro puxou Emilia pelo braço e foi cumprimentá-los.

Ele percebeu um novo hematoma debaixo do olho, mal disfarçado por uma camada de maquiagem artificial demais. Sofria por ela, e sofria ainda mais porque ela não tinha ido ao consultório, como pedira.

— Boa tarde, senhorita — saudou com uma leve inclinação da cabeça.

— Doutor Urbina, que surpresa agradável — respondeu Blanca, com a voz contida. — Espero que estejam passando boas festas com a sua adorável família.

— Pois é, certamente. Pois é. Nos vemos no consultório quando precisar.

Ela sorriu sob o olhar atento do futuro marido, que não deixava de controlar a cena sem se dar o trabalho de intervir. Despediram-se em silêncio e o doutor Urbina pensou: “Isso é tudo, não há nada que eu possa fazer.”

Mas houve algo, um olhar, um segundo a mais por parte de Blanca. Uma promessa, um “nos veremos”, um pedido silencioso de auxílio. Uma cumplicidade entre eles que não tivera até então com nenhuma mulher, muito menos com a sua.

O empresário logo se esqueceu dele. Não se deu conta de que a família do médico não tinha mais remédio a não ser segui-los a menos de um metro de distância pela rua abarrotada, e que o doutor e a esposa escutaram tudo:

— Você o conhece? — perguntou Javier Ortiz de Zárate à sua prometida.

— É impossível esquecê-lo, acho que é o único médico ruivo em Vitoria e nos arredores.

— É mesmo muito chamativo, ele e os filhos, com esse cabelo tão ruivo. É de boa família?

— Não tenho ideia.

— Então não é — concluiu, com um tom de desprezo que não se preocupou em ocultar.

* * *

Noite adentro, com a porta trancada no escritório do apartamento da rua Honduras, Álvaro tirou da gaveta fechada a chave o caderno de desenhos anatômicos da faculdade. Nas últimas páginas havia desenhado o rosto de Blanca tal como o recordava, com os hematomas e fraturas que, como médico, intuía que o noivo arrogante tinha causado.

A data ficou gravada em sua memória, porque foi naquela noite que tomou a decisão. Contra todos os prognósticos, aquele pensamento o acalmou. Deitou-se no seu lado da cama procurando não tocar o corpo quente de Emilia e soube que, por fim, conseguiria dormir.

Por um bom tempo, antes de percorrer os caminhos do sono, distraiu-se repetindo uma e outra vez, como uma invocação, as palavras que o reconfortaram:

“Vou matar Javier Ortiz de Zárate.”

5

A CASA DEL CORDÓN

25 de julho, segunda-feira

Consegui chegar pontualmente ao bar para encontrar Estíbaliz. Julho nos castigava com um sol tremendo nas ruas recém-varridas, depois da maré de copos plásticos quebrados que os festejos da noite anterior tinham largado para trás. O serviço meteorológico anunciava uma onda de calor para as próximas semanas, embora em Vitoria as altas temperaturas nunca durassem muitos dias.

Tomei a Cuesta de San Francisco, seguindo por baixo dos Arquillos, que naquele dia estavam tomados pelos vendedores de réstias de alho, que deixavam o ar trufado com um persistente odor de enxofre e a calçada coberta por um mar de cascas brancas secas. Centenas de aposentados de boina e camisa xadrez voltavam satisfeitos para casa com uma longa réstia dependurada em cada ombro. Sempre fora assim, eu conhecia aquilo desde que era pequeno, pois o meu avô nos trazia a Vitoria no dia de São Tiago para fazer o estoque anual de alho.

Cruzei o umbral da porta de vidro do Toloño. Era um local de teto preto, com a lista de petiscos escrita a giz nas paredes que faziam as vezes de lousa. Muito popular, mas tranquilo. Aquele lugar me acalmava, era como um reduto de paz por onde costumava passar antes de voltar para casa. Às vezes ficava por ali, comia e voltava para o apartamento com o estômago satisfeito e o plano culinário do dia resolvido.

Estíbaliz me esperava num banco junto ao balcão sinuoso de madeira clara.

— Já pedi para você — adiantou-se. — Irlandês de cogumelos, ninho de vieiras com enguia e santola ao forno. Com mosto. Sentamos ou comemos de pé?

— Sentados e afastados, é melhor que ninguém nos ouça.

Escolhemos a mesa mais solitária, num canto nos fundos. Esti devorou um *brick* de frutos do mar enquanto eu banhava com a colher a mousse do irlandês de cogumelos.

— O que houve com o ataque dos hackers? — perguntei.

— Terminou horas depois, mas ainda não descobriram de onde veio. Você já pode reativar a internet no celular. E precisa avisar sobre a mensagem que Tasio Ortiz de Zárate enviou para localizarem o IP. Não contei a ninguém, mas é melhor se adiantar: o pessoal da informática está pesquisando os nossos computadores. É melhor que fiquem sabendo por você mesmo.

— Eu sei, eu sei — suspirei, brincando com o celular. Havia vinte e quatro avisos de diversos contatos no WhatsApp. Tentei abstrair a urgência com que me chamavam. — A nova subdelegada não vai gostar nem um pouco de saber que fui visitá-lo na prisão sem avisá-la.

— Dá um tempo, é o primeiro dia dela. Eu também teria medo de errar.

— Não, porque, com a falta de reação dela, mais duas pessoas podem morrer — insisti.

Nesse momento os toques dos nossos celulares coincidiram. Esti foi mais rápida e respondeu primeiro. Enquanto recebia a notícia, cravou em mim seus olhinhos castanhos com uma expressão estranha.

— Você é um maldito bruxo — disse ao desligar, de rosto pálido.

— O que houve?

— Apareceram outros dois corpos aqui ao lado, na Casa del Cordón.

Ao escutar aquilo, o bocado de enguias que tinha devorado caiu como chumbo no meu estômago. Ficou ali, incomodando, como uma pedra grande num sapato apertado.

— Você está bem? — indagou Estíbaliz, preocupada.

— Estou — respondi por inércia. — Quer dizer, não, não estou bem. Espere um instante.

Fui para o toalete com uma expressão impassível, dissimulando a pressa, e ao chegar lá botei todos os petiscos para fora.

Não queria. Não queria ir à inspeção visual, não queria ver outros dois jovens nus e mortos, em parte por culpa minha. Lavei o rosto e encarei o inútil que me encarava no espelho.

— Você é um frouxo — falei para o Kraken que me fitava. — Não faz o suficiente. Quem é o esperto agora? Aquele desgraçado ou você?

* * *

Meio minuto depois, chegamos ao número 24 da rua Cuchillería. A Casa del Cordón era uma construção do fim do século XV, do tempo em que os reis católicos expulsaram os judeus. No entanto, um deles, o rico comerciante de tecidos Juan Sánchez de Bilbao, não só se converteu ao cristianismo e permaneceu na cidade, como construiu uma casa senhorial que, ao longo dos séculos, manteve-se intacta e gloriosa, ocupando um lugar proeminente entre os prédios mais distintos de Vitoria.

O seu nome curioso se devia ao cordão franciscano que rodeava um dos enormes arcos ogivais da entrada. Era uma das fachadas mais fotografadas pelos turistas, porém ela me trazia recordações mais prosaicas — os cones de batatas fritas com ketchup, gordurosas e pelando, que se podiam comprar às duas da manhã no Amairu, o bar do outro lado da rua.

Eu me sentava no degrau da portinha entre os arcos da Casa del Cordón com o cone entre as mãos congelando. Quando fiquei adulto, graças a Tasio interessei-me pela história do prédio e descobri que Juan Sánchez de Bilbao, o convertido rico, mandara fazer a porta naquelas proporções ridículas para obrigar os cristãos-velhos a se inclinarem ante ele quando queriam entrar na sua casa para tratar de negócios. Bonita e sutil vingança. Não sei por que nos momentos mais duros me vinham à mente recordações tão triviais. Não sei por quê.

Naquele dia maldito, nada tinha o aspecto de sempre. A zona fora isolada com a fita plástica vermelha e branca. Dois carros compridos da funerária Lauzurica esperavam na parte alta da rua.

Na entrada, Esti e eu cumprimentamos Ruiz, um dos nossos agentes, e cruzamos a porta medieval de madeira grossa.

— A entrada foi forçada? — perguntei.

— Não, a fechadura está intacta — respondeu Ruiz, dando de ombros.

O edifício pertencia à Obra Social da Caja Vital, e, ao entrar, viam-se duas mesas de escritório diante do acesso ao primeiro andar, uma mistura curiosa de cristais e madeiras pesadas no teto e nas colunas.

O juiz Olano desceu a escadaria que apresentava à sala abobadada, um magnífico salão quadrado com uma cúpula pintada de azul profundo e pequenas estrelas talhadas entre os espessos arcos que sujeitavam aquele espaço impressionante.

— Vieram para a inspeção visual? — perguntou com uma expressão séria.

— Sim, senhor. Acabam de nos avisar — respondeu a minha parceira, adotando o mesmo semblante.

— Pois bem, já terminei. Os técnicos estão fotografando, podem trocar impressões com a legista e falar com o meu secretário para assinar a ata. Que modo mais nefasto de interromper o almoço — resmungou aborrecido.

Estíbaliz e eu nos entreolhamos antes de subir a escadaria com a respiração suspensa.

No centro da sala, rodeados pelos peritos da Criminalística e pela doutora Guevara, os dois corpos jaziam nus, outra vez dispostos no eixo noroeste. Tinham três *eguzkilores* ao redor, como um pequeno sistema solar ressaltando a sua importância na cena.

— Pelas barbas de Odin... — murmurei impressionado. — Mataram um deus nórdico.

De fato, o homem despido que tínhamos ali parecia recém-chegado do Valhalla. Era muito alto, tremendamente louro, tinha olhos claros que fitavam o céu estrelado da abóbada medieval e os braços cobertos de tatuagens tribais.

— Esse garoto gastou a herança do pai em tatuagens — comentou a minha parceira. — O que acha, Unai?

Agachei-me junto ao corpo de Thor e repeti mentalmente o meu ritual:

"Aqui termina a sua caça. Aqui começa a minha."

Fiquei quieto uns segundos, observei e respondi:

— Apesar da pinta de mau, acho que estamos diante de outro mauricinho. Tem o peito e as pernas depilados, o púbis raspado... Este aqui nunca lavou um prato na vida. Cuidava-se muito, o que sai caro. Mas não casa nem um pouco com a parceira que o assassino lhe arranjou. Não creio que tenham tido o prazer de se conhecer em vida. Parecem opostos.

A moça era mais baixinha e levava o cabelo castanho curto num penteado quase monástico. Parecia pouca coisa, tive a impressão de que era o tipo de pessoa que passava despercebida pela vida, ao contrário do suposto bárbaro que acariciava seu rosto com aquela mão gigantesca. Podiam ter vinte e cinco, podiam ter vinte e dois, podiam ter vinte anos.

— O que temos aqui, doutora Guevara? — perguntei, aproximando-me da legista sem tirar os olhos do casal estendido a seus pés.

— Em resumo: um crime duplo idêntico ao de ontem. Já enviei à sua parceira por e-mail o relatório da autópsia dos outros dois falecidos. Há semelhanças em todos os detalhes: parece que as mortes também foram por asfixia, provocada por várias picadas de abelha na garganta. Foram transportados já mortos e colocados nesta posição antes de apresentarem o *rigor mortis* . Morreram há menos de três horas. Vou levá-los para as autópsias, estou curiosa para ver o resultado do exame toxicológico. Se saíram ontem à noite, talvez haja alguma droga em seus organismos.

"Como nos casos anteriores, as mãos e as unhas estão intactas, mas eu mandei analisá-las. Não parece que tenham oferecido resistência, e têm a mesma marca no pescoço, compatível com uma picada de agulha. No mais, não percebo nenhum sinal de violência nos corpos, a não ser pelo detalhe de que as bocas foram tapadas com fita adesiva, que depois foi arrancada, possivelmente antes de trazê-los para cá, quando o assassino teve certeza de que estavam bem mortos. Mas fiz uma descoberta magnífica, olhem."

A doutora Guevara nos apresentou uma abelha num saco plástico transparente.

— Perdeu o abdômen e os órgãos internos, e foi uma das que provocaram a morte da moça. Conheço o diretor do Museu do Mel de Murguía, vou consultá-lo sobre alguns detalhes. Assim que tiver o resultado, enviarei a vocês. Também vão processar os *eguzkilores* , ou *Carlina acaulis* , mas já tentamos com os que apareceram na cripta da Catedral Velha e vai ser complicado descobrir a sua procedência. É um cardo comum que cresce nas encostas das montanhas, nos prados, nos pastos... Podem ter vindo de qualquer lugar — disse, dando uma última olhada nos corpos estendidos. — Precisam de mim para algo mais?

— Acho que não — respondeu Estíbaliz. — Mantenha-nos informados de qualquer avanço importante.

— Farei isso. Boa tarde.

* * *

Saímos da Casa del Cordón quando os funcionários da funerária entravam para levar os corpos, e na rua os curiosos diminuíam o passo disfarçadamente, sem se atreverem a parar, lançando olhares furtivos à operação montada na entrada da Cuchillería.

Estíbaliz se deteve para falar com uma conhecida e nos despedimos com um gesto de "espero lá embaixo". Estava descendo a Cuesta de San Francisco, animada pelos vendedores de alho que não deixavam suas barracas para ir comer, quando um homem moreno, bem-vestido e de caminhar tranquilo veio me cumprimentar. Era Mario Santos, braço direito do diretor do *Correo Vitoriano* e, tenho de reconhecer, um dos jornalistas com quem eu tinha mais afinidade.

Trocamos um aperto de mãos e eu sorri. Era o mais próximo de ter um amigo jornalista. Ele era discreto, e suas matérias eram sempre bem escritas. Elegante com a pluma e, principalmente, elegante na atitude. Nunca exagerava, disfarçava as minhas derrapadas quando, na verdade, podia extrair sangue delas e criar polêmica na imprensa. Para meu alívio, num par de ocasiões provou que para ele o *off-the-record* existia. Ao longo do tempo, fui criando apreço por ele e, embora fosse alguns anos mais velho que eu, de vez em quando nos encontrávamos no centro e tomávamos um café no El Pregón ou no 4 Azules para conversar de tudo ou de nada, isto é, a última partida do Baskonia ou as obras do novo centro cívico, sem dar muitos detalhes das nossas vidas privadas. Era o meu homem da imprensa.

— Como anda, inspetor Ayala?

— Como vê, Mario, ocupado.

— E preocupado, imagino.

— O que vão publicar?

Com ele eu costumava ir direto ao ponto, não era como com outros jornalistas, com os quais sempre fazia uma sondagem prévia. Entre nós havia uma espécie de acordo de cavalheiros.

— Temos pouca informação sobre o de ontem e nada sobre o de hoje. Muitos rumores e telefonemas. O diretor está enlouquecido, me pressionando, sabe como é, mas acho que se trata de um assunto muito grave para uma cidade como esta, não quero publicar nada que não esteja comprovado. Ontem foi a véspera de São Tiago, e hoje as pré-festas começam oficialmente. Não acho que seja conveniente uma paranoia coletiva em datas tão marcantes. Você pode me dizer alguma coisa agora ou espero um pouco?

— Preciso de um tempo para falar com meus chefes. Telefono primeiro para você, está bem?

— Confio em você. Se o pessoal do *Diario Alavés* o procurar, pode me avisar antes que se adiantem? — pediu, cravando-me seus olhos castanhos. Tinha um olhar de pessoa inteligente, com uns olhos muito próximos, que inspecionavam tudo com calma. — Você não imagina a bomba que foi na redação o suplemento extra que publicaram ontem.

Pensei por um instante, era o melhor a fazer.

— De acordo, pode deixar.

O *Diario Alavés* costumava pecar pela estridência e suas manchetes épicas sempre exageravam na polêmica. O *Correo Vitoriano* tinha uma linha mais sóbria e rigorosa, e a afinidade da nossa corporação com a segunda publicação se baseava no senso comum. Só que Lutxo, um dos meus amigos de toda a vida e membro destacado do meu grupo próximo, era o responsável pelas notícias policiais do *Diario Alavés* , e mais de uma vez discutimos devido a conflitos de interesse: basicamente, ele tentava aproveitar nossos jantares para obter informações exclusivas para a sua coluna, sem lhe importar se eu teria problemas com os meus superiores por vazar informações. Sabia que nós dois teríamos problemas com esse caso. Não porque eu fosse um maldito bruxo, como disse Esti, mas porque dez das vinte e cinco mensagens no WhatsApp eram dele, então previ tempestades de granizo na nossa relação.

* * *

Estíbaliz e eu chegamos à delegacia meia hora depois. Fomos diretamente ao terceiro andar, ao escritório da subdelegada. Tivemos de esperar um bom tempo enquanto ela respondia a uma ligação atrás da outra, até que teve pena de nós e desligou o celular.

Quando nos deu toda a sua atenção, nos encaramos por um segundo.

"Já viu que agora temos quatro cadáveres? Para você são suficientes?", tive vontade de dizer. Mas ainda havia muitas coisas a esclarecer entre nós, era melhor começar do início.

— Subdelegada — disse enquanto me sentava —, acabamos de chegar da cena do novo crime duplo na Casa del Cordón, mas antes preciso informá-la de algo que aconteceu esta manhã. Quando ia desligar o computador, durante o ataque dos hackers, alguém que dizia ser Tasio Ortiz de Zárate me enviou um e-mail me chamando com urgência à penitenciária. Fui, para comprovar se a mensagem tinha sido escrita por

ele e investigar sua possível participação no novo caso. Basicamente, queria comprovar se o perfil psicológico do detento coincide com o perfil que estou elaborando dos crimes de ontem e hoje. Farei um relatório completo da conversa que tivemos. Mas posso adiantar o seguinte: embora não tenha reconhecido abertamente, de algum modo ele esteve por trás do ataque cibernético, penso que quis criar uma cortina de fumaça e manter a equipe de crimes digitais ocupada, para que não pudéssemos rastrear o IP do computador de onde partiu o e-mail.

Contei da nossa conversa, da conta multitudinária no Twitter que ele alegava possuir e do oferecimento de colaboração para resolver os crimes.

— Ele quer voltar a ser um herói em Vitoria — acrescentei —, por isso quer nos ajudar a pegar o culpado.

— Se Tasio for o mentor — interrompeu-me Estíbaliz —, se um dos seus seguidores tiver retomado os assassinatos, pode ser que ele próprio tenha montado uma armadilha para o autor material dos acontecimentos, para que seja preso.

— Você quer dizer que ele seria capaz de usar os próprios seguidores? — perguntou a subdelegada.

— Pode ser. — Esti deu de ombros. — Para ele são meros instrumentos, como as vítimas do crime, que eram todas impessoais, como pontos sucessivos numa série. Ele pode ter convencido um seguidor suficientemente manipulável a agir imitando-o. Alguém que também se encaixe no perfil de vinte anos atrás, para que, quando nos der provas de quem é agora, alguma bata com os crimes do passado e ele se liberte. Seria um herói por nos ajudar, como deseja.

— E por que precisamente agora que finalmente vai sair? — insistiu Alba.

— Porque não quer recuperar só a liberdade — acrescentei. — Acima de tudo, não quer ser um pária, o inimigo público número um. Não quer ser o assassino em série que foi solto por ter cumprido grande parte da pena. Quer que tudo volte ao momento anterior à sua queda. Voltar a ser o que era, e cito textualmente, “umas horas antes” da detenção. Ter Vitoria a seus pés novamente: fama, elogios, posição social. Não quer se esconder quando sair.

— Isso explicaria o fato de nunca ter vendido o apartamento da rua Dato — interveio Estíbaliz. — Verifiquei o registro de propriedades essa

manhã. Ele poderia tê-lo feito por procuração, mas o imóvel continua em seu nome, não houve mudança na escritura nesses vinte anos.

Alba Díaz de Salvatierra mordeu o lábio num gesto de frustração enquanto ouvia e se levantou, intrigada.

— Sabe perfeitamente que deveria ter me avisado antes e, claro, deveria ter me consultado sobre a conveniência de visitar o detento. Esperem aqui, vou avisar a equipe de informática. Inspetor Ayala, o seu computador vai ser monitorado até novo aviso — disse, abotoando o paletó azul cinturado enquanto saía do escritório.

Deixei escapar um longo suspiro ao vê-la sair. Fiquei alguns segundos olhando a porta que a subdelegada tinha fechado. Obriguei-me a manter o foco, apesar da frustração que sentia.

— Tudo bem, Esti. Vamos em frente. Qual era a novidade que você ia me contar quando fomos interrompidos no Toloño?

— Tenho a lista de todos os que têm as chaves da Catedral Velha, mas o diretor deu um detalhe que pode ser interessante. Cerca de duas semanas atrás uma das arqueólogas que fazem visitas guiadas pediu outra cópia, porque não conseguia encontrar o seu molho. Ela garantiu que não as tinha perdido, que é muito cuidadosa e não as perde de vista em todo o trajeto. Estava convencida de que tinham sido roubadas. Isso foi na última visita da tarde, quinze para as oito. Quando a visita acaba, uma hora depois, já é quase noite. Pensei em diversos pontos do trajeto na catedral onde há pouca luz e alguém habilidoso poderia ter roubado o molho de chaves.

— Temos os nomes dos visitantes daquele dia?

— Sim, o diretor me deu a lista. Mas não esqueça que só anotam um nome por grupo e não pedem a identidade. Se alguém tiver feito a visita com a intenção de roubar as chaves e depois deixar um par de cadáveres na catedral, certamente não deu o nome verdadeiro. Seria um erro de principiante, que não bate com o modo impecável de quem está cometendo os crimes.

— Precisamos comprovar as identidades de qualquer jeito — insisti. — Falando em identidade, já se sabe quem são as vítimas de ontem?

— O sistema ficou fora do ar a manhã inteira, Unai. Não conseguimos avançar. Há centenas de avisos para checar e cruzar com os dados dos dois cadáveres, mas acho que daqui a pouco saberemos. Enquanto isso, para adiantar, vou verificar a base de dados dos apicultores da zona. Ainda assim, há muitos que não se dedicam profissionalmente à apicultura e não

produzem para vender. No vale do Gorbea, muita gente tem colmeias por hobby; uma lista completa seria interminável. Meu pai tinha colmeias no povoado, bem, antes do Alzheimer — murmurou, abaixando o tom de voz, como se assim o diagnóstico não fosse tão doloroso.

Embora ainda fosse muito novo, o pai dela tinha sido internado recentemente numa ala do hospital de Txagorritxu especializada nesses casos.

— Imagino que meu irmão mais velho tenha desmontado as colmeias — prosseguiu, girando a caneta entre os dedos de esquilo. — Elas sempre me deixaram nervosa, eu nunca chegava perto. Sinto muito se ontem não fui suficientemente rápida quando a abelha saiu da boca do rapaz. Elas detectam a adrenalina que os humanos liberam em situações de estresse. Sentem-se atacadas e picam, por isso os apicultores precisam ser pessoas tranquilas ou com suficiente inteligência emocional para controlar os nervos ao se aproximarem delas. Eu, que sou nervosíssima, levei muitas picadas até entender que era melhor não chegar perto.

Nesse momento, a subdelegada voltou. Tinha o semblante fechado e parecia cansada, mas sabíamos que ainda havia muito trabalho pela frente.

— A equipe de crimes digitais já está analisando o seu computador, inspetor Ayala. Agora queria que resumissem suas primeiras impressões sobre os quatro assassinatos.

— De modo geral, há três possibilidades — falei, ficando de pé. Não sei por quê, mas assim me expressava melhor. — Ou três teorias, se preferir. A teoria A: Tasio foi o assassino nos crimes anteriores e agora é o mentor. Isso supõe que exerça influência sobre alguém que está fora da prisão, o que encaixa com o Tasio que encontrei hoje de manhã: um indivíduo extremamente inteligente, persuasivo e com um alto conceito de si mesmo. Tem o perfil de um líder messiânico.

— Qual seria o motivo do crime? — perguntou.

— Jogar a batata quente para outra pessoa, como afirma que fizeram com ele. Agora está preso e não pode ser o autor material dos crimes.

— Certo — suspirou —, qual é a teoria B?

— A seguinte, mais óbvia: que o assassino é o irmão dele.

— O irmão, Ignacio? — repetiu incrédula a subdelegada. — Impossível, ele é um dos nossos, tem um histórico impecável e...

— Eu sei, eu sei — cortei-a. — Mas deixe-me ao menos expor a teoria, já que está dentro do possível. A teoria B seria de que Ignacio foi e é o

assassino, tanto há vinte anos como agora. Teria voltado a cometê-los justamente semanas antes de o irmão gêmeo sair da prisão para que seja novamente acusado e assim impedi-lo de ficar livre. Não sabemos se Tasio ameaçou se vingar ou matá-lo ao sair. Contudo, é surpreendente que os assassinatos tenham ficado em suspenso por duas décadas e agora tenham sido retomados. Embora Ignacio não se encaixe no perfil do assassino, não podemos deixar de lado o que a cronologia dos fatos indica.

— Passemos à teoria C. Não quero mais ouvir essa história — queixou-se a subdelegada, cruzando os braços.

— A última opção é que seja um imitador sem contato com Tasio. Um independente, alguém novo que se incorporou ao jogo dos gêmeos, sem ter nada a ver com eles. Mas para mim isso não bate. Seja quem for, as cenas e tudo o que as cerca são muito elaboradas e foram executadas de modo muito limpo. Isso não se consegue da primeira vez, os crimes iniciais costumam ser verdadeiras mixórdias, e quase todos os assassinos de primeira viagem cometem erros crassos. De modo que não é a primeira vez que mata e, que eu saiba, não há crimes semelhantes, pelo menos em Álava.

— Tudo bem — cortou a subdelegada. — Busquem crimes de casais que morreram nus ou por picadas de abelhas. Algo que tenha acontecido, talvez de um jeito mais tosco e não tão impecável.

— Kraken, é tarefa sua — murmurou Estíbaliz.

— Que história é essa de Kraken? — Alba Díaz de Salvatierra se interessou.

Disparei um olhar fatal a Estíbaliz.

— Você é Kraken? — insistiu; e me deu a impressão de que estava um pouco pálida.

— É um apelido que me deram na adolescência. Por quê, é relevante?

— Parece que sim. Com o ataque de hackers, passamos a monitorar a conta do Twitter que você mencionou. Acho que Tasio lhe enviou uma mensagem.

Pegou o celular e nos mostrou o último tuíte da conta de Tasio, escrito meia hora antes:

> O herói precisa de um mentor, alguém com experiência que tenha percorrido o caminho antes. Depende de você que seja um mentor claro ou escuro, #Kraken.

Apertei o nariz com a ponta dos dedos. Aquilo não tinha graça. Não tinha a menor graça.

— Nossa, que soberbo — murmurei para mim mesmo.

— Temos que voltar à penitenciária e falar com a diretora — disse a subdelegada. — Precisamos averiguar como ele entra em contato com o exterior e manda esses tuítes. Também é preciso determinar se está violando a lei ou se alguma autoridade no cárcere o protege.

— Cuidarei disso — interrompi.

Pensei numa forma de avançar na investigação, talvez não muito ortodoxa, mas que poderia ser mais eficaz do que sondar com a diretora da penitenciária de Zaballa.

— Pode ir, mas não quero que visite Tasio Ortiz de Zárate.

— Como? — repeti, sem acreditar. — É a única pista concreta que temos a essa altura, e me proíbe de falar com ele?

— É perigoso.

— Perigoso? Há um vidro blindado entre nós e funcionários a postos à porta. O que poderia ser menos perigoso que um encontro com ele?

— Não me refiro à sua integridade física. Refiro-me à manipulação mental.

— Acha que não estou me preparando para isso, que não sou um profissional suficientemente bom? — subi o tom.

— Ouviu o que eu disse. Não vou discutir. E quero que antes do fim da tarde me entregue um relatório detalhado da sua conversa com o detento.

Nos olhos de Estíbaliz vi um "deixa pra lá, você não vai ganhar".

Ela tinha razão, estava preso por uma corda que me asfixiava. Não gostava nem um pouco que limitassem meus movimentos numa investigação. Aquelas reticências absurdas iam diminuir o nosso ritmo e, se o assassino continuasse matando de hora em hora, me enfiar no escritório naquela tarde seria como deixar uma criança numa sorveteria sem supervisão.

Frustrado, sentei-me e esperei que ela terminasse. Dava no mesmo.

— Por último — disse, dando-nos uma folha de papel —, aqui está o comunicado oficial do nosso gabinete de comunicação. Os únicos detalhes a serem divulgados são as idades aproximadas das vítimas e a hora em que foram encontradas. Demos algumas indicações de autoproteção, como o inspetor Ayala sugeriu. Não vamos sair deste tom, não forneceremos mais detalhes. Todos os avanços da investigação são sigilosos até nova ordem.

— Certo, vou enviar isso ao meu homem na imprensa — assenti.

— Peço que me informem de imediato qualquer novidade. Estão dispensados.

Deixei o escritório da minha nova chefe com a sensação de que tinha levado uma surra, uma surra que doía muito e me deixaria paralisado durante dias. Estíbaliz também estava pensativa. Eu a conhecia, sabia que naquele momento sua mente estava trabalhando a uma velocidade inumana.

— Falando de papéis, Esti. Devíamos ver os relatórios dos crimes de vinte anos atrás. Tasio me deu uma informação que quero comprovar.

— É o que estava pensando e o que ia fazer. Venha ao meu escritório. Pedi a Pancorbo para buscá-los.

— Por que Pancorbo? — perguntei. Ele era inspetor na Divisão de Trânsito, não via sua relação com o caso.

— Porque era o parceiro de Ignacio Ortiz de Zárate quando ocorreu o desastre; antes estava na Divisão de Investigação Criminal. Transferiu-se para Trânsito logo após o crime duplo da Muralha Medieval. Acho que aquilo afetou todo mundo.

— Pancorbo? — repeti.

Custava-me imaginar aquele investigador apagado com alguém tão brilhante como Ignacio Ortiz de Zárate. Pensei que não devia ser uma dupla muito equilibrada.

— É, Pancorbo — respondeu, entrando no escritório.

Sobre a mesa de fórmica branca, encontramos uma pasta com uma grande quantidade de papéis. Ela e eu nos debruçamos sobre o relatório e passamos meia hora lendo aquilo, até que surgiram aquelas fotografias.

Talvez não estivesse preparado para o que vi.

Queria ter estado.

Queria pensar que estava. Contudo, ao ver a foto dos dois recém-nascidos, nus e com as mãos apoiadas na face um do outro, com três pequenos *eguzkilores* ao redor das suas cabeças azuladas sobre o capim crescido no dólmen... foi como ver os que não chegaram a ser, que não cheguei a conhecer, os que tinham mil nomes que não tivemos tempo de escolher.

Talvez tenha passado mais tempo do que recordo, porque o rosto de Estíbaliz de repente estava próximo demais, ao meu lado, fitando-me preocupada. Ela precisou das duas mãos para erguer a minha, que

amassava a foto dos bebês mortos. Pelo visto, eu a cobri com a mão que ali ficou, imantada, incapaz de avançar ou retroceder, como a minha vida naquela alameda de pinheiros.

— Você está bem, Kraken? Quer parar por hoje?

— Só... só preciso beber um pouco de água e me refrescar — disse, erguendo-me de supetão e saindo do escritório.

Voltei pouco depois, já sereno e concentrado. Sabia que ela jamais comentaria as minhas recaídas com ninguém.

— Tudo bem, vamos ficar no relatório — resmunguei, e ela assentiu em silêncio.

Quando acabei de ler, fitei-a assombrado.

— O que foi? — perguntou.

— Há algo estranho no relatório de uma das últimas vítimas: a menina de quinze anos. O relatório da inspeção visual da cena do crime menciona indícios de sêmen de uma possível agressão sexual ou, ao menos, de contato sexual pouco antes da morte, a ser confirmado na autópsia. Mas o relatório da autópsia não está aqui.

Esti procurou nos papéis que tinha em mãos e meneou a cabeça. Tampouco estavam com ela.

— Por que, dos oito assassinatos, o único relatório de autópsia que falta é precisamente o da menina de quinze anos?

"*Jovem* , foi o que disse Tasio", recordei.

Aquilo era muito novo e perturbador para mim... Não tinha a menor ideia de que um dos crimes de vinte anos atrás tivesse motivo sexual, a imprensa nunca divulgou isso. Nunca vazou.

Quem aqui dentro teria roubado a autópsia para que não se soubesse o que realmente aconteceu com aquela menina?

Olhei para a minha parceira, que fez um gesto eloquente.

Tinha chegado a hora de conhecer pessoalmente Ignacio Ortiz de Zárate, o policial íntegro que entregou o irmão.

* * *

De madrugada, outra vez calcei os tênis e percorri uma Vitoria serena e vazia, como se a cidade quisesse se manter à margem dos crimes que estavam sujando suas ruas. Mudei o trajeto habitual, não tinha vontade de encontrar... que diferença faz. Desci pela avenida Gasteiz, paralela ao

bonde, e dobrei na altura da rua Basoa. Foi quando subia pela Cercas Bajas que a vi.

Não quis parar. Não naquele dia, em que me sentia tão contrariado com as suas ordens.

Apertei o passo e olhei para outro lado quando cruzei com ela junto à Torre de doña Otxanda. Foi ela quem me cumprimentou:

— Ismael...

— Blanca... — limitei-me a responder, e segui correndo.

Assim se estabeleceram os parâmetros da nossa relação dupla: inspetor Ayala e subdelegada Díaz de Salvatierra de dia.

Blanca e Ismael de madrugada.

6

RUA DATO, 2

29 de julho, sexta-feira

> O que há em comum entre as últimas mortes? Vá ao essencial e faça os perfis das vítimas, #Kraken

Com esse tuíte, tomei o café da manhã na sexta-feira. Em poucas horas, a conta de Tasio atraíra quase trinta mil novos seguidores, e #Kraken era um dos *trending topics* do dia. O meu mentor obscuro se negava a perder sua dose de exposição midiática e teve a soberba de tentar guiar a minha investigação.

Porém, naquela sexta-feira não era ele o protagonista, e sim o seu irmão, Ignacio.

Foi uma pena que Ignacio tenha deixado a corporação pouco depois da prisão de Tasio. Até então, este último havia sido o midiático. Contudo, a foto de vinte anos atrás, tirada à revelia e publicada na primeira página do *Diario Alavés* , fez dele o herói que todos admirávamos.

Com uma expressão séria, Ignacio secava uma lágrima dissimuladamente ao entrar no tribunal para testemunhar. Sua mandíbula estava travada sob o peso do que talvez tenha sido o pior momento da sua vida. Aquela integridade resignada do homem que foi capaz de enxergar que o irmão era um assassino em série e de entregá-lo comoveu a todos.

Que policial nunca se perguntou: se a pessoa que você mais ama fosse uma assassina, você a entregaria ou protegeria? E se meu avô tivesse sido um verdugo sádico na Guerra Civil? Durante a minha formação na academia de Arkaute, estudei casos de argentinos descendentes de alemães que descobriram, horrorizados, que os seus adorados avós eram criminosos de guerra nazistas. Como encaixar em sua vida duas percepções, duas realidades, tão divergentes? É possível abraçá-lo

novamente, dar-lhe um beijo afetuoso na testa, encará-lo? Você o delata? Deixa de visitar, de querer, de amar alguém que cuidou de você e lhe deu tanto amor e afeto durante toda a sua vida?

Depois daquilo, Ignacio fez uma série de programas de sucesso, muito populares no fim dos anos noventa. Era um cara muito rigoroso, estava longe do alarmismo das outras emissoras e conquistou uma boa reputação. Em seguida, sumiu da mídia. Dizem que com o que recebeu da emissora não precisaria trabalhar pelo resto da vida. Em Vitoria era convidado para qualquer evento que tivesse relação com a cidade. Ele costumava comparecer, sempre correto, imbuído do seu papel. Mas ultimamente eu tinha perdido o seu paradeiro, por isso, quando Estíbaliz me ligou de manhã para falar das suas intenções, concordei sem pensar duas vezes.

* * *

Fomos de carro à avenida Gasteiz e, por um milagre estranho e incomum do destino, conseguimos estacionar diante do prédio triangular do tribunal e fomos ao restaurante Zaldiaran, o único da capital com uma estrela Michelin.

A minha parceira tinha conseguido o telefone de Ignacio Ortiz de Zárate por intermédio de Pancorbo, e ele marcara um encontro no seu apartamento da rua Dato para duas horas mais tarde, mas eu era doentiamente curioso por natureza, e também por deformação profissional, e um acontecimento gastronômico em que o próprio Ignacio era uma das atrações era muita tentação. As Jornadas do Slow Food Araba começavam às onze da manhã, e comparecemos vestidos num estilo um pouco mais formal do que de hábito, para não destoar. Esti com um vestido de coquetel tão vermelho como o seu cabelo, eu de terno azul-escuro acinturado.

Cruzamos o umbral envidraçado do templo gastronômico e avançamos pelos corredores com paredes revestidas de lambri. A sala de convenções estava apinhada. Centenas de flashes acima da altura média das cabeças lançavam raios como os fogos de artifício das festas de Donosti.

— Você enxerga alguma coisa? — indagou, frustrada, a minha companheira.

Dei umas cotoveladas elegantes para que ela pudesse se postar na minha frente, no canto do salão.

— Sim, acho que é a nossa estrela do *photocall* — respondi sem muita certeza.

Estirei a cabeça e o vi, posando com uma atitude decidida para os fotógrafos: vinte anos depois, ali estava o herói da minha adolescência. Alguém que tinha envelhecido bem, e não aquele resto humano no cárcere. Tasio parecia o avô mendigo do seu gêmeo.

No rosto de Ignacio não havia rugas nem bolsas escuras debaixo dos olhos. Seu cabelo, no mesmo tom louro-escuro que eu recordava, tinha um bom corte, à diferença da melena grisalha do irmão. Tinha o corpo fibroso, musculoso e trabalhado de um esportista bem treinado. Terno bem cortado, calças *slim* caras. Gravata fina bem escolhida. Sapatos ingleses de nobuck, relógio grande de grife. A barba perfeitamente esculpida, como nas barbearias antigas.

Era difícil não admirá-lo. Era difícil também, para uma mulher como Estíbaliz, não se impressionar. Talvez eu tenha sentido um pouco de ciúme que não me cabia.

Ignacio sorria diante de um banner com o logo de um caracol e os rótulos do Slow Food Araba. Junto a ele, artisticamente dispostos na mesa, havia produtos gourmet da zona. De onde estava, podia ver latas de trufa negra de Álava, potes de mel do Gorbea, saquinhos de ráfia com feijão pintado alavês e várias garrafas de *txakolí* da província.

Ignacio falava de todos os produtos com o entusiasmo comedido de um vendedor de joias experiente. Lançou piscadelas, salpicou sua fala com anedotas para a audiência, chamou diversos espectadores sortudos da primeira fila para provarem o *txakolí* e, em meio a gracejos elegantes, concordou em tirar várias fotos com os escolhidos, que não paravam de sorrir, abobados com aquela exibição de charme.

Quando os flashes terminaram, ele consultou o relógio, agradeceu a todos com um sorriso elíptico e se dispôs a deixar o estrado.

Foi quando a chuva de perguntas incômodas da imprensa desabou sobre ele.

— Ignacio, para *Europa Press* : qual a sua opinião sobre os crimes da Catedral Velha e da Casa del Cordón? Acha que o seu irmão teve algo a ver?

Todos ficamos paralisados, talvez a jornalista tenha sido direta demais. Houve uns segundos de silêncio, mas o rosto de Ignacio não se alterou. Aquele sorriso autêntico permanecia ali, como se nada tivesse sido dito.

— Mireia, você sabe que não vou fazer declarações sobre esse assunto. Não me diz respeito. Agora, queiram me desculpar...

— Uma última pergunta — adiantou-se um jovem com forte sotaque britânico. — Para o *Sunday Times* ...

Todos se viraram para o repórter inglês. Se a imprensa europeia começava a se apresentar, a pressão sobre o caso iria nos asfixiar. Mas Ignacio não pareceu ligar para o surgimento da mídia internacional.

— Insisto — cortou-o com um elegante meneio da cabeça. — Nada a declarar. Estou fora desse assunto lamentável. Agradeço a todos pelo interesse e pela presença num evento como este, tão significativo para a nossa gastronomia. Tenham um bom dia.

Por fim, Ignacio conseguiu descer do estrado, mas foi rodeado por uma aglomeração de repórteres de rádio, câmeras de televisão e pessoas da plateia que insistiam em fazer um *selfie* com ele.

— Esti — sussurrei no ouvido da minha parceira —, intercepte-o e diga-lhe para ir ao banheiro masculino. Aqui ele vai ser comido vivo.

Deixei a sala de convenções e perguntei pelos toaletes. Lá dentro esperei vários minutos, até que Ignacio entrou, fechou a porta e apoiou as costas na parede enquanto fechava os olhos, erguia a cabeça para o teto e lançava um longo suspiro.

— Sou o inspetor Ayala — apresentei-me, estendendo-lhe a mão. — Tínhamos combinado à uma hora na sua casa, mas acho que vai ser difícil que o senhor consiga sair inteiro daqui. Veio de carro?

— Não, vim caminhando — respondeu, apertando-a com força. — Desde o dia de São Tiago, as pessoas enlouqueceram e todos me param na rua para dizer a primeira coisa que lhes vem à cabeça, mas não achei que um evento gastronômico fosse uma armadilha mortal. Temo que isso termine como há vinte anos: vou ficar sem minha vida novamente.

— A minha parceira e eu estacionamos na altura do tribunal — expliquei, obrigando-me a ser despachado.

— É uma viatura? A última coisa de que preciso é que me vejam entrar numa viatura da polícia. Isso dispararia ainda mais teorias conspiranoicas.

— Não, não é uma viatura.

Então o inspetor que ele foi um dia assumiu o comando da situação.

— Bem, você é mais alto e mais corpulento que eu, e está à paisana — avaliou. — Diga à sua parceira para se adiantar e parar o carro diante do restaurante. Quando sairmos você me cobre com o seu corpo e vira a

cabeça na direção oposta à das câmeras, para que não o identifiquem. Vamos tentar evitar a foto de capa que todos querem tirar hoje.

— Entendi.

Cinco minutos depois de avisar Estíbaliz, nos arriscamos a atravessar a barreira humana que nos esperava na saída do Zaldiaran. Protegi o corpo de Ignacio com o meu, lutando com aquela servidão da fama, e nos jogamos dentro do carro ao ver a porta traseira aberta.

— Ainda quer ir à sua casa? — perguntou Estíbaliz, fazendo as vezes de saudação enquanto se dirigia à ponte azul.

— Sim, deixamos o carro no estacionamento da Catedral Nova e dali vamos a pé até a rua Dato.

Um bom tempo depois, chegamos à sua porta, no número 2 da rua Dato. Era de domínio público que os gêmeos Ortiz de Zárate tinham herdado a fortuna dos pais e com apenas dezoito anos, com a morte de ambos, tinham vendido as Siderúrgicas Alavesas ao melhor comprador. Nenhum dos dois quis levar adiante os negócios do pai, e na verdade não precisavam trabalhar, mas cada um tinha uma vocação e a exerceu: um quis ser policial, o outro quis ser arqueólogo. Foram os melhores em suas áreas.

Compraram apartamentos na rua de maior prestígio da cidade: a rua Dato. No início da rua, quase na esquina com a Postas. Um na frente do outro. Como se quisessem reinar ou dominar uma das margens. A esquerda é sua, a direita, minha. Ignacio perto da praça da Virgen Blanca; Tasio, dos Fueros. Naquela época, ninguém duvidava de que iriam abocanhar o mundo.

Subimos ao terceiro andar num elevador reformado, e Ignacio abriu a porta blindada do amplo apartamento. A decoração era masculina, em tons de cinza e ocre, parecia trabalho de profissional, mas em seguida percebi um detalhe curioso. Registrei-o, arquivei-o para mais tarde e me forcei a focar na rota da sondagem estratégica que tínhamos pela frente.

Não gostava de pensar nas entrevistas com testemunhas ou suspeitos como interrogatórios. Por experiência havia aprendido que, numa cidade pequena como Vitoria, as pessoas tendem a se fechar e se proteger na merda da lei do silêncio. Por isso sempre preparava um roteiro de temas que iam dos menos comprometedores aos mais difíceis de abordar. Eram como boias às quais me amarrava na travessia, até chegar ao porto que me interessava.

Repassei mentalmente o roteiro daquele dia, os pontos que queria ter claros quando saísse da toca de Ignacio: os seus conhecidos daquela época, o assunto midiático, a autópsia desaparecida e a próxima saída de Tasio.

— Obrigada por nos receber em sua casa, senhor.

— Trate-me por você, por favor, temos pouca diferença de idade.

— Cinco anos — deixei escapar.

Ele registrou o dado com um rápido franzir de cenho; deve ter deduzido que eu estava a par dos pormenores do seu caso.

— Cinco, está bem — repetiu, sem deixar de me analisar.

Houve um silêncio tenso entre nós, de pé no imenso salão de janelas brancas que se abriam para a rua Dato.

— Gostariam de um *crianza* ? Na junta do Slow Food estamos trabalhando com uma vinícola de Rioja alavês que está tendo boa saída no mercado internacional. Gostaria que o provassem.

— Não, obrigado, Ignacio. Você sabe que estamos a serviço — respondi.

— Eu quero provar — apressou-se a dizer minha parceira.

Fuzilei-a com o olhar. Era tão ruim quanto eu no cumprimento das regras, mas pelo menos tentávamos dissimular em público.

— Podem se sentar. Você nessa poltrona, você na outra — convidou, e nos indicou um par de *bergères* idênticas, pretas, de design, uma diante da outra, ladeando uma elegante mesa de centro. — Vou buscar o vinho.

Saiu da sala para ir à cozinha buscar a garrafa. Ao voltar, serviu uma taça a Estíbaliz e sentou-se no centro do sofá, como se tivesse nos acomodado para manter a simetria do cenário. Era uma atitude estranha, como uma peça de teatro com a montagem bem estudada.

Ignacio provou o vinho e deixou a taça na mesa diante de si, mas havia trazido também uma taça vazia, que em princípio pensei que era para mim, mas não me ofereceu. Entreteve-se um instante dispondo as duas taças, a vazia e a cheia, diante de si.

Objetos pares.

Naquele apartamento, tudo estava decorado com objetos pares, como se fosse habitado por duas pessoas, e não por um solteiro cobiçado.

— Então você participa da direção do Slow Food? — perguntei, genuinamente interessado. — Deve ser apaixonante trabalhar com produtos frescos.

— E é mesmo. Trabalhamos com produtores locais, sem intermediários: trufa negra, batatas da Montanha Alavesa...

— E também com produtores de mel? — interveio Estíbaliz, no tom mais casual que conseguiu.

— Sim, eu sou justamente o encarregado desse produto — comentou distraído. — Apicultura é um mundo fascinante, não acham?

— Certamente. Na aldeia dos meus pais, sempre tínhamos algumas colmeias para uso próprio e para aumentar a renda da agricultura. Na zona do Gorbea, quase todos sabiam um pouco de apicultura por tradição familiar.

Ignacio sorriu para si mesmo, como se tivéssemos contado uma piada que só ele entendia. Deixou a sua taça, já vazia, ao lado do respectivo par, levantou-se e ficou de pé junto a uma das janelas, olhando para fora com a cabeça apoiada no marco de madeira.

— Se concordarem, vamos deixar de rodeios. Façam as perguntas que vieram fazer. Não tenho nenhuma intenção de obstruir a investigação.

Suspirei aliviado, aquilo economizava umas tantas boias.

— Agradecemos que seja tão direto, Ignacio.

— A gente pode deixar de ser policial, mas os truques psicológicos aprendidos na academia permanecem — disse, quase para si mesmo, sem deixar de observar a fachada em frente. — Com os quatro assassinatos que têm adiante e os antecedentes de vinte anos atrás, a essa hora vocês certamente já têm uma montanha de questões acumuladas sem resolver.

— Comecemos então — falei. — Gostaria de lhe perguntar sobre a questão midiática. Veja, não se pode negar que os primeiros crimes deram uma audiência tremenda ao programa de Tasio. Pelo que sei, o programa de arqueologia dele passava despercebido na grade da televisão autônoma. Mas quando começou a tecer teorias sobre o contexto histórico de cada assassinato, se transformou numa estrela. Quem estava à frente quando o seu irmão...?

— O meu gêmeo — corrigiu-me Ignacio, como um autômato, como se fosse uma falta de consideração.

— Certo, o seu gêmeo. Queria saber quem dirigia o programa quando o seu gêmeo assinou contrato com a televisão nacional. Não deve ter sido nada legal que, depois de apostarem nele, Tasio os tenha trocado pela rede nacional quando o índice de audiência fez o programa valer ouro.

— Está tentando encontrar um motivo?

— Por enquanto tento conhecer todos os personagens que estavam ao redor daquela obra. Pode me dar um nome?

— Inés Ochoa — murmurou. — Era ela quem mexia os pauzinhos.

— Você a conhecia?

— Antes que averigue por sua conta, prefiro dar a minha versão dos fatos. Inés Ochoa era e continua sendo a diretora de programação do canal autônomo. E me adianto à próxima pergunta: sim, foi ela quem me propôs os programas de sucesso que gravei depois de prender o meu gêmeo. A princípio rejeitei a oferta, não queria saber daquilo. Estava ciente de que choveriam críticas em Vitoria, a prisão do meu gêmeo era muito recente. Mas ela insistiu que seria a melhor maneira de explicar o acontecido porque, no fim das contas, os jornais escreveriam o que lhes parecesse mais conveniente. Pensei que, se eu mesmo decidisse sobre os conteúdos, poderia fazer algo digno.

— Arrependeu-se? — perguntou Estíbaliz.

— Todos os dias — murmurou, com um ar de derrota.

— Então Inés Ochoa foi beneficiada pelos assassinatos?

— No início, com o meu gêmeo, claro que sim. Depois a maré virou, e ela ficou sem a sua estrela e a trocou por mim. Um gêmeo pelo outro. O vilão pelo herói. O índice de audiência e o frenesi com que apareceram anunciantes compensaram o que me pagou.

— Deduzo que não guarda boas recordações dela.

— Não guardo boas recordações de nada que aconteceu naquela época.

— Sabe onde podemos encontrá-la? — insisti.

— Essa pergunta é desnecessária — retrucou, um pouco cansado. — Você é um investigador na ativa, em dois minutos pode averiguar o contato dela sem a minha ajuda. Se na verdade o que pretende é saber se hoje permanecemos em contato, a resposta é não. Pergunte na emissora pela Dama de Pedra. Mas tenha cuidado, ela é uma dessas pessoas que sempre caem de pé, como os gatos. E não lhe mande saudações da minha parte.

“Interessante, de qualquer modo.”

— Vejo que em vinte anos muitas coisas mudaram — prossegui. — O que nos economizaria muito tempo e seria de grande ajuda da sua parte é uma lista dos amigos que você e Tasio tinham na época. Amigos em comum e amigos pessoais. Colegas de profissão, parentes... Poderia me passar uma lista de umas... quinze pessoas, talvez?

— Querem revisar o caso.

— Não vamos fingir que a chave para a solução dos novos crimes está no caso antigo. Isso você também sabe. Gostaria que nos desse um número razoável de pessoas que possamos entrevistar.

Assentiu pensativo, com o olhar perdido. Fazia um tempo que o brilho da sua personalidade tinha se apagado. Desde o momento em que cruzou a porta do seu refúgio.

— Acredito que esteja correto — concordou por fim. — Hoje mesmo lhes envio a lista, eu teria dado os mesmos passos que vocês. Algo mais?

— Tivemos acesso aos relatórios dos primeiros casos. Falta a autópsia da menina de quinze anos — interveio Estíbaliz.

Ignacio deu de ombros, parecendo desinteressado.

— Perguntem a Pancorbo. Posso garantir que, quando deixei a corporação, os relatórios e autópsias estavam todos na pasta correspondente. E, claro, não faltava nada.

— Desconfia de Pancorbo? — quis saber a minha parceira.

— Não, não — apressou-se a dizer, com um sorriso que me pareceu ensaiado. — Não quis dizer que Pancorbo teria subtraído a autópsia dessa jovem. E não se deixem enganar por ele ser uma pessoa calada e de aspecto comum. É muito mais brilhante do que aparenta, mas é preciso passar várias horas perseguindo alguém com ele para perceber isto. Vocês devem lembrar que estou há quase vinte anos sem pisar na delegacia. Deve ter havido muitas mudanças de localização, imagino. Ele acompanhou o caso comigo, foi imprescindível para resolvê-lo. É a única pessoa que considero capaz de lhes dar uma pista do momento em que isso pode ter se extraviado.

— Não está dando importância demais a essa autópsia em particular? Não acha que o extravio possa ter sido intencional, que alguém na corporação quisesse ocultar o que aconteceu com a menina?

— Foi uma série de oito assassinatos — murmurou, como uma ladainha, como se tivesse repetido aquilo cem vezes no passado —, ocorridos há vinte anos. Desculpem se tentei esquecer os detalhes, principalmente dadas as circunstâncias que cercaram o caso. Não suporto essa sensação de *déjà vu* .

— Mas esse corpo apresentava um dado discordante. Você não pode ter se esquecido. O seu irmão conhecia a menina?

— Não que eu soubesse.

— Conhecia alguma das crianças que assassinou?

— Não que eu soubesse.

— Alguma das famílias dos assassinados?

Negou com a cabeça.

— Não que você soubesse — adiantou-se Estíbaliz.

— Foram assassinatos rituais. Não desviem disso. Eu também procurei os elos possíveis entre as vítimas e perdi um tempo precioso, que teria servido para evitar as últimas mortes — pronunciou as duas últimas palavras como quem chupa um limão, como se queimasse. — Foram assassinatos rituais. Os *eguzkilores* , o veneno ancestral, os corpos orientados no eixo noroeste, como fizeram os pagãos desde a pré-história...

Por fim nos aproximávamos do vórtice do caso.

— Para você fez sentido que tenha sido o seu ir... o seu gêmeo?

Ignacio pinçou a ponte do nariz com os dedos, como se tivesse uma enxaqueca tremenda.

— Tasio passou por um período obscuro enquanto preparava a tese. Empenhou-se em estudar os acontecimentos de Zugarramurdi. Vocês sabem, os autos de fé de Logroño, em 1610, em que condenaram onze vizinhos à fogueira por bruxaria. Durante os anos em que estudou em Navarra, estava sempre com um colega, não lembro o nome dele, mas era um cara bem mais jovem e muito radical, gostava desses assuntos estranhos. Paganismo, ocultismo, sincretismo... todos os "ismos" obscuros que se possa imaginar. Havia uma grande diferença de idade, e a amizade deles me surpreendeu muito no início, até Tasio me contar como o tinha conhecido.

Olhou-nos de soslaio, avaliando se deveria nos dar mais dados ou se calar.

Instei-o com o olhar e, por sorte, ele prosseguiu.

— De vez em quando, Tasio consumia maconha e outras substâncias ilegais. Eu não gostava daquilo, sempre respeitei mais as normas, mas nunca o censurei. Preferia que continuasse confiando em mim e saber sempre em que confusões andava metido. Coincidiu com a fase em que resolveu experimentar, e o garoto era o seu fornecedor habitual, desses que vendiam haxixe em alguns bares da Kutcxi. Ficaram amigos, embora ele fosse apenas um adolescente e Tasio estivesse terminando os estudos.

Ficou em silêncio, como se lhe custasse expor aquela recordação.

— Continue, por favor — animei-o, temendo que se calasse. — Você estava contando que o amigo era muito radical nos assuntos pagãos.

— Isso. Um fim de semana eles foram à caverna de Akelarrenlezea, ou Songinen Lezes, como queiram. A caverna do *aquelarre* , ou caverna da bruxa. Os habitantes do povoado não chegam a um acordo quanto ao nome. Queriam encenar o ritual do *aquelarre* com base nas descrições dos textos que estavam estudando na universidade, basicamente as declarações originais das testemunhas do processo do século XVII. Levaram todo tipo de parafernália pagã: beberagens, tinturas naturais para gravar símbolos... levaram também *eguzkilores* , não só como elemento protetor, mas porque a sua raiz, com água destilada, supostamente tem propriedades afrodisíacas... Foram com duas moças com quem andavam naquela época, e eu pulei fora do plano. Não gostava nem um pouco daquele garoto, era muito extremista e andava metido em ambientes que... vocês já sabem. Éramos inimigos naturais devido ao meu trabalho na polícia. Não sei o que houve na caverna aquele fim de semana, mas sei que consumiram drogas. Tasio voltou muito alterado, eu diria até aterrorizado. As pupilas dilatadas, os membros um pouco rígidos, teve braquicardia e palpitações, seu coração parecia uma montanha-russa. Não desgrudei dele por uma semana. Quis interrogar o tal amigo, mas Tasio me impediu. Não quis me contar nada, mas alguma coisa muito séria aconteceu, porque eles não se viram mais. Não sei se isso responde à sua pergunta. Nunca queremos ver o que está na nossa frente, até que nos atropela.

Chegara a hora da pergunta mais difícil.

— Como encara o fato de ele sair da prisão? Vocês se viram nesses vinte anos, houve alguma comunicação? — perguntei, e tive dificuldade em manter o tom neutro ao dizer aquilo.

Negou com a cabeça e me olhou com uma expressão triste, como se estivesse falando com uma criança do primário.

— Eu o entreguei, como acha que reagiu?

Fiquei em silêncio deliberadamente. Queria que continuasse falando sobre isso.

— Você não entende. Tive duas vidas. Uma como irmão gêmeo da minha outra metade. Outra, como filho único. Aquela data nos partiu ao meio.

“Certo, agora surge o Ignacio que eu queria ver, não a casca que você queria nos mostrar”, pensei.

— Se for solto em breve, conforme o programado, vocês se encontrarão, retomarão o contato?

— Isso é entre o meu gêmeo e eu. — Virou-se para nós e permaneceu de pé, sem ocultar o mal-estar. — Não quero ser brusco nem mal-educado, mas precisam respeitar a minha intimidade. Não sou muito de falar dos meus assuntos, e esse é o mais difícil de todos. Esta semana todo mundo enlouqueceu, não se fala de outra coisa nos bares, não sei se quero passar por isso novamente. É terrivelmente incômodo. Tenho diversos compromissos nas Fiestas de la Virgen Blanca: jantares com amigos e patrocinadores das marcas que represento, touradas, toureio a cavalo... Tenho ingressos comprados há meses, mas depois talvez vá à casa de campo que tenho em Laguardia e passe o verão lá até que tudo se acalme.

— E agora é quando você gentilmente nos indica a porta de saída — adiantei-me.

— Isso mesmo. Obrigado por me poupar a cena em que me comporto dignamente.

— Cortesia da corporação — falei, erguendo-me e estendendo-lhe um cartão de visita. — Poderia enviar a lista ao meu e-mail?

— Você a terá em algumas horas, sabem que vou colaborar com o que me pedirem — repetiu.

Como se precisássemos ter claro que ele estava do lado certo do assunto.

* * *

Esti e eu saímos andando pela rua Dato, e o dia estava tão quente que o terno e o vestido eram um exagero, e, claro, os sapatos de salto de Estíbaliz também. A expressão dela ao caminhar me fez intuir que estava a ponto de lançar os sapatos contra a estátua de El Caminante, um garoto de três metros em bronze que se tornou o ícone e o suvenir mais querido da cidade.

— Venha comigo — pedi, diante da confeitaria Goya. — Preciso de um pouco de açúcar para pensar melhor.

Entramos numa das confeitarias mais antigas de Vitoria, que vendia os famosos Vasquitos e Nesquitas, bombons de chocolate quadrados fabricados a partir de 1886 e que, desde aquela época, a gula dos nossos avós manteve no topo das vendas de doces do norte.

— Meio quilo de biscoitos amanteigados. Mas, por favor, que sejam todos com geleia — pedi à atendente, uma mulher de meia-idade e cabelo acaju que mais uma vez ignorou o pedido e incluiu na caixa de papelão as variedades que considerou adequadas, como sempre fazia.

Deixei a loja resignado com a minha caixa de biscoitos e fomos pela rua San Prudencio em direção ao estacionamento da Catedral Nova para buscar o carro. Passamos diante da ótica Fernández de Betoño torcendo para que não houvesse muita gente em volta ouvindo a nossa conversa.

— Por que quinze, Kraken? — soltou Estíbaliz à queima-roupa. — Por que você pediu uma lista de quinze amigos?

— Ninguém tem quinze amigos íntimos, alguns dos que estiverem na lista não serão muito próximos. Começarei pelos últimos nomes, os que o farão pensar mais. Descarto diretamente entrevistar os primeiros, pois só falarão bem dele. Vejamos se todos defendem Ignacio ou se encontramos alguma falha no paraíso.

— E o que acha do que vimos, Unai? — perguntou. — Do ponto de vista do especialista em perfis. O que encontramos lá dentro?

Suspirei e organizei um pouco os indícios em que tinha prestado atenção. Não era fácil, estava diante de uma psique complicada e, além disso, em cujo passado havia um trauma pessoal importante.

— Acho que Ignacio tem uma espécie de personalidade dupla. Em público, na rua... brilha. É impossível não olhar para ele, é puro carisma. Aquele sorriso tão aberto... será que poderia ser fingido? Mas na esfera privada, em casa... é como se estivesse vazio por dentro. Fica cinzento, não sorri nem se preocupa em forçar um sorriso social. Até a voz abaixa meio tom, você percebeu? Como se fosse mais velho do que parece. Percebi vários gestos que parecem quase patológicos, como a obsessão com o número dois. Reparou que tudo naquela casa é simétrico? A distribuição dos cômodos em ambos os lados do corredor, os sofás, as mesas, os enfeites. Todos os quadros são séries de dois. Como se fosse a metade de um todo e estivesse esperando a volta do gêmeo para ocupar a parte do espaço que lhe pertence. E ele não parava de olhar pela janela, como uma muleta. Como um tique, um apoio psicológico, ou um pequeno escape quando o pressionávamos. Mas não olhava para qualquer direção, e sim para a porta em frente, e sabe o que tem ali?

— Antes era o Banco de Vitoria; agora, o Banco de Santander.

— Não, Esti. Estou me referindo à que fica ao lado do Banco de Santander.

— A casa do irmão. Perdão: gêmeo — respondeu com ironia.

— Isso mesmo. É como se esperasse vê-lo chegar, parecia uma vigilância total. E o que você achou de tudo? — quis saber, quando cruzávamos o jardim atrás da Catedral Nova.

— Que os dois estão mais afetados pelo que ocorreu há vinte anos do que querem demonstrar. A pergunta de um milhão de euros é: suficientemente afetados para seguir com o jogo?

— Não sei, Estíbaliz. Diria que Tasio é capaz de tudo e, claro, de se vingar do irmão e querer vê-lo atrás das grades. Ele é muito mais esquisito que a versão adocicada dos gêmeos que você acaba de ver.

Estíbaliz parou junto à estátua do crocodilo de mãos humanas na fonte da Catedral Nova. Olhou ao redor, tirou os sapatos de salto e sentou-se na mureta da pequena fonte.

— Você está bem? Sei que está cansada, mas... aconteceu alguma coisa?

— Está chegando o fim de semana, vou ficar em Vitoria com Iker. Devia ir visitar meu pai em Txagorritxu... isso me deixa um pouco tensa.

— Está tudo sob controle?

— Tenho tudo sob controle, Kraken. E você? Fico preocupada porque você se abala vendo tantos corpos de crianças mortas.

— É sempre duro. — Suspirei, afrouxando a gravata e sentando-me ao lado dela. — Sabíamos que veríamos cenas desagradáveis, nos metemos em Investigação Criminal. Devíamos ter mais sangue-frio a essa altura, e os nossos fantasmas controlados na masmorra... Esti, será que você e eu estamos preparados para esse caso, será que não vai passar por cima de nós e nos atropelar?

— Eu cuidarei de você, você cuidará de mim. Juntos somos duas máquinas. Só precisamos nos concentrar e manter os esqueletos trancados nos armários.

Permaneci em silêncio. Éramos débeis, éramos dois bancos capengas que se apoiavam um no outro para não cair.

Estíbaliz afirmava que tinha superado os seus vícios, e eu confiava nela, no entanto ela ainda não tinha digerido o diagnóstico de Alzheimer do pai, a sua rápida deterioração e a internação recente. Digamos que estávamos no alerta laranja.

— Mudando de assunto e recapitulando — disse ao se levantar e se dirigir à entrada do estacionamento com os sapatos nas mãos —, o que temos agora que não tínhamos esta manhã?

Suspirei e me forcei a focar novamente nos crimes duplos.

— Duas novas personagens que vou adorar visitar assim que as encontrar: a Dama de Pedra Inés Ochoa e o misterioso companheiro de rituais de Tasio. Em segundo lugar, a ligação de Ignacio com a arma do crime: as abelhas. Se ele lida com muitos apicultores e com esse ambiente, é factível que saiba metê-las num recipiente e irritá-las com algum odor para deixá-las agressivas. Mas não podemos esquecer que o detalhe das abelhas não vazou ainda na imprensa. Por último, temos também uma mentira: a de que não se lembra do assunto do sêmen encontrado na menina. Ele dissimulou indiferença muito bem quando mencionei a autópsia.

— Ele leva vinte anos preparando a resposta.

— É preciso investigar os gêmeos: a família, o passado de ambos, o seu ambiente — comentei, pensativo, enquanto pagava o estacionamento. — Ninguém fez isso antes justamente porque Ignacio pegou Tasio de surpresa e, assim, encerrou o caso.

— Então temos muito trabalho pela frente. Você vai a Villaverde amanhã?

— É o que pretendo se não houver avisos e ninguém me chamar. Não gosto de deixar meu avô só por tanto tempo, você sabe. Porém, se acha que preciso estar em Vitoria, é só dizer.

— Vou passar dois dias com Iker. Há mil detalhes chatos para resolver sobre o casamento, além da visita deprimente ao meu pai. Estarei ocupada. Não terei tempo de ocupar você com nada.

— Está certo, afaste-se dos seus fantasmas.

— E você dos seus.

— Sempre faço isso.

"Sempre faço isso, Esti. É o que me mantém caminhando entre os vivos."

7

VILLAVERDE

> Pense na estrutura como se o assassino quisesse nos contar uma história; o que há por trás dos ritos dos novos crimes? #Kraken

30 de julho, sábado

No dia seguinte, saí de madrugada para Villaverde, o diminuto povoado de dezessete habitantes onde Germán e eu fomos criados pelos meus avós após a morte dos nossos pais há umas quantas vidas.

Gostava de ir cedo para o sul, cruzar o porto de Vitoria e parar no bosque de faias na curva de Bajauri depois de ignorar a alameda dos pinheiros, onde uma vez a minha vida mudou.

Villaverde ficava a quarenta quilômetros de Vitoria, na Montanha Alavesa, em frente à serra da Cantábria, ou serra de Toloño, como a chamam ultimamente. Nós nativos não entrávamos num acordo com os cartógrafos da Autoridade Provincial de Álava. Cresci vendo a parede de faias, carvalhos e aveleiras quando estava diante da robusta porta de madeira da casa de três séculos dos meus avós. Um daqueles casarões com paredes de pedra com um metro de largura que deixava o frio glacial dos invernos do lado de fora, longe do fogo da lareira baixa.

Estacionei debaixo da sacada que meu avô mantinha florida com vasos de begônias vermelhas, embora o vento sul secasse as pobres plantas e ele tivesse de recomeçar do zero. Mas ele estava acostumado a começar e recomeçar. O avô, assim como seu coração quase centenário, estava sempre ocupado com seus afazeres.

"Deixa de besteira e siga", limitava-se a dizer. E fazia. Continuava.

As ladeiras de Villaverde estavam desertas àquela hora, mas uma buzina rompeu o silêncio, e o furgão do padeiro de Bernedo subiu a

encosta até parar diante de mim.

— Olá, Unai. Um redondo e um sovado?

Ia pegar os pães quentes soltando fumaça quando alguém se postou atrás de mim.

— Pedi também três recheados — soou a voz cansada do meu avô.

— Aqui estão, desfrute-os. — O rapaz se despediu, fechou as portas traseiras e nos deixou com o cheiro do pão de Bernedo quentinho.

Virei-me e sorri. O avô sabia perfeitamente como me fisgar pela boca. Aquelas bolas de pão fresco recheadas de linguiça, quentes e úmidas de gordura eram o melhor revigorante do mundo depois de uma manhã de trabalho no monte.

— O que há para fazer hoje, vô?

— Vamos, seu irmão foi mais madrugador e já está há um bom tempo nas avelaneiras.

Ele entrou em casa para pegar um par de foices.

— Está bem, troco de roupa e vamos para lá.

Subi as escadas em duas passadas, fui ao meu quarto da infância e vesti um jeans puído com camiseta branca e calcei umas botas surradas.

Cruzamos as ruas empedradas do povoado em silêncio, as foices no ombro, e ajeitei a boina do avô. Corpulento e vigoroso, trajando o macacão azul, ele caminhava inclinado para a frente. Não era um homem de falar muito, não precisava de palavras para ter razão, e em geral tinha. A razão dos sensatos.

— Vô, eu trouxe biscoitos da Goya, mas você tem de me mostrar os resultados dos exames — propus pelo caminho. — Como está o seu colesterol?

Ele deu de ombros e olhou adiante.

— Não olhei — mentiu.

— Sei — respondi, sem acreditar —, quer dizer que está alto outra vez. Então você precisa se cuidar. Não vou deixar a caixa de biscoitos em Villaverde, tenho certeza de que você comeria tudo.

Fez uma careta de indiferença fingida, sem deixar de olhar adiante.

— Pelo menos alguns eu vou provar — sentenciou, e ajeitou a boina novamente.

Sorri comigo mesmo.

— Sim, vô, claro.

Passamos detrás da igreja e cruzamos a eira, a parte alta do povoado onde antes se trilhava e se batiam os cereais para separar os grãos. Os palhares ao redor haviam sido restaurados graças ao empenho dos vizinhos em mantê-los de pé. Na saída do povoado, descendo uma encosta pela trilha, chegamos à ponte do rio Ega e entramos no terreno que margeava o rio, onde um excesso de avelaneiras fazia sombra umas às outras e os ramos e ervas daninhas cresciam tão rápido que mal podíamos passar.

Lá estava Germán, vestindo um macacão cor de anil confeccionado na medida da sua baixa estatura, cortando ramos com a foice como se não houvesse amanhã.

Meu irmão e eu ralávamos quando o avô pedia. Era o mínimo que podíamos fazer por ele. Tinha quase cem anos e continuava a nos educar com uma sabedoria sem alarde que um dia eu gostaria de herdar.

— Martina vem hoje? — perguntei a ele, consultando a hora no celular.

— Vem, vai passar ao meio-dia e comer conosco.

— Legal — sorri.

A nossa pequena família era muito agradecida ao toque feminino da minha cunhada. Martina era namorada de Germán há mais de quatro anos. Trabalhava na Mediação Familiar do Serviço Social, perto do meu escritório em Lakua, e muitas vezes saíamos para almoçar. Ela tinha a voz doce e paciente dos que vão distribuindo carinho sem olhar a quem, uns olhinhos cor de kiwi e o cabelo com um corte irregular que já estava crescendo. Acabara de superar um câncer bastante agressivo que a deixara careca e sem massa muscular, e a sua determinação durante as sessões de químio foi um dos detonadores que me fizeram deixar o mundo de apatia em que tinha entrado após passar pelo meu próprio inferno, dois anos antes.

Ver Martina raspando a sua longa cabeleira preta sem se queixar e saindo para trabalhar com mediação de custódias e divórcios alheios, encontrando-a desmilinguida quando Germán e eu a buscávamos de carro, me fez deixar de lado o cinismo e a pouca vontade de viver e voltar a apreciar o que tinha ao redor: saúde, amigos, um avô, um irmão, uma cunhada, um trabalho que me permitia tirar das ruas indivíduos dispostos a fazer mal...

Afastei da mente aqueles temas obscuros e me concentrei em eliminar os galhos baixos que havia diante de mim. Quatro horas mais tarde, depois

de dar conta dos recheados, com o capim cortado e amontoado na entrada das avelaneiras, meu avô tirou uma maçã vermelha do bolso.

— Deixe-me ver o eczema, filho — pediu a Germán.

O meu irmão puxou a perna da calça e mostrou a ele uma mancha avermelhada que tinha aparecido no tendão de Aquiles. O avô pegou o canivete suíço, cortou a maçã em quatro pedaços iguais e esfregou-os na pele de Germán. Depois juntou as quatro partes com um barbante e enterrou a maçã.

— Você já pode apodrecer — ordenou à maçã num sussurro.

Segundo ele, assim que a maçã apodrecesse o eczema desapareceria. Na verdade, ele usava maçãs para qualquer coisa; verrugas, queimaduras... Eu tinha passado anos demais estudando ciência para acreditar nesse tipo de coisa, e ele era pragmático demais para acreditar em superstições, mas o fato é que aquele remédio natural costumava funcionar muito bem.

Quando terminou sua cura ancestral, o avô se encostou num tronco, se acomodou e em poucos minutos roncava ruidosamente.

Germán e eu também nos sentamos, apoiados na avelaneira mais antiga, exaustos, mas relaxados.

— Li a respeito dos crimes duplos — comentou arrancando um talo de capim e enfiando-o na boca.

— E quem não leu? — retruquei fitando a serra.

— Vai ficar em suas mãos?

— Aham.

— Você quer falar?

— Ainda não.

— Ainda não? O que significa isso?

— Significa que pode ser que mais para a frente, quando o caso se complicar, quando me pressionarem porque não há resultados rápidos, quando estiver mais estressado... aí vou precisar de você. Vou precisar que vista a batina de confessor. Que me escute porque o que terei a dizer não posso contar a ninguém além de você e Estíbaliz. Só que agora, nesse momento, não. Posso aguentar. Guardo para mim, de acordo?

Germán pensou um instante e passou a mão pelo cabelo castanho.

— Como quiser, meu irmão — suspirou. — De qualquer modo, preciso lhe dizer uma coisa, vou ser rápido.

"Não, Germán. Não comece", implorei em pensamento, olhando para o nada.

— Você tende a ficar obcecado, sei que se meteu em investigação criminal porque acha que os assassinatos podem ser evitados, que você pode fazer isso. Mas soa doentio e megalômano, Unai. Alguém precisa lhe dizer isso: depois do que houve com Paula e os seus filhos, você nunca mais foi o mesmo. Dizia que podia ter visto os sinais e um monte de bobagens. Olha, desabafe comigo se quiser, você é meu irmão mais velho, não vou julgá-lo. Mas pare de dizer isso em público e no grupo. São nossos amigos, mas as pessoas comentam quando você não está presente. Não se deixe ofuscar por este caso, ok? Blinde-se, todos estão com os nervos à flor da pele em Vitoria, e até seus conhecidos vão pressioná-lo. Isso vai trazer à tona o pior das pessoas. Em certo ponto nada é inocente.

"Não, nada é inocente."

O que eu podia dizer?

Sou neto do meu avô, o mesmo que, no pós-guerra, quando era prefeito de Villaverde, entrava na casa do ferreiro com o cinto na mão e o repreendia porque alguém do povoado havia denunciado que estava batendo na mulher.

Aquilo foi na década de quarenta, quando a violência de gênero ficava entre quatro paredes e ninguém chamava a Guarda Civil ao ouvir gritos na casa do vizinho, porque os agentes sempre respondiam: "Em briga de marido e mulher não se mete a colher." Meu avô não pensava assim e, quando eu lhe perguntava sobre aquele episódio, sempre dava de ombros e murmurava "Era um covarde, imagina, bater numa mulher", e comia seu queijo de ovelha curado acompanhado do copo diário de vinho de Rioja.

Não é que eu me achasse um herói, é que gostaria de deixar o universo como estava. Sem mortes acontecendo fora de hora, só isso. Entendia o mecanismo lógico que se escondia detrás da ordem natural das coisas, inclusive das mortes: um acidente, uma doença, a velhice... Mas nada de sujeitos doentes armando ciladas para que a Foice batesse na porta dos inocentes antes da hora.

— Está certo, obrigado por ter coragem de me dizer o que ninguém se atreve.

— Às vezes você torna tudo difícil, Unai. Sei que sofreu muito, mas o mundo segue girando e as pessoas logo esquecem seus dramas, você não pode ficar estancado.

— Outra vez não, Germán. Chega — interrompi-o, pousando a mão em seu braço.

Ele se calou, com a inteligência dos que sabem quando é hora de calar.

Meu irmão não era esperto, era o seguinte: percebeu que, à falta do físico, lhe sobravam ironia e lábia e, se aproveitasse os sete primeiros segundos de estupor da sua audiência feminina, surpresa com suas piadas inteligentes, pouco batidas e que faziam rir de verdade, o resto vinha por si só. O físico também influenciava. Baixo, sim, mas bem vestido. Era um dos homens mais elegantes e vaidosos que eu conhecia. Era capaz de distinguir quatro tipos de nós de gravata e me censurava por não saber escolher as meias.

Com uma visita semanal à barbearia, seu corte de cabelo estava sempre um ano adiantado com relação ao meu. Agora era *hipster* , então tinha a têmpora quase raspada e a franja preta penteada para trás. Havia sucumbido à barba, mas a sua era mais bem cuidada que uma cerca viva do palácio de Buckingham.

Era também um articulador. Conhecia Álava inteira e toda Álava o conhecia, já que a população com acondroplasia era muito reduzida.

Se dei uns tabefes para defendê-lo de alguns babacas — hoje chamam isso de *bullying* — quando era adolescente e todos éramos meio metro mais altos que ele...? Pois é, dei, sim. E daria novamente. E isso não é pouca coisa, vindo de quem não briga nunca, porque tenho horror a violência e pela questão prática de que sempre que você briga acaba apanhando também.

A educação que o avô nos deu também pesou, pois nunca fez diferença entre as nossas estaturas nem permitiu que ele tivesse pena de si.

Se tínhamos que subir no trator e o primeiro degrau ficava a cinquenta centímetros do chão, o avô dizia “Deixa de bobagem e sobe”, e Germán dava um jeito de trepar pela roda traseira e se enfiar na cabine.

Se os pedais da colheitadeira ficavam longe demais dos seus pés, o avô o ajudava a fabricar alargadores de madeira para prender às suas botas. Simplesmente encontravam um jeito de ajustar suas dimensões ao mundo e seguir em frente.

Germán assumiu a normalidade em casa e a estendeu a todas as facetas sociais, tornando-se um sujeito sem complexos, de mente brilhante e boníssima pessoa. Precisou se esforçar para encontrar a primeira namorada. Depois, tudo caiu do céu para ele.

No trabalho, logo entendeu que as notas excelentes no curso de direito o colocavam acima da média, e não abaixo, uma sensação que lhe agradou.

Montou um escritório na praça Amárica com o que poupamos colhendo cereais no verão e, em poucos anos, se tornou um advogado de referência e um chefe democrático e apreciado por seus doze funcionários. O seu sucesso empresarial não tinha segredo. A sorte de ser procurado por novos clientes sempre o encontrava enquanto ele trabalhava horas extras no escritório.

* * *

Imagino que devíamos ser um trio estranho: meu avô e sua boina, meu irmão e sua inteligência viva e eu e meu... sei lá. Não me analisei. Não conheço meu traço predominante nem aquele pelo qual todos me conhecem.

Bem, agora sim. Agora sou o policial que pegou o assassino em série mais famoso da história de Vitoria e acabou com uma bala na terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo.

Amanhã vão me desligar.

Passaram-se dez dias e sigo em coma. Sou precavido e deixei papéis com instruções. Fiz um testamento ao entrar para a corporação. Deixei por escrito que espalhem as minhas cinzas do alto de San Tirso, um monólito que se destaca no cume da nossa serra, diante de Villaverde.

Sei que para o meu avô e Germán é má ideia galgar com a urna uma rocha maciça de quarenta metros de altura. O primeiro trecho é fácil, se você começar pelo arbusto que fica a uns dez metros, no lado sul da pedra. Depois fica difícil, e para descer nem te conto. O melhor é pular, mas é bem alto e você pode cair e rolar ladeira abaixo até ser detido pelos arbustos. É complicado, vou logo avisando.

Mas eles o farão.

Encontrarão um modo lógico e engenhoso de subir.

Eles o farão.

8

O MATXETE

Analise as diferenças com os crimes anteriores. Aonde o assassino leva você agora? #Kraken

31 de julho, domingo

Entrei no restaurante Matxete por volta das dez da noite. Quase todo o pessoal já tinha chegado, era a comemoração do aniversário do Xabi, o mais jovem de todos, e tínhamos reservado uma das salas abobadadas de pedra.

Logo vi que não ia ser fácil: meus amigos emudeceram quando entrei.

— Boa noite, Xabi. Parabéns — saudei-o, no tom mais casual que consegui.

Ele sorriu com o canto dos lábios e desviou o olhar.

Sentei no único lugar que sobrou, presidindo a mesa, entre Nerea e Martina, a minha cunhada, que sorriu para mim como se quisesse me animar.

Pedi uma costela grande para repor as forças e esperei as bombas. Todos estavam tensos, consultavam os celulares de soslaio e buscavam as últimas atualizações no Twitter sem dar um pio.

— Não vai nos contar nada, Kraken? — Jota abriu fogo.

Não o levei a mal: vi seu copo de cuba-libre quase vazio, podia apostar que era o terceiro.

— Não sejam chatos — adiantou-se Martina, sempre conciliadora. — Vocês sabem que ele não pode falar dos casos.

— Mas devia, se isso afeta todos nós — insistiu Nerea, uma das minhas melhores amigas.

Nerea era pequena e parruda como um seixo rolado. Tinha um rosto de lua cheia e usava a mesma franja desde a primeira comunhão. Gerenciava

a banca na esquina de Postas com a praça da Virgen Blanca, junto ao bar La Ferre; herdara o comércio dos pais, embora no seu quarto figurasse um diploma de biologia, que nunca chegou a exercer para não se afastar mais de dez quilômetros de Vitoria.

— O que há, Nerea? — suspirei, encarando-a.

"O que tem para me recriminar?"

— Há um assassino em série matando vitorianos em duplas, e o que foi condenado há vinte anos se comunica com você por tuítes. Você é o Kraken ao qual esse demente se dirige, não é?

Fiz um gesto eloquente; para que negar?

— O que está acontecendo, Unai? — prosseguiu, soprando a franja, como fazia sempre que estava agoniada. — Você não vai detê-lo, não vai obrigá-lo a parar? Você está me deixando louca, ando morta de medo quando saio às seis da manhã para abrir a banca. Não pode dar fim nisso?

Falou rápido, com uma voz estridente. Não percebia, mas há um tempo tinha agarrado meu pulso, deixando marcas de unhas nas minhas veias, ali onde os suicidas se cortam.

— Pode devolver meu braço, Nerea?

— Desculpe — falou, recolhendo-se como um caracol. — É que... ando muito nervosa, Unai. Todos falam da mesma coisa. Não posso vender um jornal sem que as pessoas me perguntem sobre os crimes, como se eu fosse um telejornal.

— É verdade a história das patas? — perguntou Asier, o farmacêutico.

— Que patas? — repeti sem entender.

— As patas do bode. Dizem nas redes sociais que é um crime ocultista, falam de um enorme pentagrama desenhado no piso da Casa del Cordón, gatos negros mortos na entrada da Catedral Velha... Há todo tipo de teorias e suposições, e a mais repetida é que vocês encontraram patas de bode aos pés das crianças assassinadas.

Lutxo, Nerea, Xabi... todos me olhavam fixamente, à espera de uma resposta.

— Sei que a situação é excepcional, que não é normal que haja um sujeito solto matando pelas ruas, sei que a cidade está entrando em pânico, como há vinte anos. Todos passamos por isso, lembram? É verdade que agora estou encarregado do caso, mas, quanto às mensagens no Twitter, não posso dizer nada. Não estou autorizado a falar disso com ninguém, e vocês sabem muito bem. Todos têm inteligência e cultura para entender

isso. Querem ajudar a resolver o caso? Acho que sim, por isso vou precisar que sejam bons amigos, que isso não seja o tema das nossas conversas, e que eu possa relaxar fora da delegacia para depois focar no trabalho, sem outras preocupações. Não vai ser fácil. Só peço que estejam à altura, como sempre estiveram.

Todos se calaram, e alguém se dedicou a dar conta do robalo. Por fim, Asier, sempre pragmático e um pouco frio, rompeu o gelo.

— Por mim, estou de acordo. Não quero mais ouvir falar dos crimes, estou farto.

— Obrigado, Asier. Sabia que podia contar com você — respondi aliviado.

Durante o resto do jantar, falamos dos planos para as festas de Vitoria; alguns estavam nos grupos de *blusas* e *neskas* , e tentamos acertar as agendas e resolver aonde iríamos.

Pouco depois o garçom trouxe um bolo com velas de trinta e cinco anos. Xabi fez cara de desgosto ao ver aquele número flamejante diante de si, mas inflou as bochechas, cumpriu com o seu dever e apagou as velas. Entoei um *Parabéns pra você* desafinado, até Nerea me interromper com o olhar.

— O que houve, é aniversário ou funeral?

— Parece mentira, Unai. Xabi acaba de entrar no grupo de risco. Agora, além de um sobrenome alavês composto, tem trinta e cinco, e você ainda o felicita? — explicou, quase furiosa, ao meu ouvido.

Calei-me; todos estavam atentos aos meus gestos, então tentei dar cabo da costela e fazer de conta que era um domingo como outro qualquer.

O jantar terminou como tinha começado, com um silêncio denso, com Lutxo contando fofocas não publicadas da coluna social do seu jornal. Ele sempre fazia isso quando o clima ficava pesado. Era muito hábil socialmente e tinha mais jogo de cintura para se esquivar de certas situações que um toureiro.

Quando chegou a hora da despedida, Martina veio por trás e me abraçou pela cintura.

— Tudo bem, Unai? — E apoiou a cabeça de duende no meu ombro.

— Tudo bem, Martina. Como vai o seu trabalho? Vamos almoçar juntos esta semana?

— Em agosto há menos separações e todos saem de Vitoria. Vou aproveitar para adiantar a burocracia. Setembro é quando chega uma

avalanche de divórcios — contou com uma piscadela cúmplice. — Mais trabalho para mim e para o escritório de Germán. Então, seu irmão e eu vamos aproveitar as férias de agosto para ficar tranquilos em Vitoria e diminuir um pouco o ritmo. Claro que podemos almoçar esta semana. Eu te ligo, está bem?

— Ficamos assim — despedi-me dela com um beijo na testa.

— E... Unai, anime-se. Você aguenta isso e muito mais.

Ela atirou um beijo no ar, ajeitou o cabelo e desapareceu na direção das pedras da praça.

Antes de sair, fui ao banheiro aliviar a bexiga e estava lá, de cara para a parede, quando um garoto com chapéu branco de cozinheiro entrou e me estendeu um guardanapo de papel com algo escrito.

— Você é Kraken, né? — perguntou.

— Você vai ter de esperar que eu acabe para pegar o papel — respondi, com a braguilha ainda aberta.

— Eu espero — disse ele, olhando nervoso para os lados.

Quando subi o zíper e lavei as mãos ele me entregou o guardanapo com mãos que tremiam demais para a sua idade.

— Maconha demais — murmurou, desculpando-se.

— Antes de mais nada, quero que você se identifique e me explique quem lhe disse que me chamam de Kraken.

— Meu nome é Roberto López de Subijana e trabalho aqui nos fins de semana. Sou vizinho de Nerea, do seu grupo de amigos. Nossos pais se conhecem há muito tempo. Foi ela quem nos contou que você é o famoso Kraken do Twitter de Tasio. Minha mãe e eu fizemos esta lista de nomes, e queríamos que você a lesse e considerasse.

— E que lista é essa, Roberto? — perguntei, lendo uma dezena de nomes e sobrenomes com as idades anotadas ao lado.

— São da família: e minha irmã tem trinta anos, o meu tio, cinquenta cinco, a minha avó tem setenta e cinco... Todos os que estão aí têm idade para ser vítimas, além do sobrenome alavês composto.

"Ainda não se sabe se as novas vítimas têm sobrenome alavês composto", pensei em dizer, só para acalmá-lo, só para tranquilizá-lo. Mas não podia, não podia sair dando informações da investigação que se espalhariam pela cidade em poucas horas.

— E por que você quer me dar isso?

— Você é o encarregado da investigação, não pode mandar escoltas?

— Teria que fazer isso com milhares de alaveses que cumprem estes requisitos, além dos seus parentes.

— É que todos estamos com muito medo, minha avó foi para a aldeia e não quer vir a Vitoria nem para a consulta médica... Você não pode fazer nada? Por que não prende o cúmplice de Tasio de uma vez? Não pode rastrear a conta do Twitter?

— Seu nome é Roberto, não é? Olhe, fazemos o possível, mas não posso dar nenhuma informação.

— Está bem. De qualquer modo, guarde a lista. Leve-a sempre no bolso. Se um deles morrer, terá sido por sua...

— Basta, garoto — cortei-o, não queria ouvi-lo dizer em voz alta o que eu mesmo pensava. — Chega. Você queria me dar uma mensagem e deu. Clara e transparente. Todos aqui temos alguém que cumpre os requisitos. Só uma coisa: não ande espalhando por Vitoria que eu sou Kraken. Não é bom para a investigação. A sua vizinha Nerea falou demais, e isso não pode acontecer novamente. Não me faça sair investigando o que você consome e onde compra, ok?

Ele assentiu contrariado, e, quando saí do restaurante, só Lutxo me esperava. Olhou-me com um ar preocupado, e cruzamos em silêncio a praça del Machete, que leva esse nome porque, do tempo dos reis católicos a meados do século XIX, o procurador-geral prestava juramento do cargo diante de um machete, sob a ameaça de que, se não cumprisse a promessa honradamente, este cairia sobre a sua cabeça.

Passamos diante da vitrine que tinha uma réplica do machete: relíquia que poucos conheciam e a qual, como costumava ocorrer, estava tão exposta que passava despercebida. Detrás da abside da igreja de San Miguel, protegida por grades desde 1840, a réplica do machete reclamava uma atenção que poucos vitorianos e turistas lhe prestavam.

Mas o que eu sentia sobre a minha cabeça pesava mais que um machete e deixava minha consciência dolorosamente aos pedaços. O garoto tinha razão: qual era o sentido do meu trabalho se não podia proteger as pessoas que, com razão, se sentiam ameaçadas?

— Vamos, Unai. Vou acompanhá-lo à sua casa — limitou-se a dizer Lutxo, dando um tapinha nas minhas costas.

Assenti e caminhamos em silêncio pela praça de pedra e as escadarias que a ligavam à praça da Virgen Blanca.

Lutxo era um personagem muito conhecido em Vitoria. Fibroso e magro, raspava o cabelo desde que se entendia por gente e só deixava crescer uma linha vertical do lábio inferior ao queixo pontudo. Tingia o cavanhaque de diversas cores, segundo seu estado de ânimo, o que costumava ser um bom indicador. Ultimamente estava branco. Não grisalho, mas um branco forte, artificial e imaculado.

— Você saiu esse fim de semana? — perguntei, para mudar de assunto.

— Fui a Navarra, escalei várias trilhas nos Pirineus — comentou distraído.

— Abriu alguma trilha nova?

— Uma 7c+.

— Bárbaro — comentei sorrindo. Mas ele não prestava muita atenção ao que eu dizia e não chegou a sorrir. — O que há, Lutxo?

— Foi um fim de semana um pouco estranho, Unai. Iker, o noivo da sua parceira, também foi, com o cunhado.

"O Hierbas", pensei, reprimindo uma careta.

O irmão de Estíbaliz era um velho conhecido da polícia. Sempre foi um cara estranho, gerenciava um herbolário com decoração esotérica e tinha passado por altos e baixos desde bem jovem por traficar substâncias, no mínimo, suspeitas. Na verdade, eu estava convencido de que Estíbaliz tinha entrado para a corporação com o propósito de escapar dos abusos do irmão quando saiu da sua fase fora da lei, embora suspeitasse que ele ainda exercia influência sobre a irmã caçula.

Ele era uns anos mais velho que ela, e eu o conhecia desde a época em que andava por aí com *dreads* ruivos e a mochila no ombro carregada de maconha para vender. Em seu quarto de adolescente havia uma foto ampliada do Sacamantecas, uma coisa muito doentia, quando todos, naquela idade, tínhamos Samantha Fox de maiô. Não sei, era perturbador dormir todas as noites debaixo da imagem de um aldeão assassino e estuprador em série com cara de burro.

O Sacamantecas era o Jack, o Estripador alavês, estrela imprescindível em todas as formações de perfil criminal que eu tinha feito.

Juan Díaz de Garayo Ruiz de Argandoña, nascido em 1821 em Eguilaz, uma aldeia da planície alavesa, assassinou, estuprou e mutilou seis mulheres, quatro delas prostitutas, e morreu pelo garrote na antiga prisão do Polvorín Viejo.

Por essa e várias outras razões, não gostava do Hierbas, ou talvez eu fosse protetor demais com a minha parceira. Também fiquei intrigado por Estíbaliz não ter passado o fim de semana com o noivo, como disse que faria. Por que mentir? Que diferença fazia para ela?

— Acontece que, na volta da escalada, ele nos convenceu a fazer um desvio até Zugarramurdi, e terminamos na famosa caverna das bruxas, Sorginen Leizea — explicou enquanto descíamos as escadarias de pedra. — Passamos a noite lá, e o cara não parava de falar dos crimes duplos, encheu a nossa cabeça de rituais pagãos. Segundo ele, o autor está reivindicando a volta a tempos mais autênticos. Por isso percorre a história dessas terras nos cenários. Disse que não foi por acaso que começou precisamente no dólmen da Chabola de la Hechicera. Ele contou a lenda da bruxa que vivia ali e disse que os locais ainda contam, em *petit comité* , que nas noites de lua cheia atiravam pedrinhas no dólmen em oferenda à deusa Mari. Mas na aldeia ninguém fala disso. Quando, em 1935, os arqueólogos encontraram ali um grande número de seixos rolados, as pessoas se calaram por medo de algum tipo de repressão por parte da Igreja, caso admitissem que as crenças antigas perduravam.

"Afirmou que não era por acaso que os crimes recomeçaram justamente na Catedral Velha, pelo simbolismo que tem para a cidade, não só religioso, mas por conter as ruínas do germe de Vitoria, a aldeia primigênia de Gasteiz. Assegurou que era um aviso aos habitantes de Vitoria, que os corpos estão rodeados de símbolos que é preciso interpretar", falou, acelerado, e calou-se para recuperar o fôlego. "Que símbolos são esses, Unai?"

Lutxo não sabia que o veneno dos primeiros crimes era o teixo, nem que a atual arma eram abelhas furiosas. Tampouco sabia que a assinatura do assassino eram três *eguzkilores* dispostos ao redor dos cadáveres. E assim continuaria, por enquanto.

— Não posso liberar essa nota de imprensa, você sabe — limitei-me a responder, enquanto caminhávamos sem pressa pela praça da Virgen Blanca.

Era a sua estratégia de sempre: me entregava uma informação supostamente útil para depois pedir que lhe desse mais dados que aos outros jornalistas.

— O que há, Lutxo? Seu chefe está pressionando mais do que o habitual?

O diretor do *Diario Alavés* era um homem misterioso, sem vida social. Há décadas dirigia a publicação na sombra e, pelo que diziam os funcionários, era muito temido na redação. Um perfil duro, das antigas.

— Acontece que estou tentando subir de cargo, o cargo de subdiretor está desocupado desde que Larrea se aposentou e preciso criar uma manchete. Quero a vaga e estou pedindo sua ajuda, Kraken. Espero que me dê alguma coisa, porque vou até o fim com esse caso e, se não me ajudar, vou por minha conta — respondeu, nervoso.

Tínhamos chegado ao meu prédio, e não via a hora de subir e esquecer o mundo, a costela e o pessoal, mas Lutxo não tinha dado a conversa por terminada, como indicava o pé que pôs entre o degrau e a porta pesada de madeira, grade e vidro.

— E o que vai fazer? Escrever um artigo levando a sério essas bobagens pagãs do Hierbas? — perguntei, dando de ombros e virando na direção do corredor.

— O Hierbas? Você se refere ao cunhado de Iker, o Eguzkilore?

Estava a ponto de me perder no corredor escuro quando, ao ouvir aquele nome, senti uma pontada na espinha.

— Eguzkilore? — repeti girando de volta na direção dele, branco como um fantasma.

— Sim, é o apelido que ele sempre teve, desde a juventude. Lembra que há uns vinte anos usava *dreads* ? Como é ruivo, parecia um *eguzkilore* , o cardo laranja. Era um apelido bom, muito gráfico. Era engraçado.

— É verdade. Muito descritivo — murmurei, dando o meu melhor para manter uma fisionomia inexpressiva. — Lutxo, estou muito cansado e tenho uma semana longa pela frente. Vamos parar por aqui, está bem?

Dei boa-noite e permaneci no corredor escuro, com uma sensação de frio percorrendo meu corpo em pleno julho.

Entre todas as perguntas que martelavam o meu cérebro naquele momento, havia uma, a mais incômoda, a mais perturbadora, a que mais me incomodava: Por que Estíbaliz não tinha me contado que chamavam seu irmão de Eguzkilore?

A minha parceira estaria me escondendo algo?

9

ARMENTIA

Vitoria, 28 de abril de 1970

Para surpresa de todos, o dia de São Prudêncio tinha amanhecido radiante, embora tradicionalmente o patrono dos alaveses tivesse fama de mijão. As pessoas sempre diziam que o clima não respeitava muito a procissão celebrada há cinco séculos, e o santo acabava regando chuva em quem se aproximava da basílica de San Prudencio, no descampado de Armentia, para venerar suas relíquias.

Desde cedo o doutor Urbina arrastava a esposa e os filhos pequenos pelo passeio da Senda, incorporando-se à maré de gente que subia para ver o santo em peregrinação.

Ao passar diante do palácio dos Unzueta, logo atrás do Hotel Canciller Ayala, deu uma olhada nas janelas senhoriais da fachada, tentando adivinhar se os moradores ainda estavam lá ou se já teriam saído.

Soubera casualmente pela imprensa que o palacete, construído no princípio do século XX pelos antepassados do industrial, era agora o domicílio conjugal de Javier Ortiz de Zárate e Blanca Díaz de Antoñana, que se mudaram após o casamento.

Pelo visto aquele casarão afrancesado, quadrado e com estranhas claraboias ovaladas no telhado cinzento pertencia à família do empresário. Ele se perguntou, mais uma vez, que tipo de vida Blanca levava entre aquelas paredes luxuosas e decadentes. O marido teria deixado de maltratá-la ao comprovar que as calúnias da "Virgen Blanca" não passavam de fofocas de povoado? Ela o teria perdoado?

Meses atrás também se inteirara pela imprensa que o casamento, na Catedral Nova, tinha sido oficiado pelo ilustríssimo bispo de Vitoria, e os personagens mais influentes da cidade tinham comparecido à festa do ano.

Guardou zelosamente os recortes de jornal, pois continham as únicas imagens que possuía de Blanca. À noite passava horas observando as fotos granuladas em preto e branco, tentando adivinhar se a jovem de rosto comprido e sorriso contido sob a grinalda estaria feliz ou aterrorizada.

A paciente não havia voltado ao consultório. Ele enlouquecera, esperava por ela todas as madrugadas junto ao palácio de Villa Suso, com a promessa de um encontro nunca proposto, que só existiu na sua cabeça.

Por quase uma hora avançou de braço dado com Emilia, sem perder de vista os dois filhos, quase ocultos entre a multidão apesar do escandaloso cabelo ruivo que tinham, e que exigiam, com birras e caretas chorosas, rosquinhas de anis atravessadas por uma rama de louro. Álvaro Urbina não parava de enfiar a mão no bolso da jaqueta, num gesto nervoso que não percebia.

Sim, estavam lá.

Não as tinha esquecido. Nunca esquecia, para o caso de vê-la ou encontrá-la por acaso nas ruas do centro.

Da cabeça da procissão partia a litania dos devotos. Ao fundo da maré humana, a banda de *txistularis* ** e tamboreiros confortava os que vinham atrás e enchia o céu claro com o ambiente festivo das romarias antigas.

Por fim chegaram ao descampado de San Prudencio, uma ampla esplanada gramada onde as pessoas estendiam toalhas quadriculadas para lanchar quando o tempo permitia. A verdade é que nuvens cinzentas tinham começado a se fazer notar e muitos, com um olho no céu, se apressaram a dispor os quitutes para que a chuva não interrompesse a sobremesa.

Estenderam a toalha em um ponto na lateral do descampado de onde se via tanto a basílica quanto as barraquinhas de comida e refrescos. O doutor Urbina olhava ao redor dissimuladamente, atento a qualquer mulher parecida com aquela que nunca saía da sua mente.

Emilia, animada com a algazarra ao redor, não parava de dizer, talvez alto demais, que naquele ano os cogumelos *perretxikos* estavam caros no mercado. Ainda assim estava satisfeita, já que, pela primeira vez na vida, pôde se permitir comprá-los.

Um pouco desajeitadamente, com seus braços curtos ela tirou da cesta diversas embalagens com caracóis e um ensopado de *perretxikos* . Traziam vários pães sovados, que aguentavam melhor que os redondos, e um

Marqués de Riscal para manter as aparências e oferecer uma taça caso encontrassem algum colega do doutor.

Álvaro Urbina dispôs os pratos de plástico comprados no dia anterior e estava pegando a faca para fatiar o pão quando lhe pareceu avistar Javier Ortiz de Zárate a certa distância, ao lado do bispo de Vitoria, entrando na basílica na companhia de outros cavalheiros bem vestidos.

Esticou o pescoço, esperançoso, esquecendo a faca que tinha na mão. Esqueceu os filhos que corriam, agitados, pedindo as famosas rosquinhas de anis. Esqueceu o aroma do tomate caseiro e do presunto do bom e das centenas de molhos de caracol que as donas de casa destampavam com orgulho de mãe.

Avistou-a sozinha, trajando uma saia branca até os joelhos, com alpargatas simples, uma bolsa estampada com margaridas e uma jaqueta elegante da mesma cor. Esperava distraída ao lado de uma das barracas de comida.

Álvaro guardou a faca na cesta, voltou a vestir a jaqueta e, depois de dizer "vou comprar rosquinhas" com uma voz mecânica, perdeu-se no descampado entre a alegre multidão, atravessando em linha reta até as pequenas barracas verdes onde os vendedores ambulantes entregavam chocolate com churros e sangria ao som dos alto-falantes que despejavam uma mescla incongruente de cânticos religiosos e *Un rayo de sol* , a canção dos Los Diablos que deixava as moças loucas nas festas.

Foi até ela decidido a deixar de lado a timidez e os gestos educados. Não tinha muitas oportunidades de vê-la, por que disfarçar?

— Então, casou-se com ele — disse como uma saudação. — Diga-me uma coisa para que eu fique tranquilo: está melhor do que antes?

"Agora está melhor", pensou ela, retesando a mandíbula.

Como contar... Como contar a outro homem o que o marido fazia desde a lua de mel. Não bastou comprovar que era virgem para que os golpes parassem. Não bastou.

Voltou atordoada da lua de mel em San Sebastián. Ninguém no Hotel Maria Cristina se inteirou do que ocorria na suíte? Ninguém da limpeza comentou sobre os móveis quebrados?

A sua velha tia fez a mesma pergunta quando a visitou no novo endereço para ajudá-la a organizar o enxoval e os presentes de casamento.

— Como foi tudo? — perguntou, sem fitá-la nos olhos.

Blanca não respondeu, sabia que ela não era uma aliada.

— Vai melhorar, com o tempo você se acostuma — disse ela, num acesso de sinceridade que Blanca não esperava daquela dama acostumada a manter as aparências. — Tente não contrariá-lo, seja boa esposa, agrade-o em tudo, e que o seu lar esteja imaculado quando ele voltar do trabalho, as pantufas junto ao seu assento. Tente evitar que se entregue ao vício da bebida; se beber, tudo será muito pior.

Olhou-a com cara de não pergunte, e Blanca abaixou o olhar, envergonhada. Nunca pensou que a tia também tivesse apanhado do marido. Como fora cega.

Agora que estava casada, começara a ter amigas, todas elas esposas dos amigos do marido. Algumas eram sem graça, outras altivas, umas eram alegres, despreocupadas e divertidas. Mas não tinha a quem contar, em quem confiar.

E ali estava aquele médico tão solícito. O único com quem podia falar sem subterfúgios. Quem dera tivesse sido ele, e não Javier, que a tivesse levado a San Sebastián. A noite teria sido bem diferente, tinha certeza. Calorosa, afável, íntima. Como ele.

— Por acaso crê que tive opção, que escolhi isso? Diga isso ao meu pai e à minha família.

O doutor Urbina suspirou ao compreender que nada tinha melhorado.

— Não tente novamente aquilo do palácio de Villa Suso, Blanca. Com tão pouca altura e as escadarias freando a queda, não teria morrido, mas poderia ter tido uma lesão na medula. Poderia estar inerte numa cadeira de rodas. A senhora não quer se aproximar de mim, mas continuo empenhado em protegê-la.

— Não vejo como, doutor.

Foi quando, repentinamente, começou a chover. Alguns trovões anunciaram que a tormenta estava ali, e a chuva veio com violência, como se quisesse furar o solo.

Blanca correu para buscar abrigo em um corredor entre as barracas, debaixo dos toldos. O doutor Urbina ficou diante dela, debaixo do aguaceiro que mal percebeu.

— Abra a bolsa e olhe para o outro lado, como se não estivéssemos conversando.

— Como assim?

— Abra a bolsa, Blanca. Confie em mim.

Ela cedeu, não muito convencida. Álvaro pegou as drogas no bolso da jaqueta e jogou-as rapidamente na bolsa.

— O que o senhor está fazendo?

— As pílulas brancas são para a dor. São para a senhora. Tome-as depois que ele... e se intuir que vai golpeá-la, tome uma antes. Será menos doloroso. A pomada é para que os hematomas desapareçam mais depressa e a senhora possa sair mais, acho que está mais segura fora de casa do que dentro. O frasco com as cápsulas carmim é para ele. Dissolva o pó em água, é insípido e incolor. Imagino que seu marido seja ocupado, passe o dia dedicado aos seus afazeres e só volte para casa à noite. Dê-lhe isso, ele ficará mais calmo, sem forças, e dormirá. Ele não vai saber, não quero colocá-la em perigo. Não é uma droga que se use muito na farmacopeia europeia, mas talvez salve a sua vida.

Blanca consultou o relógio, preocupada. O descampado se esvaziara em minutos com o aguaceiro, e uma pequena multidão se protegia debaixo das árvores e das barracas. Seu marido estava reunido com o bispo e as autoridades já fazia um tempo.

— Doutor, agradeço o seu empenho, mas está me pondo em perigo. Se alguém nos vir... — Olhou inquieta ao redor.

— Olhe para o outro lado, continue fingindo que não estamos conversando. Ouça, Blanca, estou preocupado, não sabia que o seu esposo era viúvo. Soube no dia do seu casamento, na coluna social do *Diario Alavés* , mas a minha enfermeira me contou que a primeira esposa era jovem, como a senhora, e ia muito ao consultório.

— O que quer dizer com isso de que ia muito à clínica? Todos sabem que morreu num acidente na montanha.

— A única coisa que sei é o que a enfermeira me contou — respondeu o médico, perscrutando o descampado em busca do rastro da mulher e dos filhos. — Não tenho acesso ao histórico médico dessa paciente, mas sei que teve uma fratura nas costelas e outras lesões compatíveis com o que o seu marido inflige à senhora.

Blanca sentiu um calafrio na nuca. Quanta gente sabia daquilo? Sua própria família ocultara isso e permitira que se casasse com um homem tão violento? Seu pai não se preocupava com a vida da única filha?

— São suposições, doutor. Até agora ninguém se atreveu a duvidar dele, que eu saiba.

— Não o defenda. Vai matá-la, um dia desses perde o controle, como com a primeira esposa, e a matará com um golpe.

— E o que posso fazer, hein?

— Já lhe disse da outra vez, e reitero agora, Blanca. Estou aqui, recorra a mim.

Fitou-a, e ela se atreveu finalmente a alçar o rosto e encarar o homem que estava diante dela.

Houve um roçar da mão molhada dele com a mão fina e seca dela. Pela primeira vez em muito tempo ambos sentiram calor.

Depois, o doutor Urbina sentiu um puxão na jaqueta e se virou, afastando-se de Blanca.

— Pai, a mãe está atrás de você. Os caracóis estragaram com a chuva — interrompeu seu filho menor.

Ele notou o olhar de ódio que o menino lançou a Blanca.

Mas não era o único. Às suas costas, sem que eles percebessem, Javier Ortiz de Zárate apertou os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos, num gesto instintivo que nem sempre conseguia dominar, ao ver a mulher debaixo do aguaceiro conversando tão de perto com aquele medicozinho ruivo de aldeia.

10

> Você não vai encontrar o assassino enquanto não descobrir o motivo. E o motivo, caro #Kraken, é sempre pessoal.

1º de agosto, segunda-feira

Eram seis da manhã de segunda-feira, eu tinha sonhado com mais *eguzkilores* do que era capaz de contar e resolvi começar a semana correndo no parque da Florida. Cercado de árvores eu pensava melhor, elas me desanuviavam.

De manhãzinha eu corria com as notas de Ludovico Einaudi nos fones de ouvido. Àquela hora Vitoria era minha, como eu a imaginava. Um lugar tranquilo e seguro, eu cuidava dela, o mal não se espalhava pelos edifícios, um assassino não espreitava crianças, jovens e anciãos. As ruas eram apenas isso: calçadas desertas esperando que o dia raiasse para que os habitantes as percorressem sem medo. Sem tensões, sem incertezas.

O meu obscuro mentor continuava a me enviar tuítes com uma precisão alarmante. Às vezes um, às vezes vários por dia, e o seu monólogo unidirecional era lido por milhares de olhos ávidos por avanços. Avanços que não aconteciam. Avanços que ficavam só nas boas intenções.

Por isso eu precisava pensar, então fui trotando na direção do antigo coreto, uma estrutura octogonal de ferro fundido onde, aos domingos, havia bailes sob o olhar complacente das estátuas imensas dos quatro reis godos.

Encontrei-a ali, alongando-se nas escadas de ferro do coreto.

— Blanca...

— Ismael...

Ia prosseguir na minha rota vegetal labiríntica, mas ela fez um gesto me chamando.

— Explique-me uma coisa — disse com calma, ajeitando a trança preta. — Por que Ismael?

Continuei trotando diante dela, respirei fundo antes de responder.

— Não é óbvio? Porque tento caçar o monstro branco. Por que Blanca?

— Bem — deu de ombros —, é uma variação de Alba.

— Mas não é Alba. Por que a mentira?

— Queria um pouco de anonimato. Acabo de me mudar para cá, não quero ser a subdelegada Salvatierra fora da delegacia.

— Mas foi você quem se apresentou, quem disse o nome, quem perguntou o meu.

— Foi só uma regra de etiqueta. Não podemos ser apenas, nessa hora, Blanca e Ismael?

— Você tem múltiplas personalidades? — indaguei, um pouco chateado.

— Não venha fazer o meu perfil agora. Fica parecendo patológico.

— E é. E não sei se gosto desse jogo. E às vezes vamos nos encontrar, você vai me cortar como tem feito, embarreirar todas as minhas propostas. Prefere me ver no escritório preenchendo relatórios, onde não posso avançar.

— É assim que você se sente comigo?

— Sim, Blanca, ou Alba. É assim. Que diabo está acontecendo? Você não quer caçá-lo? — perguntei, impotente, segurando a grade branca do coreto com mais força do que queria demonstrar.

— Caçá-lo? Você quer dizer detê-lo.

— Como preferir. Mas é como me sinto. Por que não afrouxa um pouco as rédeas e me dá mais liberdade de movimentos? Preciso que confie em mim.

Blanca refletiu por uns segundos que me pareceram eternos e, para minha surpresa, concordou.

— De acordo, não vou ficar em cima de você, mas preciso de resultados. O delegado me chama praticamente a toda hora pedindo resultados, você imagina a pressão que isso representa?

Baixei a cabeça, não tinha enxergado a coisa do ponto de vista dela. Até então só havia visto um muro.

— Mais uma pergunta — disse —, antes que você desapareça trotando em meio às árvores. Por que chamam você de Kraken? Na delegacia dizem que é porque você costuma apertar os suspeitos nos interrogatórios, mas quando perguntei você contou que era um apelido da adolescência.

“Observadora”, pensei.

— A questão dos interrogatórios é uma lenda urbana. É verdade que costumo extrair mais informação que os meus colegas, mas deve ser porque tento abordar as testemunhas e os suspeitos de outras... perspectivas. Não sou muito de manuais. Não gosto da técnica cinética, acho que se fiar só à linguagem corporal dá informações vagas demais e o observador nunca é imparcial, por mais que a gente negue e se ache um bom policial. Sinceramente, penso que é impossível entrar na sala de interrogatório sem uma ideia preconcebida da culpabilidade do sujeito. E a técnica Reid, que supõe aplicar nove pontos rígidos demais, tampouco me atrai. Na prática, uma conversa é muito mais orgânica e imprevisível. Mas tente não acreditar em tudo o que dizem de mim nos corredores. Acredite, não sou um investigador excepcional. E não é bom para ninguém que você deposite muitas expectativas em mim. O caso foi entregue a mim porque estamos diante de uma série, e um especialista em perfis pode ajudar dando outro ponto de vista, mas não sou infalível. De jeito nenhum. Como você vê, deixo escapar um excesso de incógnitas.

— Não é o que diz o seu expediente. E você ainda não respondeu sobre o Kraken...

— Quanto ao mistério de kraken, a verdade é que me puseram o apelido quando era adolescente. Como deve saber, kraken era uma criatura mitológica na antiga Escandinávia, uma espécie de polvo ou lula gigante, até que se descobriu que na verdade eles existem, devido aos corpos que andam aparecendo pelas praias em todo o mundo nos últimos anos. É muito difícil estudá-los, porque vivem nas profundezas, mas espero que você não faça paralelismos com todas e cada uma das minhas palavras. Cresci por partes, como um boneco de Lego com braços, tronco e pernas de tamanhos errados. Houve uma época em que os meus braços eram monstruosamente grandes e compridos com relação ao resto do corpo. Não durou muito tempo, o próximo estirão equilibrou as minhas proporções e o meu corpo virou a máquina perfeita de prazer que você vê agora... — dei uma piscadela para apoiar minha teoria. — Ou talvez esteja inventando tudo isso e simplesmente um amigo bêbado teve a ideia do apelido e o colou em mim, como poderia ter feito com qualquer outro. É difícil passar a vida em Vitoria sem que te batizem com algum nome engenhoso: Arruela, Capacete, Sacamantecas...

— Está certo. Para ser sincera, essa explicação me tranquiliza — disse sorrindo.

— Você ia na direção da Senda? — perguntei. Não queria esfriar nem perder o ritmo da corrida.

— Essa era a ideia, vamos.

Começamos a correr, subindo a Senda, no mesmo passo, sem falar. Apaguei Einaudi: ainda não queria criar recordações, dessas que depois não se apagam e surgem quando você ouve novamente aquelas notas.

— Por que você começou a correr? — perguntei depois de um tempo. — Você usa tênis novos, legging nova, tudo está perfeitamente combinado... Você é novata, é um hobby recente.

Ela olhou para o alto, na direção do túnel verde formado pelas árvores acima de nós.

— Estive grávida por uns meses e quero recuperar o tônus muscular.

Não esperava aquela resposta, cerrei a mandíbula para afastar fantasmas.

— Caramba, não é para menos.

— O que não é para menos?

— Deve estar esgotada com o bebê, com certeza não deixa você dormir à noite. Agora volta ao trabalho e ainda por cima quer estar tonificada. Que idade tem, quatro, cinco meses? — calculei mentalmente. — Deve estar incomodado com os primeiros dentes.

— Não é como você está pensando. Estive grávida até os sete meses. O bebê... não vingou. Foi diagnosticado com osteogênese imperfeita nível dois — disse sem erguer o olhar das pedras brancas, vermelhas e azuis que ondeavam sob os nossos pés.

— Não estou a par da terminologia clínica.

— Meu filho não era viável. A cada dia que crescia, seus ossos se quebravam no meu útero, e ele estava sofrendo muito. Foi feita uma cesárea programada, ele viveu poucas horas. Não aguentei ver o meu ventre, não suporto ainda ter um corpo de grávida. Só que isso não me incomodou durante a gravidez, e não teria me incomodado se ele tivesse sobrevivido. Mas agora... só quero esquecer que o tive e não vê-lo cada vez que tiro a roupa.

De esguelha, olhei para a barriga dela debaixo da camiseta justa de lycra. Era uma dessas pessoas abençoadas com a barriga totalmente plana, extremamente tonificada, um ventre liso, sem curva. O volume da gravidez só ela enxergava, estava na sua cabeça, e não no mundo real.

“Ok, transtorno dismórfico”, pensou o especialista em perfis. “Talvez temporário, espero. Para o bem dela.”

“E isso importa, Unai? Você se preocupa com ela?”, perguntei-me, surpreso com o que descobri.

Pois sim, talvez.

Talvez.

Não deveria, mas talvez.

— Por isso você pediu transferência.

— Meu marido insistiu. Eu estava na delegacia de Laguardia, estava lá há muitos anos, desde os vinte e quatro. Ele trabalha em Vitoria, muitas horas... Sem horário, por que me enganar? Nos encontrávamos à noite, e antes bastava. Mas vivemos muito mal aquele período. Você sabe, esse tipo de coisa une ou separa, e eu não queria que nos separasse. Desde então ele se fechou, ficou estranho. Finge bastante, mas está muito afetado. Agora vivo aqui, não conheço muita gente, não quero que você me ache uma chata, não quero que interprete mal o meu interesse em conversar nas madrugadas. É só que não conheço muita gente.

— É assim aqui em Vitoria — expliquei enquanto dávamos a volta para desandar os nossos passos pela Senda. — Os círculos se formam quando você está na escola; é complicado entrar em um quando vem de fora. É tudo muito endogâmico. Você conhece gente de quinze anos, garotos e garotas, e alguns já estão comprometidos. Uns com outras, outras com uns diferentes... vinte anos depois, você os vê e estão novamente enredados em permutas que não imaginava, ninguém olhou para fora do seu microcosmo para ver se neste vasto mundo haveria outros indivíduos elegíveis como o seu par. Não, isso não acontece nunca em Vitoria. A exogamia é encarada com receio. Quem nasce a mais de cinquenta quilômetros daqui é “forasteiro”, como dizia minha avó. Uma palavra curiosa dos filmes de bangue-bangue que se ouve em todos os povoados alaveses. Passam dois peregrinos pela trilha de Santiago: “forasteiros”, mesmo que sejam de Cuenca. Aparece um comerciante de colchões de Salamanca no seu furgão vendendo colchões de algodão, dos que já não se usam: “forasteiro”, dirão os velhos, dando de ombros.

— Pois parece que agora sou eu a “forasteira” — comentou consultando o relógio. — Mas e você? Li seu relatório médico da alta, continua em luto ou já superou?

— Você me investigou? — indaguei, um pouco incomodado.

— Sou sua superiora, o que você esperava? Disseram que você era muito bom. Dizem que funciona melhor mais solto, que consegue resultados em casos complicados, mas que tinha passado por um momento difícil. Você pode responder? Está totalmente recuperado?

— Claro, olhe para mim. — Parei justamente em cima do desenho de uma concha amarela que assinalava o traçado do Caminho de Santiago por Vitoria. — O que quer de mim?

— Quero saber, quero que me conte com as suas palavras, não através de um informe psicológico e um boletim de ocorrência. Por que se especializou em perfis criminais depois da licença?

Calei, sem vontade de falar, mas não seria legal com ela. Fosse como parceira circunstancial de corrida, fosse como minha superiora imediata, ela tinha se aberto sem anestesia. Eu teria a mesma coragem?

— Por um amigo — admiti finalmente.

— Do que você está falando?

— Do que me fez seguir na Divisão de Investigação Criminal e me especializar em perfis. Foi por uma amizade. Da próxima vez explico, prometo. É o correto. Mas não hoje, não quero falar disso. Preciso me preparar primeiro.

— Está bem, outra vez. É um trato — assentiu. — Por falar nisso, a forasteira prefere que os nossos encontros fiquem à parte; não gostaria de falar de trabalho enquanto corremos, acho que isso nos trará mais tranquilidade mental.

— Concordo — repliquei, embora percebesse que tinha o mesmo ar de preocupação que havia visto no seu escritório. — Mas agora você vai acrescentar que...

— Que em uma hora espero você e a inspetora Gauna no meu escritório. Temos novidades importantes sobre os crimes da Catedral Velha.

— Tudo bem, tenho a impressão de que não vou achar tão ruim essa coisa da troca de nomes — comentei, com um humor melhor.

Na praça da Virgen Blanca nos despedimos com um:

— Ismael...

— Blanca...

Pouco depois, banhado, barbeado e masturbado, peguei a bicicleta rumo ao meu escritório em Lakua.

* * *

Quando cheguei, Estíbaliz e a subdelegada Salvatierra me esperavam, sentadas à mesa, folheando atentamente diversas pastas.

— Temos as identidades das quatro vítimas, Ayala. Como temíamos, as duas primeiras têm vinte anos e as últimas, vinte e cinco — explicou a subdelegada, apresentando-me um relatório com os dados.

— Já temos as autópsias?

— Só as da Catedral Velha. Ambos morreram por asfixia causada pelas picadas de mais de uma dezena de abelhas. Não há agressão sexual em nenhum dos casos, nem pistas, vestígios de cabelo ou fibras. Só temos a composição dos restos do adesivo da fita de empacotar de polipropileno que o assassino, ou os assassinos, usou para tapar a boca de ambos. Era um adesivo acrílico, tão comum que não há como rastrear sua origem. Pelo visto, esse tipo de adesivo é o mais comum e se encontra praticamente em todas as casas. Qualquer um pode comprá-lo nas lojas de materiais de construção e em grandes redes, como a Leroy Merlin do Boulevard. Há outro dado interessante: ambos foram injetados no pescoço com uma variante líquida de flunitrazepam, cujo nome comercial mais conhecido é Rohypnol, isso lhes diz alguma coisa?

— A droga do estupro — adiantou-se Estíbaliz. — Há anos não há desses casos no país.

— Ainda bem — acrescentei.

O Rohypnol era um sedativo vinte vezes mais potente que o Valium, e que nos anos setenta ficou famoso em Miami pelo efeito que provocava quando misturado com álcool. Tinha muitos nomes: boa noite Cinderela, roipi, Valium mexicano...

— Isso é muito interessante — opinou Estíbaliz. — Havia Rohypnol também no sangue do garoto de quinze anos de um dos crimes anteriores, dessa vez misturado com álcool.

— Aproveito para informar, subdelegada — intervim —, que o relatório da autópsia da menina de quinze anos foi extraviado. Ele poderia ser determinante para resolver os novos crimes, diante do aspecto que o caso está adquirindo. Questionamos Ignacio Ortiz de Zárate sobre isso, e aparentemente ele não deu importância ao assunto. Aconselhou-nos a procurar Pancorbo, que cuidava do caso com ele.

— Façam isso, reúnam-se com Pancorbo e listem todas as dúvidas sobre o caso antigo, ele é o testemunho mais confiável que temos daqueles acontecimentos.

— Estou de acordo — retruquei, mas era mentira.

Ainda não tinha analisado Pancorbo. Quando falei com Ignacio, tive a impressão de que ele quis insinuar que o seu parceiro era mais do que aparentava.

— E os nomes das novas vítimas? — indaguei, mudando de assunto.

— Todos coincidem no primeiro sobrenome alavês composto — explicou. — Patronímicos como Martínez, López, Fernández, Sánchez e o toponímico correspondente a um povoado de Álava.

— Quer dizer que o assassino segue as pautas dos crimes de vinte anos atrás — resumi.

— Não completamente — interveio Estíbaliz. — Mudou a arma do crime.

— E um pouco mais, Gauna. Este assassino também assina com os *eguzkilores* — interpus, sondando a sua reação.

— Ainda não sabemos se é uma assinatura — negou categoricamente.

— É um elemento pagão, folclórico, ou como queira chamá-lo, que se repete nas cenas dos crimes porque o assassino os colocou de propósito ao redor das vítimas e não era necessário para cometer os assassinatos. Essa é a definição de *assinatura* nos manuais. Não esqueçamos que o detalhe ainda não vazou na imprensa. Na verdade, é um dos maiores indicadores de que estamos diante da mesma pessoa ou, ao menos, de alguém que tem relação com o assassino anterior.

— De qualquer modo — interrompeu a subdelegada, num tom conciliador —, é óbvio que essa série de assassinatos apresenta um elemento inexplicável à primeira vista: parecem obra do mesmo assassino, que está preso, então não pode ter sido ele, ao menos materialmente.

— É verdade — concordei.

— Então vamos passo a passo — prosseguiu. — Comecemos pela moça de vinte anos: Enara Fernández de Betoño, estudante de oftalmologia na Universidade Complutense de Madri. O pai possui uma ótica de certo renome na rua San Prudencio há quase trinta anos. Trata-se de uma família muito conhecida em Vitoria, pelo que disse a legista. A moça trabalhava na ótica do pai atendendo no balcão quando vinha passar férias, como nas últimas semanas. Não se destacou como boa estudante, mas não tinha

problemas com a justiça nem com drogas, embora o relatório toxicológico aponte antidepressivos no seu sangue, além do Rohypnol. É preciso confirmar se o pai sabia disso. A mãe está a caminho. Pelo visto estava de viagem pelos Estados Unidos, intuo que com o namorado. Falem com amigas, amigos, parentes... quero saber sobre ela e também se conhecia a outra vítima, se eram um casal. Ou se havia algum tipo de relação entre eles. Quero saber por que o assassino escolheu justamente ela.

— Onde morava? — perguntei.

— Na casa da família, no andar acima da ótica, na rua San Prudencio.

— Que fácil — comentei.

— O que você quer dizer?

— Que se o assassino queria matar jovens vitorianos com sobrenome alavês composto, não perdeu tempo olhando censos e bases de dados: a ótica já tem o sobrenome do dono. Só faltou uma perseguição de alguns dias para saber se tinha uma filha daquela idade trabalhando com ele. Eles vivem na zona de pedestres do centro; não precisou nem segui-la de carro para averiguar a sua rotina e os horários de entrada e saída. Foi assassinada no dia em que toda a juventude de Vitoria estava nas ruas, ninguém estava em casa. Provavelmente interceptou-a ao sair.

— Acha que pode ter sido alguém conhecido? — indagou Estíbaliz.

— Sim, ou era um sedutor ou, no mínimo, alguém que não provoca medo e transmite confiança. Se fosse uma mulher, seria mais fácil imaginar que a vítima a acompanhasse ou entrasse num carro, mas começo a duvidar disso ao ver o porte do jovem de vinte e cinco anos assassinado na Casa del Cordón. De qualquer modo, quem entra no carro de um desconhecido aos vinte anos?

— Em Vitoria, ninguém — decretou minha parceira.

Estávamos de acordo.

— Acho que os atrai para subirem num carro qualquer, injeta o sedativo quando ficam à vontade e, uma vez fora de combate, os leva para fora de Vitoria — prossegui —, talvez tenha uma casa ou uma cabana num povoado próximo, onde pode estar tranquilo, sem testemunhas. Não podemos esquecer que possui abelhas vivas ou tem acesso a elas, e liberdade, ou suficiente intimidade, para manipulá-las. É difícil fazer isso em Vitoria. Ele aproxima a gasolina da boca para deixar as abelhas agressivas, talvez as deixe trancadas num frasco ou recipiente com tampa, talvez use uma vestimenta de apicultor para se proteger, introduzir as

abelhas na boca e tapá-la com fita adesiva; depois, obstrui o nariz com a mão e em poucos minutos eles morrem asfixiados. Depois os despe, recolhe todos os objetos pessoais, leva-os ao carro e os deixa no cenário histórico escolhido previamente por aludir à cronologia da história de Vitoria. Coloca-os no eixo noroeste, com as mãos nessa posição tão característica, antes que venha o *rigor mortis* . É uma pessoa muito rápida, executa tudo com precisão. Talvez leve muito tempo ensaiando ou planejando os movimentos, visitando antes a Catedral Velha, a Casa del Cordón. É impecável, usa luvas, é camaleônico e pode se fazer passar por um operário da Fundação da Catedral de Santa María ou um funcionário da Obra Social da Caixa Vital, sem chamar a atenção.

— Os dois perfis se parecem bastante — opinou Estíbaliz.

— Ou pode se fazer passar pela senhora da limpeza — interveio a subdelegada —, as possibilidades são mais amplas. Não se prendam à primeira opção mais óbvia. Esqueci de dizer que amanhã será o funeral e o enterro de duas das quatro vítimas no cemitério de Santa Isabel, com uma diferença de hora e meia. Agora, passemos ao garoto de vinte anos...

— Em Santa Isabel? — perguntei surpreso. — Nunca fui a um enterro nesse cemitério. Achava que há décadas não havia enterros em Santa Isabel, sempre fui ao de El Salvador.

— As duas famílias possuem panteões comprados há quase um século — explicou Alba. — Nesses casos, a Prefeitura de Vitoria permite que sejam enterrados lá.

Nesse momento, Pancorbo entrou no escritório, depois de bater educadamente na porta.

— Acaba de chegar um tal de Peio, jovem que diz ser o namorado de Enara Fernández de Betoño, diz que quer contar algo muito importante sobre o crime.

Cruzamos olhares em silêncio.

— Faça-o entrar — ordenou a subdelegada Salvatierra. — Inspetores, espero que possam extrair algo útil.

— Está no meu escritório, tive de acalmá-lo, está muito nervoso — explicou Pancorbo.

— Certo, acompanhem-no. Vejamos o que tem para contar.

* * *

Encontramos o rapaz, com seus cento e vinte e cinco quilos, abraçado à caixa de lenços de papel sobre a mesa de Pancorbo. Chamava a atenção não só pelo volume, mas também porque tinha sardas em toda a superfície visível da pele, como se alguém tivesse pulverizado melanina no seu corpo e no rosto redondo. Tinha o cabelo preto crespo dividido em duas cascatas simétricas amassadas e brilhantes que iam até os ombros e balançavam a cada soluço. As calças de camuflagem lhe chegavam ao meio das pernas e vestia uma camiseta preta com uma imagem enorme de Walter White cozinhando metanfetamina, o protagonista de *Breaking Bad* , talvez o seu herói.

— Olá, Peio — adiantei-me —, disseram que você quer falar conosco.

— Você é Kraken? — perguntou, depois de dois soluços seguidos.

— O mais importante é que você nos diga o que veio contar — atalhei tomando assento. — A primeira coisa é dar os pêsames pela perda de Enara. Era sua namorada?

— Sim, fazia um ano — respondeu na defensiva. — E daí? Não posso pegá-la, era bonita e rica demais para um cara como eu?

— Ninguém disse isso. Na verdade, adoro os contrastes — interveio Estíbaliz, conciliadora. — Não queremos tomar o seu tempo, Peio. Conte.

— Os pais de Enara andam enrolados numa separação. Há três semanas a mãe foi embora com o novo namorado, ou com o antigo namorado, não sei muito bem.

— Tente, porque estou perdida — disse Esti, com um sorriso cúmplice.

— É que faz um mês que a mãe de Enara foi a uma dessas reuniões de antigos alunos, coroas como ela que se reencontram depois de vinte anos de formados em colégio de ricos, essas coisas.

— Entendi, que colégio era?

— O Marianistas, acho.

— Você tem certeza?

— É, era o Marianistas. A coisa é que ela encontrou o namorado de vinte anos atrás, e eles se apaixonaram novamente. Era um cara muito boa-pinta, bem mais que o pai de Enara, que é um sujeito metido, insuportável e esquisito.

— O oculista é esquisito? — perguntei. — Em que sentido? Explique.

— A casa está repleta de globos oculares de animais em formol, tudo muito elegante, digno de revista. Ele adora falar, para quem queira ouvir, que gastou uma nota naquelas besteiras. Faz cara de entendido e diz que as

antiguidades médicas valem muito no mercado de colecionadores... Babaquices, é um sujeito difícil de tratar.

— O que aconteceu depois da reunião de ex-alunos?

— A mãe de Enara tomou coragem e finalmente abandonou aquele marido estúpido e foi viver com o novo namorado.

— Sabe o nome dele?

— Gonzalo Castresana, acho.

— Certo, e o que isso tem a ver com a morte da sua namorada?

— Que Enara ficou fascinada com o padrasto, tanto que enfiou na cabeça que ele era o seu verdadeiro pai, e não o oculista. A coisa encaixa, porque a mãe e Gonzalo não negaram. Pelo visto, o oculista se meteu na história de amor e pouco depois foram obrigados a casar e nasceu Enara, há vinte anos. Aí começaram os problemas. Enara tinha terminado as provas de oftalmologia na Complutense, voltou para a casa dos pais, mas a mãe tinha acabado de ir embora para viver com Gonzalo. Ela e o pai sempre se deram mal, ele é muito mandão, um velho das antigas: obrigou-a a estudar oftalmologia, e ela odeia o assunto, bem, odiava.

— Não queria ser oculista?

— Você viu as anotações? — retrucou com uma careta.

— Não, não vi.

— Enara passava o dia agoniada, tinha dificuldade para passar nas matérias. Era muita física e química, e o pai a pressionava dizendo que seria lindo continuar seu legado de oculista de referência em Vitoria.

— Mas a sua namorada tomava alguma coisa? — quis saber Estíbaliz.

— Não entendi a pergunta.

— Vou perguntar de outro modo — disse ela. — Foram achados traços de antidepressivos no corpo dela, mas também de outras substâncias, digamos, fora da lei. Não vamos incomodá-lo com isso. O que você contar fica aqui e não vai constar em nenhuma declaração oficial, mas, pelo bem da sua namorada, preciso que não minta. Talvez você me considere uma velha, mas pode crer que também já vivi a noite e sei como é. Está tudo bem, não vou julgar você, mas essa informação é importante para achar o assassino da sua namorada. Ela usava drogas?

— Não, nunca. Era uma santa, muito certinha. Pergunte às pessoas com quem convivia: todos dirão que era superlegal. Confiava demais, obedecia demais... Até umas semanas atrás, quando enfrentou o pai pela primeira vez na vida.

— Você sabia dos antidepressivos?

— Sim, era coisa do pai também. Ele pagava a uma psicóloga. Dizia que estava deprimida e os antidepressivos a ajudariam, mas na verdade fazia aquilo para que ela focasse na carreira e começasse a cuidar da ótica com ele o quanto antes.

— Como o pai reagiu ao abandono da mulher?

— É aí que eu queria chegar. Ele é um doido maldito: às vezes era superviolento com Enara, mas sempre dentro de casa, claro... Às vezes era tão tranquilo e frio que ela temia que ele estivesse tramando alguma coisa. Aquilo era um campo de batalha, todo dia gritando ao celular, o pai perseguindo a mãe e Gonzalo... No final, eles saíram de viagem para manter distância até as coisas se acalmarem e deixaram Enara em casa com esse louco.

— Pelo que você descreve, parece que ele se comportava como um bipolar.

— Isso: muito bipolar, esse cretino é muito bipolar.

— Uma última pergunta, Peio: como o seu sogro tratava você?

— O que você acha? Ele queria um riquinho para ela, não um gordo sem estudos e ferrado que nem eu.

— Você trabalha?

— Claro, sou o encarregado de cortar o gramado do campo de golfe de Urturi desde os dezessete anos, com muita honra.

— Legal, cara. Meu respeito a um garoto que, na sua idade, se vira e vai atrás de trabalho — elogiei. — Voltando à sua visita, você quer dizer que acha que o pai tem algo a ver com a morte da sua namorada.

— Claro que tem a ver! — explodiu em soluços. — Foi ele! A coisa dos outros garotos mortos foi para despistar e para que ligassem aos crimes do dólmen e essas coisas. Se forem à casa dele verão um circo de horrores. Tem até bisturis do século XIX.

— Calma, Peio. Tome — disse Estíbaliz, entregando-lhe um pacote de lenços que trazia no bolso da calça, ao ver que ele tinha acabado com os de Pancorbo.

Ele assoou o nariz várias vezes enquanto esperávamos pacientemente que se acalmasse para seguir falando.

— No dia anterior a São Tiago, Enara anunciou que ia viver com a mãe e o novo pai quando eles voltassem dos Estados Unidos. Ela estava morta de medo, e o oculista ficou tranquilo demais, como se não tivesse escutado

ou não quisesse dar o braço a torcer. Era quando ela mais tinha medo. Naquele domingo íamos nos ver à tarde para tomar uns drinques e tal, mas a última vez que soube dela foi de manhã, falamos ao celular por volta do meio-dia. Depois disso, não soube mais dela. Não veio à tarde, não atendeu mais o celular. Quando vi que estava atrasada, liguei, e ele estava desligado. Tínhamos combinado às sete. Lá pelas nove, já bem chateado, fui à casa dela e toquei, mas ninguém respondeu.

— Onde tinham marcado de se ver?

— Na *Boceta* . Quer dizer, naquela escultura do buraco na General Loma, junto à praça da Virgen Blanca.

— *La mirada* , Peio. O nome é *La mirada* — corrigi sorrindo.

Não havia como as pessoas em Vitoria chamarem a escultura de outra maneira. Era um bloco vertical de cinco metros e meio, de mármore cinza, que tinha um orifício de onde se avistava a estátua da Virgen Blanca e também a minha casa.

— Bom, mais uma coisa que aprendi. O fato é que voltei diversas vezes à... escultura, para ver se ela vinha. Liguei para as amigas dela, mas era dia de sair com os namorados, ninguém a tinha visto. Às doze cansei de andar pelas ruas e voltei para casa. Passei a noite no quarto, ligando e enviando mensagens, vejam. — Tirou um celular maltratado, com a tela quebrada, onde havia uma lista interminável de mensagens unidirecionais.

— Ninguém acusou você, Peio — alertou Esti, como uma mãe que consola uma criança.

— Nunca se sabe, com a pinta que tenho. Sei que a polícia sempre suspeita do namorado, já vi várias vezes na televisão.

— Relaxe, Peio. Você não se encaixa no perfil do assassino — retruquei, como se ele fosse um confidente e não um garoto assombrado pelas circunstâncias.

— Ah, não? — surpreendeu-se.

— Posso lhe garantir.

— Fico contente, porque estava com medo de que o pai dela me acusasse, mas quem bate primeiro bate duas vezes, e prefiro que ouçam primeiro a minha versão, por isso vim — explicou, visivelmente mais relaxado.

— Fez bem. O que aconteceu depois, no dia de São Tiago? — continuou Estíbaliz.

— Na manhã seguinte, li sobre os crimes no Twitter, ninguém falava de outra coisa, até comprei o jornal. Fui correndo à casa dela. A ótica estava fechada, porque era feriado, e falei com o pai dela pelo interfone. Perguntei por Enara, disse a ele que não sabia onde ela estava, e ele nem se alterou; como se não se importasse, não se preocupasse, controlador do jeito que é. Pedi a ele que abrisse a porta, porque não era legal falar daquilo pelo interfone, mas ele se negou, então falei dali mesmo que desde o dia anterior não sabia nada da filha dele. Que devíamos ir à polícia e fazer a denúncia, senão íamos parecer suspeitos.

— Você disse isso a ele? — interrompeu-o Estíbaliz.

— Sim, quer dizer, é o que se diz nas séries, né? — murmurou, dando de ombros. — O oculista disse que o pai era ele, que tomaria as providências, eu não era ninguém para ir à polícia, que não me metesse nos assuntos da família. É um cretino... Era a filha dele, e ele nem se alterou por ela ter passado a noite sumida. Sabia que tinha acontecido alguma coisa ruim. Enara não ia sozinha nem ao banheiro feminino. Bem... acho que já contei tudo. Quando irão prendê-lo?

Estíbaliz e eu nos entreolhamos por um segundo. Depois ela foi até a porta.

— Acho que você trouxe um material muito interessante para a investigação. Gostaria que deixasse o seu número de celular, endereço e como podemos encontrá-lo se precisarmos de alguma outra informação. Mais uma vez, muito obrigada, Peio.

O garoto se levantou arrastando a cadeira, olhou sem ver a mesa de Pancorbo, que ficou deplorável com tantos lenços de papel úmidos, e sorriu com seus olhos diminutos, irritados pelo choro.

— Foi um prazer, principalmente se pegarem esse esnobe.

Acompanhei-o até a saída, observando-o de soslaio. Queria averiguar se o seu sofrimento era real ou se tinha encenado um capítulo de *CSI* . Mas não vi nada naquele garoto que me levasse a suspeitar que fosse capaz de matar quatro pessoas da sua idade, mais ágeis, mais altas, e que tivesse executado toda a delicada parafernália daqueles crimes só para jogar a culpa num sogro exigente demais.

Quando voltei ao segundo andar, entrei no corredor e abri a porta do escritório da minha parceira.

— Impressões? — sondei.

— Diria que foi sincero. É um pouco esquisito, mas...

— Um pouco? — sorri, arqueando uma sobrancelha.

— Tá certo, é o maldito rei dos esquisitos, e não combina com uma garota de classe média como Enara. Talvez esse tenha sido o primeiro ato de rebeldia dela. Mas acho que essa casa devia ser um barril de pólvora prestes a explodir.

— O que mais chama a atenção no seu testemunho é a falta de reação emocional do pai possessivo ao saber que a filha passou a noite desaparecida — declarei, apoiando-me na mesa. — Não encaixa, não encaixa de jeito nenhum. O normal é que tivesse corrido à delegacia para fazer a denúncia; inclusive teria sido normal que nos pressionasse para investigar o namorado dela. Você pode ver a ficha da denúncia de desaparecimento de Enara?

— Tudo bem, subo e vejo isso. Fique aqui — disse, e subiu as escadas para ver os registros.

Minutos depois voltou, com o espanto estampado no rosto.

— Isso está estranhíssimo, Unai. A denúncia do desaparecimento de Enara Fernández de Betoño foi a última a chegar. Você se lembra da loucura que dominou os pais de Vitoria, que houve uma enchente de umas trezentas denúncias logo de manhã? Pois procurei, e a dela não está entre elas. Foi feita na sexta-feira passada, 29 de julho. Quase uma semana depois de aquela filha sensata desaparecer.

Trocamos olhares em silêncio. Era como nos dávamos ânimo quando sabíamos o que vinha pela frente.

— Vamos num carro normal, leve a arma, Esti — alertei-a, olhando na direção da casa da vítima. — Acho que vamos ter um encontro muito interessante com o papai oculista.

11

SAN ANTONIO

A maldição do investigador: ter a solução diante de si e não vê-la #Kraken, o assassino é arrogante. Você já deve tê-lo conhecido.

1º de agosto, segunda-feira

— Como foi o fim de semana, Estíbaliz? — sondei-a enquanto íamos em direção à rua San Prudencio.

— Bem — comentou distraída.

— Você e Iker conseguiram adiantar os preparativos?

— Sim, flores e ramos. Passamos o fim de semana negociando entre as gérberas laranja e os copos-de-leite, que estão acima do orçamento. — Ela suspirou, entediada com o tema. — Estamos nessa fase.

— Ah... flores e ramos — repeti.

Desci do carro assim que estacionamos na rua transversal à ótica. O prédio dava para a rua San Prudencio, mas a entrada era pela San Antonio.

Fomos até a porta e tocamos no número que indicava o relatório. Ninguém atendeu o interfone. Insistimos diversas vezes antes de nos darmos por vencidos. Ou não estava no apartamento ou não queria ver ninguém naquela manhã, o que, em todo caso, era compreensível.

— Vamos à ótica, talvez tenhamos mais sorte — propôs Estíbaliz.

Entramos na loja, onde um empregado de jaleco branco, a cabeça em forma de lâmpada e uma careca brilhante e bronzeada apressou-se, solícito, a nos atender.

— Queríamos falar com o dono — falei observando ao redor.

Não havia rastro dele. Só outras três pessoas, atendendo clientes, mas nenhum homem de sessenta anos que correspondesse ao perfil de Antonio Fernández de Betoño.

— Se são da imprensa, temos ordens de não atendê-los. Compreendam que é um dia muito difícil para o nosso patrão — explicou o careca abaixando a voz.

— Não somos da imprensa — retruquei. — Na verdade, somos da polícia. Poderia nos dizer o paradeiro dele?

—— Da polícia? — repetiu, engolindo em seco. — Bem, claro. Então acho que posso dizer. Na verdade, ele passou a manhã subindo e descendo do depósito da ótica para o apartamento, com muitas caixas.

— Caixas? — interrompeu Estíbaliz.

— Sim, caixas grandes vazias, das que nos trazem os fornecedores como Luxottica ou Safilo com os pedidos de armações. O depósito está cheio, sempre falta espaço.

Acontecia com algumas pessoas: assim que nos apresentávamos como policiais, ficavam nervosas e soltavam informações que ninguém tinha pedido. Às vezes eram irrelevantes, só ruído, outras eram brindes inesperados na forma de pacotes de informação que nos teriam custado muito esforço obter.

— Podem chamar à porta, ele mora no segundo andar. Talvez hoje não abra ou não responda, mas podem ter acesso ao patamar indo por uma porta no depósito. Entrem, se quiserem.

Guiou-nos, solícito, sob o olhar espantado dos outros empregados.

Esti e eu nos entreolhamos e o seguimos em silêncio.

Adentramos a escuridão do depósito, um cubículo estreito e comprido repleto de estantes com estojos de óculos de todas as cores e formas. Ele tirou um molho de chaves do bolso do jaleco e abriu uma porta de alumínio branca que, de fato, dava para a escada de incêndio do prédio.

— Se precisarem de algo mais, de qualquer coisa... — disse ele, e apresentou um cartão de visita.

— Muito bem, Luis — respondi, apertando sua mão. Ele a segurou com demasiada força, com aquela segurança falsa que se aprende nos cursos de venda. — Se precisarmos de mais informações, entraremos em contato.

— Puxa-saco — sussurrou Estíbaliz assim que ele deu as costas.

— Com empregados assim, quem precisa de inimigos? — Pisquei um olho para ela enquanto subíamos as escadas. — Então, o oculista está aqui e não quer abrir para ninguém.

— Deixe-o comigo, estou ficando com vontade de conhecer o elemento.

— Não se precipite, Esti. Está bem?

— Hum... — Foi a resposta dela.

Quando chegamos ao segundo andar, Estíbaliz tocou a campainha e pegou o distintivo.

— Divisão de Investigação Criminal, sabemos que está aí. Queremos fazer umas perguntas de rotina — avisou, alçando a voz através da sólida porta de nogueira.

Encostei o ouvido e ouvi vários golpes. Depois, para nossa surpresa, um homem de uns sessenta anos, de bigode grisalho e grosso, abriu a porta com uma expressão serena que não esperávamos.

— Entrem, não pensei que viriam tão cedo.

— Desculpe que nos apresentemos nessa hora, devemos estar incomodando. Será só por uns minutos — disse, estendendo-lhe a mão. — Inspetor Ayala, essa é a inspetora Gauna. Em primeiro lugar, queremos lhe dar os pêsames pelo falecimento da sua filha.

— Vamos conversar no meu escritório, se quiserem — respondeu tranquilo, indicando que o seguíssemos por um corredor interminável com ilustrações de detalhes anatômicos oculares do século XIX.

O escritório estava forrado de títulos de cursos e mestrados de oftalmologia, contactologia e treinamento visual; lembrava um consultório médico. Havia instrumentos antigos nas estantes e uma coleção horrível de frascos de vidro com globos oculares de diversos tamanhos em formol.

— É a minha coleção de olhos de vertebrados — respondeu satisfeito, ignorando a minha cara de horror. — Naquela prateleira tenho vermes, insetos, moluscos... É a coleção mais completa da evolução do olho que existe na Europa.

— O senhor gosta de cronologias? — indagou Estíbaliz, contemplando um olho de lula.

— Digamos que gosto de colocar as coisas em ordem — respondeu, sentando-se na cadeira que presidia o escritório e convidando-nos com um gesto.

— E tem olhos de abelhas?

— Não suporto esses antófilos, sempre acabam me picando.

— Como?

— Antófilos, "que amam as flores" — explicou. — É o verdadeiro nome desses insetos tão incômodos. A palavra *abelha* é a sua denominação comum.

— Obrigada pela lição — agradeceu Estíbaliz, embora eu não tivesse certeza de que ela não soubesse aquilo. — Nos disseram que tem também uma coleção de instrumental cirúrgico.

— Sim, bisturis, lancetas, seringas de metal... Tenho peças resgatadas em Pompeia, medievais, da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, uma réplica da gravura do instrumental egípcio do templo de Kom Ombo...

Abriu a gaveta direita da imponente mesa de nogueira e vestiu um par de luvas azuis de cirurgião. Pegou um pequeno bisturi com cabo de madrepérola e o mostrou como se fosse uma onça de ouro.

— Alguns desses instrumentos ainda conservam restos de sangue, o que encarece muito a peça no mercado de antiguidades. Imaginem, sangue de uma pessoa do século XIX? Este tipo de detalhe me fascina.

Estíbaliz me lançou um olhar furioso. Eu a conhecia, estava se irritando com o sinistro discurso do oculista.

— Vamos falar da sua filha — interrompeu-o.

— Sim — disse ele num tom neutro —, já estava me encarregando disso.

— Encarregando?

— De deixar tudo em ordem. Acompanhem-me ao quarto dela. É o que faz a polícia, visitar o dormitório das vítimas, não é mesmo?

Fomos em silêncio pelo corredor longuíssimo. Antonio não tirou as luvas azuis de látex, como se estivesse acostumado a usá-las por longos períodos. Observei que a porta do banheiro estava semiaberta, e depois ele se deteve diante de um par de portas iguais. Estíbaliz fez um gesto de abrir uma delas, e ele a deteve com a mão enluvada.

— Não, aqui, não! — subiu o tom. Acho que foi a única vez em que o vi alterado desde que entramos no apartamento. — O quarto da minha filha era esse.

"Com que rapidez assumiu o *era* ", anotei na minha lista mental. Os pais levam dias para se corrigir e começarem a se referir aos filhos mortos no passado.

Abriu a porta e vimos um estrado e um colchão sem lençóis nem colchas, estantes vazias presas na parede e as portas dos armários abertas de par em par, com os cabides vazios. Era a imagem da desolação. Não sei por quê, mas senti um calafrio nos pelos da nuca, como se a Foice tivesse acabado de passar pelas minhas costas para se certificar de que tinha terminado seu trabalho.

— E os pertences dela? — consegui perguntar no tom mais profissional que pude.

— Não lhe fazem mais falta. Isso é óbvio — deu de ombros. — Acho que vou redecorar o quarto, tirar as estantes e trazer umas vitrines para colocar a minha coleção de olhos.

— Certo — disse Estíbaliz, travando a mandíbula. — Passemos às perguntas: sabe se a sua filha conhecia um tal de Alejandro Pérez de Arrilucea? Era o rapaz que estava ao lado dela quando encontraram os cadáveres. — Ela tinha lido de cima a baixo o curto relatório da subdelegada Salvatierra a caminho da ótica.

— Não tenho ideia. Vocês têm filhos?

Negamos com a cabeça, embora o meu "não" fosse parcial.

— Pois não tenham — disse peremptoriamente.

— O senhor concordará que é uma opinião muito radical — saltei, tentando me manter neutro.

— É apenas um conselho bem-intencionado. — Tirou as luvas e as guardou no bolso traseiro das calças vincadas. — Sabem, se algum dia tiverem filhos, o seu centro de gravidade se deslocará, as suas prioridades darão voltas como uma meia, e passarão anos fazendo o melhor que podem. Depois, a criatura crescerá, se entreolharão e descobrirão que são dois desconhecidos que, na verdade, não sabem nada do que se passa na cabeça um do outro, e não serão capazes de imaginar o quanto podem se machucar mutuamente. Não é preciso lancetas; algumas poucas palavras bastam para destruir vinte anos de confiança.

— Refere-se à decisão da sua filha de apoiar a mãe e o seu novo companheiro? Por isso está tão magoado com ela, porque duvidou da sua paternidade? — intervim.

— Por que pergunta se, pelo que vejo, já está informado?

— Gostaríamos de conhecer a sua versão — repliquei, num tom conciliador.

— Não tenho uma versão. Tenho apenas um quarto vazio que gostaria de começar a redecorar agora mesmo, se não se incomodam de me deixar em paz.

— Entenda, estamos fazendo nosso trabalho. Não lhe importa que detenhamos quem fez isso com a sua filha?

— Sinceramente, nesse momento estou reorganizando as minhas prioridades. Insisto, poderiam ir embora, por favor? Vai ser um dia muito duro, e acaba de começar. Como chefe de família, tenho que me encarregar dos trâmites práticos que implicam o falecimento de uma filha.

— Claro, já estávamos de saída. Posso usar o banheiro? — adiantei-me.

— Não tem outro lugar onde...?

— É só um momento — interrompi-o. — Na porta da frente, não é?

E saí do cômodo frio antes de dar-lhe a oportunidade de me expulsar dali a pontapés.

Fechei o trinco da porta do banheiro e examinei o piso. Quando passei pelo corredor, achei que tinha visto uma coisa na sombra projetada pela banheira.

Agachei-me, tirei a minha luva de látex do bolso interno da jaqueta e o peguei: um rolo de fita adesiva de plástico.

— Certo, o que faremos com você? — falei comigo mesmo, observando a possível prova.

Tinha a opção de levá-la e informar o oculista, mas tinha a impressão de que ele ainda poderia nos dar mais informações, embora não parecesse muito disposto a falar da filha, e eu não queria colocá-lo de sobreaviso. Também podia levá-la sem dizer nada, mas se a estivesse usando quando tocamos a campainha e a tivesse jogado rapidamente no banheiro, como suspeitava, seria a primeira coisa que ele iria pegar assim que fôssemos embora, e eu queria que ele continuasse o que estava fazendo.

Acabei optando por arrancar com cuidado cinco centímetros da fita, guardá-la num saquinho de provas, puxar a descarga, abrir e fechar a torneira e sair do banheiro o quanto antes.

O oculista e a minha parceira me esperavam com expressões sérias no umbral do apartamento, com a porta aberta.

— Obrigado por tudo, Antonio. Se quiser nos contar alguma coisa, sabe onde nos encontrar — disse, estendendo-lhe a mão mais uma vez.

— Eu sei, eu sei. Agora vão me desculpar... — Alisou o grosso bigode grisalho com um gesto que me pareceu de impaciência mal reprimida.

Pegamos o elevador em silêncio e nos entreolhamos no espelho.

— É ele — sussurrou convencida.

— Ainda não sabemos.

— Não é uma reação normal — insistiu, cruzando os braços.

— É, sim: está em negação. É a primeira fase do luto, por mais estranho que pareça. Você já viu isso mil vezes nas formações, e há documentação de sobra de casos semelhantes ao que acabamos de ver.

— Não desse jeito tão brutal. Não é normal, Kraken. Ele eliminou quaisquer traços da vida da filha horas depois de se inteirar da morte dela.

Quem faz isso?

— Um pai acostumado a controlar tudo e que nas últimas semanas viu a mulher abandoná-lo por um ex-namorado dos Marianistas e a filha pedir-lhe uma prova de paternidade para depois aparecer morta e nua na Catedral Velha?

— Não entendo você — criticou, desfazendo e refazendo o rabo de cavalo —, não o acha suspeito? É organizado, maníaco, meticuloso, fascinado pelo lado patológico da morte, maneja instrumental cirúrgico... Encaixa no perfil de psicopata que você vem traçando desde o início. E tem um motivo, Unai. Tem um motivo: pode ter matado a filha por ódio dela, porque não podia continuar controlando a família, ou para fazer mal à ex-mulher. Já vimos isso: é como age, é como atua um assassino. Toda a parafernália dos crimes rituais é para desviar a atenção, disfarçar a filha como mais uma vítima dos crimes duplos da Catedral Velha e da Casa del Cordón.

Mas os meus pensamentos já estavam focados em assuntos mais urgentes. Todos aqueles argumentos... não havia como demonstrá-los sem algo sólido.

— Vamos ficar no carro, faremos vigilância até ele sair. Se passou a manhã transportando caixas e as escondeu tão bem que não as vimos no apartamento, aposto que é porque as leva até o carro pela garagem. Ligue para Lakua e veja que veículos estão em seu nome.

— Você acha que ele vai levar as caixas agora? — perguntou Esti quando saíamos pela entrada da San Antonio.

— Depois precisa se encarregar do funeral e virão os parentes. Acho que o momento de se desfazer de tudo é agora.

Pouco depois, enquanto vigiávamos a saída da garagem, Estíbaliz recebeu as matrículas dos dois veículos do oculista: um Audi A4 prateado e um furgão Mercedes Vito branco.

Duas horas depois de esperar em silêncio, ela rompeu a trégua.

— Unai, vou sair. Vou sair porque já é uma da tarde e não comi nada de manhã. Vou entrar no perretxiCo e comer alguma coisa, trago algo para você? De qualquer modo, não há muito o que fazer. Se não sair agora, duvido que sai...

— Psiu... — gesticulei. — Vamos.

Por fim saiu um furgão branco com vidros traseiros escuros e a placa coincidente com os dados que tínhamos. Ela esperou para deixar uma

distância de vários metros e começou a segui-lo.

O veículo se encaminhou para a saída sul de Vitoria, e o nosso carro o seguiu por menos de um quilômetro. Estíbaliz dirigia concentrada, e eu tinha muitas coisas em que pensar.

— Esti, você e eu continuamos cobrindo um ao outro? — perguntei à queima-roupa.

— Por que pergunta isso agora?

— Não me importa que você minta sobre o que fez no fim de semana. Eu também não lhe conto tudo, mas... você está me dizendo tudo sobre esse caso?

— Não estou entendendo, Kraken. Fala logo, tá? Eu não sou de rodeios, nem você.

— Bom, isso me poupa muitos circunlóquios. Esti, por que não me disse que o apelido do seu irmão é Eguzkilore?

Observei sua expressão enquanto me ouvia, mas ela era boa naquilo.

— Vamos nos poupar de que eu agora me enfureça porque você desconfia da minha família, você me explica que não se trata de uma simples casualidade e que o meu irmão é suspeito.

— Não, não quero poupar você, quero falar com você e que me rebata.

— Rebater o quê, Unai? — subiu o tom.

— Que o seu irmão tem a cabeça repleta de assuntos pagãos, que gerencia um herbolário e é muito provável que saiba preparar uma infusão de veneno de teixo, que é fascinado por outros assassinos em série, como o Sacamantecas, desde a mais tenra infância, que passou a vida entre colmeias e sabe manipulá-las perfeitamente...

— Como vou rebater isso? É verdade, como também é verdade que tem antecedentes por posse de drogas. É aí que você quer chegar?

— E por tráfico, Estíbaliz. Também tem antecedentes por tráfico.

— Tudo bem, por tráfico também. Mas está reabilitado. Isso faz dele alguém mais suspeito que um vitoriano médio?

— Estatisticamente, sim, mas não é isso que o torna suspeito. Você não pode ignorar tantos indícios. Para não falar do Rohypnol. Não seria fácil para ele ter acesso a essa droga e conhecer as suas consequências?

— Unai, reconheço que Eneko é muito peculiar, mas você realmente acha que está falando com a irmã de um assassino em série?

— Olhe, por enquanto não vou comentar nada com a subdelegada, mas vou conversar com ele. Não será você, e não vai avisar o seu irmão, pois

estaria obstruindo a investigação e seria afastada do caso.

— Só se você contar. Como começou essa conversa...? Ah, é: você perguntou se ainda nos cobríamos mutuamente.

— Eu faço isso, Esti: acredite, eu faço, sei que você está passando um momento difícil com o Alzheimer do seu pai, imagino que o Hierb... que Eneko, embora não me desperte muita simpatia, também esteja afetado por isso. Mas preciso fazer umas comprovações, do mesmo modo como você faria se o meu irmão, Germán, fosse suspeito. Só quero descartá-lo e esquecê-lo, tá legal?

— Você não enxerga que esse homem é mil vezes mais suspeito? — disse, assinalando com o queixo o furgão branco que ia uns cem metros adiante.

Ele tinha começado a diminuir a velocidade, e Estíbaliz fez o mesmo.

— Estamos trabalhando nisso, Esti. Quem dera fosse ele e essa sangria terminasse. Mas só enxergo um pai em negação, talvez seja um cretino na vida familiar, é verdade, mas me parece exagero pensar que seja capaz de assassinar outros três jovens para despistar que o seu único objetivo era matar a filha e montar uma imitação perfeita dos crimes de Tasio em tão poucas semanas.

— Acho que vamos tirar as dúvidas agora mesmo — disse ela.

O furgão saiu da estrada de Peñacerrada e contornou o aterro sanitário de Gardelegi, onde iam parar os resíduos dos vitorianos. Vários urubus sobrevoavam em círculos os montes de lixo enquanto os caminhões municipais rasgavam as tripas sujas da cidade.

— O que ele está fazendo? — comentou Estíbaliz, seguindo o furgão.

— Acho que tenta entrar na parte mais antiga do lixão, a que está abandonada.

O furgão por fim se deteve, centenas de metros diante de nós. Nosso carro ficou semiescondido antes da última curva que nos separava dele.

Antonio Fernández de Betoño desceu do furgão, abriu as portas traseiras e começou a descarregar caixas grandes quadradas de papelão marrom. Com as costas, empurrou uma pequena porta de emergência junto à vala enquanto carregava uma caixa e, para nossa surpresa, a porta cedeu e se abriu.

Tirei do porta-luvas os binóculos Konus que usávamos para vigilância e acompanhei os passos dele no local.

— O que está vendo? — perguntou Estíbaliz, frustrada. — Não consigo distinguir nada daqui.

— Ele abriu a caixa e está atirando no lixo o que havia lá dentro: roupas, sapatos de salto...

— Está se desfazendo de provas, Kraken. Precisamos detê-lo agora — apressou-me, abrindo a porta do carro para sair.

— Não, espere!

Todas as caixas tinham logos de óticas, eram as que o funcionário tinha dito que ele levara para o apartamento de manhã. Mas o nosso suspeito tinha voltado ao furgão e agora descarregava caixas menores. Eram diferentes, pretas, não parecia que pudessem acomodar muitos objetos pessoais. Queria saber o que havia dentro.

— Unai, se você não o detiver, vou eu — apressou-me Estíbaliz. — Em dois minutos.

— Não estou de acordo, inspetora. É mais inteligente esperar e ver o que ele pretende descartar, não se pode deter ninguém só por isso.

— Inspetor Ayala! — falou, furiosa — Um minuto e quarenta segundos.

Concentrei-me nas caixas menores, que ele manipulava com pressa, absorto.

— Não são caixas! — exclamei. — São arquivos de escritório. Ele entrou no recinto novamente, está indo para a vala.

— Bem, então vamos lá ver.

— Espere! Nossa! Está jogando...

— O quê?

— Parecem recortes antigos de jornal.

Estíbaliz arrancou o motor e acelerou até onde o oculista estava estacionado. Agora estávamos visíveis.

Ele se sobressaltou quando nos viu surgir e tentou correr para o furgão, mas ela freou e saltou do carro.

— Alto, polícia! — gritou.

Minha parceira sacou a HK, a semiautomática de 9 mm, e apontou para a cabeça dele. Eu a conhecia bem e sabia que não cogitava disparar, mas ele fez bem em alçar os braços. Nas práticas de tiro trimestrais, ninguém a vencia quando estava focada. Tinha um olho certeiro e nunca errava a mira.

Antonio Fernández de Betoño ficou imóvel, suando e tremendo até no bigode.

— Não disparem! É só um delito ambiental, não mereço um tiro por isso.

— Melhor ficar quieto, o juiz é quem vai decidir — disse ela, sem deixar de apontar para ele.

Corri para a vala, vesti uma luva e peguei do chão os recortes de jornal em tom sépia que ele tinha jogado ali quando tentou fugir.

Os recortes eram do crime duplo do dólmen, do povoado de La Hoya, do Valle Salado... Todo o material dos antigos crimes, mas também recortes recentes da próxima soltura de Tasio Ortiz de Zárate.

Fui até ele e mostrei os recortes. Ele assentiu e baixou a cabeça, num gesto de derrota.

— Antonio Fernández de Betoño, vamos confiscar todo esse material e pedir que nos acompanhe à delegacia. O senhor está detido como suspeito da morte da sua filha e de Alejandro Pérez de Arrilucea.

12

O ANEL VERDE

> Você já está no primeiro umbral, no mundo mágico ou, o que é o mesmo, no cérebro do assassino, com as regras dele, #Kraken

1º de agosto, segunda-feira

O suspeito estava algemado e esperava na sala de interrogatórios na sede de Lakua. Com a testa franzida, Estíbaliz olhava fixamente pelo vidro do corredor. Antonio Fernández de Betoño parecia estupefato com a detenção, mas conservava a peculiar serenidade que tanto irritava a minha parceira.

Fitava as algemas com curiosidade, como se fossem um dos seus instrumentos cirúrgicos do século XIX, como quem tenta entender seu mecanismo de abertura e ir embora dali com aquela calma exasperante.

— Deixe-me sozinho com ele, Estíbaliz.

— Não, ele é meu. Você não está convencido de que seja ele, vai ser frouxo.

— Você está falando comigo, Estíbaliz. Comigo. Se esse sujeito for culpado, garanto a você que o farei soltar tudo, mas você não vai lhe dar nenhuma opção. Está obcecada demais, reconheça.

Ela fez um gesto de impotência e cravou os olhos castanhos em mim. Às vezes a coisa pegava, como naquele dia.

— Não tem nada a ver com você ir atrás do meu irmão, se é o que está pensando.

Neguei com a cabeça, com a testa apoiada no vidro, sem deixar de observar o oculista.

— O que você e eu pensamos não vai mudar a realidade de quem fez isso. E agora... Deixe-me entrar sozinho na sala de interrogatório. Com você ele vai se fechar, desde o início você foi muito hostil. O perfil dele é muito apático, não vai ser fácil...

"Não vai ser fácil."

Ela assentiu silenciosamente com a cabeça, e entrei na sala.

— Estamos aqui para que esclareça alguns detalhes, então vou direto ao ponto — disse, sentando-me diante dele. — Não consigo entender a besteira que acaba de fazer. Se queria se desfazer dos papéis, podia tê-los queimado.

— Era a minha intenção — respondeu fitando-me nos olhos. Era estranho, os culpados de assassinatos nunca encaram, a menos que sejam desafiadores, e não era o caso. — A primeira parada era em Gardelegi para jogar a roupa, as más recordações da minha filha. Para mim eram lixo. Depois, ia pegar a estrada até Treviño, conheço um lugar onde se podem fazer fogueiras e churrascos. Supus que segunda-feira pela manhã não haveria ninguém, mas por ser agosto não podia garantir que não haveria grupos acampados e, sinceramente... estava cansado de tudo e não queria que a família e os empregados sentissem a minha falta por muito tempo. Por isso tentei me livrar daqueles recortes, sabia que se revistassem a minha casa e os encontrassem seria muito difícil explicar aquilo nas mãos do pai de uma das vítimas.

— Tente.

Girou as mãos algemadas e contemplou as unhas, como se esperasse encontrar algo incomum nelas. Depois deu um longo suspiro. Estava elaborando uma resposta; ou era mentira ou tinha relação com um passado remoto demais para ele, e teria de fazer um esforço para recordar.

— Fiquei obcecado com o caso vinte anos atrás — rompeu o silêncio finalmente. — Um dos recém-nascidos assassinados no crime duplo do dólmen da Chabola de la Hechicera era filho de um amigo. Sumiu do berço na Clínica Vitoria. Foi muito traumático para todos. Pouco depois nasceu minha filha. Tínhamos o mesmo plano de saúde e o mesmo médico, eles nasceram na mesma clínica. Eu estava em pânico de que ela fosse sequestrada e o assassino fizesse o mesmo com ela. Todos os que tínhamos filhos estávamos assim. Lia tudo o que era publicado, como todos, caramba. Não sei por que guardei isso, acho que sou um pouco Diógenes, tenho dificuldade de me desfazer do que coleciono.

— Precisa me dar o nome do seu amigo, para corroborar sua história.

— Quando quiser. Ele não gosta de falar nisso, sabe como são os homens. Agora está separado, não superaram aquilo.

— Digamos que acredito no senhor — obriguei-me a continuar —, agora preciso que me dê um bom álibi de onde estava no dia 24 de julho. O

namorado da sua filha diz que a última vez que falou com ela foi no começo da tarde, por volta de uma hora.

— Estava na sede da minha *cuadrilla* de *blusas* veteranos. Fizemos comida, comemos, bebemos um pouco, jogamos trinca e saímos para dar uma volta lá pelas oito da noite.

— Pode me dar uma lista das pessoas que estavam lá? É fundamental para que permaneça aqui ou vá para a sua casa.

— Se me der uma caneta ponho um ponto-final nisso agora mesmo. Amanhã é o funeral da minha filha. Ninguém deve saber que me trouxeram aqui, sabe como é esta cidade.

Eu o observava, tentando penetrar naquela mente com os poucos dados que a sua linguagem corporal me fornecia. Mas não havia sinais de dissimulação, acho que ele nem temia ser detido oficialmente; estava em outro mundo, com outras preocupações. Que a polícia pensasse que era o assassino era algo circunstancial, estava desconcertantemente preocupado em ser apontado como culpado.

Naquele momento, Estíbaliz entrou, lançou o olhar urgente que eu conhecia, então me desculpei formalmente e saí da sala.

— O delegado está furioso. Quer nos ver — sussurrou, como se o suspeito pudesse nos ouvir.

— No meio do interrogatório? — protestei.

— Agora!

Fomos ao terceiro andar, ao escritório com a melhor vista. O delegado Medina e a subdelegada nos esperavam muito sérios. Eu desconhecia o motivo de tanta sisudez.

— Pode-se saber por que diabos estão interrogando Antonio Fernández de Betoño? — alfinetou.

— É nosso trabalho, senhor. O namorado da vítima se apresentou esta manhã e falou da sua suspeita de que o pai fosse o culpado dos assassinatos. A inspetora Gauna e eu fomos à casa dele, comprovamos a sua versão dos fatos e, ante sua conduta suspeita, o seguimos até o aterro sanitário de Gardelegi, onde tentou se livrar de recortes de jornais sobre os crimes duplos de vinte anos atrás.

— E isso o torna culpado? Pelo amor de Deus! — bufou, desabotoando o blazer e afrouxando o nó da gravata.

— Simplesmente precisamos comprovar o seu álibi: diz que esteve do meio-dia até a noite com sua *cuadrilla* de *blusas* veteranos. Assim que ele

me der os nomes...

— Claro que ele esteve, inspetor Ayala! Claro que esteve! É um dos meus melhores amigos, não nos separamos desde que entrou na cozinha e vestimos o avental para preparar um robalo ao forno. Façam o favor de soltá-lo, e discretamente! Esse homem não merece o que estão fazendo com ele; faz pouco tempo que informamos sobre o falecimento de Enara, quer dizer, da filha dele. Quero que sejam proativos, mas não cometam outro erro de julgamento como esse. Foquem nos suspeitos que se encaixam realmente no caso. E parem de perturbar as famílias das vítimas! Não podemos nos equivocar desse modo, estamos sob os holofotes da imprensa internacional, qualquer erro vai parar nas manchetes de todo o mundo. O nosso gabinete de comunicação está lidando como pode com *Le Monde* , o *Washington Post* e até com o *Sunday Telegraph* , da Austrália. Quero avanços, inspetores, e não disparates como o de hoje. Podem ir.

Nós três saímos dali em silêncio. Estíbaliz tinha um ar de derrota.

— Vou dizer ao oculista que pode ir para casa.

Assenti com o olhar.

— Inspetor Ayala, acompanhe-me ao meu escritório — pediu a subdelegada Salvatierra.

Avancei em silêncio pelo corredor. Tinha a impressão de que todos nos olhavam de soslaio: os agentes, outros inspetores... Sentia-me como um peixe dourado no aquário. Uma atração estranha e fascinante.

— Feche a porta.

— Com prazer, subdelegada — respondi, bloqueando a visão de vários colegas que ao passar olharam disfarçadamente para dentro do escritório.

— Não preciso dizer que isso não pode se repetir. Não podem trazer suspeitos sem um motivo de peso — repetiu as palavras do delegado enquanto se sentava. — De *mais* peso — esclareceu.

Naquele dia ela tinha deixado solto o cabelo escuro. Ficava bem assim, parecia mais jovem, e achei-a bem mais atraente do que podia me permitir. Ainda assim, me perdi por uns segundos com aquele detalhe.

— Totalmente de acordo — assenti, e me forcei a me concentrar.

— Está concordando como se faz com os bobos? — inquiriu, talvez surpresa porque eu estava manso demais.

— Absolutamente. É só que nunca achei que esses crimes fossem circunstanciais, por isso o oculista não encaixa como assassino. Insisto,

uma vez mais, que a chave de tudo está nos gêmeos. Precisamos parar de nos distrair e começar a investigá-los.

— É sobre isso que eu queria falar com você. Liguei para a diretora da penitenciária, e ela insistiu que o preso não tem privilégios nem acesso à internet, tanto ele como o restante dos detentos. Ante o meu argumento de que está em contato com alguém de fora que escreve tuítes em seu nome, disse que com uma ordem do juiz poderia limitar as visitas que recebe. Sem isso não seria legal, pois atentaria contra os seus direitos.

— Que impressão lhe causou?

— Foi muito correta, mas acho que, por algum motivo, ela o protege. Seja como for, a verdade é que por essa via não podemos fazer nada. Então, vamos tentar por outros meios. Há dias pedimos que fechassem a conta de @scripttipsfromjail por intermédio da Seção Central de Delitos em Tecnologia da Informação da corporação. O serviço de atendimento do Twitter respondeu favoravelmente, dando instruções sobre a documentação jurídica que se deve apresentar nesses casos, mas informou que o processo pode demorar semanas.

— Está perdendo tempo — comentei. — Mesmo que seja fechada, não servirá para muita coisa.

— Por que diz isso, inspetor?

Como me chateava que me chamasse de "inspetor", caramba!

— Porque Tasio, ou o seu cúmplice, usa a *hashtag* #Kraken, e a ideia se alastrou pelas redes sociais. Todo mundo que quer comentar algo sobre os crimes duplos está usando isso. Impossível impedir. Não se pode pedir ao Twitter que anule todos os tuítes com essa *hashtag* . Se fechassem a famosa conta, Tasio se comunicaria com seus seguidores e abriria outra conta usando essa *hashtag* . Com poucos tuítes os convenceria de que é dele. Poderíamos fechar a segunda conta, e a terceira, mas, como disse, esse processo leva semanas. As coisas sempre estarão mais adiantadas. Como diria o meu avô, não se pode pôr diques no mar nem portas no campo. Acredite, não acho a menor graça em ter o nome Kraken nas telas dos celulares de Vitoria e do país, mas depois entendi a jogada. No terreno das redes sociais, simplesmente não podemos ganhar. O que se sabe do IP de onde o e-mail foi enviado?

— Más notícias também. O pessoal da informática ainda está trabalhando nisso, mas dizem que não dá para rastrear.

“Não dá para rastrear, ok. Se não houver remédio, terei que recorrer a ela.”

— Tasio tem um bom hacker à disposição, pelo que entendo.

— Sim, é isso. Na verdade, entende muito bem — retrucou, encarando-me com aqueles olhos escuros.

Queria me insinuar algo mais? Quem estava no comando era Alba, ou Blanca queria fazer um ato de presença naquele escritório trancado? Forcei-me a olhar a sua aliança, que não ficava bem na mão dela. Ao menos aquela.

— Precisa me autorizar a falar outra vez com Tasio Ortiz de Zárate. Há muitas chaves do caso que ele parece disposto a compartilhar. Não devemos desprezar essa linha de investigação.

— Sabe que temo que ele o manipule.

— Isso não ocorrerá e, mesmo que ocorresse, farei um relatório detalhado das conversas em cada visita. A inspetora Ruiz de Gauna me conhece bem, e quero que ambas me monitorem. Se alguma coisa no meu comportamento as fizer pensar que o detento está me atraindo para o seu terreno ou que apresento sintomas da síndrome de Estocolmo, simplesmente suspenda a minha comunicação com ele. Prometo obedecê-la.

Nunca havia me exposto daquele modo a um superior. Por algum motivo, confiava que suas costas largas aguentariam o peso dela e o meu.

Alba adotou uma atitude séria e estalou os dedos ao tomar a decisão.

— Está bem, fale com o centro penitenciário e peça uma visita hoje mesmo. Vamos ver se traz algo que nos faça avançar na investigação.

— Acho que hoje mesmo conseguirei averiguar algo — retruquei, consultando o relógio. — Peço licença, mas fiquei de ver umas pessoas ligadas aos gêmeos há vinte anos. O próprio Ignacio me deu os nomes, então não espero surpresas. Porém, quero formar uma imagem mais precisa de como eram. Quem são agora... — suspirei — ... acho que começo a ter um plano.

— E o que são agora, Ayala? Compartilhe comigo.

— Agora são dois homens fortes, contrariados com o destino que lhes tocou há duas décadas, e que, à sua maneira, sobreviveram ao tsunami, inteligentíssimos e muito hábeis. Lembra-se da frase de Jeremy Irons em *Perdas e Danos* ?

— “As pessoas feridas são perigosas, porque sabem que podem sobreviver” — dissemos em uníssono.

— Puxa, não achei que... — comentei, coçando o pescoço.

— Que eu a conhecesse? Nunca teve uma subdelegada cinéfila?

— Reconheço que não havia tido esse prazer. — Levantei-me para me obrigar a quebrar o feitiço. — Preciso ir.

Fazia calor ali dentro, muito calor.

— Claro. Boa tarde, inspetor.

* * *

Meia hora depois, para minha surpresa, me esperava uma mulher gravidíssima, empurrando um carrinho de bebê com uma criança de um ano. Era um dos últimos nomes que Ignacio havia listado, e eu estava interessado em conhecer um ponto de vista feminino sobre o universo dos gêmeos.

Eu a tinha investigado um pouco. Pelo visto, era filha do antigo chefe de Dermatologia do Hospital de Santiago e no momento era uma das que disputavam o cargo.

Aitana insistira por telefone que nos encontrássemos em algum ponto do anel verde de Vitoria, uma espécie de corredor de parques que circunda a cidade e que todos usavam para passear, pedalar ou correr.

Tínhamos escolhido Zabalgana, a oeste, um bosque-ilha com lagoas, riscado por trilhas e muito discreto.

Aitana tinha uns quarenta anos e era um pouco obesa, com uma circunferência maior do que a esperada numa gravidez; tinha o cabelo artificialmente louro e alisado com chapinha, o rosto bronzeado artificialmente e não parava de fumar, com o cigarro preso entre dois dedos muito tensos que sempre apontavam para o céu limpo daquele dia, formando o sinal da vitória.

Apresentei-me com duas palavras e começamos a caminhar entre carvalhos e zimbros enquanto ela, nervosa, tentava acalmar o menino no carrinho.

— Ele se chama Markel, os meus pais o criam. É que passo muitas horas no hospital e quase não o vejo. E não gosto de crianças — disse, como quem se desculpa, soprando uma nuvem de fumaça no filho.

— Entendo — comentei.

Reconheço que a testemunha — uma médica grávida, com aquele desapego e fumante — me deixou um tanto desconcertado: embora de longe se notasse a sua classe e formação, algo não encaixava, como se estivesse muito afetada por dentro.

— Ignacio avisou o pessoal que um investigador iria nos telefonar. Se estiver de acordo, faça as perguntas que preparou e eu respondo. Acho que o menino está com fome. Se continuar chorando desse jeito terei de levá-lo à minha mãe para que o alimente.

— Compreendo — suspirei, retesando a mandíbula. — A senhora faz parte do grupo de Tasio ou de Ignacio?

— Mais do grupo de Ignacio. Fomos namorados por uns meses, quando tínhamos dezoito anos. Nós três éramos do mesmo círculo social, mas sempre me dei melhor com Ignacio.

— Como eles eram?

— Ignacio era um cavalheiro. Tasio pintava e bordava a seu bel-prazer, era muito atrevido, principalmente mais tarde, quando começou a ficar famoso com os programas de televisão. Tasio era muito promíscuo, todas as moças de Vitoria ficavam atrás dele quando íamos aos bares de Cuesta, podia passar cada noite com uma. Na verdade, era o que fazia. Depois... depois havia as lendas urbanas com o assunto dos gêmeos.

— Lendas urbanas? — perguntei. Para minha sorte, Aitana parecia muito disposta a falar deles, como se tivesse passado anos amordaçada.

Caminhávamos tranquilamente pela pequena trilha, procurando sombra entre as árvores e a vegetação fresca que rodeava a pequena lagoa onde as libélulas se perseguiam no ritual de acasalamento.

— Sim, lendas eróticas urbanas. Diziam que eles gostavam de gêmeas, que em cem quilômetros ao redor todas tinham passado pela cama de Tasio. Trios, camas redondas com Tasio e Ignacio... A coisa é que desde criança sempre se divertiram enganando as pessoas com a sua semelhança física. Trocavam de sala de aula, Ignacio me contou. Os professores cansaram desses jogos nos Corazonistas e os separaram de turma. Para eles foi terrível, como uma ofensa, eles se consideravam siameses. Ignacio me contou que, quando isso aconteceu, aos dez anos, ele não conseguia imaginar passar muitas horas separado do irmão, não achava aquilo fisicamente possível, ficou perturbado e passou semanas doente, vomitando e com febre, e o médico não sabia que diagnóstico dar aos pais.

“Depois, outra vez Tasio teve uma ideia para tirar proveito daquilo. Estudavam só a metade das matérias. Nos dias de prova, trocavam identidades e cada um fazia a prova duas vezes. Tinham milhares de truques: pediam para ir ao banheiro na hora combinada, mudavam o distintivo escolar com o nome de cada um e voltavam para a sala de aula do irmão, faziam a prova e trocavam identidades novamente. Eles gostavam de levar isso ao extremo, e no grupo estávamos acostumados com essas brincadeiras. As pessoas se cansavam de serem enganadas, mas eram eles, ninguém os detinha, eram intocáveis. O pai era um dos empresários mais ricos de Vitoria, e em casa sempre nos diziam para tratá-los bem, não perder a amizade deles e convidá-los para os aniversários. Meus pais ficaram muito orgulhosos quando comecei a sair com Ignacio. Socialmente era o máximo a que se podia aspirar na cidade.”

— Que recordações guarda deles?

— De Tasio, as que todos têm. Que era um calhorda egocêntrico e, além disso, no fim das contas, estava louco e gostava de matar crianças. De Ignacio, que foi duríssimo ter de entregar o seu gêmeo. Foi horrível. No grupo, nós o apoiamos como pudemos, mas o assunto era tabu, como costuma ocorrer nesta cidade. Fala-se de tudo, menos do importante. Nunca do importante. As mães nos educam com esse papo de “Pela paz, uma ave-maria”. O que, basicamente, quer dizer olhar para o outro lado e calar como um covarde. É o que fazemos, o que fazemos bem. Voltando a Ignacio, depois veio a coisa da televisão. Todos ficamos surpresos. Ele era mais para tímido, um falso extrovertido que se esforçava socialmente para estar no nível que o irmão lhe exigia. Mas Ignacio se tornou o novo herói, todos o paravam na rua com respeito. Assumiu um pouco a personalidade de Tasio, porém mais comedido. Sempre foi um cavalheiro, como eu disse. Não ficamos amigos íntimos quando a nossa relação acabou, mas estamos no mesmo círculo de amigos há mais de vinte anos, então ainda nos vemos semanalmente, em jantares e coisa e tal.

— Entendo — assenti quando chegamos ao final do caminho que dava na cidade. — Só queria ter uma ideia de como era o ambiente social do grupo dos gêmeos. Agradeço a sua disponibilidade. Aqui o meu cartão. Fique à vontade para me ligar caso se lembre de algo mais... e boa sorte no parto.

* * *

Depois de comer um sanduíche no Rincón de Luis Mari com minha cunhada, Martina, e oxigenar um pouco a mente com os seus casos sobre separações, peguei o carro para ir à penitenciária de Zaballa.

Tasio me esperava do outro lado do vidro, na sala três. Um funcionário penitenciário com o olhar fixo em algum ponto que eu não enxergava escoltou a porta dessa vez.

— Já era hora — disse a voz rouca, arrastando as palavras debaixo do bigode em U invertido. — Fez o dever de casa?

— Entendo que fizemos as pazes desde a última vez que nos vimos? — sondei.

— Estamos condenados a nos entendermos, Kraken. Você voltou a esta sala, portanto, precisa de mim para alguma coisa. E eu, insisto, preciso que você resolva o caso, daí o meu empenho diário em guiá-lo na direção certa — expôs num tom conciliador que eu não conhecia.

— Você se refere aos tuítes que me envia e todo o país lê, além de muitos estrangeiros?

— Aham.

— O que entende exatamente por investigação discreta? Não lhe ensinaram isso no curso de criminologia a distância?

— Você está chateado — disse, com um meio sorriso.

— Posso mudar de humor, e seria bom para você se eu avançasse na direção correta, como disse.

— Do que você precisa? — indagou fitando suas unhas amareladas de nicotina.

— Você tem seguidores, admiradores que lhe escrevem há vinte anos.

— Foi o que lhe disseram? — sorriu, soltando fumaça na diagonal, em direção ao chão. Aquilo o lisonjeava, gostava de ter reconhecido o status de estrela.

— Fale-me de todos eles.

— Não temos tanto tempo — respondeu, já imbuído do papel de ídolo.

Aquilo simplesmente me cansou.

— Tasio, você se ofereceu para colaborar, estou dando espaço para que tenha um minuto de glória nas redes sociais. Vou explicar por que quero que me fale dos seus admiradores: há pontos em comum, elementos coincidentes entre os crimes de que foi acusado e os de agora. Isso significa que é o mesmo autor, ou que ele teve acesso à investigação de vinte anos atrás, ou que você forneceu dados do julgamento a alguém, que

está imitando o primeiro assassinato para incriminá-lo novamente. Acorde, Tasio, está acontecendo outra vez, é real. Se não encontrarmos o suspeito, a opinião pública e meus superiores continuarão tendo você na mira. Você tem muito a perder. Não se trata de um jogo de poder entre nós. Eu estou fora, você está dentro. Você tem inteligência de sobra para parar de se exibir para mim.

Por uns instantes nos enfrentamos com o olhar. O suficiente para que ele cedesse em silêncio.

— Está bem — disse por fim, apagando a metade de um cigarro num dos cinzeiros. — O que quer exatamente?

— Entregue-me as cartas que guardou de todos os que entraram em contato desde que você chegou aqui. Seria um bom começo para que eu continue a visitá-lo e confie em você. Não importa quantos tuítes escreve por dia, posso ignorá-los, você não tem um poder real, posso fazer de você uma voz clamando no deserto. Você entende isso, não é?

— Você sabe que sim. Darei as cartas, para mim são uma piada. Vou lhe entregar todas.

— Acha que é possível resgatar alguma coisa no meio desse lixo?

— A maioria é pirada, gente tarada pelo crime, *borderlines* sociais. Não me juntaria com eles na rua nem que me pagassem. Mas você está fazendo seu trabalho, eu faria o mesmo.

— Certo.

— Kraken... — falou depois de um silêncio, com um gesto inquieto — ... isso está ficando pior.

— Do que você está falando?

— Quanto mais tardarem em pegá-lo, mais difícil vai ser se antecipar ao cenário. Já estamos na Idade Média tardia: pelo que entendo, restam vários candidatos na Amêndoa Medieval. Mas a coisa ficará ainda pior quando chegarem ao século XIX: quanto mais se aproximar do presente, mais vestígios haverá em Vitoria dessas épocas, mais cenários para escolher, e chegará o momento em que não vai ser possível antecipar nada.

— Isso o preocupa?

— Quero sair, merda! — subiu o tom. — Quero sair, e você vai encontrar o modo de me empurrar o morto outra vez. Você está cego? Esta semana começam as festas de Vitoria, dessa vez ele está sujando os nossos rituais, os nossos costumes, você não percebe? As festas vão ser uma sangria desatada.

“Não, Tasio, espero que você não tenha razão.”

— Diga uma coisa... — interrompi-o. — Fique calmo, por favor. Calmo você assusta mais.

Olhou-me como se fosse me arrancar as tripas a dentadas, um olhar intimidador, dos que povoam os pesadelos recorrentes.

— Qualquer coisa — cedeu finalmente.

Armei-me de coragem. Tinha nadado de boia em boia, mas estava diante de um tema tabu. Tudo ou nada.

“Adiante, Kraken.”

— E se tiver sido seu irmão quem montou essa cilada para você? Não me diga que não pensou nisso nestes vinte anos. Virou criminologista, se obcecou com o caso, passou duas décadas numa cela analisando tramas, motivações, suspeitos, perfis. Não estará tentando me dissuadir do mais evidente? Não seria normal que você tentasse fazer com seu irmão o que ele fez com você? Não seria normal que me dissesse “Foi ele, tinha inveja de mim. Era policial, plantou as provas, conhecia os relatórios, manipulou-os”? Ignacio poderia ter feito isso, tinha tudo ao seu alcance. Tudo para indiciá-lo. Diga-me que não o ameaçou, que não jurou vingança para quando saísse da cadeia. Diga-me que Ignacio não deve temer que você saia agora e que vocês se vejam cara a cara lá fora, sem câmeras, sem grades.

Recuperei o fôlego, observei sua reação. Tasio era uma estátua de sal.

Continuei pressionando, teria uma catarse ali mesmo ou era cedo demais para Tasio desmoronar?

— Diga-me que não pensou que pode ter sido ele da outra vez, que quer incriminá-lo justamente agora para que não saia. Que encontrará um modo de fazer parecer que você é o mentor. Você está se arriscando com os ataques de hackers e sua conta no Twitter, lança a ideia de que é um demônio onipresente e ubíquo que manipula pessoas lá fora que fazem coisas por você. Diga-me, Tasio, se for verdade que há vinte anos alguém armou uma cilada, quanto tempo acha que tardará em manipular novamente a opinião pública para fazer você parecer culpado outra vez? De verdade, você não pensou nem por um momento que pode ter sido seu próprio irmão, o qual está muito bem em Vitoria sem você?

Permaneceu em silêncio, evitou o meu olhar. Fumou um cigarro com uma lentidão exasperante. Estava a ponto de me erguer da cadeira de plástico preta quando voltou a falar.

— Você tem irmãos, Kraken?

— Não finja, você sabe o meu apelido de adolescente. Também sabe se tenho irmãos.

"Deixe Germán fora disso, Tasio. Você ainda não me conhece no modo camicase."

— Mas não são gêmeos idênticos.

— Não, não somos.

— Então não pode compreender o que o meu gêmeo e eu temos. Não tem nada a ver com o sentimento fraterno que pode unir Germán e você.

— Você disse o nome dele.

Reprimi a raiva que me subia pela mandíbula. Não gostava que os meus fossem ameaçados veladamente: meu avô, Germán e Estíbaliz eram intocáveis.

Sagrados.

Inegociáveis.

Estavam fora do baralho. Aquele jogo não lhes tocava.

— Sabia que ia falar disso. É o meu modo de mostrar a você que estou na dianteira. Deixe-me prosseguir.

— Ilumine-me.

— O que quero deixar claro, e é muito importante que você entenda, é que aqui não vamos falar do meu gêmeo, nem do que ele e eu temos pendente para quando eu sair da prisão. É muito particular, o que houve entre nós vamos acertar entre nós. Somos os únicos habitantes de um planeta que você não está autorizado a visitar, nem você nem ninguém. Quero que fique claro, porque não falaremos mais disso. Se quiser investigá-lo, faça-o. Cumpra com o seu dever, achei que o faria. Mas não vou lhe dar um só motivo para investigá-lo.

"Ou talvez você seja tão pirado que tudo o que fez tenha sido exatamente para chegar a este ponto: que eu pense que é minha a iniciativa de investigá-lo, que eu o considere culpado, e não você, porque uma vendeta da sua parte seria evidente demais."

— Está bem,Tasio, está claro. Agora quero que vá à sua cela e recolha toda a correspondência que recebeu. Seria útil se pudesse adiantar meu trabalho dando-me a sua própria lista de suspeitos. Priorize os mais prováveis, mas não se esqueça de nenhum. Que o seu contato no Twitter lhe dê também a lista das contas que mais interagem, dos comentaristas

mais veementes... tudo o que diga ao seu instinto que, por trás, há um sujeito gravemente avariado.

Na verdade, a conta de Tasio era um perfeito papa-moscas, apesar do incômodo que estava sendo a minha paulatina perda de anonimato por causa da maldita *hashtag* . Por isso não tinha insistido com a subdelegada para fechá-la. Se o assassino fosse uma pessoa vaidosa, estaria rondando tudo o que se publicava sobre os crimes e a investigação.

— Você tem influência nesta instituição. Vou entregar a petição das cartas dos seus admiradores, agilize a coisa. Estamos às vésperas da grande explosão, sabe disso tão bem quanto eu.

— É um prazer que você fale a minha língua. — Sorriu finalmente.

— Nos vemos logo, Tasio — despedi-me levantando-me. — Desta vez você é quem tem dever de casa para me dar.

* * *

Eu devia ter saído da penitenciária, mas ainda não tinha acabado. Ainda precisava reunir informações, e sabia que a via oficial não seria de grande ajuda. Então, com um ar estudadamente despreocupado, me aproximei de um funcionário da guarita de entrada.

— Eu já ia embora, mas antes queria cumprimentar Jose Mari, sabe se a essa hora ele está na lanchonete?

— Vá lá ver.

Dizer "Jose Mari" em Álava era nomear dez por cento da população acima dos quarenta e cinco anos. Não tinha erro.

Fui ao prédio que o funcionário indicou e entrei na sala onde o pessoal se reunia para um café ou para comer alguma coisa. Às cinco da tarde não havia muita gente. Do balcão, distraído, observei os grupos e me decidi por um funcionário solitário, fino como um barbante, que estava terminando uma lata de refrigerante e fitando a televisão no alto, o som desligado.

Os agentes penitenciários não eram boa fonte de informação. Não costumavam nos contar nada. Na penitenciária, independentemente do lado das grades em que você estiver, a pior coisa é ser dedo-duro. Não é bem-visto. Sabia que devia tentar uma abordagem mais criativa.

Esperei que viesse ao balcão para pagar e o interceptei.

— Sabe se há uma máquina de café aqui? — perguntei. — O garçom não me dá a mínima.

Ele ergueu a cabeça, distraído com o celular.

— Você é novo aqui? Não tinha visto você antes.

Registrei vários detalhes em dois segundos: sem aliança de casamento, foto no celular de uma moça bonita, jovem, pela idade poderia ser a filha ou uma sobrinha, mas não era. Muito menos pela pose.

— Não trabalho aqui, ainda não. — Sorri. — Vim fazer uma permuta, para ver se tenho sorte. Trabalho no Centro Penitenciário de Basauri, mas gostaria de me transferir para cá. Arranjei uma namorada em Vitoria, não faz muito tempo, mas... Bem, você me entende.

— Claro, cara. Claro que entendo, se tiver sorte vamos ser colegas. Há uma máquina na saída. Venha, eu o acompanho.

Saímos do prédio. Por sorte não havia outros funcionários ao redor.

— Como é o trabalho por aqui? — perguntei com interesse, enquanto enfiava uma moeda.

— Estamos nos adaptando às mudanças, é uma megaprisão, tem suas peculiaridades — respondeu, sem se comprometer.

— Todas têm, acredite. Passei por Ávila e Logroño. E como é isso de ter um famoso atrás das grades?

— Você se refere a Tasio? — perguntou, e olhou ao redor.

— Sim, a imprensa não os persegue?

— No momento dá para lidar com a imprensa. Mas aqui dentro é como um deus. É superprotegido, uma lenda. Alguns dizem que é um bom sujeito, embora seja duro, às vezes ostenta o seu poder. Aqui a população de detentos o respeita, mas alguns o temem. Você precisa vê-lo: tem o olhar distante, parece um lunático, dos que vão te cortar em pedacinhos e botar na salada. É como Charles Manson: mulheres escrevem para ele pedindo um encontro. Ele aceita, mas não costuma repetir. É muito ativo no assunto mulheres, um dos presos mais ativos, na verdade.

— O que a fama não traz.

— Pra você ver. — Deu de ombros.

— E essa história de que escreve no Twitter? — prossegui, girando o copo de café, que estava mais quente que o inferno. — Não acredito, deve ser uma conta falsa.

Ele olhou para os lados a fim de comprovar que ninguém o escutava.

— Tenho uma teoria. Foi o garoto bonito, o gênio precoce.

— Que gênio precoce?

— É, cara, o que saiu nos jornais por causa da fraude com cartões na internet. O garoto hacker, lembra?

— Ah, acho que sim. No que deu aquilo?

Tentei me lembrar, mas os delitos cibernéticos não eram a minha praia, embora recordasse ter lido algo a respeito meses atrás.

— O garoto começou a sua brilhante carreira criminosa na tenra idade de dezesseis anos, depenando quem desse os dados do cartão numa página falsa de camisetas de futebol assinadas por jogadores da Primeira Divisão. Depois de uma avalanche de denúncias, conseguiram pegá-lo, mas era um hacker escorregadio e deu trabalho. Aí já era maior de idade, e o trouxeram para cá. Você tinha que ver. Parecia ter doze ou treze, desses garotos que ainda não se desenvolveram, sem pelos no saco nem na cara. Moreno, olhos azuis, um querubim, um garoto de capa de revista. Acho que se tivesse se dedicado a cantar qualquer bobagem no YouTube teria triunfado, com aquela cara de anjo. Mas você vê, o que o atraía era o lado obscuro.

— Então, por que...

— Vou chegar lá: a diretora da prisão pôs Tasio para cuidar dele, como pessoa de confiança, com bom critério. Aqui, a carne fresca é muito cotada, e o garoto ia ser devorado pelas bichas, você sabe. Tasio se encarregou, o pôs debaixo da asa e ninguém encostou no garoto nos seis meses que passou aqui. A coisa do Twitter começou logo depois que foi solto, por isso acho que ele tem a ver com isso, seguem em contato e bolaram um modo de se comunicar.

— Como disse que ele se chama?

— Não lembro, era um nome comum. Lembro que o seu apelido de hacker era MatuSalem. Isso: MatuSalem, por Maturana. Lembrei. O sobrenome era Maturana, como o povoado perto do pântano, e ele se deu o apelido de MatuSalem, com “eme”, como aquela história das bruxas. Era um garoto um pouco estranho, um tanto sinistro. Com uma cara de gótico ou coisa assim.

* * *

Assim que cheguei ao estacionamento, liguei para uma velha amiga.

Às vezes não tinha outro remédio senão recorrer a certos colaboradores... à margem das vias oficiais.

A minha colaboradora tinha sessenta e seis anos, o cabelo branco tingido de roxo e uma habilidade para hackear que tinha lhe servido para entregar papéis falsos de um casamento que nunca houve com o antigo companheiro, depois de quarenta anos de convivência. A prefeitura tinha lhe negado a pensão de viúva e ela estava tendo dificuldade para continuar vivendo no apartamento que haviam compartilhado a vida toda.

Descobri as falsificações numa operação para encontrar um agressor fugitivo que se hospedou num quarto que ela alugava. Contei-lhe a situação e, graças a ela e à sua valentia, consegui capturar o sujeito que, no ano anterior, tinha feito aumentar o número de feminicídios na cidade.

Seu nome de guerra era Golden Girl, ou Garota de Ouro, *Urrezko Neska* ... Nos fóruns de *black hack* era uma lenda, e muitos duvidavam da sua existência. Até se aposentar, ela trabalhara numa empresa de segurança subcontratada pela Cysco Systems, e o pior erro que se podia cometer com ela era subestimar seus conhecimentos informáticos com base na sua idade ou na sua aparência serena de velha louca.

— Preciso que você rastreie uma invasão no meu e-mail e uma conta de Twitter.

— É assim que eu gosto: direto ao ponto, como se não houvesse amanhã — respondeu Golden Girl com sua voz de anciã venerável.

— Talvez não haja. Já ouviu falar de MatuSalem?

— Você gosta de complicar a minha vida, né? Esse menino é outro nível, vai ser difícil. O que você tem para me dar?

Dei a ela as informações que pediu. A Golden Girl tinha o tino da idade para distinguir quando o assunto era urgente e importante.

— Outro favor: vou fazer pesquisas no meu notebook, e tenho certeza de que MatuSalem encontrou um jeito de se meter nele ou criou um espelho dupla-face. Preciso que ele não veja o que faço. Crie uma barreira para mim esta noite. Pode ser?

— Perguntar não ofende. O assunto é assim tão sério? — indagou.

— Bastante. A terceira idade vai me deslumbrar novamente?

— Você sabe que esta garota de ouro está a seus pés, Kraken. Ligo assim que conseguir triangular o menino.

13

Vitoria, junho de 1970

O doutor Urbina estava revisando o *vade mecum* no consultório quando Felisa, a enfermeira, bateu na porta. Surpreso, consultou o relógio. A última consulta da tarde tinha terminado, e ele estava prestes a ir embora.

— Doutor, uma paciente deseja vê-lo — disse a mulher com sua voz vigorosa. — Deixo-a entrar ou marco consulta para outro dia?

— Quem é, Felisa?

Felisa tinha o globo ocular direito pendurado, sem parte do osso maxilar que sustenta a órbita, resultado de uma cirurgia de sinusite desastrosa, como ela mesma tinha contado. Sempre usava o cabelo preto com fios grisalhos preso cuidadosamente com rolinhos. Estava um pouco acima do peso, como quase todas as mulheres que passaram por vários partos e uma menopausa.

— É a senhora Ortiz de Zárate, a dona Blanca.

As páginas do manual pesado passaram sozinhas pelas suas mãos, e a capa vermelha de couro se fechou sem ele perceber.

Pigarreou um pouco, limpando a garganta, e voltou a abrir o tomo.

— Diga-lhe que entre, ia mesmo ficar até mais tarde.

A enfermeira fitou-o com a sabedoria discreta adquirida em quase um quarto de século em hospitais.

— Não se importa se eu for embora, não é mesmo?

— Pode ir, Felisa. Eu mesmo fecho — apressou-se em responder.

A enfermeira saiu e, por fim, Blanca entrou no consultório.

Estava muito mudada. Talvez por ser verão e ela usar um vestido leve com estampa psicodélica de cores vivas, talvez porque a atitude, dessa vez, não era de dor e contenção. Pela primeira vez em muito tempo, desde que era sua paciente, a viu com uma atitude que parecia muito com a alegria.

— Blanca! Não sabe como me alegro em vê-la. Está melhor? Já sabe ao que me refiro.

Com ela havia aprendido o que nunca fizera antes: a ser direto, olhar nos olhos, aproveitar os poucos encontros que o acaso lhe proporcionava.

— Venho agradecer tudo o que fez por mim. Nesses últimos meses tudo tem sido mais... suportável.

Abaixou a voz por instinto, embora ninguém pudesse ouvi-los no consultório com a porta fechada.

— A senhora usou o que lhe dei?

— Sim, e, como previu, talvez seu gesto esteja salvando a minha vida. Já não preciso das pílulas brancas nem da pomada, mas as cápsulas carmim estão no fim. Elas o deixam sedado à noite. Assim que chega vai se deitar. Ele atribui isso à carga de trabalho na empresa, não suspeita de nada.

O médico abriu uma gavetinha da escrivaninha que mantinha fechada a chave.

— Já estava pensando como fazer para encontrá-la por acaso. Poupou-me muitos passeios — comentou rindo.

— Pode me chamar de você, Álvaro, pelo menos na intimidade. Acho que agora você é quem me conhece melhor.

Aquilo de "intimidade" o deixou muito satisfeito, talvez demais. Principalmente o detalhe de que Blanca soubesse e recordasse seu nome de batismo.

Álvaro passou os dedos pelas sobrancelhas ruivas, tentando se acalmar e não olhar para ela; parece que Blanca se encantou com o gesto, pois sorriu abertamente, sem medo, como uma garotinha.

— Leve esse outro frasco — ofereceu —, vai durar uns meses.

Blanca roçou deliberadamente a mão ao pegá-lo, e eles mantiveram o gesto congelado, cada um de um lado da mesa, sem saber muito bem o que fazer em seguida, mas sem querer se desprender daquele contato que lhes havia provocado gemidos solitários à noite.

— Não quero que pense que vim apenas pelo frasco, Álvaro. Vim porque queria vê-lo.

Estava cansada de pagar pelo que não fez, cansada de seguir o papel que todos os que a conheciam esperavam que encenasse, sem se importarem se Javier a mataria a pancadas. Cansada de obedecer a homens duros, sérios, fortes. Cansada de estar triste, apavorada. Houve um tempo em que foi uma menina alegre, aonde aquilo tinha ido parar? Estava cansada de ser só

um sobrenome e um saco de boxe, um recipiente de sêmen. Aquele seria seu primeiro ato de rebeldia, e queria que fosse com Álvaro Urbina.

"Por uma vez", disse a si mesma. "Por uma vez não pensar no que dirão, não conquistei isso com sangue e lágrimas?"

Álvaro fitou seus olhos, interrogante, mas neles só viu uma mulher que havia tomado uma decisão.

Então, ergueu-se em silêncio, foi lentamente até a porta e fechou-a com o trinco. Depois virou-se e deixou o jaleco branco no cabide.

Blanca sentou-se na maca e foi abrindo os botões dianteiros do vestido. Ficou nua, o encosto alto de madeira a deixava na altura de Álvaro, que tomou sua mão e começou a beijá-la sem pressa, começando pela ponta do dedo indicador.

Acompanhou o tendão do extensor do mesmo dedo e subiu pelo braço, seguindo a veia cefálica. Girou a língua para se divertir no côncavo do cotovelo e, muito tempo depois, alcançou por fim o deltoide. Perdeu-se na linha que desenhava a clavícula, e, quando chegou ao trapézio, sua ereção era quase dolorosa.

Então Blanca entendeu o que era estar ou não preparada para um homem, porque quando Álvaro a penetrou, suave e cálido como era, tudo o que queria era ficar naquele consultório asséptico e não voltar nunca mais à sua vida de casada.

14

SAN VICENTEJO

Ele mostra a direção, você segue. Sempre atrás, sempre atrás, #Kraken

1º de agosto, segunda-feira

Já era noite, e meu dia ainda não tinha terminado. Mudei de carro e fui no Outlander até Villaverde pelas estradas escuras que percorrera mil vezes desde a infância. Cruzei o porto de Vitoria em direção ao sul e entrei no condado de Treviño com aldeias quase inabitadas e suas pequenas igrejas românicas que aguentaram séculos, cercadas de campos de trigo ceifado. O bloco escuro da minha serra apareceu na altura de San Vicentejo. Acelerei, talvez o avô ainda não tivesse se deitado. Passei debaixo do arco de faias das curvas de Bajauri, a paisagem de troncos altos que desciam a encosta parecia tirada de um conto de fadas pela manhã e de uma história de bruxas à noite.

Ao chegar a Villaverde, a luz dourada de meia dezena de postes me escoltou pelas encostas até estacionar o carro debaixo da sacada.

Assobiei ao subir a escada com o notebook debaixo do braço, e o avô respondeu com outro assobio. Encontrei-o na cozinha, descascando um saco de amêndoas. Depois ele as cozinharia com água, anis Las Cadenas e açúcar, e as prepararia para que Germán e eu as levássemos para Vitoria. "Para os dias difíceis", dizia sempre, em seguida alçava os ombros e ia fazer outra coisa.

— Como está, vô?

— A essa hora e numa segunda-feira, menino? O que você esqueceu aqui?

Sentei-me diante dele numa cadeira de palha remendada mil vezes.

— Posso usar o sótão para uma pesquisa? Tenho muito material gráfico que não quero guardar no meu apartamento.

Ele nunca dizia que sim nem que não.

— Vamos lá ver — respondeu, erguendo-se encurvado e subindo a escada velha que, de tão desgastada pelos passos de doze gerações de

sapatos, estava afundada no centro como um pequeno vale de madeira.

Meu avô mantinha limpo o terceiro andar do casarão, com suas vigas escuras de madeira aparente tratadas com betume da Judeia e as pedras das paredes sem engessar. Ali guardava peles estiradas de pequenas raposas e javalis, da época em que a fome do pós-guerra o transformou em caçador furtivo. Ninguém entendia como se mantinham intactas depois de meia vida; ele tampouco se dignava a dar explicações a quem perguntasse.

Ali estavam também as minhas caixas, recordações que não quis jogar fora, objetos com alma que não queria ver de novo porque me entristeciam, mas, por instinto, sabia que devia conservar.

— Vô, pode abrir a mesa de pingue-pongue enquanto procuro uma coisa?

— Claro, filho.

A mítica mesa de pingue-pongue tinha feito parte da filosofia de normalidade com que ele nos educou.

Na adolescência meu irmão mal alcançava a prancha verde, e meus braços desproporcionais não tinham espaço para rebater comodamente. Sentia-me apertado praticando exercício físico em lugares fechados, mas isso nos obrigou a compensar carências e focar na estratégia do jogo. E a não ceder um milímetro nem deixar o outro ganhar: o mundo não seria tão fácil quanto a família, como já intuíamos, e passávamos os verões atacando-nos mutuamente até cairmos esgotados, quando o avô trazia o velho odre e nos deixava tomar um gole de vinho.

Verifiquei todas as caixas até que, por último, encontrei uma marcada com a minha caligrafia de garoto: “Tasio”.

— Nossa, quanto tempo passou! — deixei escapar em voz alta, observando a caixa de papelão quase com reverência.

Meu avô já tinha armado a mesa no centro do sótão. Abri a caixa e comecei a tirar de lá jornais e fitas de vídeo VHS.

— Acha que consegue ligar aqui em cima o aparelho de vídeo e a televisão velha?

Ele deu de ombros, adorava desafios eletrônicos arcaicos.

— Vamos tentar — disse, disfarçando um sorriso.

Foi para um canto e, debaixo de um plástico opaco com teias de aranha, resgatou um aparelho de vídeo e uma televisão que, anos atrás, tinham sido substituídos por modelos mais competitivos.

Aproveitei para espalhar na imensa mesa de pingue-pongue as fotos das primeiras páginas que havia recortado décadas atrás.

O que Estíbaliz pensaria se visse as provas da minha obsessão por Tasio? Teria me detido também, como fez com o oculista? Eu teria entrado para a sua lista de suspeitos?

Havia fotos de quando detiveram Tasio; de Ignacio entrando para testemunhar no julgamento; de todos os locais onde as crianças apareceram; o corredor do dólmen, o armazém no povoado de La Hoya, a eira de sal do Valle Salado e os ferros dentados da porta da Muralha Medieval, na esquina da Carnicerías.

Reprimi uma ânsia de vômito recordando as fotos forenses dos cadáveres das crianças. Naqueles anos só tinha pensado nos gêmeos e na rota histórica das cenas. Mas agora eu era o investigador, e não um espectador fascinado com os crimes duplos. E os flashes frios da equipe de legistas retratavam muito bem a crueza dos corpos repousando no chão, nus, envenenados.

— Você está cuidando do caso daqueles dois raposos, os gêmeos, não é, filho? — indagou o avô, atrás de mim.

Assenti com a cabeça, sem olhá-lo.

Ele foi até a mesa, pegou uma imagem de Tasio e outra de Ignacio, que naquele tempo eram literalmente idênticos.

— Qual dos dois era o manso?

— Nenhum dos dois parecia manso. Tinham colhões, acho que na juventude eram mimados e arrogantes.

— Mas um dos dois domina o outro. Quando nascem duas ovelhas no mesmo parto, uma leva a outra aonde quiser. A outra é a mansa. Sempre. Qual é o dominante?

— Não são ovelhas, vô. As ovelhas são bobas, mas esse aqui é o sujeito mais esperto que já encontrei — respondi, assinalando a foto de Tasio. — Não acho que seja o submisso. De jeito nenhum.

— Então é o outro. Um domina o outro, certamente. É o que sempre digo: todas as boas perguntas começam com um "E se?".

Era um jogo ao qual me submetia desde pequeno, uma forma de transmitir o senso comum dos López y Ayala.

— Está bem, vou brincar: "E se?"

Mas não pude continuar, ainda não me sentia preparado.

— Não seja covarde agora. Diga em voz alta o que não te deixa pregar os olhos à noite. No sábado, na cama, você se mexeu mais que um javali ferido.

Suspirei. "Tudo bem."

— E se na verdade o dominante for Ignacio e ele tiver armado uma cilada para Tasio, incriminando-o com provas falsas?

— Faltam mais "E se" — pressionou-me.

— E se Ignacio tiver feito isso por ciúmes? Se o dominado fica mais famoso que o dominante, Ignacio não iria cobiçar a fama, o sucesso de Tasio?

Satisfeito, ele deu uma palmada nas minhas costas.

— Acho que já tem por onde começar. Vou dormir, o vídeo está pronto se quiser usá-lo. Boa noite, filho.

— Boa noite, vô — murmurei, concentrado demais para notar seus passos cansados que desciam a escada.

Abri o notebook e entrei na internet. A Golden Girl havia enviado uma mensagem para o meu celular com um lacônico "via livre", então me dediquei a pesquisar os pais dos gêmeos: a empresa do pai, a família da mãe. Endereços, datas de nascimento e falecimento, clínicas, colégios, universidades, clubes dos quais foram sócios...

Havia uma profusão de notas de coluna social sobre os ilustres progenitores: o pedido de casamento, o enlace, fotos da mãe, Blanca Díaz de Antoñana, uma mulher loura estilizada, etérea como uma lâmia basca ou uma elfa nórdica. Os gêmeos pareciam ter herdado dela a estrutura facial e a pose patrícia. O industrial tinha ombros largos, e nas fotos dos anos setenta aparece altivo, com uma atitude sempre tensa, como se estivesse concentrado nas metas empresariais e o olhar do fotógrafo não lhe importasse em absoluto.

Alguns antepassados de Javier Ortiz de Zárate eram, além disso, gente rica e influente, quase personagens das antigas lendas negras. Henrique Unzueta, o pai do tataravô dos gêmeos, deixou uma pequena aldeia de Álava no início do século XIX, se tornou latifundiário em Cuba e chegou a ser prefeito de Havana. Casado três vezes, duas delas com as próprias sobrinhas, ao voltar para o país de origem recebeu o título de marquês, mas em Cuba criou fama como traficante de escravos, um dos mais ricos e poderosos. Não só transportou milhares de escravos africanos para as costas caribenhas durante mais de vinte anos, como, diante da pressão das

naus inglesas que perseguiam o tráfico humano, abriu novas rotas e transportou também mão de obra chinesa. Um grande empreendedor no tráfico de brancas. Tremendo.

Encontrei um documentário sobre a antiga fazenda Álava, em Cuba, onde ele tinha um dos seus negócios de escravos. Na verdade lá viviam quase três mil pessoas; setenta por cento delas africanas e mestiças. Vinte e cinco por cento levavam o sobrenome Unzueta; pelo visto, o homem era também muito pródigo em atenções às escravas. Em 21 de agosto de cada ano ainda se celebrava "A festa do alavês ausente". Ele não deve ter deixado muito boas recordações.

Quando as informações me pareceram suficientes, desliguei o notebook e fui olhar as fitas de vídeo em que tinha gravado todos os programas de história e arqueologia de Tasio.

— Ok — animei-me —, lá vamos nós.

Coloquei a primeira fita e tive uma sensação de *déj* à *vu* ao ver Tasio, gravando em seu escritório, falar do povoado fantasma de Ochate.

No programa, ele conta o mito de Ochate. Diante das lendas com as quais crescemos em torno da aldeia que ficou inabitada depois de três epidemias de cólera, tifo e varíola, dos anos de avistamentos de óvnis nas ruínas da região, dos grupos de turistas neopagãos e das revistas esotéricas que todas as noites repetiam psicofonias gravadas, Tasio se colocava como arqueólogo e cientista e refutava com dados todas as falsidades que tinham feito do lugar o povoado fantasma mais famoso da península. Ele mencionou uma descoberta curiosa feita por um topógrafo, que fez medições com aparelhos profissionais. Entre as ruínas da igreja de San Pedro de Chochat de Ochate e as ermidas dos povoados circundantes, San Vicentejo e Burgondo, havia um triângulo isósceles perfeito: dois mil metros exatos de distância entre os templos de San Vicentejo e Burgondo e mil e doze metros exatos entre estes e as ruínas de Ochate.

Depois falou da ermida de San Vicentejo, uma pequena maravilha românica que há séculos atrai os especialistas. Descreveu as marcas na cantaria e o estranho Olho da Providência: uma curiosidade arquitetônica que consistia num pequeno óculo de pedra emoldurado por um triângulo sobre a abside.

Vendo as imagens do exterior da pequena ermida, reparei num detalhe que me pareceu familiar. Fui até o aparelho de vídeo e congelei a imagem — meu avô não tinha conseguido consertar o controle depois de tantos

anos sem usá-lo. Ali havia algo. Não se distinguia claramente, e Tasio deixou aquilo passar ao entrevistar o antigo canteiro encarregado da última restauração, no fim dos anos oitenta.

Apaguei as luzes, desci a escada aos saltos, fui ver se meu avô roncava no seu quarto e arranquei com o carro rumo a San Vicentejo, na estrada de volta a Vitoria.

Chegando à aldeia, com apenas meia dúzia de casas, desviei pela encosta que descia até um pequeno prado onde a ermida se destacava. Saltei do carro, e diria que não havia ninguém no povoado. Apenas os sons da noite e um céu tão livre de contaminação luminosa que se viam as galáxias que explodiram há bilhões de anos.

Peguei a lanterninha no porta-luvas e iluminei a pedra caliça. Na parte posterior, sobre a abside, estava o que vi no programa de vinte anos atrás: a figura em pedra de um casal deitado, homem e mulher, ambos com uma das mãos apoiada na face do outro, num gesto amoroso.

15

A ALAMEDA DOS PINHEIROS

A chave dos novos crimes desta vez estará no que é diferente; o que os mortos te sussurram? #Kraken

2 de agosto, terça-feira

Naquela noite dormi muito pouco — a cama parecia pequena demais e o apartamento, apertado. Queria respirar e acabei indo para a sacada, mas parecia que não entrava oxigênio suficiente nos meus pulmões. Eu estava empolgado com a nova descoberta, porque muito de vez em quando, só às vezes, a gente sabe que está no caminho certo quando reconhece um padrão, e ali estava: a certeza.

Ainda estava escuro quando trotei escada abaixo, com o impulso da adrenalina bombeando nas veias. Era como se estivesse num concerto de percussão dentro de um alto-falante gigante.

Desafoguei-me subindo acelerado diversas ladeiras pelos cantos, para me motivar, e terminei no estilo camicase na zona de Ciudad Jardín. As ruas estavam tão desertas a essa hora que poderia ter corrido na contramão e ninguém teria saído ferido.

Encontrei-a junto aos prédios da universidade. Ela me esperou; eu estava suado, ela estava começando o aquecimento.

— Vamos pelos chalés da rua Álava — propus, recuperando o fôlego. — Hoje te devo uma história.

— A história do seu amigo — disse, diminuindo o passo.

— Aham.

Tinha me preparado para me desnudar naquele dia, quando a encontrasse. Era justo.

Era justo.

Ela assentiu, e fomos freando as passadas até caminhar entre os casarões mais admirados da cidade. Construídos nos anos vinte no estilo das mansões elegantes de Biarritz, eles valiam dois ou três milhões de euros, embora poucos os vendessem e menos ainda os comprassem. As

cercas vivas impediam ver o interior, só dava para intuir telhados vermelhos, outros verdes, paredes brancas, madeiras robustas como as fortunas daquelas famílias.

— O nome dele era Sergio — comecei. — Era do meu grupo do San Viator, um dos garotos. Éramos amigos desde o primeiro ano do fundamental, com seis anos. Era um menino bom, tímido, gordinho, calado, meio ruim no futebol. Ninguém entendia como tinha sido o primeiro a arranjar namorada no primeiro ano do ensino médio, quando o colégio passou a ser misto e as meninas vieram alterar o nosso sólido ecossistema estritamente masculino. Sara era muito diferente de Sergio, cachos pretos, falante... mandona, muito decidida.

— Continue — animou-me.

— Contra todos os prognósticos, formaram um dos casais mais estáveis do grupo, casaram-se muito jovens. Ela era de Bajauri, perto do meu povoado, e eles costumavam ir à casa dos avós dela quando tinham tempo livre. Ela sempre dizia que queria conhecer todos os povoados de Álava, queria que fossem de carro visitar um deles cada fim de semana. Mas Sergio era tranquilo e caseiro como poucos, e no sábado preferia comer um ensopado em Vitoria, uns acepipes no domingo ao meio-dia e passar a tarde tirando uma soneca diante da televisão, assistindo a maratonas de séries americanas.

Freei um pouco para recuperar o fôlego, estava moído, mas a sensação era boa. Contar me distraía da dor.

— Três anos atrás Sara teve um ataque de asma. Era sábado à noite, eles estavam sozinhos na casa de Bajauri, tinham esquecido o inalador dela em Vitoria, e naquela época quase não havia cobertura de celular na região. Sergio foi de casa em casa, desesperado, até encontrar um telefone fixo, e chamou o 112. A ambulância levou quarenta minutos para chegar. Deve ter sido mais angustiante do que consigo imaginar. Encontraram Sara roxa, não havia mais o que fazer.

— Sinto muito — murmurou.

— Todos sentimos. No grupo ficamos muito preocupados, tínhamos medo da reação de Sergio. Ela detinha as rédeas da relação, e ele se deixava levar. Não sabíamos se iria se recuperar. Ele simplesmente não reagiu. Não o vimos chorar no velório, no funeral, nem quando a enterraram no cemitério de Bajauri. Era como se não tivesse ficado sabendo da morte de Sara.

— Estava em negação?

— Você não imagina como. Na quinta-feira seguinte, estávamos jantando no Tximiso e ele disse que ia conhecer os trezentos e quarenta e sete povoados da província. Começaria pelo noroeste, numa diagonal descendente de Ugalde, em Araia, até terminar no sudeste, em Oyón. Todos os fins de semana. Parecia uma boa ideia, queríamos cuidar dele, apoiá-lo, e no primeiro fim de semana todo o grupo o acompanhou. Deu tempo de visitar cinco povoados: Ugalde, Llodio, Zubía... Assim começou uma rotina que durou vários meses.

Olhei para Alba, ela ouvia a história sem deixar de me observar, atenta aos meus gestos.

— Uma vez fui à casa dele, que ficou suspensa no tempo após a morte de Sara. Havia fotos dela por todo lado, você sentia os olhos dela na nuca quando andava pelo corredor ou ia à cozinha. Sergio tinha tirado a televisão da sala e em seu lugar colocara um mapa de Álava na parede, e ia marcando com alfinetes os povoados que já tinha visitado. Passou o primeiro aniversário da morte, ele fingiu que não tinha reparado, não houve missa. Àquela altura, poucos o acompanhavam na visita aos povoados. Queríamos fazer outras coisas, mas Paula, minha mulher, insistiu que não devíamos deixá-lo sozinho.

— Sua mulher.

— Sim, minha mulher — repeti, fazia tempo que não pronunciava aquela palavra tão comum. — Como dizia, o mapa de Sergio foi se enchendo de alfinetes pretos à medida que passavam os meses, cada domingo visitava uma média de cinco. Só faltavam os da Rioja Alavesa, os últimos no canto norte do mapa: Oyón, Moreda, Yécora, Laguardia e Viñaspre. Nunca esquecerei. Para nós tinha sido uma semana especial. Há alguns anos tentávamos ter um filho. Acabamos recorrendo a uma clínica. Para Paula foi um inferno, uma maldita montanha-russa, e eu me sentia o homem mais impotente do mundo porque a única coisa que podia fazer era apoiá-la naquele calvário. Um dia veio a boa notícia. Semanas depois, ela se multiplicou: esperávamos gêmeos. Dos três embriões, dois tinham sobrevivido. Não contamos a ninguém do grupo, estávamos assustados, com medo de perdê-los. Mas foram os melhores meses da minha vida. Tínhamos um segredo, não queríamos compartilhá-lo, tudo era futuro aos nossos pés. Ninguém sabia, à exceção do meu avô e do meu irmão, Germán.

Ela fez um gesto, estimulando-me a seguir. Fitei o céu — o anil tão característico da aurora vitoriana tinha começado a perder intensidade.

— Paula era muito esportiva — prossegui —, escalava com Estíbaliz. Tinha bom tônus muscular, nos primeiros meses não se notava a gravidez. Na décima segunda semana já estavam tão formados, eram tão perfeitos... queríamos saber o sexo, o avô estava restaurando o meu berço e o do meu irmão; Paula e eu éramos um turbilhão de atividade. Queríamos ter o quarto dos nossos filhos pronto o quanto antes, torná-lo real. Fomos a uma consulta na décima quarta semana, a barriga tinha começado a crescer um pouco, o abdômen começava a ceder. O ultrassom mostrou mais do que esperávamos: menino e menina. Gêmeos. Estávamos tão emocionados, histéricos e alterados que sabíamos que tínhamos de contar de uma vez. Naquele fim de semana íamos contar a todos, e presenteei Paula com o primeiro vestido de futura mamãe. Era real. Finalmente era real.

Alba assentiu em silêncio. Sei que as minhas lembranças eram muito semelhantes às suas.

— Naquele domingo, Sergio estava muito silencioso, mais do que de costume — segui. — Acho que estava dando vários sinais, e eu os ignorei. Paula tentava conversar com ele, e eu ficava me perguntando: "O que ele vai fazer domingo que vem, quando não houver mais povoados para visitar?" Mas não me atrevi a tocar no assunto, ele era reservado demais. Naquele dia, Sergio caminhou mais lentamente, tocou os prédios, observou o pórtico da igreja de Oyón como se as pedras lhe dissessem palavras que Paula e eu não ouvíamos. Minha mulher sugeriu que fôssemos a Logroño, à rua do Laurel, comer alguma coisa antes de voltar a Vitoria. Sergio rogou que o acompanhássemos a Bajauri. Íamos no carro da mulher dele, um Seat 127 antigo que ele se negava a mandar para o ferro-velho. Fomos com ele ao cemitério, ele parou diante do túmulo de Sara e fez um gesto... um gesto que hoje me diz tudo, mas naquela hora não disse nada, só que meu amigo sofria muito. Ele caiu de joelhos com os braços abertos, como *Os fuzilamentos de 3 de maio* , o quadro de Goya. Foi um gesto de rendição que eu não soube interpretar. Paula correu para levantá-lo, tentou consolá-lo, e Sergio não a via, e tampouco chorava. Achamos que era melhor voltar para Vitoria.

— Foi o que fizeram?

— Não, nem todos chegamos a Vitoria, embora fosse essa a intenção — respondi. — Entramos no carro, Sergio insistiu em conduzir, estava

obcecado e não conseguimos convencê-lo do contrário. Fui de copiloto, Paula atrás. Os três incomodados, os três em silêncio, sem saber muito bem o que dizer. A viagem não durou muito. Assim que pegou a alameda dos pinheiros, ele acelerou e deu uma guinada a 110 quilômetros por hora. Batemos num dos pinheiros mais grossos, o do lado direito, depois do aceiro anti-incêndio. Não sei se você o conhece, é muito visível. Sergio morreu na hora, no último instante soltou o cinto de segurança e foi para cima do volante. O Seat não tinha cintos de segurança nos bancos de trás, não sei como pudemos ser tão inconscientes, nunca me perdoei. Paula foi jogada através do para-brisa e seu crânio se espatifou contra o pinheiro, a metade do seu corpo ficou sobre o meu ombro esquerdo. Eu estava usando o cinto. Fiquei consciente, sem poder me mexer, preso naquela carnificina, até que veio a ambulância e nos trouxeram para Vitoria. Eles dois e os meus filhos mortos. Tive apenas um golpe na cervical e cortes por causa dos vidros quebrados.

— Eu... eu sinto muito.

— Eu sei. Deixe-me terminar, a essa altura preciso contar tudo. Não me lembro se desmaiei, passei uns quarenta minutos sozinho, pelo que me disseram. Mas vi meu avô, andava caçando com a escopeta no bosque de pinheiros. Veio correndo quando viu o acidente e me acalmou, me disse para não olhar para Paula e sim para ele, e para respirar tranquilamente, pois a ambulância já ia chegar. Eu sentia frio na cabeça, ele tirou a boina, o que nunca faz, e a pôs em mim. Mais tarde, no hospital, quando Germán chegou, perguntei por ele, e disse que estava vindo para Vitoria. Naquele fim de semana ele tinha ido ao balneário de Fitero, em Navarra, a muitos quilômetros de distância da alameda dos pinheiros. Ele costumava frequentar o balneário uma vez por ano por causa do reumatismo. Quando chegou, não mencionamos o socorro que tinha me prestado nos pinheiros. Mas acho que... você vai achar que é loucura. Não acredito em milagres, não sou uma pessoa religiosa nem acredito na bilocação, mas acho que uma parte do avô esteve ali comigo, um resto de consciência, não sei explicar. Ele não se afastou da cama enquanto não me deram alta. Deixou tudo pela metade em Villaverde. Mas às vezes me fitava e ambos sabíamos o que tínhamos passado na alameda dos pinheiros. Nunca tinha contado isso a alguém, não sei por que estou te contando.

— Alguém precisa lhe dizer. Imagino que você tenha considerado que o golpe na cervical pode ter sido a causa da sua hipoxia e que a falta de

oxigênio no cérebro tenha provocado a alucinação.

— É o que digo a mim mesmo todas as noites. Só que...

— Quê?

— Meu avô chegou sem a boina. Eu nunca o tinha visto assim, com o cabelo grisalho à mostra. Até Germán comentou, achando estranho.

— E...?

— Quando me deram alta do hospital de Txagorritxu e devolveram minhas roupas e as da Paula... a boina dele veio junto. Explique-me o que fazia uma boina de Elosegui, a marca que ele sempre usa, num Seat 127 velho.

— Há mil explicações... Você é investigador. Tem imaginação e bom senso para isso e mais — retrucou, mas nem ela acreditava no que dizia.

— Não fiquei só, Alba. Ele esteve comigo, não me deixou. Nunca o fez, e acho que nunca o fará.

— Um dia ele irá embora, é um homem velho, é a lei da vida que ele se vá antes de você.

— Não, você não entende. A minha família é extremamente longeva. Minha tia-avó tem cento e dois anos e nenhuma intenção de morrer. O tio do meu avô, tio Gabriel, morreu aos cento e quatro na década de sessenta, quando a expectativa de vida no país era de sessenta e poucos anos. Talvez você não acredite, mas está gravado na placa do cemitério de Villaverde. Viveu quarenta por cento mais que os seus coetâneos. Meu avô será um dos primeiros supercentenários que conhecemos. Eu terei noventa, e ele seguirá assando castanhas aos cento e cinquenta anos.

Alba me fitou quase com ternura, sem acreditar.

Como poderia, sem conhecer meu avô.

— Depois dos funerais, me deram uma licença e voltei para Villaverde, com o avô. Pensei muito em Sergio, negando-se a viver o luto daquele jeito tão patológico, como o adiou e não se importou em levar os amigos junto com ele, só para não enfrentar a vida sem os objetivos impostos por Sara. Ele não foi só um suicida, matou três pessoas ao mesmo tempo; foi um assassino em massa. Com todas as minhas forças, me propus a aprender com a experiência. Vivi de um modo consciente e cru as cinco etapas do luto: negação, ira, negociação, depressão e aceitação. Todas. E foram dolorosas. Todas doeram, mas nunca achei que a minha vida tivesse acabado ali, na alameda dos pinheiros, só porque tinha perdido o amigo e a minha família naquele acidente.

“Não morri, mas o que restou foi a sensação de que o suicídio de Sergio poderia ter sido evitado e, com ele, a morte de Paula e dos gêmeos. Foi quando resolvi seguir na Investigação Criminal, especializando-me em perfis. No entanto, algo mudou, desde aquele dia não posso ver cadáveres. Você é minha superior e não devia lhe dizer isso, mas... me dá ânsia de vômito, fico mal fisicamente.”

— Você vai se acostumar, em algum momento acontece com a maioria das pessoas.

— Não quero me acostumar, essa é a questão. Assumo isso como uma penitência, o preço que pago por fazer mal o meu trabalho, por não chegar a tempo.

Estava falando demais. Estava falando demais e sabia disso. E numa conversa, por direito, manda quem menos fala. Era um dos meus mantras nos interrogatórios, e agora estava caindo, caindo conscientemente.

Não conseguia parar, não queria deixar aquele nu total diante dela pela metade.

— Comecei a estudar perfis criminais, estudei a linguagem não verbal e as motivações, às vezes tão previsíveis e transparentes que parece que seguimos pela vida com balões escritos no alto da cabeça, como nas histórias em quadrinhos, mas ninguém se dá o trabalho de alçar os olhos para ler o que gritamos. Sabe o que é resiliência?

— A capacidade de algumas pessoas de saber tirar algo bom de experiências ruins.

— Desde então, trabalhei muito para ser o melhor investigador, empenhei-me em me tornar alguém melhor, mas não sou santo; há também uma parte obscura nisso tudo, e é a de que não confio nos meus amigos, não acho que possa voltar a confiar no meio. Não por achar que queiram me ferir intencionalmente. Paula e eu fomos os únicos que seguimos apoiando Sergio quase dois anos depois, os únicos que ainda o acompanhavam na maioria das vezes aos domingos, e ele não pensou em nós quando nos espatifou contra aquele pinheiro. Simplesmente seu instinto suicida, a necessidade de acabar com a própria vida, foi maior que a humanidade ou um mínimo de gratidão aos seus melhores amigos. Não vimos aquilo chegar, e no princípio disse a mim mesmo que tinha sido imprevisível. Mas depois revisei as estatísticas do *modus operandi* dos suicidas. A maioria prefere morrer por precipitação, atirando-se no vazio. Sergio vivia num segundo andar e trabalhava num térreo. Em Vitoria, não

havia como subir a uma altura que o matasse sem sair da sua zona de conforto. Depois estão os que se lesionam com armas brancas: nunca no rosto, e sempre tiram a roupa antes de se ferir. Sergio tinha tripanofobia, terror às agulhas, e era muito apreensivo com sangue. Então, descartado. Sobra o enforcamento. Ele não era bom com nós, era especialmente inábil manualmente, tinha a lateralidade cruzada e nunca sabia onde estava a direita e a esquerda. Não era bom seguindo instruções concretas, fugia de qualquer esforço físico.

— Aonde você quer chegar?

— Quero chegar aonde ainda não cheguei. Quero ser tão bom lendo perfis a ponto de saber, sem mentir para mim, que, se Sergio estivesse diante de mim hoje, eu o teria colocado sob vigilância intensiva ante o risco iminente de suicídio. Claro, não teria deixado que dirigisse o carro. Por isso, mais do que nunca, gosto do meu trabalho. Os assassinos, os delinquentes, os agressores... são previsíveis, e isso para mim está bem. Paradoxalmente, sinto-me seguro diante deles, porque espero sempre a pior reação possível, e não costumam me decepcionar.

— Então somos opostos. Você crê na prevenção, eu sou muito mais fatalista.

Fitei-a, perplexo.

— Como assim?

— Acredito firmemente que, quando um assassino decide matar você, não há nada a fazer — disse, brincando distraída com o apito que sempre levava pendurado no pescoço. — Ele encontrará a maneira e o momento de fazê-lo. Todos vamos vida afora desprevenidos. Uma punhalada no estômago na rua ou diante da porta de casa, à queima-roupa? Um copo com uma bebida envenenada, a simples troca de um vinho branco por um detergente industrial? Um sicário que te dê dois tiros num semáforo? O fio do celular em volta do seu pescoço? Em termos gerais, para o cidadão médio, não há como evitar que te matem, se alguém decidir fazê-lo. Gosto de estudar os casos que vemos, as cenas do crime que me entregam, e pensar no modo prático como teria saído com vida diante de um agressor, mas não me engano: por mais preparada que me sinta, acho que a motivação dele sempre será mais forte.

— Exatamente por isso acredito na prevenção dos crimes — insisti, teimoso. — Por isso estou obcecado em caçá-lo antes que prossiga.

— Não podemos proteger todos os vitorianos de trinta anos com sobrenome alavês composto. São quatro mil seiscentos e trinta e dois. Apesar das advertências de segurança, ele encontrará uma falha. O assassino já contava com isso. E encontrará um modo de executá-los.

— Uma subdelegada não deveria pensar assim — assinalei, contrariado. — Que margem sobra para o meu trabalho?

— Você vai atrás do assassino, e é evidente que ele está planejando isso há muito tempo. Não acho que possa evitar o próximo assassinato, mas pode resolver os anteriores, e isso, paradoxalmente, evitará os próximos.

— Não entendi bem se é um elogio ou uma bronca. De qualquer modo, não estamos cumprindo o pacto.

— Estou ciente disso, Kraken. — Consultou o relógio. — Vou indo, antes de continuar faltando com as promessas. Nos vemos em algumas horas.

E desapareceu pela rua, com sua malha branca e a marcha de pronadora, quando já amanhecia e o dia prometia ser quente.

Observei-a se afastar e me senti mais sozinho que de costume. Se fosse outra mulher, eu a teria convidado para tomar um café da manhã desses que fazem você ficar bem na fita.

Às vezes acontece. Te pega. Te pega quando você não quer, com quem não deve. Não tem nada a ver com vontade, intenções ou com a idoneidade da pessoa em questão. Devem ser os feromônios, algum elemento escorregadio e intangível, mas real. Estava acontecendo. Era sobre prestar atenção ao som dos seus tênis enquanto corria, ao ritmo do trote que reconhecia quando ela vinha pelas ruas desertas e escuras da nossa Vitoria paralela e silenciosa. Eu, que pagava de maduro e independente. Era sobre voltar a acordar de pau duro todo dia, como um adolescente, sobre me masturbar no chuveiro toda vez que voltava da corrida, e sabia que estava prestes a retomar minhas noites de franco-atirador sexual em busca de amores no balcão de um bar. Estava a duas semanas de fazer isso, e sabia bem.

Pedir transferência agora não era uma opção. Era o caso mais importante da minha carreira e estava dolorosamente consciente de que a matança ia prosseguir, então, por que deixar a estrada livre para esse canalha?

Naquele momento, mal podia imaginar que o indivíduo em questão tampouco tinha o menor interesse em deixar o caminho livre para mim.

16

O ANJO DE SANTA ISABEL

> Você está no segundo ato: as provas, os aliados, os inimigos. A etapa mais subjetiva do herói. Confie na sua primeira intuição, #Kraken

2 de agosto, terça-feira

Foi um daqueles dias abrasadores desde o amanhecer, não havia uma brisa, como se a cidade estivesse enfiada num frasco de vidro abandonado ao sol. Os que previram a onda de calor tinham sido otimistas.

Desde cedo, montamos uma operação com carros camuflados gravando do lado de fora do cemitério de Santa Isabel, no bairro de Zaramaga.

Estíbaliz me esperava na grade de ferro da entrada, à paisana e de óculos escuros de funeral. Em seguida, passou Antonio Fernández de Betoño, o oculista, acompanhado de vários representantes da prefeitura. Mal nos olhou; seguia impávido seu caminho, como se fosse o encarregado das visitas guiadas que estavam na moda no cemitério.

Atrás dele, parentes escoltavam quem, provavelmente, era a sua ex-mulher, apoiada nas amigas, inconsolável detrás de óculos escuros tão grandes que mal se via seu rosto. As amigas de Enara também choravam. Peio estava só, enfiado num terno apertado demais para o seu tamanho, com o cabelo amarrado num rabo de cavalo. Parecia desconsolado e deslocado.

A minha parceira e eu avançamos em silêncio, atentos, observando tudo.

O cemitério era antigo, do início do século XIX, e caminhar entre aquelas aleias era como viajar a um passado em que estátuas de crianças orando e virgens carpideiras contavam histórias para não dormir.

— Ontem à noite vi uns vídeos antigos dos primeiros programas de Tasio Ortiz de Zárate. Tratavam de igrejas, de arqueologia...

— E encontrou alguma coisa? — interrompeu-me em voz baixa, quando nos detivemos a uma distância prudente do panteão da família do oculista.

— Talvez, Esti, talvez. No escritório, com calma, explico a descoberta. Diga, você tem alguma lembrança de Ochate?

— O povoado fantasma? Fomos visitar quando éramos crianças, como todos, depois do avistamento do suposto óvni. Lembro que dava um arrepio na espinha entrar lá. Foram epidemias, ou algo assim, que despovoaram o lugar, mas é verdade que tinha um ar muito... macabro, acho. Lembro que quando começaram os crimes duplos do dólmen e o de La Hoya as pessoas de Treviño comentavam que tinham voltado a ver luzes estranhas à noite, ao redor da famosa torre abandonada de Ochate.

— Toda a família foi?

Ela tirou os óculos escuros e me cravou um olhar duro.

— O que você está perguntando é se meu irmão tem alguma relação com Ochate, Kraken. Não brinque comigo, não me sonde, não sou uma das suas testemunhas, sou sua parceira. Se tiver algo ligando meu irmão aos crimes, diga logo.

— Ainda não tenho nada, mas é que nessa zona, numa área de poucos quilômetros, há diversos fenômenos que talvez tenham relação com os crimes. O nome do seu irmão sempre aparece quando se fala de temas pagãos ou esotéricos. Isso me incomoda tanto quanto a você, só quero descartá-lo de uma vez.

— Ou incriminá-lo.

— Não, não gostaria, mas está chegando a hora de lhe fazer uma visita. Prefiro informá-la, mas não quero que o alerte, já disse. Eu o descarto e seguimos por outros caminhos, está bem?

Ela emitiu um grunhido em resposta, e me afastei por uma das ruas. Estava atrás do jazigo onde, em 1989, a mãe de Tasio e Ignacio tinha sido enterrada, segundo a imprensa.

Passei diante de um dos epitáfios mais famosos do cemitério, o célebre "Que conste que eu não queria".

"E quem quer, amigo, quem quer?", respondi em silêncio ao morador do túmulo.

Por fim achei o que procurava. A porta estava em ruínas, mas o bloco de granito da família Unzueta seguia de pé, imponente, apesar da passagem dos séculos.

Senti um formigamento desagradável na nuca. Sacudi os ombros, mas a sensação não desapareceu, e não sabia de onde vinha. Levantei a cabeça vi o anjo.

Coroando a cúpula, um anjo de pedra me seguia com o olhar. Tinha as asas recolhidas, uma trombeta na mão, uma túnica clássica e o braço direito alçado em direção ao céu nítido daquele dia de verão.

Andei uns metros para a esquerda, mas o anjo me seguiu com o olhar. Estava ciente de que se tratava de uma ilusão de óptica, embora o que me incomodasse não fosse o olhar, mas o mal-estar que se apossara de mim, como uma indigestão ou o início de um infarto.

— Deve ser muito valente para ficar plantado diante dele. O senhor não tem medo de que o anjo o aponte? — disse uma voz atrás de mim.

Dei meia-volta e me deparei com um homem de uns sessenta anos trajando um macacão da prefeitura e com um regador na mão. Não tinha o outro braço, e o seu rosto era todo manchado de sol, em virtude das horas que passava à intempérie.

— Deveria ter medo de uma estátua? — respondi, aliviado. A presença do funcionário tinha cortado a corrente fria que me atravessara de ponta a ponta.

— Vejo que não está familiarizado com as lendas deste cemitério. Não sabe que esse é o famoso anjo do panteão dos Unzueta, que baixa o braço e aponta quem vai morrer num futuro próximo?

Pareceu-me recordar aquela história, mas nunca tinha prestado muita atenção nela.

— Conte-me, parece interessante.

— Na verdade, dá muito medo. Venha comigo e não se ponha diante do anjo, que faz mal — disse, afastando-me com o seu único braço. — Como vê, aqui em frente ao cemitério há edifícios residenciais onde vive muita gente. Gente que da sacada e dos cômodos avista as ruas do cemitério, os túmulos, os jazigos. Graças a Deus já não há enterros diariamente e tudo vai para o cemitério de El Salvador, imagina como deve influir no ânimo de uma pessoa testemunhar todo santo dia gente chorando por seus mortos?

Paramos depois de caminhar alguns metros. Embora não tivesse um braço, intuí que aquele bom homem se virava muito bem nos seus afazeres. Arrancou rapidamente umas ervas daninhas enquanto caminhávamos e não parecia incomodado com o sol do meio da manhã que queimava nossas costas.

— E o senhor diz isso, quando é precisamente o seu trabalho.

— Para mim era muito difícil, até que abriram o outro cemitério. Não escolhi esse trabalho, mas não encontrei outra coisa quando vim da aldeia, só sabia cultivar e era o caçula de quatro irmãos, então não sobrou terra para mim. Além disso, depois que uma roçadeira me deixou sem um braço, fui considerado inútil para o trabalho no campo e não podia conduzir tratores ou colheitadeiras, então aonde podia ir? Agora já me acostumei, praticamente sou um jardineiro, mas não se esqueça que isto é um cemitério, um *ilherri* . Se conhece o basco, sabe que significa "a cidade dos mortos"; são eles que habitam essa cidade, eu sou apenas quem a mantém bonita. Tenho meus instrumentos na casinha nos fundos, o mais longe possível dos túmulos, prefiro estar longe deles.

— O que o senhor dizia da lenda daquele anjo? — perguntei, tentando focar a conversa novamente.

— É desagradável, mas vou lhe contar. Dizem que uma menina que vivia no edifício em frente um dia viu da janela o anjo baixar o braço de pedra e apontar um homem que passava por ali, na rua da entrada do cemitério. Nesse momento, um caminhão subiu na calçada e o atropelou, ele morreu na hora. A menina ficou histérica e contou à mãe, que não acreditou. Tempos depois, ela viu novamente o anjo de pedra baixar o braço e apontar um homem que estava naquele banco ali, lendo o jornal. Ela quis descer para avisá-lo, mas não deu tempo, porque a enorme cruz que havia nesse jazigo, o dos Atauri, se soltou e caiu em cima do pobre homem, matando-o. A menina começou a ter ataques de pânico, e a mãe estava muito preocupada. O pior foi quando, tempos depois, caiu uma tormenta dessas que nos visitam de vez em quando, com trovões e relâmpagos. A menina estava no quarto e foi à janela ver o cemitério. Naquele dia, o anjo se virou e a menina o viu apontar para ela. Começou a gritar e chamou a mãe para contar o que tinha visto. A mãe fez o possível para acalmá-la e fazê-la dormir, mas na manhã seguinte... adivinhe. Encontrou a menina morta na cama. Não se sabe se foi de terror ou de um ataque de ansiedade.

— Uma lenda urbana interessante. — Consultei o relógio disfarçadamente. — E o senhor, acredita nesse tipo de assuntos do além?

— Os mortos não me agradam, mas os piores são os vivos, como esses gêmeos, os culpados por isso hoje estar cheio de famílias chorando por dois garotos... Sabia que descendem daquele traficante de escravos que descansa nesse jazigo?

— Sim, ouvi algo sobre isso — retruquei.

— Puxaram ao pai do tataravô. Eram uns demônios. Se tivesse visto o que tive de assistir neste cemitério, quando enterraram a mãe deles, não negaria que o sangue ruim corre pelas veias e passa de pai para filho.

Fiquei alerta, por fim uma testemunha direta daquela época.

— O que o senhor viu, exatam...? — Nisso, Estíbaliz veio correndo com o celular na mão e nos interrompeu.

— Você precisa ver isso, Kraken! — disse, detendo-se diante de mim para recuperar o fôlego.

— Pode nos deixar um momento, por favor? — Virei-me para o jardineiro, mas o homem tinha desaparecido, mimetizando-se entre os túmulos como se nunca tivesse existido.

Eu a perfurei com o olhar.

— Acho que tínhamos uma testemunha importante. O que foi? — perguntei, mais amolado do que queria admitir.

Ela me olhou fixamente enquanto recobrava o fôlego, não saberia dizer se estava feliz, mas notei que nos seus olhos havia um brilho de triunfo, ou de alívio, que minutos antes não estava ali.

— Uma testemunha? Você está falando do jardineiro? Esqueça, veja isso — repetiu. — Isso muda tudo, precisamos falar com os gêmeos, com os dois. Há vinte anos eles escondem a verdade.

— Do que se trata, Esti? — indaguei, tentando parecer interessado, mas a verdade era que as palavras do velho ainda ressoavam na minha cabeça.

— Veja você mesmo — respondeu, aproximando a tela do celular —, e vamos já comprar um exemplar.

— Outra edição especial do *Diario Alavés* ? O que publicaram dessa vez?

Vi a tela e fiquei pasmo.

Li a manchete, mas a princípio não entendi. Não entendi direito do que se tratava, o que aquela frase lapidar estava vendendo.

O CRIME DA MURALHA MEDIEVAL, UMA QUESTÃO DE CIÚMES ENTRE OS DOIS IRMÃOS POR CAUSA DE UMA MENOR?

— Veja as fotos, Kraken. Dessa vez não há dúvidas, não são especulações. O jornal traz provas gráficas. A menina de quinze anos assassinada teve relações sentimentais tanto com Tasio quanto com Ignacio. Eles mentiram, negaram conhecê-la. Ignacio chegou a dizer na

nossa cara que não se lembrava do assunto da autópsia. Como não iria lembrar?

— Espere, espere... — Parei-a com a mão. — Muita coisa para processar, Estíbaliz. Espere um pouco.

Abri o link da edição digital do jornal. Não havia dúvida, não parecia uma montagem. Ignacio Ortiz de Zárate, com o uniforme da corporação, abraçava Lidia García de Vicuña atrás de um tronco no passeio da Senda, como um casal de namorados furtivos. Na outra imagem, Tasio, à noite, entrando no número 1 da rua Dato deserta, abraça Lidia pela cintura em meio a caretas e gracinhas.

17

O MONTE DE LA TORTILLA

Vitoria, julho de 1970

Era a primeira vez que Blanca dirigia. O Citroën Tiburón surrado de Álvaro não a intimidava tanto quanto o enorme Isotta Fraschini do marido. Sabia que Javier nunca a deixaria dirigir aquele carro. Ulises, seu fiel secretário — um sujeito com um caminhar torcido, com um ombro mais alto que o outro, que perdera um rim em virtude de um golpe em uma briga —, fazia as vezes de motorista quando precisavam. Para Blanca ele parecia um corvo, um sujeito um tanto sinistro que se limitava a responder-lhe com uma espécie de grasnido. Era quem a controlava quando encontrava suas novas amigas, como se fosse uma criança, como se pudesse se perder se ficasse sozinha na cidade.

Com Álvaro era diferente. Desde que a relação entre eles começou no consultório, tinham de se ver fora da cidade. Haviam decidido fazer escapadas curtas, no carro do médico, até o Monte de la Tortilla, um pequeno promontório a apenas um quilômetro na saída sul da cidade, de onde, em dias claros, se podiam avistar os montes da planície alavesa.

Como tantos outros casais jovens que não tinham um apartamento onde se encontrar, iam de carro até o descampado, tapavam os vidros com toalhas e faziam amor nos bancos emborrachados. Depois, nus e com a pele brilhando de suor, ouviam na Rádio Vitoria as dedicatórias do Clube de Amigos, que sempre terminavam pedindo *Let It Be* , de uns Beatles que já ameaçavam se separar, e *El condor pasa* , melodia andina com um duo estranho de nome impronunciável.

— Não podemos continuar assim — comentou Blanca, deitada no assento traseiro, fitando o teto do carro.

— Por que não, se é o melhor que já aconteceu na minha vida? Não é para você também? — perguntou ele, vestindo a cueca branca no assento do copiloto.

— Sim, claro que sim. Você sabe disso. Quero dizer que não podemos continuar nos encontrando num carro no meio do monte. Um dia desses a

polícia vai passar e vão nos prender por atentado ao pudor. Não podemos nos arriscar.

— E o que sugere?

— Já lhe contei que a minha tia morreu semana passada e não éramos muito próximas, mas sou a única sobrinha e herdei um dos seus apartamentos. Está mobiliado, embora ache um pouco exagerado para o meu gosto. Disse a Javier que quero redecorá-lo, que gostaria de modernizar a sala e convidar as amigas para passar a tarde quando nos cansarmos do Círculo. Ele concordou, a ideia de me ter trancada entre quatro paredes, sem me expor em público enquanto ele trabalha, o tranquiliza muito.

— Então você dispõe de um apartamento? — interessou-se Álvaro.

— Sim, o problema é a localização. Fica no número 2 da rua General Álava, é o prédio modernista na esquina da San Antonio. É central demais, Álvaro. Qualquer um pode nos ver entrar. Agora tenho a desculpa de cuidar da reforma, e você sempre pode dizer que vai visitar um paciente na região. Só que não podemos entrar ou sair ao mesmo tempo, precisamos deixar passar mais de meia hora. Você sempre deve levar a maleta de médico, fingir que está trabalhando. Quando eu ligar para o consultório, deixar tocar quatro vezes e desligar, é que nesse dia poderemos nos ver e estarei te esperando no apartamento.

— Quatro vezes — repetiu ele.

Ele gostou da ideia.

— Quatro vezes — assentiu Blanca. — Estamos arriscando muito. Se Javier souber... não sei do que seria capaz, mas suspeito. Você quer... acha que devemos continuar com isso, correr o risco?

Álvaro passou para o banco de trás, com a cueca e as meias postas. Era um dia quente de julho, e o cabelo dele estava molhado no forno que era aquele carro.

— Você sabe que sou incapaz de pensar racionalmente quando você está diante de mim, Blanca. Fui um homem cinzento com uma vida cinzenta, não mude a cor agora. Se quiser continuar, eu continuo. Depois haverá tempo para lamentar as consequências — afirmou, tirando as roupas novamente e colocando-se entre as pernas de Blanca.

Girou todo o corpo, e ela começou a lamber sua ereção enquanto ele se perdia entre os pelos claros do seu púbis.

18

> Precisamos conversar. Não se deixe contaminar com nada do que ouvir a meu respeito, #Kraken

2 de agosto, terça-feira

Alguém tinha informado Tasio, alguém de dentro da prisão lhe deu a notícia, pois quando fui vê-lo na sala três ele estava em plena crise. Andava de um lado para outro, ignorando a cadeira. A sua mandíbula estava tão travada que achei que o crânio ia sair voando em mil pedaços a qualquer momento. Ele tardou um pouco em perceber que eu estava ali, esperando meio impaciente que ele se sentasse.

— Agora, sim, não poderei voltar a Vitoria, mesmo que prove que não sou o assassino. Para eles sou um maldito corruptor de menores; isso ninguém vai perdoar — disse, com o auricular na mão e o olhar sobre as unhas.

— Você devia ter pensado antes de entrar nessa. Você era um adulto midiático de vinte e cinco, ela tinha quinze. Achou mesmo que isso não ia trazer problemas?

— Você não entende, ela era diferente, uma menina adiantada para a época. Íamos esperar dois anos e sete meses até ela atingir a maioridade para tornar a coisa pública. Eu teria sido perdoado. Quando Lidia completasse dezoito, a diferença de idade seria perdoada.

— Claro — retruquei —, como o pai do seu tataravô foi perdoado por se casar com duas sobrinhas. É disso que se trata, de você poder fazer qualquer coisa por direito de nascimento, por vir da família em que nasceu?

— Estamos numa luta de classes e eu não sabia? — retrucou, erguendo a vista. — Agora vai ficar estranho porque é neto de agricultores?

Nem me dei o trabalho de responder. Naquele dia,Tasio tinha perdido todo o seu poder e atirava às cegas.

— Cuidado, Tasio. Sabe tão bem quanto eu que acaba de revalidar o título de vilão nacional. Talvez ainda não tenham lhe contado o que está rolando no Twitter, mas há uma deserção massiva dos seguidores da sua conta. Antes, seguir você era subversivo, agora é simplesmente repugnante. Surgiu um novo *trending topic* : #TwinMurders. "Gêmeos assassinos" é como vocês são conhecidos agora. Um epíteto mais suave que o que circula na rede: estupradores de meninas, pervertidos, assassinos de menores...

Semicerrou os olhos, ele não gostou nada daquilo.

— Posso deixá-lo aqui e não voltar para ouvir suas teorias — prossegui —, ou agora, mais do que nunca, você pode me contar tudo o que quero saber. Decida-se, cara. Pense bem. Tenho muita gente para visitar hoje.

Tasio era um cachorro velho, sabia reconhecer a derrota a tempo.

— Está certo, você veio por algum motivo — cedeu por fim. — O que quer saber?

— Conte-me a história de vocês dois com Lidia García de Vicuña. Estou certo de que nos próximos dias escutarei muitas versões, então que tal começar contando a maldita verdade?

— A verdade... — repetiu, e acendeu um cigarro, para em seguida apagá-lo num dos cinzeiros. — A verdade é que Lidia saiu primeiro com Ignacio; para ele era uma diversão a mais, embora o meu gêmeo fosse de respeitar as regras. Até eu estranhei que saísse com uma garota tão jovem. Mas ele a apresentou a mim, a apresentou e... Nos documentos Lidia tinha quinze anos, mas mentalmente era mais velha que nós. O que ela e eu tivemos foi diferente, como posso explicar? Perdi a cabeça, mas resolvi arriscar tudo por ela. Manter segredo para não prejudicá-la...

— Não prejudicá-la? Ela acabou assassinada, Tasio.

— Foi isso. Infelizmente, foi isso. Certo dia desapareceu, em meio ao tsunami midiático em que eu estava metido, com os programas de televisão adquirindo cada vez mais notoriedade, com a cidade num estranho estado de terror pelos assassinatos das crianças. As pessoas me aclamavam como um herói porque tentava decifrar as possíveis pistas históricas das cenas. Lembro-me do último programa que gravei. Ela foi encontrada morta junto à Muralha Medieval, com um garoto de quinze anos, uma criança, comparado com ela. Eu fiquei em estado de choque, mas precisava dissimular. Não podia contar a ninguém, nem sequer ao meu gêmeo, mas, por dentro, eu só queria arrancar minhas tripas e comê-las. A

diretora me pressionou para gravar o mais rápido possível o maldito programa em que ia analisar por que o assassino tinha escolhido aquele local. Os antecedentes da Vitoria medieval, a restauração das ameias... Nem lembro o que gravei, sei que a gravação foi interrompida porque chegaram vários agentes policiais, fui detido diante da equipe. Perguntei por Ignacio, não estava entendendo nada. Disseram que a ordem tinha partido dele.

— Então você pensou que era uma vingança. Que ele tinha descoberto que você tinha roubado a namorada dele — arrisquei, jogando o laço na esperança de que ele enfiasse o pescoço.

"Vamos, me dê material para trabalhar."

— Você está enganado. Ignacio não teria tido coragem de matá-la. Você está cansado de estudar perfis de assassinos. Ignacio não tem o perfil, é...

"É o seu beta, é o que tenta me dizer? Como alfa não imagina que um beta como o seu irmão faça o trabalho por conta própria?"

— Você continua a defendê-lo, depois de vinte anos?

— Acredite em mim, estou sozinho nesse barco que está afundando e estou cuidando de mim. Não o defendo, mas, se deixar você acreditar que pode ter sido ele, vai perder tempo mais uma vez e não vai achar o verdadeiro assassino. Diga-me, gênio: quem vazou as fotos para o jornal, quem ganha com a sua publicação? Ignacio, eu? Santo Deus! Esse foi o golpe de misericórdia para nós dois! Estamos acabados! Quem está por trás disso está brindando com Dom Pérignon.

— Você tem inimigos, qualquer parente das crianças que matou, qualquer pessoa do seu meio que não gostou que tivesse virado estrela outra vez. Você foi condenado por oito assassinatos, vai sair em breve, e crê realmente que as pessoas vão aplaudi-lo nas ruas só porque se reinventou profissionalmente na prisão? Posso pensar em centenas de motivos para que alguém queira tornar sua vida impossível, Tasio.

Fitou-me, e a sua expressão me pareceu de frustração.

— Só tento fazê-lo ver o que a maioria não vê. Você é a minha única oportunidade de sair daqui com garantias, dá pra entender?

"Está bem, não há como fazê-lo falar mal do irmão, então vamos mudar o rumo ou a visita será totalmente estéril", pensei.

— Então, vamos falar de algo que tem a ver com não se limitar ao que a maioria vê. Agora vou falar com o arqueólogo. Lembra-se do programa

que fez sobre o triângulo formado pelas ermidas de Ochate, San Vicentejo e Burgondo?

— Sim, claro. Não teve muita audiência, estávamos começando e ainda não sabíamos o tom que daríamos ao programa, mas o conteúdo era muito interessante, na linha que eu queria.

— O que quer dizer? — animei-o.

— Veja, além dos avistamentos de óvnis e supostas pragas bíblicas, estou convencido de que essa região de Treviño foi um enclave importante para os povos que a habitaram, um enclave místico, telúrico. Embora eu seja científico demais para acreditar no que quer que seja, continuo pensando que, para os habitantes e os que construíram aquelas igrejas, o lugar possuía algo especial e no passado foi o centro de algum tipo de reunião ou encontro de certos grupos.

— Você entrevistou um homem velho, uma espécie de mestre de cantaria que havia restaurado a ermida de San Vicentejo, mas não menciona o nome dele, e nas gravações ele está sempre de costas. Foi uma questão de edição?

— Ele não quis ser identificado. Era um homem discreto, isso acontecia muito com entrevistados mais velhos. Por que pergunta isso?

"Porque um dos altos-relevos é uma representação exata dos crimes, maldito doente ególatra, e quero saber se foi você quem tirou a ideia dali ou se o verdadeiro assassino está mais adiantado do que pensamos."

— Você não está em posição de fazer perguntas. Resolva se vai ajudar com a investigação, Tasio — retruquei, cansado de tanta oposição. — Você se recorda ou não?

Frustrado, ele deu um longo suspiro.

— Sim, me lembro. Vamos ver, o nome era... Tiburcio. Tiburcio Sáenz de Urturi, natural de Ozaeta. Lembro-me dele porque achei que não encaixava no perfil.

— Do que você está falando?

— Que não era um simples canteiro, mas um erudito em construções medievais. Sabia muito de simbologia medieval, era uma enciclopédia quando explicava o significado das imagens da ermida. Uma espécie de ignorante sábio, ou gênio tosco, se me permite o termo.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Vinte anos depois? Se não tiver morrido, talvez continue vivendo na sua aldeia, ou num asilo. Não deve ter sobrado muita gente com esse

nome. Aposto que você acha o endereço antes de ligar o carro no estacionamento.

— Só há uma forma de averiguar — disse, levantando-me. — Diga-me, o que vai fazer com a conta do Twitter, agora que vão vilipendiar o que escrever?

— Você sabe que não tenho nenhuma conta de Twitter para alimentar, mas se a tivesse continuaria enviando mensagens e me comunicando com você para tentar guiá-lo na investigação. É o que faria, Kraken.

Assenti em silêncio e saí da sala.

* * *

Liguei para Estíbaliz assim que entrei no carro. Tínhamos enviado dois agentes ao domicílio de Ignacio na rua Dato para pedir que se apresentasse na sede de Lakua para falar dos últimos acontecimentos.

— O que Ignacio disse? — perguntei assim que ela atendeu.

— Não disse nada. Não está em casa, ou ao menos não dá sinal de vida, e tampouco atende ao celular ou aos números que temos. Vou ao chalé dele em Laguardia com dois agentes. Se não estiver lá, será preciso falar com o juiz Olano para nos emitir um mandado de busca e apreensão.

— Deixe para depois, Esti. Acho que não temos o suficiente para convencer o juiz.

— Você acha pouco a mentira sobre a relação dele com uma das vítimas? — gritou, perdendo a paciência.

— Acho que ele nos deve uma conversa, mas só temos fotos em que parecem carinhosos. Não é uma prova de assassinato.

— O que você tem com os gêmeos, Unai? Nem agora lhe parecem suspeitos?

— Você vai entender esta tarde, quando eu lhe explicar. Procure Ignacio e, se o encontrar, pressione-o como puder. Tenho visitas para fazer.

Quase uma hora depois, cheguei ao centro de Vitoria, cruzei o imenso portal da rua General Álava e fui até o último andar, onde, desde o princípio dos tempos, se localizava a redação do jornal *El Diario Alavés* .

O rapaz da recepção ficou em pânico, certamente me reconheceu, deve ter me visto com Lutxo alguma vez, ou talvez a *hashtag* #Kraken rendesse mais do que eu esperava.

— Vim ver o Lutxo.

— Está na mesa dele — respondeu, com cara de quem não sabia o que dizer. — Vou avisá-lo, se quiser.

— Não, não precisa. Ele certamente vai ficar contente em me ver — respondi, e quando entrei no corredor todas as cabeças se ergueram à minha passagem e me acompanharam em silêncio.

Encontrei-o diante da última mesa, com o celular soltando fumaça, falando à velocidade de cem palavras por minuto, do alto do seu pico de popularidade. Eu diria que estava feliz, exultante.

Demorou um pouco para notar a minha presença, talvez o silêncio que se criou à nossa volta o tenha feito levantar a cabeça e me ver.

— Olha, ligo depois. Surgiu uma urgência na redação — disse ao interlocutor assim que me viu. Desligou. — Você não demorou nada, Kraken.

— Mas você demorou um pouco, Lutxo.

— Vamos para aquela sala — indicou-me com um gesto enquanto se levantava —, está vazia.

Seus colegas pousaram os olhos nas telas diante deles, fingindo estar concentrados nas notícias que estavam produzindo antes de fechar a edição, às sete.

Ele fechou a porta da sala. Da janela, avistei os telhados da Amêndoa Medieval coroados pela torre da igreja de San Miguel.

— Vamos lá, desembucha, amigo. Só não grite muito, aqui as paredes têm ouvidos.

— Amigo? Você passou do limite, *amigo* . Publicou isso sem me consultar se seria conveniente para a investigação. Como fica a nossa colaboração agora, *amigo* ?

— Colaboração, Unai? O que você chama de colaboração? Você não me passou nada, absolutamente nada.

— Porque não temos nada, porra! — gritei, esquecendo onde estava e com quem estava.

— Mas agora eu te dei algo, comece a fazer seu trabalho. Vitória inteira, e a metade do planeta, está esperando. Fiz a minha parte.

Virei-me de costas e tentei me acalmar contemplando o horizonte de telhados da cidade.

— Tudo bem. Não vim armar um escândalo. Venho na qualidade de inspetor de uma investigação em curso. No jornal onde você trabalha foi publicada uma reportagem assinada por você com provas gráficas do

condenado por um assassinato com uma das suas vítimas. Como essas fotos chegaram às suas mãos?

— Você sabe o que sempre dizemos das nossas fontes.

— Não fode, Lutxo. Essa maldita fonte pode ser a chave para parar com os assassinatos. Você não se importa que siga matando? Quem foi, o Eguzkilore?

— O Eguzkilore? — repetiu, surpreso. — Imagina. Bem, não que eu saiba.

— Que eu saiba? E você não sabe? Não sabe quem as enviou, é isso?

Frustrado, ele acariciou a barbicha branca.

— É complicado mentir para você, Unai.

— Então não tente, Lutxo. É simples. Não tente. Quem te deu essas fotos?

Nesse momento, um toque na porta nos interrompeu, seguido pela expressão severa de um homem bem-vestido.

— Tudo bem, Lutxo?

— Tudo bem, chefe. A minha visita já estava indo embora — respondeu, calando-me com o olhar.

Por fim estava diante do mítico e hermético diretor do *Diario Alavés* , um homem poderoso cujo rosto poucos tinham visto nas últimas décadas. Tinha uma aparência normal e inexpressiva, diante das lendas escabrosas que havia gerado.

Saí da sala sem olhar para Lutxo e desci de escada os sete andares do prédio, como fazia quando precisava pensar rapidamente. As notícias mandavam, ao menos no resto do mundo, mas eu queria, obstinadamente, ir além da manchete.

Tempo, só precisava condensar o tempo. Tempo para obter algo sólido.

O celular tocou, vi quem era e aceitei a ligação.

— Olá, inspetor Ayala. Tem um momento?

— Não muito, o que vão publicar no *Correo Vitoriano* ?

Mario Santos pareceu refletir, depois respondeu do seu modo, calmamente.

— Está no centro? Talvez possamos nos ver. Também estou apressado, o diretor está subindo pelas paredes.

— Nos vemos em cinco minutos no Usokari, se estiver de acordo — sugeri. — Ainda não almocei.

Pouco depois, quando estava terminando meus cinco bocados, ele apareceu e sentou-se diante de mim, à mesa mais discreta do bar, que dava para a rua Arca.

— Você leu o especial do *Diario Alavés* , suponho — cumprimentou-me.

— Você sabia disso, Mario?

A ele podia perguntar, sem temer que me escondesse algo.

— Se disser que não, estarei mentindo. São rumores que circularam pela redação por anos. Sabia-se que ambos gostavam de meninas. Quando incriminaram Tasio, Ignacio jogou bem a carta midiática com a televisão, e todos se calaram, mas sempre houve a suspeita em certos círculos de que a menina de quinze anos poderia ter sido uma das suas amigas. Até então as pessoas faziam vista grossa para certas coisas. Tasio foi intocável até o dia da detenção, como Ignacio foi depois. No *Correo Vitoriano* não quisemos fazer eco do falatório nem entrevistar gente que parecia disposta a falar. Para que remexer ainda mais a sujeira, com os cadáveres de oito crianças na mesa de autópsia? O importante foi que os crimes acabaram.

Esperou que eu terminasse a tortilha, remexendo com calma seu café com leite.

— Precisamos responder a isso, entende? Estamos seguindo uma linha muito menos agressiva, mas os nossos leitores esperam que o jornal amplie a escassa informação que estamos fornecendo. Inspetor, não quero fazer isso na contramão da explicação oficial.

— Não posso impedi-lo de publicar, as imagens estão aí. Só posso dizer que seguimos outra linha, além dessa.

— Achei que isso bastasse para que se centrassem nos gêmeos — comentou, tomando o último gole de café.

Não era comum que Mario se intrometesse tanto. Olhei-o espantado.

— Diga-me, Mario, por que seu chefe está te pressionando tanto assim?

— Estou tentando contê-lo, mas hoje queria publicar a história do crime passional em primeira página, como é lógico. Liguei para você por um assunto pessoal: não quero fazer nada que perturbe o andamento oficial. Para mim, trata-se de uma relação de longo prazo, o mundo não vai acabar amanhã, nem com esse caso, e não quero queimar o filme publicando algo que crie inimizade com a polícia.

— Pois é um alívio encontrar um jornalista que pense como você, pode acreditar. Ouça, vou mantê-lo informado. Quando tiver alguma coisa

publicável, eu ligo, como sempre.

— Conto com isso, inspetor — assentiu, consultando o relógio.

Foi ao balcão, pagou seu café e os meus petiscos e saiu. Resolvi ir à sorveteria Breda, na mesma rua, terminar o almoço com um sorvete de creme, a única coisa que poderia melhorar o meu dia.

Estava saindo do Usokari quando recebi uma ligação inesperada. Era Aitana, a grávida ex-namorada de Ignacio.

— Inspetor Ayala, queria falar de um assunto que não lhe contei — disse com a sua voz afetada pelo cigarro.

— É importante? — sondei.

— Para mim, sim, muito. Acho que para o senhor também. Leu o jornal?

"Quem não?"

— Tem a ver com os gêmeos?

— Sim, claro que sim.

— Hoje precisamente acho que não terei tempo de encontrá-la. Talvez esteja pedindo muito, mas poderia contar por telefone ou ao menos adiantar do que se trata?

Ela levou uns segundos para prosseguir.

— Tudo bem. — Ouvi-a soltar fumaça do outro lado da linha. — Tasio e Ignacio me revezaram.

— Desculpe, pode explicar melhor?

— Nesses vinte e sete anos, não contei isso a ninguém, mas eles me revezaram. Era um dos jogos que tinham, sempre se gabavam de que eram capazes de trocar as namoradas sem que elas percebessem, e quando comecei a sair com Ignacio achei que não seria capaz disso, ao menos comigo. Tínhamos dezoito anos, mas a coisa era um pouco mais séria que com Tasio e suas histórias de uma só noite. Aquilo coincidiu com a morte da mãe deles, Ignacio ficou muito mal, e eu o consolei. Simplesmente... não o achei capaz de fazer algo assim. Por isso rompi com ele.

— O que houve, exatamente? — perguntei, caminhando pela rua Dato.

— Um dia Ignacio me chamou à casa dele, o senhor sabe: o palácio dos Unzueta, onde foram criados. Ele costumava me chamar quando sabia que não haveria ninguém em casa por algumas horas. Aproveitávamos e fazíamos sexo como loucos no quarto dele. Naquele dia, ele abriu pelo interfone e me pediu que fosse direto ao quarto dele, estava um pouco escuro e o encontrei na cama. Nos deitamos em silêncio, achei-o um pouco

estranho, com umas reações que eu desconhecia, atitudes que não eram comuns nele... mas me deixei levar. Depois, quando terminamos e ele começou a falar, me dei conta de que não era Ignacio.

— E como... Não quero que entenda isso como uma pergunta indiscreta, mas devo perguntar.

— Sem problema, não é uma pergunta tão íntima como parece. Assim que abriu a boca, eu soube que era Tasio. A voz era diferente, a forma mais rápida de falar, mais despreocupada, mais de Tasio. Foi terrível estar deitada nua na cama com alguém e perceber que era outra pessoa.

— O que você fez, então?

— Comecei a gritar que ele não era Ignacio, ele riu, confirmou, disse que tinha tesão por mim e o irmão havia permitido, que eram dívidas que acertavam entre eles. Peguei minha roupa e fui embora correndo. Passei vários dias alterada. Ignacio nem se defendeu quando terminei com ele. Limitou-se a dizer que eu sabia com quem saía quando decidi fazer aquilo, como se todos contassem tacitamente com a troca, menos eu.

Respirei fundo, tinha perdido a vontade de tomar sorvete de creme na Breda, já não tinha vontade de nada. Dei uns passos e sentei no banco do toureiro de bronze. Ao menos ele parecia confiável.

— Não o denunciou?

— Denunciar? — Ela riu, como se eu tivesse contado uma piada sem graça. — Denunciar o quê, que passamos um bom momento? Foi uma violação com a qual colaborei.

— Aitana, a senhora foi enganada para se deitar com alguém com quem não tinha decidido se deitar.

— Eu sei, repito isso todos os dias quando me levanto. Repito; é o que manda o psicólogo e é o que faço. Estou disposta a testemunhar contra eles. Estou calada desde os dezoito anos, dissimulando o asco que sentia cada vez que saía com o grupo e eles estavam lá, porque eles eram intocáveis. Não quero mais ficar calada.

— Por que continuou saindo com eles? Por que defendeu Ignacio até hoje?

— O que queria, que ficasse sem um grupo? O senhor vive aqui, sabe o que é isso.

— Tudo bem. O que vai fazer agora?

— Sinceramente, se houve delito, deve ter prescrito. Mas para mim foi um grande passo falar disso com o senhor. Sinto-me... aliviada, e não

tenho mais vergonha do que aconteceu. Acho que, dessa vez, fiz o que tinha que fazer. Isso me basta.

— Não sei se servirá de consolo, Aitana, mas o que me contou foi de grande ajuda. Agradeço muito a sua sinceridade — afirmei, e me despedi.

O toureiro de bronze me olhou, e eu seria capaz de jurar que ele também se sentia mal.

* * *

Quando cheguei ao escritório, Estíbaliz ainda não tinha voltado, então fui falar com Pancorbo.

— Gostaria de conversar com você sobre o que se recorda do crime da Muralha Medieval.

— Sem problemas, pergunte — assentiu, como se há tempos esperasse aquela conversa.

— O sêmen achado na vagina da menina de quinze anos era de Ignacio ou de Tasio?

— De Tasio.

— Foi o que levou Ignacio a deter o irmão?

— Cronologicamente foi o estopim, claro.

— Explique, por favor.

— Eu sabia que Ignacio estava metido com uma menina muito jovem, mas não tanto a ponto de ser menor de idade, e ela não aparentava ser menor. Era muito desenvolvida, não achei que fosse tão estúpido nem estivesse tão doente, na verdade. De qualquer modo, era tremendamente discreto e fazia de tudo para não ser flagrado, mas sabe como ocorre entre colegas. Você passa muitas horas ao lado de alguém, percebe as mudanças de humor, as mentiras, quando está distraído...

— Sim, entendo. Todos passamos por isso — interrompi-o, incomodado.

— Quando a autópsia chegou, ele ficou muito perturbado, fora de si, porém não falamos daquilo. Ele nunca teria assumido, teria sido preso por corrupção de menores. Depois, houve a descoberta do veneno de teixo, e as coisas se precipitaram.

— Que descoberta?

— Ignacio tinha as chaves do apartamento de Tasio na Dato. Entramos quando ele estava no canal de televisão, preparando o programa. Fui eu

que encontrei um saco plástico com folhas de teixo no escritório dele. Estava bem escondido detrás de um *eguzkilore* de barro pendurado na parede. Foi o suficiente para que Ignacio determinasse sua detenção. Depois, a Unidade de Perícia Criminalística encontrou digitais de Tasio no saco, e também se descobriu a correspondência entre o teixo e o veneno encontrado nos oito cadáveres. Quanto à menina e o menino de quinze anos, foram drogados antes, suponho que para não resistirem a ingerir a infusão de veneno de teixo.

— E os pais da menina? Por que não falaram com a imprensa? Por que até agora não é de domínio público que Tasio teve relações com ela antes de morrer? Com a raiva de todos contra ele, o normal teria sido que os pais também tivessem posto lenha na fogueira.

— Tenho certeza de que os pais sabiam que a filha saía com um deles, ou talvez soubessem que tinha estado com os dois, e não disseram nada pelo estigma social. A filha estava morta, era uma mártir, uma vítima. Tasio foi para a cadeia sem que o escândalo sexual viesse à tona. Entendo que não quisessem remexer o assunto.

— Sim, é verdade — tive de reconhecer. — Diga: depois de tudo o que aconteceu, não acha que Ignacio sumiu com a autópsia da menina para que não viesse à tona a motivação sexual?

— Quero ser justo com ele. Não lhe devo nada, ele tampouco me deve nada, mas quero ser justo com meu ex-colega. Seria fácil me deixar levar pela indignação que hoje percorre todos os bares da cidade e atacá-lo. Mas, se quero ser um bom policial, direi que a resposta é que não tenho a menor ideia.

— Você me ajudou muito, Pancorbo. Muito obrigado.

— Quando quiser — retrucou, e deixei-o sozinho em seu escritório, fitando uma tela que eu sabia que não lhe importava.

Pouco depois, armei uma reunião com a subdelegada Salvatierra e a minha parceira, que me esperavam na sala de reuniões do segundo andar. Estíbaliz começou.

— Ignacio continua sumido, a casa de Laguardia está fechada e ainda não convencemos o juiz Olano a emitir o mandado de busca e apreensão. Vamos deixar passar umas horas, e deveríamos obter provas para incriminá-lo.

Era a minha vez, e fiz um resumo das conversas com Tasio, Aitana e Pancorbo.

— Agora precisamos dar um passo atrás e ver o que ocorreu, desde a véspera de São Tiago, como se fôssemos espectadores para quem tanto faz que o assassino seja um dos gêmeos ou qualquer outra pessoa.

— O que quer dizer, inspetor Ayala? — interveio Alba.

Fitei-a um par de segundos a mais; notei que estava cansada; eu também estava.

— Subdelegada, aqui se une o crime em série, premeditado e frio, com vítimas anônimas que só encaixam num perfil com dois requisitos: idade e sobrenomes, com um crime que agora tentam nos vender como passional. Porém, a vítima também se encaixa no perfil de dois requisitos, então a armação é falsa, não acredito nela.

— Explique-se, Unai — pediu Estíbaliz, com o cenho franzido.

— Há alguém por trás disso, e não são os gêmeos; se o último crime foi passional, o que dizer das primeiras vítimas? Por que a coincidência de idades, por que os sobrenomes alaveses? Essa menina ia ser vítima desde o início.

— Certo, mas não exime nenhum dos gêmeos de culpa — replicou minha parceira.

— Digamos que foi Tasio. Não faz muito sentido que quisesse matar desde o início a sua companheira e ex do irmão, e, para disfarçar, matasse antes outras sete crianças, cobrindo tudo com uma parafernália pagã. Além disso, deixar o próprio sêmen; esse detalhe não é tosco demais?

— Mas encaixa com Ignacio — insistiu Estíbaliz. — Imaginemos que quisesse matar a ex-namorada por ter ido para a cama com o irmão. Teria de premeditar tudo desde o início. Matar outras sete crianças, encenando os crimes históricos, deixar a ex-namorada ir para a cama com Tasio para depois matá-la e deixar a autópsia revelar que continha o sêmen do irmão. Plantar a prova do veneno de teixo no escritório de Tasio num saco com as digitais do irmão para que Pancorbo a encontrasse e, assim, incriminá-lo... tudo bate.

— Tudo bem, até aqui é factível, mas e o assunto de hoje? A meu ver, o de hoje foi o pior erro que o verdadeiro assassino cometeu em vinte anos. Quem enviou as fotos ao jornal seguiu os gêmeos antes do assassinato da menina e conservou as fotos por duas décadas para mostrá-las ao mundo justamente hoje. Isso não veio de Tasio nem de Ignacio. As fotos não só os prejudicam, elas os destroem. Não há como sair bem desta situação: agora são pedófilos, ninguém os perdoará. Portanto, não foram eles. Há uma

terceira pessoa empenhada em incriminá-los e acabar com eles. Primeiro se encarregou de Tasio, agora quer que todos pensemos que Ignacio é o assassino. Precisamos nos adiantar, em vez de ir atrás dele.

— Então, o que sugere, inspetor? — interveio Alba.

— Certamente é preciso encontrar Ignacio e verificar o álibi que vai nos dar sobre seu paradeiro no dia de São Tiago e na véspera, porém precisamos continuar investigando o entorno dos gêmeos, do nascimento aos vinte e cinco anos: temos de encontrar o verdadeiro motivo disso tudo, porque alguém muito inteligente e muito paciente acha que tem motivos para destruí-los. Creio que é o perfil mais complexo que já encontrei: um período de esfriamento de vinte anos supõe que o assassino é um psicopata capaz de controlar suas emoções por muito tempo. Não acho que vá errar, não acho que vamos pegá-lo em contradição, e acho que até agora só vimos o início do seu plano.

19

> Não caia no jogo dele nem pense em reconsiderar a essa altura. Reagrupe as suas pistas iniciais. Agarre-se a elas, #Kraken

3 de agosto, quarta-feira

Eram seis da manhã quando saí para correr. No dia seguinte começariam as festas da Virgen Blanca, as ruas não estariam tão vazias como eu gostava. Na verdade, preferia que estivessem quase desertas.

Quase.

Mas naquele dia não a vi correr pelas ruas do centro com sua trança morena, então foquei na minha rotina e uma hora depois estava de volta à praça da Virgen Blanca com a intenção de ir para casa. Porém, lembrei-me de um assunto que precisava resolver e fui à esquina da rua Postas, onde a minha amiga Nerea estava abrindo e arrumando os jornais nas estantes da sua banca.

— Bom dia, Nerea — cumprimentei-a.

Ela deu um pulo e girou sobressaltada.

— Kraken! Quer dizer, Unai! Você me assustou — respondeu, levando a mão ao peito.

— Sim, queria falar disso mesmo com você. De Kraken, dos sustos... e de você ficar de boca fechada e me transformar numa celebridade sem o meu consentimento.

— Do que você está falando, Unai? Não falei com muita gente sobre você... quer dizer, um pouco, como todo mundo — disse, soprando a franja.

Cheguei mais perto, deixando pouco espaço entre o meu corpo e o balcão. A banca tinha apenas nove metros quadrados. Estava usando uma tática intimidadora. Éramos amigos, e eu tinha muito carinho por ela, mas não podia deixar que continuasse sendo inconsequente.

— Nerea, você precisa parar com isso. Entendo que as pessoas façam perguntas. Vitoria inteira fala, mas daí a mostrar minha foto no celular a

todo mundo que passa por aqui e contar que eu sou Kraken... Você não percebe que está me colocando em perigo?

— Perigo? — Ela deu de ombros. — Um pouco de fama não cai mal a ninguém, muitos iam adorar, não fique assim.

Aproximei-me um pouco mais, com a camiseta encharcada de suor.

— Você não está entendendo nada, Nerea. Isso não é fofoca de coluna social. Você não pensou que o assassino pode ter falado com você e, ao mostrar a minha foto, você pode tê-lo encaminhado na minha direção? Talvez tenha me colocado em perigo. Deve ter contado a alguém que contou a alguém que contou a alguém. Diga: se me acontecer alguma coisa, você vai dormir em paz?

Ela engoliu em seco.

— Unai, sinto muito. Não tinha pensado nisso. Está falando sério?

— Infelizmente é sério. O meu trabalho não é brincadeira, e esses crimes não são um simulacro. O que você fez não constitui um delito, mas está a um passo de que eu deixe de considerá-la amiga. Se voltar a ouvir que continua mostrando minha foto, você vai cruzar a linha vermelha e pode esquecer a nossa amizade, porque nunca mais falo com você.

— Caramba, sinto muito... — reagiu, ruborizada. — Não tinha a menor ideia.

— Eu sei, Nerea, eu sei. Agora precisa parar com isso.

Ela baixou a cabeça, muito envergonhada.

— Dou a minha palavra, Unai. A partir de agora não abro mais a boca.

"Complicado", pensei. Ao menos sabia que ia tentar. No fundo, Nerea era boa, mas duvidava muito da sua força de vontade.

Voltei correndo para casa depois de me despedir dela.

* * *

Naquela manhã meu destino era a casa de repouso de Txagorritxu. Depois de uma pesquisa rápida nos registros do computador, localizei Tiburcio Sáenz de Urturi, natural de Ozaeta, viúvo de oitenta e sete anos, sem família.

Não quis avisar Estíbaliz para não estragar o dia dela. Seu pai estava na ala de Alzheimer em Txagorritxu, e sabia que lhe custava visitá-lo. Ela vinha de uma família muito disfuncional, nunca falava sobre isso, mas sei que o pai tinha sido violento com os filhos, e ela própria tinha confirmado

o diagnóstico de Alzheimer precoce com um misto de alívio e preocupação.

A casa de repouso ficava bem perto do meu trabalho, mas resolvi ir de carro e parar no estacionamento rodeado de pinheiros e outras árvores que faziam sombra para vários residentes que conversavam ou cochilavam espalhados pelos bancos de madeira.

Entrei no hall e fui à recepção. O quarto do senhor Tiburcio ficava no segundo andar e para lá fui, depois de pegar um elevador tão lento quanto os moradores daquele microuniverso de aposentados.

Quando a porta do elevador se abriu, me vi diante de três corredores, sem saber a qual me dirigir, e então empurrei uma porta vaivém com visor para perguntar a algum enfermeiro.

Encontrei um rapaz de uniforme azul-claro que empurrava uma cadeira de rodas vazia, e ia na sua direção quando ouvi meu nome dito na minha nuca.

— Kraken... — disse uma voz bem grave atrás de mim.

Virei-me alarmado, levei um susto. Diante de mim estava um homem que ainda não parecia um velho. Usava pantufas e o uniforme do Deportivo Alavés. Eu o reconheci porque tinha cabelo ruivo com fios brancos nas têmporas. Seus olhos castanhos, idênticos ao da filha, me fitaram quase com malícia. Pareceu-me que por trás da doença havia uma pessoa inteligente, ou inteligente por instantes, que lutava para vir à tona.

— O senhor é Ruiz de Gauna, não é? — falei, sem saber muito bem como seguir.

Não me recordava do nome do pai de Esti. Devia me lembrar?

— Kraken... — repetiu.

Pelo visto lembrava-se de mim de quando Esti e eu éramos adolescentes e nossos grupos às vezes se juntavam para subir o Monte Gorbea ou San Tirso.

— Desculpe, jovem! Não pode ficar aqui, a menos que seja parente de um doente — repreendeu-me uma enfermeira magra e mais alta que eu, aproximando-se do pai de Estíbaliz e levando-o de volta à cadeira de rodas.

— Estou procurando o quarto 238, mas acho que não é aqui. Poderia me ajudar? — respondi, e dei uma última olhada no pai da minha parceira, mas me pareceu que, diante da enfermeira, ele adotou um olhar perdido.

— Saia e vá até o corredor azul, fica ali em frente. — Limitou-se a dizer a mulher.

Fui embora obedientemente e em seguida encontrei o quarto.

Bati na porta e esperei um bom tempo, mas ninguém respondeu. Repeti o toque com mais força e finalmente ouvi uma resposta.

— O que é?

Tinha a voz gasta, oca, como se arrastasse uma pneumonia eterna. Atrevi-me a abrir a porta e vi um velho encolhido numa cadeira de rodas metálica. O cabelo branco espesso, os pômulos pronunciados na caveira de um rosto que um dia foi afável e agora estava consumido pela idade. Tinha o bronzeado de quem sempre trabalhou no campo, mas estava vestido com um terno desajeitado com colete e gravata, como se esperasse visita ou fosse o convidado de honra em um evento municipal.

— Senhor Tiburcio?

— Quem pergunta? — respondeu ansioso.

— Sou o inspetor Unai López de Ayala. Estou investigando um caso e talvez o senhor e seus conhecimentos sobre a ermida da Concepción de San Vicentejo possam ser úteis.

— Aconteceu alguma coisa com a ermida? — quis saber, um pouco alterado.

— Não, pode ficar tranquilo, ela está perfeita e segue de pé. O senhor se lembra de Tasio Ortiz de Zárate?

— O arqueólogo da televisão? Sim, como poderia esquecer. Um tormento, me importunou até me convencer a falar no bendito programa. Um bom rapaz, ninguém imaginava que fosse terminar assim. Pertencia a uma dessas famílias que... O senhor sabe, uma dessas famílias que sempre estiveram aí, e ninguém pensa que pode lhes ocorrer algo ruim. Eu... sempre acreditei mais na igualdade, com maiúscula. Mas não fique de pé, sente-se — convidou, indicando uma cadeirinha de madeira ao lado da janela, que dava para uma laje coberta de pedras brancas.

— Me disseram que o senhor cuidou da última reforma do templo e que é uma espécie de mestre canteiro daqueles que já não existem, além de ser especialista na iconografia do templo de San Vicentejo.

— Sim, digamos que a minha família provém de um antigo ramo de construtores... — respondeu mecanicamente, como se tivesse dado essa explicação milhares de vezes no passado.

— Se o senhor puder me dar uma aula magistral a respeito, me ajudaria muito.

— Aula magistral? — Sorriu para si mesmo, como uma criança travessa. — Jovem, pode abrir aquele armário?

Obedeci, curioso, e debaixo dos três ternos completos encontrei uma caixa enfeitada com conchas de peregrino.

— Traga a caixa, ande.

O senhor Tiburcio a abriu e tirou de lá uma pesada chave de ferro, semelhante à que, em Villaverde, os poucos vizinhos que restavam usavam para subir ao campanário e tocar o ângelus a cada mês.

— É uma réplica. A família proprietária me deu de presente depois da restauração. Ficaram tão satisfeitos com a obra que me deixam entrar quando quiser, embora não a visite desde que parei de dirigir. Moço, você não teria um carro com um porta-malas bem grande? — perguntou, com um ar travesso.

Meia hora depois, estávamos em San Vicentejo.

O senhor Tiburcio sorriu sentado no assento do copiloto enquanto meu Outlander percorria a estrada entre carvalhos, faias e azinheiras. O caminho foi ficando mais verde e fechado, e trouxe um pouco de frescura àquela manhã de verão.

Deixei o carro numa lateral, abaixei a cadeira de rodas e o empurrei até a clareira de grama brilhante onde se erguia a pequena ermida românica.

— Muito bem, jovem. Esta ermida é um *unicum* , o que quer saber exatamente sobre essa estranha maravilha?

Empurrei a cadeira do senhor Tiburcio até a fachada posterior da ermida, diante da abside curva, e apontei para o casal deitado que tocava os rostos um do outro num gesto carinhoso, vários metros acima das nossas cabeças.

— Pode-me falar deles, do significado deste relevo?

Seu rosto se encheu de rugas que indicavam assombro, e me lançou um olhar que não soube interpretar, como se quisesse me decifrar ou catalogar.

— Deles, justamente?

— Sim, simbolizam algo? — insisti.

O velho fitou-os como se os conhecesse da vida toda e estivessem se reencontrando, ou talvez se despedindo, não saberia dizer com precisão.

— Claro que simbolizam algo. São a alma do que esta construção tenta dizer ao mundo. Tudo o que se vê ao redor está relacionado à história

deles. É uma representação iconográfica do casal hermético ou matrimônio alquímico. Só existe algo parecido em San Bartolomé del Río Lobos, em Soria.

— Essa igreja não é dos templários?

— Da Ordem, sim. Quanto ao que está diante de nós, é um prédio próprio de uma ordem militar. Nisso todos os estudiosos estão de acordo. Encare-o como um livro. No ano de 1162, data provável da construção, o povo não tinha acesso à leitura, então lia as imagens. Os descendentes daqueles agricultores perderam essa capacidade, em parte por falta de dados, mas posso fazê-lo ver o que vejo, não é tão complicado. Na verdade, trata-se de um relato básico, primigênio. Fala do casal prototípico, de Adão e Eva, o pecado original e suas consequências. Como vê, é uma simples recriação do Gênesis. Vamos entrar, o relato começa na parede do presbitério.

Ele me entregou a chave imensa que tirou do paletó. Voltei a empurrar a cadeira de rodas e aproximei-o da porta de madeira. A fechadura rangeu um pouco, mas acabou cedendo e a porta se abriu.

O interior era bem pequeno, de uns quinze metros de comprimento, e havia quatro bancos de madeira. A luz se filtrava pelas três janelas estreitas e a pedra ocre banhava de calma o espaço diminuto.

O senhor Tiburcio sussurrou algumas palavras que não ouvi, uma espécie de oração que guardou para si. Depois ele próprio empurrou a cadeira de rodas e percorreu o perímetro interno da ermida, como se entrar naquele recinto sagrado tivesse recarregado suas forças.

— É só seguir com o olhar o percurso das mísulas da abside interna: em primeiro lugar, a figura de um rosto jovem, imberbe. É Adão em sua primeira idade. A mísula seguinte é uma flor em forma de hélice. Aqui se vê um rosto feminino com touca: é Eva. O casal primigênio passa pelas diferentes etapas da vida. As seguintes são duas figuras mutiladas inidentificáveis, nunca soube o que significam e não acrescentei nenhum elemento à restauração. O que vê ali é outra flor, uma roseta que se abre e gira com o sol. Depois, outra flor em forma de hélice ou cruz gamada, e, por último, há dois seres que nascem de uma flor.

Por uns segundos esqueci de respirar: todas aquelas flores pareciam *eguzkilores* . Flores de sol.

— Qual é a simbologia de tantas flores?

— É o Jardim do Éden que cerca o casal antes do desterro, da expulsão do Paraíso. Aqui, trata-se de algo universal, mas muito íntimo. O senhor, jovem, nunca se sentiu expulso do seu próprio paraíso? Todos nos sentimos assim em algum momento.

Espantei da cabeça a imagem da alameda dos pinheiros e me esforcei para manter o rosto impassível. Não sabia se estava diante de um mestre da Ordem ou um simples erudito, e preferi fingir ser um jovem com um passado neutro.

— Por último, eis a mísula com a figura da abelha, símbolo de castidade. Com ela se fabricava a cera do círio pascal do Sábado Santo, para celebrar o triunfo sobre a Morte.

Tentei me segurar, para a minha voz não delatar o calafrio que percorria minhas costas.

— Então, no relato tanto os animais quanto as plantas...

— São moralizantes, bem como a nudez do casal. Estamos falando da origem da humanidade, de algo sagrado. Esta, jovem, é a narrativa do casal prototípico e das consequências do pecado original, por isso a ermida está repleta de rostos masculinos e femininos, de imberbes a barbados: representam as idades do homem e da mulher. Até que eles pecam e caem em desgraça, tal como se vê na abside exterior: deitados e junto à árvore emblemática do Bem e do Mal. A árvore pode ser uma macieira, um teixo... Na Idade Média, era ilustrada por diversas espécies, não saberia dizer qual está representada aqui. Mas não estão sós, o casal tem um ao outro, daí o gesto das mãos no rosto.

Recordei todas as fotos dos crimes duplos: o casal nu que se consolava carinhosamente, emoldurado por um triângulo isósceles, rodeado por seu Jardim do Éden em forma de *eguzkilores* , de flores do sol e, por último, os elementos exemplares de vegetais ou animais como armas do crime: o teixo, símbolo da imortalidade, e a abelha, símbolo da castidade.

Pela primeira vez compreendi e, por fim, pude ler a novela que o assassino estava escrevendo para os iniciados que soubessem lê-la: cada crime duplo era um capítulo.

Mas o que ele pretendia? Seguir com a conta, passar a assassinar gente de trinta anos, casais de sessenta, velhos? Acabar com os alaveses mais longevos? Segundo o registro, em Álava havia doze homens e cinquenta e oito mulheres acima dos cem anos. Nesse ponto era factível protegê-los, principalmente os doze homens, sem eles não haveria casal e só alguns

teriam o sobrenome alavês composto ou a idade exata, segundo os planos do assassino. Mas, se esse momento chegasse, isso suporia admitir uma derrota de quarenta e dois alaveses assassinados, um peso muito maior do que a minha consciência poderia suportar.

Ajudei o ancião a sair da ermida e tranquei a porta pesada, que rangeu novamente. Dirigi no caminho de volta a Txagorritxu observando de soslaio o senhor Tiburcio, que tinha deixado o vidro aberto e acariciava o ar com o braço como um maestro. Talvez estivesse se despedindo daquele caminho, talvez tivesse consciência de que aquela podia ser a sua última viagem de carro. Até então não tinha me perguntado como seria viver até essa idade, estar na linha de frente, como dizia meu avô.

Chegamos ao estacionamento da casa de repouso e descarreguei a cadeira de rodas enquanto ele esperava no assento do copiloto, com a paciência que os anos trazem. Carreguei-o, era só osso e pele, e acomodei-o na cadeira.

— Senhor Tiburcio, o senhor acha que há mais pessoas que possam ter os conhecimentos sobre essa ermida que o senhor compartilhou hoje comigo?

— Vivas? Porque isso eu aprendi faz... — suspirou, frustrado, como se tivesse tentado fazer um cálculo mental — ... muitos anos.

— Sim, de preferência vivas.

— Só consigo pensar no aprendiz que tive durante o restauro, um rapaz ruivo, atarracado, um pouco desajeitado — soltou sem pensar, mas depois tive a impressão de que se arrependeu de ter falado.

— Um rapaz ruivo? Lembra-se do nome dele?

— Não, claro que não, faz muito tempo. Além disso, não era dos que chamavam a atenção, era silencioso e tranquilo. Mas sempre pensei que era muito inteligente, absorvia tudo quando eu falava do simbolismo que expliquei a você, então eu seguia falando. Recordo que era muito solitário e tive a impressão de que o pai o surrava, sempre tinha hematomas pelo corpo. Antigamente isso era mais comum nas aldeias, os pais eram mais severos. Às vezes eram verdadeiras bestas. Acho que, embora acabasse exausto, carregando sacos e fazendo o trabalho pesado, para ele era um alívio estar ali comigo.

— Acha que o nome dele pode estar em algum papel? — insisti.

Ele estava sendo deliberadamente vago, e vi que não ia chegar a lugar algum.

— Que nada, a Autoridade Provincial me contratou, havia um convênio com a família proprietária. Ele era menor de idade, eu lhe paguei sem contrato nem registro, com dinheiro num envelope. Embora andasse que nem um mendigo, eu tinha a impressão de que entregava o dinheiro em casa e não lhe sobrava nada. Agora vai me desculpar: a viagem me deixou esgotado e acho que não posso continuar respondendo às suas perguntas — disse, chamando uma enfermeira para que o levasse.

Despediu-se de mim com um aperto de mão dos antigos, e não deixei de perceber que o seu dedo mindinho se afastou dos outros e abraçou o dorso da minha mão.

Talvez tenha sido um descuido, talvez o costume após uma longa vida de ritos, talvez quisesse dizer algo que eu já sabia há umas horas.

Assenti em silêncio e fui embora.

Sabia que o protegeria, que não havia modo de que o mestre desse uma pista confiável do seu discípulo.

"Está bem, temos um fantasma não documentado de cabelo ruivo", pensei satisfeito, a caminho do escritório. "É muito mais do que tínhamos ontem."

20

O MURAL DO CAMPILLO

Já está chegando perto da caverna mais profunda? #Kraken

3 de agosto, quarta-feira

Estava subindo a escadaria curva da entrada da delegacia de Lakua quando recebi uma ligação de um número oculto.

Fiquei olhando a tela um instante, pensando se atendia ou não. Nunca sabia se ligações assim seriam uma bênção em forma de denúncia ou o início de uma longa cadeia de novos problemas.

— Largue tudo o que estiver fazendo e vá agora mesmo ao Campillo.

— Golden, é você? — exclamei ao reconhecer a voz da velha dama.

— No jardim de Etxanobe, eu o localizei, Kraken. E quando digo *localizei* quero dizer que você pode encontrá-lo, fisicamente, agora mesmo. Quem diria que um policial ia me encomendar o trabalho mais difícil da minha vida. Esse garoto é demais para o meu cérebro, nunca tinha visto nada igual.

— Você precisa me explicar, Golden, não entendo nada.

— O seu garoto é irrastreável, literalmente, nunca tinha topado com uma coisa assim. Mas a velha bruxa aqui aprendeu com a vida a ter uma visão panorâmica dos acontecimentos. O garoto gerencia várias identidades falsas. Tem um *nick* parecido com outro *nick* que se parece com outro *nick* . É um cara jovem, não é um ermitão. Quero dizer que tem uma vida, sai, faz atividades como qualquer garoto da sua idade.

— Atividades de que tipo?

— Como pertencer à Brigada da Brocha da Cidade Pintada.

— Esses não são os voluntários que pintam os murais do Centro Histórico?

— Bingo, Kraken. Hoje estão dando uma demão de material antigrafite no mural do jardim de Etxanobe, no Campillo, o do jogo de cartas.

— *El triunfo de Vitoria* — recordei, era um dos meus favoritos.

— Isso mesmo.

— Te devo uma, Golden.

— Nem precisa dizer. Já estou pensando em formas criativas de cobrar, embora seus chefes não gostem. Por que será que tudo o que é divertido é ilegal?

Sorri e desliguei.

Tardei menos de quinze minutos em correr até o Campillo pela rua Fray Zacarías, a poucos metros da Muralha Medieval e da Catedral Velha.

Aproximei-me do jardim mais alto da cidade e dali vi que estavam montando outro andaime metálico de sete andares na fachada da rua Santa María. Havia meia dúzia de pessoas com brochas trabalhando em diferentes alturas do andaime. Fiquei especulando qual delas poderia ser o escorregadio MatuSalem.

Então o avistei.

Um menino vestido de preto pintava o cabelo das três figuras do mural.

Aproximei-me devagar e, aos pés do andaime, vi uma mulher que parecia estar à frente dos voluntários. Parei do lado dela e mostrei o distintivo.

— Inspetor Ayala. Não diga nada, vou subir no andaime e falar com um dos voluntários, mas não quero espantá-lo, então preciso que continue agindo com naturalidade — falei em voz baixa e num tom deliberadamente lento para que ela me entendesse.

A mulher — uma jovem de cabelo afro e calças com as sete cores do arco-íris — se espantou um instante e logo assentiu com a cabeça em silêncio.

Comecei a subir pelos degraus laterais do andaime, e vários voluntários me olharam com estranheza. O garoto estava concentrado aplicando verniz na parede, mas ergueu a cabeça e se sobressaltou ao me ver avançar na sua direção. Correu os poucos metros que restavam até o outro lado da plataforma, na tentativa de descer os degraus, mas eu o segui e o agarrei pelo braço.

— Vamos conversar, MatuSalem.

Ele trincou a mandíbula, não gostava de receber ordens de um adulto, ou talvez não gostasse de policiais. Era miúdo, baixinho e magro, não devia pesar nem cinquenta quilos, e certamente parecia um anjinho pré-rafaelita. Tinha os olhos azuis rasgados e o rosto imberbe tão perfeito que qualquer um viraria a cabeça na rua para admirar aquela beleza tão pura.

— Então você é o famoso Kraken.

— Você passeou pelo meu disco rígido como se fosse sua casa. Suponho que a pergunta seja retórica.

Apesar de estar encurralado contra a parede da fachada, à altura de um terceiro andar, ele não parava de olhar de soslaio, como quem planeja saltar.

— Você é um... policial. É impossível que tenha me localizado.

— Não é só você que tem superpoderes informáticos, MatuSalem. Tome isso como um indicador de que está me subestimando.

— Tudo bem, meus companheiros de brocha estão olhando e não quero que você estrague uma das minhas identidades mais sociais. Poderia fingir que somos velhos amigos e estamos conversando? — pediu entre dentes, sem deixar de olhar para os lados.

— Acho muito razoável. Você sabe que vim falar sobre Tasio. Se quiser, podemos pular a parte em que você se faz de desentendido, depois nega, e quando digo que posso provar você admite e se gaba disso. Já te trancafiamos uma vez, você já passou por isso, e eu também.

— Porra, você vai rápido demais! Estou acostumado com a velocidade normal dos adultos... — Coçou a nuca.

— É que não tenho muito tempo. Estão matando gente a poucos metros dessa fachada, e o seu ex-colega de cela, Tasio, faz parte dessa tragicomédia.

O garoto não me encarava, era um desses que nunca fixavam o olhar, um recluso mental, alguém que punha barreiras entre a sua mente alucinada e o exterior.

— Não foi Tasio, não foi ele na época, e ele não mantém contato com nenhum imitador fora de Zaballa, como alguns pensam — disse por fim. — Eu também não gosto que matem crianças e gente aos pares. Mas não foi ele. Foi armação, mas, bem, faz vinte anos. Ele já está há tempo suficiente sobrevivendo na jaula.

— Por que você o defende? O seu perfil é de um delinquente econômico. Gosta de desafios intelectuais, afronta a autoridade burlando a lei, e por aí leva um prêmio monetário que te permite viver, mas não tem o perfil de quem simpatiza com outro tipo de delinquentes, muito menos com um sociopata que carrega delitos sangrentos nas costas. Vamos, Maturana, vai me dizer a verdade?

— A verdade? Eu o defendo porque ele me defendeu quando quem tinha de me defender não o fez — disse com raiva. — Na cela dos

pedófilos, queriam armar uma festa em minha homenagem no primeiro dia que cheguei. Tinham ganhado na loteria, um imberbe que nem eu. A excitação foi geral quando entrei no refeitório na primeira noite para comer. Sabia que não ia sair virgem dali, a questão era se ia sobreviver a todas as enrabadas que me esperavam. Tasio deu um basta, e você não imagina como fez isso. Você não pode imaginar, porque é policial e tem pouca imaginação. Ele intimidou todo mundo, deixou-os rezando para a Virgem de Fátima. Devo a vida a esse cara, literalmente, e nem você nem a porra das Forças de Segurança do Estado estavam lá para me defender, então não fode, porque para mim ele é um puta padrinho e vou respeitar o cara até ter noventa anos e meus ovos ficarem dependurados.

"Calma, Kraken. Mude o rumo, você está diante de um muro."

— Não vim fincar os dentes em você, mesmo que possa. Aliás, sei que poderia. Você entrou por fraude com cartões, saiu, e a primeira coisa que fez foi colaborar com um detento condenado por oito assassinatos. Não se pode dizer que a prisão o tenha afastado de uma história de delitos. Sei que agora está fazendo uma coisa à margem da lei e eu poderia ir atrás de você por isso, mas na verdade vim propor um pacto. Quero uma lista dos seguidores mais suspeitos de Tasio no Twitter.

— É só isso o que você quer? — exclamou surpreso. — Uma lista dos top comentaristas do Twitter?

— Você interagiu com todos eles, tenho certeza de que no seu cérebro privilegiado soa um alarme diante de certo tipo de indivíduos. Eu, ou a equipe de informática, levaria um bom tempo para analisar isso tudo, mas você está há meses se fazendo passar por Tasio, você os conhece. Sabe quem está flertando com o fascínio pelo mórbido e quem é realmente pirado. Não quero só os nomes das contas, quero os IPs, quero a localização dos mais suspeitos e quero isso muito rápido. Cruze isso com os nossos registros, tenho certeza de que fez uma cópia quando armou o ataque à delegacia. Avise-me se algum tiver antecedentes penais. O que acha? Temos um trato?

— Dispenso isso de ser informante da polícia. Não tenho nem vinte anos, não quero começar tão cedo com isso. Os que conheci acabaram mal... alguém de um dos lados se irrita, e os informantes sempre terminam mal — disse, cruzando os braços.

— Você não seria um informante, não falarei sobre você com meus superiores, ninguém vai saber. Para mim você vale mais se o seu nome não

aparecer em nenhum relatório. É como eu trabalho, você sabe que tenho outros colaboradores à margem das vias oficiais, e são quase tão bons quanto você. Mas você... você é único, cara.

Nenhuma mudança — o ego não era a sua fraqueza. Não, eu sabia que ainda não tinha tocado a tecla. MatuSalem ainda não estava convencido.

— Esse seria um modo de devolver o favor a Tasio. Você está convencido de que ele é inocente. Se me ajudar a avançar com outras linhas de investigação que o livrem de culpa, vai contribuir para que ele saia o quanto antes — pressionei-o. — Vamos lá, preciso saber se posso contar com você.

— Sabe qual é o tema desse mural? — perguntou, apontando a figura da jovem que estava envernizando.

— São três figuras jogando uma partida. A que se deve essa mudança de assunto? — perguntei, sem entender.

— Trata das ciladas, Kraken. E da vitória sobre elas, e da fidelidade. Essa é a minha figura: a fidelidade. Olhe, vou lhe mostrar, você precisa ver isso — disse, e começou a descer os degraus laterais.

Segui-o de perto. Descemos uns andares até chegar ao epicentro das três figuras.

— O mural se inspira num quadro do século XVI intitulado *El tramposo* . A grande dama, que simboliza Vitoria, joga uma partida de cartas com um homem, que não só tenta criar armadilhas, como se gaba delas, mostrando-as ao público. Olhe.

Com efeito, a figura superior da Dama tinha uma inscrição em letras góticas onde se lia *Victoria* , o primeiro nome que o rei Sancho IV deu à nossa cidade. A figura do homem ocultava três cartas nas costas, uma com um cão e outra com três cães. Junto dele havia a inscrição: *Fraudulentus* .

— A criada, a personagem que me deram, simboliza o povo de Vitoria, que avisa à sua senhora sobre a armadilha. Você consegue ler a inscrição?

Assinalou sobre as nossas cabeças e precisei me afastar um pouco para lê-la.

— *Fidelitas* . — Li em voz alta.

Virei na sua direção, mas ele já não estava no andaime, tinha sumido.

Soltei um palavrão e pulei do segundo andar no piso do jardim. Corri atrás dele, mas o garoto já andava pelo palácio Montehermoso, centenas de metros adiante.

— Porra! — gritei, frustrado, quando desisti de persegui-lo.

O melhor hacker da cidade tinha me enganado, e eu o deixara escapar sem saber ainda de que lado tinha decidido jogar.

21

Vitoria, julho de 1970

Javier Ortiz de Zárate afrouxou a gravata assim que entrou no quarto de dormir e se sentou sobre a colcha da cama de casal. Há dias andava com um humor do cão: o maldito Apaolaza ia fechar com a empresa alemã, tinha certeza, por mais que tivesse negado ao meio-dia, em seu escritório. Se isso acontecesse, perderia quinze por cento do negócio em ativos. Quinze por cento.

Porém, havia algo mais, havia algo mais... Diversas reuniões dos outros sócios pelas suas costas, demasiados comerciantes adiando produtos, com as mesmas desculpas esfarrapadas. Talvez devesse mandar Ulises com uns amigos para averiguar entre o pessoal das Siderúrgicas Alavesas. Diziam que era desconfiado, mas por isso mesmo havia chegado ali.

— Blanca! — gritou impaciente. — O que há, hoje não há comida?

Ouviu os passos apressados da mulher subindo a escada, que em seguida assomou a cabeça à porta, sem se atrever a entrar.

— Benita já pôs a mesa, podemos jantar quando quiser. — Limitou-se a dizer, quase com indiferença.

Javier contemplou o vazio que ela deixou ao sair correndo escada abaixo.

O que estava acontecendo com aquela estúpida que não lhe dava filhos? Magra demais, sempre achou. Com aquelas ancas não seria capaz de lhe dar um herdeiro, era como Maria Luisa, sua primeira esposa. Ele devia ter um ímã para mulheres estéreis como mulas. Já tinha falado do assunto algumas vezes com Joaquín Garrido-Stoker, seu advogado, mas parece que não havia muito a fazer. Para anular o casamento alegando engano, precisava provar que ela sabia que era defeituosa antes de casar e, pelo que Joaquín adiantou, isso só seria possível com um relatório médico atestando o fato. Já tinha mandado Ulises revisar todos os documentos de Blanca no quarto dela. Também tinham entrado em seu quarto de solteira, na casa do sogro, alegando uma mentira qualquer. Porém, não encontraram

nada. Era inútil procurar, ele sabia. Se ela soubesse que era estéril antes de se casar, por que motivo guardaria um atestado ginecológico confirmando isso? Ela o teria descartado.

A única saída que conseguia enxergar era falar de homem para homem com o médico dela para ver se ele esclarecia suas dúvidas, embora desprezasse o doutor Urbina pelo que representava. Não entendia por que a esposa tinha escolhido um ginecologista de aldeia, quando podia pagar por um médico melhor. Ulises lhe dissera que ela o visitava com certa frequência; talvez estivesse se submetendo a um tratamento para engravidar. Claro, era a sua obrigação, não tinha nada mais para fazer o dia todo.

Javier já tinha quarenta e dois anos, mas nenhum filho. Sabia que era alvo de chacota em toda Vitoria, que muitos inclusive duvidavam da sua hombridade pelas costas. Não queria pensar nisso agora, talvez depois do jantar pudesse tentar outra vez... Ultimamente andava muito cansado, sentindo-se mal, com um peso no estômago que os sais de fruta não aliviavam.

Percebeu, atônito, que suas mãos tremiam. Suas unhas quadradas estavam azuladas. Foi quando sentiu que os músculos do estômago lhe apertavam as entranhas, e vomitou um sangue escuro que sujou a colcha e o tapete que estava pisando.

Não viu mais nada, uma dor na garganta cortou sua respiração e ele caiu para trás, inconsciente.

O doutor Urbina estava despachando o último representante do laboratório farmacêutico quando ouviu os quatro toques do telefone. Disfarçou um sorriso, naquele dia não tinha consultas à tarde, poderia ir ao apartamento da General Álava passar um par de horas com Blanca.

Mas o telefone continuou tocando, o toque não foi interrompido. Surpreso, atendeu.

— Consultório do doutor Urbina.

— Javier está na clínica — disse Blanca do outro lado da linha.

"Ele veio atrás de mim", pensou, sem saber de onde vinha aquela ideia tão aterradora. "Veio atrás de mim."

— Pode me dar licença, Jorge? — disse ao representante. — Tenho uma ligação urgente. Amanhã faço o pedido.

— Como... como soube? — respondeu quando ficou sozinho no consultório. — Alguém nos viu? Foi o seu motorista?

— Não, você não entendeu. Ele foi internado com uma intoxicação. Está muito mal. Não posso falar muito. A polícia está aqui, na salinha de urgências no térreo: vieram me fazer perguntas. Estou ligando da cabine telefônica da rua, com a desculpa de que precisava avisar a família. Nem pense em passar por lá ou se aproximar. Não podem nos ver juntos. Só me diga uma coisa, Álvaro, não há tempo e será a última vez que falamos: o pó que estive dando a ele todos esses meses era só um calmante ou você me deu algo para envenená-lo aos poucos?

Álvaro Urbina sentiu a garganta secar ao ouvir aquilo, quis dizer algo, mas sua mandíbula travou.

— Álvaro, pelo amor de Deus! Nós o envenenamos? Somos culpados de tentativa de assassinato?

— Não, não vão encontrar nada. Por mais que investiguem. O que te dei não é detectável, nem numa autópsia o encontrariam. Fique tranquila, não vai acontecer nada, Blanca.

Ouviu um soluço nervoso do outro lado da linha, um cão latindo ao longe e, por fim, a voz fria de Blanca já recomposta.

— Adeus, Álvaro. Não podemos mais nos ver nem nos falar. A polícia pensa que fui eu ou um sócio. Não quero mais vê-lo, você nem me deixou viúva. Não quero mais ver você.

— Não, Blanca, espere... vamos nos encontrar no apartamento. Blanca!

Mas não havia mais ninguém do outro lado da linha.

* * *

A notícia foi tratada com muita discrição na imprensa local. Apenas umas linhas sem imagem no canto inferior da página policial:

> O empresário Javier Ortiz de Zárate foi internado ao meio-dia de ontem na Clínica Vitoria por causas ainda desconhecidas, embora fontes não oficiais mencionem algum tipo de envenenamento ou ingestão de tóxicos que quase provocaram falência múltipla dos órgãos. O industrial ainda não teve alta e se recupera satisfatoriamente no térreo da mencionada instituição médica.

Álvaro releu as seis linhas da nota para confirmar que não tinha deixado escapar nenhum detalhe. Já tinham se passado quatro semanas desde a última ligação de Blanca. Não tinha notícias dela, mas havia indagado às enfermeiras se o empresário tivera alta após passar dez dias internado.

Todos os dias consultava o obituário dos dois jornais e da Rádio Vitoria, mas sabia que, se o homem mais rico de Vitoria tivesse falecido, todos teriam ficado sabendo.

Adquiriu o costume de se injetar um pouco de morfina todas as noites, para dormir e funcionar no dia seguinte. Tinha dificuldade de prestar atenção nas pacientes, sabia que estava a ponto de cometer diversas negligências médicas. Controlava a dose para evitar a síndrome de abstinência, eram as únicas horas suportáveis.

Certa tarde, voltando de um falso aviso de parto prematuro, passeava distraído pela rua Dato quando, de repente, se viu diante do número 2 da General Álava. Não se lembrava de ter caminhado até ali, era o primeiro lapso de memória que lhe acontecia, e ficou preocupado.

Os casais que passeavam de braços dados o observaram dissimuladamente ao verem que não se movia. Sacudiu a cabeça, tentando sair daquele transe. Enfiou a mão no bolso interior do paletó, não tinha se desfeito das chaves do portão e do apartamento de Blanca.

Um tanto aturdido, subiu a escada até o segundo andar e abriu a porta, contendo a respiração. Talvez Blanca ainda fosse lá quando queria estar só, talvez o esperasse todas as tardes, quando sabia que as consultas tinham terminado. Talvez tivesse lhe deixado um bilhete que há semanas esperava para ser lido, como não tinha pensado nisso?

Talvez...

Mas o silêncio daquelas paredes forradas ardeu em suas têmporas de tal modo que só pensou no alívio imediato.

Sentou-se no chão, apoiou-se na parede cor de baunilha rançosa, de costas para a rua mais transitada daquela cidade odiosa, afrouxou a gravata e com ela apertou com força o bíceps sardento.

Abriu a chamativa maleta de couro, surrada demais para um ambiente elegante como aquele, e pegou um frasco quase cheio de morfina. Tinha receitas falsas de “dose extra” que lhe permitiam comprar doses legais de opiáceos, e o farmacêutico da rua Postas lhe vendia a quantidade que pedia sem tanta dificuldade quanto na clínica.

Injetou a amnésia lentamente, desfrutando o frescor que lhe entrava na veia. O teto ficou um pouco embaçado, como se estivesse suportando um terremoto silencioso.

Por fim, depois de tanta viagem, veio a escuridão esperada.

As apostas já aumentaram? #Kraken

3 de agosto, quarta-feira

Ia pela Amêndoa Medieval em direção à delegacia, ainda furioso com a fuga de MatuSalem, quando recebi a ligação de Estíbaliz.

— Unai, você precisa vir. Estou na chácara de Ignacio, entre Murguía e Altube. Há um incêndio criminoso.

— Mas o chalé que você visitou ontem não ficava em Laguardia?

— É outro. Como ele continuava desaparecido, procurei no cadastro da Autoridade Provincial, cruzei os dados com os registros de propriedade e averiguei que ele tem uma chácara com terras na encosta do Gorbea em nome de uma das suas empresas, então vim para ver se o encontrava, mas nada, e tampouco atende ao celular. Quando cheguei, os fundos do terreno estavam em chamas. Os bombeiros de Murguía já estão cuidando disso.

— Vou agora mesmo. — E desliguei.

Pouco depois dirigia por Abecucho, na direção Echavarri-Viña, por uma estrada ladeada de carvalhos e azinheiras que faziam sombra no asfalto com as suas copas verdes.

Quando cheguei ao imenso prédio restaurado na encosta do Parque Natural do Gorbea, no norte da província, uma equipe de bombeiros combatia as poucas chamas que resistiam na esplanada posterior da casa.

A propriedade estava rodeada por um enorme faial, e não havia vizinhos próximos. A casa fora construída à moda tradicional, com telhado inclinado e varanda com vigas de madeira na fachada de pedra. A grande porta de madeira terminava num arco pontudo e um *eguzkilore* protegia a entrada, como em todas as chácaras bascas.

— O que houve, Estíbaliz? — perguntei ao chegar.

Tirei a jaqueta. O calor que vinha da terra recém-queimada impedia que nos aproximássemos.

Dois bombeiros gesticularam para que nos afastássemos. Pouco depois só restavam o cheiro de fumaça e uns tocos pretos.

— O que contei por telefone: temos um incêndio criminoso. Muito localizado, acho que o próprio Ignacio fez isso.

Olhei ao redor. Estava tudo tão bem cuidado que, evidentemente, o dono gastava uma fortuna em manutenção.

— E por que ia querer incendiar a propriedade?

— Acho que não queria queimar a casa, sabia que os bombeiros viriam logo. Acho que queria queimar o que há nessa clareira.

— Parece que não havia grande coisa ali, Esti.

Ela meneou a cabeça, sem deixar de observar o terreno incendiado.

— Quando nos deixarem passar, lhe mostro.

Esperamos pacientemente que os bombeiros refrescassem a área queimada e depois fomos falar com um que parecia estar no comando.

— Já podemos passar? O inspetor Ayala e eu queríamos ir àquele ponto.

— Não recomendo pisar na área queimada, ainda está muito quente — negou, o rosto coalhado de gotas de suor, esfregando a manga da camisa na testa enquanto falava.

— O senhor teria dois pares de botas sobressalentes? — insistiu ela.

— Talvez. Vou olhar no caminhão, talvez encontre algo, mas não acho que coincida com os seus números.

Ele voltou com umas máscaras que não tínhamos pedido e botas que ficaram enormes nos nossos pés, mas as calçamos, pusemos as máscaras e margeamos a zona queimada até chegar ao centro.

— O que você está procurando exatamente, Estíbaliz?

— Estou vendo os restos destas madeiras, vê?

— Sim, o que acha que eram?

— Quero que o pessoal do laboratório processe isso tudo, pois, pelos rastros do fogo no terreno, diria que quatro pequenas construções retangulares de madeira queimaram por completo.

— Não entendo, e olhe que estou tentando — respondi, coçando a nuca.

Tinha as costas encharcadas de suor, estávamos pisando no inferno.

— Acho que eram colmeias, Unai. Colmeias *layens* de madeira de pinho, básicas, de doze quadros. Acho que Ignacio tinha quatro colmeias e as queimou para eliminar qualquer vestígio delas.

Fitei-a sem entender.

— E as abelhas?

— É um modo muito cruel de eliminá-las, mas imagino que as tenha feito dormir com o defumador. O chefe dos bombeiros também acha que foi provocado, e que o foco partiu do centro da clareira. Não é nada comum que alguém queime um terreno desse modo. Estas ervas, inclusive os talos finos, caíram na direção da origem do fogo, tudo aponta para esses quatro pontos, inclusive as pedras daquele pequeno muro que limita a construção. Estão mais empretecidas do lado de onde partiu o fogo. Além disso, há rastros da presença de acelerantes, vê essas manchas em forma de círculos concêntricos? Vão ter de analisar o local para achar algum tipo de acelerador, como gasolina, óleo de calefação, diesel, querosene... Aqui no monte todos têm isso em casa.

— Querosene? Por que alguém teria querosene em casa?

— Acredite ou não, por aqui os mais velhos ainda acham que é um bom remédio para a artrite, e quando eu era pequena as mães o usavam para matar piolhos. Se um acelerador desse tipo tiver sido usado, pela temperatura alcançada, não haverá restos dos corpos das abelhas, porém, se tivermos sorte, poderemos encontrar alguma morta nas redondezas. Se encontrarmos um número incomumente alto, poderemos deduzir que aqui foram queimadas quatro colmeias. Lembra-se do dia da apresentação do Slow Food? Ele disse que só negociava com produtores de mel. Por que mentiu?

— Sim, você está certa, e se Ignacio queimou quatro colmeias para eliminar quaisquer vestígios delas, significa que é o assassino ou que está a par de que dessa vez a arma do crime são as abelhas, o que é interessante, porque o dado não vazou para a imprensa, não é de domínio público. Precisamos obter o quanto antes uma ordem judicial para revistar a propriedade. Se havia colmeias, deve haver mais materiais de apicultura. Você entende mais disso do que eu, mas imagino que vai precisar de uma equipe profissional para manipulá-las, não é?

— Claro. Espátulas, desoperculadores, botas... Não acho que tenha queimado isso, teria sobrado algum vestígio dos materiais, ele sabe disso. Precisamos falar com o juiz Olano e pedir o mandado. Estou de acordo com você, mas, sinceramente, se Ignacio quis apagar quaisquer rastros das colmeias, não acho que deixaria o material a poucos metros. Ele foi policial, sabe que não é possível eliminar todas as pistas orgânicas de um macacão quando é usado com assiduidade.

— Certo, o que você faria?

— Venha, não há mais nada para fazer aqui.

Acompanhei-a à viatura, e ela tirou um mapa de Álava do porta-luvas.

— Vamos procurar nos contêineres dos caminhos do Parque Nacional do Gorbea, mas quero que várias patrulhas procurem pela A-624 na direção de Amurrio, e outras devem ir na direção de Villareal, Miñano... Quero cobrir as quatro direções. O incêndio foi numa zona muito pequena e estava ativo quando cheguei, então não faz uma hora que começou. Pode ser que Ignacio ainda tenha material no carro que não quer que encontremos, ou algo relacionado com os crimes. Unai, talvez ele os traga aqui para assassiná-los. O lugar é muito solitário, tem abelhas, há espaço para parar um carro. Vou dar a placa do carro dele e veremos se há outros em nome das suas empresas.

— Certo, você dirige, conhece melhor a região.

Adentramos as trilhas das florestas, parando sempre que víamos uma lixeira para revirar o conteúdo atrás de objetos suspeitos.

Foi numa área de acampamento que encontramos o que buscávamos. Um saco preto de lixo industrial com um defumador, uma máscara quadrada com chapéu acoplado, um macacão surrado, botas brancas com sola de borracha e polainas com zíper.

A PROCISSÃO DAS LANTERNAS

A essa altura, o poder do vilão se manifesta por meio de sócios, subalternos, sequazes... Cuidado, #Kraken

4 de agosto, quinta-feira

Aquele era o dia mais importante do ano para qualquer vitoriano. Celedón, o boneco de boina que representava todos os alaveses, descia da torre da igreja de San Miguel com o seu guarda-chuva, cruzando o céu mediante um sistema de roldanas, e às seis da tarde os fogos davam início às Fiestas de la Virgen Blanca. Eu tinha o dia livre, livre de comunicações e reuniões, então aproveitei para madrugar e correr um pouco.

Encontrei Blanca, ou Alba, quem sabe, correndo pela Siervas de Jesús. Não sei se foi um encontro casual, e há dias me perguntava se ela mudaria tanto suas rotas de corrida quanto eu para coincidirmos. Tomara.

— Pensou numa rota para hoje ou podemos improvisar? — cumprimentei-a.

— Tenho jogo de cintura para o improviso. Qual é a proposta? — rebateu.

— Vou lhe mostrar os meus murais favoritos, o que acha? — disse, e encarei-a mais do que devia.

— Tudo bem, vamos — retrucou, fitando meus olhos castanhos. Não havia muito para ver neles, mas achei que era bom sinal.

Fomos trotando rua abaixo até a Fuente de los Patos. Alba era competitiva, de vez em quando me desafiava com seus *sprints* e acabávamos sem fôlego. Nem preciso dizer o quanto aquilo me animava.

Sapateamos nos paralelepípedos medievais da parte mais antiga da cidade até chegar à praça da Burullería. O imenso mural exibia umas telas medievais com a urdidura intrincada dos trabalhos artesanais daquela época.

— Chama-se *No fio do tempo* .

— Belo nome — comentou, inclinando-se para apoiar as mãos nos joelhos. Sua longa trança estava encharcada e grudada nas costas. — Porém... são só telas antigas.

— Não o subestime, é um dos trinta melhores murais do mundo — rebati, com o orgulho um pouco ferido. Ela não tinha se impressionado.

"Vamos lá, Kraken, você pode fazer melhor", desafiei-me.

— Certo, vou lhe mostrar o meu favorito.

Subimos trotando até a Muralha Medieval e, uma vez lá, levei-a para ver os jardins internos. Aquele mural tinha algo, era especial. Não só pelo que representava, *A noite mais curta* , a de São João, mas também pelos azuis que dominavam toda a fachada como um pano de fundo para o alegre colorido da procissão dos vitorianos medievais.

— É o solstício de verão, a festa pagã. Observe as fogueiras, os desfiles... Aqui, todos os detalhes são importantes. Veja a porta de entrada da muralha, não está como agora, mas como devia ser na Idade Média. Isso é pura magia, Alba — falei sem pensar, e quando cruzei os braços para admirá-lo percebi que seu braço roçava o meu, numa postura idêntica.

Não tinha notado que estávamos bem mais próximos do que uma subdelegada e um inspetor deveriam estar em qualquer circunstância. Em todos os níveis.

Aonde aquilo iria chegar?

— Não tinha lhe dito, Unai, mas também é o meu mural favorito. Pela noite da alba, imagino.

Unai, ela tinha me chamado de Unai. Não Ismael, nem Kraken, nem Ayala.

— Então venha assistir à procissão das Lanternas do telhado do meu prédio essa noite — empolguei-me. — Moro na praça, no prédio junto ao restaurante Virgen Blanca. Quer vir? É um ambiente mágico, quase onírico. A praça da Virgen Blanca fica silenciosa, à exceção das rezas dos devotos. Há um jogo de luzes espetacular, o colorido dos vidros das lanternas, a luz azul que ilumina de baixo o monumento da Batalha de Vitoria e a iluminação cálida dos postes antigos da praça comovem até o mais agnóstico.

— Você o vende muito bem — sorriu. — Estou tentada a aceitar o convite.

— É um momento único, sério. Pense. A procissão começa às dez da noite, você teria que tocar o interfone às nove e meia para entrar no prédio.

A essa hora a praça já estará vazia depois dos fogos, porém, mais tarde é impossível passar.

— De acordo, deixe-me...

"O seu marido, eu sei. Precisa pensar onde o marido estará a essa hora e se pode mentir para estar comigo."

Mas ela apareceu, às nove e meia em ponto tocou o interfone e, entre cético e excitado, esperei que subisse os três andares de escadas.

— Você veio. — Essa frase memorável foi a única coisa que consegui dizer naquele instante.

— Acho que você tem uma coisa especial para me mostrar — retrucou.

Nunca a tinha visto sem o traje de corrida ou o uniforme de subdelegada. Bermuda e camiseta, ou tailleur cinturado. Tive a impressão de que naquela noite Alba, ou Blanca, vai saber, estava vestida de si mesma: calça skinny e camiseta justa, cabelo preto solto, pouca maquiagem.

— Isso mesmo, vamos ao patamar do quarto andar, o vizinho nunca está.

Ela me seguiu, obediente e cúmplice. Subimos a escada e, quando chegamos, peguei uma escada no quarto do condomínio e a firmei debaixo do alçapão que dava para o telhado.

— Venha — chamei-a, sabendo que viria.

Cheguei ao telhado e sentei nas telhas alaranjadas inclinadas. Ela veio atrás, assomou a cabeça, depois o tronco e perguntou incrédula.

— Tem certeza de que isso não é perigoso?

— Já subi aqui mil vezes e nunca aconteceu nada. É só ter um mínimo de prudência.

— Talvez não seja prudente — disse para os seus botões.

Não soube se ela se referia àquele momento em concreto ou à nossa relação inadequada em geral.

Ela deu impulso com os braços e veio sentar do meu lado.

— Percebe o ambiente especial que já se respira na praça? — assinalei com o braço. — A procissão vai começar. Armaram um altar no patamar da esquina da escadaria da igreja de San Miguel. Quando todas as lanternas estiverem aos pés dele haverá um ofício curto. Costumam cortar o acesso aos balcões onde fica o nicho de mármore com a estátua da Virgen Blanca onde nos...

"Onde nos conhecemos"; calei-me, sem terminar a frase.

— Onde costumamos parar para alongar — recuei.

— Eu me lembro — disse, e sabia que pensava no mesmo que eu.

Às vezes a memória prega umas tachinhas em instantes triviais fixando-os para sempre, mesmo que "para sempre" pareça muito tempo.

— O que é aquilo aos pés da Virgen Blanca? — perguntou.

Olhei para onde ela apontava, mas àquela distância e com a pouca luz nos balcões só se via uma mancha difusa.

— Não sei, parece um lençol ou uma tela. Talvez seja para marcar o lugar onde vão depositar a oferenda de flores.

— Pode ser — concordou.

A praça aos nossos pés foi se enchendo de gente e formou-se um corredor no caminho para a igreja.

— É estranho — comentou abraçando os joelhos —, estamos no coração de uma cidade em festa, vemos tudo e ninguém pode nos ver.

— Relaxe, da rua é impossível que nos vejam aqui. Só se fosse dos edifícios em frente, mas com essa luz só dá para ver duas sombras, ninguém nos reconheceria.

— Sei, entendi. Por um lado me sinto muito exposta. Mas entendo o que você diz: ninguém vai saber.

Novamente tive certeza de que não falava só daquele momento, mas de nós dois. A dúvida, tudo o que havia a perder, o pouco que havia a ganhar.

— Você se lembra de *Lau teilatu, cuatro tejados* , a canção de Itoiz que tocavam nas festas populares dos povoados do norte há uns vinte anos? — perguntei.

— Claro, quem não cantou essa canção — sorriu.

— Quem não fez sexo gostoso ouvindo isso, o sexo gostoso da adolescência, quando não se pensava no antes, no durante nem no depois.

— Sexo irresponsável e autêntico, toda uma geração, acho. — Ela riu, um pouco nostálgica.

— Isso é como estar numa estrofe de *Lau teilatu* . Toda vez que subo aqui essa canção me vem à cabeça: *Sobre quatro telhados, a lua no meio e você, com o olhar para o alto* ... Trouxe para você ouvir.

Tirei o celular do bolso de trás da calça jeans e pluguei o fone de ouvido. Pus um no ouvido dela e o outro no meu. Agora estávamos conectados por uma trilha sonora que só ela e eu ouvíamos, alheios ao silêncio dos fiéis em procissão vários metros abaixo dos nossos pés, e

emocionalmente aquilo foi o mais próximo que tinha estado de alguém desde a alameda dos pinheiros.

— *Outra vez seremos felizes nas festas de algum povoado* . — Ela acabou de traduzir.

— Quem dera... Quem dera tivéssemos coincidido nas festas de algum povoado — atrevi-me a dizer. — Todos os anos eu ia às festas de Laguardia, por que nunca te vi? Diga, agora é tarde? Você casada, eu viúvo, ambos com filhos enterrados que não criamos? É tarde, Blanca?

— Não sei. A essa altura não pensava que tivesse que questionar nada, mas agora...

Ela se calou. Esperei que terminasse a frase, mas não estava preparada. Fazia poucas semanas que tinha sido transferida para Vitoria. Poucos dias correndo juntos de madrugada, menos ainda desde que os primeiros crimes tinham unido as nossas preocupações.

Às vezes o tempo que marca o calendário não tem nada a ver com o tempo mental ou emocional que a gente vive.

— Você poderia voltar ao telhado na noite das Perseidas. É uma experiência alucinante estar deitado aqui às três da manhã em meados de agosto... E esperar para ver a chuva de estrelas. Ano passado contei quarenta e três.

— Não acredito — fitou-me cética —, não acho que dê para ver daqui. Há muita contaminação luminosa.

— Dá, sim. Em agosto Vitoria fica vazia, não há tantas luzes nos edifícios residenciais e se vê bem. O céu de agosto é limpo, e lá pelas quatro da manhã dá para ver as Lágrimas de São Lourenço. Acredite em mim, Alba.

Ela pensou um instante ou fez a gentileza de fingir que estava pensando.

— Unai, você sabe que não vai dar — disse por fim, apoiando o queixo nos joelhos.

"Eu sei, nesse dia, a essa hora, você estará dormindo com o seu marido. Só estava fantasiando para não me sentir tão só."

— Eu sei quando não se deve insistir com uma dama.

— O que eu agradeço — respondeu aliviada.

— Ouça, lá vem a procissão.

Retirei o fone do ouvido dela. Rocei seu rosto e o cabelo feito de sombras, e ela ficou quieta, recebendo meu toque.

Da rua do Prado começaram a chegar os primeiros confrades, vestidos de branco e com um lenço vermelho no pescoço, portando as lanternas em filas de dois. Os primeiros com lanternas azuis e douradas em forma de estrela. Depois, lanternas verdes, vermelhas e amarelas. Por último, os atrasados, com lanternas vermelhas e azuis. De onde estávamos pareciam uma espécie de Santa Companha,*** porém mais bela, colorida e solene que a sua homóloga galega.

— Sabe, quando estou aqui gosto de pensar que sou uma sentinela. Penso que posso proteger a todos — confessei, num arrebato de sinceridade.

Ela inclinou a cabeça com uma expressão preocupada.

— Como chefe me convém que você seja tão obsessivo. Sei que só pensa nos crimes duplos desde que começaram.

— Desde que recomeçaram — corrigi.

— Certo, desde que recomeçaram. É a sua hipótese e confio em você. Porém, como alguém que começa a se preocupar com você, gostaria que não se deixasse atormentar mental e emocionalmente com o que está acontecendo. Você não pode proteger uma cidade inteira sozinho. Lembre-se do que eu disse: se o assassino resolver continuar matando, só poderemos detê-lo pegando-o pelos erros que tenha cometido nos assassinatos anteriores, mas não poderemos evitar os crimes seguintes. Eles são elaborados demais para achar que esse sujeito deixa algum espaço para a improvisação.

— Esse é o pior anticlímax que já tive com uma garota em toda a minha vida. Acha que podemos escutar novamente *Lau teilatu* e voltar ao clima místico? — interrompi-a, frustrado.

Ela deu o mesmo riso tímido da madrugada em que a conheci, quando tentou ser outra, ou resgatar a si mesma, quem sabe.

Então ela fez algo que àquela altura eu não esperava. Sentou-se entre as minhas pernas e apoiou as costas no meu peito. Pus os braços ao redor dos seus e apoiei a cabeça no seu ombro esquerdo. Como era bom sentir aquela intimidade.

Depois houve outros toques, toques em silêncio, sem palavras mediando-os. Para quê? Não queria ouvir suas desculpas, havia tantos bons motivos para ela não seguir com aquilo que eu não teria tido mais remédio do que lhe dar razão. Mas não queria fazê-lo. Não ali, naquela noite, naquele telhado que dominava Vitoria. O tato apertado das suas

calças sob as minhas mãos, a minha braguilha prestes a arrebentar, o gemido da sua respiração em meu ouvido. Meus lábios no seu pescoço, molhado de suor como quando ela corria.

Teríamos acabado ardendo sobre as telhas, não fosse pelo que houve em seguida.

Primeiro ouviu-se um grito rouco, um grito de homem. Depois outros gritos de pânico, as rezas cessaram e veio o caos.

Blanca e eu nos debruçamos na beira do telhado, atônitos, sem entender, como quem é expulso de um paraíso a golpes de despertador.

Vimos as batinas dos representantes da Igreja descendo as escadarias em direção ao nicho da Virgen Blanca e abandonando o altar, que ficou vazio.

Pelo que avistamos a distância, alguém tinha erguido o lençol branco, mas já não se via nada, pois várias pessoas haviam formado um círculo e gesticulavam histéricas.

Olhamo-nos, perguntando em silêncio o que fazer, quando o toque do celular trouxe a resposta.

— Subdelegada Salvatierra. Sim, diga.

Ela havia recuperado o controle, a magia se esvaíra e o que acabara de acontecer estava fora de lugar. Terrivelmente fora de lugar.

Alba ouviu o que dizia uma voz aflita. Quando desligou, era outra pessoa.

— Inspetor Ayala, encontraram os corpos nus de dois jovens aos pés do nicho da Virgen Blanca, nas marquises da igreja de San Miguel Arcanjo — informou com voz neutra. — Avisei que estava na área, vou descer para ver o cenário do crime. Avise sua parceira; o juiz de plantão, a legista, e os da perícia criminal estão a caminho e algumas patrulhas estão chegando para isolar o local. É preciso evitar ao máximo as fotos de celulares, não queremos que diversos detalhes saiam na imprensa, atrapalhariam a investigação. Vou descer.

Afastou-se de mim, abriu o alçapão e começou a descer sem me esperar.

— Vou descer também.

— Não podemos chegar ao mesmo tempo. A cidade inteira está na praça, algum conhecido pode nos ver saindo do mesmo prédio, e ninguém na delegacia pode suspeitar que estamos juntos agora.

— Está bem, você já avisou que está por aqui, então desça e vá ao cenário do crime pelas escadarias. — Não queria deixar de tratá-la por você, ainda não. — Sairei dois minutos depois. Subirei pelo túnel do Los Arquillos, próximo ao Toloño, e chegarei pela direita. Direi que estava assistindo à procissão das Lanternas.

— Faremos assim, então — assentiu, e desapareceu escada abaixo.

Aproveitei para ligar para Estíbaliz para informá-la. Ela estava jantando com o noivo no La Riojana, na Cuchi, então combinamos de nos encontrar sob as marquises de San Miguel, e minutos depois me atrevi a sair do prédio e ir para a praça. A procissão tinha se detido, os que portavam lanternas esperavam ordens, sem saber o que fazer.

Todos falavam entre si, vi os rostos consternados, a confusão das pessoas que falavam atropeladamente, e me doeu que alguém pudesse ter tanto poder a ponto de truncar um acontecimento tão solene e único para Vitoria transformando-o num terror.

Abri passagem entre a multidão e a duras penas consegui chegar ao pequeno arco que para muitos passava despercebido. Subi as escadas em quatro passadas e em poucos minutos estava no cenário dos novos crimes.

Alba tivera a precaução de se posicionar do lado esquerdo, e a vi dar ordens a um par de agentes uniformizados que já tinham se apresentado.

Começamos a evacuar a área. Por norma, tínhamos de colocar um cordão a cinquenta metros da cena do crime, mas me dei conta de que era impossível evitar as fotos. Havia flashes de celulares por todo lado. Então me limitei a apartar os curiosos que, hipnotizados, contemplavam os dois corpos nus.

Quando finalmente conseguimos cercar a área e pude me concentrar nas novas vítimas, apoiei um dos joelhos nas pedras cinzentas e fiz minha oração em silêncio:

“Aqui termina a sua caça. Aqui começa a minha.”

Era a terceira vez que a repetia em poucos dias. Quantas vezes mais aquele desgraçado me obrigaria a isso?

Porém, pela primeira vez, ao observar a tela que ele tinha preparado para nós, fui capaz de interpretar claramente o quadro que tinha diante de mim: o casal nu, agora quase certamente já com trinta anos, jazia aos pés da Virgen Blanca, consolando-se mutuamente com uma das mãos no rosto do outro, o veneno da pureza da abelha em suas gargantas, castigando-os

pelo pecado original, e um triângulo isósceles, formado pelos três *eguzkilores* , marcando o Olho da Providência.

O olho que tudo vê.

O ROSÁRIO DA AURORA

Vitoria, agosto de 1970

Álvaro Urbina acordou às seis da manhã. Emilia tinha insistido em participar do rosário da aurora. Ele andava sem forças até para recusar. Há tempos sentia-se muito apático e nem se alterou com o princípio de overdose que tivera semanas atrás, no apartamento de Blanca. Talvez quisesse que ela o encontrasse no chão, taquicárdico, na casa da tia defunta. Inverno ou verão, festa ou enterro — agora, dava no mesmo.

Agora tudo dava no mesmo.

Deixou-se levar pela maré de fiéis atrás dos *blusas* que carregavam a Virgen Blanca até as escadarias de San Miguel. Nas laterais, os porta-estandartes guiavam a procissão com enormes pavilhões brancos. Várias batinas pretas, e os coroinhas, com sobrepelizes engomadas, recitavam os cânticos e as rezas com uma veemência que àquela hora incomodava.

Caminhava de volta à sua casa de braço dado com a mulher, distraído e cabisbaixo, quando topou com umas botas com saltos de madeira que reconheceu. Ergueu a cabeça engolindo em seco e se deparou com Javier Ortiz de Zárate e Blanca Díaz de Antoñana.

Para seu assombro, o empresário lhe sorria abertamente. Não parecia ter sequelas da intoxicação que o levara à emergência. Blanca também sorria formalmente, mas o seu olhar advertia para algo que não chegou a entender.

De qualquer modo, seu olho clínico detectou de imediato que estava diferente. Ele vira isso centenas de vezes nas pacientes. Tinha os seios mais arredondados, e as veias que desciam pelo decote estavam mais azuis sob a sua pele fina. Observou as panturrilhas dela, estavam inchadas, e a aliança de casamento que ele tanto odiava estava apertada.

— Doutor Urbina! Como me alegro em encontrá-lo! — exclamou o marido de Blanca, dando-lhe uma palmadinha no ombro em tom jovial. — Imagino que minha esposa já tenha ido ao seu consultório depois da boa-

nova. Estou muito agradecido pelos seus cuidados, quase tínhamos perdido a esperança.

Álvaro reagiu rapidamente, vestiu a máscara de médico e sorriu com uma contenção estudada.

— Pois é, quero felicitá-lo. A gravidez sempre traz alegria ao lar dos recém-casados.

— De fato, tenho consulta com o doutor Urbina semana que vem — interveio Blanca, sem deixar de fitar o marido. — Nos vemos em breve, doutor. Íamos tomar um sorvete na Italiana, vamos ver se já abriram. Ultimamente só penso em comer as tortilhas manchadas do Naroki e terminar com o leite merengado da Casa Quico.

— Cuide-se, senhora. E deve se hidratar. Está retendo muito líquido e, com o calor que nos espera esses dias, não pode se permitir uma lipotimia. E, por favor, use sapatos sem salto — respondeu Álvaro, cumprindo seu papel.

Javier sorriu, contente, e se despediram.

* * *

Dias depois, bem cedo de manhã, Blanca entrou porta adentro no consultório e fechou-a atrás de si. Álvaro soltou a caneta com que estava escrevendo e tentou falar, mas ela se adiantou:

— Você é médico, sabe que não temos como saber se a criança é sua ou de Javier.

— Blanca... devia... — tentou calá-la, mas ela já estava sentada na cadeira diante da sua escrivaninha.

Pôs os olhos nos manuais empilhados na ampla mesa do médico e falou de uma só vez:

— A polícia não apareceu mais. Chegaram à conclusão de que não dava para saber se houve ingestão acidental de algum tóxico desconhecido, mas Javier não se conformou. Vim adverti-lo: precisamos ter muito cuidado e não tenho outra saída senão ser acompanhada por você durante a gravidez, porque ele suspeitaria se eu mudasse de médico agora. Dois sócios dele levaram uma surra de desconhecidos. Ele não foi denunciado, ficou tudo em família, mas as esposas deles são do meu grupo e me contaram. Nos dois casos simularam roubos: vários encapuzados os seguiram, pediram dinheiro e depois os golpearam e marcaram à navalha. Sei que Javier

suspeitava que um deles podia ter tentado envenená-lo, eu o ouvi comentar isso com Ulises, o motorista, e tenho medo, por mim e por você. Álvaro, se ele ficar sabendo do que fizemos, quem sabe o que poderia fazer. Ele quer esse filho mais do que tudo no mundo, desde que engravidei está me respeitando e...

Foi quando Felisa, a enfermeira, saiu de detrás do biombo branco e calou-a com um gesto.

— Basta, dona Blanca. É suficiente. Permita-me sair, não se preocupe comigo, não direi nada. Mas não quero mais escutar ou vão me meter em problemas também.

Ela dirigiu um olhar sério ao doutor Urbina, que pressionou a ponte do nariz e apertou as pálpebras com força. Depois suspirou e dispensou-a com um gesto.

— Pode ir, Felisa. Conversamos depois.

A enfermeira saiu em silêncio e fechou a porta com cuidado.

— Santo Deus! Estou sempre complicando as coisas! Não aguento mais — exclamou Blanca quando ficaram a sós, e cobriu o rosto.

— Acho que podemos confiar nela. De qualquer maneira, temo que não há outra opção a não ser confiar na sua discrição. Não sei se é boa ideia acompanhar a sua gravidez e o parto, e se o seu marido se der conta do que... do que tivemos?

Ele falou no passado e contraiu os lábios, ocultando o quanto lhe doía.

— Eu lhe disse: para ele, agora o mais importante é esse filho, e acho que teme qualquer mudança, quer que você se encarregue. Precisamos aguentar esses meses. Seja apenas o meu médico, limite-se às consultas de praxe, e depois do parto não nos veremos mais. Vou criar o menino ou menina, seja quem for o pai. Você voltará para a sua família, eu criarei a minha e esqueceremos o que houve. É o mais seguro para todos.

Álvaro tardou um instante em processar aquilo. Cansado de tudo, simplesmente renunciou.

“De acordo, Blanca. Aqui acaba tudo.”

— Vou acompanhar sua gravidez, como a senhora e seu marido desejam — falou por fim, em um tom de voz neutro. — Vou pedir exames para assegurar que tudo corra bem. Vamos tentar calcular a data provável do parto. Vá até o biombo e desvista-se da cintura para baixo. Ali há um lençol para se cobrir.

Assim que Blanca saiu do consultório, Felisa entrou e, pela primeira vez desde que o doutor Urbina trabalhava na clínica, sentou-se na cadeira das pacientes.

— Preferiria não ter conhecimento disso, muito menos desse modo, doutor, mas vivi a Guerra Civil e vi muito mais violência entre vizinhos do que pode imaginar, pois o senhor era uma criança e provavelmente só tenha se inteirado da fome. O meu trabalho aqui é ver, ouvir e calar, mas às vezes calar não resolve as coisas, só as agrava. Já lhe contei que, com o doutor Medina, tratei da primeira mulher do senhor Javier. Falei das lesões que vi, disse-lhe que o doutor se calou, como sempre fazia. Mas não lhe contei tudo.

"Ela veio se consultar porque não conseguia engravidar. O doutor a examinou, eu estava presente. Tinha o útero do tamanho de uma ervilha, era uma má-formação congênita. A pobre não tinha culpa, mas o doutor Medina a pressionou e disse que como esposa tinha o dever de dizer a verdade ao marido. Ela tinha consulta na semana seguinte, mas não apareceu nem a cancelou, o que achei estranho para uma senhora tão educada e pontual. Depois li a nota de falecimento num jornal de dias atrás na sala de espera e andei perguntando por aí. No fim de semana anterior, ela havia despencado na cascata de Gujuli. O senhor não imagina como isso era difícil. Era uma mulher que tinha medo de tudo, de uma voz mais alta, se encolhia com qualquer ruído brusco, sabe, esse tipo de mulher que pede autorização até para respirar, com receio de incomodar. São como cachorrinhos que o dono mói a pauladas e pedem licença com o olhar até para morder um osso que encontram na rua. Ela era esse tipo de mulher, não a vejo se arriscando no alto de um precipício de cem metros."

— O que está tentando dizer, Felisa?

— É uma tendência. O marido sempre teve fama de violento, porém, sendo da família que é, não se fala nisso, e o senhor Javier Ortiz de Zárate não é alguém que se possa enganar sem consequências. Já me meti demais, prefiro ir, se me permite.

* * *

Um encontro por mês. O corpo longilíneo de Blanca foi se arredondando, sua barriga foi esticando com o peso da gestação. Quando chegou o outono, o trato entre o doutor Urbina e a paciente tinha passado da

incômoda neutralidade do início para a afabilidade de antes. O medo que tanto os havia paralisado era uma recordação cada vez mais distante que eles preferiam ignorar quando vinha à tona. Olhavam adiante. Só adiante, atentos à data provável do parto.

Uma manhã o doutor Urbina recebeu uma ligação. Quatro toques. Depois, silêncio.

"Te espero", calava Blanca no aparelho.

"Te espero."

Álvaro foi ao encontro dela à tarde. Olhou ao redor na General Álava por simples precaução e, ao se assegurar de que não havia nenhum conhecido, pegou as chaves que nunca jogou fora e entrou no prédio.

Blanca o esperava no apartamento, nua na cama, como ele se lembrava. Não foi uma tarde para palavras, não havia o que dizer, apenas dois corpos que se refugiaram dos seus temores e se consolaram para resistir.

* * *

Foi na noite seguinte, quando Álvaro voltava da última consulta. Tinha batido um vento frio e desagradável, e pareceu-lhe ouvir murmúrios atrás de si quando ia pela avenida do Generalíssimo em direção a sua casa. Tinham comprado um apartamento de noventa metros quadrados em um condomínio na área da avenida, junto ao bairro de El Pilar. Diversas torres altas de concreto cinzento, rodeadas de árvores e zonas verdes na rua Honduras, detrás das obras do que viria a ser o colégio San Viator.

Ao chegar ao final da avenida, inquieto, não pôde evitar olhar por sobre o ombro direito. Não havia muita gente na rua, mas pareceu-lhe ouvir o som de passos próximos. Não viu ninguém, mas por precaução foi para uma calçada onde ainda havia alguns bares com clientes que tomavam o último vermute da tarde antes do jantar.

Cruzou o último trecho listrado da zona iluminada e pegou um caminho de cascalho ladeado por pequenos arbustos e uma cerca viva que levavam à sua torre.

Voltou a ouvir barulho atrás de si e dessa vez se assustou de verdade.

— Quem está aí? — gritou alarmado, girando o corpo para trás.

Três homens com lenços amarrados cobrindo seus rostos se postaram diante dele. Eram corpulentos, e ele só via os olhos. Um deles puxou uma

navalha longa, de uns vinte centímetros, de lâmina estreita. Enfiou-a devagar, sem a pressa e o nervosismo dos ladrões e dos drogados.

Os outros dois homens o cercaram, e o médico gritou por socorro, mas ninguém acudiu. Ele pensou reconhecer uma sombra apoiada no muro de concreto, a uns vinte metros, observando tudo.

25

Pode o vilão ser também um farsante ou a figura mutante da história? Abra os olhos, #Kraken

4 de agosto, quinta-feira

Foi uma noite muito intensa. Alguém postou no Twitter uma imagem dos dois assassinados e todos na rede social deram uma de detetive, tentando identificar as vítimas. A massa anônima batizou os últimos assassinatos de "O crime da Virgen Blanca" e criou a *hashtag* #CVB que, junto com #TwinMurders e #Kraken, competiam pelo posto de *trending topic* mundial. As contas no Twitter dos principais jornais internacionais também reproduziram a notícia, do *Corriere della Sera* , na Itália, ao *Clarín* , na Argentina. Um terceiro assassinato duplo em menos de duas semanas nos levou novamente ao epicentro das notícias em escala global.

Havia várias tendências principais: para muitos, o assassino era evidentemente Ignacio. Àquela altura, embora eu não tivesse vazado informações a Mario Santos e muito menos a Lutxo, era de domínio público que seu paradeiro era desconhecido.

Seus amigos da vida toda demonstraram não ser tão amigos da discrição e anunciaram aos quatro ventos que ele não havia comparecido às pré-festas da *cuadrilla* . Sabia-se que o seu celular estava fora de área, e os empregados das lojas vizinhas do número 2 da rua Dato contavam a quem quisesse ouvir que há dias ele não entrava nem saía do seu apartamento.

Vários tuítes me cobravam explicações: "Onde está Ignacio, #Kraken? Por que ainda não prendeu esse pedófilo?"

A verdade era que ninguém, parente ou conhecido, tinha denunciado seu desaparecimento, e ainda não tínhamos os resultados dos exames do material da apicultura, então não havia como emitir o mandado de busca e apreensão.

Outras tendências acusavam Tasio e apoiavam a teoria inicial de que ele seria o mentor e contava com um acólito executor nas ruas. Tinham

surgido iniciativas espontâneas, como abaixo-assinados pedindo que impedíssemos Tasio de sair livre no dia 8 de agosto. Ninguém levava em consideração que ele passaria menos de uma semana fora da prisão: tinham decidido que iria fugir e nos criticavam por não dar entrada nos trâmites legais para impedi-lo. Segundo as redes sociais, éramos uns ineptos, principalmente eu, e não podia deixar de lhes dar razão.

* * *

A subdelegada Salvatierra convocou uma reunião urgente em seu escritório, depois de prestar contas ao delegado, que a pressionara de modo pouco saudável, o que se refletia em seu rosto cansado.

Tinha olheiras, o semblante mais marcado, o olhar duro, o peso do mundo naquelas costas cálidas que horas atrás tinham se apoiado em meu peito. Mal tinha amanhecido quando minha parceira e eu entramos na delegacia, tensos e sérios.

— Acabamos de identificar as duas vítimas — informou, estendendo o braço para nos passar os relatórios quando Estíbaliz e eu nos sentamos à mesa dela.

— Já? — estranhou minha parceira.

— Não houve tempo para que os pais ou parentes denunciassem o desaparecimento — comentei.

— Eles foram identificados pelas redes sociais. Em resposta à pergunta que estão prestes a fazer: sim, eles tinham trinta anos. Os amigos deram o alarme ao ver as imagens, que viralizaram na internet. Eles próprios entraram em contato com as famílias e comprovaram que não sabiam por onde andavam. A essa altura, várias fotografias dos rostos deles circulam na rede. Os grupos de amigos de ambos estavam preocupados porque na tarde anterior nenhum dos dois tinha ido aos bares combinados, nem atenderam aos celulares. Quando a notícia do aparecimento de novos cadáveres explodiu na rede, foi questão de menos de meia hora. Os pais de ambos, tanto a mãe de Mateo Ruiz de Zuazo, o jovem de trinta anos, quanto os de Irene Martínez de San Román, a moça, entraram em contato conosco. A pedido das próprias famílias não esperamos até amanhã, não vi motivo para alongar o sofrimento dos pobres pais, e os levamos para identificar os cadáveres. Infelizmente, as identificações foram positivas. Agora estamos esperando o resultado das autópsias, que já sabemos: morte

por asfixia, provocada pela introdução de abelhas na boca, a presença de Rohypnol no sangue e pouco mais além disso.

— De quem se trata desta vez? — perguntou Estíbaliz.

— Como acabo de lhes dizer, o rapaz era Mateo Ruiz de Zuazo. Trabalhava até umas horas atrás como professor de marketing no Basque Culinary Center, ia e voltava diariamente de Vitoria a Donosti. Vivia sozinho aqui, num apartamento, mas diariamente almoçava ou jantava na casa dos pais, no bairro de El Pilar. Não tem antecedentes, a mãe afirma que nunca teve problemas com drogas, não tem nem mesmo multas de trânsito. Enfim, um jovem normal, são, sem antecedentes. Muito sociável, aberto, esportista, montanhista e, novamente, muito bonzinho. A última vez em que alguém o viu ou soube dele foi na manhã de ontem, quando, por WhatsApp, combinou com os amigos de se verem depois dos fogos. Pelo visto nunca ia nessa hora, porque a fumaça dos charutos o incomodava. A mãe contou que o pai fumava muito e morreu de câncer no pulmão. Só nessa questão ele era radical.

— Certo, o perfil de sempre. E a moça, a mesma coisa? — perguntou minha parceira.

— Acho que sim. Chamava-se Irene Martínez de San Román, um caso especialmente doloroso, pois completou trinta anos ontem. Parece mentira que tenha morrido por questão de um dia. A mãe não para de repetir que há trinta anos adiantaram o parto porque o bebê estava atravessado e não podia crescer mais, que ela deveria ter nascido em 15 de agosto, que, se os médicos tivessem respeitado a data, ela estaria viva agora.

— É curioso como os pais se aferram a certas coisas quando perdem um filho — comentou Estíbaliz.

Alba e eu nos entreolhamos, foi como uma cãibra repuxando. Depois observamos Estíbaliz, que lia atentamente o relatório que Alba tinha nos dado. Estava totalmente alheia à nossa dor. Como poderia entender? Era como falar com um soldado que nunca esteve numa batalha. Era virgem demais para nós.

— Irene tinha combinado com os amigos de ver a descida do Celedón. Às cinco e meia não apareceu, as amigas estranharam, começaram a ligar e tentar localizá-la e avisaram os pais dela, que tampouco sabiam onde ela estava. Quando a notícia dos novos crimes se propagou na internet, os pais já estavam prestes a vir à delegacia. Como quase todo mundo ultimamente, estavam obcecados com os crimes duplos e muito

apreensivos de que a filha pudesse constar da... bem, vocês sabem, da lista dos possíveis. Recuso-me a usar a terminologia empregada pela imprensa, os meios de comunicação e a rede: a lista dos condenados, os escolhidos, os...

— A mesma história; começo a me perguntar qual seria o perfil de quem consegue sequestrar gente de vinte, vinte e cinco e trinta anos — disse Estíbaliz.

— O que me pergunto é como podem ser alvos tão fáceis — intervim. — Até agora não houve emprego da força em nenhum caso. Esse sujeito é um superdotado social, um camaleão, alguém que sabe atrair as pessoas para o seu terreno sem provocar receio ou suspeita.

— É um psicopata, pare de falar como se o admirasse — reclamou Estíbaliz.

— Estou apenas descrevendo-o, inspetora Gauna. Tento me colocar na situação de seis jovens que perderam a vida por confiar na gentileza de alguém.

Ela olhou para mim como quem pede desculpa. Estava cansada, e eu também. Não era o momento de começar uma guerra.

— Dessa vez o Twitter nos ajudou, e não o contrário — comentei, mudando de assunto e fitando Alba por um instante.

Ela meneou a cabeça, preocupada.

— Não ajudou, de jeito nenhum. Nas imagens postadas, o mundo todo pôde ver detalhes que teríamos nos esforçado para não deixar vazar, como os *eguzkilores* . Isso deu margem a uma maré de teorias neopagãs. Especialistas em mitologia basca se puseram a opinar sem serem perguntados. Os canais de televisão terão um filão com que se ocupar durante semanas. É perigoso que isso crie um precedente, muito perigoso, e o delegado está consultando as ações que podemos adotar para evitar que essas imagens continuem circulando; entre outras coisas, o juiz Olano poderia declará-las parte da investigação em curso. Mas a verdade é que agora temos muitas horas, ou dias, de vantagem.

— Antes que volte a assassinar — completou Estíbaliz. — São as festas de Vitoria, com cinco dias de caos pela frente e milhares de pessoas nas ruas. Não vamos decretar estado de sítio, e isso pode ser uma sangria. As pessoas estão com medo. O que o assassino procura exatamente matando pessoas nessas datas? Cancelar as Fiestas de La Virgen Blanca?

— Logicamente está atentando contra todos os nossos ritos e costumes, contra todos os lugares históricos. Esse sujeito odeia tudo o que se refere a Vitoria — respondi.

— Nisso estou de acordo — disse Alba. — Mais uma vez, o cenário parece avançar com a história da cidade. O nicho da Virgen Blanca corresponde ao século XVIII. Por outro lado, as vítimas parecem escolhidas apenas pelo critério da idade e sobrenome; não se enxerga um motivo pessoal por trás de cada assassinato.

— Isso se passarmos por alto o assassinato e as circunstâncias que rodeiam Lidia, a namorada dos gêmeos — assinalou Estíbaliz, cruzando os braços. — Ou vamos esquecer os principais suspeitos novamente?

— Continuamos sem nada, absolutamente nada que os incrimine — recordei.

— Exceto o incêndio das colmeias por Ignacio, além do senso comum — teimou minha parceira.

— Pois precisam me trazer algo mais, e logo, inspetores — disse Alba, erguendo-se da cadeira com a intenção de nos dispensar. — Essa situação não pode prosseguir. Os olhos de meio mundo esperam que os crimes não se repitam. O delegado não tem de lidar apenas com a pressão das redes nacionais. A imprensa internacional está cobrindo os crimes, e os correspondentes vão cobrir toda a semana das Fiestas de la Virgen Blanca. Vocês não imaginam como o pessoal da BBC, da Europa Press e da Reuters pode ser insistente quando resolve dedicar mais tempo a um fato. Descansem, nem que seja por algumas horas. Amanhã o dia vai ser pesado. Quero ambos cem por cento operativos e proativos. Preciso que avancem em todas e cada uma das linhas de investigação abertas. Revisem-nas, talvez tenham deixado passar alguma coisa. A partir de agora só vou valorizar os resultados, e não os esforços. Aproveito para lhes informar que vamos iniciar um operativo de caráter dissuasório nos prédios históricos do século XIX, embora abarque praticamente toda a zona do Ensanche, justamente a mais frequentada nas festas.

— Tenho algo a dizer — alertei, apesar do cansaço. — É uma linha de investigação que ainda estou desenvolvendo, mas, com o ritmo dos acontecimentos, demorei a falar dela. É uma hora boa como outra qualquer para isso.

— Do que se trata, Ayala? — perguntou minha chefe, voltando a se sentar.

Contei-lhes sobre as figuras de San Vicentejo e da visita à ermida com o senhor Tiburcio. Ouvir conceitos como Olho da Providência, casal hermético e animais moralizantes fez Alba arquear a sobrancelha mais de uma vez. Estíbaliz tampouco se alegrou quando mencionei o aprendiz ruivo.

— Isso não quer dizer nada — limitou-se a comentar, muito pouco interessada. — De fato, a única ligação com esse homem é Tasio. Isso não o incrimina ainda mais?

— Se fosse assim, Tasio não teria me dado o nome dele. Teria dito que não se lembrava depois de tanto tempo, e eu não poderia fazer nada nem o teria identificado — insisti.

— Mas então, qual é a sua conclusão? — indagou, perplexa.

— O senhor Tiburcio Sáenz de Urturi é maçom, talvez um Grão-mestre ou Grão-secretário. Não me olhe assim, não é segredo que em Vitoria há no mínimo uma loja, chamada Manuel Iradier. Há muitas décadas se reuniam numa casa rural em Respaldiza, ao norte, junto a Amurrio.

— Está dizendo que quem cometeu os crimes também é maçom?

— Não, se fosse um irmão, se pertencesse a uma loja, o senhor Tiburcio saberia e não teria me fornecido esse dado. Pode ser o tal aprendiz que ele teve durante a restauração. Acho que ele foi muito influenciado pelas ideias de Tiburcio e as representou em seus próprios cenários históricos, talvez para implicar Tasio, devido ao seu trabalho como arqueólogo. A cena do crime com que nos deparamos uma e outra vez é a sua reinterpretação. O que vemos é o seu mapa mental, o seu mapa cognitivo, a imagem fixa de como resolver o seu mundo, seus problemas, seus traumas, sejam lá quais forem. Não esqueçam que ele tem uma lógica de custo e benefício: tudo o que faz tem um sentido, da assinatura ao *modus operandi* . Todo o seu esforço, cada ação que empreende, compensa se tiver o resultado que quer ver.

— Então você acredita ou não que seja um crime maçom? — insistiu minha parceira.

— Repito: não, embora esteja diretamente inspirado na iconografia medieval da ermida de San Vicentejo, e creio que a pessoa que decifrou o imaginário da cantaria medieval plantou, inadvertidamente, a semente dos crimes que estamos padecendo agora.

— Unai, com todo o respeito, acho que o senhor precisa descansar. Quero continuar contando com a sua excelência nos perfis criminais, então

faça o favor de dormir um pouco. Algumas noites são tão longas que parece que se passou uma vida inteira desde que começaram. Hoje é uma delas — disse Alba, levantando-se novamente e dando por terminada a reunião, metade minha chefe, metade minha quase amante.

Assentimos em silêncio e nos despedimos. Como três zumbis, sem vontade nem ânimo de falar, deixamos o prédio da delegacia quando a aurora começava a clarear as calçadas na zona leste da cidade.

* * *

Arrastei-me como uma medusa até a praça da Virgen Blanca. Vários grupos estavam voltando para casa, mas por toda parte faltava a alegria que eu conhecia, a bagunça, o barulho, os bêbados delirantes tentando seduzir até os postes.

As pessoas andavam em grupos. As moças iam de duas em duas, três em três, quatro em quatro. Todos iam com os olhares fixos nas telas dos celulares. Aquilo não lembrava em nada as Fiestas de la Virgen Blanca que eu conhecia nos meus trinta e tantos anos de vida.

Amaldiçoei o poder de um único cérebro para mudar a vida de tanta gente que não tinha nada a ver com os seus motivos. Estava aterrorizado com a facilidade com que o empenho doentio de uma só pessoa podia chegar a mediatizar daquele modo toda uma cidade.

Porém, acima de tudo, amaldiçoei o cara que tinha interrompido o que Alba e eu estávamos a ponto de começar no alto daqueles quatro telhados.

> Está agindo rápido demais. Procure os erros, porque se a essa altura não souber quais são, juro que me rendo ante essa inteligência, #Kraken

5 de agosto, sexta-feira

Acordei e desci para tomar café com leite e comer um croissant no Mentirón, na praça. Estava sonolento, como sempre. Não pensava, não estava consciente de que aquele maldito caso estava alterando minha rotina.

A garçonete, uma moça de coque escuro e sobrancelhas desenhadas com um traço grosso, serviu o café que pedi, mas o trouxe com uma folha de papel debaixo do prato de porcelana branco.

— Você é Kraken, não é?

— Adianta negar? — repliquei distraído, cansado daquele assunto.

— Não, eu soube por alguém de confiança — disse, e puxou uma mecha de cabelo de cima do olho.

— Esta é a lista dos seus parentes e amigos de trinta e cinco anos, suponho — comentei, contemplando sonolento o papel com o logo do bar.

— Só quero que veja os nomes. São pessoas reais, gente que me importa, não um nome no telejornal que vai sair da moda em alguns dias quando houver novas vítimas.

— Todas as pessoas são reais, nenhuma é só um nome — repeti, como se falasse com uma criança.

— Pois então prendam os gêmeos de uma vez, os dois, isolados. Não sei o que estão esperando.

Apertei a ponte do nariz com os dedos. Talvez o despertador ainda não tivesse tocado e aquilo não passasse de um daqueles sonhos que me faziam recordar os meus piores medos, só que, se fosse assim, o café não teria um aroma tão bom como o que estava ali diante de mim.

— Você percebe que está tirando a minha vontade de voltar aqui tomar café?

— Talvez seja melhor. Todos olham para você, está espantando a clientela.

"Basta", pensei.

Tomei o café fumegante de um gole só, provocando uma queimadura de terceiro grau que ia durar a manhã toda, e engoli o maldito croissant em três mordidas. Deixei vários euros no pratinho metálico e me levantei, pronto para deixar a zona inimiga.

Ia pegar na maçaneta para abrir a porta quando a garçonete me pegou pelo braço. Dei a volta, surpreso.

— Que diabos pensa que está fazendo?

— Meu namorado é uma das pessoas da lista. Vamos ter um bebê. Espero que se lembre dele. Você não pode deixar uma criança sem pai antes mesmo de nascer. Entende por que estou nervosa?

Aquilo foi como ácido nas minhas veias.

— Quer um conselho? — retruquei, sem paciência. — Ele devia ir embora de Vitoria. Agora mesmo, que não fique aqui esses dias, até que...

"Até que apareça morto um casal de trinta e cinco", ia continuar, mas como anunciar em voz alta o meu fracasso, como admitir a uma desconhecida que eu mesmo não esperava que a conta tivesse terminado?

Ela empalideceu e pensou no que acabara de ouvir.

— Pois você tem razão — disse. — À merda o trabalho e o chefe dele. É um assunto de vida ou morte. Obrigada, Kraken.

Saiu do Mentirón como um furacão levando o celular na mão.

* * *

Meia hora depois, assim que sentei à minha escrivaninha, recebi uma ligação de um número que não estava registrado no celular.

— Inspetor Ayala. Eu me chamo Antonio Garrido-Stocker, do escritório Garrido-Stocker de San Sebastián. Estou ligando na qualidade de advogado do meu cliente, o senhor Ignacio Ortiz de Zárate.

— Às ordens — retruquei, tentando disfarçar o meu assombro.

— Meu cliente está desde o dia 3 de agosto em meu domicílio particular, em Duque de Baena, atrás do passeio de Miraconcha. Recebi instruções precisas para entrar em contato com o senhor e gostaria de programar uma videoconferência, se possível esta manhã mesmo.

Compreenderá que, com o rumo que os acontecimentos tomaram, meu cliente está interessado em esclarecer a sua situação o quanto antes.

— Ignacio está com o senhor? — indaguei.

— Isso mesmo. Na verdade, está ao meu lado nesse momento.

— De acordo. Entendo que será uma reunião para tratar aspectos legais. Gostaria que participassem também a minha superiora imediata, a subdelegada Alba Díaz de Salvatierra, e a minha parceira no caso, a inspetora Estíbaliz Ruiz de Gauna.

Houve um murmúrio do outro lado da linha, em território guipuzcano.

— Meu cliente afirma que esperava por isso. Seria conveniente voltar a fazer contato dentro de meia hora?

— Em meia hora, então — respondi, e o advogado desligou.

Corri aos escritórios da minha chefe e da minha parceira para informá-las sobre a ligação e em poucos minutos preparamos a linha que íamos adotar ante o advogado de Ignacio.

Na hora marcada, com uma ansiedade mal dissimulada diante da tela, os três esperamos a ligação do advogado, não sem antes o pessoal da informática escanear o meu computador e de ligar furtivamente para a Golden Girl, para assegurar que MatuSalem não se inteirasse e informasse Tasio sobre a ligação.

Quando por fim nos conectamos, na tela estava Ignacio, impecável de terno e gravata, como se aquilo fosse uma reunião de negócios. O homem a seu lado, o famoso Garrido-Stocker filho, parecia mais com um tubarão de Wall Street do que com o filhote de uma estirpe de advogados mitológica nos tribunais do norte. Os cachos do seu cabelo estavam penteados para trás com muito gel, tinha entradas que ressaltavam uma testa imensa, e meu irmão, Germán, teria adorado seu paletó.

Os Garrido-Stocker formavam uma linhagem de advogados experientes e preparados; representavam grandes fortunas, e os honorários dos seniores estavam fora do alcance de um salário médio e até de um salário privilegiado. Eles jogavam em outra divisão.

Por trás deles se avistava toda a baía de Concha e um jardim com cerca viva quadrada que levava a um mirante, de onde se divisava a ilha de Santa Clara.

— Sou a subdelegada Salvatierra. — Alba tomou a palavra. — Quero informá-los de que a nossa equipe da Seção Central de Delitos em Tecnologia da Informação montou esta videoconferência de modo a ser

gravada, já que faz parte de uma investigação criminal em curso. Tenho o seu consentimento expresso para gravá-la?

Ignacio e o advogado se entreolharam rapidamente.

— Não há nenhum problema — respondeu Garrido-Stocker. — Da nossa parte, o escritório também vai gravá-la, se não houver objeções. Questão de rotina.

— Têm a minha autorização — assentiu Alba. — Pode nos explicar a situação atual do seu cliente e os motivos pelos quais entraram em contato conosco?

— Pois não. Sei que esta manhã devem estar muito ocupados, e a todos interessa que a investigação avance. Temos uma relação muito antiga com nosso cliente, de fato o pai dele foi cliente do meu pai. O senhor Ignacio Ortiz de Zárate nos procurou no dia 3 de agosto passado, quando decidiu abandonar seu domicílio em Vitoria após uma publicação, de caráter difamatório, feita por um meio de comunicação. Evidentemente vamos processar o jornal. Por outro lado, e antecipando-se ao fato de que a série de crimes poderia prosseguir em breve, achamos conveniente alojá-lo em nossa residência particular, de onde estamos falando. Contamos com medidas de segurança estritas, dado o caráter do nosso trabalho e a importância dos assuntos que tratamos com nossos clientes, de modo que há câmeras de segurança em todos os ângulos da residência vinte e quatro horas por dia, bem como nas áreas externas, como o jardim e demais áreas de lazer.

"O que quero que fique claro para os senhores é que o senhor Ignacio se prestou a passar vinte e quatro horas por dia vigiado, além de renunciar a manter quaisquer comunicações via celular ou telefone fixo com quem quer que seja, desde que veio para cá. Tampouco acessou a internet ou algum computador ou dispositivo similar, como em breve poderão comprovar. Esta manhã o nosso serviço de mensageiros levou a Vitoria as gravações de todos os seus movimentos desde o dia em que chegou, para que os técnicos corroborem que não há absolutamente nenhuma falha nem um só minuto em que o meu cliente não tenha permanecido sob vigilância. Com isso, pretendemos demonstrar de modo convincente que não pode ter sido ele o autor material dos assassinatos da noite passada."

Houve uns segundos de estupor, em que nenhum dos três do lado alavês da reunião conseguiu reagir.

— Esse sujeito é mais esperto que a fome — murmurou Estíbaliz, rompendo o feitiço.

— Inspetora Gauna, eu apenas me adiantei — reagiu Ignacio, aproximando-se da câmera, num gesto idêntico ao do irmão quando eu o visitava na sala da prisão. — Creio que todos os presentes estamos implicados numa partida longa e, embora não se vejam assim, os senhores também são peões. Levo vinte anos de vantagem e muitas horas de reflexão. Recuso-me a continuar sendo parte passiva nesse assunto. No que me toca, já paguei um preço excessivamente alto por algo que não tem nada a ver com a minha pessoa. Infelizmente, era previsível que o assassino continuasse matando, e não vou consentir que me imputem esses assassinatos.

Alba lançou um olhar de recriminação a Estíbaliz, que cerrou os lábios e ficou calada.

— Gostaríamos de fazer várias perguntas ao seu cliente. Entendemos que nesses dias prepararam a sua defesa e seria de muita ajuda para a investigação se pudesse nos esclarecer alguns pontos que o fazem parecer suspeito — falei num tom conciliador, afinal, que sentido havia em puxar a faca com aquele tubarão diante de nós?

— Numa das propriedades da sua empresa, perto do limite municipal de Murguía, houve uma tentativa de incêndio no dia 3 de agosto, um dia após a publicação das fotos que o senhor mencionou. O mesmo dia em que, como nos acaba de informar, compareceu à sua residência em San Sebastián. O cliente está a par desse fato?

— Sim, foi ele próprio quem queimou uns restos de palha, meu cliente afirma que o incêndio foi controlado todo o tempo e que só foi embora quando já não havia fogo. Era um dia de muito vento sul e muita secura no ambiente, sei disso porque o noticiário informou sobre uma onda de incêndios em todo o País Basco. Meu cliente não tem culpa se alguma chispa se avivou. De qualquer modo, se pensam em lhe imputar um delito contra o meio ambiente, façam-no e o escritório se encarregará de defendê-lo.

— Nossos técnicos continuam analisando certos aspectos do incêndio, mas gostaríamos que nos esclarecesse se na área queimada havia quatro colmeias destinadas a uma pequena produção apicultora — sondei.

— Não achamos o assunto tão relevante. Se lhe parece, meu cliente não se dispõe a esclarecer este ponto.

“É porque Pancorbo lhe soprou que as abelhas são a arma do crime e você não quer que saibamos tudo o que sabe para não comprometê-lo?”, pensei em perguntar.

No entanto, calei-me, era só uma suspeita, e seria mostrar cartas demais a um apostador tão experiente.

— Na semana passada não fizemos essa pergunta, mas agora nos parece relevante — interveio Estíbaliz. — Onde o seu cliente esteve nos dias 24 e 25 de julho?

— Esteve em sua casa de Laguardia e depois em seu domicílio de Vitoria — respondeu rapidamente o advogado, evidentemente esperando a pergunta.

— Há alguma testemunha que possa corroborá-lo? — insistiu ela.

— Creio que não. Foram dias tranquilos em que não encontrou ninguém. O fato de não ter um álibi para esses dias não o transforma em culpado.

— Entende que a resposta o coloca numa situação muito delicada? — completou Estíbaliz.

— Se aceitei defendê-lo é porque tenho certeza absoluta da sua inocência, inspetora. Isso não supõe uma dificuldade insolúvel no meu trabalho.

— De acordo, vamos então ao ponto mais delicado nisso tudo. Seu cliente conhecia Lidia García de Vicuña? — alfinetou minha parceira.

— No momento meu cliente não vai responder a essa pergunta. Os pais da finada não entraram com nenhuma acusação. Nem após a publicação das imagens, que não demonstram nada.

— Não podemos estar mais em desacordo — insistiu Estíbaliz, negando com a cabeça. — No mínimo, demonstram que se conheciam e tinham intimidade, o que o seu cliente negou ao inspetor Ayala e a mim. Houve obstrução da justiça.

— Pretendem entrar com ações legais a respeito desse ponto em concreto? — quis saber o advogado.

— Nos reservamos o direito de fazê-lo. Se for o caso, será devidamente informado — interveio Alba.

— Ignacio — interpelei-o diretamente, ignorando o advogado —, Tasio reconheceu sua relação com Lidia e confirmou que primeiro ela foi sua namorada, mas que para você ela tinha sido uma a mais. Disse que ele, sim, se comprometeu, que era definitivo, o seu irmão...

— Gêmeo — corrigiu Ignacio, sem poder evitar o tique.

— Seu gêmeo pretendia esperar dois anos e sete meses até que ela atingisse a maioridade para assumir publicamente o relacionamento. Ele ia apostar naquela relação e arriscava muito. Você sabia disso?

Observei-o. Estava ficando nervoso, a brisa agradável que parecia correr por Donosti começou a incomodá-lo, porque não parava de ajeitar uma mecha de cabelo louro atrás da orelha.

Resolvi continuar para ver aonde aquilo nos levaria.

— Ele acha que você decidiu detê-lo no dia em que chegou o relatório da autópsia, que hoje está desaparecido, o qual deixava claro que o sêmen encontrado no corpo dela era dele, que você falsificou provas para incriminá-lo, como ao encontrar folhas de teixo, coincidentes com o veneno dos crimes, na casa dele. Decerto, se o fez como parente que possuía as chaves, não há o que dizer, mas ao levar outro inspetor da polícia e fazer uma devassa domiciliar a fundo sem ordem judicial você rompeu várias regras. Não consigo entender como o juiz não considerou sua atuação irregular. O que tem a dizer sobre isso? Foi assim, Ignacio? Descobrir que a sua namorada adolescente e o seu gêmeo o estavam traindo foi o que o levou a detê-lo? — pressionei-o.

O rosto de Ignacio ficou tenso, transformou-se numa careta de dor, ele se ergueu derrubando a cadeira, de punhos cerrados. Começou a vociferar, mas o advogado foi mais rápido e apagou o som da videoconferência, e não pudemos ouvir o que gritava.

Para nosso assombro, em questão de segundos a ligação foi interrompida e ficamos diante da tela preta.

Entreolhamo-nos em silêncio, esperamos meio minuto e entrou outra ligação do advogado.

— Desculpem — disse, com um sorriso que pareceu autêntico —, houve um problema técnico. Acho que podemos prosseguir de onde tínhamos parado.

— Um problema técnico, claro que sim. Estávamos no ponto em que Tasio Ortiz de Zárate admitiu uma relação com uma menor e afirmou que seu cliente também se relacionou com ela — disse Estíbaliz.

— Meu cliente não vai responder a essas acusações infundadas neste momento. Se entrarem com ações legais sobre esse ponto, o escritório o defenderá.

— Da nossa parte acho que esclarecemos praticamente todos os pontos — concluí. — No entanto, diga-me uma coisa, Ignacio, e tomara que não haja uma falha de conexão. Tasio vai sair da prisão em três dias. Você foi para San Sebastián se esconder num bunker porque teme que ele vá atrás de você?

Dessa vez ele estava preparado. Olhou-me fixamente pela webcam, e o seu rosto não deixou escapar nenhuma emoção.

— Meu cliente não vai responder a essa pergunta.

— Insisto, Ignacio, está ou não está com medo de que o seu gêmeo se vingue?

— Acho que vamos dar esta reunião por encerrada. Como disse, receberão as gravações hoje mesmo, endereçadas ao inspetor Unai López de Ayala. É um pacote com um CD. Diariamente receberão um pacote com vinte e quatro horas de gravação em que meu cliente estará no recinto das minhas propriedades. Em princípio ele não sairá até que tudo seja esclarecido. Permitam-me implorar-lhes que se apressem a fazer seu trabalho; ninguém gosta de estar confinado em uma prisão domiciliar por muito tempo, por mais bonita que seja a vista em Donosti. Meu cliente tinha uma vida, e meu trabalho é ajudá-lo a recuperá-la.

— De acordo, cavalheiros — adiantou-se Alba. — Agradeço muito a colaboração que prestaram em um assunto tão urgente. Se precisarmos esclarecer alguma novidade, entraremos em contato com o seu escritório.

— Por favor — respondeu o advogado. — Que tenham um bom dia.

A comunicação foi cortada, dessa vez definitivamente.

— Conclusões — sondou Alba, virando-se para nós.

— Está descartado como autor material dos crimes — afirmei.

— Não está descartado como autor intelectual — negou Estíbaliz, meneando a cabeça. — Pode ter pago a um sicário para executá-los, bem como para livrar-se de culpa e nos obrigar a descartá-lo como suspeito.

— Enrolado demais — pensei em voz alta.

— Tudo nesse caso é enrolado demais — replicou minha parceira.

— No momento está sob controle, a cem quilômetros daqui. Isso me parece uma boa notícia. De qualquer modo, você tem razão: toda essa armadilha legal não o descarta como suspeito, nem dos crimes de vinte anos atrás nem dos dois primeiros de agora. — Tive de reconhecer.

— E não podemos esquecer que não tem álibi para os dias 24 e 25 de julho — acrescentou ela.

— O fato de não estar com alguém não significa que seja suspeito — pisei de novo.

— Ah, espera aí! Nem você acredita no que está dizendo. Ele é um sujeito muito sociável. Até anteontem todos o requisitavam para eventos oficiais, e justamente no Dia do *Blusa* e na véspera não tinha planos com ninguém, nem com a sua *cuadrilla* ?

— Em vista das últimas traições dos amigos, talvez não tenha dado nomes por temer que mentissem ou o culpassem — pensei em voz alta.

— Em todo caso, vamos dar a reunião por encerrada — disse a subdelegada. — Todos temos uma enormidade de tarefas esta manhã. Avisem-me se houver um avanço relevante na investigação.

Assentimos, e Estíbaliz também se levantou.

* * *

Fiquei sozinho no escritório e abri meu e-mail.

Dentre as dezenas de mensagens novas, uma me chamou a atenção: outra vez, o remetente era Fromjail.

Abri, e Tasio me chamava com urgência:

> Kraken, acho que acabo de encontrar uma coincidência que pode interessá-lo.
> Queria que fosse a minha última contribuição no caso.
> Venha me ver agora mesmo, temo que não haja tempo a perder.

Vitoria, outubro de 1970

O homem da navalha se postou atrás dele, antes que pudesse se virar e correr.

— Nada de gritos — advertiu.

Álvaro largou a maleta pesada, que foi ao chão como chumbo. Ergueu as mãos acima da cabeça cautelosamente, rendendo-se. Sentiu a ponta da navalha espetando a lateral esquerda do pescoço, a poucos centímetros da carótida.

— Não vou resistir. Darei tudo o que tenho de valor.

Vestia uma roupa escura, como os outros. Sabiam o que faziam. Nada notável, nada identificável, exceto que o corpulento era braquicéfalo, tinha o crânio chato na parte posterior.

— Primeiro o relógio, devagar — disse o mais alto, aproximando-se.

Álvaro obedeceu, tentando dominar o pulso para não se atrapalhar com a tremedeira das mãos.

— Agora a carteira — disse o da navalha. — Vamos, não temos a noite toda.

Entregou-a, nunca tinha se sentido tão aliviado como ao recordar que há pouco retirara dali um recorte de jornal sobre Blanca que tinha levado dobrado no forro da carteira durante meses. Foi um pensamento lúcido, ao que se aferrou naqueles momentos de terror cego.

Quando achou que o assalto tinha terminado, vieram os golpes. Todos na altura do tórax, nenhum no rosto. Resistiu de pé a dois murros no ângulo esternal superior. O corpulento esmurrava enquanto os outros dois o continham. O terceiro golpe, na altura das costelas, o fez se dobrar ao meio.

Depois, já no chão, começaram os chutes. Cobriu o crânio com as mãos e curvou-se como um feto, tentando mitigar os danos. Nas costas doeram menos, nos testículos, o deixaram aturdido, tonto e sem fôlego.

O da navalha se agachou e a exibiu diante do seu rosto, e Álvaro pensou que era o fim, que não teria os trinta anos para pagar ao Banco de Vitoria a hipoteca do apartamento em que moravam.

Ele afundou a navalha na sua coxa esquerda, rasgando a perna das calças de flanela, a pele sardenta, alguns vasos sanguíneos e dez centímetros de fibra muscular.

— Não toque no que não é seu, charlatão. — Pareceu-lhe ouvir da sombra que observava tudo a distância, quando eles sumiram por trás das colunas.

Não conseguia enxergar grande coisa nem confiava em seus sentidos naquele momento, mas poderia jurar que reconhecera o caminhar torto do motorista de Javier Ortiz de Zárate.

Quando foram embora, ele tratou de controlar a hemorragia na coxa. Arrastou-se até se esconder atrás da cerca viva do gramado e abriu a maleta, que os supostos ladrões não se deram o trabalho de levar. Tirou uma venda e enfaixou a coxa com toda a força de que foi capaz. Permaneceu algumas horas deitado entre os arbustos, até calcular que Emilia tinha ido dormir. A esposa era muito assustadiça — se lhe contasse que tinha sido roubado e atacado junto à entrada de casa, ela nunca mais passearia sozinha pelos arredores.

* * *

Passou a viver aterrorizado, inventava desculpas para sair sempre acompanhado, não deixava a mulher e os filhos saírem sem ele. Começou a cismar com a cidade e suas ruas, com os colegas mais prósperos que o convidavam para tomar vinho na rua Dato e provar uns acepipes no Txapela, por melhor que fosse o odor das lulas empanadas aos domingos, depois da missa na paróquia de São Mateus.

Evitava todas as ruas que levavam à General Álava.

No dia da consulta de cinco meses, Blanca foi à clínica com o marido.

Álvaro baixou a cabeça. Sentia-se como o cão surrado que a enfermeira tinha mencionado, sem forças para enfrentar Javier Ortiz de Zárate.

Já tinha sido o suficiente.

Era assim que se mantinha um homem, uma empresa e uma cidade sob controle.

— Como está, doutor, tudo bem?

O empresário estendeu-lhe a mão, apertando-a com uma força que Álvaro achou excessiva.

— Tudo bem, senhor Javier — respondeu sem olhar na direção de Blanca, que permanecia calada, igualmente submissa ante a presença imponente do marido. — O que... o que o traz aqui?

O empresário se sentou sem esperar o convite do médico. Blanca ficou de pé ao lado dele, inchada com a sua grande barriga.

— Queria comprovar pessoalmente que está tudo em ordem. Refiro-me à gravidez da minha esposa.

— Claro, pois não. Recebi os resultados dos últimos exames e tudo está correndo bem, apesar de certos valores incomuns que me surpreenderam. Vou examinar sua esposa, com a sua permissão — disse, morto de medo.

Ergueu-se disfarçando o manquejar que a navalhada na coxa tinha provocado.

— Prossiga, doutor.

Javier encarou-o, e Álvaro teve a impressão de que o estava desafiando. Uma espécie de desafio subliminar. Teve nojo daquele jogo, sentiu uma ânsia de vômito subindo pelo esôfago, mas conseguiu contê-la.

— Dona Blanca, vamos ouvir esse batimento. Sente-se na cama, por favor. Pode desabotoar a parte inferior da blusa.

Blanca obedeceu sem abrir a boca.

— Deite-se do lado esquerdo. Vou tentar ouvir as batidas do coração do seu filho — falou, apalpando a linha média entre o umbigo e o púbis de Blanca.

Apalpou a barriga procurando a zona mais plana e dura que indica as costas do bebê, mas a que encontrou pareceu-lhe pequena demais.

De qualquer modo, concentrou-se naquele ponto. Esqueceu-se do olhar inquisidor de Javier e prestou atenção no estetoscópio para qualquer ruído que parecesse um batimento rápido.

Foi quando descobriu dois corações diferentes, cujos ritmos galopavam muito mais acelerados que o da mãe.

— Dona Blanca, a senhora está grávida de gêmeos — conseguiu dizer em voz alta.

— Gêmeos? — repetiu Javier, elevando o tom. — Gêmeos! Como os meus tios. Tive tios gêmeos, sabe? Tio Ignacio e tio Anastasio... Isso se herda, não é? Ouvi dizer que, se o pai tem tios gêmeos, há mais possibilidades de engendrar um casalzinho.

Na verdade, as estatísticas apontavam que era a mulher quem herdava essa possibilidade, caso tivesse antecedentes gemelares na família, mas Álvaro calou-se e assentiu. Seu seguro de vida era que Javier não duvidasse da sua paternidade.

— Pois sim, senhor Javier. Parece que o senhor perpetuou esse peculiar legado familiar. Acredito que já tenha os nomes dos seus filhos... — felicitou-o sem se atrever a dar uma palmadinha naquelas costas rochosas — ... se forem varões, quero dizer.

— E o que mais podem ser, doutor? — reagiu o outro, ofendido. — Não me amole com maus agouros. Hão de ser varões, como o pai.

— Claro — murmurou, sem ânimo de discutir.

Teve um ataque de ansiedade quando, por fim, o empresário foi embora com a esposa. Felisa o socorreu e, preocupada, deu-lhe um tranquilizante e ajudou-o a se deitar na cama até passar a taquicardia.

Dias depois, recebeu uma ligação de quatro toques.

Como ela ia saber o que tinha lhe acontecido?

Não foi ao apartamento na General Álava. Passou as semanas seguintes prostrado, contando os dias para a data provável do parto.

* * *

Esperou ansioso a visita seguinte de Javier e Blanca. Tinha tomado uma pequena dose de morfina antes da hora da consulta, mas a droga não o acalmou.

Às doze em ponto Blanca entrou, com um vestido de mangas largas preto, laranja e marrom que dissimulava suas curvas nas dobras do tecido.

— Meu marido não pôde vir. Surgiu uma viagem de última hora ao alto-forno de Sestao. Estamos sós.

— Certo, vamos fazer o exame — retrucou, negando-se a fitá-la.

— Você não foi ao apartamento quando liguei... Você me deixou, não é?

"Deixei você?...", pensou, impotente.

— Acho que você sabe, talvez saiba — respondeu.

Levantou-se da cadeira, cansado de tudo, passou o trinco na porta e abaixou as calças diante dela.

— O que... o que está fazendo? — incomodou-se com aquela nudez improvisada.

— Há dois meses e cinco dias, vinte e quatro horas depois do nosso último encontro no apartamento da sua tia, três indivíduos me roubaram perto do meu prédio, me deram uma surra e me deixaram essa cicatriz. Uma testemunha, que os dirigia, observou tudo. Acho que era o seu motorista. Não fiz a denúncia, não quero ter a polícia por perto depois que o seu marido foi parar na emergência.

Blanca levou as mãos ao rosto e tapou a boca ao ver o corte vermelho na coxa de Álvaro. O sangue tinha se esvaído do seu rosto.

— Talvez ele faça o mesmo com você assim que nascerem os gêmeos. Santo Deus, Blanca! Talvez seu marido saiba da nossa história e depois do parto termine o que começou.

Blanca apoiou os cotovelos na mesa do consultório, fechou os olhos e meneou a cabeça tentando se acalmar.

— Não quero saber mais nada dessa história — prosseguiu Álvaro, vestindo as calças e afivelando o cinto. — Cumprirei o meu dever, lhes entregarei seus filhos ou suas filhas. Depois, não quero saber de mais nada. Eu... estou pensando em fugir para a América após o parto.

— E a sua mulher, os seus filhos? — perguntou ela.

— Sou médico colegiado, tenho um seguro de vida, caso me aconteça alguma coisa. As viúvas e órfãos dos médicos estão muito bem amparados, ela receberia uma boa soma e voltaria ao povoado com as crianças, para junto da família. Viveriam sem grande luxo, mas não lhes faltará nada, e no povoado estarão melhor sem mim.

— Mas e os seus filhos? — insistiu ela. — Você os abandonaria?

Ela não pensava nos dois ruivos que tinha visto um par de vezes; pensava nos filhos deles.

— Meus filhos? Meus filhos são dois caprichosos que estão sendo malcriados na cidade. Só pensam em pedir, pedir e pedir caprichos. Eu... não sou um pai muito afetuoso, Blanca, tenho dificuldade, por timidez, em demonstrar o que sinto. Mas para eles sou só uma carteira de dinheiro. No povoado estarão bem melhor: não há lojas, nem barracas, nem lojas de brinquedos, há tempos penso que viveriam melhor por lá. E Emilia... olhe para ela. Não consegue se adaptar; as esposas dos meus colegas riem dela pelas costas e não a convidam nem para um café. É normal, ela deixou a escola antes de aprender a somar, é muito faladeira... em Vitoria nunca será feliz. Sei que você não quer vir comigo, por isso não proponho. Tem gente que sabe aguentar os golpes, aprende a recebê-los uma e outra vez, é

a sua fortaleza. Mas não sabe fugir, a ideia de um mundo desconhecido a deixa paralisada, e acho que você é assim.

Blanca calou-se, desconcertada.

— Vê? Não ache que ajo mal ao não lhe propor isso. Estou cansado de ser um cão surrado. Não posso mais.

O resto da consulta transcorreu como previsto. O doutor Urbina analisou o último exame, escutou o batimento daqueles coraçõezinhos e recomendou repouso à paciente.

Estou esperando, #Kraken

5 de agosto, sexta-feira

Tasio me esperava na sala de sempre. Dessa vez havia envelopes velhos e papéis manuscritos espalhados no guichê que nos separava. Havia algo novo em seu olhar, um brilho que um otimista definiria como esperança.

— Dessa vez foi para o século XVIII, para as marquises de San Miguel. Você já pensou em vigiar os próximos cenários possíveis?

"Estamos nessa, mas de que vai servir?", pensei.

— O que encontrou, Tasio? — perguntei, ignorando a pergunta. — Espero que seja importante. Você não imagina o dia que me espera.

— Justamente por isso o chamei logo. Soube do seu encontro com o meu... colaborador, e que você o encarregou de um trabalho, como fez comigo. Bem, cruzamos nossos resultados e temos um achado que me pareceu importante compartilhar com você, mesmo sabendo que, no plano pessoal, lhe custará aceitá-lo. Quero que mantenha a mente aberta e pense como um investigador, está bem?

— Você está mesmo me pedindo para ser aberto? — Quase tive que rir. — Você me tem aqui, disposto a escutar, quando todo mundo pensa que é um assassino pedófilo.

Ele me fuzilou com o olhar. Antes aquilo teria me deixado intimidado, mas naquele dia Tasio estava menos sombrio que de costume.

— Vejamos, devo começar explicando que há muitas décadas tive um colega de andanças esotéricas. Fomos amigos, mas não acabamos bem, e ele me escreveu nos meus primeiros tempos na prisão expressando seu apoio e orgulho pelo que entendia como uma certa servidão para manter acesa a chama do paganismo nestas terras. Ignorei-o e nunca respondi as suas cartas. Sabe, há um leque de perfis entre os admiradores dos assassinos em série. Alguns só querem se aproximar do perigo, outros expressam admiração por sua coragem de executar suas fantasias, muitas

mulheres se oferecem e propõem sexo, assim, sem mais nem menos. Algumas padecem do complexo de enfermeiras: querem consertar indivíduos lesados, é o seu desencadeador emocional. Têm atrás de si toda uma história de relações com alcoólatras, drogados, doentes crônicos ou terminais... E às vezes se aproximam de presos condenados por delitos de sangue. Por último, há uma tipologia, felizmente pouco frequente, que é a mais perigosa. Os que falam sério, que queriam ter sido os assassinos, e entrar em contato com um deles é um dos primeiros passos para se aproximarem do meio do crime. Ele era um deles. A partir de... certas diferenças que tivemos, comecei a achar que era realmente um pirado perigoso.

— Prossiga, até agora você não me entregou nada.

— Paciência, Kraken. Já chegaremos ao porto. MatuSalem encontrou uma coincidência entre o seu apelido e a sua conta no Twitter. Eu sabia que ele me seguia nas redes sociais, que é um dos mais implicados, e a sua conta foi a primeira que, na noite passada, postou a imagem das vítimas dos crimes da Virgen Blanca, então nós o temos localizado perto do lugar do crime.

— E por que seria estúpido a ponto de se expor dessa maneira?

— Tudo nesse crime tem um caráter muito visual. Ele a publicou com o único propósito de que admiremos sua obra.

— Curioso, dizem o mesmo de você.

Ignorou o comentário e prosseguiu.

— A coisa é que o sujeito tem antecedentes penais por tráfico de estupefacientes, por isso o investigamos.

— Ah, isso começa a me interessar.

— A minha surpresa foi quando MatuSalem encontrou o nome dele completo e comprovou que é irmão da sua parceira — disse, atento à minha reação.

— Como é? — consegui dizer.

Talvez fosse a melhor notícia: ter, por fim, indícios confiáveis da ligação dele com o caso. Ou talvez fosse a pior, porque isso afetaria Estíbaliz.

— O nome dele é Eneko Ruiz de Gauna, e teve vários apelidos, pelo que sei. Eu o conhecia como Eguzkilore e Hierbas e, de fato, ele ainda usa o último apelido, porque a sua conta no Twitter é @elhierbas. Não ocultarei dados a essa altura: Eneko começou sendo o meu *dealer* há uns

vinte anos e, embora fosse uma criança, tínhamos o mesmo interesse pelo passado pagão desta terra, então convivemos muito naquele tempo. Hoje em dia ele gerencia uma loja debaixo da torre de doña Otxanda.

— Sei que tem uma loja na torre de doña Otxanda — cortei-o, incomodado —, mas você tem provas do que está dizendo?

— Estarão na sua caixa de entrada antes de você ir embora daqui.

— Tudo bem, Tasio. Se o conheceu no passado, se acha que é capaz de tudo, fale-me dele. Diga, o que houve para que a amizade de vocês acabasse de modo tão abrupto? A essa altura preciso saber disso.

— Tivemos uma experiência ruim em Zugarramurdi. — Desviou o olhar. — Nada agradável.

— Mais um motivo para você me contar.

— Eneko era um esotérico fundamentalista. Também era um fiel defensor do consumo de drogas como porta de entrada a outras percepções, na linha dos experimentos criativos de Aldous Huxley com o *peyote* e a mescalina nos anos cinquenta. Não sei se você leu *As portas da percepção* , era o livro de cabeceira dele. Eu estava muito interessado no aspecto antropológico de Zugarramurdi, só que ele levou a coisa ao limite. Eu devia ter adivinhado.

"Fomos em dois casais, ele oficiou uma cerimônia, uma espécie de rito ancestral, seguindo as indicações das confissões dos acusados nos autos de Logroño. Para mim não havia a menor verossimilhança naquilo, a maioria das confissões era obtida sob coerção ou sob tortura. Na maior parte dos casos, os acusados, aterrorizados, respondiam o que pensavam que deviam dizer para colaborar com o Santo Ofício. O que há ali são as fantasias e a imaginação do homem do século XVII, não a realidade. Mas o Hierbas levava tudo ao pé da letra, então nos despimos, demos as mãos, ele pôs *eguzkilores* no chão e nos deu uma beberagem. Então começou o pesadelo.

— Que pesadelo?

— Seja lá o que for que tomamos, nos paralisou o corpo e provocou alucinações. Imagino que o ambiente tétrico da caverna tenha contribuído, mas foi a experiência mais terrível que tive na vida. Não conseguia mover nenhum membro, embora, de modo estranho, estivesse consciente. Notava sombras no limite do meu campo visual, outras presenças que sabia que não havia, mas me sentia muito vulnerável sem poder me mexer, e naquele momento elas pareciam muito ameaçadoras... Para ser justo com o passado, eram medonhas. Temia que meus pulmões também se

paralisassem e eu morresse asfixiado. Aquilo durou várias horas, ele foi o primeiro que conseguiu se mexer, e nós continuamos ali, deitados, nus e sem poder mexer um músculo, vendo-o passear entre nós com os seus cânticos. Juro que naquele momento eu quis...

— Matá-lo?

Respirou fundo, não caiu na cilada.

— Aquilo quase nos matou. Assim que conseguimos nos levantar, as duas garotas e eu nos vestimos e voltamos no meu carro. Não quis mais saber dele. Por isso, quando escreveu essas cartas que você vê, ignorei-o completamente.

Ele as segurava diante de mim do outro lado do vidro blindado. Assinalei-as:

— Vou precisar dessas também.

— São suas. Não as quero. Nelas você poderá comprovar como a mente de alguém pode ser podre.

Olhei o relógio, estava ficando tarde. Levantei-me e me despedi.

— Agradeço o que acaba de me contar. Você sai em dois dias. Vai estar por aí?

— Está perguntando se vou fugir? — indagou sorridente.

— Só quero saber o que fazer caso precise de algo mais... extraoficialmente.

— Não vou fazer uma cagada agora, depois de cumprir a maior parte de uma sentença por algo que não cometi, mas tenho quarenta e cinco anos e ainda posso desfrutar algo parecido com a vida quando sair definitivamente — disse, como se a dúvida o ofendesse.

— Não é a saída que você esperava, imagino.

— Não, não é. Nada é o que eu esperava. Em Vitoria agora me odeiam por causa da história de Lidia. Não acho que possa andar pelas ruas como sonho há vinte anos. Voltando à sua pergunta, Kraken, você sabe muito bem como me achar, se precisar. Nada que não tenha feito antes.

Dito isso, levantou-se, acenou para o funcionário que guardava a sala de visitas e desapareceu.

Saí da penitenciária e liguei para a minha parceira. Combinei de vê-la diante da Catedral Nova. Não queria testemunhas do que íamos conversar.

* * *

Encontramo-nos, muito sérios, na praça de Lovaina. Ao redor, as *cuadrilla*s de *blusas* brincavam pelas ruas ao som da alegre música das charangas.

— Parece um contrassenso que as pessoas continuem se divertindo apesar do que ocorreu na noite passada — comentei. — Fico me perguntando se não seria mais fácil para todos se cancelassem as festas.

— Talvez este seja o verdadeiro propósito dos costumes, das festas populares, dos dias assinalados no calendário. A vida segue, mesmo quando ocorrem desastres, mortes, guerras... Talvez seja a lição dos nossos antepassados: que o show tem que continuar. Aconteça o que acontecer, é preciso seguir comemorando a noite de São João, o Natal, a Semana Santa, um aniversário — respondeu Estíbaliz, pensativa. — Vamos, Kraken, vamos entrar.

Na rua Magdalena havia um jardim um tanto escondido que era pouco frequentado. Nele havia uma sequoia de quarenta e dois metros, eram necessárias cinco pessoas para abraçar a base do tronco. Anos atrás, Estíbaliz tinha me mostrado aquele canto, quando a palavra *parceira* começou a significar algo além de "colega de trabalho" e deixei de vê-la apenas como uma das amigas da minha falecida esposa.

Fomos para o nosso banco. O barulho da festa chegava bem abafado, como se fosse só uma lembrança na minha cabeça. Não sabia bem como começar aquela conversa.

— Esti, acabo de falar com Tasio. Você não vai gostar nem um pouco do que ele me disse, mas prefiro lhe dizer antes de informar.

— Nossa, é a pior introdução de uma má notícia da história. Vamos lá, dispare.

"Está bem."

— Você se lembra do episódio de Zugarramurdi que Ignacio Ortiz de Zárate nos contou na casa dele?

— Aham.

— Hoje Tasio contou a mesma história, do seu ponto de vista. Falou de uma droga que os deixou paralisados por horas, e o cara misterioso que a distribuiu foi o seu irmão, Estíbaliz.

— Como é que é?

— Sabia que Tasio e seu irmão foram amigos?

— Meu irmão tem sua própria vida. Nunca controlei as suas amizades, menos ainda quando era jovem.

— Naquela época ele já lidava com drogas, Estíbaliz. Já as vendia. Todo mundo sabia.

— Isso é tudo o que você tem, Kraken?

— Não, tenho uma pessoa de apelido Eguzkilore, como a assinatura dos crimes. Tenho alguém que vive pelo e para o esotérico. Tenho um indivíduo que escreveu cartas elogiosas quando Tasio foi preso e que hoje é um dos seguidores mais ativos da conta dele no Twitter. Tenho alguém que ontem estava no cenário do crime minutos depois de encontrarem os cadáveres e foi o primeiro a postar a imagem do assassinato na internet.

Ela travou a mandíbula.

— Você sabia disso desde ontem e não me disse nada — prossegui. — Sabia que era a conta dele no Twitter.

— Isso não o implica. Outros usuários postaram imagens, e você não pensou que fossem culpados.

— Estíbaliz, estão aparecendo muitos indícios. Lutxo me contou que no fim de semana passado seu irmão se empenhou em voltar à caverna de Zugarramurdi, que falou dos crimes duplos, que ninguém achou normal a empolgação dele com esse assunto.

— Eneko é assim, Kraken, muito radical: é tudo ou nada. Fala com muita veemência, não usa filtro entre o que pensa e o que diz... É uma pessoa difícil, mas...

— Deixe-me terminar. Isso me custa tanto quanto a você. Tenho mais pontos na lista: sabe lidar com abelhas, vocês tinham colmeias em casa e, como você disse, ele era o encarregado porque você é nervosa demais e elas te picavam.

— Isso não o transforma num assassino em série.

— Também maneja e conhece os efeitos de vários tipos de droga. Isso lhe daria fácil acesso ao Rohypnol. Agora tem uma loja no centro, debaixo da torre de doña Otxanda. Dali, com o seu furgão de um negócio muito conhecido em Vitoria, pode ter levado facilmente os corpos à Catedral Velha, à Casa del Cordón e às marquises de San Miguel sem despertar suspeitas. Por último, é ruivo. Ou foi. Como o aprendiz do canteiro. O senhor Tiburcio comentou que suspeitava que o pai o surrava. Sinto trazer o tema à baila, Estíbaliz, mas há demasiadas coincidências que não podemos ignorar. Sabe se o seu irmão alguma vez trabalhou em San Vicentejo no verão?

— Não sei dizer, mas tampouco posso descartar. Ele começou a ganhar uns trocados desde muito jovem. Às vezes ia à região de Laguardia colher uvas, outras vezes consertava telhados nos povoados. Não acompanho o seu raciocínio, Unai. Realmente não consigo. Você acredita de fato que ele tenha cometido os crimes há vinte anos, com apenas quinze de idade?

— Aos quinze seu irmão tinha a altura de um homem, e as vítimas eram bebês e crianças de cinco e dez e dois garotos de quinze, não muito corpulentos. Poderia perfeitamente ter feito isso. Quem suspeitaria que um garoto de quinze anos pudesse colocar todo um país em xeque?

Mais uma vez ela meneou a cabeça.

— Você não tem nada, nenhuma prova física, nenhuma pista, nada que o situe realmente nos cenários dos crimes. O que está listando são casualidades que se empenha em deformar para encaixar na sua versão dos fatos.

Suspirei e me apoiei no encosto do banco do parque.

— Pense como o especialista em perfis que é e me dê um motivo — insistiu. — Você sempre diz que a motivação do crime é algo pessoal, muito íntimo. Que motivo meu irmão teria para matar tantas crianças e, agora, gente da nossa idade, hein?

— Acho que o garoto ruivo que ouviu o canteiro se empapou de rituais ocultistas, criou um cenário mental com as imagens da ermida de San Vicentejo e está representando sua própria viagem iniciática sobre as idades do homem. O que você e eu vemos cada vez que chegamos à cena do crime é uma projeção física de imagens mentais muito elaboradas.

— E o fato de implicar os gêmeos, hein? Onde isso encaixa na sua teoria?

— Seu irmão queria se vingar de Tasio. Talvez por despeito por tê-lo rejeitado como companheiro de jogos ocultistas. Foram a Zugarramurdi com duas garotas. Se uma delas era namorada do seu irmão, estou convencido de que uma das duas era menor. Seu irmão conhecia os rolos de Tasio, por isso assassinou Lidia García de Vicuña. Era uma maneira brilhante de implicá-lo e opor os gêmeos.

— Não faz sentido, Kraken. Seu raciocínio é fraco demais. Para fazer o que está fazendo, se tiver feito tudo isso para destruir a vida dos gêmeos, precisa odiá-los mortalmente. É tempo demais, complicações demais por um motivo tão fraco.

Ela me fez duvidar. As palavras de Estíbaliz me fizeram duvidar.

— Você também não está convencido, não é? — perguntou, pegando-me pelo queixo. — Vejo em seus olhos um resquício de dúvida, não está cem por cento convencido. Unai, sei que vai negar o que vou lhe dizer. Você não gosta de ser criticado, sei que vai reagir mal, mas Tasio Ortiz de Zárate lavou seu cérebro. Você foi uma presa fácil, e a sua síndrome de Estocolmo o impede de enxergar isso. Com sua paixão doentia por Tasio, não deviam ter encarregado você do caso. Você entrou para a corporação por causa dele, porque aos vinte anos acreditava que poderia ter resolvido o caso, lembra? Paula me contou, era uma das suas peculiaridades que não lhe agradavam muito. Você não percebe, mas Tasio fez você pensar que ele o escolheu, e você acabou indo aonde ele apontou. Ele teve vinte anos para pensar bem, você realmente acredita que alguma coisa que aconteceu esta semana foi casualidade?

— Não ponha Paula nisso — adverti-a. — Não tem nada a ver.

— Não meta Eneko nisso, ele tampouco tem a ver.

— Pois parece que sim, Estíbaliz. Parece que seu irmão tem, sim, algo a ver.

— Mas você não percebe? Vinte anos depois, a coisa se repete: estou numa situação de entregar meu irmão. Foi o que fez Ignacio, mas eu não sou Ignacio, não farei isso, não vou me render como ele ante os primeiros indícios. Vou tentar seguir outras linhas de investigação, que é o que se espera de uma irmã.

Levantei-me, pus os olhos no alto tentando descansar a vista e apreciei os ramos frondosos da sequoia.

— Deixe-me pensar nesse fim de semana, Estíbaliz. Preciso deixar esse assunto repousar um pouco. Estou adiando o momento, mas serei um mau investigador se demorar mais. Vou falar com o seu irmão. Só falar, mas preciso informar a subdelegada. Se Germán fosse suspeito, sei que você faria o mesmo, teria de fazê-lo, não podemos nos deixar cegar por questões pessoais.

Ela se levantou também, fitou o chão, chutou um pequeno seixo rolado.

— Que as questões pessoais não nos deixem cegos... Curioso, Kraken. É curioso que justamente você diga isso.

E foi-se embora, rápida como uma doninha-anã.

Estaria a par do que havia entre mim e Alba?

O PALÁCIO DOS UNZUETA

Vitoria, fevereiro de 1971

Durante anos os vitorianos recordariam aquele 1º de fevereiro, quando houve a pior nevasca do último século.

Os caminhões que raspavam a neve não davam conta de desobstruir as artérias principais da cidade. Os operários da DKV se levantaram uma hora antes do habitual e desceram às calçadas com pás para resgatar os seus Seats e Renaults 12 da camada de neve de noventa centímetros. Depois, armados com frascos de álcool, rasparam o gelo dos para-brisas dos carros com pedaços de plástico rígido e muita paciência.

O doutor Urbina estava no consultório lendo um manual de patologia mamária, quase contente por ter diante de si uma manhã mais relaxada, já que todas as pacientes tinham desmarcado as consultas em virtude da impossibilidade de chegar à clínica.

De repente, um telefonema interrompeu a leitura, e ele mesmo atendeu.

— Consultório do doutor Urbina.

— Doutor Urbina! — bradou o vozeirão de Javier Ortiz de Zárate. — Preciso que venha à minha casa agora mesmo! Minha mulher entrou em trabalho de parto.

"Trinta e duas semanas", calculou mentalmente. Não precisava comprová-lo, não pensava noutra coisa há meses.

— Justamente hoje? Santo Deus! É um pouco cedo, mesmo para gêmeos. Traga-a imediatamente, vou solicitar uma sala de cirurgia agora mesmo — respondeu, tentando se acalmar.

— O senhor não entendeu — respondeu o industrial. — Eu disse ao senhor para vir imediatamente: os carros não circulam a partir do passeio da Senda, as estradas estão com um metro de neve e os caminhões da prefeitura ainda não passaram por aqui.

— Não se preocupe, vou pedir uma ambulância. O pessoal da saúde tem experiência nesse tipo de situação.

— Já chamei, estão todas ocupadas. Pelo visto há muitas urgências devido a quedas e gente presa na neve. Precisa vir e atender os meus filhos! — gritou outra vez.

"Está bem", pensou Álvaro. "Está bem."

— Como... como está a parturiente? — indagou, mudando o registro.

— Pois... em trabalho de parto, gritando muito.

— A bolsa já se rompeu?

— Pode se explicar, doutor? Não entendo muito desse assunto. Achei que ela é quem deveria se encarregar de tudo.

— Está cercada de um líquido transparente? — insistiu.

— Transparente? Que nada, está cercada de sangue, muito sangue, encharcou a cama. É o normal nos partos, não?

O doutor Urbina se ergueu de um salto.

— Tentarei ir à sua casa com a enfermeira. Não deixe sua mulher sozinha. Vamos para aí agora.

Vestiu o abrigo, pôs todo o instrumental cirúrgico básico para um parto de urgência que coube na maleta e olhou para Felisa, que já estava calçando as botas de neve com uma expressão preocupada.

* * *

Levaram quase uma hora para percorrer o escasso quilômetro que separava a clínica do palácio dos Unzueta. Foram pelo passeio da Senda abrindo caminho na neve em alguns trechos. Felisa parecia acostumada a situações assim. Apesar da idade, era uma mulher vigorosa e avançava a passos seguros, sem hesitar. O doutor Urbina pensou que devia ter sido criada em alguma aldeia de montanha, e nesse momento se deu conta do pouco que sabia sobre a vida da sua enfermeira.

Quando por fim chegaram, o empresário os esperava junto à grade de ferro da entrada principal.

A entrada ficava em uma lateral do passeio da Senda. Um muro compacto de arbustos, agora cobertos de neve, protegia o jardim dos olhos curiosos dos passantes.

O motorista fazia montinhos com a pá, retirando a neve espessa do caminho que levava ao prédio. O doutor Urbina levantou a lapela do sobretudo, reprimiu um calafrio e tentou não olhar para ele ao passar.

Subiu a escada aos saltos, guiado pelos gritos de Blanca. Quando entrou no quarto de dormir, ela estava deitada, quase desmaiada, no meio de uma poça de sangue e com a cabeça do primeiro bebê quase coroando.

Blanca fitou-o aliviada, o cabelo grudado no rosto suado. Não tinha forças para falar nem explicar, apenas para se preparar para a próxima contração.

Felisa vinha logo atrás do doutor Urbina, carregando a maleta. Ao ver o quadro, virou-se para o empresário e disse com voz firme:

— Senhor Javier, os pais não podem estar presentes na hora do parto. Entregarei seus filhos ao senhor assim que nascerem, não se preocupe. É um parto múltiplo, vai tardar muitas horas. Vá à cozinha e que lhe sirvam um chá ou um conhaque.

— Não, fico! Quero comprovar que meus filhos estão bem, a senhora acha que tenho medo de um pouco de sangue?

— Certamente não, mas não há exceções neste caso, senhor. Na sala de cirurgia os pais não entram, e, quando o parto é feito em casa, meu dever é mantê-los afastados. É pelo bem dos seus filhos, senhor Javier. O senhor não vai querer que todos aqui fiquem nervosos e eles sofram por falta de oxigênio.

— Não, a senhora cuide para que nasçam sãos. Não perdoarei nenhuma negligência médica com meus filhos.

— Então, estamos de acordo em que deve esperar do outro lado da porta — concluiu Felisa, e trancou-a, sem lhe dar alternativa.

Ela foi até a cama, onde o doutor Urbina instruía Blanca para fazer força.

Ele também estava aterrorizado, nunca tinha feito um parto de risco assim, em um domicílio particular. A possibilidade de que um dos bebês tivesse sequelas ou que a mãe tivesse uma hemorragia era muito alta. Mas percebera o olhar de Javier. Uma advertência muda, uma ameaça impronunciada. Sabia o que lhe aconteceria se uma daquelas crianças não nascesse sã.

Naquele dia a cicatriz na coxa o incomodava mais do que de costume. Sabia que provavelmente se devia à umidade provocada pela neve. Sentia uma dor metálica insuportável e nunca tinha mancado tanto como naquela manhã.

Não se atrevia a falar com Blanca livremente, temendo que o marido estivesse ouvindo do outro lado da porta, então empregou a linguagem

visual muda e apertava a mão dela com força quando necessário.

Ela parecia entender, negava-se a soltar a mão dele, embora mal tivesse forças.

O primeiro bebê foi um menino, louro como a mãe, de rosto estreito e comprido. O doutor Urbina extraiu os fluidos da sua boca e entregou-o à mãe.

Ela permaneceu deitada, sorridente, com o peso do garotinho no peito. Queria dormir, fechar os olhos e descansar de uma vez, com o calor daquele presente que Álvaro lhe entregara: o primeiro filho deles.

— Precisa continuar fazendo força, dona Blanca. — A voz de Álvaro, fingindo ser apenas o doutor Urbina, arrancou-a do sonho, despertando-a. — Falta um.

Felisa envolveu Ignacio Ortiz de Zárate em uma manta e seguiram com o trabalho de parto. Vinte minutos depois nascia Tasio, idêntico ao primeiro.

Pinçou o cordão umbilical e cortou-o.

Depois de acomodarem os gêmeos em ambos os lados de Blanca, Felisa e o doutor Urbina se entreolharam, mais relaxados. Os bebês tinham um choro vigoroso, bom tônus muscular e o ritmo cardíaco acima de cem; ambos marcaram oito no teste Apgar aplicado pelo médico, muito promissor para gêmeos tão prematuros.

Ao ouvir o choro dos filhos, Javier começou a esmurrar a porta.

— Está tudo bem? Por que não trazem os meus filhos? — gritou desesperado.

— Senhor Javier, vamos acabar de preparar sua mulher e já vamos abrir a porta! — gritou Felisa, sem se afastar da mãe.

— Cuide dos bebês, Felisa, preciso fazê-la expulsar a placenta — pediu o doutor Urbina, um pouco inquieto.

Intuiu que algo ia mal.

Tinha feito vários partos de gêmeos, e Blanca estava sem contrações.

— Não pode ser — sussurrou ao se dar conta do que estava acontecendo. — Felisa, venha, acho que há um terceiro bebê.

— Um terceiro, como pode ser? — respondeu ela em voz baixa, pois por nada no mundo queria que o dono da casa tivesse outro ataque de fúria ao ouvir a notícia.

— Acho que os irmãos me impediram de ouvir seus batimentos durante toda a gravidez, pois estavam mais expostos. Está num saco amniótico

diferente do dos irmãos. Parece que também está em posição cefálica; com sorte não será preciso uma cesárea — comentou esperançoso.

Estava preocupado com a condição da mãe, que tinha perdido sangue, e não queria se arriscar a abri-la fora da sala de cirurgia.

Aproximou-se do ouvido de Blanca e falou devagar, para ter certeza de que ela o ouvia.

— Blanca, você vai ter trigêmeos. Precisa fazer mais força, o último bebê está quase fora. Só mais um pouco. Já vai terminar, prometo.

Ele se permitiu dar-lhe um último beijo na testa, enquanto Felisa fazia de conta que não via nada.

Em poucos minutos nasceu o terceiro bebê, outro menino, que ninguém esperava e para o qual ninguém tinha pensado em um nome.

Álvaro ajudou-a a empurrar a cabecinha e, ao vê-lo por um instante, ficou em choque, esqueceu que era médico, que estava no palácio de um traficante de escravos e que um marido furibundo golpeava a porta querendo impor sua urgência.

Ergueu o bebê, ainda unido à mãe pelo cordão umbilical, e, incapaz de reagir, mostrou-o a Blanca.

Ele não se parecia em nada com os irmãos.

Horrorizados e impotentes, Blanca e Álvaro viram a espessa mata de pelos ruivos do bebê, idêntica à do doutor Urbina, enquanto Javier Ortiz de Zárate ameaçava derrubar a porta.

Esta é uma das piores etapas do herói: a noite sombria da alma, a decisão mais difícil, eu sei. #façaocerto, #Kraken

8 de agosto, segunda-feira

Não era o meu melhor dia. Depois de passar o fim de semana matutando sobre como agir com o irmão de Estíbaliz, por fim tinha resolvido fazer o que a minha ética profissional ditava, mesmo que doesse. Mesmo que eu a perdesse.

Não quis ficar em Vitoria, preferi ficar recluso em Villaverde, fugir do ambiente ruidoso e irreal onde me sentia um alienígena. Fugir dos constrangimentos impostos pelos meus amigos. Fugir para não padecer de insônia no fim de semana prolongado das festas.

Pelo menos a onda de calor tinha dado uma trégua e as temperaturas caíram quase quinze graus no domingo, o que todos agradeceram.

Germán e Martina vieram almoçar conosco, com o pretexto de trazer a torta da Virgen Blanca, uma delícia de mousse de morango e creme com suspiro tostado que eu degustava todos os anos. Agradeci em silêncio o apoio, que eles ofereceram como quem não quer nada, e Martina contou que tivera alta depois de muitas químios e o próximo exame seria só dentro de seis meses.

— Por que não vão viajar uns dias em agosto para comemorar? — animei-os. — Para um lugar onde faça frio de verdade, para não passar por essas ondas de calor que derretem as calçadas.

Queria afastá-los do horror cotidiano que se respirava em Vitoria, afastá-los das festas e da ameaça velada sobre todos criada pelo assassino.

— Talvez a gente pense nisso, Unai — concordou Germán, analisando a sugestão. — Venha conosco.

"Não posso, e você sabe disso,"

— Não é má ideia — menti. — Falamos disso depois das festas.

* * *

Sei que não devia ter saído para correr naquela segunda-feira. As ruas não seriam minhas, mas dos bêbados e dos encontros sexuais de última hora. Porém, acima de tudo, não suportava que Alba e eu tivéssemos ficado no meio do caminho, e suportava ainda menos a frieza, imposta pelo cargo, com que me tratava na delegacia.

Vesti uma camiseta fina com capuz e, quando saltei da entrada do prédio para a praça, ainda estava escuro e começava a refrescar. Saí disposto a encontrar Alba, em ambos os sentidos.

Percorri as rotas do centro, contornei a Amêndoa Medieval e, por fim, optei por me afastar das charangas e fui pelo passeio da Florida, deixando à minha direita o parque, cujos grossos troncos protegiam de olhares indiscretos os casais pelo chão que, tendo se conhecido meia hora antes, ofertavam um ao outro um amor verdadeiro.

Depois de meia hora me sentia um idiota, meio patético por andar com essas besteiras na minha idade, e, frustrado, dei meia-volta junto à Casa de las Jaquecas, na altura da subida do passeio de Fray Francisco de Vitoria. Os atlantes brancos que sustentavam as marquises tinham uma das mãos na cabeça num gesto de dor. A minha também doía de tanto pensar, de tanto matutar, de não chegar a lugar algum.

Então eu a vi. A cidade permanecia escura sob o céu de um anil profundo anunciando que, em breve, começaria a clarear. Alba corria com os fones de ouvido, ignorando uns sujeitos que assobiavam e faziam comentários inaudíveis para ela. Foi quando ela me viu.

Foi quando ela me viu.

— O que está ouvindo? — perguntei, emparelhando-me para correr a seu lado.

— *Wonderwall* , na versão de Ed Sheeran — respondeu, oferecendo-me um dos fones.

"Você é a minha *wonderwall* ", pensei.

— Por que está ouvindo isso? — quis saber.

— Me distrai. Esta semana vai ser definitiva, Kraken.

Parei, farto de tudo. O fio branco a puxou, obrigando-a a se deter diante de mim sob as grandes castanheiras da Índia do passeio. Não imagino quantos anos teriam.

— Não quero ser Kraken agora! Não quero que me fale do caso, não quero que me pergunte sobre traumas, nem sobre a minha mulher, não quero saber nada do seu marido. Quero mais que uns minutos de madrugada disparando resumos de quem somos. — Quase gritei, e até eu me surpreendi com aquele discurso furioso, pois não o tinha preparado.

— Sabe o que significa *wonderwall* , tonto? — perguntou, com os braços na cintura.

— É uma terapia que se usa em alguns hospitais psiquiátricos britânicos — respondi de pronto. — Um muro onde os pacientes pregam fotos de parentes, amigos ou lugares pelos quais vale a pena viver.

— Não me refiro a isso. *Wonderwall* é a pessoa por quem você está totalmente obcecado, porque te inspira de modo brutal — disse, irritada, apontando para o meu peito, como se estivesse falando de mim.

Depois pôs o capuz do moletom na minha cabeça e o dela também.

— É um convite para que eu te beije ou algo assim? — perguntei, atônito.

"Perdão, você é minha chefe e preciso saber se as coisas estão claras para você", calei-me.

— A metade de Vitoria te conhece, não podemos fazer isso no meio da rua — respondeu a sombra projetada pelo seu capuz.

— Tudo bem.

"Tudo bem."

— Então vamos dar uma corrida até o meu prédio, encapuzados — propus. — Vamos rápido, quem continua na rua a essa altura está bêbado demais para prestar atenção a dois corredores obesos como nós.

Ela não respondeu e se lançou rua abaixo, na direção do centro. Era boa nos *sprints* , levei um tempo para alcançá-la e emparelhar. Percorremos os oitocentos metros em quatro minutos e vinte segundos.

Chegamos ao prédio quase ao mesmo tempo. Ainda estava escuro, peguei as chaves, tentando abrir a porta na primeira tentativa para não parecer um inútil. Alba avançou pelo corredor escuro na direção da escada, mas não podia ser como ela queria.

— Não, aqui — detive-a, com a virilha ardendo.

— Aqui? — replicou espantada, ainda tomando fôlego depois do esforço da corrida.

— Não se preocupe com o barulho: os vizinhos têm uma idade média de cem anos, todos são surdos como portas.

Acho que fizemos com raiva demais, sem carinho, como soldados bravos porque foram enviados ao front e sabem que vão morrer. Talvez nos sentíssemos assim, um pouco ressentidos com a vida que tínhamos.

Ela meteu a mão na minha calça, pegando minha ereção com força. Fiz o mesmo com ela, deslizei os dedos entre aquela umidade e explorei o terreno.

— Vamos provar a elasticidade desse tecido — disse, desafiando-me.

Com as mãos presas nos masturbamos mutuamente, quase com raiva, sem tirar os olhos um do outro, como se não devêssemos fazer aquilo, como se estivéssemos cobrando uma dívida antiga.

Pensei que minhas gônadas iam explodir. Até então tinha feito sexo sem alma com outras mulheres, mas com Alba era diferente, como uma conversa a mais entre nós, sem rodeios e anestesia, sem fingir nem nos preocuparmos em sair bem na fita. Era como se dissesse "isso é o que sou, faço assim, e não espero que você goste".

Mas gostei, meu Deus, como gostei daquilo. Fiquei louco com o jeito como me tratou, sem pensar em delicadezas e sem olhares complacentes.

Alba não pediu licença, simplesmente tomou o que precisava de mim para construir o seu orgasmo e depois teve a fortaleza de permitir que eu tomasse o que quisesse.

Coloquei-a em posição de revista, ergui seus braços por cima da cabeça, prendi suas mãos com as minhas e a encurralei contra a porta, quase como uma crucificada. Com um joelho separei as suas pernas, e ela ficou exposta aos escassos minutos de escuridão que entravam pela praça da Virgen Blanca, onde centenas de vitorianos desciam como um rio diante dos nossos narizes, do lado de fora do prédio, totalmente alheios à trepada que ia acontecer detrás daquela porta grossa de madeira, ferro e vidro.

— Isso é por me chamar de tonto — sussurrei no ouvido dela, um pouco chateado, abaixando as calças dela. — Onde estava com a cabeça quando me insultou?

Mordi o lóbulo de uma orelha que já ardia, e com a mão subi pelo triângulo das suas coxas, virei-a e deixei o dorso da mão acariciar aquela pele na sombra, depois acomodei o dorso na sua entreperna, movi a mão até extrair os fluidos que queria, e então girei a mão de novo, e com dois dedos abri caminho para o seu interior. Notei que a carne ali palpitava e não quis esperar mais para penetrá-la de uma vez. Alba jogou a cabeça para trás, com movimentos muito limitados, porque segurei-a novamente

pelas mãos, formando uma cruz contra a madeira. Depois a peguei pelo maxilar, virando seu rosto e encontrei uma boca ansiando pela minha, enquanto gemia tanto quanto eu.

— Caralho, como você faz gostoso, Unai. — Acho que grunhiu.

Não éramos heróis, não duramos muito tempo, acho que estávamos com tesão demais, porque gozamos quase ao mesmo tempo, e depois só restou a minha respiração entrecortada na orelha dela, e o meu abraço de kraken apertando o corpo da mulher que, em menos de duas semanas, tinha derrubado todos os meus esquemas e com quem acabara de fazer um sexo de elite na entrada de um prédio velho.

— É a transa com melhor vista que já tive — disse ela com um meio sorriso.

E se apertou nos meus braços, como se me pedisse que a abraçasse ainda mais forte.

— A minha era melhor: além da praça tinha as suas costas — respondi sorrindo, apoiando a cabeça no ombro dela.

— Está amanhecendo — comentou, como se isso não fosse evidente.

— A hora da alba, eu sei.

— Não vai me deixar subir para o seu apartamento?

Fim do feitiço.

— Se você insistir o bastante eu deixo, mas prefiro que não suba — respondi, um pouco contrariado, liberando-a do meu abraço. Para que mentir?

— Tudo bem — disse, outra vez distante, como se a resposta não importasse.

Vestiu de novo a malha, o top esportivo, a camiseta e o moletom, alheia à minha presença. Não se virou quando pôs o capuz e saiu para uma Vitoria já amanhecida, baixou a cabeça e correu como uma fanática que não abandonava a rotina nem durante as Fiestas de la Virgen Blanca.

Bateu com a porta na minha cara e o som ecoou por um bom tempo, durante o qual encarei o vazio, com as calças pelos joelhos na penumbra da portaria.

“Você é um idiota, Unai.”

Subi a escada até o terceiro andar, abri a porta e observei ao redor. Como ia deixá-la entrar e ver em que ponto da minha vida eu realmente estava?

“E em que ponto você está, Unai?”, perguntei a mim mesmo pela primeira vez em muito tempo.

Só então me dei conta de como estava machucado.

Que não tinha virado a página.

As fotos emolduradas de Paula por toda parte. No corredor, em cima da televisão, na mesa de cabeceira... Sentei na colcha e peguei outra imagem emoldurada. Uma ecografia 4-D dos meus filhos. Relevos em sépia que prometiam um nariz como o meu, lábios como os de Paula, umas mãozinhas que sonhei que agarrariam meu dedo depois do parto.

Fiquei me sentindo mal, sujo, suado, com cheiro de rapidinha e saliva compartilhada. Entrei no chuveiro e entendi. Não tinha superado aquilo, Germán tinha razão. Estava me iludindo. Saí do boxe, molhado e ensaboado, e nem pensei em toalha; voltei para a sala consternado, e pela primeira vez enxerguei meu apartamento com os olhos de outrem; era um santuário, um santuário para Paula e os meus filhos.

Horrorizado, caí sentado encharcando o sofá, vendo pela primeira vez o apartamento onde pensava que tinha me recuperado com o olhar clínico de quem levava a vida fazendo perfis criminais.

Tinha construído a minha própria *wonderwall* , a parede onde me evadia tentando me convencer de que Paula e as crianças continuavam ali.

Não sou de muitos ataques de fúria nem de lançar objetos, principalmente porque pago por eles com um trabalho que exige um extra pela periculosidade, embora reconheça que estive prestes a ser um desses energúmenos que arrasam com tudo. No entanto, olhei a família que um dia tive e reconheci que não mereciam aquilo.

Então, segurei as lágrimas e a raiva, arrastei uma caixa de debaixo da cama e enfiei nela todas as fotos da minha vida passada. Precisava seguir em frente. Cruzar a linha. Deixar passar. Deixar que fossem embora.

Encontrei uma hidrográfica grossa, fechei a caixa com fita e escrevi “Paula e os pequenos”. Fiz a barba, tomei uma ducha, me vesti, tomei um café, fui ao estacionamento com a caixa e a enfiei na mala do Outlander, para pegar poeira no alto da casa do avô em Villaverde.

* * *

Cheguei à sede de Lakua com um humor do cão, pensativo e apático, sem vontade de falar com ninguém. Fui diretamente ao escritório e me enterrei

ali preenchendo relatórios atrasados.

Estíbaliz assomou sua franja comprida à porta e entrou sondando o terreno. De cara, percebeu que algo mais pesava sobre meus ombros, além da nossa diferença de opiniões a respeito do irmão dela.

Estudou-me em silêncio e sem disfarçar, e me conhecia tão bem que preferiu não pôr mais lenha na fogueira.

— Viu a história de Tasio? — perguntou.

— O que é "a história de Tasio"?

— Dentro de cinco minutos ele vai sair da penitenciária de Zaballa. Todos os canais de tevê do país estão lá, além de alguns europeus e americanos. Acho que vieram também dois da África do Sul.

— Você está de brincadeira.

— Não. Vamos lá, não sei o que te deu hoje, mas vamos assistir isso ao vivo e aí você desencana — disse, empurrando-me da mesa com a bunda e se debruçando sobre o meu computador para abrir um link. — Vamos ver Super Tasio vinte anos depois. Você não é o único privilegiado. Há muita expectativa com relação à aparência dele depois de tanto tempo.

— Se você soubesse... — respondi sem vontade.

Contemplamos a tela de um canal nacional. Havia uma transmissão ao vivo e a entrada da enorme penitenciária estava tão repleta de câmeras, microfones da imprensa de meio mundo e cartazes de pessoas pedindo a cabeça dele que mal havia espaço para o detento passar.

Como sempre, Tasio pairou acima daquilo tudo e superou todas as expectativas.

Detrás dos furgões da CNN e da BBC News surgiu uma limusine preta de vários metros com vidros escuros. Naquele momento saiu alguém encapuzado. Era alto e trajava um terno caro, mas não se via seu rosto porque por cima levava uma jaqueta Barbour grossa com capuz.

Houve vaias e os microfones tentaram tolher seu caminho para a liberdade, mas Tasio se impôs, embora não se visse seu rosto. Deu várias cotoveladas, e uma das portas traseiras da limusine se abriu justamente quando se aproximava.

— É preciso reconhecer que tem estilo — comentou Estíbaliz, contrariada.

— Você sabe disso muito bem — respondi, olhando-a de soslaio. — Agora, Esti, quero terminar esse relatório. Depois conversamos.

Ela entendeu e saiu tão rapidamente quanto tinha entrado.

Não queria conversar, não naquele dia, quando tinha resolvido interrogar seu irmão, Eneko, apesar de não achar a menor graça naquilo.

Chegou o meio-dia e não quis ir ao centro almoçar: comi qualquer coisa nos bares da avenida Gasteiz e, por fim, resolvi ligar para ela.

Para a minha chefe, não para Alba. Preferi ligar para não ter de subir ao seu escritório e encará-la.

Fitei as frondosas paredes verdes do palácio Europa, tirei o celular do bolso e digitei o número.

— Está sozinha? — perguntei.

— Não, mas podemos falar, inspetor Ayala — respondeu com uma voz neutra. — Diga-me o que necessita, se for importante.

— Temos um suspeito — disse, tentando focar só no trabalho. — O próprio Tasio Ortiz de Zárate o apontou, antes de deixar a prisão.

— E o senhor confia no que Tasio Ortiz de Zárate diz?

— Subdelegada, acho que dessa vez podemos ter algo sólido.

— Descreva o indivíduo, então.

— Homem, trinta e cinco anos — resumi —, foi companheiro de práticas pagãs de Tasio Ortiz de Zárate, hoje é dono de uma loja esotérica debaixo da torre de doña Otxanda. Nesse momento, seu perfil encaixa ponto por ponto com o que elaborei.

— Vai detê-lo agora, precisa que lhe consiga uma ordem do juiz? Porque nesse caso preciso dar a ele um indício mais sólido, como sabe.

— Deixe-me falar com ele primeiro. Há... certas circunstâncias que devo esclarecer, mas o farei assim que terminar. Acho... acho que estamos perto de solucionar o caso. Ou é o que quero acreditar.

— É o que desejo também, inspetor Ayala — disse, e na sua voz não havia nem sombra da calidez que eu conhecia.

Alba desligou e fui pela rua Badaya em direção a Cercas Bajas.

Nem mesmo eu estava consciente do que havia desencadeado com aquela ligação.

A TORRE DE DOÑA OTXANDA

8 de agosto, segunda-feira

A torre de doña Otxanda era a atual sede do Museu de Ciências Naturais. Restaurada nos anos sessenta, a torre medieval quadrada era uma cópia fiel de tantas torres semelhantes que haviam surgido em terras alavesas em outras épocas, como a dos Mendoza e a dos Varona.

Junto a uma sólida porta de madeira, letras douradas anunciavam o herbolário e livraria de Eneko Ruiz de Gauna.

Através do vidro escuro se podiam ver bolas de cristal, amuletos e sachês para infusões, além de livros de segunda mão sobre templários, mitologia basca e ufologia.

Entrei, e o ressonar de um sino dos ventos dependurado no teto anunciou minha chegada. Havia um *eguzkilore* no batente da porta, mas, à diferença de todos os que havia por toda parte nas casas rurais do norte, dessa vez estava pendurado do lado de dentro, como se fosse o mundo exterior que devesse se proteger do que havia ali.

O local estava abarrotado de velas de cultos, caixas etiquetadas a mão com uma variedade de ervas e centenas de livros antigos empilhados em colunas que iam do piso ao teto de madeira. Havia um odor pesado de incenso, embora também fosse possível sentir certo cheiro de maconha.

Subi uma escada curta e muito íngreme, procurando o depósito. Não me lembrava de ter entrado antes naquela espécie de supermercado das ciências arcanas.

— O famoso Kraken — disse alguém atrás de mim, com uma voz desagradável como o grasnar de um corvo.

— O famoso Eguzkilore — respondi, virando-me.

— Já não me chamam assim, já não há nenhuma semelhança — comentou, dando um tapa num baseado.

Era verdade. Os *dreads* ruivos que Eneko costumava exibir tinham ido dessa para melhor. Uma calvície demolidora os extinguira, e só restava a

cabeça raspada deixando à mostra o crânio com um *eguzkilore* tatuado na nuca.

Era tão alto quanto eu, de pômulos pontudos e bastante corpulento. Usava calças de linho roxas e tinha os olhos avermelhados dos que fumaram substâncias estranhas demais ao longo de uma vida dedicada à causa. Mas os olhos castanhos estavam alertas, sempre alertas.

— Entre, não quero que os clientes vejam um policial aqui dentro.

Olhei ao redor, procurando algum cliente, mas não havia ninguém ali.

— Você veio por causa da mandrágora?

— O quê? — perguntei, sem entender.

— Por causa da encomenda.

— Do que você está falando, cara?

Fitou-me um instante com o cenho franzido.

— Nada, policial, nada.

Abriu uma cortina dourada brilhante e entramos num cômodo esquisito ainda mais abarrotado que a livraria. Havia uma cama de casal com lençóis embolados, milhares de fotos de eventos paranormais nas paredes, uma mesa de madeira com faturas espalhadas no tampo talhado de runas e vários menorás com seus sete braços e sete velas acesas, a única iluminação no cômodo. Na cabeça daquele sujeito cabiam todos os credos.

— Este é o meu escritório. Aqui podemos falar com liberdade. Então, por que veio, Kraken? Agradecer a minha ajuda na identificação das últimas vítimas? — sentou-se na mesa dando o último trago no baseado.

— Não exatamente — retruquei, dando voltas pelo espaço mal iluminado, tentando identificar algo válido entre as imagens que empapelavam o quarto. — Uma das linhas de investigação em curso está centrada no triângulo de San Vicentejo, a igreja de Burgondo e a de Ochate. Você é um estudioso desses temas, Ochate não é estranho para você.

— Para ninguém daqui. Faz parte do patrimônio cultural de várias gerações de alaveses.

— Que influência isso teve sobre você?

— Estou convencido de que essa região é um centro de poder. Fiz parte de vários grupos que gravaram psicofonias. Conseguimos uma de muito boa qualidade. Depois as pessoas perderam interesse e os grupos se dissolveram — respondeu, e me pareceu que estava sendo deliberadamente vago.

— Diga-me, você trabalhou na restauração da ermida de San Vicentejo?

— O que você está dizendo, cara? — respondeu incomodado. — Por que não fala logo? Não entendo o que veio fazer aqui.

"Tudo bem, não há como vincular você a San Vicentejo", pensei frustrado.

— Digamos que encontrei uma ligação entre você, Tasio Ortiz de Zárate e Zugarramurdi — disse, mudando de assunto.

Desviou o olhar e girou a cabeça rapada, como se quisesse afastar uma lembrança ruim.

— Eu era um garoto. Não sei o que esse cara lhe contou, mas foi menos do que ele fala.

— Parece que ele não esqueceu essa história.

— Ele nunca entendeu meu empenho em voltar aos costumes antigos. Antes éramos bruxos, agora sou um mero vendedor de ervas. Devo admitir que me frustra a perda de poder de gente como eu, mais sensíveis ao que os olhos não veem. Mas não entendo por que estou lhe fazendo confidências, então, se não tiver mais nada para perguntar, convido-o amavelmente a se retirar. Aturei sua presença aqui por respeito à minha irmã.

— Respeito? Se a respeitasse, você não a teria implicado nos seus comércios.

— O que é, você está pegando ela? — disse, levantando-se e postando-se diante de mim.

— Do que está falando, seu imbecil? Tento cuidar dela; você a corrompe e a puxa para o fundo do poço.

— Atenção, você não estava lá quando nosso pai nos dava umas porradas mortais. Eu a protegia.

— Protegia? Por isso a levou para o seu mundo de drogas?

— Elas a anestesiavam, a deixavam mais forte. Deixa de ser simplista, você é um profano e só consegue enxergar que elas estão fora da lei.

— Deixa de babaquice, você a transformou numa profissional da autodestruição.

Então senti uma presença atrás de mim, virei a cabeça e vi Estíbaliz.

Ela me olhava furiosa, os lábios, contraídos, estavam esbranquiçados.

— Isso é o que pensa de mim, Kraken? Vocês dois estão muito enganados. Muito enganados.

Virei-me e ela já sumia escada abaixo. Corri atrás dela, mas ela saiu da livraria mais rápido que eu, e, quando cheguei à rua e olhei em volta, não a vi. Subi correndo a esquina da Carnicerías, fui à Herrería e minutos depois à Zapatería, mas só encontrei gente festejando ou se preparando para a passagem dos *blusas* .

— Espere, Estíbaliz! — gritei ao léu, mesmo sem saber em que direção ela tinha ido.

Liguei para o celular. Uma vez, duas vezes, três.

Não atendeu. Eu sabia que, mais do que furiosa, estava decepcionada comigo.

Então voltei à torre de doña Otxanda, disposto a terminar a conversa com Eneko.

Quando voltei ao herbolário a porta de vidro estava aberta tal como a tinha deixado ao sair atrás da minha parceira.

— Eneko! — gritei. — Você tem ideia de onde sua irmã pode ter ido?

Ninguém respondeu.

Surpreso, subi a escada e abri a grossa cortina dourada que dava acesso ao escritório de Eguzkilore.

Mas Eneko Ruiz de Gauna não estava.

Tinha desaparecido, deixando a loja escancarada e um policial totalmente desconcertado.

Vitoria, fevereiro de 1971

Aturdido, Álvaro Urbina olhou para trás, na direção da porta do quarto. Os gritos de Javier o arrancaram do estupor:

— Sei que fez algum mal aos meus filhos, doutor! Faça o favor de me deixar entrar!

— Mas como é possível? — balbuciou Blanca, sem acreditar.

— O terceiro gêmeo costuma sair assim: dois iguais e um diferente — interveio Felisa em voz baixa. — Há um modo de sair desta casa que não seja a entrada principal?

— Sim, aquela porta leva ao quarto de vestir, e dali se passa ao gabinete. Descendo uma escada que contorna o edifício há uma saída na parte de trás — respondeu Blanca, sem compreender.

— Ouçam, existem casais que acolheriam o menino como se fosse seu, conheço um em Izarra — sussurrou a enfermeira. — Não falo de adoção legal. Doutor Urbina, o senhor sabe que às vezes quebramos o protocolo na clínica, em diversas situações não o seguimos. Muitas mães solteiras chegam à emergência depois de esconder a gravidez e não querem que as famílias saibam. Nesses casos, entregamos os bebês a casais desesperados por filhos, já que Deus não lhes deu esse presente. Sei de um que espera nossa ligação há tempos. O doutor Medina fazia isso e eu... já sabem: ver, ouvir e calar. Se o senhor Javier vir que esse menino é tão ruivo quanto o senhor, doutor, vai matar todos aqui mesmo: a esposa, os três meninos e o senhor e, talvez, a mim também. Vou levá-lo agora mesmo. Dê-me folga amanhã para ir ao povoado desse casal entregá-lo, e nunca mais falaremos disso. Nunca mais, doutor. Os louros são a cara da mãe, ele os criará como seus, e ninguém esperava o terceiro.

Álvaro olhou para Blanca, que tentava abarcar os três bebês com os braços cansados, sem conseguir.

Pegou o ruivo e examinou-o. Lembrava muito seus dois filhos mais velhos no dia em que nasceram, sabia que ao crescer se pareceria consigo.

— Blanca, você é a mãe, você vai criá-los — disse, inclinando-se sobre ela e afastando o cabelo do seu rosto. — Precisa tomar uma decisão.

— Os três também são seus filhos — respondeu ela, sem forças.

— Ele vai nos matar, Blanca. Seu marido não os deixará sobreviver se vir os três.

Ela fechou os olhos. Não queria pensar, só queria acabar com aquilo, não aguentava mais, e agora os meninos dependiam de que ela os apresentasse ao mundo como filhos de Javier.

— Está bem, leve-o, Felisa — disse por fim, chorando, e em seguida se deixou vencer pelo cansaço e caiu exausta no travesseiro encharcado.

Felisa envolveu o ruivinho numa das mantas que Blanca tinha preparado para os seus irmãos, esvaziou a maleta de couro do doutor Urbina e enfiou ali o bebê.

Desapareceu rapidamente pela porta lateral do quarto de vestir, deixando Álvaro sozinho com a que poderia ter sido a sua família: uma primípara exausta e dois gêmeos univitelinos recém-nascidos.

Nesse momento Javier arrebentou o trinco e abriu a porta com tanto ímpeto que a maçaneta se chocou contra a parede.

Procurou os filhos com o olhar, mas o médico se interpôs em seu caminho.

— Saiu tudo bem: são dois meninos nascidos em perfeitas condições, dadas as circunstâncias. Os primeiros testes dão um bom prognóstico. O senhor pode ir até a mãe para vê-los. Ela fez um esforço considerável durante o trabalho de parto, vamos deixá-la descansar. E feche a porta, agora é importantíssimo que não percam calor.

Olhou-o desconfiado e aproximou-se da cama, onde encontrou os bebês também adormecidos, enrolados numa mantinha azul um pouco pequena para os dois. Javier não se atreveu a tocá-los, mas puxou a manta para comprovar que não eram disformes nem lhes faltava alguma extremidade.

— Está... bem. Parece que está tudo bem. Estavam tão calados que temi o pior.

— Estávamos só fazendo nosso trabalho, pelo bem dos seus filhos, senhor Javier.

— Por falar nisso, onde está a enfermeira? Não a vi sair — disse, olhando ao redor.

— Foi correndo à clínica buscar o material que falta — mentiu. — Sua esposa requer cuidados ambulatórios básicos.

— E por que não saiu pela porta, como Deus manda?

— Não quero ofendê-lo, mas o senhor estava uma pilha de nervos, e não podíamos deixá-lo entrar daquele jeito. Era um momento delicado para o bem-estar dos seus filhos. Ela preferiu sair pela porta dos fundos, entenda, é uma mulher de idade que se constrange diante do senhor.

— Sim, sim. Entendo — descartou o assunto. — Ela dá conta sozinha do que resta por fazer?

— Sim, são tarefas de enfermagem. Encarregar-se um pouco da mãe e do bem-estar das crianças, mas agora os três precisam descansar. Vamos deixá-los dormir umas horas e, assim que a neve permitir, vamos internálos para o acompanhamento. São prematuros, devem permanecer na unidade neonatal até ganharem peso e seus pulmões amadurecerem um pouco.

— Mas estão bem? — insistiu Javier, não muito convencido. — São muito pequenos.

— É normal num parto múltiplo, e são um pouco prematuros, mas têm o tamanho normal para gêmeos.

— Está bem — concordou. — Finalmente o senhor cumpriu seu dever e trouxe meus dois filhos ao mundo, quem diria.

— Pois sim, senhor Javier.

"E agora, Javier? E agora?"

— Suponho que já não há necessidade de nos ver, então o senhor pode abandonar minha casa agora mesmo. Meu motorista o levará de volta à clínica.

O médico deu um passo atrás, tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Não se preocupe. Por maior que seja o seu carro, não acho que consiga circular pelas ruas com essa nevasca.

— Faz meia hora que os caminhões passaram raspando a neve, está tudo mais limpo. O senhor não tem opção, não me faça insistir. Eu mesmo o acompanho.

Álvaro lançou um olhar rápido a Blanca com os bebês apoiados no peito. Os três dormiam, alheios a tudo.

Foi a última vez que os viu.

* * *

Uma semana mais tarde apareceu uma pequena nota na página policial do *Diario Alavés* denunciando o desaparecimento do doutor Álvaro Urbina, publicada por sua esposa aflita, Emilia Aranguren.

Ninguém voltou a vê-lo em Vitoria.

Um mês e meio depois chegou um médico substituto de Bilbao, quando a direção da clínica entendeu que o doutor Urbina já não apareceria com vida.

O novo médico, jovem e sociável, pertencia à terceira geração de médicos de uma prestigiosa família de Biscaia. Uma pessoa encantadora e eficiente. Poucos em Vitoria ainda recordavam o doutor Urbina quando substituíram a placa com seu nome por outra com o nome do doutor Goiri.

9 de agosto, terça-feira

"Foi só um lance sexual, uma má decisão, tesão de verão, um erro trabalhista. Só isso. Hoje vou ao escritório dela dizer que nunca mais, nunca mais. Ela que volte para o marido morno e silencioso, para o homem invisível, o senhor X", falei com os meus botões quando acordei, como sempre, de madrugada.

Não parava de revirar o mesmo assunto, me enganando, fingindo que não me importava nem me arrasava que ela dormisse com outro, que tomasse banho com outro, que fizesse as compras e lavasse as roupas com outro, que usasse uma aliança com as promessas que fez a outro.

Que não desejava ficar invisível, inaudível, intangível, meter-me na cama dela, e nela, até deixá-la exausta, morna, adormecida, mesmo que depois tivesse de voltar para o meu apartamento vazio.

É, porque dessa vez eu era o outro.

O amante fodido com direito a roçá-la e sem nenhum direito. Nem cafés da manhã preguiçosos aos domingos entre os lençóis, nem jantares de apresentação aos amigos, nem uns amassos na última sessão dos cinemas da rua San Prudencio.

Sei que não devia fazer isso àquela hora, que era imprudente, mas enviei-lhe uma mensagem.

"Já saiu para correr?"

"Sim."

"Onde você está?"

"Não importa. Onde nos encontramos?"

"No jardim atrás do palácio dos Unzueta, a grade de ferro lateral está aberta", propus, e quando vi o emoticon de ok corri para o chuveiro e saí depressa escada abaixo.

Quando cheguei, Alba já estava lá, uma sombra à minha espera, os braços cruzados sobre o peito, junto à cerca viva da propriedade. Não parecia estar de muito bom humor.

— O que você quer, outra transa para se aliviar? — alfinetou-me assim que cheguei.

— Do que você está falando? Não foi uma transa para aliviar.

— Não? E como você chama isso de me pôr de frente para a Cuenca na entrada do seu prédio e depois não me deixar subir para tomar uma ducha? Não quero dormir contigo, Unai. Não era um pedido de compromisso.

— Não quer dormir comigo? — gritei com raiva. — Obrigado, me sinto muito lisonjeado. Diga, você me deixa entrar na sua casa?

Empalideceu, sem saber o que dizer.

— Vamos, Alba. Vamos lá, vamos transar no seu prédio, o qual, por falar nisso, não tenho ideia de onde fica, e depois você me deixa subir ao seu apartamento, tá legal? Assim eu me meto na cama com você e o seu marido. Ele não a esperava ontem para uma transa matinal?

— Você acha que deitei com ele ontem, tendo o seu sêmen no meu corpo? Você não faz ideia, Kraken. Não sabe nada de mim e do meu casamento.

— Não me chame de Kraken, merda. Estou cansado de tantas identidades.

— Não, então pare de se comportar como se não tivesse cérebro.

— Não tente me julgar. É você quem está casada. Não brinque comigo, Alba. Ou você está ou não está, não quero ser o amante. É... é degradante que você tenha me transformado nisso.

— Pois então pare de me olhar desse jeito no escritório! — gritou.

— O que há com o modo como eu olho para você?

— É que não tiro isso da cabeça, Unai — sussurrou zangada, aproximando-se. — Não tiro isso da cabeça.

Havia uma impotência na voz dela que me deixou rendido.

— Eu também não, Alba. — Suspirei. — Também não esqueço o modo como você me olha. Não devíamos ter nos metido nisso, somos umas crianças. Há gente envolvida, não quero que ninguém se machuque.

Que ninguém se machuque...

Que ironia dizer aquilo, principalmente se soubesse o que ia acontecer com todos os implicados.

Que ninguém se machuque.

— Vim pedir desculpas — consegui falar por fim — e dizer que adoraria que viesse à minha casa.

— Vamos chegar tarde ao trabalho — respondeu, olhando o relógio de pulso.

— Eu sei, isso está passando dos limites, mas... só dormir, está bem? Não levei ninguém ao apartamento, nunca. Mudei para lá depois de ficar viúvo, há mais de dois anos. Quero que você se enfie na minha cama, quero dormir com você, nem que seja meia hora. É o que quero, Alba. Para mim você não é uma transa, sabe?

— Você sabe o que arrisco com isso?

— Muito mais que eu, eu sei.

Ficou em silêncio, apoiada no tronco.

— Vamos, antes que amanheça — assentiu.

Corremos de novo até o meu prédio, mas dessa vez eu a deixei subir ao terceiro andar e não a beijei nem peguei na mão dela. Nem a despi, virei de costas e deixei que ela fizesse isso sozinha, enquanto eu também tirava a roupa. Quando notei que estava debaixo dos lençóis, me enfiei ali, abracei-a de conchinha e adormecemos bem apertados até o despertador do celular avisar que aqueles minutos de ouro tinham terminado.

Ela se vestiu em silêncio enquanto fingíamos, num acordo tácito, que eu continuava dormindo. Já vestida, ajoelhou-se na madeira dos tacos do meu lado da cama, me obrigou a virar a cabeça na direção dela e me abraçou em silêncio.

Depois fez a trança e saiu. Fiquei olhando, pensativo, a marca das suas costas nos lençóis.

Há muito tempo não via uma marca daquelas.

* * *

Recordo que naquele dia tenebroso fui ao trabalho com uma sensação de alívio: as festas estavam quase no fim. Se o assassino quisesse fazer coincidir as suas imundícies com as datas importantes do calendário vitoriano, depois das Fiestas de la Virgen Blanca seria preciso esperar até depois de agosto, talvez até o FesTVal, celebrado na primeira semana de setembro, ou o Mercado Medieval, no fim do mesmo mês.

Só mais um dia. Vigilância intensiva e, depois, tentar encontrar Eneko Ruiz de Gauna.

Não se podia dizer que Estíbaliz e eu estivéssemos numa boa. Não éramos bons para fingir. Passar o dia vendo o rosto dela emitindo

reprimendas era demais para a nossa amizade.

Eneko não atendia ao celular, mas ela se negava a fazer uma denúncia de desaparecimento. Primeiro, porque provavelmente ele tinha sumido por conta própria, talvez estivesse escondido numa casa no campo ou numa caverna qualquer. Depois, porque ela não queria chamar a atenção sobre ele.

Germán ligou cedo, e percebi um tom preocupado na sua voz que ele não tentou disfarçar.

— Como foi ontem à noite, Germán? Vocês saíram?

— Sim, o pessoal todo saiu. O ambiente está muito esquisito, não se fala de outra coisa. Nem preciso dizer.

— É, melhor falar de outra coisa. — Afastei os olhos da tela do computador.

— Hoje tirei folga no escritório, combinei de almoçar umas tortilhas manchadas com Martina no Desportivo Alavés, gosto de manter a tradição. Ela ainda não chegou, ontem ficou até tarde, queria se esbaldar. Acho que queria fazer *gaupasa* , virar a noite e emendar. Liguei para perguntar se você quer vir comer tortilhas conosco.

— Fico tocado com o modo como você cuida de mim, meu irmão — sorri, me espreguiçando —, mas hoje o dia vai ser complicado. Talvez amanhã, quando o nível de alerta diminuir.

— Vamos, Unai. Amanhã já não vai ser dia de festa. Viva um pouco, tá?

— Olha só quem fala: o rei das madrugadas no escritório.

— Está bem, está bem. Eu tentei. Cuide-se, nos vemos no sábado em Villaverde.

— Sábado em Villaverde. Aproveitem a tortilha.

— Não se preocupe, vamos dar conta dela. — E desligou.

* * *

Eram cinco da tarde quando Estíbaliz e eu fomos à rua Dato. O último desfile dos *blusas* era o mais popular de todos: o dia do porco.

As primeiras canções começaram a soar pontualmente. A primeira *cuadrilla* , os Bereziak, iniciou o desfile na entrada da rua Postas com um veículo adaptado para a ocasião: um caminhão velho enfeitado de onde atiravam farinha em quem os acompanhava de ambos os lados da rua.

Em poucos minutos a rua Dato se abarrotou de gente enfarinhada e a calçada ficou coberta de pó branco. Até os troncos das magnólias e os bancos robustos de madeira ficaram cobertos de farinha.

Minha parceira e eu precisamos fazer um esforço para não ser contagiados pela alegria reinante. Tínhamos montado um dispositivo de agentes à paisana e uniformizados, distribuídos pelos prédios mais emblemáticos da cidade, em parte para acalmar o nervosismo das pessoas, para que se sentissem mais seguras nas ruas.

Também havia mais profissionais da televisão e da imprensa do que de costume. Parecia que todos estavam interessados nas Fiestas de la Virgen Blanca; os repórteres iam de um lado para outro com os microfones, seguidos pelos câmeras, e entrevistavam quem tivesse alguma teoria, por mais esquisita que fosse, sobre a identidade do assassino. As ruas do centro estavam tomadas de furgões de diferentes meios de comunicação, estacionados onde não deviam, o que supunha trabalho extra para a Unidade de Trânsito.

Depois dos Bereziak vieram os Biznietos de Celedón, os Jatorrak e os Desiguales. O desfile durou apenas quarenta e cinco minutos, mas deixou a rua Dato coberta por um manto branco e fino, e quem estava por ali com um bom humor aparente.

Estíbaliz e eu estávamos em silêncio, incomodados com a barreira entre nós. Percorremos a rua Dato quando as pessoas começavam a se dispersar pela General Álava e San Prudencio.

Quando chegamos à praça da Arca notei um detalhe que me provocou um arrepio na nuca.

Aos pés da estátua de El Caminante havia um lençol branco que as pessoas ignoravam e rodeavam para não pisar.

— Você viu aquilo? — perguntei à minha parceira, com a garganta seca.

— Espero que seja uma brincadeira macabra dos *blusas* , porque parece que debaixo do lençol há um par de corpos.

— Vamos isolar a área primeiro, mas vai ser difícil evitar que vejam o que há ali.

— Precisamos tentar. — Ela se virou e pediu uma patrulha.

Pouco depois tínhamos cercado todas as entradas da praça da Arca, da rua Dato até os dois lados da rua San Prudencio e da ruela da Arca até a livraria e o J.G.

Eu estava inquieto, não conseguia tirar os olhos dos volumes com forma humana debaixo do lençol.

— Tomara que sejam manequins, Estíbaliz, porque começo a descartar que seja gente de brincadeira, não se mexeram esse tempo todo.

Ela deu uma olhada e confirmou que temia o mesmo que eu.

— Vamos adiante, então — disse a mim mesmo. — Se forem cadáveres, vamos ter de chamar o juiz, a legista e o pessoal da Perícia Criminal.

Ela se aproximou, me deu umas luvas e erguemos uma ponta do lençol, na parte mais distante dos imensos pés de El Caminante.

A primeira coisa que vimos foi um *eguzkilore* e uma cabeça calva coberta de farinha. A brancura do pó borrava os traços do homem, que lembrava um boneco anônimo à espera de ser pintado.

Minha parceira ficou estupefata.

— Não pode ser — disse a si mesma.

— O que foi, Esti?

— Não pode ser — repetiu.

Com as mãos enluvadas ela ergueu a cabeça do homem e virou-a, expondo-lhe a nuca. Na parte traseira do crânio, apoiado no chão e sem farinha, havia a tatuagem de um *eguzkilore* .

— É o meu irmão! — gritou, atirando-se sobre ele para abraçá-lo. — É o meu irmão!

O grito ecoou acima das nossas cabeças, e, ao redor da zona isolada, todos também começaram a gritar histericamente.

Eu a contive pelos braços.

— Não sabemos, Estíbaliz, ainda não sabemos. Vamos, você precisa sair daqui, é um cadáver. Vamos esperar o juiz e a legista.

— É ele, Unai! É ele. Ninguém tem essa tatuagem, é o meu irmão — gritou, e começou a beijá-lo na testa, fora de si, salpicando o rosto de farinha e lágrimas.

— Estíbaliz, você tem de sair daqui. Não pode contaminar o cadáver desse jeito. Venha, vou contigo — murmurei no seu ouvido, segurando-a pelo queixo. — Vamos lá, Esti, concentre-se, olhe para mim. Respire fundo.

Obriguei-a a me fitar e respirar comigo, sem considerar que, à nossa volta, detrás do cordão de isolamento, as pessoas erguiam os celulares

acima das cabeças e tiravam fotos de nós que em segundos estariam dando a volta ao mundo.

Era como estar num *reality show* . Como levar uma câmera no ombro e não poder desligá-la nunca.

O juiz Olano não demorou; atestou as mortes de um homem e uma mulher, também coberta de farinha, e deixei a legista encarregada de registrar os detalhes, que em princípio pareciam idênticos aos anteriores, exceto pela farinha que os cobria.

Pus Estíbaliz numa viatura. Ela tinha o olhar ausente e não parecia disposta a responder às minhas perguntas.

Liguei para o noivo dela, expliquei a situação e ele veio buscá-la.

Estava prestes a ir embora daquele maldito lugar e escapar do olhar do gigante de bronze quando recebi uma ligação do meu irmão.

Não devia atender naquele momento, não podia ficar sentimental, mas precisava de um apoio firme como o dele.

— Acabo de ver no Twitter, Unai. É verdade que é o irmão de Estíbaliz? — perguntou de uma vez.

— Ainda não sabemos, Germán. Vou acompanhar a legista ao Instituto Basco de Medicina Legal no Palácio de Justiça. Lá vamos identificá-lo, espero.

— Como ela está?

— Acho que vai me odiar pelo resto da vida. Eu estava convencido de que o irmão dela era o assassino.

Ele precisou de uns segundos para reagir.

— Como é?

Sei que tinha dito mais do que o trabalho me permitia, mas era Germán, diabos. Era o meu irmão.

— Sabemos que não devo falar, mas foi isso. A linha de investigação que eu estava seguindo me levou até ele. Agora nada faz mais sentido, Germán. Não tenho nada, estou no ponto de partida, e ela não vai me perdoar nunca.

Germán levou um tempo para assimilar aquilo tudo.

— Tudo bem, Unai. Não se bloqueie, vá passo a passo, como o avô nos ensinou. Resolva uma coisa de cada vez e chegue ao final desse maldito dia como puder. Seus ombros são largos por algum motivo, você aguenta, certo?

— Certo — respondi, um pouco mais calmo.

— Sei que não deveria te chatear com isso agora, mas liguei porque estou um pouco preocupado com Martina, Unai. Ela não veio almoçar de manhã e não atende ao celular.

— Se ela fez *gaupasa* , talvez tenha ficado dormindo — retruquei, não muito convencido, mas a verdade é que todos os alarmes soaram na minha cabeça. Ante o choque de encontrar o cadáver de Eneko, eu não tinha prestado atenção na mulher.

— Não é o estilo dela, você sabe. Às vezes é meio descontrolada, mas depois cumpre o prometido. E não é o estilo dela dormir até as seis da tarde. Fui à casa dela e não há ninguém.

— Será que foi dormir na casa de algum amigo? Estava de folga hoje? — perguntei, engolindo em seco.

Tentei disfarçar minha inquietação, para que Germán não percebesse a preocupação na minha voz. Porque não podia ser, era uma possibilidade remota demais. Não, simplesmente não podia ser.

— Sim, tínhamos resolvido tirar folga hoje. Talvez você tenha razão, deve estar dormindo na casa da Nerea. Não quero ocupá-lo mais. Ligue se precisar desabafar, certo?

— Certo. Agora vou ao Palácio de Justiça, vão levar os corpos para lá. Falamos depois.

Vi que estava num beco sem saída e tinha me repetido. Digamos que o meu nível de perplexidade estava num limite perigoso.

Meia hora depois encontrei a legista na sala de autópsias.

O cadáver de Eguzkilore, ainda coberto de farinha, jazia na maca de aço inoxidável.

— E o corpo da mulher? — indaguei, dando uma olhada rápida ao redor.

— Ainda não o trouxeram — respondeu a doutora Guevara, ocupada escolhendo os instrumentos. — Vou começar pelo homem.

Ela começou a lavar a cabeça de Eneko com uma duchinha manual, a farinha foi se soltando aos poucos do rosto e do pescoço, e me aproximei.

— Ouvi dizer que é o irmão da inspetora Ruiz de Gauna — comentou a médica, ao meu lado. — Pode confirmar?

— Sim, é ele. Nesse caso a identificação não se presta a muitas dúvidas. O morto tem uma tatuagem muito característica na nuca. Poderia erguer a cabeça dele?

Ela segurou o defunto Eneko pelo pescoço e virou sua cabeça. Aproveitou para jogar água e a tatuagem do *eguzkilore* ficou à vista.

— Tinha trinta e cinco anos? — perguntou.

— Sim, creio que estava na lista de...

— De possíveis vítimas — completou a frase.

— Diga-me, doutora, temos os mesmos elementos dos cadáveres anteriores? — Tentei prestar atenção, mas estava esperando, esperava que a porta se abrisse e por fim trouxessem o cadáver da mulher.

— À primeira vista é isto. Veja, inspetor: um pequeno orifício na lateral do pescoço, compatível com uma agulha. Será preciso fazer os exames de praxe, mas temo que, mais uma vez, siga o mesmo padrão.

— Talvez encontre rastros de outras drogas no sangue — alertei-a. — Ele tinha antecedentes por tráfico de estupefacientes e era sabido que tinha fascínio por qualquer substância ilegal.

— Certo, em todo caso isso não muda a causa da morte. As mucosas da garganta apresentam o mesmo inchaço das outras vítimas. Não espero muitas surpresas.

— De qualquer modo, o pai está incapacitado devido ao Alzheimer, a mãe morreu e o outro irmão saiu de casa há muitos anos, então o único familiar é a inspetora. Vou chamá-la para identificá-lo.

Nesse momento entraram dois funcionários do Instituto Basco de Medicina Legal e depositaram cuidadosamente o segundo corpo na mesa de aço.

A médica suspirou e foi até lá. Eu a segui, acho que tremia.

— Vejamos o que temos aqui — disse, retirando a farinha do rosto e do cabelo curto com a duchinha.

Ela foi lavando a testa, as pálpebras abertas, o nariz e a boca da moça.

Por um instante perdi o equilíbrio e precisei me apoiar na mesa onde jazia Eneko Ruiz de Gauna.

A última vítima do assassino era Martina, a minha cunhada.

9 de agosto, terça-feira

A legista me olhou espantada, eu tinha sentado na maca de aço. Não reparei que estava tocando o corpo sem vida de Eneko, recém-lavado e ainda úmido.

Saltei dali aturdido, com a parte de trás da calça molhada.

— O senhor está bem, inspetor Ayala?

— Essa mulher... é... Martina López de Arroyabe. É a minha cunhada, namorada do meu irmão.

O rosto da médica se petrificou.

— Tem certeza absoluta?

— Ela acaba de vencer um câncer, pode comprovar a mancha escura nas unhas provocada pela quimioterapia, os pés inchados, devido à retenção de líquidos, e as sobrancelhas em processo de crescimento — recitei num tom profissional, com os olhos fixos no quadrado de cerâmica branca. Tomei aquilo como um ponto de apoio para não vomitar. — Pode me dizer onde fica o banheiro, por favor? — consegui perguntar, porque já não podia resistir.

Tinha um peso morto no fundo do estômago que me dobrou ao meio, como se uma pedra grande raspasse as paredes dos meus intestinos.

— Suba a escada, à esquerda. Quer que o acompanhe?

Subi a escada correndo, tonto, sem responder.

Entrei no banheiro, lancei-me na direção de um vaso sanitário com a tampa levantada, mas não consegui vomitar. Eu queria vomitar e, depois, dormir por cem anos, esquecer que tinha fodido com a vida do meu irmão.

Mal recordo o que se passou no banheiro. Sei que caí no piso brilhante, que as minhas bochechas expeliam sangue fervente e fazia muito calor, talvez aquele fosse o meu inferno e eu fosse um demônio.

Porque isso era o que o Diabo fazia, não é?

Ferir todos os que cruzavam com ele.

Eu era a porra do Beijo da Morte, quem caminhasse ao meu lado acabava morto. Meus pais, minha mulher, meus filhos, minha cunhada, até o irmão da minha melhor amiga estava morto por minha culpa.

Não lembro de ouvi-la chegar. Sei que alguém me obrigou a descruzar os braços dos joelhos e puxou meu queixo com muita força até conseguir erguê-lo e me obrigar a olhá-la.

— Unai — sussurrou Alba, agachada junto a mim —, venha comigo. Você está há mais de duas horas no banheiro feminino. A doutora Guevara nos chamou, seus gritos se ouvem por todo o Palácio de Justiça. Você teve um ataque de ansiedade e há uma ambulância lá fora para interná-lo.

— Não quero ser internado, Alba. Não preciso. — Uma parte de mim respondeu, a minha parte autômata.

— Precisa, sim. Vão lhe dar um calmante e controlar seus sinais vitais. Não torne isso mais difícil do que já é.

A voz dela era doce, estranhamente doce, como a mãe que fala com uma criança que não entende nada.

— Não quero calmantes. Preciso... — disse, voltando aos poucos ao mundo real. — Preciso fazer uma ligação, preciso contar ao meu irmão antes que ele saiba por outro meio.

— Unai, agora você não está em condições de ligar. Os paramédicos esperam por você diante do prédio. Vamos passo a passo. Ficarei ao seu lado, se quiser.

Havia um rogo mudo nas palavras dela, um "deixe-se levar, eu estou no comando" que eu não quis obedecer.

— Tudo bem, Alba — ergui-me, com mais dificuldade do que o meu ego estava disposto a admitir. — Você tem razão, vamos sair, acho que preciso de ajuda.

Entramos num elevador panorâmico que dominava o eixo interno do palácio. A cápsula de vidro nos levou lentamente pelos dois andares, com os funcionários da guarda que vigiavam os corredores olhando-nos discretamente.

— Está melhor, inspetor Ayala? — repetiu quando o elevador chegou ao térreo. Já não me chamava de você, estávamos cercados de gente, e Alba voltou a ser a subdelegada Salvatierra.

Girei o tronco e a encarei. Não era a primeira vez que mentia e, do jeito que ia a coisa, não seria a última.

— Acho... que vou precisar desse calmante. Muito obrigado, subdelegada, por ter vindo pessoalmente. Saiba que aprecio a sua consideração.

— Não posso acompanhá-lo ao hospital, inspetor. Com este novo caso, o delegado me chamou para uma reunião urgente e está me esperando há um par de horas na sede de Lakua.

Na verdade ela queria dizer: "Não posso me expor tanto e subir na ambulância com você."

— Não se preocupe, acho que posso ir por minha conta. Obrigado pela ajuda lá no banheiro — disse, e me dirigi aos paramédicos de Osakidetza, que me aguardavam debaixo de um sol ímpio, sufocados pelos coletes refletores.

Olhei para trás disfarçadamente; junto à porta de vidro do Palácio de Justiça, Alba me seguia com o olhar, mas recebeu uma ligação e deu meia-volta, atrás de um pouco de privacidade.

— Estão à espera do inspetor Ayala? — perguntei a um jovem sentado na parte traseira da ambulância.

— Sim, ele já desceu?

— Acho que está melhor. Sou colega dele, o inspetor Ajuria. Se ele não descer em dez minutos, podem ir embora.

— Tudo bem, vamos esperar — respondeu o rapaz, dando de ombros.

Eu continuava bastante confuso e tive um pouco de dificuldade para caminhar, mas consegui sair do campo visual de Alba, cruzei a avenida e fui em direção ao parque do Prado.

Cruzei com famílias que se dirigiam às barracas empurrando carrinhos de bebê, crianças com algodão-doce rosa que brincavam com peões luminosos.

A luz estava forte demais para mim. Meu mundo estava muito mais escuro, a ponto de apagar a metade do universo de alguém. De alguém que me importava muito. Alguém que era tudo para mim.

Procurei um banco afastado sob a sombra de umas árvores e liguei para o meu irmão.

— Unai, como está? Como está Estíbaliz?

— Germán, onde você está agora? Queria te ver... tenho que... preciso falar com você — consegui dizer.

Ele me conhecia bem demais, sabia de todos os matizes dos meus dias mais sombrios.

— Unai... o que foi? O que aconteceu? — indagou alarmado.

— Tranquilo, Germán. Tranquilo — tentei freá-lo, impotente. — Só quero encontrar com você agora e conversar pessoalmente. Não quero continuar falando por telefone. Onde você está?

O cérebro prodigioso do meu irmão tardou um átimo em ler nas entrelinhas.

— Diga que não, Unai! — disse com a voz falhando. — Diga que Martina não apareceu morta.

Levantei-me do banco, impotente, tentando acalmá-lo a distância.

— Germán, acalme-se e diga onde você está. Vou aí agora mesmo, não quero que fique sozinho.

— Não! Não! — gritou, entrando em pânico. — Diga que não é ela, Unai! Diga, por favor!

Suspirei, rendendo-me.

— Não queria que soubesse desse modo, Germán. Sinto muito, muito mesmo. Mas você precisa me dizer onde está.

Deixei-o chorar do outro lado da linha, aguentei como pude. Fechei os olhos, tapei a boca. Aguentei por ele, o meu irmão. Precisava estar inteiro se ele quebrasse.

Era o justo, ele fizera o mesmo por mim quando fiquei viúvo.

* * *

Cuidar dos trâmites relativos à morte da minha querida cunhada manteve minha mente ocupada nas horas seguintes ao assassinato. Para economizar telefonemas, liguei para Nerea, pois sabia que em um minuto todo o nosso grupo e grande parte de Vitoria seriam informados.

Falei com o avô, pedi que se ocupasse de Germán nos primeiros dias. Em menos de uma hora ele chegou de Villaverde e o encontrou, não sei como conseguiu. Admirei mais uma vez sua capacidade de ser resolutivo, queria possuir esse dom.

Queria possuir esse dom.

Depois liguei para Alba, fingi estar no hospital de Txagorritxu. Pedi autorização para voltar para casa e descansar. Sabia que ela concordaria, estava ficando exausto e não tinha forças para discutir com ninguém.

Só me deixar levar, arrastar-me até o meu prédio às onze da noite, no momento em que o Celedón se preparava para subir ao céu na praça da

Virgen Blanca e em que iam terminar as piores Fiestas de la Virgen Blanca da história.

A CRUZ DO GORBEA

10 de agosto, quarta-feira

Não houve missa, Eneko nunca quis saber de igreja, e sabíamos que teria se revirado no túmulo caso tivesse sido enterrado num cemitério cristão.

Estíbaliz não contou ao pai que o seu primogênito havia falecido, obedecendo às orientações dos médicos da ala de Alzheimer do Txagorritxu. Sem outros parentes para opinar, decidiu cremá-lo e levar as cinzas à cruz do Monte Gorbea, uma das moradas da deusa Mari.

A fauna que acompanhou o transporte da urna dava medo, mesmo em plena manhã: clientes alternativos do herbolário, maconheiros, góticos e senhoras de túnicas brancas e de cabelo colorido que iam recitando orações indecifráveis.

Minha parceira ia adiante escoltada por Iker, o noivo. Usavam roupa de escalada: malhas e camisetas pretas de lycra, uma bolsa de magnésio na cintura.

Sabia que iam escalar a cruz, embora isso fosse proibido. Porém, eu era o único representante da lei nos arredores, e era como se Estíbaliz me desafiasse em silêncio: "Vai me prender? Vai me impedir?"

Ela não atendia ao telefone desde o dia anterior, desde que levantara o lençol branco aos pés de El Caminante.

Soube do funeral pagão porque Lutxo falou com o noivo dela. Por ele soube também que ela não queria me ver. Sabia que tinha perdido minha melhor amiga e que talvez não conseguisse recuperar a parceira de trabalho.

Ainda assim, fui. Não sou de não dar as caras. Se for para quebrá-la, que a quebrem. Principalmente quando o outro tem razão. Então, acompanhei a comitiva do inferno a uma distância prudente e começamos a subir.

Aos poucos o arvoredo foi escasseando e só restou o maciço de rocha pelada, com a cruz de ferro do Gorbea coroando o topo. A cruz, que

parecia uma pequena Torre Eiffel de vinte metros, estava de pé há um século e era uma meta recorrente dos montanhistas no norte da península.

Contudo, algo estranho ocorreu à medida que nos aproximávamos, e tive que esfregar as pálpebras para ter certeza de que não estava tendo uma ilusão de óptica.

— É Eneko, é a aura dele! — gritou uma das velhas, aspirando um cigarro enrolado a mão que... vai saber o que continha. — É vermelha! Estão vendo? Todos veem a cruz se mover?

Por incrível que pareça, o que a bruxa dizia era verdade: a cruz estava avermelhada e se movia, tremia, como o efeito da neve numa tela de televisão escangalhada.

Engoli em seco e me aproximei, como os demais, até ficar a poucos metros das quatro extremidades de ferro da cruz.

A explicação veio quando cheguei suficientemente perto: um bando de joaninhas tinha se apropriado da estrutura da cruz. Aos milhares, agitadas com o calor, suas carapaças vermelhas davam ao monumento a perturbadora aparência de estar vivo.

Estíbaliz não desanimou diante de tantos insetos. Levou a urna do irmão na mochila que trazia nas costas e começou a trepar, e abaixo mantínhamos a respiração em suspenso. Postei-me ao lado de Iker e roguei-lhe com o olhar que a acompanhasse.

Ele assentiu, começou a subir e, em poucos segundos, estava ao lado dela junto às últimas barras de ferro, uns vinte metros acima das nossas cabeças.

Minha parceira não esperou pelas súplicas e rezas, abriu a urna e lançou as cinzas, que caíram sobre as joaninhas e muitas delas saíram voando para todas as direções.

Achei que Eneko teria encontrado um significado místico naquilo ou uma prova irrefutável da transmutação da alma, mas a única coisa empiricamente certa era que não estava ali para contá-lo, por obra e graça de um assassino que me mantinha totalmente desconcertado.

Depois descemos em silêncio. Esti e o noivo adiante, a comitiva em seguida e eu, vários metros atrás, enfiado nas minhas nuvens negras.

Não tinha percebido que Esti viera para o meu lado. Estávamos cruzando o bosque de faias, os galhos altos tapavam o sol e proporcionavam um pouco de frescor num dia em que o solo e a minha cabeça ardiam.

Iker virou-se para trás com uma expressão preocupada, mas Esti indicou com o queixo que ele seguisse adiante. Nós dois fomos diminuindo a marcha até todos ficarem vários metros adiante e nos detivemos numa clareira do bosque filtrada pelo verde.

— Diga logo o que tem a dizer, Esti. Vamos lá.

Ela me olhou. Estava furiosa, seu rosto estava marcado pela falta de sono, e seu cabelo parecia mais vermelho que de costume.

— Se disser tudo o que estou pensando talvez você nunca fale mais comigo, Kraken — soltou.

— Diga, Estíbaliz. Talvez dessa vez estejamos de acordo.

— A culpa é sua! — estalou, batendo no meu peito. — Meu irmão morreu por sua culpa! Você o meteu nisso, o assassino riu da sua cara.

Tentei contê-la. Ela tinha um jeito malandro de brigar, como uma gata de rua. Era bem mais rápida que eu, como um esquilo entupido de cafeína. Abracei-a por trás e grudei no corpo dela, para impedir que continuasse me batendo.

— Ele riu da minha cara, que tal? — sussurrei-lhe. — Não, companheira. Não riu só da minha cara, ele matou a mulher do meu irmão, matou o seu irmão... Superou a piada macabra. Mexeu com nós dois, transformou isso numa coisa pessoal.

— Kraken, se não me soltar, vou te machucar.

— Eu sei.

— Vou mesmo — disse. Levantou o joelho. Depois descarregou o calcanhar na minha coxa e na tíbia, esfolando a minha pele com o movimento. Soltei-a quando ela finalizou com uma pisada, afundando o peito do meu pé e me fazendo urrar de dor.

— Porra, Esti! Você vai me deixar marcado — exclamei, vendo como ela havia esfolado a minha perna.

Ela se virou, disposta a ir embora.

— Você já me marcou, Kraken. Já estou marcada.

Estiquei o braço e agarrei-a pelo punho, detendo-a.

Então percebi que os nossos gritos tinham chamado a atenção dos amigos de Eguzkilore, e estávamos cercados de gente que nos filmava com o celular.

— Se alguém tirar uma foto eu estraçalho o celular, entenderam? — gritei, perdendo a paciência. — Basta de celulares! Estou de saco cheio de tanto celular!

Furioso, fui até um dos góticos com a intenção de arrancar o celular das suas mãos, mas ele retrocedeu e as ergueu, rendendo-se.

— Relaxe, cara. Todo mundo tem um dia ruim. Por mim, pode ficar tranquilo, não vou postar nada na internet — alegou, com um sorriso beatífico.

— Tudo bem. Acabou o espetáculo por hoje. Podem voltar a se divertir e nos dar um pouco de privacidade, por favor?

A diminuta multidão se dispersou e retomou o caminho de descida.

— Tudo bem, Iker, já vou descer. — Esti tranquilizou o noivo.

Quando não havia mais ninguém ao redor, aproximei-me dela para que não nos ouvissem.

— Precisamos ver o que vamos fazer com esse caso, Esti. Você tem uns dias de folga devido à morte do seu irmão. Vai tirar esses dias?

— Nem pensar.

— Diga: quer continuar ou foi suficiente?

— Mais do que nunca quero pegá-lo. Você não? — perguntou, e tinha a voz tão carregada de raiva que quase não era a dela.

— Você não tem ideia, não imagina como.

— Então vamos atrás dele, vamos atrás de Tasio de uma vez por todas.

— Você realmente acha que foi ele?

— Pelo amor de Deus, Kraken! Ele te deu o nome do meu irmão, saiu da prisão e um dia depois o matou, e matou a sua cunhada. Não percebe a relação, ou quer que eu desenhe?

"Pode ser", pensei. "Pode ser que precise me render às evidências e começar a pensar que ele é o demônio que dizem ser."

* * *

Não quero falar do funeral de Martina. Há coisas que... prefiro guardar para mim. Doem demais.

Só lembro que quando todos os amigos do trabalho se foram, os pais dela, a imprensa, os curiosos, as autoridades e os amigos mais antigos, Germán ficou de pé diante da pedra quadrada sem nome do túmulo. Eu tinha encomendado uma placa de mármore com um "Não te esqueceremos" e o nome dela, a foto e as datas de nascimento e morte, que ia demorar para ficar pronta e ser instalada ali.

O avô e eu resistimos ao lado dele, sem nos mexer, sob um sol que formava gotas de suor grosso na testa debaixo da boina do avô e encharcava as costas da minha velha camisa preta de enterros.

— Agora os três somos viúvos — comentou o avô, horas mais tarde, ainda imóvel.

— Talvez sejamos amaldiçoados — respondi.

— Não diga besteira. É só a vida, que é sacana — retrucou Germán.

— Só nos resta ser dignos dela — replicou o avô.

"Está difícil, vô", pensei. "Sou apenas um sujeito ruim que não merece uma família."

— Vamos, filhos. Precisamos sair daqui e beber alguma coisa. Vocês parecem dois fantasmas. Germán, vamos almoçar na casa de Unai. Eu trouxe *txitxikis* do açougue de Paco.

Sei que a menção do seu prato favorito ajudou a reconfortar meu irmão. Era melhor que não ficasse sozinho em seu apartamento, onde tudo traria recordações de Martina, e conosco podia chorar à vontade, sem disfarces. O avô tinha passado por lutos e enterros centenas de vezes em seus noventa e quatro anos; era um alívio deixar-nos levar pelas suas decisões sensatas e funcionais e, por algumas horas, esquecer que éramos adultos.

Para ser sincero, e juro que tento sê-lo, a morte de Martina também trouxe momentos em que voltei a recuperar a fé na espécie humana. Houve uma onda de solidariedade e consternação ao redor, ninguém que constasse na minha agenda deixou de ligar.

Ninguém.

Todos ligavam, preocupados comigo e com o meu irmão, me consolavam e me deixavam arrepiado, porque entendi que a dor também une as pessoas, talvez mais que a alegria, porque esta, desagradecidos que somos, logo esquecemos.

Houve uma ligação especialmente comovente: a de Mario Santos, o jornalista do *Correo Vitoriano* . Até então, tínhamos marcado a distância prudente de uma relação simbiótica em que ele obtinha informações para o seu jornal e eu assegurava que, com a sua pluma comedida, as nossas investigações não seriam mal interpretadas. Mas naquele dia não, naquele dia não.

— Inspetor Ayala, pode falar? — sondou, quando atendi ao celular.

— É um momento como qualquer outro, Mario. Quer alguma coisa?

— Na verdade, não ligo como jornalista, Unai — respondeu, usando pela primeira vez meu nome de batismo. — Já fechamos a redação, as notícias foram redigidas e enviadas. Liguei para dar os pêsames pelo que ocorreu com a sua cunhada.

— Ora... — respondi surpreso. — Agradeço, Mario. Acredite.

— Não posso imaginar o que está vivendo nesse momento. Ninguém está preparado para morrer tão jovem. Não sei como as famílias estão suportando, de verdade, não sei — murmurou, a voz rouca, daquela vez, pela emoção.

— Não deixa de ser irônico, mas acho que, de certo modo, achávamos que estávamos preparados para que Martina se fosse. Ela passou por um câncer devastador. Lutou como uma leoa, mas houve momentos em que... Não sei se está familiarizado com essa doença, mas houve momentos duros em que achamos que as semanas estavam contadas e ela acabava se recuperando, aparentemente sem forças. Martina se recuperava. Por isso, é uma verdadeira piada do destino que a tenham assassinado justamente agora, quando acabara de ter alta.

— Tudo isso é muito cruel para ser verdade, Unai. Só espero, e confio, amigo, que você não se detenha e essas tragédias não se repitam.

"É o que espero, amigo, é o que espero", pensei.

11 de agosto, quinta-feira

A subdelegada nos convocou ao seu escritório cedo pela manhã. Com uma expressão séria, nos deu os pêsames, convidou-nos a acompanhá-la até o estacionamento e pegou uma viatura sem identificação.

— Aonde vamos? — perguntou Estíbaliz ocupando o banco de trás.

— Vamos tomar um pouco de ar em Salburua. O ambiente do escritório é asfixiante, não acham?

Aquilo não era bom sinal. Provavelmente o que tinha a dizer era tão grave que não queria que os colegas notassem as nossas reações ao sair do seu escritório.

Em silêncio, ocupei o assento do copiloto tentando me antecipar à jogada, mas não podia me defender enquanto ela não dissesse do que se tratava.

Pouco depois chegamos às lagoas de Salburua. Reconheço que estar cercado de tanto verde me fez muito bem, tinha sido uma boa ideia, porque depois das festas não havia ninguém ali, então pudemos passear em silêncio por um tempo, até que Alba nos conduziu por um caminho mais afastado.

— Estamos reunidos aqui devido ao rumo dos últimos acontecimentos — começou. — Não vou esconder o alarme que as duas últimas mortes provocaram na corporação, nem as pressões que chegam de cima. Não quero pecar por falta de sensibilidade com vocês, inspetores, mas prefiro ir direto ao assunto que me preocupa, porque preciso dar uma resposta ao delegado assim que vocês voltarem a cruzar a porta da sede de Lakua.

— Prossiga, estamos ouvindo — disse Estíbaliz, caminhando ao lado dela.

— Em primeiro lugar, inspetora Gauna, agradeço que tenha voltado ao trabalho sem tirar os dias de folga que lhe cabem. A questão é: acham que devem continuar no caso? Há sérias dúvidas quanto à idoneidade de ambos para prosseguir. Emocionalmente estão afetados pelas mortes dos seus

parentes. Tanto a opinião pública quanto o juiz Olano vão examinar com lupa cada passo que derem.

— E a senhora, o que acha, subdelegada? — sondei, encarando-a. — A senhora é nossa superiora imediata, gostaria de saber sua opinião pessoal.

— Sem panos quentes, Unai? — retrucou, e fiquei surpreso ao vê-la dispensar a formalidade diante de Estíbaliz.

— Por favor.

— Acho que vocês não têm nada nas mãos. Desde o início, você principalmente, descartou os dois principais suspeitos, os gêmeos e, no entanto, quem considerava suspeito até anteontem acabou sendo vítima do assassino. Você está completamente perdido.

— Aprendi a lição — argumentei. — Vou revisar tudo o que temos desde o início.

— Talvez seja preciso colocar um par de olhos novos, talvez vocês já não sejam capazes de enxergar. É um caso muito complicado. O modo como conduzem a investigação é impecável, mas os resultados não aparecem, e devem ter feito algo muito ruim para que ambos tenham ido a funerais ontem, perdoem-me pela franqueza.

— Não entende que é o que ele quer, que nos afastem do caso? — respondi, controlando o impulso de gritar. — Por isso a coisa virou pessoal.

— E o que isso significa?

— Que está claro que o assassino está nos monitorando, que quis nos dar o xeque-mate para nos afastar justamente agora. Significa que estávamos perto, ele sabe que descobrimos alguma coisa e podemos caçá-lo.

— Quem dera fosse assim, quem dera pudesse acreditar no que está dizendo — respondeu ela, voltando ao tom profissional de costume. — Dessa vez o assassino foi à rua Dato, à zona do Ensanche, então podemos concluir que estamos no século XIX. Não consigo imaginar qual será o cenário escolhido para os próximos crimes porque temos, literalmente, toda Vitoria, o que deixa o delegado Medina muito preocupado. Vejam... lhes darei mais uma semana. Se não houver resultados, serei obrigada a tirá-los do caso.

* * *

Quando ela nos deixou no estacionamento da sede de Lakua, estávamos cabisbaixos, sem vontade de falar.

— Precisamos revisar todos os depoimentos e entrevistar as testemunhas que deixamos passar por falta de tempo — propôs Estíbaliz quando ficamos sozinhos.

— De acordo, mas vou continuar investigando o passado dos gêmeos. A chave deve estar diante dos nossos narizes e a deixamos passar.

— O que vai fazer?

— Voltar ao cemitério de Santa Isabel. Queria que você viesse comigo.

Ela concordou, e pouco depois entramos na silenciosa cidade dos mortos.

— O que você está procurando exatamente? — perguntou minha parceira.

— O único vivo que habita estas ruas. Vamos lá, ele disse que tem uma casinha com ferramentas na parte sul do cemitério.

Pouco à vontade, caminhamos entre os túmulos. Talvez não tivesse sido boa ideia começar por ele; para nós, ainda era muito recente a recordação dos rituais da morte. A verdade é que, uma vez ali, percebi que era o último lugar onde queria estar.

Então, achei que o tinha visto galgando uma escada para podar os galhos rebeldes de um cipreste grande.

— Ora, o senhor outra vez! Parece que está gostando do campo-santo.

— O senhor poderia descer um instante? No outro dia não me identifiquei, mas sou o inspetor Ayala e essa é a minha colega, inspetora Gauna. Gostaria de continuar a conversa que começamos há uns dias.

Por uns segundos ele me avaliou de cima a baixo e ajeitou a boina numa atitude obediente.

— Claro que sim, já vou descer.

Uma vez embaixo, cumprimentou Estíbaliz educadamente e me olhou como quem esperava minhas perguntas.

— O senhor tinha começado a me contar que testemunhou um incidente com os gêmeos Ortiz de Zárate no dia em que enterraram a mãe deles. Poderia descrever o que aconteceu?

— Sim, claro. Essas coisas não se esquecem, mesmo que tenham acontecido há muitos anos.

— No ano de 1989, se meus dados estiverem corretos — assinalei.

— Então, faz muito tempo. O enterro da senhora foi muito concorrido, veio gente importante e jornalistas, como o de semanas atrás. Quando ficou tudo vazio, só restaram os filhos com as namoradas; bem, estavam de mãos dadas. Os filhos eram iguais, vestiam terno e tinham uma braçadeira preta, eu não os distinguiria.

— E o que aconteceu para que se lembrasse daquilo?

— Claro que me lembro, como não vou me lembrar? Quando os quatro ficaram a sós, apareceu um rapaz, um rapaz da idade deles, com menos de vinte anos. Vestia-se como naquela época nos vestíamos no povoado em dia de festa, com jeans e camiseta branca. Era um pouco rechonchudo e muito ruivo, estava despenteado, quase como um mendigo. Olhe, não sei o que disse a eles, mas, seja lá o que for, não mereceu o que lhe fizeram.

— E o que fizeram? — interveio Estíbaliz.

— Pois lhe deram uma surra, ali mesmo, diante do panteão dos Unzueta, diante do anjo. Venham, acompanhem-me e vão entender melhor — convidou-nos, segurando a serra com a única mão.

Nós o seguimos pelas ruas de cimento e flores até o famoso anjo da lenda urbana. Afastei-me para um lado, segurei Esti pelo ombro e a trouxe para perto de mim.

— Veem esse túmulo aqui em frente? Naquela época estava vazio. Tinha sido uma vala comum de seis ataúdes, e a prefeitura tinha mandado esvaziá-la porque a data tinha vencido. Assisti à cena detrás daquelas lápides, um pouco agachado. Não sabia se devia correr e chamar a polícia.

— É o que devia ter feito — murmurou Estíbaliz.

— Tive medo de deixar o rapaz, estava certo de que iam matá-lo. Deram-lhe uns murros e, quando caiu no chão, um começou a chutá-lo enquanto o outro o sacudia. Ouçam, não sei o que houve entre eles, mas quando o rapaz parou de se mexer, encheram a boca dele de terra e o atiraram na vala vazia. Gritaram algo assim como "Não apareça mais em Vitoria, seu caipira de merda", mas não sei se ele escutou.

— Está dizendo que os gêmeos mataram um rapaz aqui?

— Não, matar, não, mas o deixaram meio morto e foram embora, depois de passar um bom tempo observando-o e discutindo entre si.

— Então o senhor finalmente chamou a polícia, a ambulância, chamou alguém? Sabe se a denúncia consta de algum documento? — insistiu Estíbaliz.

— Que nada, boa mulher — retrucou, com um sorriso triste. — Assim que eles se foram, corri para ver se o rapaz estava morto ou vivo. Tinha a boca cheia de terra, estava todo quebrado de tanto apanhar, com o rosto desfigurado. Ele me olhou de um jeito... como se esperasse que eu também lhe desse uma sova, como se não esperasse outra coisa de alguém. Não posso imaginar o que passou ali embaixo, quase asfixiado, com o anjo dos Unzueta olhando-o fixamente. Tirei a terra da sua boca como pude, com uma só mão não podia ajudar muito. Trouxe água da mangueira e enxaguei sua boca até tirar todo o barro e o sangue e ele conseguir respirar direito. Quis chamar a ambulância para levá-lo à emergência, mas ele não deixou. Ficou agitado, disse que ninguém podia saber o que tinha acontecido, que seria pior para ele.

— Então o senhor foi embora? — perguntei.

— Que nada, convidei-o para ficar na minha casa. Tive a impressão de que ele não tinha onde passar a noite, então ele aceitou e ficou lá vários dias, escondido. Levei comida para ele todos os dias, sopa de alho e batata com linguiça, para se recuperar. Acreditem, era um rapaz muito educado, um pouco desajeitado, mas não me deu trabalho.

— Poderia nos dar um nome, como se chamava esse rapaz?

— Não houve modo de saber. Ele sempre dizia: "Não me pergunte, por favor." Acho que tinha medo de que os gêmeos voltassem ao cemitério perguntando por ele e eu lhes dissesse, ou que conseguissem arrancar de mim o que sabia.

— Lembra-se de algum outro detalhe que nos ajude a encontrá-lo?

— Ele não parava de repetir que tinha sido expulso, era como se sentia. Dizia coisas estranhas, que eu não entendia e ele não explicava, mas não parava de repetir que a sua própria família o tinha expulsado, ou algo assim, como tinha passado a vida procurando por eles e agora o haviam expulsado de Vitoria. O mais estranho é... sabem de uma coisa? Sempre achei que o que mais lhe doeu não foi a surra, ele não se queixou de dor nas costas nem na cara. O que o deixou louco foi o que aqueles filhinhos de papai lhe disseram.

— O senhor poderia descrever as moças? — interrompeu-o Estíbaliz, sempre pragmática.

— Uma delas chamava muito a atenção. Era meio cheinha, o cabelo louro muito liso e comprido, de encher os olhos. Da outra não me lembro, estava mais preocupado em respirar e não ter um ataque do coração.

— Sabe o que ele fez depois de passar esses dias na sua casa? Sabe aonde foi?

— Dizia que ia para Pamplona, que não voltaria a Vitoria, e certa manhã foi à rodoviária da rua Francia, se lembram de quando ela ficava na rua Francia, antes de derrubarem aquele edifício tão bonito? Pois quando voltou escondeu a passagem e... bem, a gente fica entediado, os mortos não respondem, então fucei um pouco e vi que tinha comprado passagem para um povoado... Agora não recordo, mas a passagem era da La Burundesa, a linha de ônibus para Amurrio. Achei que estava mentindo, mas acho que era porque tinha medo de que os outros voltassem perguntando por ele, então fiquei quieto, e quando foi embora eu lhe desejei boa sorte em Pamplona.

Estíbaliz mostrou a ele o celular com o mapa da zona nordeste de Álava.

O coveiro tirou uns óculos do bolso do macacão e colocou-os para olhar a tela.

— Talvez isto ajude: Apodaca, Letona, Murguía, Lezama...? — sondou.

Ele franziu o cenho, concentrado, e apontou para a tela com um dedo grosso.

— Izarra! É isso, o rapaz comprou uma passagem para Izarra — disse triunfante.

Olhei para Estíbaliz. Ela conhecia melhor aquela região, mas Izarra não era muito grande, tinha no máximo quinhentos habitantes, e a delegacia dependia da de Vitoria. Contudo, sem um nome seria impossível identificar o sujeito.

Despedimo-nos do coveiro e saímos do cemitério quase com pressa, querendo deixar aquelas lápides e sepulturas para trás.

— E agora? — perguntou Estíbaliz. — Não temos muito o que extrair dessa declaração.

— Sei que será complicado que, sem a denúncia e com o advogado ao lado, Ignacio reconheça que, há vinte e cinco anos, quase matou um desconhecido, mas talvez possa tirar algo de sua antiga namorada. Desde que ele caiu em desgraça, ela parece mais disposta a falar sobre as misérias dele. Vou ligar e tentar vê-la ainda hoje. E tentarei entrar em contato com Tasio, embora ainda faltem dois dias para que volte à prisão, mas o tempo é curto com o prazo que a chefe nos deu. De qualquer modo... uma coisa me chama a atenção. Não sei se você reparou, mas, desde que

saiu da prisão, ele não atualizou a conta do Twitter nem me enviou nenhum tuíte.

— É normal, com o mundo em cima dele. Nas redes sociais todos pensam que é culpado, dessa vez há unanimidade de critérios.

— Já tinha acontecido antes. Nos outros assassinatos a opinião pública também foi contra ele, e nunca deixou de tuitar várias vezes por dia — respondi, dando de ombros.

— A única coisa que se sabe é que se trancou no apartamento da rua Dato quando deixou a penitenciária. Só que, Unai, se eu passasse vinte anos na prisão e saísse por cinco dias pela primeira vez, não ia prestar atenção ao Twitter nem às redes sociais. Ia me dedicar a viver.

"Viver: é o que todos pensamos e nunca fazemos", refleti. Mas não disse nada, quem era eu para dar lições de como levar a vida.

A verdade é que as redes sociais também tinham me dado um descanso. Chegavam condolências de toda parte do mundo dando os pêsames pela morte da minha cunhada. As pessoas tinham se acostumado a usar a *hashtag* #Kraken para se dirigir a mim, como se eu fosse um serviço público operando vinte e quatro horas, mas ao menos já não me chamavam de inútil, embora continuassem insistindo que devíamos deter Tasio antes que ele voltasse a matar.

Peguei o celular e enviei um "quero ver você, Tasio" ao e-mail de Fromjail. Sabia que MatuSalem estava monitorando a conta e a mensagem chegaria a ele e que, depois de vinte anos atrás das grades, ele não sabia o que era andar sempre com o celular no bolso ligado à internet.

A resposta de MatuSalem não demorou muito:

> Kraken, estou preocupado. Tasio não entrou em contato desde que saiu da prisão. Não foi isso o que tínhamos combinado. Não sei como fazer você entender, mas alguma coisa ruim aconteceu com ele.

11 de agosto, quinta-feira

Ia digitar o número de Alba, mas ela me ligou primeiro.

— Unai, queria falar com você. Em particular.

— Também tenho algo a lhe dizer, subdelegada — respondi, sem saber se devia falar no modo amante ou no modo inspetor. — Onde?

— Ninguém pode me ver entrando no seu prédio, sabe de algum lugar aberto onde não passe muita gente durante o dia?

— O Paso del Duende — respondi de imediato. — É um dos pontos mais perigosos da cidade, onde há mais ataques a mulheres e mais roubos. Todos evitam passar por lá. Para nós é o lugar mais seguro do mundo.

— Onde fica exatamente?

— É uma passagem subterrânea que cruza as vias do trem, no final da rua Rioja. O outro lado vai dar no passeio da universidade, não há como errar.

— Então nos vemos em vinte minutos.

Pouco depois nos encontramos no túnel escuro do Paso del Duende. Por precaução, entrei pelo lado oposto, a rua do Ferrocarril. Desci a escada, Alba me esperava observando um grafite com uma garota de olhos azuis e cabelo verde fazendo bolhas de sabão.

Penetrei na escuridão do túnel e percorri uns tantos metros até dar na outra entrada. Era 11 de agosto de manhã, não havia absolutamente ninguém cruzando a passagem e a rua Rioja parecia morta com o calor do asfalto, que já ardia àquela hora.

— O que houve, Alba? Fale você primeiro — disse ao me aproximar, para começar.

— Não consigo deixar de pensar no que aconteceu no dia da procissão das Lanternas — disse em voz baixa, sem deixar de olhar a garota do grafite. — Você acha que alguém nos viu no telhado?

— Também tenho pensado nisso — suspirei. — Àquela hora, a praça da Virgen Blanca estava escura, e todos acompanhavam as lanternas. Mas

talvez o assassino estivesse perto do cenário do crime observando as reações, talvez tenha nos visto. Não descarto essa possibilidade. Na verdade, achei que Eguzkilore poderia ter nos visto. Ele podia saber onde moro pela irmã e andava por ali quando o lençol foi encontrado, foi um dos primeiros a fotografar os cadáveres. No entanto, você sabe que errei. Aprendi por caminhos tortos que o acúmulo de casualidades não necessariamente leva à verdade.

— Por que terá ido para cima de você? Não consigo parar de pensar nisso. O que você fez para que ele fizesse disso uma coisa pessoal? O que mudou? — insistiu. — Você é o especialista em perfis. Disse que esse assassino coisifica as vítimas, que para ele são apenas sujeitos que cumprem com os requisitos de idade e sobrenomes, mas neste caso ele quis te ferir, ferir muito.

"E conseguiu, Alba. Você nem imagina como ando mal com o que ele fez com Martina. Você não imagina."

— Comentei com você — respondi num tom profissional — que tocamos algum ponto que ainda não sabemos qual foi. Descobrimos algo e ele sabe que, se formos por aí, vamos encontrá-lo. A forma mais direta de nos tirar do caminho é implicando nossas famílias, para que você nos tirasse do caso.

— Não, Unai — respondeu —, essa não é a forma mais direta de tirar você do caminho. Por isso o chamei.

— Como assim? — apoiei-me na parede olhando ao redor.

— Unai... estou apavorada — disse lentamente, sem me olhar. — Quero tirá-lo do caso. Quando você completa quarenta anos?

Então era isso.

— Se pergunta é porque já sabe — respondi, chateado.

— É amanhã, no dia das Perseidas, não é? Foi por isso que me convidou, para passar o aniversário com você?

— Já sei que não pode vir, ser rejeitado uma vez é suficiente.

— Não mude de assunto, quero protegê-lo, não tem medo de que dessa vez o assassino vá atrás de você?

— Ah, você não imagina como quero que esse desgraçado venha atrás de mim — respondi sem pensar. Estava me irritando e isso não era bom, muito menos no meio da rua, por mais deserta que estivesse. — Ao menos eu saberia de uma vez quem ele é.

— Talvez seja a última coisa que fará. Amanhã é seu aniversário, você vai entrar na maldita lista dos condenados.

— E o que posso fazer? Emigrar? Esconder-me debaixo das pedras? Você mesma disse: se o assassino decidir, principalmente este, saberá como me achar. Alba, estou preparado. Vou fingir que não me sinto insultado por você não confiar em mim.

Ela me olhou com raiva, ofendida.

— Não entendo como a sua cabeça funciona. Qualquer homem ficaria envaidecido com a minha preocupação, e você, no entanto, prefere se sentir insultado.

— Vou ficar envaidecido quando você deixar seu marido e me escolher! — explodi, sem conseguir me conter. — Não quero ser a sua trepada de verão.

— Você acha que eu arriscaria o meu trabalho e a minha reputação por uma trepada triste de verão?

— Triste? Você disse triste? Acho que não foi com você que estive nesses últimos dias, porque para mim foi tudo, menos triste.

— É um modo de falar. Não se pode discutir com você quando está alterado, Kraken. Juro que não vou perdoá-lo se acabar morto.

Deu meia-volta e foi embora.

* * *

Saí para correr sem pensar muito, apesar do calor, apesar do risco de me desidratar. Precisava desanuviar, parar de pensar por um instante. Estava prestes a enlouquecer.

Louco de culpa pela morte de Martina.

Louco de ciúmes do senhor X, o marido invisível de Alba.

Louco de impotência por um enigma que se complicava mais a cada crime.

O assassino me falava numa linguagem mais avançada que a minha, incompreensível, como se eu pertencesse a uma espécie menos evoluída e não estivesse ao alcance da sua inteligência.

Estava me sentindo um idiota.

Faltavam peças.

Faltavam dados.

Quando já estava esgotado, após um esforço que me deixou moído, peguei o telefone e liguei para Aitana, a dermatologista ex-namorada de Ignacio. Ela estranhou a ligação, mas concordou em me encontrar perto do parque de Zabalgana.

Tomei banho e me vesti de inspetor digno para a entrevista.

Encontrei-a outra vez fumando, sem o carrinho de bebê, a barriga estirada debaixo de um vestido preto muito apertado.

— Como vão as coisas, Aitana?

— Estou contente por ter tido a iniciativa de falar daquilo tudo. Pela primeira vez me sinto forte, estou deixando de me sentir culpada pelo que me fizeram.

— Que bom, fico muito contente. Só que... acho que vou lhe pedir outro esforço.

— Não tem problema. O que é? — perguntou interessada, acendendo outro cigarro.

— Uma testemunha informou que você estava com os gêmeos no dia do enterro da mãe deles, dona Blanca Ortiz de Zárate de Antoñana.

O rosto dela ficou tenso, mas permaneceu calada e seguiu caminhando, olhando adiante.

— Naquele dia, quando todos se foram e só restaram quatro pessoas diante do panteão dos Unzueta, os gêmeos deram uma surra num rapaz. Você estava lá, ouviu a conversa. Diga-me, o que houve? Por que o surraram e o atiraram na vala comum?

— Não sei de nada, inspetor — disse em voz baixa, antes de jogar o cigarro no chão e apagá-lo com uma pisada.

— Você não será cúmplice de nenhum delito. O rapaz não os denunciou, isso foi há vinte e sete anos, o que ocorreu já prescreveu, se é isso o que a preocupa. — Tratei-a por você.

— Insisto em que não sei de nada.

Parei diante dela, impedindo-a de seguir.

— Aitana, sei quando você mente. Você tem um tique, apaga o cigarro, mesmo sem ter fumado, e acende outro. Fez isso mais de uma vez na nossa primeira conversa, lembra? Quando só disse coisas boas de Ignacio.

— Pode ser, mas prefiro não falar. Tenho o direito de não falar.

— Não, se estiver obstruindo uma investigação criminal. E se eu prometer que isso não vai constar em nenhum relatório? Que o seu nome não vai sair? Que essa entrevista não está acontecendo? Vou deixar bem

claro: é a única linha de investigação que temos. Você quer que isso acabe, não importa se o assassino é Tasio, Ignacio ou outra pessoa. Há mais de vinte anos você calou a respeito de algo que lhe fizeram, não será a hora de meter a cara e se comprometer? Isso também pode acabar com a impunidade que tinham, não era o que você odiava, o que arruinou sua vida?

Ela fechou os olhos e percebi um gesto de rendição.

— Está muito quente — abanou-se com a mão —, vamos sentar, estou muito cansada. Você vai acabar me provocando um parto prematuro.

— Espero que não.

Fomos até um banco próximo, escondido debaixo de uma árvore que lhe fazia sombra. Esperei pacientemente, pois sabia que ela tinha decidido e estava reelaborando lembranças que talvez tenha tentado manter enterradas por décadas.

— Não sei por que você pergunta sobre essa história, aquilo foi quase surrealista, muito estranho. Quando o enterro acabou, apareceu um rapaz da nossa idade. Estava sujo, com roupa de camponês, achamos que vinha pedir esmola. Mas ele se dirigiu a Tasio, disse que precisava falar com eles, que também era filho da mãe deles. Disse que a mãe tinha lhe contado que era fruto de uma relação com outro homem, e Tasio e Ignacio o calaram aos sopapos. Não permitiram que insultasse a mãe diante do próprio túmulo, eles sempre se orgulharam de serem filhos do pai e descendentes de Unzueta, o traficante de escravos.

— E começaram a espancá-lo sem mais nem menos?

— Você não está entendendo, aquilo era ridículo. Ele não só disse que eram irmãos, mas que eram trigêmeos. Imagine: Tasio e Ignacio tão esbeltos, tão elegantes, e aquele rapaz, com o cabelo que nem uma cenoura, de cara redonda e bem gordinho, dizendo que eram trigêmeos. Não podia tê-los insultado mais. Tocou no mais sagrado, meteu-se com o que não devia. Eles sempre se acharam eleitos, diferentes, por serem gêmeos univitelinos. E aquele sem-teto aparece dizendo que era um deles. Era uma história delirante, ele era um impostor de pouca monta, um abutre carniceiro. Evidentemente vinha atrás da herança, mas era tudo tão tosco, era insultante pensar que iam acreditar nele. E ele apareceu num mau momento, com muito pouca sensibilidade, quando enterraram a mãe, que eles adoravam. Não quero que pense que justifico a surra que lhe deram; na verdade, achei estranho vê-los tão violentos. Nesses anos todos em que

os conheço, nunca se meteram em brigas, sempre foram muito hábeis para evitá-las. Como disse, acho que aquele garoto tocou na tecla proibida no dia errado.

— Preciso de detalhes, Aitana. Preciso encontrar esse rapaz, pode me dizer algo concreto que ajude a identificá-lo?

— Ele se apresentou com o nome de Venancio, mas não disse o sobrenome. Os gêmeos riram do nome, porque ninguém em Vitoria se chamava assim aos dezoito anos, mas o meu avô se chama Venancio, então fiquei calada, por isso recordo esse detalhe. Acho que não posso lhe dar mais dados, mas posso dizer que sim, aparentava ter a nossa idade, poderia ter nascido por volta de 1971, como os gêmeos. Não sei se é suficiente para identificá-lo.

Por fim havia um nome e uma data de nascimento de onde começar.

“Tudo bem”, pensei, “posso trabalhar com isso.”

“Posso trabalhar com isso.”

12 de agosto, sexta-feira

Todas as minhas esperanças viraram fumaça quando Estíbaliz e eu fomos ao escritório procurar o arquivo Venancio.

Consultamos o Registro Civil e as nossas bases de dados, mas só encontramos um tal Venancio Martínez, natural de Izarra, nascido em 1972, morto aos 12 anos de idade num acidente de trânsito.

Ampliamos a busca para toda Álava, mas continuamos sem resultados.

— Talvez o fantasma ruivo tenha dado o primeiro nome que passou pela sua cabeça quando foi ao cemitério falar com os gêmeos — ponderou Estíbaliz, sentada diante de mim no seu escritório.

— É bem provável, eu sei — respondi distraído.

— Ficar trancada no escritório é pior que morrer a dentadas, Kraken. Ou saio daqui ou vou explodir.

— Acalme-se — espreguicei-me na cadeira —, acho que a partir de amanhã vamos ter de fazer a busca e captura de Tasio.

— Você está assim tão convencido de que ele não vai se apresentar amanhã em Zaballa? Quem te viu, quem te vê.

— Acredito na minha fonte, está assustado. Sei que aconteceu algo com Tasio ou talvez desde o início você tenha razão e ele orquestrou tudo isso, assassinou seu irmão e Martina para rir de nós e nunca mais vamos ver a cara dele. — Levantei-me e olhei pela janela blindada do escritório, tentando ocultar a minha impotência. — O que me deixa louco é que a subdelegada só nos deixa ir atrás dele a partir de amanhã. Estamos perdendo um tempo precioso.

Alba não tinha dado muito crédito à informação de MatuSalem. Depois de uma comprovação rápida, a tornozeleira eletrônica de Tasio emitia sinais do seu apartamento na rua Dato e, enquanto isso acontecesse, não podíamos intervir. Ela também tinha entrado em contato com a patrulha que vigiava a portaria do seu edifício, e por ali não saíra ninguém com as características físicas de Tasio, então ele só podia estar lá dentro.

Insisti em vê-lo pessoalmente, mas Alba me proibiu, acrescentando que não queria outro circo midiático ou que ele nos denunciasse por assédio.

Talvez tivesse razão e eu estivesse equivocado, talvez Tasio quisesse passar uns dias sozinho em casa, desligado das redes sociais, esquecendo-se de quem era e do réu famoso que em breve voltaria a ser.

— Hoje não podemos fazer nada, segundo você. Mas se Tasio não voltar amanhã, ai, meu amigo!, partimos para o ataque. Tenho tanta vontade de ir atrás desse canalha e encará-lo...

— Cuidado, Esti. Não se trata de uma vingança pessoal. Nossa atuação será observada com lupa, você sabe disso.

Ela se levantou, veio para o meu lado e apoiou a cabeça no meu braço.

— Eu sei — respondeu dando um longo suspiro.

Sabia que estava tão frustrada quanto eu.

Depois de um momento nos sentamos e continuamos a busca.

Odiava aqueles dias inertes, pistas que não levavam a nada, testemunhas redundantes, voltas em círculo, becos sem saída. Sabia que se pulasse o muro não haveria nada do outro lado.

Começar de novo. Trabalho de escritório, cruzar dados, nomes, cronologias. Nenhuma coincidência.

Quem diria que a solução do enigma estava na minha própria casa, guardada durante décadas por alguém do meu próprio sangue.

Era o meu aniversário de quarenta anos, uma sexta-feira. Em qualquer outro momento, teria armado uma grande festa, mas ninguém do meu grupo de amigos perguntou se eu ia comemorar com um jantar quando ligaram para me dar parabéns. A verdade é que não queria ver ninguém.

Assim que terminou o expediente, virei os pneus do Outlander na direção de Villaverde. Sabia que Alba não viria ao meu telhado observar as Perseidas cruzando o céu, e não sou de esperar ninguém por muito tempo. É o que acontece com um ego maltratado: ele facilmente se porta com dignidade.

Então, fui para o meu povoado passar o aniversário com meu avô e o Germán. Tinha tomado umas precauções: levava a HK, a minha arma regulamentar, e não pretendia me afastar dela.

Para o caso de o assassino resolver me seguir e se apresentar na minha festa de aniversário multitudinária.

Ainda não era noite quando cheguei à casa do avô e assobiei subindo a escada, mas ele não estava no primeiro andar. Estranhei, fui ao sótão e o

encontrei sentado diante das fotos antigas do caso de vinte anos atrás que eu tinha deixado espalhadas na mesa.

— Aconteceu alguma coisa, vô?

— Não, filho, nada. É que queria te ajudar e não sei como.

"Siga respirando, vô. Assim você me ajuda", pensei.

— Vamos ao Camino de las Tres Cruces — propus, dando uma palmada naquelas costas de carvalho. — Esta noite vão cair as lágrimas de San Lorenzo, e o céu está bem limpo.

— Vamos.

Ergueu-se da cadeirinha de palha e pegou um dos cajados de madeira de buxo que usava para subir o monte.

— Não é melhor esperar o Germán? — perguntei.

— Ele não vem, ligou para dizer alguma coisa sobre o trabalho. Se continuar trancado no escritório dia e noite, eu mesmo vou a Vitoria arrancá-lo de lá, nem que tenha de arrastá-lo pela perna.

Quem o ouvisse pensaria que estava exagerando; acho que só eu tinha experiência suficiente para saber que falava literalmente.

Germán tinha reagido à morte de Martina enterrando-se no escritório debaixo de uma montanha de casos pendentes. Pensei em esperar uns dias. Depois precisaria intervir, se o avô não fizesse isso antes e de modo mais eficiente.

— Vamos, então — respondi, não muito animado.

Passamos pelo paiol, e ele pegou uns sacos de ráfia vazios. Cheiravam a terra e batata, mas serviam para forrar o chão.

Fomos pelo Camino de las Tres Cruces, uma trilha que ascendia em linha reta do povoado até a serra e depois se bifurcava na direção dos três pontos cardeais.

Àquela hora não passava nenhum trator. Estávamos rodeados de montes de trigo ceifado, trechos do campo estavam em pousio, para serem arados no ano seguinte. Paramos numa encruzilhada, estendemos os sacos no chão e nos deitamos, rodeados pelo monótono cricrilar dos grilos. E nada mais.

— Unai, não se mexa nem faça barulho — sussurrou meu avô de repente.

Obedeci, fiquei alerta, e o vi erguer-se e pegar o cajado com cautela.

— É uma serpente, está enroscada, vê? Ali no caminho — apontou.

— Está muito quieta, vô, acho que está morta.

— Morta? Que nada! A cobra é o animal mais esperto do monte — respondeu, e deu um golpe seco com o cajado no solo.

A serpente se desenroscou e num átimo sumiu no mato.

— Acho que essa não volta. Está escurecendo e, com o frio, vai se resguardar debaixo de alguma pedra.

Não fiquei muito convencido, por isso atentei a todas as sombras que se moviam ao redor, até que, horas depois, esqueci o incidente e relaxei.

Vimos algumas constelações: Órion, Cassiopeia, Pastor, a Ursa Maior, que o avô insistia em chamar "Grande Carro"... Depois de um bom tempo, lá pelas três da manhã, começaram a cair.

Elas passaram rápido, às vezes de uma em uma, às vezes de três em três, tantas que não dava tempo de contá-las. A visão dos meteoritos durava pouco, uns segundos apenas, e era preciso estar atento porque, se piscasse, você as perdia. Talvez como as boas coisas da vida. Como estar ali com o avô, deitados na terra que um dia acolheria a ambos em seu regaço.

— Fiz um presente para você, filho. Como você sempre a contempla, achei que gostaria de levá-la sempre consigo. — Sua voz rouca partiu em dois o silêncio que nos rodeava.

Entregou-me um pequeno objeto de madeira. Apalpei-o na escuridão, mas não identifiquei de que se tratava.

— Obrigado, vô. O que é?

— É o perfil da serra, a partir de Villaverde. Do porto de Toro até San Tirso. Fiz em madeira de buxo, assim não quebra, mesmo que você o maltrate.

Procurei um foco de luz distante entre os poucos postes de luz de Villaverde, e ali, deitado, pus a serra do avô a contraluz para examinar o perfil.

A vida toda ele fora um bom marceneiro nas horas vagas. Costumava fazer colheres de sopa e garfos de trinchar, mas aquela peça tão pequena e bem trabalhada deve ter lhe custado um esforço enorme, com a sua pouca visão de perto.

— Fiz um furinho aqui. — Indicou, tentando ocultar o orgulho na voz. — Para o caso de você querer usá-lo no chaveiro. Mas não precisa se não quiser.

Tirei as chaves do bolso da calça, roçando a arma carregada que levava na cintura. Emocionado, as prendi na minha serra em miniatura. Ninguém

jamais superaria aquele presente de aniversário, por melhor que me conhecesse, por mais anos que eu vivesse. Ninguém.

* * *

Na manhã seguinte o avô me despertou com o cheiro do pão de Bernedo tostando na chapa do forno a lenha. Restavam uns frascos de geleia de amora preta que tínhamos preparado no ano anterior, e tomamos café em silêncio comendo uma bisnaga inteira sem perceber, cada qual metido em seu próprio labirinto.

— Filho, quero que você veja uma coisa, talvez lhe ajude.

— Em quê, vô?

— Em que pode ser? No seu trabalho.

Fitei os olhos dele, com o cinza leitoso tingido pela idade, e percebi que ele também estava sendo afetado. A morte de Martina tinha nos pegado de surpresa, inclusive a ele. Ele também sofria por mim e temia que eu fosse a próxima vítima.

— Vô, não se preocupe com isso. Estamos trabalhando, estou concentrado nisso, não vai me acontecer nada...

— Venha — interrompeu-me, e se ergueu da cadeira da cozinha.

— Aonde vamos?

— Ao sótão, quero lhe mostrar uma foto.

Sem entender muito bem, segui-o até a mesa de pingue-pongue.

Ali, dentre as várias imagens e recortes de jornais dos anos noventa, ele pegou uma em que se via uma mulher apoiada num carro enorme.

Era uma nota de coluna social sobre a mãe dos gêmeos, Blanca Ortiz de Zárate de Antoñana. Li, mas não tinha nada relevante, só informava, resumidamente, sobre uma exposição de carros antigos que ocorreu em Vitoria em 1985.

— Reparou nesse carrão, filho?

— Sim, é bem grande. Você entende mais de motores que eu. Que carro é?

— É um Isotta Fraschini de 1925. Conheço porque um militar passeava nele quando me mandaram à Cidade Universitária, em 1936. Esse automóvel é o gêmeo daquele, e ele esteve em Villaverde, e essa mulher também.

— Como é? — perguntei atônito.

— Faz um montão de tempo essa mulher se apresentou em Villaverde ao volante desse carro. Isso não se esquece, ela quase não passou pela costa de Fermín, precisou deixá-lo estacionado perto do armazém da estrada. Andou perguntando pela sua tia-avó e foi falar com ela. Sua tia não abriu o bico quando lhe perguntaram sobre a visita daquela senhora tão importante, mas por uma semana não se falou de outra coisa.

— Com a tia-avó? Não tinha ideia de que elas se conheciam.

— Ninguém sabia, mas talvez agora você queira lhe fazer perguntas.

"Claro que sim."

— Onde anda a tia-avó, vô? Você vem comigo visitá-la? Você sempre foi hábil com a sua cunhada.

— Claro que o acompanho, filho — disse, recolocando a boina, contente em poder me ajudar. — Vamos ver como anda a cabeça dela. Deve estar na horta, ultimamente anda ocupada com os pimentões.

— Você acha que ela vai se lembrar? Faz tanto tempo — indaguei preocupado.

— Tem memória de velha, como eu. Não lembra o que comeu ontem no café da manhã, mas lembra que, quando o bispo de Vitoria veio visitar as crianças nas escolas e tirar fotografia com todo mundo do povoado, eu estava jogando em Laguardia. Isso ela se lembra. E acho que foi em 1947, quando sua avó andava me importunando porque queria assistir àquele filme *Gilda* . Lembro bem porque, depois disso, em todos os bares de Vitoria e Logroño se tomavam gildas aos domingos no aperitivo, depois da missa. Diziam que tinham batizado assim a bebida porque era picante como o filme: uma pimentinha, uma azeitona e uma anchova. Mas eu não engoli aquelas gildas.

Olhei-o surpreso enquanto descia a escada. Era a história mais comprida que ele tinha contado desde o começo do ano. Quando estava verborrágico era sinal de que se sentia extraordinariamente feliz ou esperançoso por algum motivo. Só assim ele ia além das sete palavras de costume.

Descemos pela rua San Andrés, a mais longa do vilarejo, até o caminho do cemitério. À direita havia um pequeno desvio e uma horta guardada por uma porta velha de madeira meio capenga, talvez resgatada de uma antiga mudança.

Estava semiaberta, então entramos e avançamos por uma passagem estreita de terra batida, evitando pisar nos canteiros de alface e abobrinha.

Havia pratos com leite em esquinas estratégicas, onde batia mais sol. Minha tia-avó era das que ainda acreditavam que leite atrai cobra, então punha veneno no leite para acabar com elas.

Ela estava inclinada sobre um montículo de terra, cavando com uma pá pequena.

— Querem pimentões verdes? — perguntou ao nos ver chegar, com a voz aguda de criança que caracteriza os centenários. — Este ano vou ter de jogar um bocado fora, não dou conta de assar e fazer tanta conserva.

Minha tia-avó Felisa, apesar de seus cento e dois anos, não tinha a menor intenção de morrer. Sua noção da passagem do tempo era muito diferente.

Lembro-me de quando enviuvou do tio Sixto, que morreu aos oitenta e nove. Incrédula, olhava fixamente o ataúde durante o velório e não parava de repetir: "Mas ele era tão jovem..." No armário ela guardava roupas que nunca usou e dizia que pretendia estreá-las "quando ficar mais velha".

— Felisa — adiantou-se o avô. — Unai quer lhe fazer umas perguntas, se você se lembrar.

— Claro, filho — respondeu distraída, sem se deter.

— Tia, a senhora conheceu Blanca Ortiz de Antoñana, a esposa do empresário Javier Ortiz de Zárate?

Ela parou de cavar um instante, depois ajeitou os óculos, que ocultavam um olho caído devido a um traumatismo, e continuou arrancando ervas daninhas como se não houvesse amanhã.

— E quem procura por ela? — perguntou, dando-nos as costas.

— Na verdade, tem a ver com os filhos dela, Ignacio e Tasio Ortiz de Zárate. Ouvi dizer que há anos ela veio a Villaverde perguntando pela senhora, e que a senhora conversou com ela. Pode me dizer o que queria? — indaguei.

— Faz muito tempo, filho. Quase tinha me esquecido.

— Esquecido de quê, tia? Pode ser mais precisa? — tentei pressioná-la, mas sabia que estava diante de um monólito.

É muito difícil obter informações de gente velha nos povoados. Eles viveram uma guerra e uma ditadura de quarenta anos. Estavam acostumados e calar e sabiam ser evasivos. Tinham a prudência no DNA.

— Unai, filho, você pode ir um instante ao cemitério? — interveio meu avô. — Segunda-feira passada veio um vento sul e as flores da avó devem ter secado. Você pode jogá-las fora?

Fitei-o, e ele afundou a boina.

Subi a trilha de terra batida até a grade de ferro fundido do nosso diminuto cemitério. Apenas um muro com uns vinte nichos recentes e, nos lados, chão sagrado que ninguém de Villaverde, em sã consciência, ousaria pisar. Terra que guardava os ossos dos nossos antepassados, amontados quando o espaço não foi mais suficiente, e decidiram construir nichos de cimento que, depois de alguns anos, começaram a apresentar um novo problema de superpopulação.

Na foto emoldurada, minha avó me fitava rogando, em silêncio, que cuidasse do avô. Dessa vez notei uma expressão diferente, dessa vez pedia que me cuidasse também.

Frustrado, voltei à horta da tia-avó.

Não soube o que o avô disse a ela e como a convenceu a falar comigo; ele limitou-se a dar de ombros sem dar muita importância quando lhe perguntei.

A coisa é que, quando voltei, ela estava sentada numa cadeirinha de praia velha, com a pá encostada, disposta a falar.

— Agora ela se lembra — sussurrou o avô no meu ouvido quando peguei outra cadeira de praia bamba e sentei ao lado dela.

— Tia, o que Blanca Díaz de Antoñana veio falar com a senhora?

— Queria encontrar o menino. O marido tinha morrido fazia pouco tempo e já não havia perigo.

— Perigo de quê?

— O marido de dona Blanca era uma besta, ela passou a vida com medo.

— Quer dizer que era vítima de violência doméstica? — indaguei interessado.

Ela apertou os olhos, sem entender.

— Ele dava umas coças nela? — traduziu meu avô.

— Sim, senhor. Era o senhorzinho de Vitoria, naquele tempo fazia o que lhe desse na veneta e ninguém se metia com ele.

— A senhora disse que ela veio buscar um menino, que menino é esse? Se o marido tinha morrido pouco antes de ela vir a Villaverde, deve ter sido em 1989.

— Não entendo dos anos, filho. Misturo todos na minha cabeça. É melhor você me deixar falar e terminamos antes — cortou-me, alisando as pregas da saia.

— Está bem, tia. Fale-me da visita, por favor.

— Eu fui enfermeira do médico dela, o doutor Urbina. Também atendi no consultório da Clínica Vitoria a esposa anterior do senhor Javier Ortiz de Zárate. A pobre Blanca veio a Villaverde falar comigo porque tinham lhe diagnosticado um câncer e queria deixar tudo em ordem antes de partir deste mundo.

— E o que queria da senhora?

Aproveitei que ela parou para recuperar o fôlego para conduzir o interrogatório mais caseiro da minha vida profissional.

— Queria saber o sobrenome da família, para ver se encontrava o garoto.

— Que garoto?

— Um assunto antigo, sobre uma adoção.

Ela olhou para o avô.

Ele cruzou os braços e assentiu com a cabeça, animando-a a falar.

— Acho que já passou tempo suficiente e já posso falar disso — disse a si mesma.

— Por favor, tia, prossiga. Acho que estou entendendo a situação. Diga-me, dona Blanca teve trigêmeos e deu o ruivo para adoção?

Ela ficou surpresa com a minha teoria louca, a mesma que o ruivo tinha tentado contar aos gêmeos diante do túmulo da mãe.

— E como você sabe disso, filho? Só quem esteve na hora do parto foram os mortos e eu.

— Tia, sabe qual é o meu trabalho. Estou investigando esse assunto e é importante, é muito importante. Pode me dar uma data para que eu verifique e procure os documentos?

— Não há documentos, filho. O doutor Urbina e eu fizemos isso para salvar a mãe e os bebês do animal do marido, mas foi a última vez que vi o doutor Urbina. O pobre não avaliou bem com quem tinha se metido.

— Do que está falando exatamente? Por que o doutor Urbina se meteu numa adoção ilegal? Foi por dinheiro, cobraram pelo bebê?

— Dinheiro? Ninguém pensou em dinheiro, estávamos arriscando o pescoço.

— Não entendi.

— Está muito claro — retrucou ela, quase perdendo a paciência.

— Unai, o que a tia está tentando lhe dizer é que dona Blanca teve um romance com o doutor Urbina e os trigêmeos eram filhos do médico, e não

do desgraçado do marido — explicou o avô num tom paciente, como se estivesse me ensinando que o sexo era como a história das abelhas e das flores.

"Merda!", pensei. "Então os gêmeos não são nem Ortiz de Zárate nem descendentes de Unzueta. Ninguém aceita isso aos dezoito anos, e com uma herança para receber."

— A quem entregou o bebê, tia?

— A um casal de Izarra.

Por fim uma coincidência, sinal de que a tia-avó não estava desvariando e suas lembranças eram verídicas.

— A senhora se lembra dos sobrenomes deles? — indaguei, pegando sua mão.

— Eram os Lopidana, os do mel.

— Os do mel — repeti, atônito.

— Vendiam mel nas feiras, boa gente, sabe, filho? Gente boa, loucos para ter um filho. Eram vizinhos do antigo médico, e ele os pôs na lista de espera por amizade. O doutor Medina às vezes entregava a casais estéreis as crianças que as mães rejeitavam. Eu... você sabe, filho: ver, ouvir, calar. Às vezes umas vidas se acertavam, outras se destruíam.

— Sabe se o batizaram Venancio?

— Na verdade eu não sei. Deixei um bebê pequenininho e ruivo com um casal, pensando em lhe dar uma vida melhor que a que teria se ficasse em Vitoria. Lá não teria durado muito, pode ter certeza. Era parecido demais com o doutor Urbina e os seus filhos legítimos. Vitoria inteira teria se inteirado. Naquela época todos se conheciam, não é como agora, que quando vou ao ambulatório do Pilar não conheço ninguém — suspirou frustrada. — Filho, você não quer mesmo uns pimentõezinhos verdes? Sixto não quer ver pimentões nem pintados, diz que uso azeite demais para fritar.

Ela tinha voltado ao presente, onde tudo era um pouco mais difuso. Seu queixo tremia um pouco e fiquei apreensivo de ter forçado demais seu cérebro. O avô também me advertiu com o olhar para parar quando ela começou a falar do marido morto.

— Então me dê umas sacolas, por favor. Vou dividi-los com uns amigos e todos vão agradecer muito — disse ao me levantar.

Meia hora depois, voltávamos para casa carregados de alfaces, abobrinhas, pimentões verdes, cebolas e vários quilos de ameixas, fruta

que sempre odiei. Naquela época as ameixeiras do vilarejo envergavam com o peso dos frutos maduros, e era impossível dar um passo sem que um vizinho oferecesse, e quase suplicasse, para você levar vinte quilos de ameixas a ponto de virar purê.

— Serviu de alguma coisa, filho? — perguntou o avô quando chegamos à cozinha e tentamos, sem conseguir, enfiar aquele monte de legumes e verduras na geladeira.

— Muito, vô. Com isso tenho material para seguir investigando.

— É o que deve fazer, seguir, para ver se agarra esse espertalhão e possamos dormir à noite. Se você me permitir, vou ao sótão continuar olhando as fotos e tudo o que você guardou do caso, para ver se posso ajudar um pouco mais — disse, sem me olhar, fingindo que estava tirando terra de uma abobrinha na torneira.

— Claro, vô. Vai ser muito bom se continuar a me ajudar.

Engoli em seco e disfarcei. Ele não gostava de demonstrações de ternura e não se sentia cômodo vendo o neto emocionado.

* * *

Voltei para Vitoria com um bom humor que há muito tempo não sentia, ansioso por chegar à sede de Lakua e contar tudo a Estíbaliz.

Não era nem meio-dia quando cheguei, e ela me esperava nervosa no escritório.

— Como foi o seu aniversário, Unai? Ontem não disse nada, não quis...

— Dar os pêsames por completar quarenta anos e entrar na lista maldita, eu sei. Foi tranquilo como eu queria, fui para Villaverde ficar com meu avô. Foi perfeito. Por que está assim nervosa? — perguntei, quando vi que ela não parava de mexer os joelhos.

— Falta menos de meia hora para expirar o prazo.

— O prazo.

— A hora em que Tasio tem de voltar à prisão. A imprensa de todo o país, para não falar da internacional, está na entrada da penitenciária de Zaballa. Há transmissão ao vivo pelo Twitter.

— Com uma nova *hashtag* ? — indaguei.

— Ah, sim! Várias, na verdade: #Tasioentra, #Tasiomostraacara, #Tasiomissing... Há muita curiosidade para ver se dessa vez ele mostra seu aspecto atual.

— Você não perde nada.

— É puro fascínio pelo mórbido, respeite. — Ela deu uma piscada.

Assenti sorridente. Aquilo se parecia muito com a normalidade. Talvez ela e eu pudéssemos nos recuperar. Talvez.

— Pois eu trouxe muitos avanços, e de uma testemunha que nunca imaginei, juro. Sente-se, que aí vem coisa — sugeri.

— Vejamos.

— Você sabe que tenho uma tia-avó centenária, não é?

— A que nunca adoece?

— Essa mesma. A tia Felisa. Irmã da minha avó, cunhada do meu avô. Ela foi enfermeira até se aposentar, trabalhou durante décadas na Clínica Vitoria.

— Bom, até agora eu estou acompanhando.

— E se eu disser que a história do ruivo que levou a surra dos gêmeos é verdade?

— A de que eles têm um trigêmeo pobre?

— Aham.

Ela fez e desfez o rabo de cavalo várias vezes antes de falar.

— Você precisa desenhar, porque vai ser muito difícil não me perder.

— Minha tia-avó foi enfermeira de um tal doutor Urbina no início dos anos setenta, quando os gêmeos nasceram. Ela contou que o médico teve um romance com Blanca Díaz de Antoñana, a mãe dos gêmeos, e que Javier Ortiz de Zárate, o industrial, era um cara perigoso que batia na mulher. Minha tia-avó esteve presente no parto em que os gêmeos nasceram, parecidos com a mãe, pelo que vi nos recortes de jornal, mas nasceu um terceiro filho, ruivo como o doutor Urbina. Minha tia entregou o bebê a um casal sem filhos de Izarra a pedido da mãe e do médico.

— Ela disse Izarra?

— Sim, e já são duas fontes diferentes mencionando o mesmo povoado. Sei que não devemos nos fiar nas casualidades, a lição é muito recente — afirmei, tentando não deixar as palavras me queimarem —, mas aqui não há só coincidência. Meu avô me contou que Blanca Ortiz de Antoñana esteve em Villaverde procurando minha tia pouco depois da morte do marido. Ela já não tinha medo de que a história viesse à tona e queria saber o paradeiro do terceiro filho. Minha tia disse a ela o sobrenome do casal que o recebeu. Eles estavam na lista de espera de adoções ilegais do ginecologista anterior, o doutor Medina.

— Esse dado me parece factível. Há alguns anos a imprensa tratou dos casos de crianças roubadas e de adoções ilegais em todo o país na década de setenta, e a Clínica Vitoria foi uma das denunciadas.

— Sei disso, não comentei nada com a tia, e é improvável que ela tenha sabido das denúncias pela imprensa ou pela televisão. Há anos não acompanha o que acontece no noticiário. Ela deu a entender que o médico que o doutor Urbina substituiu estava implicado nesse negócio e o casal ao qual entregou o menino era amigo daquele médico. O sobrenome do casal é Lopidana, e ela contou que eles tinham um negócio de mel. Temos que procurar agora mesmo na base de dados.

— Outro ponto interessante de ligação com o caso — comentou Esti.

— Dessa vez vamos tratar essa ligação com muito cuidado, mas agora não temos apenas o mel e Izarra, temos uma história, Estíbaliz. E o mais importante: temos o motivo.

— O do ruivo, o tal Venancio.

— Sim, é um bom motivo. Não só ele não recebeu a herança que lhe correspondia por parte da mãe, como os irmãos o massacraram e o expulsaram de Vitoria. Acho que é suficiente para odiá-los e querer ferrar com a vida deles — pensei em voz alta.

— Por que não vamos ao escritório da subdelegada contar isso? Gostaria de apresentar um avanço e, ao menos uma vez, não sentir que somos uns inúteis — disse ela levantando-se.

— Sim, acho que devemos informá-la — concordei.

Quando entramos no escritório, Alba estava outra vez ao celular.

— Hoje vou jantar, não se preocupe — sussurrou, de costas.

O tom que usava não deixava dúvidas: estava falando com o marido.

Seria controlador? Seria carinhoso? Estaria pedindo que voltasse logo do trabalho? Isso era o habitual entre eles?

Percebi que não tinha tentado formar uma imagem dele, doía menos que fosse tão etéreo e invisível. Para mim, não tinha corpo nem forma, não ocupava nenhum lugar num espaço entre um metro e cinquenta e dois metros. Se começasse a me perguntar sobre o tipo de relação que tinha com Alba haveria grandes possibilidades de me obcecar com isso e passar maus bocados.

Estíbaliz deu uma tossida bem ostensiva e nossa chefe desligou o maldito aparelho e se virou na nossa direção.

— Fico contente em vê-los focados no trabalho. Alguma novidade?

— Parece que sim — adiantei-me. — Estamos seguindo uma nova linha de investigação, como comentamos, queríamos ver com lupa o passado e o entorno dos gêmeos, pois achamos que, se não for um deles, o culpado precisa ser alguém com um motivo suficientemente forte para empenhar-se em incriminá-los durante vinte anos.

— Até aqui soa coerente. Sentem-se, por favor, vamos nos instalar mais confortavelmente.

Minha parceira e eu obedecemos.

— Temos motivos para pensar que os gêmeos tiveram...

Nesse momento o celular de Alba tocou de novo; ela estava usando *Lau teilatu* como toque, um detalhe que me deixou besta na cadeira.

Olhei-a, e ela enrubesceu até a ponta das orelhas.

— Subdelegada Salvatierra — respondeu num tom profissional.

Ela ouviu a voz de uma mulher que falava rapidamente e esperou que terminasse.

— Está bem — respondeu depois de um bom tempo —, vamos entrar em ação. Uma patrulha irá agora mesmo ao domicílio dele para comprovar. Ligarei assim que tiver notícias. Peço-lhe que não dê declarações à imprensa até sabermos o que aconteceu de fato. Explique que a investigação está em curso e não pode dar informações.

Ao desligar, sentou-se novamente na cadeira franzindo o cenho enquanto tomava decisões.

— Tasio não se apresentou na penitenciária na hora estipulada, mas a tornozeleira continua emitindo sinais de que ele está em casa, na rua Dato. Corram para lá numa viatura para ver se está, se aconteceu algo com ele ou se ele fugiu.

39

Izarra, março de 1989

Blanca Díaz de Antoñana sabia que a estrada estava perigosa depois da última nevasca, mas não podia se dar ao luxo de esperar dias até o tempo melhorar. Desde a última consulta médica, parecia-lhe que o mundo estava girando rapidíssimo e que ela ia num ritmo lento demais. Tinha mil assuntos para resolver e as horas do dia mal alcançavam. Aguentava as dores aplicando em si mesma as doses recomendadas pelo oncologista.

Tinha acabado de despedir Ulises. O motorista estava quase em idade de se aposentar, e desde a morte de Javier ela decidira que ele era uma das heranças das que iria se desfazer. Como agradecimento, entregou-lhe vários milhões de pesetas, dinheiro que Javier guardava nas caixas-fortes do palácio, em uma espécie de "Suma daqui, não o quero por perto agora que Javier já não está" que disseram um ao outro fitando-se em silêncio. O velho motorista aceitou satisfeito, enfiou seus pertences numa maleta e saiu porta afora no mesmo dia com seu caminhar troncho.

Que fácil tinha sido se desfazer da sombra que, por ordem de Javier, seguira seus passos durante décadas. Que leve tinha se sentido ao passear pela rua Dato e a General Álava sem aquele corvo encolhido pisando seus calcanhares.

Conservava o apartamento da tia, na General Álava. Há tempos não o frequentava, pois temia que Javier achasse aquilo suspeito e pensasse que tinha um amante.

Sentou-se ao volante do carro. Confiava nele, era robusto e o motor nunca tinha tido uma pane. Saiu de Vitoria em direção ao norte, para o porto de Altube. Izarra ficava a uns vinte quilômetros, não demoraria muito para chegar. Os gêmeos tinham ido passar o dia em San Sebastián com os amigos. Desde que tiraram carteira de motorista não paravam em casa, e lhe fazia bem estar só. Era tão bom, depois de tantos anos naquela prisão de grades de ouro...

Chegou à vivenda deteriorada depois de perguntar pelos Lopidana na estação de trem. Foi um pouco difícil, tinha tomado a medicação horas atrás, e a dor começava a nublar seu raciocínio.

— Vivem no lado oeste do rio, no vilarejo, na zona antiga. É a casa que fica ao lado do teixo de dona Lola, entre os dois riachos. Não sei se Lopidana estará lá, hoje é dia de feira — disse a mulher gorda da bilheteria depois de medi-la de cima a baixo e cravar o olhar na gola do seu casaco de pele de marta-zibelina.

— Sabe se eles têm um filho? — atreveu-se a perguntar, ao ver que a estação estava vazia àquela hora e ninguém a ouviria.

— Têm um menino e uma menina pequenos, de cinco anos. Uma beleza, muito graciosos — respondeu a funcionária, contente de que alguém lhe desse trela.

— E não há um rapaz de uns dezoito anos, ruivo? — insistiu Blanca, desconcertada.

Talvez houvesse mais de um Lopidana em Izarra, ou talvez tivessem se mudado.

— Ah, Nancho! Eles o criaram, mas não é filho deles: é o peão que cuida das colmeias.

— Vive com eles?

— Sim, sim, acho que na parte baixa da casa — contou a mulher, encantada por ter o que contar em casa ao meio-dia. Uma ricaça perguntando por Nancho, um bom assunto para especular...

Blanca despediu-se ao ver que a mulher não tinha muito mais o que dizer e virou o carro na direção da ponte.

Um pouco afastada das outras casas do povoado, viu uma vivenda velha e decrépita. Fazia pensar que os donos passavam dificuldades. Embora a casa fosse bastante grande, um dos beirais do amplo telhado de duas águas estava praticamente desmantelado. Na porta principal, protegida por um *eguzkilore* seco, faltavam várias tábuas. As telhas, que um dia foram vermelhas, estavam empretecidas sob o manto de neve; as paredes precisavam de uma demão de cal, a última camada estava descascada em volta das janelas e nos cantos, e alguns vidros das poucas janelas que decoravam a fachada estavam trincados ou tinham sido substituídos por placas de madeira. Embora a neve lhe emprestasse um aspecto mais limpo, a verdade é que se sentia de longe o odor de sujeira e imundície.

Blanca desceu do carro e levantou a barra do casaco de pele branca para não sujá-lo com o barro e a neve derretida.

Foi até a cerca meio bamba e não viu ninguém.

— Ó de casa! — atreveu-se a gritar.

Não houve resposta, mas ela esperou um momento, com o ouvido atento.

— Quem é? — respondeu por fim uma voz desafinada de jovem.

— Estou procurando os Lopidana, é aqui?

Quando ele apareceu, ela ficou paralisada.

"É ele, é ele. Calma, Blanca, calma." Controlou-se.

Um rapaz não muito alto e bem cheinho saiu pela porta desconjuntada trajando um macacão azul sujo de graxa. Tinha o cabelo ruivo com um corte antiquado, como se tivesse parado na moda dos anos setenta, com uma franja comprida tapando um olho, talvez para cobrir o rosto rechonchudo marcado pela acne.

Mas o que Blanca viu foi o caminhar tranquilo e a atitude tímida de Álvaro Urbina, em uma versão adolescente do homem de quem tanto gostara.

Emocionada, cobriu a boca com a mão.

— A senhora está bem? — O rapaz se aproximou, preocupado. — Os *aitas* estão na barraca de mel da feira de Bilbao, mas voltam de noite. Quer deixar recado?

— Então você é filho dos Lopidana?

Nancho cerrou os dentes e olhou para o lado, incomodado. Irritava-o não poder responder àquela pergunta.

— Senhora, o que deseja? Posso ajudá-la? — respondeu evasivo.

— Você é Nancho, não é? O meu nome é Blanca Díaz de Antoñana, e o que vou lhe contar vai parecer estranho, mas não tenho muito tempo para gentilezas. Estou procurando um menino ruivo que foi entregue aos Lopidana há dezoito anos por uma enfermeira chamada Felisa. Acho que é você e, se não for, diga e continuarei procurando o meu filho.

Nancho deu um passo para trás, por puro instinto. Essa senhora de branco estava procurando por ele? Ergueu a cabeça e se atreveu a fitá-la. Não reconheceu seus traços nela: era magra, tinha o rosto muito comprido e rugas ao redor da boca, mas cheirava a dinheiro desde que chegou perto da cerca. O que ele podia ter a ver com aquela estranha?

— Senhora, sei o que dizem de mim no povoado, e já é difícil aguentar. Se veio rir de mim também...

— Não, filho! — interrompeu-o horrorizada. — Não vim para rir de você, nada disso. Preciso que me confirme se é o bebê que entregaram, porque eu sou a mãe que permitiu isso, e vim buscá-lo porque quero deixar tudo acertado antes de partir. Posso entrar?

— É melhor ir para a estrada, aqui cheira mal para a senhora e pode sujar o casaco. Vamos para perto do teixo, costumo ir ali quando o *aita* não me dá nenhuma tarefa — propôs, ruborizando-se. Nunca tinha tratado com uma mulher tão elegante, não sabia bem o que fazer.

Blanca concordou satisfeita, olhando-o com uma mistura de orgulho e preocupação. Ele tinha passado a vida naquela pocilga?

Foram em silêncio pelo caminho de barro, desviando-se dos montinhos de neve. Nancho cabisbaixo, Blanca sem deixar de observá-lo.

— É aqui — disse ele quando chegaram a poucos metros do enorme teixo. — Gosto muito de pensar perto do teixo. É uma árvore que os antepassados adoravam, sabe?

— Você é bom aluno, gosta de história? Seu irmão Tasio é apaixonado por história, quer ser arqueólogo e, inteligente do jeito que é, ninguém duvida que será um dos melhores.

— Meu irmão?

— Sim, você tem dois irmãos gêmeos. Eles se parecem comigo, e você saiu igualzinho ao seu pai.

— Meu pai? — atreveu-se a perguntar, engolindo em seco. — Quer dizer meu pai de verdade?

“Tenho um pai, diferente do *aita* ? Talvez ele não me trate como esse aqui.”

— Sim, seu pai verdadeiro se chamava Álvaro Urbina, era o meu médico na Clínica Vitoria. Ele desapareceu depois do parto. Sempre suspeitei que o meu marido era responsável pelo seu desaparecimento, mas não tenho como provar. A essa altura não quero lhe esconder nada, embora nunca tenha falado disso com ninguém. Entregamos você porque se parecia demais com ele, e o meu marido era um homem muito poderoso em Vitoria, ele não teria deixado você viver.

— Espere, espere. Está me dizendo que me entregaram a essa família por ser ruivo e que os meus dois irmãos gêmeos foram criados com a senhora?

Pronto, outra vez o cabelo ruivo. Odiava isso, odiava ser tão diferente, os rapazes de Izarra lhe chamavam de “espiga” quando queriam rir da cara dele. E agora essa senhora dizia que tinham se livrado dele ao nascer por causa do cabelo. A vida toda tinha se perguntado o que teria feito de mal para que os pais o abandonassem, e o motivo era, nem mais nem menos, o maldito cabelo.

Blanca enrubesceu, envergonhada. O filho tinha todos os motivos do mundo para ficar magoado.

— O que fiz com você foi um crime, e talvez seja minha a culpa pelo crime do qual o seu verdadeiro pai foi vítima. Talvez sejam crimes demais na minha consciência, não aguento mais esse peso. Vim para tirar você daqui, entregar a parte que lhe corresponde da minha herança. Padeço de um câncer muito agressivo e não me sobra muito tempo de vida. Na semana que vem, voltarei com o meu advogado, mas enquanto isso não diga nada aos seus pais. Virei buscá-lo e vou conversar com o seu pai, quero que venha viver comigo e com os seus irmãos em Vitoria a partir de agora, na nossa casa no passeio da Senda, como lhe cabe por direito. Você vai herdar sua parte assim que passar a ser meu filho legítimo. Preciso que me dê seu documento para ir adiantando os trâmites.

— Não tenho documento, o *aita* não quis fazer, por isso não posso dirigir fora de Izarra, não tenho carteira de motorista, mas aprendi a dirigir o quatro latas com dez anos — disse, apontando para o Renault 4 velho estacionado na lateral do caminho.

Blanca fitou-o horrorizada.

— Como assim, não tem documento? Diga, filho, você foi à escola?

— Não me deixaram, eu queria, mas os *aitas* sempre me puseram para cuidar das colmeias. Aprendi a ler com as revistas velhas que a Hermógenes traz, a que faz o cabelo da mamãe. Tenho um amigo — contou orgulhoso — que é filho de um professor do colégio de Izarra, ele me dá seus livros usados, e eu os escondo debaixo de umas pedras ao lado das colmeias para que o *aita* não os encontre; ele não gosta muito de livros, diz que secam os miolos e deixam a gente de parafuso solto.

— Você já foi a Vitoria?

— Para comprar alho no dia de São Tiago, e nas barracas das Fiestas de la Virgen Blanca, para cuidar de... — ia dizer dos irmãos, mas eles não gostavam que Nancho os chamasse de irmãos — ... de Idoia e Andoni, os

filhos pequenos dos *aitas* . Não me deixam sair de noite, dizem que é coisa de bêbados.

— Pois vou levar você para viver em Vitoria se quiser sair daqui. Você precisa conhecer seus verdadeiros irmãos, Ignacio e Tasio. Antes preciso falar com eles e contar sobre você, eles não sabem que você existe.

— Senhora... — interrompeu-a preocupado, a cabeça dando voltas. — E os meus *aitas* ? O que vão achar?

— Diga, Nancho, seus pais o tratam bem?

— Me deixam comer com eles à mesa, e tenho *de onde* dormir — respondeu, humilhado, dando de ombros com indiferença.

— Filho, eles te tratam bem? — insistiu, tomando-o pelo queixo e examinando-o.

Ela notou hematomas antigos ao redor do olho que a franja tentava ocultar. Doeram-lhe muito mais do que se fossem nela.

"Que vida você tem levado, meu filho."

— São coisas nossas, senhora. Não vou falar mal do *aita* — retrucou, afastando a mão dela do rosto.

— No povoado dizem que não tratam você como um filho, que é um peão, a mula de carga deles.

Ele enrubesceu até as orelhas. Sempre fora assim desde que, sem que ninguém esperasse, nasceram os irmãos. Até então, os pais o tinham criado como um filho, deixando que os chamasse de pai e mãe, *aita* e *ama* . Mas, desde o dia em que a mãe voltou do médico gritando que estava grávida, a vida dele mudou.

— Foi para isso que veio, para rir de mim e esfregar isso na minha cara? — irritou-se, tentando espantar as más recordações. — Senhora, já tenho de sobra, e estou atrasado com os pedidos. Se meu pai souber que não entreguei a caixa de potes de mel no supermercado da Aurora, vai me moer de pancadas.

Blanca também se irritou, o que aqueles desgraçados tinham feito com o seu filho?

Aproximou-se dele, que era um pouco mais baixo que ela, e pegou-o pelo queixo obrigando-o a encará-la.

— Filho, sofri o mesmo que você desde antes de você nascer e, se tiver que se lembrar de mim, quero que seja pelo que vou lhe dizer: quando alguém lhe agredir, a culpa nunca é sua. Nunca. Entendeu? O outro dirá

que é, pois precisa que você não vá embora para continuar lhe agredindo, mas a culpa nunca é sua.

— A culpa nunca é minha — repetiu.

— Deixe-me abraçá-lo, filho.

— O que disse? — respondeu Nancho, atônito.

— Deixe-me abraçá-lo, faz dezoito anos que quero abraçá-lo.

Ela não esperou pela permissão do rapaz desconcertado. Apertou-o com a pouca força que havia reservado para aquele encontro, e Nancho se rendeu ao calor que emanava do casaco branco e da mulher que o segurava.

Quando o abraço se desfez, Blanca se afastou e pousou suavemente a mão alva na face dele, que ardia. Nancho fechou os olhos, era o mais parecido a estar no céu. Ele sabia que o gesto ficaria gravado a fogo para o resto da sua vida. A primeira carícia que recebia. A primeira carícia de alguém que o amava.

— Conte-me, seus pais estão bem de dinheiro? — perguntou ela, tentando manter o aprumo.

— De dinheiro não se fala, não é de boa educação. Isso, sim, me *ensinaru* — respondeu, em um arrebato de dignidade.

Blanca se virou e observou de longe a casa suja.

"Vamos ver se com dinheiro te deixam ir embora. Não acho que essa gente crie muitos problemas."

Desde que soube que morreria em breve, ela deixou de temer o "disse me disse". Que fossem plantar batata o padre de San Antonio e Andrea Apaolaza, a mulher do prefeito, e toda a corte celestial do Círculo Vitoriano.

Todos eles que fossem plantar batata.

* * *

Era domingo, e a família Lopidana se vestiu para a missa das dez na igreja de São José.

Nancho sentou-se no último banco dos homens, como o *aita* sempre lhe ordenara. Não tinha sido batizado nem tinha feito a primeira comunhão, então não podia comungar.

Tinha passado a semana nervoso, esperando o retorno de Blanca Díaz de Antoñana. Um a um os dias transcorreram, e o carro grande não tinha

parado outra vez diante da casa. Talvez tenha dado para trás ao conhecê-lo, talvez a mulher tivesse boas intenções, mas tenha pensado melhor ao ver que ele era só... bem... ele.

Vestiu a única roupa decente que possuía: uns jeans de mil pesetas, uma camisa branca nova que ganhou num sorteio da Coca-Cola e uma jaqueta que herdou do *aita* com tênis brancos que clareou com o reparador de calçados da *ama* . Passou a roupa cedinho, sem saber se devia fazer vinco nos jeans, e se vestiu para estar digno, caso Blanca fosse buscá-lo com o advogado nesse dia.

Depois da missa, os *aitas* e os filhos foram ao bar da praça comer azeitonas e tomar meio copo de cerveja. Ele os seguiu, sempre olhando ao redor procurando o carro de Blanca.

Distraído, foi até o balcão e começou a folhear o *Diario Alavés* . Quando deu com a notícia, ficou abismado e engoliu em seco.

Primeiro pensou que tudo tinha sido uma piada de mau gosto.

Quando se acalmou, quando se convenceu de que era verdade, tentou entender o que dizia aquela página inteira sobre Blanca Díaz de Antoñana, nascida em Vitoria, morta em Vitoria no sábado 18 de março de 1989, viúva do senhor Javier Ortiz de Zárate, mãe dos pesarosos Ignacio e Anastasio.

Surpreso, leu que o funeral e enterro no cemitério de Santa Isabel seriam naquela manhã, ao meio-dia. Olhou o relógio na parede do bar, eram onze e meia.

Aproximou-se dissimuladamente da mesa onde os *aitas* conversavam tomando cerveja. Eles tinham posto notas e moedas para pagar a conta em um pequeno prato metálico triangular. Nancho foi até lá, aproveitou que o *aita* se levantou para cumprimentar um vizinho e pegou quatrocentas pesetas. Era o suficiente.

O pai se virou e, nesse momento, ele saiu disparado para a estação de trem, o corpo contraído com medo das consequências e pelo desgosto de que aquela mulher, que nas últimas noites tinha se transformado no anjo branco que viera à Terra salvá-lo, estivesse morta.

Chegou esbaforido à plataforma, depois de comprar passagem só de ida com a vendedora estupefata, que não tirava os olhos dele. Em poucos minutos chegou o trem e o levou a Vitoria em meia hora, tempo insuficiente para pôr as ideias em ordem.

Não sabia o que fazer; só sabia que precisava chegar a tempo para o enterro da mãe e para falar com os irmãos. Eles conversariam com o advogado, ele devia saber das intenções da defunta Blanca.

Depois de se acomodar no assento grená desgastado do trem, ele avaliou a própria roupa. Dessa vez estava bem vestido, o que o deixou contente.

O trem parou na estação de Vitoria pouco depois. Nancho cruzou a plataforma e entrou às pressas no hall de mármore vermelho. Correu até um mapa da cidade e procurou o cemitério mencionado no jornal.

Pôs-se a examinar as ruas, frustrado, sem encontrar o que procurava.

— Está perdido, rapaz? — perguntou uma velha que descansava sentada no banco debaixo do mapa.

— Estou procurando o cemitério de Santa Isabel, fica longe?

— Bem, precisa atravessar metade da cidade, mas não se perca pelas ruas. Siga pela rua Dato — disse, assinalando-a com a bengala —, atravesse a praça da Virgen Blanca, entre na Zapa e siga adiante até o fim da rua. Na Fuente de los Patos cruze o Portal de Arriaga, direto, e chegará ao cemitério.

Nancho memorizou os nomes das ruas que não conhecia para ir perguntando pelo caminho.

— Quanto tempo leva? — consultou o relógio debaixo dos três enormes janelões. Já era meio-dia e meia.

— Se correr, meia hora. Acho que já não há neve nas ruas.

— Obrigado, senhora. Deus lhe pague — falou e saiu em disparada pela rua Dato, onde famílias entravam nos bares em busca de calor.

Com a pressa, caiu duas vezes, e a maior humilhação foi na praça da Virgen Blanca, onde escorregou diante de umas moças da sua idade que riram do tombo que levou. Mais uma vez maldisse ter nascido tão torpe e, desolado, viu que a camiseta branca se manchara com a neve suja.

Retomou a corrida no Centro Histórico e, quase meia hora depois, chegou por fim ao cemitério.

Soube que tinha chegado a tempo pela quantidade de carrões novos estacionados em fila dupla na entrada do campo-santo.

Buscou o rastro da multidão elegante e esperou pacientemente que terminasse o ofício e aqueles estranhos que o olhavam de soslaio regressassem para suas casas com calefação.

Para ele dava no mesmo, depois de tantos anos dormindo no porão da casa já não sentia o frio nem a umidade.

Por fim, quando o último sobretudo preto se retirou, ele avistou os irmãos. Irmãos de verdade, irmãos de sangue.

Iam de mãos dadas com duas moças belíssimas, tão bem vestidas quanto eles.

Teve dificuldade em conter a emoção, fitou-os com assombro.

Não tinha chegado tarde demais, podia mudar de vida, ter uma família que o quisesse de verdade e não o espancasse.

Foi até eles e, tentando controlar o nervosismo, se apresentou.

RUA DATO, 1

13 de agosto, sábado

O juiz Olano emitiu o mandado judicial para entrar e vasculhar o domicílio de Tasio assim que recebeu a ligação da subdelegada. Esti e eu levamos um aríete de quinze quilos para arrombamento, caso fosse necessário derrubar a porta, e fomos na viatura até a rua Dato, onde já havia jornalistas e muitos curiosos.

Era complicado trabalhar cercado daquele enxame incômodo. Estíbaliz cobriu a cabeça com uma balaclava e me deu uma antes de sairmos da viatura. Não gostava de usar aquilo, e com a minha altura sabia que iriam me identificar, mas acabei cedendo.

A entrada, ladeada por uma loja Barbour e outra de sabonetes franceses, era uma porta envidraçada de metal verde e dourado que deixava ver o interior. Carreguei o aríete, mas antes tocamos o interfone, um botãozinho de latão dourado muito elaborado, polido pelo tempo, mesmo sabendo que ninguém ia responder.

— Inspetor, para a agência EFE, acha que Tasio Ortiz de Zárate fugiu? — perguntou um repórter, enfiando o microfone debaixo da minha boca.

Dei um tapa no microfone e toquei a campainha novamente.

Muitos transeuntes tinham se juntado aos primeiros curiosos e nos filmavam com o celular, sorridentes e empolgados, como se fôssemos uma atração para mostrar depois à família, nos bares, no trabalho.

— Kraken, Tasio o enganou? Acha que ele matou sua cunhada? — perguntou uma jornalista baixinha colocando o gravador perto de mim.

"É ruído", me obriguei a pensar. "É só ruído."

— Deixem-nos trabalhar — interveio Estíbaliz, exasperada. — Se não se afastarem, vamos pedir umas viaturas para isolar a zona e podermos trabalhar, assim não dá — sussurrou.

Então o céu se abriu, ou melhor, a porta, por onde saiu uma anciã venerável, daquelas de coque e bengala.

Ao nos ver com as toucas e o aríete nas mãos, retrocedeu uns passinhos, mas em seguida entendeu a situação.

— Senhora, podemos entrar? — pedi, erguendo a balaclava, quando todos aproveitaram para me cegar com os flashes.

— Claro, entrem, entrem — respondeu com uma voz rouca que não esperávamos.

Perfeito, não é preciso pôr a porta abaixo diante das câmeras. A anciã nos deixou entrar, saiu para a rua sorridente e saudou todas as câmeras, fechou a porta atrás de nós e de repente a gritaria do lado de fora emudeceu. Bendita calma.

Tomamos o elevador e no quarto andar tocamos a campainha da esquerda.

— Tasio! — gritei, esmurrando a porta. — Pode abrir? Você está aí?

Ninguém respondeu, e Estíbaliz perdeu a paciência, pegou a alça traseira do aríete e atacamos a porta blindada.

Senti a vibração nos dentes, mas a porta não cedeu. Só depois de arremeter várias vezes pudemos entrar no apartamento.

Procedemos com método. Estíbaliz inspecionou o primeiro cômodo à direita, eu fui ao segundo, depois trocamos de cômodos.

Vasculhamos tudo; os móveis pareciam caros e indicavam que o dono tinha as finanças em ordem, mas a verdade é que a decoração estava vinte anos defasada.

Não soube o que pensar ao ver na sala tantas fotos de família de Tasio com Ignacio, sempre juntos ou abraçados, desde a infância vestidos com a mesma roupa. Com o celular, tirei diversas fotos das imagens em que apareciam os pais deles. Talvez me servissem no futuro.

Fomos ao quarto dele e abrimos armários e gavetas. Ninguém tinha levado os ternos que usou até o dia em que foi preso. A cama estava desfeita, um dado que me surpreendeu, já que o resto da casa estava perfeitamente em ordem. Na cozinha encontramos restos recentes de comida em domicílio na lixeira. Imaginei a frustração de Tasio, após duas décadas ansiando por voltar à rua e desfrutar a cidade, escondido no apartamento, sem poder entrar num bar qualquer da rua Dato para comer um simples tira-gosto.

O escritório — o famoso escritório onde foi encontrada a sacola com as folhas de teixo atrás do *eguzkilore* — parecia ter sido bastante usado nos últimos dias. A mesa brilhante não tinha nenhuma poeira, o *eguzkilore* de

barro estava na estante e vários livros de arqueologia alavesa, que eu diria que haviam sido consultados recentemente, estavam empilhados num canto da mesa.

— Dá a impressão de que esteve aqui esses dias, sem sair, como afirmam os técnicos que monitoram a tornozeleira — comentou Estíbaliz.

— Nossa, a tornozeleira, Kraken! Precisamos encontrá-la. Deve estar aqui, de acordo com o sinal.

— Segundo o sinal, deveria estar aqui com Tasio — retruquei, preocupado. — Espero que não o encontremos dentro da parede ou algo assim.

— Não seja macabro — respondeu ela.

Por via das dúvidas, entrou num dos banheiros e abriu a cortina da banheira.

— Espere — disse pensativa. — Vou verificar uma coisa.

Eu a segui pelo corredor até o quarto.

Ela puxou os lençóis revirados em cima da cama e ali estava: a tornozeleira eletrônica e o dispositivo emissor, uma espécie de estojinho preto.

— Ligue para a Unidade Central de Vigilância, Kraken. O mauricinho fugiu.

— Ou foi obrigado a fugir, Esti. Veja isso.

Acendi a luz da mesinha de cabeceira para ver melhor, pus uma luva de látex e pedi a ela que aproximasse a tornozeleira. Era uma espécie de relógio digital de plástico preto, mas a correia tinha sido cortada com precisão por um estilete ou instrumento similar afiado.

— Acho que isso é uma mancha de sangue. Chame o pessoal da Criminalística, é preciso examinar isso. Eles têm o DNA de Tasio de vinte anos atrás, de quando acharam sêmen na menina. Também podemos pedir uma amostra de sangue de Ignacio e ver se coincidem. Só que o sangue está na parte interna da correia, e eu diria que alguém fez isso ao retirá-la.

— Ou foi ele quem fez — objetou minha parceira.

— Você não teria cuidado para não se cortar se usasse uma tornozeleira apertada? É preciso ser meio estabanado para se ferir com um estilete, e não acho que Tasio seja estabanado.

— De qualquer modo, vamos fazer as ligações e informar a subdelegada. A diretora de Zaballa espera notícias. Continuar aqui vai dar no mesmo que ficar dando murro em ponta de faca.

— Ótima escolha de palavras — murmurei, preocupado. — Ótima escolha de palavras.

Pus a balaclava novamente, consciente de que me deixava com um aspecto terrível, e, depois de lacrar a porta arrombada, descemos a escada.

— Seja lá o que for que aconteceu aqui, como diabos Tasio conseguiu sair, pelos próprios pés ou com as canelas esticadas, sem que a patrulha que o vigiava na rua Dato percebesse? — perguntei quando chegamos à entrada do prédio.

— A menos que não tenha saído pela portaria. Você me deu uma ideia. Vou checar no Google Maps. — Pegou o celular e teclou a uma velocidade supersônica.

Ela acionou o 3G e vimos um mapa zenital do conjunto de prédios onde estávamos. Era um trapézio retangular, delimitado pelas ruas General Álava e Postas em paralelo e pela praça de los Fueros do outro lado. Mas o que nos interessava eram as entranhas do quarteirão, o que não se avistava da rua: a trama de pátios internos. E notamos que havia um corredor interno que cruzava a Postas, diante do edifício dos Correios, e a rua General Álava, junto ao antigo prédio envidraçado da Fazenda.

— Puta que pariu! — gritou Estíbaliz. — O cara escapou pela Galeria Ítaca.

A Galeria Ítaca era um pequeno corredor de lojas e postos variados localizado no térreo do edifício. Fazia sentido, mas eu ainda não estava totalmente convencido.

Inspecionamos a portaria até topar, atrás da escada, com uma porta disfarçada pelos lambris de madeira que cobriam as paredes.

Estíbaliz foi até lá, empurrou, a porta cedeu e nos deparamos com um pátio interno.

Havia uma porta de vidro coberta com papel pardo. Estava semiaberta, empurrei com o ombro e entramos. Era a parte traseira de uma loja para alugar. Não entrava muita luz natural e tinha o aspecto desolado dos negócios abandonados com pressa e sem dinheiro. Um balcão envernizado de branco com as gavetas arrebentadas, vários cestos de palha vazios abandonados num canto e inúmeros cartazes de flores e ramos pregados com tachinhas nas paredes amarelas.

— Parece que lembro que aqui era uma floricultura, não era? — perguntei à minha parceira, sem muita certeza.

— É preciso examinar todas essas fechaduras, vamos ver se encontramos alguma impressão digital — comentou ela, indo em direção à maçaneta da porta da loja.

Havia um cadeado externo com uma corrente, mas quando empurrei a porta cedeu sem opor resistência e a corrente caiu no chão de mármore, enrolada como uma cobra, produzindo um barulho metálico.

— Parece que você tem razão. Devíamos avisar o dono da loja. Alguém cortou a corrente, talvez com uma tesoura de poda — disse, fechando a porta novamente. — Devíamos avisar também o síndico do prédio número 1. Agora qualquer um pode entrar pela galeria como se estivesse em casa.

— Estou tentada a sair pela galeria e deixar os jornalistas esperando eternamente por nós — comentou Estíbaliz com um sorriso malicioso.

— Hum... acho excelente ideia. Mas devemos ser responsáveis. Se não sairmos pela entrada do prédio, vamos dar pistas de que há uma entrada dupla. Se Tasio ou quem o levou estiver nos monitorando, vamos lhe dar uma vantagem valiosa. Estou num ponto em que não quero dar a menor vantagem a quem está por trás disso.

— Pena — suspirou.

Voltamos atrás e recolocamos as balaclavas. Saímos como bons meninos pela porta número 1 da rua Dato, onde a imprensa continuava a nos esperar.

— Confirmam então que Tasio não está em casa? — gritaram os repórteres quase em uníssono.

Olhamos para o chão e abrimos passagem, quase a cotoveladas, em meio às câmeras que não queriam nos deixar avançar.

— O preso fugiu? Podem confirmar? — insistiram alguns, ainda com a esperança de que lhes responderíamos.

Batemos a porta da viatura na cara deles e partimos para Lakua, onde a subdelegada Salvatierra nos esperava de braços cruzados, rodando pelo escritório como uma leoa enjaulada.

— Então, Tasio não está em casa — disse ela assim que entramos.

— Encontramos a tornozeleira cortada, talvez com um estilete ou algo parecido, e o que parece ser uma mancha de sangue. A essa hora devem estar examinando o local em busca de digitais ou restos orgânicos — admiti de mau humor.

— Primeiras impressões? — indagou.

— A minha impressão é de que alguém o levou ou deixou a mancha de sangue para nos fazer pensar isso — respondi sentando-me.

— Solicitei ao juiz que emitisse um mandado de busca. Vamos reforçar o policiamento em aeroportos, estações de trem e rodoviárias. Controlaremos as empresas de aluguel de carros e alertamos as fronteiras com França, Portugal e em Melilla — disse Alba. — Aqui está o comunicado que redigimos para a imprensa. É bem sucinto. Certamente Tasio, ou quem o fez desaparecer, lerá isto. De qualquer modo, há uma questão que me preocupa, não sei se a consideraram: Tasio tem quarenta e cinco anos, não é?

— No que está pensando, subdelegada, que ele pode ser uma das próximas vítimas?

Alba me fuzilou com um dos seus olhares de ferro em brasa.

— Ainda resta um crime duplo que precisam evitar, o dos quarenta anos. Isso fica mais complicado.

Ainda faltava, ainda faltava.

Uma hora depois recebi uma ligação da última pessoa que podia esperar naquele dia.

Era Garrido-Stocker, o advogado de Ignacio Ortiz de Zárate.

— Inspetor Ayala?

— Sim, do que se trata?

— Infelizmente, não tenho boas notícias. Meu cliente Ignacio Ortiz de Zárate está desaparecido há vinte e quatro horas.

— O que disse? — exclamei, incrédulo. — Ele não estava sendo vigiado por câmeras na sua casa? Como diabos isso aconteceu?

— Não sei explicar, principalmente porque esses dias Ignacio e eu havíamos trabalhado em todas as linhas da sua possível defesa. Por isso, vou denunciar o desaparecimento dele à delegacia de San Sebastián. Embora tenha abandonado a minha propriedade pelos próprios pés, segundo as gravações a que assisti, não consigo entender sua atitude. Tenho a impressão de que algo muito grave ocorreu nas últimas horas. Ele não se comunicou comigo para dar uma explicação e não atende ao telefone nem responde ao e-mail. Ouça, posso estar enganado, ele pode ter me pregado uma peça; ninguém, nem os mais próximos, estão livres disso. Devido à minha profissão, posso lhe garantir que não costumo pôr a mão no fogo por ninguém, porém, se quiser saber a minha opinião, tanto na

qualidade de advogado como na de amigo de Ignacio, penso que deve ter acontecido algo muito inesperado para fazê-lo sair ontem para a rua.

"Mais essa agora, Ignacio", pensei, tentando digerir a notícia.

— O que se vê exatamente nas gravações? — inquiri, tentando me concentrar.

— Ontem de manhã eu estava no escritório e nos despedimos depois de tomar café, como sempre. Ele foi para a academia no sótão, treinou por uns quarenta e cinco minutos na bicicleta e levantou halteres, na sua rotina habitual. Quando terminou, tomou uma ducha e mudou de roupa, como sempre. Depois recebeu uma ligação ou uma mensagem no celular, porque olhou a tela. Como já dissemos, o propósito desde que entrou aqui era se manter isolado. Posso descrever que pegou o telefone, olhou-o atentamente, mas a resolução das câmeras de segurança não permite ver com nitidez do que se tratava. Depois levou o celular ao ouvido e teve uma conversa muito curta. Pela linguagem corporal deduzo que o conteúdo o deixou muito nervoso, porque andou de um lado para outro ao redor da cama e levou a mão esquerda à cabeça. Depois desligou, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, pegou a carteira e o passaporte e saiu pela porta principal, atravessou o jardim da entrada e abandonou a propriedade. As câmeras externas o gravaram caminhando na direção do centro de San Sebastián. Vou enviar as gravações agora mesmo.

— Qual é a sua primeira impressão, doutor?

— Penso em duas opções: recebeu mensagem de um desconhecido que em seguida ligou, ou desde o princípio recebeu uma ligação inesperada de alguém cujo número ele tinha na agenda.

"E é muito pouco provável que Tasio tivesse celular há vinte anos, então não foi ele quem fez a ligação", concluí.

— Posso contar com a sua discrição com a imprensa, senhor Garrido-Stocker? Seja o que for que tenha acontecido com o seu cliente, sabe que os meios de comunicação vão dar mil voltas, e depois da publicação da fotografia de Ignacio com a menor, não se pode dizer que a opinião pública esteja a seu favor. Seria de grande ajuda para nós que não se saiba que o seu paradeiro é desconhecido. Apesar das especulações, não há confirmação oficial até agora. Isso nos daria bastante espaço para agir.

— Totalmente de acordo, inspetor.

— Então ficamos assim. Por favor, informe imediatamente se houver qualquer novidade ou contato por parte de Ignacio. A presteza é essencial

para que possamos responder.

— Compreendo. Combinado — respondeu e desligou.

Fui ao escritório de Estíbaliz, que estava atenta à tela do computador.

Ergueu a cabeça quando entrei; pelo jeito como franziu o cenho, minha cara devia estar péssima.

— Quais são as novidades, Kraken? Parece que você voltou da guerra.

— Pois temo que agora, sim, estamos lutando numa guerra aberta, Esti — retruquei, assimilando o que acabara de escutar.

— Vamos, Kraken. Você vai me matar de desgosto.

— Ignacio sumiu da sua reclusão em Donostia. Recebeu uma ligação, ou uma mensagem, e saiu por conta própria, deixando o advogado perplexo e sem nenhuma explicação. Isso foi ontem de manhã, então agora temos os dois gêmeos de quarenta e cinco anos desaparecidos. Tasio pode ter atraído o irmão por telefone e acabado com ele, ou Ignacio pode ter recebido uma mensagem do irmão para se encontrarem e pode ter tirado a tornozeleira de Tasio e tê-lo feito desaparecer.

— A questão é: o que temos em mãos, Kraken? — indagou Estíbaliz. — Dois suspeitos, duas vítimas, ou um assassino e uma vítima?

O PORTO DE AIURDIN

Izarra, março de 1989

Tinham se passado três dias, já era quarta-feira e o ônibus sacolejava pela estrada do porto de Aiurdin, desviando-se dos montinhos de neve que restavam em alguns trechos.

Inquieto, Nancho olhava pela janela. Uma costela lhe doía quando se sentava, mas olhou ao redor e se deu conta de que não poderia viajar de pé: o motorista o repreenderia e os passageiros o instariam a sentar-se, então, aguentou a dor e permaneceu sentado.

Estava farto de ter de aguentar, mas o que podia fazer?

Chegou em casa no meio da tarde. Os irmãos já estariam de volta da escola e os *aitas* estariam em casa se não tivessem trabalho. Estava chateado por ter desaparecido daquele jeito, sabia que estavam aflitos e preocupados.

A primeira noite depois da surra, quando dormiu na choça do manco do cemitério, ficou horas sem dormir, convencido de que o *aita* tinha alertado a polícia e estariam procurando por ele. Tinha pensado em algumas desculpas, mesmo que fossem um tanto esfarrapadas.

Não queria voltar a Vitoria, não queria saber nada daquela família de ricos que tinha alimentado suas ilusões para depois expulsá-lo de um túmulo. Que se danassem, não tinha nada a ver com eles, sua família era a que o cuidara desde que nasceu. Ia se esforçar para ser um bom filho, não ser tão descuidado com as colmeias, ficar com Idoia e Andoni e cuidar deles sempre que a *ama* ou o *aita* mandassem.

Quando abriu a porta do pátio, encontrou os pequenos brincando.

— Olá, Idoia. Seu irmão voltou, você me dá um abraço?

A menina lhe dirigiu uma careta de nojo e seguiu brincando com o irmão, como se não o tivesse visto. Ela frequentemente agia assim, ignorando-o. Nancho sempre atribuiu isso à sua inabilidade com as mulheres, principalmente com as menininhas, mas a verdade é que Andoni tampouco lhe despertava muita simpatia. Nunca obedecia quando o

colocava para dormir e tinha o costume incômodo de chutá-lo na canela quando estavam a sós. Era um pouco malcriado pela *ama* , que o desculpava quando arranhava o rosto de Nancho com suas unhas compridas.

Subiu a escada e ouviu vozes no piso superior. Bateu na porta do quarto dos pais. Parecia que estavam discutindo, como sempre.

— *Aita* , posso entrar? — perguntou em voz baixa para não incomodar.

— Já disse mil vezes que não sou seu *aita* ! — gritou o pai, levantando-se da cama. Tinha tirado a camisa de trabalho e estava de calças e uma camiseta regata velha. — Como você tem coragem de voltar a esta casa depois de me roubar no domingo e sumir? O que é, veio pegar mais dinheiro, é isso?

— Não, *ai* ... Venancio — respondeu baixando a cabeça. Sabia que estava vermelho como um tomate de tanta vergonha. — Vou explicar, vou devolver as quatrocentas pesetas, eu...

— O que estava fazendo, bebendo e vagabundeando por aí, não é? O que foi, o mocinho não gosta de trabalhar nas colmeias? — aproximou-se dele enroscando o cinto de couro na mão.

Nancho olhou-o de soslaio e engoliu em seco. Odiava o cinto, o metal da fivela deixava marcas nas suas costas, e ele passava semanas escondendo-as com a roupa para que não caçoassem dele.

Venancio não era muito corpulento, mas Nancho nunca percebeu que já possuía altura e corpo para começar a se defender. Também não o fez dessa vez, e quando caiu no chão olhou fixamente a figura da *ama* sentada na cama, ausente, olhando pela janela. Sabia que ela não ia interceder, nunca o fez, e sempre a desculpou porque ela também apanhava de vez em quando. Ela se ergueu em silêncio, talvez para cuidar das crianças, sabendo que ele não ia conseguir fazer o jantar naquela noite.

Então seu cérebro, procurando uma imagem agradável que o ajudasse a se evadir, lembrou-se do que lhe disse a sua verdadeira mãe, o anjo de branco: “A culpa nunca é sua.”

“A culpa nunca é minha”, pensou.

Pela primeira vez na vida nada lhe importou e começou a rir. Com força, como uma libertação.

Como aquilo era bom.

Desconcertado, Venancio parou de surrá-lo um instante.

— Mas que diabo...? Será que esse garoto é imbecil? Você se atreve a vir bêbado a esta casa? — gritou.

Agora, sim, tinha se enfurecido de verdade. Bateu nele com raiva, como seu pai fazia com as mulas quando se negavam a seguir pelo caminho de pedras.

Nancho parou de rir, sabia que aquela besta só se deteria quando ele se calasse, mas pela primeira vez sentiu-se forte. Forte para mudar as coisas. Nunca pensara que isso estivesse em suas mãos.

Ficou imóvel, para ver se o assustava. Venancio logo se deu conta de que Nancho não se mexia e parou de surrá-lo, talvez ele não aguentasse tanto como pensava. Moveu-o com uma perna, tinha um pouco de nojo de se agachar, o garoto sempre lhe dera um pouco de nojo. Sua patroa tinha dito que seria útil para ajudá-los nas tarefas agrícolas quando a enfermeira veio trazê-lo, mas já nem para isso dava.

Sem saber muito bem o que fazer, Venancio largou-o jogado aos pés da cama e desceu para jantar. Depois pensaria em um castigo para que não roubasse mais nem fugisse para beber.

Nancho fitou o teto que um dia foi branco. Sentia-se expulso, mais uma vez. De uma família, de outra, de Vitoria, de Izarra. De toda parte. Como Adão e Eva, como o senhor Tiburcio tinha lhe explicado, castigados por terem cometido aquele pecado vergonhoso.

Esperou que os talheres parassem de repicar nos pratos. Agora, na escuridão, podia sorrir. Porque sim, ele tinha decidido e ninguém o impediria. Isso o fazia sentir-se bem.

Pela primeira vez se permitiu dar asas aos pensamentos sombrios que tinha cada vez que o tacanho do Venancio o insultava, cada vez que a vagabunda da sua mulher lhe ordenava fazer o jantar e mil outras tarefas, cada vez que aquelas crianças malcriadas se negavam a lhe responder.

E teve inveja, inveja daqueles gêmeos, quis ser como eles, tão bem de vida, tão asquerosamente ricos, com aquelas garotas bonitas. E decidiu que seria como eles: alguém que não se importa nem um pouco de matar uma pessoa, porque sabe que nada vai lhe acontecer.

Nancho quis aquilo, aquele poder de fazer e desfazer sem levar ninguém em conta.

Depois ouviu passos cansados que subiam fazendo ranger as escadas que ele tantas vezes tinha consertado. Por instinto retesou o corpo, mas em seguida percebeu que era a *ama* .

Ela entrou no quarto escuro e se agachou ao seu lado.

"Talvez se preocupe comigo", pensou, arrependendo-se do plano que estava armando em sua cabeça.

— Nancho, hoje estou com enxaqueca, desce logo e põe as crianças para dormir, está bem? — disse ela, sem acender a luz. — E saia logo do quarto, que vou trocar de roupa. Venancio e eu *conversamu* , e você vai devolver as quatrocentas pesetas com trabalho, vai consertar o telhado de Jose Mari, o da estrada.

— Está bem, *ama* — respondeu, só que desta vez foi diferente, agora ele sorria na escuridão, divertindo-se com uma brincadeira que ela desconhecia.

— Não me chame de *ama* , que não sou sua mãe — repetiu ela mais uma vez.

— Não se preocupe, *ama* , será a última vez que digo isso — respondeu, quase rindo, e se ergueu com esforço para deixar o cômodo.

"Depois eu volto", pensou.

Na hora seguinte, a última que passou na casa antes de apagá-la do mapa, escovou os dentes das crianças, que reclamaram do sabor do creme dental, vestiu-as com os pijamas que logo depois arrancaria, e deixou que se deitassem na mesma cama, porque na escola tinham escutado a história do Sacamantecas.

Quando por fim a casa ficou em silêncio, foi às colmeias buscar os livros escolares que queria reler até aprendê-los de cor. Nunca mais lhe chamariam de caipira.

Iria para uma cidade, os copiaria e seria como eles.

Abriu a lata vermelha de biscoitos onde o pai guardava grossos bolos de cédulas de cinco mil pesetas que não queria depositar na caderneta de poupança da Caja Vital e, depois de enfiar seus pertences na mochila grande de montanhismo que carregava quando a família subia à cruz do Gorbea, foi até o paiol, pegou os barris de diesel e saiu com seu passo tranquilo na direção das colmeias.

13 de agosto, sábado

O Twitter ferveu quando se soube que Tasio não tinha voltado à prisão. Alguns fizeram piadas e o *trending topic* da manhã foi #vioTasio. Todos diziam ter visto um sujeito com as características de Tasio nos locais mais variados. Alguns postavam fotos desfocadas ou montagens toscas de Photoshop, outros eram engraçados, uns eram macabros.

#vioTasio no bairro de Zaramaga. #vioTasio comendo uns petiscos na rua do Laurel de Logroño. #vioTasio com Elvis no lago Ness.

Malditas piadas.

Dois gêmeos desaparecidos em combate, a Polícia Nacional vigiando as fronteiras, uma operação de buscas montada em Álava e Guipuzcoa.

O pior era a sensação de não poder fazer nada mais, de ter perdido os protagonistas da obra, os quais, mesmo sem saber, talvez fossem a chave dos crimes.

Estíbaliz teve mais expediente. Não conseguia ficar quieta, então abriu os registros civis de todos os povoados da região e passou a manhã mergulhada neles, sem voltar à superfície.

— Achei um Venancio Lopidana, nascido em 1944, em Llodio, e falecido em 1989 em Izarra. O curioso é que estava casado com Regina Muñoz, natural de Izarra, nascida e falecida na mesma data, aos quarenta e cinco anos. Morreram no mesmo dia, deve ter sido uma morte acidental — disse, triunfante, assomando a cabeça ruiva à porta do meu escritório.

— Então, temos um Venancio de dezoito anos que não aparece em nenhum registro e um Venancio Lopidana com idade para ser seu pai que morreu com a mulher na época em que Blanca Díaz de Antoñana estava tentando encontrar o filho e em que os gêmeos deram uma surra num ruivo que dizia ser irmão deles.

— Se a história da sua tia-avó for essa mesmo...

— Da minha tia-avó, do coveiro e de Aitana Garmendia. Os três testemunhos são compatíveis, complementares e coincidentes no tempo,

ou seja, pelo menos os fatos que relataram ocorreram. Outra coisa é que tenham algo a ver com os crimes. Aquilo pode ter ocorrido, tiveram um trigêmeo que foi adotado ilegalmente e reclamou sua herança, deram-lhe uma surra e a coisa ficou por isso mesmo. O cara estava morto de medo, talvez agora seja um pastor no Gorbea, esteja escondido desde aquela época e continue sem documentos.

— Você acha que o Venancio jovem não tinha documento?

— Deve ser por isso que não encontramos nada sobre ele. A adoção foi ilegal, sem mediação de documentação. Um bebê entregue a pais que nunca tiveram uma gravidez. Talvez não soubessem como legitimar a situação e o criaram sem papéis.

— Que idiotas. Voltando ao assunto da morte do casal Lopidana, podemos procurar na hemeroteca e ver se houve algum acidente de trânsito em Izarra com vítimas fatais — sugeriu Estíbaliz.

— Sim, podemos. De fato, devemos, mas proponho ir a Izarra e perguntar aos vizinhos. É um lugarejo pequeno, devem conhecê-lo, acharemos alguém disposto a falar.

* * *

Passamos um bom tempo passeando por Izarra, explorando o lugar. O povoado era dividido em dois pela via férrea, a margem direita era mais moderna, com conjuntos habitacionais de três andares e lojas recentes.

Decidimos cruzar a ponte sobre a linha do trem e topamos com uma zona muito mais rural, com casinhas brancas e vermelhas simpáticas restauradas recentemente. Procuramos a igreja e encontramos uma praça onde havia vizinhos reunidos, cuidando dos netos e aproveitando a brisa fresca da tarde.

— Boa tarde, a senhora é daqui? — perguntou Estíbaliz a uma senhora de uns sessenta anos que corria atrás de um menino no velocípede tentando lhe dar um pão doce.

— Sim, sou. Estão perdidos? — respondeu, detendo-se para recuperar o fôlego.

— Não exatamente, estamos procurando alguém da família Lopidana.

— Ui... nisso não posso ajudar. Fui morar em Vitoria quando era moça, para estudar, e só voltei porque me aposentei e precisei, mas pode ser que

meu pai os conheça. Ele se chama Casto, talvez lhes diga algo. — Apontou para dois velhos que meditavam, sentados num banco.

— Senhor Casto? — perguntei, indo até eles.

— Casto já basta, que não sou o prefeito — respondeu às gargalhadas. — Tinha um prognatismo que lhe emprestava um ar de descendente da casa dos Austria, da nobreza espanhola.

— O senhor sempre viveu aqui?

— Sempre. Só saí quando convocaram os reservistas da minha geração para lutar na Batalha de Villareal.

— Então pode ser do grupo de reservistas do meu avô. — Sentei-me ao lado dele no banco quando me abriu um espaço. — Diga, o senhor conheceu os Lopidana?

— Os das colmeias?

— Esses mesmos. Venancio Lopidana e a mulher.

— Nossa! E vem perguntar por eles agora! Estão adubando as malvas do cemitério quem sabe há quanto tempo...

— Sabe se restou algum parente que se possa localizar?

— Que nada, os quatro morreram naquele incêndio.

Estíbaliz e eu nos entreolhamos.

— Os quatro? — repeti.

— Sim, Regina, Venancio, que era um animal, e os dois filhos que tiveram já velhos. Um menino e uma menina.

— Ah, não sabia do incêndio, onde foi?

— Aqui mesmo, na casa deles. — Virou o tronco e apontou para trás. — Não sobrou nada. Depois o lugar ficou em ruínas por muitos anos, até ser reformado, e construíram o Hotel Doña Lola. Leva esse nome porque está perto do teixo de dona Lola, uma árvore que sempre esteve ali e hoje é uma dessas árvores protegidas. Tem gente que vem de longe tirar fotos e vai embora, nem entra no povoado.

— E o senhor se lembra de um rapaz ruivo que vivia com eles?

— Nancho, o das colmeias.

— É, esse mesmo.

— Uma vez ele roçou meu terreno e nós lhe demos umas calças, que ficaram apertadas, porque era gorducho, mas é que na casa do Venancio não compravam roupas para ele. O rapaz sumiu antes do incêndio. Venancio soltou fogo pelas ventas, reclamou disso com todo mundo. Era

natural... ele mandava Nancho trabalhar de peão por todo lado e depois embolsava a diária.

— Sabe se... o incêndio foi investigado? Se foi provocado, se a polícia veio por aqui?

Ele deu de ombros.

— Vir, veio. Perguntaram a tudo quanto é cristão... depois foram embora e se disse que tinha sido uma faísca, que a fiação precisava de conserto e Venancio era tão miserável que não quis soltar um tostão. Veja só, pagou caro, porque era pão-duro.

— Muito obrigado, Casto. Gostei muito de conversar com o senhor.

— Até breve — disse, rindo outra vez da piada, como se estivesse certo de que, na sua idade, qualquer encontro seria o último.

* * *

Naquela tarde, fizemos uma petição para analisar o antigo relatório do incêndio de Izarra, em 1989. Aquela região de Álava estava sob a jurisdição da delegacia de Vitoria, e os expedientes antigos da província tinham sido transferidos para o térreo da sede de Lakua.

Pouco depois, o relatório chegou ao escritório de Estíbaliz e o abrimos ansiosos, como se fôssemos drogados ou ressuscitados.

O juiz abrira a investigação devido ao informe dos bombeiros de Murguía apontando indícios suspeitos de que o incêndio poderia ter sido provocado.

A Perícia Criminal se apresentou e fotografou a vivenda e as vítimas.

Segundo o relatório, encontraram os corpos de um homem e uma mulher de quarenta e cinco anos, parcialmente calcinados e nus na cama do quarto do segundo andar da casa. Foram identificados como Venancio Lopidana e Regina Muñoz.

Em outro quarto do primeiro andar encontraram os cadáveres de duas crianças de cinco anos numa cama. Apesar de os corpos estarem em piores condições devido à proximidade com o térreo, onde se originou o incêndio, ficou determinado que correspondiam a Idoia e Andoni, filhos do casal.

Duas hipóteses foram aventadas.

A primeira apontava Venancio Lopidana como suspeito de ter provocado intencionalmente o incêndio, assassinando a família e se

suicidando em seguida.

Após indagar junto a diversos vizinhos de Izarra, soube-se que tinha antecedentes de violência doméstica, embora a esposa nunca o tivesse denunciado, e ataques de fúria após algum desentendimento com vizinhos, quase sempre por disputas quanto à disposição dos mourões nos limites das suas terras, ou por pequenas dívidas no bar local. Ninguém gostava de tratar com ele, mas os vizinhos disseram que o mel que produzia era excelente.

Segundo aquela hipótese sem confirmação, Venancio teria matado os filhos e a mulher por problemas de dinheiro com diversos credores e depois teria se suicidado.

A segunda linha de investigação apontava uma falha na fiação elétrica em mal estado. Descobriram que o incêndio começara no térreo, no local de depósito de diesel, o qual pode ter sido um acelerador, no caso de ter havido uma faísca. Segundo essa hipótese, as vítimas teriam inalado os gases da combustão enquanto dormiam, ficando inconscientes e falecendo devido ao fogo.

Os corpos foram trasladados ao Instituto Basco de Medicina Legal, onde foi feita a correspondente necropsia; contudo, devido à deterioração provocada pela alta temperatura do incêndio, mal puderam ser identificados.

Ninguém se apresentou para reclamar os corpos, e a investigação foi arquivada.

Respirei fundo antes de examinar as fotografias. As imagens dos cadáveres em cinzas eram muito duras. Mas dessa vez valeu a pena passar aquele mau bocado, porque, ao ver os corpos de Venancio e da mulher, ou o que restava deles, pela primeira vez soube que estávamos indo na direção correta.

Para a frente, dessa vez.

— Esti, veja. — Assinalei as mãos empretecidas. — Isso pode ser o início de uma série.

Ali estava de novo o famigerado gesto das mãos nas faces um do outro. Venancio e a mulher tinham morrido com as mãos nessa posição. Fechei os olhos e pensei numa imagem fresca, no faial na curva de Bajauri, qualquer coisa que apagasse o que acabava de ver, para que um Venancio carbonizado não se infiltrasse nos meus pesadelos.

— Procure as fotos das crianças, para ver se é possível distinguir os detalhes das suas cabeças — disse minha parceira, contendo a respiração.

Eu não queria olhar as fotos do menino e da menina, preferi pensar que não seria necessário. Às vezes sou assim, muito pueril, eu sei.

Vesti cinco capas de indiferença do melhor modo que pude e expus o arsenal de fotos.

Achamos as que ofereciam melhor ângulo e ali estavam: deitadas juntinhas, as crianças acariciavam o rosto uma da outra com a mão oposta.

— Talvez tenha começado assim — pensei em voz alta. — Talvez tenha sido o seu primeiro crime, e depois foi refinando a coisa até montar a parafernália que conhecemos hoje, mas os elementos básicos aí estão: casais nus consolando-se mutuamente com as mãos, abelhas, teixo... Será que o jovem Nancho usou as abelhas primeiro para introduzi-las na boca e matá-los, ou os terá envenenado com teixo... Os cadáveres estavam carbonizados, é natural que as necropsias não detectassem isso.

— Talvez não tenha sido necessário, talvez da primeira vez tenha sido suficiente provocar o incêndio no térreo com um combustível potente. Mas pode ter passado anos ruminando sobre o primeiro crime e usado os elementos que conhecia bem: o veneno de teixo e as abelhas — respondeu minha parceira.

— Você reparou nas idades?

— Que idades?

— As crianças não são da mesma idade, mas havia pouca diferença entre elas, ambas tinham cinco anos. Venancio e a mulher também eram da mesma idade: morreram aos quarenta e cinco anos. Não é estranha essa obsessão?

— Puta que pariu — sussurrou Estíbaliz.

— De qualquer modo, quero conversar com testemunhas oculares do incêndio.

Peguei o expediente outra vez e procurei o nome do chefe da equipe dos bombeiros que acudiu à residência para sufocar o incêndio: María Jesús Letona.

— Ora, que incomum. Uma mulher comandando uma equipe de bombeiros há vinte e cinco anos — comentou Estíbaliz.

— Foi ela quem redigiu o relatório, porque encontrou indícios de intencionalidade criminosa. Depois, a Perícia Criminal demonstrou pouco

interesse em esclarecer o caso. Se estiver viva e a acharmos, seria interessante conversar com ela.

— Vamos ver o que há na base de dados.

Estíbaliz pulou da cadeira e começou a procurar no computador. Estava tão aliviada quanto eu de deixar para trás a situação macabra espalhada sobre a mesa.

— Tchanan! Sessenta anos, continua morando perto de Murguía, consta como ilustradora de histórias infantis. Nossa! Isso é que é mudar de profissão — exclamou. — E se eu ligar para marcar uma visita?

* * *

A casinha de pedra de María Jesús ficava um pouco isolada do povoado, na direção do Parque Nacional do Gorbea. Parecia ter sido um antigo moinho d'água, pois se erguia acima do rio Ugala e ainda estavam lá o enorme eixo vertical de madeira e o disco de pedra de várias toneladas que, um dia, deve ter girado dia e noite sem parar com a força de uma corrente que, agora, estava reduzida a um riacho.

María Jesús nos esperava ao lado de um grande carvalho na entrada do terreno, perto de uma bonita horta, tão bem cuidada quanto a dona.

Era uma mulher de sessenta anos, de cabelo fino, branco e curto como um ratinho do campo. Tinha o sorriso tranquilo dos que não vivem com pressa nem olhando o celular e óculos com armação de boa qualidade e lentes antirreflexo, que indicavam que não ganhava mal com os contos infantis.

— Boa tarde, María Jesús. Obrigada por nos receber — apresentou-se Estíbaliz, estendendo a mão com um sorriso. — Esse é o meu parceiro, o inspetor Ayala. Eu sou a inspetora Gauna.

— Chamem-me Txusa, por favor. Querem tomar um chá da serra? Eu mesmo colhi a erva. Quase despenquei — riu —, então não podem se negar, pois quase me custou a vida.

— Pois vamos ao chá — aceitei sorrindo.

Nem entramos na casa. O pátio dos fundos era agradável, com uma brisa agitando os ramos dos carvalhos, e nos sentamos ao redor de uma mesa verde de ferro fundido.

Txusa serviu um chá dourado, tão perfumado que parecia que estávamos comendo o pico de um monte aos bocados.

— E o que os traz por aqui, tanto tempo depois? Inspetora — dirigiu-se a Estíbaliz —, a senhora comentou por telefone que queria conversar sobre o incêndio da vivenda de Venancio Lopidana em 1989, não é isso?

— Sim, devo dizer que fiquei muito surpresa ao encontrar um nome de mulher naquele relatório.

Ela deixou o chá sobre a mesa, um pouco irritada.

— Mais gente que vem me perguntar o que fazia como chefe dos bombeiros?

— Pelo contrário, Txusa — tentou esclarecer Estíbaliz. — Você tem todo o meu respeito desde que li o relatório. Imagino que vinte e cinco anos atrás era preciso ter peito para mandar numa equipe de homens.

Ela deu de ombros.

— Gostava de fazer aquilo e queria ajudar com a praga dos incêndios. Naqueles anos, os verões foram terríveis, toda hora chegavam avisos de incêndio. Só isso. Mas depois do crime dos adormecidos, todos me trataram como louca e perderam o respeito por mim na Autoridade Provincial. Nos incêndios seguintes, houve problemas de insubordinação que puseram todos em perigo, então, com toda a impotência do mundo, decidi sair e esquecer aquilo. Agora ilustro contos infantis. É muito mais tranquilo.

— Desculpe, você disse "o crime dos adormecidos"?

— Sim, foi como o chamei. Desde o instante em que chegamos para apagar as chamas que restavam, para mim ficou claro que tinha sido um crime. Foi um incêndio muito rápido, devido ao depósito de diesel, que serviu de combustível. Mas vi tantos detalhes estranhos que fiz o relatório e avisei Vitoria, pedindo que mandassem os peritos criminais. Eles não enxergaram tão claro quanto eu e simplesmente me ignoraram, até que me cansei. No corpo de bombeiros foi pior, disseram que estava louca e conseguiram que renunciasse ao cargo. Para alguns tinha sido um fio desencapado; para outros, Venancio Lopidana tinha se suicidado, levando a família consigo. Mas havia coisas do senso comum que não encaixavam: tinha nevado, os pijamas das crianças e dos pais estavam do lado de fora da casa, debaixo das janelas, como se alguém os tivesse atirado lá fora. Disseram que estava tudo sujo e bagunçado, que era roupa velha, mas acho que alguém os despiu, quem dorme sem roupa em Izarra em época de nevasca?

— Nas fotografias do relatório não vimos os pijamas a que se refere — interveio Estíbaliz.

— Quando os técnicos chegaram, insisti para que os fotografassem como prova, mas me ignoraram dizendo que aquilo era trabalho deles, que eu não devia me meter. Para eles era roupa suja. Mas estava bem debaixo das janelas dos dois quartos. Vejam, não quero fazer o trabalho de vocês, mas provocar um incêndio esvaziando o depósito de diesel, subir ao primeiro andar, despir os filhos adormecidos, jogar os pijamas pela janela, subir ao segundo andar, tirar a camisola da mulher, despir-se, atirar a própria roupa pela janela, se enfiar na cama e colocar-se naquela posição para esperar a morte... é o suicídio mais estranho que já vi na vida.

— É verdade — comentei.

— Sabem, Venancio era um bruto, um sujeito muito tacanho, essa gente só costuma ter a ideia de pegar a escopeta, dar quatro tiros na família e depois se matar enfiando o cano na boca e disparando. É como costumam fazer, sem complicações nem muita imaginação. Para que simular um incêndio se você vai junto com a família para o outro bairro?

— Diga, Txusa: você conheceu Nancho, o rapaz ruivo que vivia com eles?

Ela deu de ombros.

— Não, conheci Venancio, que vinha à feira de Murguía às quintas-feiras com mel, mas vinha sozinho ou com a mulher. Não sabia nada da vida dele, nem onde vivia em Izarra nem que tinha dois filhos pequenos. Era apenas um comerciante de produtos naturais. Por quê, é importante?

— Ainda não sabemos — respondeu Estíbaliz, levantando-se. — É preciso prosseguir com a investigação, mas agradecemos muito o seu ponto de vista. Se recordar algum detalhe importante, já tem o meu telefone, certo?

Deixamos aquele oásis verde um pouco a contragosto, mas levamos umas sacolas com chá do porto que perfumaram o caminho de volta a Vitoria.

— Parece que tudo está muito claro para Txusa — comentou Estíbaliz enquanto dirigia. — Nem suicídio nem acidente.

— Fiz todas as pesquisas que pude. A questão é: como achar um fantasma indocumentado?

"Talvez", pensei, "seja hora de pedir ajuda à cavalaria."

16 de agosto, terça-feira

Despertei na hora de costume. Devo ter sonhado que o interfone tocava e Alba vinha à minha casa dormir, ronronar, qualquer coisa. Entretanto, deve ter sido um devaneio, pois fiquei bem quieto, esperando ouvir a campainha de novo, e isso não aconteceu.

"O que você está fazendo, Unai?", questionei-me.

Como todas as coisas importantes nessa vida, aquilo não fazia muito sentido.

Peguei o celular e mandei uma mensagem.

"Você está correndo?"

"Estou."

"No passeio do Batán, junto ao riacho, em vinte minutos."

"Nos vemos lá."

Quando cheguei, Alba estava junto ao leito do córrego, perto de uns choupos. O caminho estava escuro e não pude distinguir sua expressão.

— Precisamos conversar, não é? — adiantei-me, apoiando-me no encosto de um banco ao lado dela.

— Sim, está muito difícil continuar assim, Unai. Encontrando-nos de madrugada, procurando lugares vazios para estar juntos, como se fôssemos estudantes... A sua casa não é uma opção, é central demais, um dia alguém vai me ver entrar e todos saberão. Estamos cuidando de um caso midiático, e uma infidelidade da subdelegada com o inspetor nos poria na berlinda... — Ela baixou a cabeça e prosseguiu. — Para não falar do custo pessoal e do meu casamento.

— O seu casamento... Diga-me, Alba. Nunca perguntei, você é feliz no casamento?

— Sim, sou razoavelmente feliz.

— Razoavelmente?

— Sim, razoavelmente feliz e razoavelmente infeliz. Como todo mundo, Unai.

“Tudo bem”, pensei. Aquelas palavras não indicavam a intenção de romper com o marido.

— Eu também não quero seguir assim — confessei. — Não quero me esconder, não quero que nos ocultemos como ladrões. Não quero ser a terceira pessoa numa relação. Continuar comigo significa romper com seu marido. Nem você e eu, nem o que pode haver entre nós, merece ser transformado em algo sujo, em mentiras diárias para todos à nossa volta. Não sou assim, não quero ser assim.

— Eu também não, Unai.

Levantei-me. Já ia amanhecer e o dia ia ser complicado.

— Suponho que isso seja uma despedida. Continuaremos trabalhando como se nada tivesse acontecido e vou mudar minha rota de corrida, para tentar não coincidir com você, está bem?

Ela assentiu, encarando o tronco de um choupo.

— De acordo, só que...

— Quê?

— Não me olhe tão intensamente no escritório.

“Não olhar para você, não tocar em você, não respirar o seu feromônio quando você está por perto”, pensei. “Tudo bem.”

— Está certo, subdelegada — respondi, com os olhos nos meus tênis.

Ela saiu na direção oposta à minha, balançando a trança. Quando ficou pequena a ponto de já não poder vê-la, descarreguei atirando pedras no rio com tanta força que acabei com o ombro direito dolorido.

* * *

Tinham se passado vários dias, e eu seguia buscando um rastro confiável de Nancho Lopidana. Demorei a decidir, mas acabei ligando para o número de ouro da minha velha amiga. Eu já lhe devia vários favores com este caso, por isso hesitava em recorrer a ela. Cedo ou tarde Golden pediria algo em troca, algo ilegal relacionado à sua aposentadoria, à sua herança... Algo que comprometeria o meu trabalho, eu sabia, mas estava desesperado com a capacidade do fantasma ruivo de escapar cada vez que nos aproximávamos de uma pista sólida.

“É a taxa que você tem a pagar, Unai”, tentei me convencer. “Nada é de graça.”

— Golden, preciso que encontre algum registro que me leve a um tal Nancho ou Venancio Lopidana, nascido nos anos setenta. Ele não consta no Registro Civil. É fruto de uma adoção ilegal, então suspeitamos que tenha vivido indocumentado pelo menos até os dezoito anos. Concentre-se em Pamplona e Navarra. Em Álava já procuramos e não achamos nenhuma pista no registro eclesiástico nem nos colégios da região.

— Serei criativa, Kraken, deixe comigo. É urgente?

— É para ontem.

— Assim você não vai chegar à velhice, meu amigo.

"Não é a minha prioridade", pensei.

— Está falando com quem? — interrompeu-me Estíbaliz, abrindo a porta do meu escritório.

— Com o meu irmão — menti.

— Mande um beijo, talvez um dia eu passe pelo escritório dele.

— Germán, Esti está mandando um beijo. Vou desligar.

Golden riu do outro lado da linha e desligou.

— O que há, Esti? Alguma novidade?

— Acho que sim. Os arquivos do *Diario Alavés* são uma mina de ouro. Lutxo me deixou pesquisar lá. Veja tudo o que encontrei da pré-história familiar dos gêmeos Ortiz de Zárate.

Ela veio à minha mesa com várias fotocópias e espalhou-as como um crupiê separando os naipes no feltro.

— Javier Ortiz de Zárate foi internado na Clínica Vitoria por ter ingerido algo tóxico em 1970, um ano antes do nascimento dos gêmeos. Foi publicada uma nota breve, mas não foi a única coisa estranha que ocorreu com o triângulo amoroso de Javier, Blanca e o doutor Urbina. Veja esta notícia — disse, apontando outra fotocópia, com data de 1971, semanas após o nascimento dos gêmeos.

Tal como minha tia-avó havia contado, o doutor Urbina virou fumaça, e a esposa denunciou o seu desaparecimento.

— Viu só? As lembranças da minha tia-avó estão intactas. Agora temos uma prova de que aquilo aconteceu. O médico foi embora por conta própria ou alguém deu cabo dele, e isso teve relação com o nascimento dos gêmeos, ou melhor, dos trigêmeos.

Esti sentou-se e observou concentrada a exposição de notícias antigas.

— Kraken, estou pensando numa hipótese que até agora não levamos em conta, mas... e se for o doutor Urbina quem está se vingando e

assassinando essa gente toda? E se ele tiver simulado o seu desaparecimento?

— Isso suporia que tivesse criado uma nova identidade, então imagina o pesadelo que seria encontrá-lo tantos anos depois. De qualquer modo, minha tia-avó deu a entender que por trás do desaparecimento estava o industrial, o marido de Blanca.

— Tudo bem, mas, por um momento, pense que seria possível — insistiu. — Aonde levaria essa suposição?

Tentei imaginar aquilo por um instante, mas não enxerguei nada claro.

— Acho que ela tem as pernas curtas demais. Se ele fosse o assassino, acha que permitiria que Tasio, um dos seus filhos, carregasse a culpa por mais de duas décadas?

— É seu filho, mas os gêmeos foram criados adorando quem pensavam ser o pai deles, e não esqueça que, sendo amante da esposa, o doutor Urbina poderia estar por trás do envenenamento do industrial. Lembre-se de que os gêmeos deram uma surra tremenda no ruivo quando ele contou quem era o verdadeiro pai deles. Talvez esteja se vingando em nome do filho.

Sim, poderia ser. Poderia ser, mas não estava convencido.

— Esti, acho que esse homem ou está morto e enterrado por cortesia de Javier Ortiz de Zárate ou está fugido há quarenta anos e adotou outra identidade. Agora teria setenta e cinco ou oitenta anos, teria que ser um velho muito vigoroso para ter esse pique de sair por aí matando casais dia sim, dia não.

Ela ainda levou um tempo analisando os recortes de jornal, e por fim se rendeu.

— Muito trivial, eu sei. Mas seguimos no escuro. E o que você estava fazendo? — perguntou distraída.

— Deixei uns fios soltos quando o caso começou e ainda estávamos tateando: você se lembra da Dama de Pedra, a diretora do canal independente que Ignacio mencionou quando fomos ao apartamento dele no dia da apresentação do Slow Food?

Faltava dar solução a outra linha de investigação: o assunto desagradável de quem tinha vazado para Lutxo as imagens da menina de quinze anos com os gêmeos. Mas pensava me ocupar disso mais tarde, com calma, sabendo como abordar o meu querido amigo.

— Sim, a tal Inés Ochoa. Você teve tempo de falar com ela? — perguntou Estíbaliz.

— Não tive o prazer. Vou procurar os dados e entrar em contato. É alguém que conheceu e trabalhou com os gêmeos justamente quando os crimes ocorreram. Talvez ela tenha uma visão interessante desse assunto.

Fiz uma pesquisa no computador e ela apareceu em seguida. Telefone, data de nascimento, identidade, endereço... Tive de ler mais de uma vez o endereço, porque fiquei estatelado: Inés Ochoa vivia na Plaza Nueva, no quarto andar do edifício ao lado do bar do Desportivo Alavés, então as suas janelas davam literalmente para a região da praça da Virgen Blanca, diante das minhas.

Não comentei isso com Estíbaliz, como contaria?

"É que talvez tenha me visto com a subdelegada, quando estávamos dando um amasso no telhado, diante da casa dela, mas não se preocupe, não tem nada a ver com o caso nem com o fato de que mataram a minha cunhada e o seu irmão no crime seguinte."

— Achou? Quer que eu vá com você?

— É que vou aproveitar e encontrar o Germán, ele anda muito pra baixo. Você entende, né?

— Claro, almoçarei sozinha, não se preocupe.

Fui embora do escritório me sentindo um mau parceiro, mas liguei para a Dama de Pedra, que estava em casa, então não lhe dei a opção de escolher outro lugar para a nossa entrevista. Queria saber o que via das suas janelas brancas.

Cheguei ao edifício, toquei a campainha e subi a escada até o quarto andar, depois de cruzar com um ser estranho: uma espécie de gigante mal-humorado.

Ele não se deu o trabalho de me dar passagem na escada, perto do último andar. Olhou-me com certa hostilidade e respondeu à minha saudação com um grunhido. Tinha um físico de halterofilista: uns cento e oitenta quilos, pescoço de touro e a cabeça chata não muito grande.

— Não ligue — comentou Inés Ochoa, parada no umbral da porta, alguns metros acima da minha cabeça. — Isso é o mais amável que consegue ser.

— É seu...?

— Irmão, sempre cuidei dele. Não é exatamente bacharel em física quântica, mas é obediente.

— Ah... — sussurrei enquanto anotava.

— Entre, inspetor. Ia sair, mas vi que tem pressa em falar comigo.

Entrei no apartamento e não pude evitar olhar ao redor. A Dama de Pedra era uma cinéfila inveterada. Tudo naquelas quatro paredes remetia aos filmes em preto e branco. Havia cartazes ao longo do corredor e manequins com vestidos parecidos com os que Lauren Bacall ou Veronica Lake usaram naquele tempo.

— Vejo que gosta de cinema.

— *Noir* , bem *noir* — respondeu ela displicentemente, acendendo um cigarro. — Vamos direto ao ponto, se lhe parece bem.

Inés Ochoa tinha mais de sessenta, o cabelo cortado reto até o queixo num duvidoso tom louro-acinzentado e gestos um tanto bruscos, a mão era rápida ao fumar, como se sempre tivesse pressa para resolver alguma coisa.

— Quero que me fale tanto de Tasio quanto de Ignacio e da época em que os conheceu. O que pode me dizer a respeito deles? — perguntei, sem aceitar o convite para sentar em seu sofá cor de sangue.

Preferi ficar de pé e passear pela sala enquanto tentava me aproximar disfarçadamente da janela.

Enquanto isso, Inés se envolveu num monólogo em que soltava a expressão índice de audiência três vezes por minuto. Começou a explicar o contrato que assinou com Tasio, o aumento da audiência dos programas, as cláusulas que ele rompeu quando foi para a rede nacional...

Ela era uma dessas pessoas monotemáticas, que viam tudo pelo prisma da profissão. Não me deu um só detalhe que não tivesse relação direta com o funcionamento do seu canal de televisão.

— Acha que Tasio era o gêmeo dominante? — interrompi o monólogo, forçando-a a dizer algo mais pessoal ou, ao menos, subjetivo.

— Certamente. Tasio era um alfa, dominador. Ignacio era muito beta com ele, era como o executor. Um apontava, o outro agia. Um fazia planos, Ignacio era bom levando-os adiante.

— Um era o cérebro e o outro a mão?

— Sim, claro que sim. Havia uma submissão estranha entre eles, dependência em excesso.

— Mas as pessoas admiraram o modo como ele sacrificou o irmão — acrescentei, só para esticar o fio da conversa e ver até onde ia.

— Não se iluda, todos tinham um prazer perverso em vê-lo na televisão depois do ocorrido. Era tão idêntico a Tasio...

— A senhora também foi criticada por tirar partido deles.

— Sabia que a imprensa sacrificaria Ignacio, e na verdade esse foi o principal motivo para ele se negar a assinar o contrato para um programa no canal.

— E sabia também que a polêmica lhe traria audiência.

— Mas não teria sido possível se ele não tivesse cedido. Ele queria mudar de profissão, tinha dinheiro, mas precisava manter a cabeça ocupada. Eu o mantive ativo nos primeiros momentos, quando tudo foi mais difícil para ele.

— Queria mudar de profissão? Pensei que tinha entrado para a polícia por vocação — argumentei, sem entender.

— Talvez no início, mas eu sabia que queria deixar de ser policial, me confessou no primeiro dia em que nos reunimos após a prisão de Tasio, ele ficou muito abalado. Não queria saber de assassinatos, detenções, não queria voltar à delegacia. Teve uma espécie de estresse pós-traumático que dissimulava diante dos médicos e nunca se tratou. Era desses homens típicos que achavam que isso os faria parecer fracos. À noite despertava suado, gritando o nome do irmão, e se encolhia na posição fetal, tremendo, como se esperasse uma surra. Nunca vi ninguém viver com tanto medo como ele naquela época.

— Acaba de confessar que eram amantes.

Ela se empertigou e soltou fumaça no ambiente.

— Eu não disse isso.

— Talvez não conscientemente, mas fez uma descrição pormenorizada do que vive o companheiro de cama de alguém com estresse pós-traumático.

— Não quero que isso saia daqui. — Alterou-se pela primeira vez. — Não o autorizo a falar disso.

— Então, agora que entramos num terreno mais pessoal, diga-me uma coisa: também se deitava com Tasio? Foi o que aconteceu? Ele era a estrela do canal e foi para o canal nacional, abandonou-a, e a senhora o trocou pelo duplicado?

"Será que existe alguém que esses caras não pegaram em Vitoria?", pensei.

— Claro, eu matei aquelas crianças para aumentar a audiência do programa, e quando Tasio me abandonou pela rede nacional incriminei-o e seduzi o irmão gêmeo... É o que o senhor pensa?

— Isso é uma confissão? — pressionei-a.

— Eu deveria procurar um advogado?

— Não, por enquanto, não — respondi, sabendo que era a primeira coisa que ela faria assim que eu fosse embora.

— Acho que errou de culpado.

Aproximou-se da janela e observou a praça da Virgen Blanca.

Onde tinha ouvido isso antes? Nem lembrava mais.

— A que se refere? — perguntei aproveitando o momento para me aproximar por trás dela e observar por cima do seu ombro.

Senti um calafrio na espinha. Em linha reta, a uns vinte metros aéreos, viam-se as telhas alaranjadas do meu telhado. Não teria sido difícil avistar dois corredores encapuzados entrando no prédio às seis da manhã se ela estivesse acordada àquela hora e olhando atentamente pela janela.

— Foram crimes midiáticos — continuou ela —, mas talvez não deva se deter em mim nem no meu canal, e sim em outros meios de comunicação.

— Continuo sem entender.

— Refiro-me à imprensa escrita da cidade, da guerra que houve entre os dois diretores dos jornais, aqueles corvos que há décadas não saem dos seus escritórios. Eles manipularam a opinião pública mais de uma vez durante o caso, fizeram as pessoas acreditarem no que queriam. Vitoria pensava o que eles queriam que pensasse e suspeitava de quem apontavam nas suas páginas. Acho que quem controla a redação tem o poder de transformar um desgraçado em santo e fazer cair quem ele quiser, mesmo que seja o homem mais honrado do mundo. E os diretores dos nossos veneráveis jornais não são precisamente amadores nesse quesito.

Inés Ochoa não era nova criando e projetando cortinas de fumaça, era uma manipuladora hábil que naquele momento sentia-se acuada, mas é verdade que saí dali pensando em alguns aspectos que até então tinha preferido ignorar. E não estava pensando exatamente naqueles dois coroas à frente dos dois jornais vitorianos, e sim em alguém mais próximo de mim.

Pensava em Lutxo pela segunda vez naquela terça-feira. Pensava nele.

Talvez devesse falar outra vez com meu amigo jornalista, mas cara a cara, não por telefone, para que não pudesse se evadir.

Porque foi Lutxo quem me deu a pista do Eguzkilore, ele me fez suspeitar do irmão de Estíbaliz desde o início. Sabia muito bem onde morava a minha cunhada, contava com a confiança dela. Lutxo era bom manipulando as pessoas, um jornalista com sua habilidade teria a desculpa perfeita para abordar jovens com o pretexto de entrevistá-los. Podia pedir que subissem no furgão do jornal para levá-los à sede da General Álava, que todos conheciam, para a suposta entrevista. Talvez soubesse do uso da droga para administrá-la, o próprio Eguzkilore poderia tê-la fornecido. Com a credencial de jornalista, um repórter podia entrar mil vezes na Catedral Velha, na Casa del Cordón e ir às marquises de San Miguel durante as festas.

Cheguei à praça da Virgen Blanca e estava indo para casa quando recebi uma ligação de Golden.

Olhei a tela surpreso.

— Já? — espantei-me.

— Você disse que era para ontem, então estou dezesseis horas atrasada.

— Golden, você precisa vir trabalhar regularmente com os nossos dados.

— Bem que você gostaria.

— Mas, então, você achou mesmo o cara? — perguntei, sentando-me num banco de madeira que rodeava o monumento à Batalha de Vitoria.

No alto, em pedra, uma criança de maria-chiquinha que já não tinha nariz e a mãe dela me fitavam sérias.

— Há um Nancho Lopidana aprovado no ensino secundário noturno numa escola de Pamplona, no início dos anos noventa. Não há outra pista. É curioso, porque procurei na base de dados do Ministério da Educação e só há isso. A escola era pública, ele obteve a nota mais alta, mas não prosseguiu os estudos, não estudou outra coisa nem fez o módulo de Formação Profissional, que era o habitual quando um adulto queria se formar estudando à noite.

— Diga, a escola ainda existe?

— Foi repaginada como academia preparatória para concursos, mas, do jeito que andam as coisas, não creio que tenham muito trabalho.

— Verificou o endereço?

— Fica na zona antiga, junto aos Correios.

Golden me deu o endereço e o número, olhei na internet e vi que a Academia Hemingway estava aberta inclusive em agosto para grupos de reforço.

Liguei para a minha parceira para dar a boa notícia. Precisávamos daquilo.

— Esti, vamos agora mesmo a Pamplona. Finalmente há uma pista confiável do nosso Nancho Lopidana.

16 de agosto, terça-feira

A academia ficava no térreo no centro histórico de Pamplona e conservava certo encanto vetusto com carteiras geminadas de madeira dos anos cinquenta, inclinadas em trinta graus, ainda com o furo para o tinteiro obsoleto.

Quando entramos, uma mulher de idade pediu silêncio pondo o dedo nos lábios. Um par de estudantes distraídos fingia preencher simulados de algum concurso. Na última fileira, um garoto de uns doze anos jogava Minecraft com o celular no modo silencioso entre as pernas. A avó não percebeu ou fingiu não perceber.

— Venham ao meu escritório — sussurrou —, para não desconcentrar os jovens.

Estíbaliz e eu seguimos aquela mulher pequenininha que se movia com agilidade e rapidez entre as carteiras, acostumada a se esquivar diariamente.

O escritório tinha uma coleção de arquivos que iam dos mais amarelados aos brancos de plástico atuais. Eu diria que seria possível acompanhar a evolução de meio século de material de escritório observando as estantes atrás dela.

— Vieram trazer o filho? A essa altura é um pouco tarde, o verão já está quase acabando, mas algo se pode fazer. Sempre se pode fazer algo com esses jovens. Na maioria dos casos o que falta é inculcar-lhes o hábito do estudo — disse ela, tomando assento numa cadeira grande que deixava suas perninhas penduradas a dez centímetros do chão.

Estíbaliz e eu nos entreolhamos constrangidos e tentamos desfazer o equívoco.

— Não, por favor, não somos... Quer dizer, não viemos matricular nosso filho nem nada disso. Viemos de Vitoria, estamos investigando um caso que nos trouxe até aqui. Sou a inspetora Ruiz de Gauna.

— Ora, não esperava por isso. Um dos meus alunos se meteu em confusão, foi isso?

— Na verdade, estamos procurando um aluno que tiveram há muitos anos, em 1989 ou princípios dos anos noventa. Consta que obteve o diploma de Educação de Adultos aqui. Vocês eram um centro de formação oficial, não é assim?

— Isso mesmo, e agora oferecemos o diploma da Educação Secundária Obrigatória, a ESO, porque isso de dar aulas para concursos vai nos arruinar. — Ergueu-se da cadeira enorme. — Podem me dar um detalhe mais concreto do estudante?

— Chama-se Nancho ou Venancio Lopidana — esclareceu Estíbaliz. — Imagino que não se lembre dele, mas talvez possa consultar as matrículas.

— Nancho Lopidana... Claro que me lembro. Que boa pessoa, que bom aluno. Foi um orgulho, com as suas notas no exame ele fez subir a média da academia — comentou, fitando nostalgicamente a parede repleta de diplomas. — Deixem-me procurar a ficha dele nos arquivos. Terei de procurar ano a ano. Vai demorar um pouco.

A velha professora encarou a parede de arquivos atrás dela e resolveu começar por uma estante à altura do seu rosto.

— Vejamos...

Pôs os óculos de meia-lua presos por uma correntinha prateada e começou a folhear as páginas minuciosamente, molhando a ponta dos dedos cada vez que meneava a cabeça depois de revisar um aluno.

Espichei um pouco o pescoço e vi que as fichas de matrícula estavam preenchidas a mão; todas tinham uma fotografia três por quatro.

— Quer ajuda? — ofereceu-se Estíbaliz.

— Não, obrigada. São dados confidenciais dos alunos, não quero quebrar as regras — murmurou.

Com os olhos perguntei à minha parceira se deveria intervir, mas ela respondeu em silêncio que ficasse de boca fechada. Era melhor que a docente longeva continuasse receptiva e colaborando.

Uma hora e meia depois, quando as luzes amarelas dos postes da parte antiga da cidade se filtravam pelas janelas opacas da escola e eu estava prestes a falecer por falta de atividade cerebral, o dedo da velha tremeu, cravado verticalmente num ponto do papel, como se fosse a mira de um alvo.

— Nancho Lopidana, aqui está! — exclamou triunfante.

— Podemos ver a foto? — perguntei, saindo daquele torpor.

— Só que... é que não há foto — respondeu, um tanto confusa.

— Como não tem foto? E a identidade, pode nos dar o número?

Ela pegou a ficha nas mãos e enrubesceu.

— Tudo bem, ele era um bom aluno, a senhora confirma que estudou aqui e ele obteve o diploma da ESO para maiores de dezoito anos, mas por que não há uma fotografia nem a identidade? — pressionei-a.

— Vejam, costumo cumprir as normas, mas às vezes a gente fica de coração partido e é preciso ver o lado humano e abrir exceções, não acham? — apelou, nervosa.

Sabia exatamente aonde ela queria chegar e quais seriam suas considerações.

— Não viemos lhe trazer problemas, mas obter uma informação importante para uma investigação que estamos fazendo. Seja qual for o trâmite burocrático que a senhora violou há vinte e cinco anos, prometo, com a minha parceira aqui presente, que não temos a menor intenção de informar o Ministério da Educação nem qualquer autoridade competente.

"Além disso, o delito de falsidade ideológica em que a senhora incorreu já prescreveu", falei comigo mesmo.

— O senhor me dá a sua palavra? A escola está em nome do meu filho, embora, como pode ver, ele não apareça muito por aqui e eu continuo cuidando...

"Embora já esteja mais do que aposentada."

— Não gostaria que fechassem a escola, é a única fonte de renda do meu filho.

— Não haverá registro de nenhuma irregularidade, mas é preciso que a senhora explique por que alguém tão apegado às regras deixou um aluno fazer o exame oficial sem o documento de identidade.

— Porque o pobre não tinha documentos. Nunca tinha visto aquilo: um rapaz de quase vinte anos, nascido aqui ao lado e sem papéis. Não consegui que me contasse sua história familiar, mas bastava vê-lo nos primeiros dias, quando chegou a Pamplona e se matriculou, para perceber que vinha de uma família problemática e sem recursos. Ele só queria se formar, ter a educação que ninguém tinha lhe oferecido. Sabem, não quis ser a bruxa que o impediria. Acho que chegou à Academia Hemingway depois de visitar todos os centros de Pamplona e ver que todos pediam

documento de identidade, mas não fui capaz de rejeitá-lo, e não me arrependo.

Engoliu saliva e baixou a cabeça, como uma criança flagrada desobedecendo.

— Vamos deixar claro que falamos da mesma pessoa: poderia descrever Nancho Lopidana fisicamente?

— Quando chegou, era um rapaz bem rechonchudo, mas ao longo do ano foi emagrecendo visivelmente e, na verdade, isso lhe deu mais autoconfiança, ele se tornou um pouco mais aberto. Não era muito alto, como o meu filho, acho que devia medir um metro e setenta e pouco. Nem alto como o senhor nem baixo como ela, não sei se estou sendo claro. O cabelo como o da sua parceira, laranja, falava com muitos regionalismos que fui corrigindo enquanto ele estudou aqui. Digamos que me empenhei para que não parecesse tão caipira. Também trabalhamos muito a caligrafia, pois ele tinha a letra grande demais, como a de um pré-escolar. Mas era um leitor voraz, contei-lhe uma história da relação do meu avô com Ernest Hemingway e ele começou a ler toda a obra dele, ia ao Café Iruña... Sempre lembro dele com um exemplar de *Por quem os sinos dobram* debaixo do braço; dizia que queria ser editor, para reescrever o que os outros faziam mal por impulso. Lembro dessa resposta porque me pareceu muito curiosa. Era uma criança grande, muito maduro e muito responsável para a idade. Era impossível não gostar dele.

— Poderia nos dar mais dados sobre Nancho? Onde vivia enquanto estudou na academia?

— Na pensão estudantil da rua Amaya. Também fica no centro histórico, a uns quarteirões daqui.

Ela nos deu a ficha para anotarmos o endereço que constava como o domicílio dele.

— Sabe o que fez quando passou na prova, o que pretendia fazer?

— Pretensões? Claro, queria continuar estudando, fazer a prova de acesso à universidade e estudar letras. Ele gostava muito de história. Mas aqui não chegou a se matricular para a prova. Nunca entendi por quê, depois do favor que eu lhe fiz com... já sabem, com o assunto da identidade. Às vezes a gente se afeiçoa aos alunos, e na verdade me entristeceu não saber mais dele. Não sei se foi para outra academia, ou se mudou de planos e não foi à universidade.

A mulher consultou o relógio e se levantou para se despedir dos três alunos restantes. Depois a ajudamos a abaixar a pesada porta de metal enferrujado. Fiquei me perguntando como alguém tão leve tinha sido capaz, durante todos os dias da sua longa vida, de enrolar e desenrolar uma grade com o triplo do seu peso.

— Ouçam, se encontrarem Nancho mandem-lhe saudações da Academia Hemingway, tomara que tenha estudado e se tornado alguém importante na vida. Ele merecia.

Constrangidos, Estíbaliz e eu nos entreolhamos ao nos despedirmos da velha.

— Está tarde, devíamos voltar para Vitoria — disse Estíbaliz quando percorríamos as ruas de pedra do centro histórico.

— Se quiser, volte de carro, vou aproveitar que estamos aqui para visitar a pensão.

— Não, eu fico também. Vamos lá.

— Estíbaliz, estou pensando em dormir nessa pensão estudantil se houver quartos disponíveis a essa altura do mês. Será bom tomar distância e me afastar um pouco de Vitoria. Você tem alguém te esperando esta noite, não seja tola. Amanhã pego um ônibus e volto cedinho.

— Não quero soltar a pista desse infeliz do Nancho. Agora sabemos que ele é real, então está decidido: ficamos. Onde você disse que ficava a pensão? — Ela consultou o Google Maps no celular.

— Na rua Amaya, perto do mercado — respondi revirando os olhos.

A pensão ocupava vários andares de um prédio neoclássico no centro. A entrada era estreita, com uma escada íngreme, não apta para muletas, e as paredes estavam decoradas com fotos em branco e preto de concursos de sósias de Hemingway. Era difícil ignorar certos assuntos naquela cidade. Fomos ao balcão da recepção, onde uma moça triste de franja repicada nos recebeu com um sorriso forçado.

— *Americans, Australians...?* — sondou.

— Daqui do lado, de Vitoria — respondeu Estíbaliz. — Podemos falar com o dono ou a dona?

— É o meu pai. Ele virá amanhã cedo. Em que posso ajudar?

— Há quartos individuais disponíveis? — perguntei.

— Para esta noite só temos o “Dois de fevereiro”.

— É o nome do quarto?

— Sim, há muitos anos tínhamos mais quartos individuais, mas fizemos uma reforma e agora só temos sete, coletivos. Quase sempre os hóspedes são estrangeiros que vêm em grupos, mochileiros, ou gente de Donosti, Bilbao e Vitoria-Gasteiz que vem para as festas de São Firmino. Cada quarto tem um verso da canção que toca pelos corredores nesse dia: "Primeiro de janeiro, dois de fevereiro, três de março, quatro de abril..."

— O "Dois de fevereiro" tem quantas camas? — perguntou Estíbaliz.

— É um quarto para duas pessoas, o menor de todos. Tem um beliche de um e noventa. O seu amigo acho que cabe, é o que oferecemos aos noruegueses e suecos. Senão não conseguem dormir. Começam a fazer bagunça e é pior para todos, pode crer.

Afastei-me um pouco do balcão e puxei Estíbaliz pelo cotovelo.

— Esti... Tem certeza de que quer compartilhar um quarto? Não é preciso, se for incômodo podemos procurar outro... — sussurrei.

— Unai, às vezes parece que você vai dominar o mundo e outras, como agora, parece que nasceu ontem. Pare de ser pudico, você já está grandinho. Pode nos dar a chave? — pediu, virando-se para a moça.

— Claro, preciso das suas identidades, preencham seus dados aqui e aqui, a noite é paga adiantado, por favor, e vou acompanhá-los.

Uma vez cumpridos os trâmites, Saioa, a recepcionista, nos levou ao segundo andar e percorremos um corredor estreito com as paredes decoradas com cartazes um tanto chocantes: "Cuidado com o fantasma do estudante".

Por fim Saioa parou diante de uma porta com uma inscrição que dizia "Fantasma do estudante. É aqui."

— O que é isso de "Fantasma do estudante"? — perguntei, sem muito interesse.

— Uma brincadeira de muito mau gosto que acabou fazendo parte da casa. — Fez cara de quem não aguentava mais explicar sempre a mesma coisa. — Vocês não têm medo de fenômenos paranormais, não é mesmo?

— Depende de quão reais eles são, por quê? — indagou Estíbaliz.

— É uma lenda urbana. Pusemos isso num guia de turismo uma vez e desde então é impossível descartá-la. Estou cansada de contar sempre a mesma história. Amanhã eu conto, está bem? É que preciso fechar o caixa do dia.

— Claro — concordei. — Amanhã seu pai estará aqui, não é? Pode nos avisar quando ele chegar? Gostaríamos de falar com ele.

Saioa nos deixou sozinhos num quartinho com um beliche de madeira de pinho. A cama do alto tinha um mosquiteiro verde imitando um dossel. Tudo muito prosaico, muito para estudantes. Sorri, era como fazer o Curso de Orientação Universitária outra vez.

— Vamos, te convido para jantar.

— Certo. Não sabia como te dizer que estou morta de fome.

— Temos intimidade, Esti.

Comemos uma chuleta na brasa num restaurante da rua Estafeta e uma travessa de verduras refogadas para ajudar a baixar tanta proteína. O que acabou sendo uma homenagem. Nada de comida em miniatura nem delicadezas para covardes.

Horas depois, no escuro do quarto do fantasma do estudante, resolvemos que Esti dormiria na cama do alto. Tiramos a roupa em silêncio e no escuro; fazia muito calor, apesar do ar condicionado. Imagino que ela tenha ficado de calcinha e sutiã, porque eu dormi só de cueca.

Dei boa-noite ao colchão de cima e fechei os olhos.

— Sei que vocês estão juntos — disse uma voz vinda do nada.

— Como é? — consegui responder, já meio dormindo, sem entender muito bem.

— Sei que a subdelegada Salvatierra e você estão tendo um caso, Unai.

— Esti, não sei o que viu ou acha que viu, mas posso lhe garantir que...

— Pare, nem sonhe em mentir pra mim. Já me sinto suficientemente ofendida por você não ter confiado em mim e me contado, não piore as coisas tentando mentir, por favor.

"Nossa, e como saio dessa sem prejudicar Alba?"

— Não escondi por mim, mas por ela. Ela é casada e é minha superiora. Como você pode imaginar, quanto menos gente souber, melhor.

— Mas eu já sei. Eu já sei, Kraken. — Ela subiu o tom.

— É tão evidente assim? — indaguei preocupado.

— Vocês exalam uma espécie de feromônio quando se encontram na delegacia que torna impossível respirar. É uma coisa química, muito animal. Na verdade, dá um pouco de nojo.

Ela estava falando sério ou meio de brincadeira?

— De qualquer modo, já não estamos juntos. Você acha que alguém mais se deu conta no trabalho ou em Vitoria? É importante, Estíbaliz. Pense bem. Acha que alguém mais sabe?

— Eu conheço bem você, convivemos e trabalhamos juntos muitas horas por dia. Alba Díaz de Salvatierra acaba de chegar, então ninguém sabe como ela se comporta. Não sei dizer, Unai. Acho que ninguém mais percebeu, mas não posso garantir. E não mude o rumo da conversa. Estou chateada porque você escondeu de mim o seu primeiro envolvimento importante desde que ficou viúvo. É assim que trata aquilo com sua amiga?

— Pensei em te contar, sabe, mas depois houve aquilo com seu irmão e achei que a nossa amizade tinha passado desta para melhor. Agora mesmo não sei em que ponto você e eu estamos, Esti. Não sei mesmo.

— Estamos no ponto em que quero que você volte a ser o meu melhor amigo, um irmão, minha família, meu confidente, meu tudo.

— Então se parece muito com o ponto em que estou. Mas também preciso que você me conte sobre os seus assuntos. O que houve com Iker, Esti? Há um tempão você não fala dele nem dos seus planos em conjunto. Como andam os preparativos para o casamento? Você não me conta nada. Para ser sincero, me senti muito excluído. Agora que o seu irmão se foi, e o seu pai não está em condições, eu adoraria ser o padrinho e te levar ao altar.

— Terminei com Iker. Não vai haver casamento. Odeio casamentos, na verdade. Foi uma libertação.

Custei a acreditar no que ela dizia, eles eram daqueles casais que formavam um todo indissolúvel desde o princípio dos tempos. Quando os conheci já estavam juntos, tinha sido assim desde sempre.

— O quê? — consegui dizer, abobalhado.

— Não estamos mais juntos, Unai. Nunca devia ter aceitado me casar, não combino com flores e véus nem com padres e vestidos longos, fico parecendo uma anã naqueles vestidos.

— Tudo bem, isso você pode explicar a Iker, ele entenderia, mas é verdade que o deixou? Há quanto tempo estavam juntos, desde o fim do franquismo?

Ela permaneceu em silêncio um bom tempo. Pensei que tinha dormido, dei um chute no colchão para saber se estava viva.

— Quando meu irmão morreu percebi que Iker não era capaz de me consolar. Estar com ele não me acalmava, nem me deixava menos triste, nem melhorava o meu dia. E não havia por quê. Estou melhor sozinha, Unai. Depois de tantos anos, Iker é como um primo com quem às vezes

faço o mesmo sexo repetitivo de sempre para nos convencermos de que ainda sentimos atração um pelo outro e somos um casal. Não quero viver com um amigo colorido. Não quero negociar meu espaço no armário, nem as compras do mês, nem a rota dos bares no fim de semana. Desde que Eneko se foi está tudo difícil. É como se eu sobrasse. Passei anos como um zumbi, deixando-me levar pelo hábito. O curioso é que ele estava na mesma situação, mas não tinha pensado em mudar as coisas, achava normal levar uma vida média. Foi uma libertação para nós dois. Em setembro ele vai ao Paquistão escalar o Nanga Parbat, a "montanha assassina". Eu tinha horror de que fosse e sempre o dissuadi, mas agora não há ninguém para impedi-lo. É estranho o modo como estávamos amordaçando um ao outro.

— Então não está se sentindo mal? Não quer chorar no meu ombro nem preciso te consolar?

— Muito pelo contrário, preciso de um companheiro de noitada, e é pra já.

— Certo. Quando voltarmos a Vitoria e esse caso acabar vamos fazer *gaupasa* e sair de bar em bar para só voltar no dia seguinte, depois do café da manhã. Vamos tocar fogo no Centro Histórico.

— Quando o caso acabar... se ele não acabar conosco antes — retrucou.

— *Touché* — concordei, já quase entregue ao sono. — Está ficando tarde e estou morto de sono, Esti. Vamos dormir e amanhã continuamos.

— Não, Kraken. Espere, não durma, porque não sei se terei outra oportunidade para falar disso.

— Falar do quê?

— Sabe, tenho um presente que queria ter te entregado no dia do seu aniversário, mas como estivemos tão... Bem, não deu.

— Um presente? Muito obrigado, Esti. O que é?

— Tudo bem, lá vai: é uma droga que pedi ao Eneko que preparasse para você. Sabe, quando mexe com drogas você acaba aprendendo bastante de química.

— Isso qualquer um que tenha assistido a *Breaking Bad* sabe — comentei, um pouco inquieto. — Aonde você quer chegar? Porque não gostei nem um pouco do começo.

— É um betabloqueador, à base de extrato de mandrágora e outras substâncias.

— Mandrágora? Isso não é tóxico?

— Depende do uso, como tudo.

— Falou a especialista em estupefacientes.

Estava ficando meio chateado com aquela conversa surrealista.

— Deixe-me acabar, você me deve essa. O composto que ele preparou bloqueia a absorção pelo corpo de outras drogas psicotrópicas, como o Rohypnol.

— Outras? Isso também é uma droga psicotrópica?

— Não foi o que eu quis dizer. Não sei... não sei os efeitos secundários. Eneko dizia que não havia nenhum, se usava para bloquear o Rohypnol, que era um segredo tão bem guardado desde os anos noventa que nem a polícia chegou a saber da sua existência.

— E o que você quer? Que eu tome isso?

— Não sabemos quem é o assassino, mas ele sabe muito bem quem você é. Se der mais um passo e for atrás de você, suas aulas de autodefesa não servirão; nem a sua força ou a sua altura. Pense no Thor, a vítima da Casa del Cordón. Ele era como você, mas com vinte e cinco anos. Se pôde com ele, poderá contigo.

Não quis ouvir, não queria pensar naquilo.

— Era isso o que queria quando foi à loja do seu irmão?

— Sim, ia buscá-la quando topei com você. Então, vai tomar isso por mim?

— Não confio, Estíbaliz. Nunca tomei essas coisas e não vou começar agora, e não quero que se ofenda, mas menos ainda uma coisa preparada pelo seu irmão.

— Tudo bem, então que alguém em quem você confia prepare para você. Asier, o farmacêutico do seu grupo, por exemplo. Ele pode preparar isso em alguns dias.

— Você não prestou atenção. Mesmo que não esteja adulterado, não vou enfiar um bloqueador de psicotrópico no corpo. É para passar um ano tomando isso, aos quarenta anos, por medo do assassino?

— Sinto muito ser quem diz isso, mas acho que você não tem tanto tempo. O assassino vai agir novamente assim que houver outra festa importante em Vitoria.

— Você vai me transformar num drogado. Não quero. Ponto final. Vamos dormir, Esti. A conversa acabou e amanhã vamos fingir que ela não aconteceu.

* * *

Na manhã seguinte fui despertado por um telefone fixo e dei um salto, a tábua de madeira de pinho me freou e caí de volta na cama, com a testa dolorida da cabeçada.

— Ia te dizer pra tomar cuidado. Você se machucou? — Estíbaliz se inclinou do alto.

— Só um pouco, nada de mais — respondi esticando o braço para pegar o telefone na mesinha de cabeceira. — Alô?

— Estou ligando da recepção, pediram que avisasse quando o meu pai chegasse. Ele está com um pouco de pressa. Podem descer agora?

— Sim, peça-lhe que espere cinco minutos. Estamos indo.

Descemos a escada tortuosa sem tomar banho nem olhar-nos no espelho. Na recepção nos esperava um homem com uma barriga generosa e um cavanhaque grisalho. Ele mal cabia atrás do balcão e secava o suor do pescoço com um lenço xadrez azul.

— Bom dia, somos a inspetora Ruiz de Gauna e o inspetor López de Ayala, da delegacia de Vitoria. Estamos investigando um hóspede que o senhor teve em 1989. O senhor trabalhava aqui nessa época?

— Na verdade, éramos meu pai e eu. Naquela época eu estava entrando no negócio. Por que perguntam por uma coisa tão antiga?

— Trata-se de uma investigação em curso, não podemos dar detalhes. Estamos procurando um rapaz de uns dezenove anos chamado Nancho Lopidana.

— Nancho Lopidana? — repetiu Saioa, empalidecendo. — Claro que esteve aqui. Na verdade, ele morreu no quarto onde vocês passaram a noite. Ele é o fantasma do estudante.

17 de agosto, quarta-feira

— Você está dizendo que Nancho Lopidana morreu? — repeti.

Era impossível.

Impossível.

Outro caminho que dava num muro.

— Sim, ele foi nosso hóspede por quase um ano. Ocupava o quarto que agora se chama "Dois de fevereiro", que dividia com outro estudante — respondeu o pai de Saioa com um gesto hostil, como se não achasse graça em nos dar explicações. — Uma noite em que estava sozinho no quarto, ele pegou no sono enquanto estava lendo à luz de um abajur antigo na mesinha de cabeceira. Pelo visto a fiação estava ruim, soltou uma faísca e o lençol e a colcha se incendiaram. Meu pai estava de plantão e já tinha certa idade, acho que adormeceu e não percebeu, até que uns rapazes desceram a escada e avisaram que estava saindo fumaça por baixo da porta do quarto. Ele chamou os bombeiros, que conseguiram evitar que o fogo se propagasse pelo resto da pensão. Mas o pobre rapaz morreu queimado na cama.

Aquele homem não gostava de responder a tantas perguntas. Estava incomodado e tenso, com vontade de sair correndo escada abaixo.

— A polícia veio? — indagou Estíbaliz.

— Sim, claro, a polícia regional. Fizeram muitas perguntas ao meu pai e a alguns hóspedes, mas determinaram que tinha sido negligência do próprio Nancho, então não houve denúncia contra a direção da pensão. De qualquer modo, tivemos de fechar por quase três semanas porque era impossível dormir devido ao cheiro de fumaça e de queimado. Aproveitamos para fazer uma reforma, mudar alguns quartos e pintar os corredores e as escadas. Nossos clientes são muito jovens e chegam com vontade de farrear, e são tudo, menos apreensivos. Em qualquer outro estabelecimento hoteleiro um acidente assim teria espantado a clientela. Aqui, todos falavam que um estudante tinha morrido queimado num

quarto da pensão, e começaram a dizer que à noite viam o espírito de Nancho saindo do quarto e descendo a escada. Os avistamentos se multiplicaram, acho que muito devido ao efeito do que ingerem os que vêm passar a noite em Pamplona, e meu pai teve a ideia de comentar sobre o fantasma do estudante com um amigo que estava escrevendo um guia turístico da cidade. Desde então o fantasma não nos larga.

— Poderia nos dizer o nome do estudante que compartilhava o quarto?

"Seria uma testemunha muito valiosa", pensei. Alguém que conviveu com o escorregadio Nancho.

— Ouçam, isso foi há décadas, e quase não recordo os detalhes — respondeu cansado. — Foi suficientemente desagradável para relembrar mais uma vez. Não me lembro do outro hóspede.

— Mas talvez o avô se lembre — interveio Saioa.

— Não se deve perturbar o avô, que está muito senil.

— Não tanto quanto você pensa. — Acho que ouvi a moça comentar.

— Vejam, meu pai está muito velho e não vai se lembrar de nada. Não podemos ajudá-los mais, já colaboramos com a polícia e os peritos em tudo o que pediram. Não vejo quais dados novos poderíamos fornecer tantos anos depois.

"Tudo bem, hora de ir embora", pensei.

Voltamos ao quarto e nos revezamos no chuveiro.

Eu fui primeiro, ainda chateado com a conversa da noite anterior. Esti ficou no corredor e depois de um tempo bateu na porta.

— Tome, é café. — Entregou-me um copo plástico pelando. Estava tão forte que quase não o tomei.

— Vamos à delegacia de Pamplona, Kraken. Quero ver o relatório desse incêndio — propôs ela tomando um café com leite.

— Totalmente de acordo — retruquei. — Há incêndios demais na vida de Nancho.

Deixamos a pensão sem falar com o dono. Depois nos dirigimos à Fuente de la Teja, onde ficava a sede da polícia regional de Navarra.

* * *

— Bom dia — saudei ao entrar —, somos o inspetor López de Ayala e a inspetora Ruiz de Gauna, da delegacia de Vitoria. Gostaríamos de ver o

expediente da morte de Nancho Lopidana, ocorrida em 1990 na pensão da rua Amaya.

— Vai levar um tempo para encontrá-lo. Enquanto isso, aqui está o formulário para preencher — disse o agente que nos atendeu.

Uma hora depois, num escritório que nos emprestaram, recebemos a pasta marrom do caso.

Como da outra vez, era muito desagradável ver aquelas fotografias. O corpo não estava totalmente queimado, só a cabeça e as mãos. Na verdade, via-se parte da roupa, principalmente as pernas das calças, apesar de estarem um pouco chamuscadas.

— Você reparou, Estíbaliz? — Assinalei aquele detalhe.

— Se não fosse a morte acidental de um estudante, diria que se trata do *modus operandi* de qualquer máfia quando querem impedir a identificação do cadáver: o rosto e as pontas dos dedos carbonizados.

— Quem o identificou? — perguntei, procurando entre os poucos papéis do expediente.

— O antigo dono da pensão da rua Amaya, o pai daquele homem tão amável que nos deu bom-dia. Aqui consta que Nancho Lopidana não tinha família.

— E o colega de quarto? Ou um amigo ou conhecido?

— Não há outros nomes aqui, Unai. É um relatório bastante...

— Sucinto, para usar um eufemismo.

— Raquítico, eu diria. Sabemos que Nancho Lopidana andava pelo mundo sem documento de identidade, e isso consta aqui. Foi feita uma busca nos Registros Civis de todo o país, e ele não apareceu. Sabiam que estavam diante de um indocumentado e não fizeram nada. Genial. Fecharam o caso com a conclusão de que o incêndio foi provocado pela faísca de um fio em mau estado no abajur da mesinha de cabeceira. Só isso. Aqui termina o périplo do nosso trigêmeo. Que vida ele teve, pobre coitado.

— E que morte. Você sabe o que isso significa, não é? — comentei.

— Sim, que se o trigêmeo morreu em 1990, não pode ser o nosso assassino, nem dos primeiros crimes nem dos atuais.

Eu não tinha isso tão claro, não via nada claro.

— Quem assinou o relatório? — indaguei.

— O inspetor Legarra.

— Então vamos conversar com ele. Provavelmente está aposentado, mas espero que se lembre do caso. Não há incêndios com morte todos os dias.

Descemos para falar com o agente uniformizado que tinha nos atendido, devolvemos o expediente e assinamos a devolução, com hora e data.

— Outro favor, pode nos dizer como encontramos o inspetor Legarra? Gostaríamos de falar com ele sobre esse caso.

— Chegaram tarde demais. Legarra se aposentou em janeiro, e há pouco tempo o enterramos. Teve um câncer fulminante no pâncreas. Uma pena, aposentar-se e morrer três meses depois. Era um bom policial, e fazia relatórios muito minuciosos. Se não encontraram nada é porque não havia nada, acreditem.

— Certo — respondi.

Talvez tenha sido um bom investigador no fim da carreira, mas não quando escreveu aquele relatório capenga.

Ou talvez não houvesse onde procurar. Um rapaz cai no sono lendo, o abajur pega fogo e ele morre.

Ponto.

Estíbaliz voltou dirigindo pela A-1 até Vitoria, e ao chegarmos à sede de Lakua cada qual foi para o seu escritório.

Foi quando recebi uma ligação de um número que não estava salvo nos meus contatos. Suspirei e acabei atendendo.

— Bom dia, inspetor Ayala. Sou Garrido-Stocker, o advogado de Ignacio Ortiz de Zárate. Queria conversar com o senhor de um modo... extraoficial — soltou à queima-roupa. — Posso confiar que nem a ligação nem o seu conteúdo constarão em algum relatório?

— Temos oito mortos e dois gêmeos desaparecidos. Acredite em mim, nesse momento estou muito além da extraoficialidade — respondi.

— Sabia que falávamos a mesma língua. Estou ligando porque há um assunto que pode ajudar a localizar o meu cliente, mas os... especialistas em informática que trabalham para mim não obtiveram resultados. Imagino que o senhor, como inspetor da Divisão de Investigação Criminal, talvez também recorra às vezes a esse tipo de pessoas, à margem da folha de pagamentos do ministério.

— O senhor sabe a resposta, e conheço o melhor. Do que se trata?

— Ignacio foi policial por muitos anos, então, como o senhor constatou, sabe se proteger, em todos os sentidos. O celular dele é de um modelo muito exclusivo, já que pode pagá-lo. Ele instalou um localizador e me falou a respeito. Instalamos uma espécie de programa receptor em um dos meus computadores, um servidor onde se vê em tempo real a sua localização, com dois metros de margem de erro. O equipamento inclui um dispositivozinho do tamanho de uma pilha, que Ignacio sempre carrega com ele, em geral no bolso da calça. Uma espécie de baliza GPS como as que os senhores usam em operações especiais, mas de tamanho muito reduzido. Então, mesmo que perca o celular ou o atirem longe, em caso de sequestro, enquanto não o despirem é possível localizar o indivíduo.

— Já ouvi falar desses dispositivos, embora ainda não sejam muito comuns no país, segundo as estatísticas.

— Fale com algum milionário e ele lhe dirá — retrucou, com a fina ironia de advogado. — O fato é que quando Ignacio desapareceu levou o celular, mas, quando pesquisei seu paradeiro com o receptor que instalamos vi que tanto o celular quanto a baliza estavam desligados. Por isso me preocupei e fiz a denúncia de desaparecimento vinte e quatro horas depois. É muito estranho que ele quisesse sair do radar do meu computador. Acho que foi sequestrado ou assassinado. Porém, sei que esses sistemas têm uma brecha e, mesmo que alguém os desligue, um especialista com recursos suficientes poderia usar o sinal de GPS que continua emitindo e localizá-lo, embora sem tanta precisão. Sei que o programa que Ignacio comprou era à prova dos sistemas da polícia, mas me pergunto se...

— Como lhe disse, conheço a pessoa certa, o que não tenho certeza é se vai querer colaborar.

— Estou certo de que Ignacio dará uma recompensa financeira se conseguir encontrá-lo.

— Não acho que dinheiro seja o *Leitmotiv* do meu técnico. De qualquer modo, vou tentar encontrar um jeito. Eu o avisarei assim que conseguir localizá-lo. Entendo que a discrição é uma via de mão dupla e esta conversa fica entre nós, não é mesmo?

— Eu não liguei e o senhor não falou comigo. O celular de onde liguei não pode ser relacionado a mim; ligarei sempre deste número e, quando isso terminar, deixarei de usar a linha.

— Uma última questão: se o meu colaborador concordar, vai pedir dados do celular de Ignacio e entrará no seu sistema. O senhor está ciente disso? — perguntei.

— Já esperava por isso. O computador está limpo.

— Um conselho: limpe-o bem; limpe-o muito bem.

Depois de desligar entrei no e-mail e enviei uma mensagem pedindo ajuda a MatuSalem.

Acho que sei como encontrar Tasio, mas preciso da sua ajuda. Agora.

Em dois segundos ele respondeu, sinal de que continuava me monitorando e não tinha se esquecido de Tasio nem daquele assunto:

No Museu de Armería, segundo piso. É muito velho, não há câmeras e em agosto nem Cristo vai lá. Quando?

Agora, agora mesmo.

Saí correndo do escritório em direção ao passeio de la Senda. O museu ficava no passeio de Fray Francisco, junto ao Palacio de Ajuria Enea, a residência oficial do *lehendakari* , o presidente do País Basco.

No segundo andar, ao lado de um manequim com mosquete e elmo, vi um garoto de capuz branco ocultando o rosto.

— Acho que pirei. — Foi a sua saudação, dando-me as costas enquanto percorria com calma o salão deserto. — Marquei com um policial ao lado de Ajuria Enea numa sala cheia de armas.

— Relaxe, não vou fatiar você com um florete.

— O que quer de mim, Kraken? — indagou, sem deixar de fitar as vitrines com armas.

— Tenho um desafio que você vai adorar: um sistema localizador de pessoas que não se usa aqui no país, comprado pelo gêmeo do seu mentor a um preço proibitivo para o seu bolso e o meu. O celular e a microbaliza GPS que Ignacio carregava quando desapareceu foram desligados, mas você, e acho que só você, pode achar uma brecha e dar um jeito de localizar o sinal. Eu sei.

— E o que ganho com isso?

— Tenho um monte de motivos: o meu respeito, a sua imunidade ante a equipe de delitos informáticos, eximir Tasio, talvez ainda encontrá-lo com vida... Não sei até onde ele se enrolou no xilindró por sua causa. Considere

apenas se ele teria se negado a ajudá-lo numa situação semelhante. Por outro lado, o advogado de Ignacio mencionou uma boa soma. Talvez isso faça você esquecer as fraudes na internet por uma temporada. Vamos, Maturana. Passe para o lado certo, hackers como você não chegam a ficar velhos, a menos que acabem montando uma *start up* . Com isso você se aposentaria. Não está cansado de andar sempre de capuz, olhando para trás?

— Tá, tá, Kraken, basta. Eu já tinha decidido há meia hora. Não adoce mais a coisa, senão vou ter um pico de glicose.

Reprimi um sorriso de triunfo e o vi dar meia-volta e deixar o século XVII para trás.

— Peça todos os dados que precisar! — gritei, observando-o descer as escadarias para deixar o prédio. — E vê se escreve alguma coisa na conta de Tasio no Twitter, nem que seja um desses conselhos para roteiristas, senão vão perder os seguidores.

Permaneci em silêncio um instante, contagiado pela paz daquele lugar encapsulado no tempo, quando ouvi a respiração de alguém que subia a escada depressa.

Fitei com curiosidade a moça que entrou na sala, mas quando vi quem era fiquei gelado. Literalmente gelado. Não é força de expressão, é que de repente senti muito frio nas mãos e na cabeça. Como se tivessem colocado o ar-condicionado no máximo.

— Procurei você por todo lado, Unai. Sua parceira me disse que estava aqui — disse Martina, a minha cunhada.

— Mas que diabos? — consegui dizer.

Eu a via, era a minha cunhada, mas não podia acreditar.

— Espere, Unai. — Ela me deteve com a mão. — Deixe-me falar antes que você tenha um ataque do coração. Vim procurar você para explicar, já falei com Germán. Como passou pela cabeça de vocês que eu morri? No dia 9 eu tinha uma viagem de trabalho a Santander, não se lembra que lhe contei? Fui a um curso de verão sobre mediação familiar no palácio Magdalena.

— Mas que história é essa, Martina? Vi você morta no necrotério, reconheci o corpo.

— Unai, houve um erro, quem morreu foi a minha irmã. Vocês me declararam morta, que diabos, mas estão loucos ou o quê? — disse, aproximando-se.

De perto reconheci o odor do seu corpo e seus olhos cor de kiwi.

— Por favor, me dê um abraço, cunhado. Preciso da sua ajuda para acalmar o Germán, ele está surtando...

Ela me abraçou, grudou em mim como um carrapato, senti o calor do seu corpo miúdo e, depois de um instante de verdadeiro estupor, me atrevi a acariciar o cabelo negro que tinha voltado a crescer e a beijar a cabeça dela.

"Está alucinando...", pensei.

Então me dei conta.

"Caramba, Unai. É você quem está alucinando."

Afastei-me um pouco dela, que me olhava sem saber se devia ficar brava com o ocorrido ou ficar aliviada por ver Germán recuperado.

— Você não tem irmã, Martina — disse ao espírito da minha cunhada, ou o que quer que fosse.

— Mas é claro que tenho irmã. Uma irmã gêmea.

Esfreguei os olhos, na esperança de que a alucinação evaporasse, mas quando os abri outra vez Martina ainda estava ali, insistente.

Por falta de experiência ou outros recursos psicológicos, optei por agir de acordo com a terapia que conhecia para pacientes com alucinações visuais ou auditivas.

— Martina, você não é real e vou parar essa conversa agora mesmo. Tanto faz se voltar a aparecer, não vou mais dar bola. Só quero que...

"A terapia que vá à merda."

— ... já que temos uma segunda oportunidade de nos despedirmos, mesmo que seja na minha cabeça ferrada... só tenho o que agradecer. Obrigado pela lição de vida que você nos deu. Você é da família, Martina. Gosto de você como uma irmã.

A Martina na minha cabeça não achou graça nenhuma na despedida, mas passei na frente dela e saí da sala em direção à escadaria.

Ainda assim, não pude evitar dar uma última olhada para trás, mas não havia ninguém ali. Só elmos e lanças.

Maldita Estíbaliz, peguei o celular como se fosse quebrá-lo e liguei:

— Onde você está, Esti?

— No escritório, por quê?

— Vou para o meu carro, te espero no estacionamento. Precisamos conversar em particular.

Quando cheguei, furioso, ela estava à minha espera com cara de preocupada.

Estacionei na vaga mais distante e abri a porta do passageiro. Ela entrou no carro.

— O que foi agora? Você está com cara de fantasma.

— Fantasma? Fantasma foi o que eu vi, quase tive uma parada cardíaca! E não só vi, como falei com o fantasma de Martina, Estíbaliz.

— Perdão?

— Perdão? — repeti, com a cara em brasa. — Não, não perdoo! Dessa vez não perdoo, você perdeu a cabeça. Os seus esquemas éticos estão defeituosos. Você foi longe demais, parceira. Me deu uma droga psicotrópica, no auge da investigação, quando precisamos estar mais focados e com os sentidos aguçados. Você enlouqueceu? Quando foi que me deu isso, no café de Pamplona, esta manhã?

Ela travou a mandíbula, cruzou os braços e olhou para fora.

— Você já sabe, não venha com perguntas retóricas.

Suspirei, para ver se a raiva passava, mas estava difícil.

— Quanto tempo dura essa merda no organismo?

— Os efeitos secundários vão passar, acho, mas também a sua imunidade ante o Rohypnol.

— Quanto? — insisti, quase perdendo a paciência.

— Doze horas, acho...

— Acha?

— Sim, acho que à noite já não estará no seu organismo. Foi o que Eneko disse.

Não estava só furioso, estava triste.

Aquilo era uma despedida. Chegados àquele ponto, não havia volta.

— Esti, o que você fez não tem nada de normal. Não... não quero continuar trabalhando com você. Não vou denunciá-la, não vou acabar contigo, mas perdi a confiança, não vou confiar quando me oferecer um café ou um croquete. Amanhã vou conversar com a subdelegada. Ou você sai do caso ou saio eu. E quando isso acabar não quero mais ser seu parceiro.

— Saio eu, inspetor Ayala. O senhor não tem por que pagar pelas consequências do meu erro.

— Tarde demais, inspetora Gauna, tarde demais. Saia do carro, por favor.

* * *

Fiquei muito tempo ali sentado. Travado, superpreocupado com a droga que tinha ingerido.

Não queria saber de nada. De Estíbaliz, de Alba, de ninguém.

Quando o caso terminasse, se não acabasse comigo e com todos os meus relacionamentos, iria descansar. Talvez com Germán, afastá-lo dali, cuidar dele. Cuidar dele.

Tive medo de que a minha cabeça falhasse pelo efeito da maldita droga, então me obriguei a seguir ativo e operante.

"O que ainda está pendente, Unai?"

Lutxo. Lutxo continuava pendente.

Liguei para o celular dele, torcendo para que não se esquivasse com alguma conversa mole.

— Lutxo, quero ver você e, por favor, não me venha com mais desculpas, porque até agora você tem sido bastante criativo. Você tem tempo?

Para minha surpresa, ele estava disposto a conversar e combinamos de nos encontrar no parque de Arriaga, um lugar discreto e neutro onde dava para falar em paz com meu amigo desde a época do Colégio San Viator.

— Quanto tempo, Kraken! — disse cabisbaixo, dando uma palmadinha nas minhas costas. — Faz semanas, mas, com tudo o que aconteceu, parece outra vida. Como ficou depois do que houve com a sua cunhada?

"Minha cunhada", pensei raivoso. "A minha cunhada veio do céu, preocupada comigo. Você fará o mesmo, amigo?"

— Para ser sincero, o melhor que posso fazer pela Martina é deter o desgraçado que a matou. E você vai me ajudar, sem escapatória. Temos uma conversa pendente, Lutxo.

— Pois seja mais claro, porque não estou acompanhando — assentiu, sentando-se num banco diante de uma das fontes.

— Na nossa última conversa, quando perguntei quem lhe deu as fotos dos gêmeos com a vítima de quinze anos, você disse que esse era o segredo mais bem guardado da redação. Começo a ter motivos para pensar que, nesse caso, e no de vinte anos atrás, o papel da imprensa foi determinante, e nem sempre obedeceu a interesses puramente informativos.

— Quem você está acusando, exatamente?

— Você, o diretor do seu jornal...

— Acusando a mim? Do que você está falando?

— Você enfiou na minha cabeça a sua suspeita do Eguzkilore, você destruiu a imagem pública de Ignacio e eliminou quaisquer opções de que Tasio se reinserisse socialmente. Talvez eu deva começar a perguntar onde estava nas datas dos assassinatos.

— Está falando sério, Kraken? — Ele me fitou espantado. — Não posso acreditar que um amigo como você desconfie de mim. Desde quando nos conhecemos, desde os seis anos?

— Você está fugindo do assunto, Lutxo... — assinalei. — E isso não o faz parecer mais inocente.

— Mas aonde você quer chegar? — gritou, erguendo-se do banco de um salto. — Você está mesmo me acusando?

Levantei-me também, não gostava que falassem comigo de cima.

— Pois então colabore de uma vez, porra! Facilite as coisas para mim, porque eu poderia te incriminar alegando obstrução da justiça se você se negar a dizer quem é a merda da sua fonte, o que não fiz até agora e talvez por isso minha cunhada e Eneko estejam mortos. Não sei como você consegue encarar o Germán.

Ele voltou a se sentar, coçando o cavanhaque grisalho repetidamente.

— Meu chefe me mata, meu chefe vai me matar por causa disso... — falou com seus botões.

— Vamos, Lutxo — pressionei-o. — Você já decidiu, então fale logo e acabe com isso de uma vez.

— Está bem. O segredo mais bem guardado da redação do *Diario Alavés* é que o material que publicamos sobre o caso chega num envelope lacrado sem remetente. É assim há vinte anos.

"Como é que é?", espantei-me.

— Um envelope lacrado?

— Sim, o lance do envelope ainda era bem comum naquela época. Ainda não havia internet, e muitas notas de imprensa chegavam à redação em envelopes. Alguns os traziam pessoalmente, mas recebíamos muitos pelo correio tradicional. Os anônimos também eram frequentes. Tínhamos precauções básicas para detectar se era uma carta-bomba, mas se não tivesse peso nem volume as abríamos normalmente.

— Concretamente, que materiais chegaram nesses envelopes?

— As fotos que publicávamos e artigos inteiros. Nem precisávamos redigir nada. Eram dados e mais dados que *El Correo Vitoriano* não publicava, e nós sim. Chegavam em meu nome, eu tinha acabado de entrar e era bolsista. Salário baixo, contrato de estagiário... era o último da fila, um garoto com vontade de dominar o mundo e que topou com a realidade de uma redação muito hierarquizada e poucas possibilidades de renovar os seis meses de contrato. Se não ficasse lá teria que deixar Vitoria. Aqui não há muitas oportunidades para um jornalista.

— E chegava tudo em seu nome? Por que não avisou a polícia? Talvez houvesse digitais, o DNA da saliva na cola.

— Acabo de contar, não é suficiente para você? Da primeira vez entreguei ao diretor, mas não expliquei como tinha conseguido aquilo. Acho que ele não se importou muito com isso. Estava obcecado com o caso, só falava em dar cada vez mais espaço à história. Batemos um recorde de tiragem com aquela edição. Quando chegaram os outros envelopes fui incapaz de pensar claramente e avisar à polícia. O diretor me mantinha o dia todo no escritório dele, virei seu predileto e consegui que me desse um contrato indefinido.

— Quero saber uma coisa: o último envelope, o que tinha as fotos roubadas dos gêmeos e a menina, era igual aos anteriores? Você diria que foi enviado pela mesma pessoa?

Lutxo pensou um momento, depois me olhou com cara de culpado.

— Isso mesmo... não tinha pensado nisso.

— Mas você é um idiota! — gritei, fora de mim. — Isso supõe que a mesma pessoa está envolvida nisso há vinte anos. Você tem a mais remota consciência de como esse detalhe é revelador? Não percebe que quem enviou as fotos e os artigos não fez isso para te presentear com um trabalho, mas para manipular a opinião pública? É alguém que sabe mais do que você e eu, alguém que sempre está adiantado, provavelmente é o assassino e, obviamente, alguém que desde o início quis prejudicar Tasio e Ignacio. Você impediu toda uma linha de investigação que deveria ter começado há vinte anos e, em consequência disso, dezesseis pessoas morreram. Seu trabalho custou caro a todos eles.

— Porra, Kraken! Não fique assim. Eu nunca tinha pensado por esse ângulo.

— Sim, Lutxo. Pensou, sim, mas é incapaz de ver além daquela maldita mesa de redação. Mande-me esses envelopes antes que eu fale com o juiz

e feche essa merda de jornal.

Dei meia-volta e fui embora do parque junto à ermida de São João de Arriaga, onde, séculos atrás, a confraria de Arriaga se reunia para defender seus interesses. O tempo não tinha mudado muito os nossos costumes: vitorianos lutando contra vitorianos, alaveses matando alaveses.

18 de agosto, quinta-feira

Na manhã seguinte, bem cedo, recebi uma ligação inesperada. Ainda não tinha saído de casa e respondi tomando o café da manhã na cozinha e contemplando a praça.

— Alô?

— Inspetor Ayala, quem fala é Saioa, da pensão de Pamplona. Espero que se lembre de mim.

— Claro que sim, Saioa. Algum problema com o cartão de crédito?

— Não, de jeito nenhum. Não é isso. É que... — Ela hesitou. — Você é Kraken, do caso de Tasio Ortiz de Zárate, não é?

Suspirei, aquilo parecia uma pandemia.

— Se me reconheceu, acho que dispensa a apresentação.

— É que eu acompanho a história dos crimes duplos de Vitoria pelo Twitter, como todo mundo. Ontem não o reconheci, nas fotos você parece mais baixo.

— E por que está ligando, Saioa?

— Sabe, é que meu pai não gosta da polícia, como deu para perceber. Você não imagina a quantidade de batidas que já fizeram na pensão procurando drogas com os hóspedes. É um saco, ele não pode nem ver vocês, mas... Não sei se a coisa de Nancho Lopidana tem a ver com o assunto de Tasio, mas você comentou que era um caso muito antigo e...

— Não posso falar disso, Saioa, mas estou ouvindo.

— Olhe, se puder ajudar em alguma coisa para solucionar o caso... não quero ficar indiferente. Meu avô guarda em casa as fichas de recepção dos hóspedes desde que a pensão abriu, acabo de falar com ele e está mais do que disponível para encontrá-lo, disse que a polícia não o ouviu vinte e cinco anos atrás. Ele quer falar. Mas precisa vir a Pamplona, porque ele não tem muita mobilidade, e é melhor que meu pai não saiba.

— Vou a Pamplona agora mesmo. Qual é o endereço do seu avô? Diga a ele que em hora e meia chego à casa dele. Outra coisa, Saioa...

— O que é?

— Muito obrigado, quisera eu que todos agissem como você.

Desliguei, corri para o carro e liguei para a minha parceira:

— Estíbaliz, por agora vamos deixar em suspenso a conversa que tivemos ontem. Ouça, vou voltar a Pamplona para entrevistar o antigo dono da pensão da rua Amaya. A neta acha que ele pode dar mais informações, e ele guarda os registros dos hóspedes de vinte e cinco anos atrás. Mas antes preciso contar o que conversei com Lutxo.

— Com Lutxo? O nosso Lutxo?

— Sim, o nosso Lutxo. Escute...

Coloquei-a a par do assunto dos envelopes misteriosos, esperei que soltasse umas pragas e, quando acabou de xingar, combinamos que ela iria à redação do *Diario Alavés* para assegurar que ele entregasse os envelopes o quanto antes e ela os enviaria à perícia.

* * *

Toquei o interfone do endereço no Centro Histórico de Pamplona que Saioa tinha me dado e, depois de subir uma escada estreita, um velho rechonchudo abriu a porta no primeiro andar. Tinha a mesma barriga do filho e o nariz muito vermelho, repleto de veias. Caminhava com certa dificuldade, apoiado numa bengala um pouco pequena para a sua altura. Convidou-me a sentar numa poltrona velha de curvino verde, e obedeci. Serviu um licor que recusei amavelmente, mas não parou de oferecer todo tipo de coisas enquanto não aceitei comer uns biscoitinhos que ele foi buscar num belo aparador dos anos setenta.

— A minha neta me contou. Não sabe como gostaria que reabrissem o caso de Nancho Lopidana.

— Veja, não é que tenha sido reaberto — esclareci, com a boca seca por causa daquele biscoito farinhento—, é só que há outra investigação em curso em que o nome desse rapaz apareceu.

— Pois deveriam reabri-lo, não me conformei com o que aconteceu.

— Poderia me dizer o motivo?

— Sabe, é que não morreu só Nancho. Seu companheiro de quarto desapareceu naquela noite sem pagar e nunca mais soube dele. Contei à polícia e me responderam que, sem uma denúncia formal da família, eles não se dariam o trabalho de procurá-lo.

Fiquei uns segundos sem fala. Não esperava aquilo.

— O senhor está dizendo que o amigo de Nancho também desapareceu? Isso não consta no relatório do caso.

— Como não? — retrucou chateado, batendo no chão com a bengala. — Tinham que ter mencionado isso, insisti muito com o inspetor...

— Pois não foi assim. De qualquer modo, como souberam que foi Nancho quem morreu no quarto, e não o companheiro dele?

O homem deu de ombros, como se fosse a coisa mais evidente do mundo.

— Porque estava na cama de Nancho, e usava a roupa dele, embora estivesse muito chamuscada.

"Não bastava. Para um bom investigador não teria sido suficiente", pensei, frustrado.

— Está bem. Diga-me: o senhor se lembra do nome do companheiro de Nancho?

— Bem, lembrar não lembro, mas se tiver paciência posso procurar a ficha de registro da pensão. Embora talvez seja mais rápido se eu lhe mostrar os álbuns de fotos. Eu costumava anotar atrás os nomes dos hóspedes que ficavam o ano todo, para não esquecer. É que eram tantos...

— O senhor tem uma foto de Nancho? — engoli em seco.

Finalmente, finalmente ia saber se tinha algo a ver com os gêmeos.

— Claro, e do amigo dele também. Costumávamos fazer festas, comemorar o Natal e outras datas com os estudantes que passavam todo o período escolar em Pamplona, quando eles não iam ver suas famílias. Os dois eram inseparáveis. Na verdade, cada dia se pareciam mais, pareciam irmãos.

— Como assim?

— Sim, ouça. Se olhar as fotos daquele ano entenderá. Quando Nancho chegou à pensão estava mal vestido e mal penteado, mas depois, em contato com o amigo, foi adquirindo um aspecto cada vez melhor, emagreceu e cortou o cabelo como o jornalista, no mesmo barbeiro. Embora um fosse moreno e Nancho tivesse o cabelo ruivo, no final eram como Tico e Teco, uma coisa muito curiosa. Só faltou Nancho tingir o cabelo de preto para ficar igual ao outro. Olhe, olhe... para ver que não estou exagerando.

— Desculpe, o senhor disse "o jornalista"?

— Sim, eu não tinha comentado? O estudante, o que desapareceu, primeiro estudou jornalismo. Os pais dele tinham morrido e era filho único, sem família, acho que era de Madri, mas herdou algum dinheiro e o pai o mandou para estudar jornalismo, igual ao avô, ou algo assim.

— Posso ver os álbuns, por favor?

— Pegue aquele que começa em 1989, por gentileza, porque com este pulso vai cair tudo em cima de mim — apontou para a velha estante de madeira. — Levantei-me e procurei ano por ano o que tinha a etiqueta 1989-1990. Depois sentei ao lado dele, procurando disfarçar a impaciência. O velho começou a folhear as páginas coloridas do grosso volume.

— Aqui! — exclamou, pondo o dedo sobre um rosto que não consegui ver.

— Poderia...? Poderia tirar o dedo para eu ver a foto?

— Claro, claro. Veja, esse era Nancho Lopidana quando chegou à pensão. Eram os primeiros dias, e ele logo ficou amigo do rapaz jornalista.

Olhei de perto a foto, que tinha as cores típicas das imagens dos anos noventa, como se tivessem um filtro do Instagram.

Entendi que Nancho era o rapaz de rosto redondo, cara de lua, nariz pequeno, olhos juntos. Um rosto grande e inchado para aqueles traços diminutos, como se fossem de um número menor. Cabelo liso, franja comprida de lado, um pouco fora de moda. Não olhava para a câmera. Tinha a cabeça baixa, como se fosse doentiamente tímido. Parecia alheio, quase assustado ante o festejo do restante dos estudantes, que sopravam línguas de sogra e atiravam serpentinas coloridas.

— Este é o estudante, veja, o que está à esquerda dele — assinalou o velho.

O outro rapaz era bem-apessoado, moreno, de cabelo muito curto, magro, e olhava a câmera com uma atitude decidida. Tinha o braço por cima do ombro de Nancho, como se quisesse arrastá-lo para a farra.

— Sabe o nome dele?

O velho levantou o plástico transparente que protegia a foto antiga e virou-a.

— Ah, nessa não anotei, deixei passar — comentou, contrariado. — Mas tenho muitas outras, não se preocupe.

Fomos virando as páginas e ele ia assinalando as fotos em que Nancho aparecia, sempre ao lado do amigo. Sempre juntos. Às vezes conversando,

fazendo confidências. Outras, fazendo chifres um no outro com os dedos, com o descaro dos vinte anos incompletos.

— Vê? — apontou. — Nancho começou a fumar como um caminhoneiro, algo que o amigo jornalista não suportava. O rapaz não era fumante e não o deixava fumar no quarto. Na noite em que morreu, Nancho estava só e aproveitou para fumar. Acho que o pobre caiu no sono.

Tinha razão. Nas últimas fotografias, Nancho aparecia sempre com o cigarro pendurado na boca. Contei umas sete fotos dos dois juntos, e a mudança de Nancho ia ficando patente à medida que avançavam no tempo.

— O senhor me deixa tirar do álbum todas as fotos em que Nancho aparece? Prometo que depois as recoloco em seus devidos lugares.

— Vá em frente, vá em frente... depois organizamos — assentiu.

Alinhei as sete fotografias na mesinha de centro da sala, depois de afastar os biscoitos industrializados.

A mudança em Nancho não era só evidente, era inquietante. Ao longo dos meses ele tinha emagrecido, tinha cortado o cabelo e usava a mesma jaqueta Levi's de etiqueta vermelha com gola de pele de carneiro do amigo. Nas últimas fotos, sua atitude tinha mudado tanto que era difícil reconhecê-lo comparando com a primeira. Ria com o resto dos jovens, conversava com gesto de conquistador barato com umas moças de minissaia, e em outras abraçava o amigo com uma cerveja e o cigarro de sempre na boca.

"Porra, é um camaleão", pensei, aterrorizado.

Não era só o mimetismo social, havia algo muito patológico na sua transformação. Ele não tinha apenas se adaptado ao meio. Ele o havia imitado, tinha escolhido um corpo, uma identidade e... talvez depois o tenha substituído, transformando-se no hospedeiro daquela carcaça queimada.

Olhei o verso de todas as fotos. Por sorte, algumas tinham vários nomes anotados. Entreguei-as ao velho.

— Consegue lembrar agora o nome do estudante de jornalismo?

— Vamos ver — respondeu, colocando os óculos de lentes grossas. — Mario, é esse. Aqui está: Mario Santos.

"Como?"

— Desculpe, o senhor disse Mario Santos? — repeti, incrédulo. — Poderia procurar a ficha completa dele, com os dados pessoais e o RG?

Mario Santos, como o jornalista do *Correo Vitoriano* ? Não podia ser, tinha de ser outra pessoa. Mario era o cara mais tranquilo e amável de...

"Como Nancho", pensei.

"Como Nancho."

Quem faz perfis criminais reconhece esse momento sagrado: quando o perfil teórico encaixa numa pessoa concreta do mundo real, quando se ajusta milimetricamente às costuras da roupa que foi desenhando mentalmente depois de anotar as suas obras em detalhes.

Tive o meu instante de epifania com sete fotografias diante de mim, sobre uma mesinha dos anos setenta, com a farinha de uns biscoitos indigestos ainda na garganta.

"Como Nancho."

O ancião levou um bom tempo para encontrar os registros dos hóspedes daqueles anos. Estavam guardados em centenas de pequenos arquivos com duas argolas, e foi preciso revisar milhares de fichas até dar com a de Mario. Mario Santos Espinosa, nascido em 16 de abril de 1971. A foto da ficha não se parecia muito com o Mario Santos adulto que eu conhecia.

Por outro lado, quando olhei outra vez a última fotografia de Nancho na pensão, já magro e com o cabelo cortado a máquina, meu sangue congelou nas veias. Porque aí, sim, vi o Mario Santos com quem tanto tinha convivido nos últimos anos. Um Mario de vinte anos, ainda ruivo. Menos maduro, os ombros mais caídos, a estrutura facial ainda sem cinzelar, mas reconheci as sobrancelhas retas, a pouca distância entre os olhos castanhos...

Era ele, sem dúvida. Nancho Lopidana tinha desafiado a ordem de expulsão dos irmãos e voltara a Vitoria com outra identidade. Há mais de vinte anos dirigia na sombra os editoriais do jornal matutino dos vitorianos e enviava as fotos mais polêmicas ao jornal concorrente.

Seu trabalho lhe dava acesso a todos os edifícios históricos; sua atitude tranquila e a aparência pouco ameaçadora lhe permitiram abordar todas as suas vítimas.

Santo Deus! Ele me usou também, conquistou pacientemente a minha confiança, sem jamais me pressionar.

— Sabe? Acho que o senhor tinha razão — comentei finalmente com o velho, aparentando uma calma que não sentia em absoluto. — Acho que tinha toda a razão em suspeitar do desaparecimento de Mario Santos. Vou

tentar resolver esse erro da polícia, mas preciso dessa imagem e das fichas como prova. O senhor me autoriza a levá-las oficialmente?

— Claro, meu filho. Em troca, quando terminar sua investigação, lembre-se de mim e ligue para contar o que realmente aconteceu. São muitos anos remexendo nessa história.

— Combinado. — Apertei a mão dele como o meu avô fazia. — Não faltarei com a minha palavra.

Dirigi de volta a Vitoria nervoso, levando a pilha de fotografias, com a cabeça a mil por hora.

Mario?

Mario Santos?

Pus o carro no piloto automático, liguei para Estíbaliz e contei o que tinha descoberto.

— Ele é um camaleão, Esti. Nancho Lopidana assumiu outra identidade há décadas, como diabos íamos saber que era Mario? Podia ser qualquer um. Você já está com os envelopes que ele enviou à redação do *Diario Alavés* ?

— Sim, confisquei-os e falei com a subdelegada. Foram enviados ao laboratório de Bilbao para ver se há algum resto de saliva e conseguimos identificar a marca genética. Vai levar uns dias, mas será muito útil para vincular Mario Santos com o caso, se encontrarmos uma coincidência.

— Eu sei, Estíbaliz, eu sei. Quero que você entre na base de dados e verifique se Mario Santos Espinosa, o jornalista que conhecemos, tem determinado número de identidade. Anote.

Recitei o número do documento que aparecia na ficha de registro amarelada da pensão e ouvi minha parceira teclar furiosamente. Faltavam ainda vinte minutos para chegar a Vitoria. Queria voar, acabar com aquilo de uma vez, mas me mantive prudentemente no limite de velocidade.

— Caramba! É ele, Kraken — exclamou. — O Mario Santos que conhecemos tem essa identidade mesmo. Mas não entendo como fez para mudar as impressões digitais no documento do verdadeiro Mario Santos.

— Nancho pagou no mercado negro por um documento de identidade falso em nome de Mario Santos, com sua própria foto e impressões digitais. Ao renová-lo, tornou-o legal — expliquei.

Os escritórios de vinte e cinco anos atrás não tinham o sistema digitalizado de hoje, e na hora de renová-lo era possível substituir as impressões digitais antigas do verdadeiro Mario pelas novas de Nancho,

pois não havia um sistema automático para indicar a ausência de pontos coincidentes. Numa delegacia como a de Pamplona renovam tantos RGs por dia que os agentes não prestariam atenção a todas as impressões digitais na hora da renovação. Um especialista em datiloscopia só garante que duas impressões digitais são idênticas quando há pelo menos doze pontos ou cristas iguais, as famosas *minutias* . Mas naquela época nenhuma delegacia contava com técnicos para examinar uma a uma as renovações de documento de identidade.

— É, mas ele se arriscou — comentou ela.

— Nancho passou a vida toda sem documentos, sem poder fazer qualquer trâmite oficial e participar da vida administrativa, como nós. Para ele, usurpar a personalidade do verdadeiro Mario Santos trouxe muitas vantagens: certidão de nascimento, matrícula na universidade, conta corrente e o dinheiro do verdadeiro Mario... um passado com papéis. Por isso não retomou a identidade de Nancho Lopidana ao terminar o curso. Com ela ele obteve uma educação básica, mas depois deixou de servir. Principalmente considerando-se que ele poderia ser vinculado facilmente com o incêndio em que morreram todos os membros da família Lopidana. E mais uma vez um incêndio, na pensão... Fogo demais ao redor, e ele sempre sobreviveu, não é?

— Agora entendo por que o cadáver do estudante da pensão não tinha impressões digitais e o rosto carbonizado — comentou Estíbaliz. — Se foi capaz de fazer isso com um amigo, imagine do que não seria capaz com desconhecidos.

— Temo que todos somos testemunhas do que Nancho é capaz — retruquei, reprimindo o nojo que senti ao pensar no Mario que eu conhecia desnudando a minha cunhada e enfiando-lhe abelhas assassinas na boca. — Esti, comece a montar o operativo para detê-lo. Busque-o na redação do *Correo Vitoriano* ou em casa. Vá com uma patrulha, armados. Vou informar a subdelegada para o juiz Olano emitir a ordem. Precisamos de uma confissão ou de uma prova física que o ligue a um dos assassinatos. Talvez seja possível revisar os casos antigos de Izarra e Pamplona. Foram os primeiros assassinatos, talvez não tenha usado luvas nem fosse cuidadoso como agora. De qualquer modo, se é frio desse jeito e executa uma vingança há vinte e sete anos, duvido que seja possível arrancar uma confissão espontânea. Esse cara deve ter vários mecanismos de controle mental.

“A toca da besta — pensei —, precisamos encontrar a toca da besta.”

O lugar aonde os levava, matava, preparava sua encenação macabra. Não podia ser em Vitoria, Mario devia possuir uma propriedade nos arredores.

Consultei o relógio do carro: era meio-dia. Alba já devia ter ido para casa almoçar, então liguei para o celular. Estava louco para lhe contar tudo, falar com ela e dar a notícia. Que a tensão, o pesadelo, a nuvem carregada sobre as nossas cabeças por fim amainassem, porque pesavam demais.

— Alba! Nós o encontramos! — exclamei, sem me conter. — Sabemos quem é o assassino. Temos imagens de Nancho Lopidana em Pamplona e da sua mudança de identidade. Ele não morreu, Alba. O sujeitinho não morreu. E os envelopes que enviou à redação do *Diario Alavés* vão nos informar o DNA para ligá-lo definitivamente ao caso.

— Inspetor Ayala, acalme-se, por favor. Nesse momento estou almoçando em casa, com a minha família.

Aquilo de “família” caiu como um gole de napalm. Sabia que era um aviso de que não estava só e não podia falar, mas o “família” ficou engasgado e custei a focar no que queria dizer.

— Tudo bem, mas é urgente — respondi, contrariado.

Nesse momento entrou outra ligação no celular. Era o número de MatuSalem.

Tomara.

Tomara que tivesse boas notícias e tivesse encontrado Ignacio.

— Vou desligar, chefe, tem outra ligação que não posso deixar de atender, depois explico, depois explico tudo. Estarei em Vitoria em menos de vinte minutos e espero que esteja na delegacia, porque precisamos montar uma operação para caçar o assassino.

18 de agosto, quinta-feira

Dessa vez a voz de MatuSalem denunciava uma tensão incomum.

— Kraken! Tenho o sinal. O celular e a baliza de Ignacio apontam a mesma zona. Triangulei a área, mas é ampla demais. Dá para trabalhar com isso?

— A essa altura trabalho com o que for. Quão ampla é a área?

— Uns cinco quilômetros quadrados.

— Tudo bem, é ampla, principalmente se for urbanizada, mas dá pra fazer. Diga-me que zona é e mande uma mensagem depois com as coordenadas.

— Fica ao sul de Vitoria, em Treviño.

— Treviño?

— Sim, depois do porto de Vitoria. Na verdade, há poucos povoados na região. Uzquiano, Ajarte, Aguillo, Imiruri, San Vicentejo...

— San Vicentejo? — repeti.

"A ermida! Tasio e Ignacio estão sequestrados na ermida de San Vicentejo."

Fazia sentido. Naquela aldeia só restavam uns quatro moradores bem velhos, só havia duas casas habitadas e nenhuma dava para a ermida. Mario poderia muito bem ter ido para lá no furgão do jornal com as vítimas drogadas e tê-las carregado para a ermida.

Talvez guardasse a cópia da chave desde que ajudou a reformar a igreja, na juventude. Ali poderia despi-los, forçá-los a beber o veneno de teixo ou enfiar-lhes abelhas goela abaixo sem ser incomodado.

— Mande as coordenadas, MatuSalem. Acho que você acaba de retribuir o favor a Tasio.

Dessa vez, sim, pisei no acelerador e cheguei à sede de Lakua antes do que ditavam o senso comum e os sinais de trânsito.

Subi correndo a escada, torcendo para que Alba já tivesse chegado. Abri o escritório dela sem bater, de supetão.

— Subdelegada, já sei onde...

Mas falei com o vazio, ela ainda não tinha voltado para a delegacia.

Fechei a porta, um pouco surpreso, e fiquei parado no corredor, pensando se seria conveniente ligar novamente para ela.

Nesse momento Pancorbo apareceu e parou diante de mim.

— Está procurando a subdelegada? Ainda deve estar almoçando. Mario, o marido dela, passou para buscá-la há umas duas horas.

— Desculpe, você disse Mario?

— Sim, Mario Santos, do *Correo Vitoriano* . Não sabia que ele era casado com a nossa subdelegada?

— Com Mario Santos? — consegui repetir.

"Então era você o homem invisível."

Então era você.

— Sim, ela é muito discreta a respeito e não quer que saibam. É normal, muitos podem pensar que é tendenciosa ao informar a mídia impressa. Acho que faz bem em não dizer. Sabe como o pessoal daqui é fofoqueiro.

— E você, como sabe? — indaguei, me apoiando na parede para respirar.

— Há décadas me relaciono com Mario. Ele também apurou o caso dos crimes duplos há vinte anos, era o meu homem na imprensa. Sempre foi impecável em seus artigos, nunca disse uma palavra indevida. A verdade é que o considero um amigo — disse, preocupado ao ver minha expressão de terror. — Você está bem, Ayala?

— Um amigo... eu também, Pancorbo. Eu também o considerava um amigo. Mas temos motivos para crer que Mario Santos é o assassino.

Ele me fitou incrédulo.

— Isso é impossível, Unai, ele não... — disse, dando um passo para trás.

— Não, não é mesmo? Ouça, não temos tempo. Vou continuar tentando localizar a subdelegada. Avise o juiz Olano e peça um mandado de prisão para Mario Santos e outro de busca e apreensão na residência dele. Envie isso ao e-mail da inspetora Ruiz de Gauna. Ela já deve estar lá com uma patrulha.

Pancorbo reagiu com mais presteza do que eu esperava.

— Certo! — respondeu, e desceu a escada assim que terminei de falar.

Entrei no escritório, peguei minha arma, o colete à prova de balas e saí disparado.

Fui até a viatura estacionada na delegacia e liguei de novo para Alba.

— Vamos, atenda. Não faça isso comigo... — roguei ao celular, que só respondia com o toque de chamada.

Arranquei em direção ao sul, pela estrada de Peñacerrada, atropelei as placas de preferência em algumas rotatórias e passei voando pelo porto de Vitoria.

— Vamos, Alba! Você precisa atender.

Mas o celular dela tocou até desligar.

"Foi você ou foi o Mario?"

Quem tinha desligado o telefone?

Não fazia sentido que fosse Alba.

Pisei fundo no pedal direito e quase passo batido pelo pequeno desvio à esquerda que levava a San Vicentejo.

Os pneus derraparam um pouco no pedrisco do asfalto, mas consegui manter o controle do SUV pesado. Acho que se estivesse dirigindo um sedan teria girado e me estatelado nos arbustos da direita.

"Calma, Unai. Não a incomode antes de chegar", ordenei a mim mesmo.

Mas eu não estava calmo nem lúcido. Não mesmo.

Estacionei junto a umas lixeiras amarelas e azuis e, com a pistola na mão, vestido com o colete à prova de balas, saltei uma cerca de madeira.

Sabia que não era seguro ir sozinho, sabia que devia avisar e esperar Estíbaliz chegar com a patrulha. Fui até a porta de madeira sólida, cravejada de parafusos de ferro quadrados que estavam ali há uns mil anos, fincados por algum vizinho dos meus antepassados.

Como diabos ia entrar ali?

Não tinha trazido um aríete e, mesmo que o tivesse, precisaria de um mandado, e juiz nenhum autorizaria a destruição de um monumento histórico. Precisava conseguir uma chave, talvez com o senhor Tiburcio, mas tinha pressa demais e não pensei nisso antes.

Com raiva, rodeei o prédio e reparei nas três janelas estreitas da abside. Ficavam a mais de dois metros de altura, mas deixavam entrar luz suficiente para iluminar o interior apertado. Se houvesse alguém lá dentro eu certamente veria.

Então, voltei para o SUV e subi com ele a colina onde se erguia a ermida, estacionei em paralelo à abside e subi no teto da viatura.

Olhei para o alto e quase fiquei tonto. A poucos centímetros estava o pequeno alto-relevo do casal hermético, o homem e a mulher deitados, consolando-se mutuamente com as mãos na face um do outro.

Ali começou tudo na mente de Mario, ali tudo ia acabar para ele.

Porém, quando finalmente consegui espreitar o interior diáfano do templo através dos vidros, constatei que não havia ninguém.

Os quatro bancos de sempre da igreja, o pequeno altar de pedra, e nada mais.

Fiz acrobacias para observar pelas outras janelas, mas sabia que não havia o que procurar. A ermida estava vazia.

Se o GPS de Ignacio assinalava aquela área, onde exatamente estaria escondido?

Desci do telhado, entrei no carro e, de repente, percebi que não estava só.

— Vô, santo Deus! Você me deu um susto! O que está fazendo aqui?

Ele deu de ombros, sentado no assento do copiloto, e assinalou a torre de Ochate.

— Feliciano, o de Imiruri, me trouxe até aqui. Filho, acho que já sei onde está a toca do raposo.

OCHATE

18 de agosto, quinta-feira

"A toca do raposo", falei com meus botões.

— Você se lembra que os vizinhos de Imiruri andaram vendo luzes à noite em Ochate? — perguntou, e sua voz tranquila me acalmou. — Indaguei por aí e também viram luzes vinte anos atrás, quando o raposo começou a matar. Não eram óvnis coisíssima nenhuma, Unai. Eram os faróis do carro desse desgraçado, que andava por essas estradas vicinais. Ele deve ter um casebre em Ochate.

— Em Ochate, vô? Acho que não. Ali não sobrou nada. A aldeia está abandonada desde 1934. Olhe a torre da igreja, não há eletricidade nos arredores. A luz não chega. Não acho que o assassino vá escolher um lugar sem eletricidade nem água.

— Água tem a do rio Goveloste — interveio o avô —, e muitos casebres por aqui têm pequenos geradores de eletricidade. Anda, vamos por esta estrada. Quando acabar o asfalto, vamos pegar um caminho de cabras que conheço.

— Vô, estou no meio de uma operação complicada. Você não pode ficar aqui, é perigoso.

— Já vi mais armas disparando do que você vai ver em toda a sua vida, filho. Acompanho você até Ochate, te ajudo a encontrá-lo e volto a Imiruri por um caminho vicinal. Você sabe que no monte eu me viro melhor que você.

A verdade é que desde criança eu não pisava naquela aldeia fantasma e não sabia bem como chegar, e sabia que meu avô tinha mais bom senso que toda a minha corporação junta, então deixei-o continuar de copiloto e arranquei na direção que apontou.

— Prometa que depois vai chispar daqui, vô. Prometa.

— Que promessa, que nada, filho. É a minha palavra. Com isso basta.

Nisso tinha razão. Na sua época, os tratos se firmavam com um aperto de mãos, e ele nunca deixou de cumpri-los.

Olhei adiante. No terreno que se apresentava à minha vista havia campos de trigo ceifado, fardos de feno à margem do caminho e uma ou outra subida que o carro transpôs sem dificuldade.

Avançamos uns seiscentos metros até um paiol e vimos que o asfalto acabava ali. Topamos com uma bifurcação: um caminho vicinal à direita e uma trilha que quase tinha desaparecido debaixo do mato à esquerda.

— É mais rápido pela direita — alertou o avô.

Obedeci e resolvi esconder o carro atrás de umas avelaneiras silvestres, as últimas árvores que havia por ali. Descemos e fomos até a torre de Ochate, um pequeno campanário sem sino, o pouco que restava da antiga igreja de São Pedro de Chochat. Havia pinturas e grafites obscenos, um pentagrama satânico pintado com spray, coisas assim. Diante da torre se viam as ruínas do que devem ter sido duas casas. Restavam as paredes da fachada, sem telhado; eram pequenas e fui verificar o retângulo interior de uma delas, mas só havia urtiga no solo.

— Aqui não há nada, vô — disse, virando-me para ele.

— E atrás daquela saliência? Acho que há um telhado de alumínio — disse, apontando para o oeste.

Aproximamo-nos em silêncio. Oculta detrás de um promontório avistamos uma antiga edificação quase derrubada, com um muro de pedra e um telhado de alumínio no casebre e no prédio principal, que estava parcialmente em ruínas, mas era grande o bastante para conter vários cômodos. Tinha dois pisos e as janelas estavam sem vidros, mas a porta principal era de alumínio moderno, detalhe que chamava a atenção numa aldeia abandonada há oitenta anos.

— Agache-se mais, vô. Aquilo é um furgão?

Não podia garantir, mas detrás de uns álamos à beira do rio, na direção de Aguillo, acho que distingui a forma reta de um veículo branco.

Avançamos agachados até a casa e, quando estávamos a uns dez metros dela, o avô soltou um palavrão.

— Psiu... — mandei-o calar-se, virando-me para ele.

— Que merda essa abelha. Pois não é que me picou, a filha da... — sussurrou apertando a palma da mão.

Olhei e vi o ferrão metido na pele rochosa do meu avô. Estava louca, se pensava que ia sobreviver.

— Parece que há mais, e estão nervosas — disse ele, abanando com as mãos para espantar as muitas abelhas que sobrevoavam a nossa cabeça.

“Abelhas nervosas, espero que não as esteja usando com Alba agora”, roguei à deusa Mari, a Urtzi e a todo o panteão das divindades bascas.

— Vô, acho que essa é a casa. Chegou a hora de você ir embora. A gente se vê em Villaverde.

— Vou obedecer, não se preocupe. Também acho que a toca do raposo é aqui. Mas lembre-se de uma coisa, filho: quando entrar, você terá de ser o animal mais esperto do monte, está bem? — disse a sua voz atrás de mim.

— E que animal é esse, vô? — perguntei virando-me.

Mas quando olhei para trás ele não estava lá. Levantei-me de um salto, assustado, procurei nas quatro direções e não vi nem rastro dele.

Não podia ser, o avô não havia feito barulho e demorava quase um século caminhando por aqueles montes, era humanamente impossível que desaparecesse tão rápido do meu campo visual.

E se...? E se não tiver sido ele, e sim mais uma peça pregada pelo meu cérebro? E se tiver sido mais uma alucinação da droga do Eguzkilore? Pensei em todos os antepassados dele. Se não podia confiar no que via nem com quem falava, eu estava bem ferrado para conseguir sair vivo dali.

“Ao menos continuo imune ao Rohypnol”, consolei-me. “Supostamente.”

Não, não podia confiar naquilo.

O zumbido de outra abelha que, furiosa, me atacou, me fez voltar ao foco.

Peguei a pistola no coldre lateral e me aproximei um pouco mais, evitando a parede dianteira da casa, onde estava a porta nova.

Rodeei o prédio e olhei pelas janelas. Podia tentar escalar a fachada de pedra. A argamassa que um dia a cimentou estava esfarelando, e o marco das janelas ficava a três metros e meio de altura — se Mario estivesse lá dentro e se debruçasse, eu ficaria indefeso. Olhei para baixo e a poucos metros distingui uma janelinha ao rés do chão, como as que há nos porões e nos *txokos* , as sedes das sociedades gastronômicas, para fornecer luz natural. Agachei-me e calculei que meu corpo passaria por aquele buraco estreito, então meti a cabeça, não vi ninguém, e enfiei os pés primeiro e escorreguei para dentro.

Quando olhei em volta quase perdi a consciência.

O cômodo onde caí estava fechado e havia um armário de madeira antigo, mas bem conservado. E uma mesa de escritório com muitas pastas empilhadas com uma cadeira que parecia muito confortável. Ao lado, um

saco grande de ráfia. Nele vi *eguzkilores* . Abri e contei: eram seis, três para cada crime duplo. Então ele planejava outros quatro assassinatos. Os de quarenta anos e os de quarenta e cinco.

Abri o armário e nele estavam dependuradas as roupas dos meninos e meninas que ele tinha assassinado. Estavam passadas, organizadas por tamanho, como numa butique, do zero ao GG. No meio delas reconheci os jeans, a camiseta branca de festa e o lenço vermelho de Martina.

Ainda tinham o cheiro dela.

Maldito.

Talvez estas fossem as roupas que ele não teve, como se tivéssemos de pagar pela avareza de seu pai de criação.

Dentro do armário estavam também os celulares das últimas oito vítimas, alinhados e desligados. O celular de luxo de Ignacio estava ali. Aquilo me lembrou dos gêmeos. Era fácil se distrair diante daquele banquete de provas.

Fui até a mesa e abri as pastas. Continham documentos sobre a Catedral Nova e o Artium, o Museu de Arte Contemporânea da rua Francia. Prédios emblemáticos do século XX. Havia fotos dos uniformes dos funcionários, horários, fotocópias dos seus crachás e duas entrevistas para o jornal com o diretor do museu e os funcionários do Museu de Arte Sacra, localizado dentro da Catedral Nova.

Então, esses eram os cenários onde ele pretendia abandonar os cadáveres. Provavelmente o meu.

Em outra pasta estava toda a documentação do caso de Tasio Ortiz de Zárate, inclusive a mais recente. Há meses Mario sabia que Tasio sairia no dia 8 de agosto de 2016.

Eu conhecia bem os altares dos assassinos em série, a necessidade do psicopata de guardar troféus das vítimas para se deleitar uma vez ou outra revivendo o momento do crime, como num tique onanista. O que nunca tinha visto era um planejador daquele calibre.

Quase esqueço da hora, se não fosse por um barulho na parede que comecei a ouvir. Alguém batia com uma pedra do outro lado da barriga da baleia.

Ergui a arma com as duas mãos e abri a porta rústica daquele cômodo assustador. Do outro lado vi o que restava de um pequeno corredor que terminava numa escada precária. Elas davam no andar de cima, mas o barulho vinha de um cômodo no fundo. Fui até lá e no escuro divisei uma

porta de madeira fechada com um cadeado e uma corrente grossa de ferro. Havia outros cômodos sem porta, onde distingui apetrechos agrícolas abandonados. Um arado romano enferrujado, vassouras de fibra e peças quebradas de colheitadeira e ceifadora.

Quando entrei no último quarto vi que a porta tinha uma janelinha. Girei o trinco metálico com cuidado e o que vi gelou meu sangue. Era um palhar sujo, repleto de fardos retangulares empilhados de qualquer maneira, e estava tão quente que o ar que saiu dali quase me asfixia.

Tasio, ou Ignacio, estava no chão, não saberia dizer: não tinha o bigode da cadeia e tinha o cabelo curto. Parecia estar respirando, mas estava num estado deplorável, quase esquelético, apenas de cueca. A roupa com que o vi sair da prisão, o moletom com capuz, estava num canto, empilhada com outras roupas: calças, sapatos, uma camisa azul que imaginei que devia pertencer a Ignacio.

O outro gêmeo continuava batendo na parede com a pedra, como se ainda não tivesse notado a minha presença.

— Psiu... — chamei-o em voz baixa. — Ignacio? Você é o Ignacio?

— Inspetor Ayala! — sussurrou, e deixou cair a pedra, como se já não tivesse forças.

— O que houve aqui? O que houve com Tasio?

Ele veio até a janelinha da porta e agarrou as grades com os punhos ossudos.

— Está desnutrido e desidratado — disse, com os lábios secos e partidos. — Está trancado aqui desde o dia 8. Esse louco ainda não quer nos matar. Quando acho que o meu gêmeo está quase morrendo, ele vem e nos dá um pouco de água. Mas isto aqui é um forno crematório. Chame uma ambulância, não acho que meu gêmeo consiga sobreviver muito tempo mais, e eu vou junto.

— Vou chamar a minha parceira, ela está chegando com uma patrulha — sussurrei, e liguei para ela. — Esti, estou em Ochate. Encontrei Tasio e Ignacio, chame uma ambulância agora. Estão há mais de uma semana sem água e comida. Há uma casa abandonada ao sul, olhando da torre de Ochate, junto aos álamos à beira-rio. Acho que vi um veículo, mas ainda não sei se Mario e a subdelegada estão dentro dele.

— O que tem a subdelegada? — repetiu ela, atônita.

— São casados, Esti. Mario é o marido dela, e acho que ouviu a minha conversa quando liguei para dizer que tínhamos descoberto a sua

identidade. Traga uma patrulha, mas não derrubem a porta principal, porque se ele estiver dentro vai ouvi-los e pode ser perigoso para mim e para ela. Vou...

— Unai, saia daí — interrompeu. — Espere por nós do lado de fora, chegamos em vinte minutos.

— Até lá Alba pode estar morta, ainda não inspecionei os outros andares. Vou ficar aqui dentro, vou tentar libertar os gêmeos. Estamos no porão, no palhar no fundo do corredor. Encontrei as roupas das vítimas, relatórios de acompanhamento, *eguzkilores* e outras provas que o incriminam definitivamente. Vou desligar — sussurrei.

— Você tem água? — pediu Ignacio, impaciente.

— Não, mas o rio está bem perto, a uns cento e cinquenta metros daqui. Vou tentar libertá-los e você vai até lá guiando-se pelos álamos. Será que terá forças para carregar seu irmão?

— É meu gêmeo, você acha que vou deixá-lo morrer aqui? Quando ele ligou para mim em Donosti, entendi o que ia acontecer e me entreguei. Tasio já pagou bastante pelo que não fez.

— Tudo bem, vou procurar algo para abrir a porta.

Entrei no quarto contíguo e saí com um cabo de vassoura grosso. Enfiei o pau no elo da corrente e comecei a girá-lo, rezando para que a madeira não quebrasse. Ignacio acompanhava pela janelinha com o suor escorrendo pelo rosto.

— Sabe se está aqui? Refiro-me ao assassino — perguntei.

— Acaba de chegar, faz uma meia hora. Ouvi o motor do carro, é o mesmo que usou nos últimos dias. Diga, ele já matou o casal de quarenta anos?

— Ainda não, por quê?

— Porque o casal de quarenta e cinco anos somos nós, ele disse. Conosco terminam os crimes. Depois de nos tirar tudo: a liberdade, a imagem pública em Vitoria, ia nos tirar a vida e parar de matar. Disse que pensava permanecer em Vitoria o resto da vida, vivendo como se nunca tivesse acontecido nada.

— É Mario, não é? — perguntei, suando enquanto tentava arrebentar a corrente.

— Sim, Mario Santos, o jornalista. Como íamos imaginar que era ele?

— Ele ainda não contou a você quem realmente é?

Ele me fitou confuso.

— Não sei se entendi.

— É o seu irmão, porra, Ignacio. Tudo isso aconteceu por causa de vocês, que em vinte anos não se deram conta — rugi, com raiva, sem conseguir me conter. — A história que Nancho ou Venancio Lopidana lhes contou no enterro da sua mãe era verdade. Vocês são trigêmeos. Mario é o ruivo que vocês expulsaram de Vitoria depois daquela surra mortal.

— Como é... O ruivo? Você não imagina como aquele dia me marcou, fiquei péssimo com o que fizemos com o pobre rapaz. Foi um dos motivos pelos quais entrei para a polícia, para expiar aquele pecado e não ser um cara que arrebenta outro. E agora você me diz que o pobre garoto disse a verdade e quase matamos nosso trigêmeo...?

— Ignacio — cortei-o —, aja como um policial agora. Tire isso da cabeça e acorde. Diga-me, ouviu uma voz de mulher? Ele deve ter vindo com a subdelegada Alba Díaz de Salvatierra. É a mulher dele, acho que vai sacrificá-la e...

— Ayala, cuidado! — gritou Ignacio, mas era tarde.

Senti um frio intenso no pescoço, a injeção que Mario espetou em mim foi muito dolorosa, como gelo arrebentando as veias.

— E você também, amigo — ouvi a voz tranquila de Mario atrás de mim. — Vou sacrificar Alba e você também. Vamos, suba. Ela já está pronta.

Um pouco aturdido pela violência com que ele enfiou a agulha, apalpei a axila tentando pegar a pistola, mas ele já a tinha tirado do coldre e encostou o cano na minha nuca.

— Suba, Unai — ordenou.

Senti a corrente gelada da droga descendo como uma torrente pelo corpo todo. Não sabia se a droga de Eguzkilore ainda estava no meu organismo e podia bloquear o efeito do que ele me injetara; de qualquer modo, era melhor fingir que sim. Qual seria o efeito do Rohypnol?

Frio e calor.

Tremi — a roupa parecia larga demais, mas também queimava.

Desorientação.

Tropecei subindo a escada. Mario precisou me amparar, como um bom amigo, para eu não cair.

Parei de reagir.

Apesar de obedecer, manso como um cordeirinho, estava estranhamente consciente de tudo, como se a minha concentração estivesse focada num

ponto, como o Aleph do conto de Borges. Todo o Universo dentro de uma pequena esfera.

Chegamos a um pátio parcialmente coberto e ele me conduziu à parte sem telhado. Postou-se diante de mim, sem deixar de apontar para a minha cabeça. Usava um macacão branco de apicultor, luvas e tamancos.

No pátio havia várias colmeias, mas eu ainda não tinha visto Alba.

Até que ele se afastou.

No chão, no meio do pátio, esmagando as ervas silvestres, havia um plástico esticado de vários metros quadrados. Em cima dele havia uns sacos para cadáveres e, sobre um deles, o corpo nu de Alba, com uma fita tapando sua boca. Estava imóvel, talvez inconsciente, talvez morta.

Aquilo sim era consciência forense. Nem um só rastro, nenhum contato com o solo. No meio do monte, Mario tinha encontrado uma maneira de assassinar tão asséptica que jamais encontraríamos o menor vestígio orgânico relacionado a ele.

— Dispa-se — ordenou, com a sua voz mansa. — Não queria ficar com Alba? É toda sua, rapaz. Você a ganhou.

Eu não queria obedecer, mas, quase involuntariamente, parte dos meus músculos o fez. Docilmente tirei o colete à prova de balas e comecei a desabotoar a camisa e as calças.

Dava no mesmo, dava no mesmo, porque o corpo de Alba estava inanimado a meus pés e eu queria deitar ao lado dela, ter abelhas na boca e consolá-la com a mão na sua face. Esperar o anoitecer e procurar as Perseidas. Talvez ficar assim até o próximo 12 de agosto, até um aniversário que não sabia se iria comemorar.

Naquela hora, não sei por quê, lembrei-me da última charada do avô: "Seja o animal mais esperto do monte." E a lembrança da serpente surgiu nitidamente. A serpente que tinha se fingido de morta, enroscada, na metade do Camino de las Tres Cruces. Mas eu não conseguia ficar quieto e me fingir de morto. Só conseguia obedecer à voz de Mario.

O que aquela droga ainda faria no meu organismo?

Dificuldade para falar e me mexer.

Queria continuar a me despir e acabar com aquilo tudo, mas os membros já não me obedeciam, só consegui tirar a cueca preta, com a intenção de me deitar nu ao lado de Alba.

As paredes giravam um pouco, e devo ter conservado um resto de bom senso ou de instinto de sobrevivência, porque um Unai emergiu do meu

inconsciente e, quando Mario se aproximou, tentou pegar a arma dele.

Acho que o meu peso foi suficiente para fazê-lo cair para trás, mas ele atirou em mim. Atirou, e pensei ver a melena ruiva de Estíbaliz atirando nele da janela quebrada do primeiro piso.

Foi aterrador ver um cara tão normal, tão afável, tão educado e boa gente apontar contra a sua cabeça e disparar. A gente espera um homem sombrio, de traços terríveis e conduta ameaçadora, mas Mario, na sua normalidade, nem sequer atirou a sangue-frio. Disparou como respirava, como tomava café, como devia fazer amor com Alba. Era mais um ato da sua natureza tranquila, serena e calma. A mesma que tinha seduzido a mulher que eu amava e que morria ao meu lado, fitando um céu sem Perseidas.

Acho que lembro da detonação da bala.

Depois, meu cérebro danificado foi só escuridão e silêncio.

27 de agosto, sábado

Não houve gritos, não houve aplausos, não houve histeria.

Uma cidade com treze centros cívicos e duzentos e quarenta e cinco mil cidadãos não ia perder as estribeiras.

Durante a concentração organizada no dia em que iam me desligar ouviu-se o silêncio.

Os vitorianos se deram as mãos e formaram uma corrente humana que começou na Catedral Velha, seguiu pela Casa del Cordón, subiu pelas marquises de San Miguel, atravessou a rua Dato, rodeou El Caminante e terminou aos pés do prédio de número 2 na praça da Virgen Blanca, onde naquela semana cidadãos anônimos tinham depositado velas e ramos de flores.

Vários helicópteros de emissoras de televisão internacionais gravavam do alto do céu azul anil vitoriano o rosário de pequenos círios que meus vizinhos acenderam simultaneamente. Devia ser um espetáculo esplêndido visto do alto, embora eu ainda não estivesse lá.

Em absoluto.

Alguém que me conhecia muito bem, provavelmente Estíbaliz, deu com a língua nos dentes e contou que a minha canção favorita era *Abrazado a la tristeza* , de Extrechinato y tú, e pelos alto-falantes começou a soar a primeira estrofe que eu tinha repetido milhões de vezes:

Fui para a rua abraçado à tristeza.
Vi o que ninguém vê e me deu vergonha e pena.
Os prantos desconsolados que estrangulam as gargantas,
Os anciãos encurvados, parece que a terra os chama.

No imaginário popular da cidade, consta que o avô não se separou de mim, que não comeu, que não dormiu, que sequer bebeu água, e os

médicos entenderam que aquele homem tinha criado raízes e só conseguiriam tirá-lo da UTI com as canelas esticadas.

— Deixem de bobagens — limitava-se a responder quando um representante mais alto da hierarquia do Hospital de Santiago tentava, sem sucesso, fazê-lo desistir.

Ele passava as noites contando-me histórias que já tinha contado mil vezes desde que eu era criança. A do padre que gostava de uma sacanagem e esqueceu o guarda-chuva no bordel de Logroño, ou a dos primos de Teruel, que na Guerra Civil se reconheceram pela voz quando as balas zuniam sobre as trincheiras do bando contrário e proibiram, ameaçando-os de morte, que o avô e os outros da sua companhia disparassem nos parentes...

Contudo, eu ia por um caminho muito mais escuro, não havia nenhuma luz branca me chamando, tudo estava escuro e a anestesia me impedia de morrer de dor. Não vi meus pais, e gostaria de tê-los visto, despedir-me deles, que me conhecessem adulto. No entanto, no vazio da morte não havia ninguém. Apenas eu, e uma sensação aterradora de solidão e de que aquilo era irreversível.

Só que o avô não estava tão convencido. Conhecia a Foice bastante bem, conviviam há um século, e resolveu armar-lhe uma última cilada.

No dia em que Germán chegou a Villaverde e, com a voz embargada, contou-lhe que eu tinha levado um tiro na cabeça e estava em coma com uma bala incrustada no cérebro, que se despertasse seria um vegetal e os danos seriam permanentes, ele imediatamente pegou uma cesta e foi ao pomar colher maçãs.

Quando chegaram ao Hospital de Santiago, Germán teve de dar o melhor de si como advogado para que o deixassem entrar com a cesta carregada de maçãs, uma navalha e um barbante.

Quando ficou sozinho comigo ele me despiu, cortou as maçãs em quatro pedaços e as esfregou por todo o meu corpo, espalhando um persistente odor a cidra naquele quarto asséptico repleto de monitores e cabos.

Quando terminou, pediu a Estíbaliz que o levasse de volta a Villaverde. Já era noite, mas bastava a luz da lua. Que lanterna, que nada. No pomar ele cavou um túmulo com a forma e as medidas do meu corpo.

Depois sentou-se e, com paciência e às apalpadelas, recompôs as maçãs uma por uma, juntando os pedaços cortados e amarrando-os com o

barbante. Por fim, colocou-as no buraco do meu túmulo e cobriu-as com terra.

Deu meia-volta e calculou que em dez dias estariam podres. Ele as cobrira com terra bem úmida.

— Podem ir apodrecendo logo, pois o meu neto não tem muito tempo — disse a elas, e entrou no carro de Estíbaliz, de volta a Santiago.

Dez dias depois abriu-se um caminho diante dos meus pés, ladeado pelas macieiras do pomar do meu avô, e eu o segui. No nada fiquei bem, tranquilo, sem pressões, sem pressa, acho que em paz, porém, quando aquele caminho se formou aos meus pés eu soube que tinha de voltar.

28 de agosto, domingo

Quando despertei, meu avô estava segurando minha mão com as suas mãos nervudas de gigante. Germán dormia com a cabeça apoiada num canto do lençol. Estíbaliz estava aos pés da cama. Observei-a andar de lá para cá como um felino e esperei as imagens se aquietarem e a bruma nos meus olhos se dissipar.

"Acho que estou vivo", tentei anunciar, mas as palavras não saíram.

Por algum motivo, minha boca não obedeceu e não se abriu.

Não podia falar.

Tive um momento de pânico, o que mais está mal, o que mais não funciona? Movi as pernas, desesperado, temendo ter ficado paraplégico. Mas não, elas obedeceram, se mexeram. Joguei a cabeça para trás, aliviado.

Acho que chorei mansamente, sem fazer som algum. Acho que chorei, mas não posso assegurar, ainda não controlava completamente meu corpo pós-disparo. Mexi a mão presa, e isso despertou o avô do seu sopor.

Quando percebeu que eu estava de olhos abertos ele se espreguiçou, pôs a boina e estrangulou minha mão, sem medir as forças.

— Olha que você demorou bastante para voltar, raposinho — limitou-se a dizer, e engoliu em seco. Fitei seus olhos quase centenários, e os vi aliviados e felizes. — Eu lhe trouxe o amuleto da serra, caso queira conservá-lo.

Assenti e apertei o objeto com a mão. Embora sua rugosidade me machucasse, apertei um pouco mais para medir a minha força. Afrouxei quando senti muita dor, e nunca me alegrei tanto de senti-la.

Germán também acordou, subiu na cama e me abraçou sem se conter.

— Não faça mais isso comigo — disse no meu ouvido, molhando minha orelha com suas lágrimas.

Estíbaliz correu para a lateral da cama, apertou o botão acima da minha cabeça e ouviu-se um alarme um tanto desagradável.

— Bem a tempo, Unai. Iam desligar você hoje.

"Não precisa mais", quis dizer, mas outra vez fui incapaz de pronunciar aquelas poucas palavras. Por um instante entrei em pânico, fitei-a e acho que ela entendeu.

— Calma, Unai. Não se esforce, os médicos não achavam que você fosse voltar, mas nos alertaram que, se saísse do coma, haveria sequelas na fala. A bala ficou incrustada na área de Broca e conseguiram extraí-la. Cirurgia da melhor qualidade, mas resta um longo caminho de recuperação pela frente, amigo.

Fitei-a horrorizado. O avô e Germán apertaram as minhas mãos, era o seu modo de dizer, mais uma vez, "vamos sair dessa".

— Trouxe isso para você — disse Esti, solícita, entregando-me um tablet aberto num programa de edição de texto. — Tente escrever o que está pensando.

Temeroso, peguei o tablet e tentei escrever. O que mais estaria defeituoso aqui dentro? Conseguiria escrever, ou também teria de renunciar a isso?

Por sorte, as conexões sinápticas entre o cérebro e os dedos estavam intactas.

O que houve com Mario, com os gêmeos, com Alba, com todos? , escrevi, e mostrei o tablet à minha parceira.

— Disparei na cabeça de Mario quando ele atirou em você, e ele morreu imediatamente. O DNA da saliva que colhemos nos envelopes do *Diario Alavés* correspondia à sua impressão genética. No santuário de provas que ele criou em Ochate também encontramos pistas biológicas dele. O juiz mandou reabrir os expedientes dos incêndios de Izarra e da pensão de Pamplona, e também o caso dos oito crimes pelos quais detiveram Tasio.

E Tasio? , escrevi.

— Ele está mal, Kraken. Mario o sequestrou no dia 8 de agosto e a desidratação extrema a que foi submetido por dez dias deixou sequelas. Esteve a ponto de ter falência múltipla dos órgãos um par de vezes. Ignacio trouxe os melhores especialistas do mundo, mas a sua condição é crítica. Ignacio se recuperou antes e está fora de perigo.

Peguei o tablet, olhei o teclado. Eram quatro letras, mas me custava muito escrevê-las. Não sabia se estava frágil demais para confirmar a

notícia da morte de Alba. Talvez por isso Estíbaliz não a tinha mencionado.

— Filho, preciso comer alguma coisa. Posso deixá-los sozinhos? — interrompeu-nos o avô.

Assenti com a cabeça, não tinha reparado nas suas olheiras. Germán beijou a minha testa de um modo que teria sido muito humilhante se fosse em público e acompanhou-o. Ambos tinham perdido uns bons quilos.

"Nossa, o que eu causei", pensei, sentindo-me culpado.

Estíbaliz e eu ficamos sozinhos.

Anda, preciso de um abraço , escrevi.

— Claro.

Ela suspirou e subiu na estreita cama do hospital, deitou-se ao meu lado e me abraçou com o seu corpinho. Era a mulher que tinha salvado a minha vida, talvez em mais de um sentido.

O que aconteceu com Alba? Atrevi-me a escrever depois de um tempo.

— Com a nossa chefa foi alucinante. Alucinante, Unai.

Fitei-a ansioso.

— O calhorda do marido injetou Rohypnol nela quando chegaram a Ochate, enfiou as abelhas na sua boca e tapou-a. Depois ouviu um barulho vindo do porão e deixou-a no pátio quando a viu imóvel, pensou que tinha morrido, e foi atrás de você. Mas Alba as mastigou, Kraken. Mastigou as abelhas quando entraram na sua boca, antes que o Rohypnol a fizesse parar de reagir. Uma delas picou sua língua antes de morrer e outra, a mucosa interna dos lábios, mas nenhuma chegou viva à garganta, e ela não se asfixiou. Quando Mario voltou com você, a subdelegada se fez de morta.

"Então você foi o animal mais esperto do monte", pensei.

Estava viva.

Alba estava viva.

Estíbaliz suspirou e se levantou.

— Ela pôs o cargo à disposição dos superiores durante a investigação de responsabilidade, mas nem o juiz nem o chefe de polícia encontraram quaisquer indícios de que fosse cúmplice do marido. Creem que Mario Santos, ou Nancho Urbina, usou-a para se informar sobre a investigação e nos manter sob controle. Ela pediu uma licença e deixou Vitoria. A última coisa que soube é que voltou para Laguardia, embora não esteja na ativa.

Ela me visitou? , escrevi.

— Acho que não.

Tudo bem, não se preocupe. Melhor assim , escrevi, mas não era o que sentia.

— Dá um tempo, Unai. Ela não só perdeu o marido, como estava casada com o pior assassino da nossa história, que esteve a ponto de matá-la, e a você também. É muita coisa para digerir.

Concordei com ela.

Tínhamos muito para digerir.

Por isso, assim que me deram alta do hospital, me recolhi em Villaverde, com o avô e Germán, e deixei o tempo se encarregar de consertar a desordem no meu cérebro avariado.

24 de outubro, segunda-feira

Passei o resto do verão muito zonzo, seguindo as rotinas marcadas pelo avô no campo e me deixando levar.

Na Divisão de Investigação Criminal insistiram que eu fizesse sessões diárias com um fonoaudiólogo especializado em reabilitação da fala. Não poderia me reincorporar enquanto não voltasse a falar, mas eu não sabia muito bem se era o que queria. Nem voltar a perseguir criminosos nem voltar a falar.

A verdade é que tinha ficado sem desejos.

O outono chegou e me dediquei a colher amoras e abrunhos pelos caminhos vicinais, por onde os tratores não tinham passado com herbicidas.

Fiz tanta geleia de amora e tanto licor de abrunho que cheguei a pensar em reorientar minha vida profissional e me tornar fabricante e distribuidor de produtos da terra para lojas gourmet. Ansioso para que eu deixasse de lado as pistolas e as inspeções técnicas oculares, Germán me ajudou a perpetrar um plano de negócios razoavelmente otimista.

Era uma segunda-feira de outubro quando subi até San Tirso. Costumava fazê-lo toda semana; sentava com as costas apoiadas na pedra, tirava uma soneca e às vezes até dormia lá, apesar da já esperada geada matutina.

Daquele pico se avistavam as três províncias: olhando para o norte, a meus pés, estavam Navarrete, Villafría, Villaverde, Bernedo, Urturi e o Parque Natural de Izki. Se virasse para o leste divisava as terras navarras. Se desse a volta para o sul via a Rioja Alavesa e alguns povoados grandes, como Elciego, Cripan, Yécora e Laguardia.

Laguardia, a apenas doze quilômetros de Villaverde em linha reta.

Naquele momento me parecia tão perto e tão longe.

No meu paraíso de montes estava muito bem, não queria voltar à realidade. Não queria que a minha vida avançasse em nenhuma direção.

Foi a ligação de Saioa, a neta do velho hoteleiro de Pamplona, que me lembrou que não tinha cumprido uma promessa e me senti mal por isso. Me senti péssimo. Dera a mão àquele homem e depois tinha me esquecido dele. O homem que tinha me oferecido a chave para solucionar o caso.

Não costumava atender a ligações, não tinha sentido ficar mudo do outro lado da linha sem poder responder, mas quando vi o nome dela na tela apertei o ícone verde por hábito, sem lembrar que dos meus lábios não ia sair nenhum som.

Levantei-me e me afastei um pouco da rocha de San Tirso, fitando o pomar de faias que se estendia aos meus pés.

— Inspetor Ayala, quem fala é a Saioa, espero que se lembre de mim.

Emiti um grunhido muito torpe em resposta, mas ela não desanimou e continuou falando.

— Estou ligando para dizer que o meu avô soube do que aconteceu com Nancho Lopidana e Mario Santos. Leu na imprensa e foi muito importante para ele, pois se livrou de um peso. Ele morreu ontem, mas antes me pediu que lhe agradecesse por tê-lo ouvido. Bem, eu... sei que ficou mudo em consequência do tiro, então não quero incomodar. Obrigada por me ouvir — disse, e desligou.

Às vezes a coisa era simples, como pôr a orelha e escutar. Muita gente que cerca as circunstâncias de um crime tem muito a dizer e nós, os investigadores, não lhes damos atenção, achando que somos os especialistas, só que não as conhecemos, não conhecemos nem os agressores nem as vítimas, e quem os rodeia, sim.

"Às vezes só é preciso escutar", pensei.

"Talvez ela não se incomode de que eu agora seja mudo, talvez eu só precise escutar."

E liguei para ela, acho que era um dia de vento do sul, *hego haizea* , o vento dos loucos, porque se estivesse em sã consciência não teria feito isso. Que sentido tinha, se eu não podia falar?

Digitei o número de Alba fitando o lado sul da montanha.

— Unai, é você? — respondeu, um pouco surpresa. — Pode falar?

Não abri a boca, nem tentei. Um pouco por vergonha, um pouco pela emoção de ouvir a voz dela depois de tanto tempo.

— Unai?

Desliguei e passei para o WhatsApp antes que ela ficasse perturbada com o meu silêncio. Li suas palavras e quase ouvia a sua voz. Como se ela

estivesse diante de mim.

— Alba, é melhor falar por aqui. Quero te ver, tá? — escrevi.

— Talvez não seja uma boa ideia — respondeu. — Ainda temos muitas coisas pendentes.

— Por isso mesmo.

— Este é um meio tão bom ou ruim como qualquer outro. Comece você — propôs.

— Como preferir. Ainda estou chateado com você, Alba. Você tinha quarenta anos e não me disse nada quando discutimos sobre o meu aniversário no Paso del Duende... ali você devia ter me contado que também tinha quarenta anos e estava na lista dos condenados, assim como eu.

— Sempre cuidei da minha própria segurança. Como vê, me livrei das abelhas.

— A questão não é essa, a questão é que não confiou em mim. Nunca tivemos a confiança que um casal deve ter — escrevi.

— Porque nunca fomos um. Eu estava casada, Unai.

— E agora é viúva, como eu.

— Você sabe que a mãe dele se chamava Blanca? Que ironia, não é?

— Mais um motivo para você não fingir que é outra pessoa. Agora sabe como é viver com dupla identidade.

Talvez eu tenha sido duro demais, mas estava com muita raiva, a raiva tóxica que corrói as entranhas.

— Ele pintava o cabelo, Mario pintava o cabelo de castanho, e eu sou policial, vivia com ele e nunca percebi. Você diz que um psicopata não tem sentimentos, mas é capaz de fingi-los. Eu ia ter um filho com ele. Estive casada com alguém incapaz de ter sentimentos e que os fingia.

— Eu não sou ele. Sou o que você vê. Eu sinto, talvez demais, e no momento estou em carne viva.

Mas Alba não falava comigo, aquilo era um monólogo, uma confissão, um desabafo.

— À noite ele estudava as minhas anotações, toda a documentação que eu levava para casa, e as minhas promoções no trabalho. Ele as estudava, conhecia os nossos procedimentos, se informava de todas as conversas de trabalho. Os dias ruins, quando eu desabafava, eram uma mina de informações para ele. Convenceu-me a pedir transferência para Vitoria porque Tasio ia sair da prisão e ele ia executar a segunda parte da sua

vingança. Renunciei à minha vida, ao meu meio social, fui embora da minha cidade só porque um assassino queria retomar seus crimes. Tudo o que vivi nesses últimos anos foi mentira.

Li o longo parágrafo na tela do celular e quase o atirei montanha abaixo.

— Nem tudo. Não admito que diga isso. O nosso foi real. Ainda é real.

— Escute-nos, Unai. Escute o que dizemos. Ainda estamos abalados demais. Agora preciso reorganizar meus esquemas mentais, entende?

— Não, mas aceito.

— Você não entende?

— Vi você morta.

— Eu também vi você morrer, vi o meu marido atirar em você.

— Já não foi suficiente para nós, Alba? O que mais você quer?

— Tempo.

— Agora não há marido, não há nada. Estive morto, vejo as coisas de outro modo. Estou cansado de esperar que as circunstâncias sejam perfeitas, isso nunca acontece. Só uma coisa: não renuncie à sua carreira em virtude do que ocorreu, não dê isso a ele. Tampouco por mim, para não ter de lidar comigo. Se quiser seguir sua vida sem mim, vá em frente, mas podemos coincidir no trabalho sem nos machucar. Vamos nos acostumar.

Que jogada mais tosca para tê-la por perto outra vez.

— Agora preciso de tempo — escreveu, e temi que ela entrasse numa espiral e não saíssemos mais dali.

— Você vai voltar a trabalhar em Vitoria? — perguntei.

— Não sei.

— Posso visitá-la em Laguardia? — insisti. — Estou no alto de San Tirso, daqui vejo a sua cidade. Se tivesse olhos como a águia que sobrevoa a minha cabeça veria você nesse momento.

— Você pode voltar a falar?

— Cuidado, Alba — alertei-a. — Está tocando em material sensível.

— Você não me respondeu.

— Por que a pergunta? — respondi irritado.

— Porque ainda estamos nos recuperando. Preciso me encontrar sozinha e você precisa se curar sozinho. Não quero ser um desses casais que estão juntos porque precisam um do outro. Se resolver ficar com você será quando estiver inteiro, curado, quando tiver se erguido por si próprio.

Não quero que precise de mim, nem quero precisar de você para me consolar. Os dois somos fortes, sairemos dessa.

Decidi me agarrar àquele prego que ardia demais para mim.

— Está bem, quando estiver totalmente reestabelecido procuro você.

No entanto, a verdade crua é que não podia. O outono seguiu seu curso. Colhi avelãs e me tornei virtuoso na técnica da caramelização. Esperei ansioso a safra das castanhas para assá-las no fogo com o avô e Germán.

Mas o meu cérebro... me dava medo forçá-lo. Pensava nele como algo frágil, observava constantemente a ferida da bala, odiava vê-la no espelho, e deixei o cabelo crescer um pouco para disfarçar a cicatriz e não virar uma atração de circo.

Que ironia que tenham sido eles, os gêmeos Ortiz de Zárate, os responsáveis por remediar aquela situação.

10 de novembro, quinta-feira

Aquela tarde não choveu. Há uma semana chovia a cântaros, mas eu não ligava muito. A chuva em geral não me incomodava, era apenas água limpa ensopando minha roupa. Mas aproveitei a estiagem para trabalhar na horta, junto à enorme pereira.

— Chegou alguém para ver você — avisou meu avô.

— Quem? — perguntei com a cabeça.

Com ele não precisava escrever. Tínhamos criado uma linguagem única neto-avô à base de cenhos franzidos e meneios da cabeça que só nós dois entendíamos e funcionava maravilhosamente.

— Um dos dois raposos. No carro da mãe, além disso — comentou.

— Não quero ver ninguém — fiz que não com a cabeça.

— Isso Álava inteira já sabe. Ele disse que não vai embora, devo usar a escopeta?

Dei de ombros. Dava no mesmo, não seria capaz de dissuadi-lo.

Então acompanhei o avô até a casa e subi a escada a contragosto. Ele estava esperando ao lado do fogão velho, aquecendo as mãos no fogo.

Ora, ora, o que fazem três meses fora da jaula, não é mesmo , escrevi no tablet, saudando-o.

O Tasio que estava diante de mim era idêntico ao Ignacio dos últimos tempos. Tinha ganhado peso, consertara os dentes, vestia uma camisa azul que lhe dava um aspecto jovial e suas roupas debaixo da jaqueta Barbour equivaliam a um ano do meu salário. Tinha voltado a ser um sujeito atraente, mas não deve ter deixado o avô muito impressionado, porque o ouvi carregar os cartuchos atrás de mim, porque nunca se sabe.

— Tranquilo, vô — disse a ele com a cabeça.

— Conseguimos, Kraken. Nós o caçamos — disse Tasio, num tom vitorioso.

Era outro, era outra pessoa. O riso franco, os gestos abertos, o olhar direto. Já não assustava. Na verdade, se eu fosse uma mulher, estaria

pensando em levá-lo para a cama. Várias vezes, se possível.

Você nunca foi politoxicômano. Só um camaleão, uma simulação brilhante , escrevi.

Tasio ignorou meu comentário, como se realmente tivesse deixado vinte anos no cárcere para trás.

— Vou para Los Angeles, tomar um pouco de distância. O pessoal da HXO me encomendou outro roteiro. Estamos considerando a possibilidade de dar um tratamento ficcional ao que ocorreu em Vitoria. O meu advogado, Garrido-Stocker, vai entrar em contato com você para tratar da adaptação do seu personagem. Não se preocupe, Kraken. Não vou criar licenças poéticas. Só vou contar o que ocorreu.

Qual será o título?

— O silêncio da cidade branca.

E como encarou que o culpado fosse o trigêmeo de vocês? , indaguei.

— Nós estragamos a vida dele e ele estragou a nossa. É justo. Estamos em paz. Para Ignacio é pior, sente-se culpado pelo que lhe fizemos.

Vai ser bom se afastar , escrevi, e mostrei a tela a ele.

— Sim, em Vitoria as pessoas me tratam de um jeito muito estranho. Quando os garotos me pedem autógrafos, as mães lhes dão um cascudo e os arrastam dali antes de eu terminar de assinar. É meio esquisito. Ainda têm medo de mim. Uma geração inteira de alaveses cresceu pensando que o Sacamantecas sou eu.

Você não se dá por vencido, não é?

— O que quer dizer?

Fazer as pazes com Vitoria, continuar cortejando-a para ela se importar com você outra vez.

— Tudo será como antes, voltarei a percorrer a rua Dato e as pessoas me cumprimentarão com sorrisos...

Assenti com a cabeça em resposta.

Queria o trono de novo, essa sempre foi a sua motivação. Recuperar o trono.

— Mas ainda tenho um longo caminho pela frente, e quanto mais cedo começar, mais cedo terminará o exílio. Vim me despedir, Kraken.

E o seu gêmeo?

— Ele vem comigo, claro. Isso de estar separados por vinte anos e cinco meses foi totalmente antinatural. Não voltará a ocorrer.

Claro? Vocês acertaram as diferenças?

— Diferenças? É meu gêmeo. Não há diferenças para acertar. Ele veio comigo, está dando uma volta pelo povoado. Quer que o chame?

Não tem problema , assenti.

Minutos depois Ignacio cruzou a porta da cozinha.

— Como se não bastasse. — Acho que ouvi o avô murmurar ao meu lado, sem deixar de empunhar a escopeta.

Ignacio me abraçou efusivamente, tinha voltado a ser só charme e sorrisos. A verdade é que juntos eram encantadores, impossível tirar os olhos de ambos.

Putz, vocês são iguaizinhos , escrevi.

Eles riram em uníssono, como uma hidra de duas cabeças divertindo-se com o jogo de espelhos.

Foi aí que percebi. Não sei por quê, mas acho que o perfilador no meu cérebro ainda não tinha apertado o interruptor.

Vocês tentaram me enganar. Você é Ignacio e você, seu maldito, é Tasio , escrevi.

Eles se entreolharam, contrariados.

— Você é o primeiro que... — começou Ignacio.

— ... que percebe, desde que saímos. Vamos ter de praticar mais. Muito bem, Kraken — completou Tasio.

— Falando nisso, trouxemos um convite da prefeitura de Vitoria... — acrescentou Ignacio.

— ... e não sei de quantas associações mais, entre elas a Brigada da Brocha do velho MatuSalem — concluiu Tasio, piscando o olho.

Não quero atos oficiais , meneei a cabeça enquanto escrevia.

— Diga algo novo. Pare com isso, se deixe ser amado um pouco. A cidade passou vinte anos em estado de terror... — argumentou Ignacio.

— ... agora precisamos de uma festa para que as pessoas exteriorizem o medo que sentiram e entendam que aquilo acabou. Faça isso pelos vizinhos. Eles precisam comemorar que você saiu vivo — concluiu Tasio.

* * *

Compareci ao ato sem muita convicção. Sentia-me incômodo apertando a mão de tanta gente sem poder responder nem conversar. O avô tinha me convencido com métodos ligeiramente menos persuasivos que a escopeta. Fui com Germán, Esti e o avô. Os três ficamos um tanto intimidados

quando os altos funcionários da prefeitura nos cercaram com aquela simpatia institucional na praça da Virgen Blanca e nos fizeram andar pela Correría, a rua das guildas atrás do meu apartamento.

Entendi que tínhamos chegado ao destino no Cantón de la Soledad, uma ladeira que em outra vida, meses atrás, eu costumava subir de madrugada, quando ainda corria, na esperança de encontrar com... não importa. Não importa.

Havia muita gente concentrada no Cantón. Vizinhos, meus amigos, a imprensa, desconhecidos e desconhecidas que me saudavam como se me conhecessem. Eu respondia com um sorriso, um pouco atordoado. O nó da gravata que Germán tinha comprado para mim estava apertado demais e não me sentia muito seguro quanto ao cabelo. Talvez a cicatriz estivesse muito evidente.

— Dê meia-volta, Unai — disse Estíbaliz. — Os cidadãos de Vitoria querem homenageá-lo.

Girei o corpo e vi que a fachada do antigo edifício estava pintada. Não conhecia aquele mural.

— O título é *A cidade de Kraken* .

Tinham pintado um kraken imenso que abarcava tudo com seus tentáculos: o dólmen da Chabola de la Hechicera, o povoado de La Hoya, o Valle Salado de Añana, a Muralha Medieval, a Catedral Velha, a Casa del Cordón, as marquises da Virgen Blanca, El Caminante...

Havia também umas palavras, a última estrofe de *Abrazado a la tristeza* :

Me dá pena que se admire a coragem na batalha.
Ainda bem que com rifles não se matam as palavras.

Dei meia-volta arrepiado, emocionado demais para aguentar tanta gente atenta à minha reação, e foi quando a vi.

Eu a vi.

No meio do público.

A trança preta de Alba.

Fitava-me com aquela intensidade tão sua, respondendo com os olhos às perguntas que fiz sem falar. Ela viera, cumprira com a sua parte.

“Ainda bem que com rifles não se matam as palavras”, repeti.

Naquele dia, decidi que tinha chegado o momento de voltar a falar.

AGRADECIMENTOS

Em seu famoso discurso em Stanford, Steve Jobs disse que às vezes olhamos para trás e vemos claramente que é possível unir os pontos que nos trouxeram ao presente.

Quis unir os pontos do que formou a minha vida ao longo dessas quatro décadas e aplicar-lhes o que tenho de mais valioso: a imaginação.

Para mim, Izarra é o povoado para onde a minha mãe foi enviada como professora, no início dos anos setenta, e onde frequentamos uma creche rural, e dali trago as primeiras recordações da minha vida, acho que com quatro anos.

A rua General Álava, onde tive meu primeiro emprego como oculista, com apenas vinte e um anos recém-completados e um título universitário que até hoje não emoldurei.

As tortilhas manchadas do Naroki, o leite merengado da Casa Quico e os cones de papel com batatas fritas do Amairu fazem parte do repertório culinário e sentimental do qual milhares de vitorianos de várias gerações ainda temos saudades.

As luzes de Ochate, a enigmática ermida de San Vicentejo, o povoado celtibérico de La Hoya... cenários que visitei mil vezes e continuarei a visitar, tocando as pedras, sentando-me para imaginar como viveram os meus tataravós na Idade Média, no ano zero, no primeiro milênio antes de Cristo, num exercício que me transformou em escritora.

Villaverde com a minha tia-avó centenária, a pedra de San Tirso, as noites das Perseidas deitada no Camino de las Tres Cruces, a cruz do Gorbea movendo-se com a praga das joaninhas, meu avô Amancio escondido no senhor Tiburcio... muito do que vivi está nestas páginas.

Curiosamente, embora a trama não tenha nada a ver com a minha vida, até agora este foi o meu romance mais autobiográfico. De qualquer modo, os nomes de algumas famílias, negócios e meios de comunicação foram alterados. Tudo o que conto aqui é ficção.

Agradeço à Prefeitura de Vitoria-Gasteiz e ao pessoal da Secretaria de Turismo. Graças a eles e às suas visitas guiadas tive acesso a todos os cenários históricos retratados no romance. Igualmente, estou muito agradecida pelo apoio da Fundación de la Catedral de Santa María e aos arqueólogos da Prefeitura do Condado de Treviño, por decifrar os mistérios dos altos-relevos da ermida de San Vicentejo.

Aos professores que me formaram na técnica do perfil criminal e no curso avançado de inspeção ocular técnico-policial. Foi muito difícil ter de estudar casos reais, e devo admitir que mais de uma vez pensei em mudar o gênero deste romance. Embora eles prefiram que seus nomes não apareçam por motivos de confidencialidade, sou muito grata pela paciência e o profissionalismo que demonstraram respondendo às minhas dúvidas no terreno forense e de criminologia.

À minha mãe, Marisol Sáenz de Urturi Ozaeta, e a meus irmãos, Nuria e Raúl, por ajudarem a me aliviar da carga da documentação que o romance exigiu.

A todos os vizinhos de Villaverde e da Montanha Alavesa, pelo seu apoio desde que iniciei a carreira literária: César, David, Garbiñe, Araceli, Óscar, Montse, Laura, Idoia... tivemos uma infância mágica no nosso Macondo alavês, e tomara que Villaverde continue sendo um refúgio também para nossos filhos.

O romance é uma homenagem ao meu avô Rufino Sáenz de Urturi López. Atribuí a Unai López de Ayala a presença e o legado do bom senso de um homem tranquilo, sábio e único.

Meus agradecimentos à minha turma do colégio San Viator do ano de 72 pelo reencontro inesquecível do 25º aniversário, que me manteve motivada na difícil tarefa de terminar o romance. Pelo *Lau teilatu* que cantamos juntos, emocionados, como se tivéssemos quinze anos e muito mundo para conquistar. Estou convencida de que o mundo continua sendo nosso e ainda vamos dar muito trabalho.

Especialmente a Iraide Ibarretxe, Irune Sáenz de Vicuña, Amaia Larrañaga, Mikel Landa, Iñigo Areta, Patricia Uh, Óscar Puelles, Patricia Martínez de Yuso, Lidia Ortueta, Ainhoa Larreina...

A Fran, por ser marido, companheiro, cúmplice e âncora. Contudo, o mais importante: por continuar sendo o meu melhor amigo depois de tanto tempo e tanto caminho andado.

Aos meus filhos, Dani e Adrián, por me darem os melhores anos da minha vida.

A Emili Albi e Raquel Gisbert. Por brigar por mim e por este romance, nunca poderei agradecer bastante o que estão fazendo por mim.

Aos leitores, blogueiros, jornalistas de rádio, televisão e imprensa — especialmente Martín Sanz, bom profissional e amigo —, que me apoiaram em cada lançamento, aos seguidores das redes sociais e aos que pedem autógrafos e um pouco de conversa nas feiras. Vocês mudaram a minha vida, devo isso a todos e a cada um de vocês.

Por último, a meu pai, Evelio García Castaños, porque enquanto eu continuar a escrever romances ele nunca terá ido embora completamente. Ficou seu legado, o mais valioso para mim: o amor à literatura que me transmitiu.

NOTAS

* Na comunidade basca, as *cuadrillas* são associações ou grupos de amigos formados por rapazes (*blusas*) e moças (*neskas*). Nas festas de agosto, os integrantes usam roupas tradicionais com as cores e os emblemas de seu grupo. (N. da T.)

** Tocadores de *txistu* , um tipo de flauta doce com quatro orifícios. (N. da T.)

*** De acordo com lendas populares da Península Ibérica, principalmente de locais próximos à Galícia, uma procissão noturna de almas penadas que advertem sobre uma morte próxima. (N. da T.)

SOBRE A AUTORA



© Carlos Ruiz

EVA GARCÍA SÁENZ DE URTURI nasceu em Vitoria, Espanha. Em 2012, seu romance *La saga de los longevos* se tornou um fenômeno de vendas e foi traduzido para o inglês com grande sucesso nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Eva também é autora de *Los hijos de Adán* e *Pasaje a Tahití* e dos livros *Os ritos da água* e *Os senhores do tempo* , que completam a Trilogia da Cidade Branca.

LEIA TAMBÉM



A catedral do mar
Ildefonso Falcones



A última festa
Lucy Foley



O que aconteceu com Annie
C. J. Tudor